QUE AMOR É ESTE?



A FALSA REPRESENTAÇÃO DE DEUS NO CALVINISMO

DAVE HUNT

Editora Reflexão

As mais importantes diferenças entre a teologia arminiana e a calvinista não dizem respeito à soberania divina, à predestinação ou à eleição, antes, a como entendemos a bondade e o amor de Deus. Este livro é um recurso instrutivo e provocante para os leitores que desejam explorar essas questões mais profundas que estão bem vivas na igreja contemporânea.

JERRY L. WALLS

Professor de Filosofia na Universidade Batista de Houston, autor de diversos livros, sendo coautor de "Por Que Não Sou Calvinista"

Sugerir que o misericordioso, longânimo, gracioso e amoroso Deus da Bíblia inventaria uma doutrina terrível como o calvinismo, querendo que acreditemos que é um ato de "graça" selecionar somente certas pessoas para o céu e, por exclusão, outros para o inferno, chega perigosamente perto da blasfêmia. É por isso que eu congratulo Dave Hunt por escrever este excelente esclarecimento da doutrina que tem suas raízes mais no humanismo grego, de onde se originou, do que na Escritura. Este livro bem poderia ser o mais importante livro escrito no século 21 para todos os cristãos evangélicos lerem. Ele ajudará você a conhecer e a amar o verdadeiro Deus da Bíblia, que claramente diz de Si mesmo, "não quer que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se". O calvinismo está distante do Deus da Bíblia que ama tanto a humanidade a ponto de ter enviado Seu único Filho para salvar todo aquele que clamar a Ele por misericórdia em nome do Seu Filho ressurreto, Jesus Cristo. Todo ministro evangélico deveria ler este livro. Se assim fizessem, veríamos um reavivamento poderoso da paixão pela salvação das almas, que viraria este mundo de cabeça para baixo enquanto multidões veriam o verdadeiro Deus da Bíblia, não o falso Deus do agostinianismo e do calvinismo.

TIM LAHAYE

Autor de mais de 50 livros, sendo coautor da série "Deixados para Trás"




ISBN 978-85-8083-143-1

QUE AMOR É ESTE?



DAVE HUNT

QUE AMOR É ESTE?



A FALSA REPRESENTAÇÃO DE DEUS NO CALVINISMO

Editora Reflexão

Título Original: What Love is This? Calvinism's Misrepresentation of God

Publicado por The Berean Call
PO Box 7019 – Bend, OR 97708-7020

Editora Executiva: **Caroline Dias de Freitas**
Detentor dos Direitos Autorais: **Wellington Mariano**
Tradução: **Cloves Rocha dos Santos** e **Walson Sales da Silva**
Revisão: **Glória Hefzibá**
Capa: **Glória Hefzibá**
Diagramação e Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**
Impressão: **Mark Press Brasil**

1ª Edição – Setembro/2015

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL

HUNT, DAVE

Que amor é este? / Dave Hunt; [Tradução Cloves Rocha dos Santos e Walson Sales da Silva]. 1. Edição - São Paulo: Editora Reflexão 2015.

ISBN: 978-85-8088-143-1

1. Calvinismo 2. Teologia 3. Deus 4. Dave Hunt I. Título. II. Série.

06-6456 CDD-085

Índices para catálogo sistemático:
1. Teologia 2. Arminianismo 3. Título



Editora Reflexão
Rua Fernão Marques, 226 - Vila Graciosa - 03160-030 São Paulo
Fone: (11) 4107-6068 / 3477-6709
www.editorareflexao.com.br
atendimento@editorareflexao.com.br

O QUE LÍDERES CRISTÃOS ESTÃO DIZENDO

"Sugerir que o misericordioso, longânimo, gracioso e amoroso Deus da Bíblia inventaria uma doutrina terrível como o calvinismo, querendo que acreditemos que é um ato de 'graça' selecionar somente certas pessoas para o céu e, por exclusão, outros para o inferno, chega perigosamente perto da blasfêmia. É por isso que eu congratulo Dave Hunt por escrever este excelente esclarecimento da doutrina que tem suas raízes mais no humanismo grego, de onde se originou, do que na Escritura. Este livro bem poderia ser o mais importante livro escrito no século 21 para todos os cristãos evangélicos lerem. Ele ajudará você a conhecer e amar o verdadeiro Deus da Bíblia, que claramente diz de Si mesmo, 'não quer que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se'. O calvinismo está distante do Deus da Bíblia que ama tanto a humanidade a ponto de ter enviado Seu único Filho para salvar *todo aquele* que clamar a Ele por misericórdia em nome do Seu filho ressurreto, Jesus Cristo. Todo ministro evangélico deveria ler este livro. Se assim o fizessem, veríamos um reavivamento poderoso da paixão pela salvação das almas, que viraria este mundo de cabeça para baixo enquanto multidões veriam o verdadeiro Deus da Bíblia, não o falso Deus do agostinianismo e do calvinismo."

Tim LaHaye
Autor de mais de 50 livros sendo coautor da Série Deixados para Trás

"Dave Hunt acertou de novo. Assim como seus livros 'The Seduction of Christianity' e 'A Woman Rides the Beast' agitaram a comunidade cristã para considerar seriamente os ensinos aberrantes de alguns pentecostais e a igreja católica romana, da mesma forma agora em seu último livro sobre o calvinismo, ele traz à luz os ensinos de João Calvino, o que irá com certeza causar agitação por toda a igreja, e enviará muitos de volta a um estudo sério da 'TULIP' à luz da Palavra de Deus. Ele pesquisou as origens dos ensinos do calvinismo e documen-

ta inteiramente suas descobertas. É um livro que não pode deixar de ser lido por todos aqueles que são sérios em seu desejo de entender a influência que Calvino teve e continua a ter sobre a igreja evangélica."

Chuck Smith

Pastor na Calvary Chapel of Costa Mesa

"Dave Hunt tem dado detalhes exatos para mostrar as falhas agonizantes dos abusos calvinistas que a maioria das pessoas não tem considerado. Gostaria que todos os meus estudantes na Liberty University lessem esta análise completa. Parece que a cada ano o calvinismo, como dentes-de-leão, aparece na primavera. Estudantes se tornaram dedicados a discutir as questões do calvinismo. Aqueles estudantes que não gostam de um agressivo evangelismo para salvar almas usam a concepção calvinista para defender sua posição. Aqueles que são agressivos ganhadores de almas atacam as fraquezas do calvinismo. Muito poucas de suas discussões estão fundamentadas na verdade da Palavra de Deus. Na análise final, seus argumentos são como ervas daninhas, isto é, dentes-de-leão que não carregam fruto algum. Que muitos possam ler este volume para 'não ser mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente', mas que eles possam estar fundamentados na Palavra de Deus."

Elmer L. Towns

Decano na School of Religion da Liberty University

"Este livro expõe o calvinismo tradicional que retrata Deus de uma maneira totalmente antibíblica. Calvinistas professos irão querer repensar sua posição quando perceberem as verdades bíblicas que estão em jogo. Este livro se firmará como uma obra definitiva sobre o assunto."

William MacDonald

Autor de mais de 80 livros em 100 línguas, incluindo o Believer's Bible Commentary e True Discipleship

"O caráter de Deus tem sido totalmente mal representado por nossas tradições denominacionais. Dave Hunt continua seu intrépido comprometimento com a revelação da verdade, ainda que possa ser julgado não socialmente aprovado ou politicamente incorreto. Deixe de lado seus preconceitos e esteja pronto para uma perspectiva atordoante e desesperadamente necessária sobre esta área altamente controversa. Aqui está mais uma coisa essencial para o estudante sério da Palavra de Deus."

Dr. Chuck Missler

Fundador da Koinonia House

"Raramente alguém tem se ocupado com a exaustiva tarefa de detalhar e documentar a má concepção da graça soberana de Deus como tem feito Dave Hunt. Ler esta obra deve convencer até o mais firme calvinista a reconhecer a teologia filosófica defeituosa de pré-seleção como uma tentativa de eliminar a capacidade do homem de exercer seu livre-arbítrio, que reduz o amor soberano de Deus a um ato de um mero ditador. Este livro precisa ser lido por todo comunicador do Evangelho em defesa dos princípios fundamentais da graça de Deus."

Arno Froese

Diretor Executivo do Midnight Call Ministry e editor da Midnight Call

"Este incrível livro de Dave Hunt é imperativo em nossa geração de 'luta de classes'. É difícil acreditar que o mundo cristão tem seu próprio sistema de '*apartheid*'. Isso é exatamente o que o hipercalvinismo representa, e este livro expõe o horror do *apartheid* espiritual pelo que ele realmente é. O calvinismo faz nosso Pai Celestial parecer o pior dos déspotas e eu me uno a Dave ao declará-Lo "inocente!" A revelação bíblica da redenção não deixa alguém sem ser convidado."

Joseph R. Chambers, DD, DSL

Pastor, autor, e entrevistador de emissora de rádio

"Estou feliz por ver Dave lidar com um assunto difícil, fornecer materiais a que muitos de nós não tinham acesso até agora."

Jim Custer
Right Start Ministries

"Dave Hunt nos presenteou com uma fascinante exposição do moderno calvinismo de cinco pontos que é altamente agradável de ler e prática. Eu gostei especialmente da seção sobre a perseverança e a segurança de salvação."

Bob Wilkin, Ph.D.
Fundador e Diretor Executivo da Grace Evangelical Society

"Como um biblicista, acho que este livro é uma análise bíblica agradável de coisas que por muitos anos têm trazido confusão aos crentes. Temos deixado que palavras e ideias de homens determinassem nossas posições. Este livro nos faz lembrar de escutar o que a Palavra de Deus tem a dizer."

Harry Bollback
Cofundador com Jack Wystzen da Word of Life International

"O tratamento de Dave Hunt da antiquíssima controvérsia sobre a eleição e predestinação em seu livro *Que Amor é Este? A Má Representação de Deus do Calvinismo* não somente estimula o pensamento, como também leva o leitor a focar em um ponto de vista escriturístico nessa bem espinhosa questão teológica. Muitas vezes a teologia é abordada filosófica e não biblicamente, e essa abordagem trará destruição para a Igreja. No livro de Dave, somos desafiados a voltar para as Escrituras conforme avaliamos as atividades de Deus neste importantíssimo assunto da salvação. Este definitivamente é um livro que nos leva a refletir sobre como formulamos nossa doutrina."

Joe Jordan
Diretor Executivo da Word of Life Fellowship, Inc.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

O AFIADO MACHADO DE DAVE HUNT

Um lenhador é um profissional conhecido pelo seu trabalho árduo, perigoso e constante. No imaginário popular, ele é visto como um desbravador que não poupa esforços para atingir os seus objetivos. Mesmo que, para tanto, esteja sujeito aos riscos e à solidão de espaços insalubres.

Para levar adiante a sua atividade, o lenhador deve ter à mão um bom machado, sempre bem afiado e preparado para a sua batalha diária. Um lenhador desprovido de seu machado, ou que não saiba manuseá-lo com destreza, não faz jus à sua condição de desbravador destemido.

Por vezes, vejo em Dave Hunt a representação de um lenhador. Tive a oportunidade de conhecê-lo, há muito tempo, em uma de suas polêmicas conferências. Ao assistir algumas de suas exposições, pude testemunhar a sua marcante capacidade argumentativa.

Sem a preocupação de mostrar-se "politicamente correto", Dave Hunt envereda por caminhos complexos da fé cristã com o objetivo de enfrentar aquilo que ele considera teorias e práticas equivocadas em determinadas expressões religiosas da cristandade de nosso tempo.

Especialmente diante de seus opositores, fruto de sua participação em diversos debates, Dave Hunt costuma ser considerado um pensador de ideias fundamentalistas. Essa visão, segundo entendo, é fruto de sua argumentação incisiva que não poupa nem mesmo sistemas de pensamento, tampouco pessoas, que alcançaram a simpatia da cristandade.

O referido pensador cristão expõe os seus argumentos com o destemor de um lenhador que, habilmente, enfrenta uma mata fechada. Desse modo, quando penso em Dave Hunt, a figura que tenho em mente é a de um autor-lenhador. Sendo relevante anotar que o seu machado é a Bíblia Sagrada, manuseada com a habilidade de um leitor atento e comprometido com o Evangelho.

Diante do estilo e da personalidade de Dave Hunt, tenho a impressão de que este livro foi escrito a machadadas. Acredito que o autor terá uma impressão semelhante durante a leitura de seu conteúdo.

Em *Que Amor é Este?*, Dave Hunt volta-se contra aquilo que ele define como a *falsa representação de Deus no calvinismo*. Assim, o seu machado vai de encontro a um sistema teológico que tem encontrado bastante inserção no Brasil e também no mundo.

Este não é um livro do tipo "café-com-leite", elaborado para agradar a todos os grupos de cristãos. Trata-se de um texto aplaudido por uns, mas também criticado por outros. Em vários momentos, a sua leitura é desconcertante, mas nunca deixa de ser desafiadora. Estamos diante de um livro que exige ser lido do começo ao fim. Uma leitura sem tréguas em busca de compreensão do fio condutor traçado pelo autor.

Não obstante a sua proposta desafiadora, o trabalho que ora vem a lume, em sua versão portuguesa, é de leitura obrigatória para todos aqueles envolvidos no multicentenário debate envolvendo as polêmicas suscitadas em torno dos atributos de Deus, da ideia cristã de salvação, da condição e do livre-arbítrio humanos.

Em cada um de seus capítulos, que mais parecem representações das marcas deixadas por um machado em uma robusta árvore, Dave Hunt procura demonstrar os pontos que ele considera como sucessivos erros no sistema calvinista que, em sua exposição, remontam a equívocos já presentes em Agostinho de Hipona.

As teses expostas neste livro são bem documentadas, prática costumeira do estilo huntiano. Todo o texto apresenta um cuidadoso conjunto de argumentos e contra-argumentos relacionados ao calvinismo, em suas várias ramificações.

O leitor não é obrigado, naturalmente, a aceitar todas as afirmações elaboradas por Hunt. Contudo, existe um apelo muito forte neste trabalho, qual seja: o convite à profunda reflexão de seu conteúdo. Acredito que o leitor, diante dos golpes de machado presentes nesta obra, não conseguirá adotar uma posição de indiferença ou de neutralidade.

Tenho a firme convicção de que antes de o leitor elogiar ou criticar este trabalho, a primeira tarefa que se impõe é a de lê-lo com um espírito atento aos seus pormenores.

Ao final da leitura deste livro, sugiro ao leitor duas atitudes: a) guardar o livro na estante para consultas posteriores; ou, b) destruí-lo sob a lâmina afiada de um machado. Adianto que fiquei com a primeira opção.

Por fim, diante dos apontamentos acima, parabenizo a Editora Reflexão por disponibilizar ao acervo editorial brasileiro mais esta importante obra de consulta obrigatória aos estudiosos das várias faces do cristianismo.

São Paulo, inverno de 2015.

PROF. DR. IVAN DE OLIVEIRA SILVA

Doutor e mestre em Direito, com estudos pós-doutorais na Universidade de Coimbra, Portugal. Mestre em Ciências da Religião. Bacharel em Direito, Filosofia e Teologia. Professor universitário. Pela Editora Reflexão, dentre outros, é autor do livro *Santo Agostinho no Banco dos Réus*.

UMA RÁPIDA PALAVRA

Discussões com inúmeras pessoas ao redor do mundo revelam que multidões de cristãos sinceros, crentes na Bíblia, são "calvinistas" somente por *default*. Imaginar que a única escolha é entre o calvinismo, com sua doutrina da segurança eterna, e o arminianismo, com sua doutrina da apostasia, e confiantes de que a salvação não pode ser perdida por causa da promessa de Cristo de preservar eternamente aqueles que creem Nele, eles, por essa razão, consideram-se calvinistas.

Basta somente algumas questões simples para descobrir o fato de que a maioria desses que se consideram calvinistas não estão amplamente cônscios do que João Calvino e seus primeiros seguidores dos séculos dezesseis e dezessete realmente criam e praticavam. Nem eles completamente entendem o que a maioria dos líderes calvinistas de hoje creem.

Embora haja variações disputadas dessa doutrina, entre seus principais proponentes (que citamos extensivamente em contexto) há acordo geral sobre algumas crenças centrais. Multidões que acreditam que entendem o calvinismo se chocarão ao descobrir suas raízes católicas romanas e o comportamento totalmente não cristão de Calvino como o "papa protestante" de Genebra, Suíça.

Mais chocante de tudo, entretanto, é a má representação no calvinismo do Deus que "é amor." Oramos para que as páginas seguintes capacitem os leitores a examinarem mais cuidadosamente as questões vitais envolvidas e a seguir a Santa Palavra de Deus, e não o homem.

CAPÍTULO I

POR QUE ESTE LIVRO?

"Você pode responder algumas perguntas sobre calvinismo?" A questão foi dirigida a mim por um jovem que estava entre nós em uma mesa de restaurante, certa noite recentemente, numa cidade onde eu estava discursando numa conferência[1].

"Por que você me pergunta?" foi minha um tanto confusa resposta.

"Ouvimos que você estava escrevendo um livro sobre o calvinismo."

"Sim, estou — um livro, de fato, que eu não quis escrever. Há excelentes cristãos em ambos os lados. A última coisa que eu quero fazer é criar mais controvérsia — mas é um assunto que realmente tem que ser encarado e tratado completamente." Olhando em torno da mesa, eu me surpreendi com o interesse refletido em cada rosto que essa mudança na conversa de repente despertou. Todos estavam escutando atentamente.

"Eu mal me preocupei com o calvinismo por anos. Então, de repente — segundo me pareceu — nos últimos dois anos o calvinismo começou a surgir como tema de debate em todos os lugares. Talvez eu esteja apenas despertando para o assunto, mas me parece que essa doutrina peculiar está sendo promovida mais vasta e agressivamente agora do que jamais tive ciência no passado."

"Nossa igreja recentemente adicionou um novo pastor à equipe," explicou o jovem que tinha levantado a questão. "Ele insere o calvinismo em quase todos os sermões na escola bíblica que ensina."

"Deixe-me adivinhar como ele pode fazer isso," eu respondi. "Ele pergunta para a classe o que eles acham que vem primeiro, a fé ou a regeneração. Todos dizem, 'A fé, obviamente — creia no Senhor Jesus Cristo e será salvo.' Então ele os desafia, 'Mas a humanidade está morta em delitos e pecados. Como um homem morto pode crer?'"

Consegui total atenção do jovem rapaz. "Exatamente! Como você sabia?"

"Então ele explica," continuei, "que Deus tem que dar vida soberanamente àqueles que estão espiritualmente mortos antes que pos-

---

1 A narração representa um composto de várias experiências reais e recentes do autor.

sam crer ou até mesmo entender o evangelho — que a regeneração deve preceder a fé."

"Certo! Mas parece estranho... É como ter que ser salvo antes de poder ser salvo!"

"O calvinista não colocaria as palavras dessa forma," respondi, "mas é até um pouco mais esquisito que isso. Sem entender ou crer algo sobre Deus ou Cristo ou a Bíblia — porque ninguém supostamente pode crer até que seja regenerado — os 'eleitos' são espiritualmente vivificados por um ato soberano de Deus sem qualquer desejo ou cooperação da parte deles e sem até mesmo saber o que lhes está acontecendo na hora."

"Isso é exatamente o que ele anda ensinando," acrescentou um outro membro da mesma igreja. "Não faz sentido. Nunca li coisa alguma parecida na Bíblia."

"Vocês são os únicos que expressaram alguma preocupação?" perguntei. "Aqueles que pensavam que a fé vinha primeiro aceitam imediatamente este novo conceito?"

"A maioria sim. Mas causou alguma confusão... E algumas pessoas deixaram a igreja."

"Ninguém o desafia," eu perguntei, "com o fato óbvio de que a morte espiritual não pode ser comparada com a morte física... Que pessoas mortas fisicamente não podem apenas não crer como também não podem pecar ou fazer qualquer outra coisa?"

"Acredito que nenhum de nós pensou nisso."

"O que o pastor mais velho diz?"

"Ele não parece saber como lidar com a confusão que está sendo causada por seu novo assistente. Nunca ouvimos qualquer coisa parecida com isso do púlpito antes, mas agora alusões ao calvinismo estão invadindo furtivamente até mesmo seus sermões."

A conversa continuou dessa maneira por algum tempo. Todo novo aspecto do calvinismo que eu explicava era recebido com mais exclamações de "sim! É exatamente o que estamos ouvindo."

Outros à mesa, de áreas inteiramente diferentes do país, começaram a relatar suas experiências. Um homem tinha recentemente deixado a igreja que foi dividida por causa de controvérsias sobre o calvinismo. O conselho de diáconos tinha deliberado que todo mem-

bro devia assinar uma declaração de fé calvinista. Uma outra pessoa era de uma igreja onde o pastor e os anciãos tinham assumido uma posição firme contra o que eles consideravam ser uma questão divisiva e tinham excluído da comunhão um professor de escola dominical por continuar a doutrinar sua classe de jovens no calvinismo apesar de vários avisos para não fazer isso.

Outro casal tinha visitado uma igreja altamente recomendada numa grande cidade perto de sua casa, pastoreada por um autor calvinista bem conhecido.

"Realmente não sabemos muito sobre calvinismo", meus companheiros de jantar confessaram. "Mas foi uma experiência estranha. Por um lado, tivemos a impressão de que essas pessoas sentiram que eram um pouco superiores por serem as 'eleitas.' Mas ao mesmo tempo parecia haver uma tendência de insegurança. O desempenho parecia ser uma evidência principal da salvação de alguém, que acrescentava um tempero bem legalista."

Enquanto levantávamos para deixar a mesa, uma jovem mulher que tinha permanecido em silêncio perguntou se ela poderia ter uma conversa particular comigo. Sentamos novamente e ela começou a contar uma história triste. Ela era mulher de um pastor. Suas vidas e ministério tinham sido felizes e frutíferos até que seu marido e dois amigos íntimos que eram também pastores se interessaram por uma nova "verdade." Todos os três eram muito inteligentes. Como resultado da leitura de autores calvinistas atuais, eles foram atraídos ao desafio de estudar os escritos de João Calvino, Jônatas Edwards, John Knox e outros.

Seu estudo, levando-os de volta a Agostinho, finalmente se tornou quase uma obsessão. Então cada um deles começou a pregar sua nova "luz" de seus púlpitos. Após serem avisados várias vezes para desistir de doutrinar suas congregações, eles foram removidos de seus pastorados por sua denominação. Seu marido começou a se preocupar se era realmente um dos eleitos. Essas questões impertinentes cresceram até se tornarem enormes dúvidas sobre sua salvação. O calvinismo que tinha uma vez parecido tão satisfatório começou a assombrá-lo com incertezas quanto a se ele era um dos eleitos.

"Você nunca foi atraído por ele?" perguntei.

Ela balançou sua cabeça. "Eu não sou uma intelectual — o que pode ser por que ele nunca me causou simpatia. Mas não é de se supor que Deus seja um Deus de amor? Na minha ingênua mente nunca fez sentido que o Deus da Bíblia não ame todos o suficiente para querê-los todos no céu, que Cristo não tenha morrido por todos ainda que a Bíblia pareça dizer que tenha..."

Lágrimas correram de seus olhos. Finalmente ela continuou, "continuo tentando dizer ao meu marido que o Deus em que ele agora estava crendo, um Deus que predestinou pessoas para passar a eternidade no lago de fogo antes de até mesmo terem nascido, não era o Deus que eu conheci e amei..."

Encontros preocupantes como esses se tornaram comuns e exigiam um entendimento mais profundo de minha parte de um sistema que foi obviamente adotado por uma porção maior da igreja do que eu tinha percebido e que parecia tão contrário a tudo que eu tinha acreditado sobre um Deus cuja soberania não diminuía Sua misericórdia e amor. Para minha própria paz de espírito eu fui compelido a exercer a extensa investigação que resultou neste livro.

Uma Questão de Grande Importância

O calvinismo nunca me pareceu bíblico por diversas razões às quais chegaremos no devido momento. Com o passar dos anos, minhas muitas objeções têm sido discutidas em particular e em detalhes com inúmeros amigos fielmente calvinistas. Reconhecidamente, apesar de nossas sérias diferenças e o fato de termos sido incapazes de resolvê-las, nunca houve qualquer perda de boa vontade. Permanecemos amigos íntimos até este dia e temos simplesmente evitado esse assunto em nossos contatos e comunhão uns com os outros.

É verdade que "por toda a história muitos dos grandes evangelistas, missionários, e vigorosos teólogos aderiram às [...] doutrinas da graça conhecidas como calvinismo"[1]. R. C. Sproul declara que "os

1 Duane Edward Spencer, *TULIP: The Five Points of Calvinism in the Light of*

gigantes da sabedoria cristã clássica" são calvinistas[2]. A alegação adicional muitas vezes é feita é que, embora muitos não tenham revelado publicamente, a maioria dos líderes evangélicos de hoje nos Estados Unidos aderem a alguma forma dessa doutrina. Se esse é ou não o caso, eu logo descobri que havia muito mais livros publicados promovendo o calvinismo do que eu jamais tinha imaginado. Geralmente eles são produzidos pelas principais editoras cristãs, e seu número e influência estão crescendo rapidamente.

A *Bíblia de Estudo de John MacArthur*, *Nova Bíblia de Estudo de Genebra*, com introdução de R. C. Sproul e publicada pela Thomas Nelson Publishers em 1995, promove agressivamente o calvinismo em suas explicações marginais de passagens-chaves e o chama de "a verdade da Reforma". Essa frase atrevida iguala a Reforma ao calvinismo — uma proposição que é quase universalmente aceita entre os evangélicos hoje. A questão de se isso é verdadeiro, com a qual lidaremos nas páginas seguintes, é certamente de grande importância.

A importância de nossa preocupação ganha peso pelo fato de que seus proponentes até mesmo afirmam que "o calvinismo é puro Cristianismo bíblico em sua mais clara e pura expressão"[3]. D. James Kennedy disse, "eu sou um presbiteriano porque eu acredito que o Presbiterianismo é a forma mais pura do calvinismo"[4]. John Piper escreve, "as doutrinas da graça (depravação total, eleição incondicional, expiação limitada, graça irresistível, perseverança dos santos) são a base do evangelho bíblico nutrido por tantos santos por séculos"[5].

Pareceria, então, que aqueles que não pregam o calvinismo não pregam o evangelho, uma grave acusação na verdade. C. H. Spurgeon

Scripture (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1979), p. 6.

2 R. C. Sproul, *Chosen by God* (Carol Stream, IL: Tyndale House, 1986), p. 15.

3 Leonard J. Coppes, *Are Five Points Enough? The Ten Points of Calvinism* (Denver, CO: publicação do autor, 1980), p. xi.

4 D. James Kennedy, *Why I Am a Presbyterian* (Ft. Lauderdale, FL: Coral Ridge Ministries, sem data), p. 1.

5 John Piper, *TULIP: The Pursuit of God's Glory in Salvation* (Minneapolis, MN: Bethlehem Baptist Church, 2000), contracapa.

foi muito enfático que nenhum cristão inteligente poderia possivelmente considerar qualquer outra posição:

> [...] as grandes verdades que são chamadas de calvinismo [...] são, creio eu, as doutrinas essenciais do Evangelho que está em Jesus Cristo. Ora, eu não pergunto se você acredita no calvinismo. É possível que não. Mas eu creio que você irá acreditar nele antes de entrar no céu. Estou persuadido que assim como Deus pode ter lavado seus corações, Ele lavará seus cérebros antes de entrar lá.[6]

Tal forte afirmação é impressionante, vinda de Carlos Haddon Spurgeon. John H. Gerstner escreve, "cremos com o grande pregador batista Carlos Haddon Spurgeon, que o calvinismo é apenas um outro nome para o Cristianismo"[7]. Novamente, se o calvinismo é o verdadeiro Cristianismo, isso significaria que os não calvinistas não são cristãos? Com certeza, a maioria dos calvinistas não diria isso, porém essa não é a implicação?

Obviamente, nós poderíamos citar muitos outros líderes cristãos de igual estatura na história da igreja, tais como D. L. Moody, que foram de opinião oposta. Norman F. Douty lista mais de setenta líderes cristãos que se opuseram ao calvinismo, entre eles Richard Baxter, John Newton, João e Carlos Wesley, João Bunyan, H. C. G. Moule e outros[8]. Um estudo da história da igreja primitiva revela que as doutrinas calvinistas eram desconhecidas durante os primeiros três séculos da igreja. Um dos maiores especialistas em história eclesiástica, o bispo Davenant, que estava presente em Dort, declara:

---

6 Sermãos de Spurgeon, vols. 1 e 2, "The Peculiar Sleep of the Beloved" (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999), p. 48.

7 John H. Gerstner, *Wrongly Dividing the Word of Truth: A Critique of Dispensationalism* (Brentwood, TN: Wolgemuth and Hyatt, Publishers, Inc., 1991), p. 107.

8 Norman F. Douty, *The Death of Christ* (Irving, TX: Williams and Watrous Publisbing Company, sem data.), 136–163.

> [...] pode ser verdadeiramente afirmado que, antes da disputa entre Agostinho e Pelágio, não havia qualquer dúvida sobre a morte de Cristo, se devia ser estendida a toda a humanidade ou limitada somente aos eleitos. Para os Pais [...] nem uma palavra (que eu tenha conhecimento) ocorre entre eles da exclusão de qualquer pessoa pelo decreto de Deus. Eles concordam que ela é, na verdade, proveitosa somente àqueles que creem, todavia eles em toda parte confessam que Cristo morreu em favor de toda a humanidade [...].
>
> Agostinho morreu em 429 d.C., e até essa época, pelo menos, não há a menor evidência de que qualquer cristão sequer tenha sonhado com uma propiciação pelos eleitos apenas. Mesmo depois dele, a doutrina de uma propiciação limitada foi apenas vagarosamente propagada, e por muito tempo apenas parcialmente admitida.[9]

Hoje há uma crescente divisão sobre esse ponto, a maioria dos calvinistas insistindo que Cristo morreu apenas pelos eleitos. Por outro lado, a *IFCA International*, um grupo de cerca de 700 igrejas evangélicas independentes e 1.200 pastores (alguns deles calvinistas) declara em sua afirmação doutrinária, "cremos que o Senhor Jesus Cristo morreu na cruz por toda a humanidade [...] para realizar a redenção de todos que confiam Nele [...]"[10].

O próprio Spurgeon, tão frequentemente citado pelos calvinistas por apoiar seu ponto de vista, rejeitou a Expiação Limitada, embora ela se encontre no próprio âmago do calvinismo e seja consequência inevitável de seus outros pontos — e ele assim fez em linguagem inequívoca:

9 James Morrison, *The Extent of the Atonement* (Londres: Hamilton, Adams and Co., 1882), 114–117.

10 IFCA International, *What We Believe*, I:(3)b. Disponível em <http://www.ifca.org>.

> Eu sei que há alguns que consideram necessário ao seu sistema de teologia limitar o mérito do sangue de Jesus: se meu sistema teológico precisasse de tal limitação, eu o lançaria aos ventos. Não posso, não ouso permitir que tal pensamento encontre abrigo em minha mente, chega a ser quase uma blasfêmia. Na obra completa de Cristo eu vejo um oceano de mérito; meu prumo não encontra o fundo, meu olho não enxerga a margem [...]. Deve haver eficácia suficiente no sangue de Cristo, se Deus assim tivesse desejado, teria salvado não somente a todos, neste mundo, mas a todos, em dez mil mundos [...]. Tendo uma Pessoa divina como oferta, não é consistente imaginar um valor limitado; limite e medida são termos inaplicáveis ao sacrifício divino. A intenção do propósito divino corrige a aplicação da oferta infinita, mas não a transforma em uma obra finita.[11]

Mérito e *valor* devem ser aplicados ao efeito da Cruz. Se a cruz está destinada a um número limitado (os eleitos), o seu mérito e valor são, necessariamente, limitado. "Se Deus assim o tivesse desejado" é a cláusula chave — a qual, Spurgeon, claramente, às vezes, negava. Por outro lado, que Spurgeon acreditava que salvação estava disponível a toda a humanidade, é evidente a partir de muitos de seus sermões. A contradição é óbvia — um fato que os calvinistas são relutantes em admitir. Assim, fui acusado de deturpar e até mesmo citar erroneamente C. H. Spurgeon. Novas e suficientes declarações de Spurgeon (ver índice) serão apresentadas aqui, para que os leitores possam chegar às suas próprias conclusões.

Promoção Agressiva

Os calvinistas estão cada vez mais insistindo que seus dogmas peculiares representam a fé dos "reformadores que lideraram a Re-

11 Carlos Haddon Spurgeon, "Bread Enough and to Spare". Disponível em < http://www.blueletterbible.orglCommlcharles_spurgeonlsennonsllOOO.html > .

forma" e devem ser aceitos por todos os cristãos evangélicos como o cristianismo genuíno e como a expressão bíblica do evangelho. Em relação a isso...

- Há muito que eles defendem com que todos os cristãos concordariam.
- Há muito com que quase todos os evangélicos pensam que concordariam por causa dos mal-entendidos, mas na verdade não concordam, o que será explicado nas próximas páginas.
- E há muito em relação à igreja, Israel e o retorno de Cristo do qual aqueles que creem no iminente arrebatamento da igreja fortemente discordariam. Essas últimas opiniões não têm coisa alguma a ver com o evangelho, e por essa razão não serão tratadas aqui.

No ano 2000, a *Alliance of Reformation Christians* se reuniu em Londres e enviou uma mensagem aos cristãos por todo o mundo: "nós por essa razão convidamos aqueles que carregam o rótulo 'evangélico' a afirmarem sua fé mais uma vez de acordo com o testemunho da Escritura e em continuidade com o testemunho histórico da igreja"[12]. Por "testemunho histórico da igreja" eles querem dizer as doutrinas peculiares que surgiram de Agostinho conforme interpretadas e expandidas por João Calvino, e que foram uma vez forçadas por uma igreja-estado sobre todos na Inglaterra, na Escócia e naquelas partes da Europa onde os calvinistas estavam no controle. A documentação histórica é fornecida nos capítulos 5 e 6.

Os calvinistas de hoje falam ainda mais ardente e ousadamente sobre a necessidade de uma "nova Reforma", pela qual eles muito claramente querem dizer um ressurgimento do calvinismo como a concepção dominante na cristandade. Considere algumas das resoluções que compõem *The London Declaration 2000: Alliance of Reformation Christians – A vision for biblical unity in the modern church,*

12 "The London Declaration 2000: Alliance of Refomation Christians – A vision for biblical unity in the modem church, 'The Evangelical Problem'".

"The Evangelical Problem" [A Declaração de Londres 2000: Aliança dos Cristãos da Reforma — Uma visão para a unidade bíblica na igreja moderna, "O Problema Evangélico"]:

> Sob **"A Questão da Verdade"**,
> Nós, portanto, convidamos os evangélicos a retornarem para a concepção bíblica uma vez defendida [...] que afirmar a posse de uma doutrina particular [calvinismo] como verdadeira não é arrogância espiritual, mas um dever bíblico.

> Sob **"Uma Visão para a Reforma"**,
> Nós, portanto, convidamos os evangélicos a afirmarem uma visão por reforma que esteja de acordo com o testemunho da Escritura e em continuidade com o testemunho histórico da igreja [calvinista]. Tal visão é de uma igreja que é tanto católica quanto reformada. Por "católica" não queremos dizer "católica romana" [...] [Veja o capítulo 4, "Surpreendente Ligação Católica do Calvinismo"]. Por reformada, queremos dizer que confessamos aquelas doutrinas sobre a autoridade da Escritura e a salvação apenas pela graça que nossos antepassados reformados [calvinistas] reafirmaram no tempo da Reforma. [ênfase deles]

> Sob **"Quatro Afirmações"**, 1. inclui o seguinte:
> Nós igualmente afirmamos que somos agostinianos em nossa doutrina do homem e em nossa doutrina da salvação. Isso porque acreditamos que Agostinho e seus sucessores, incluindo os reformadores [calvinistas], fielmente refletiam o ensino bíblico acerca da incapacidade espiritual total do homem caído de responder a Deus, a eleição incondicional graciosa de Deus Pai de um povo a ser salvo, o objetivo da obra expiatória do Filho encarnado como planejada real e certamente para assegurar a salvação desse povo [os eleitos apenas], a graça monergística do Espírito

Santo na regeneração [sem entendimento ou fé da parte do homem], e a perseverança dos eleitos. Consequentemente, também rejeitamos todas as formas de sinergismo ou semipelagianismo, nos quais ao homem é concedido um papel cooperativo [até para crer] em sua regeneração, por exemplo, o arminianismo. Igualmente rejeitamos qualquer suavização da soteriologia agostiniana, por exemplo o amiraldismo (calvinismo de "quatro pontos"), e qualquer endurecimento dela, por exemplo o hipercalvinismo [...]. A noção de uma Igreja católica e reformada [calvinista] — um ramo principal, majestoso, da ortodoxia cristã histórica [agostinianismo/calvinismo] — é dessa forma integral ao nosso entendimento. Essa noção que afirmamos como verdadeira e fundamental a qualquer perspectiva evangélica digna do nome.

Sob 2,
Os católicos reformados afirmam a importância da igreja e sua história em qualquer visão autêntica da obra redentora de Deus no espaço e no tempo. O evangelicalismo hoje está infectado por uma amnésia mortal em relação à igreja histórica (calvinista) [...]. Especificamente rejeitamos o espetáculo subjetivo e muitas vezes desorganizado da adoração de estilo carismático, com suas práticas concomitantes, tais como supostas falações em línguas, profecias, "cair no Espírito", etc.

Sob 4
[...] lamentamos a influência entre os evangélicos de um dispensacionalismo pietista, no qual o mundo é considerado irredimivelmente mau (e dessa forma quase não vale a pena o esforço de influenciar), e no qual se supõe que a única esperança é o arrebatamento dos santos.

O Desafio de Permanecer em Silêncio

Com o recente crescimento do calvinismo, vários líderes calvinistas começaram a assumir uma posição muito mais agressiva em sua promoção pública. Ambos os lados, de fato, estão progressivamente fazendo dessa discussão requisito para comunhão no Senhor, resultando em divisão em várias igrejas que são em outros aspectos sólidas.

Em algumas igrejas, o calvinismo é visto como uma seita e os membros são proibidos de promovê-lo ainda que secretamente. Em outras, somente calvinistas são aceitos como membros. Obviamente isso tem sido verdadeiro para pastores e candidatos a missões por séculos em aproximadamente todas as igrejas presbiterianas e até em algumas igrejas batistas — mas agora esse posicionamento parece estar crescendo.

Quase todos os dias eu percebo que este assunto estava despertando um maior interesse e uma importância maior, que eu jamais imaginei. Parecia óbvio que havia uma grande necessidade de mais pesquisa e escrita para lidar com esta importante questão.

Quando se tornou conhecido que eu planejava escrever tal livro, vários pastores me avisaram para me abster de publicamente me expressar sobre esse assunto. Alguns alegaram que, por ignorância dos seus verdadeiros ensinamentos, eu já tinha deturpado "Doutrina Reformada". Uma resposta típica dos amigos calvinistas a quem enviei um manuscrito inicial para comentários foi assim: "as caricaturas que você apresenta e os espantalhos que você constrói provam para mim que você não tem absolutamente conhecimento algum da posição reformada, e antes que você escreva eu aconselharia que você desistisse de colocar alguma coisa para publicação"[13].

Cartas começaram a chover em nosso ministério, *The Berean Call*, de todo o mundo, muitas de pastores, insistindo que eu não era qualificado para tratar do calvinismo, e me encorajando a ficar com a boca fechada e não escrever sobre esse assunto. Sugeriram que eu

---

13 Correspondência pessoal a Dave Hunt, datada de 19 de outubro de 2000. Em arquivo.

perderia muitos amigos e que me alienaria de líderes evangélicos, muitos dos quais diziam ser firmes calvinistas. Além disso, quem publicaria tal livro, visto que as principais editoras tinham lançado muitos livros sobre o outro lado?

O que mais me comoveu foi a preocupação ardentemente manifestada por amigos íntimos que um livro meu sobre essa questão poderia causar divisão — a última coisa que eu queria. "Vamos ouvir agora", vários amigos me disseram, "lá vem Dave Hunt de novo; desta vez, ele está atacando os calvinistas!" Essa preocupação pesou grandemente sobre mim.

Devemos estar dispostos a aceitar conselho sábio. Mas a recomendação para permanecer em silêncio, embora dada por tantos, em preocupação, pareceu a mim, após muita oração e exame de consciência de minha parte, ser imprudente. Spurgeon chamou o debate sobre a soberania de Deus e o livre-arbítrio do homem "uma controvérsia que [...] creio ter sido verdadeiramente saudável e que a nós todos tem feito muito bem [...]"[14]. O desejo de meu coração é que este livro seja somente para a glória eterna de Deus e para o benefício de Seu povo.

14 Carlos Haddon Spurgeon, "God's Will and Man's Will", n. 442 (Newington: Metropolitan Tabernacle, sermão pregado no domingo, 30 mar. 1862).

CAPÍTULO 2

O ENTENDIMENTO BÍBLICO ESTÁ RESERVADO A UMA ELITE?

Os calvinistas enfatizam que sua teologia se apoia sobre sólida exegese bíblica, sendo "firmemente baseada [...] na Palavra de Deus"[1]. Alguns chegam ao ponto de afirmar que "esse ensino foi considerado pelos apóstolos como a verdade"[2], e que até "Cristo ensinou as doutrinas que vieram a ser conhecidas como os cinco pontos do calvinismo"[3].

De acordo com a Bíblia, entretanto, ninguém deve aceitar tais afirmações sem verificá-las a partir da Escritura. Qualquer doutrina que afirma ser baseada na Bíblia deve ser cuidadosamente examinada em comparação com ela. Além disso, qualquer um que conhece a Bíblia deve ser capaz de assim fazer. Depender de um suposto especialista bíblico para uma avaliação das opiniões de outro seria andar em círculos. Não importa de quem seja a opinião que alguém aceita, o resultado final seria o mesmo: alguém ainda estaria refém de uma opinião humana. Cada um deve pessoalmente fazer um exame minucioso de todas as opiniões diretamente na Bíblia. Todavia, estou sendo aconselhado a manter silêncio baseado no fato de que somente aqueles com qualificações especiais foram competentes para examinar o calvinismo em comparação com a Bíblia, uma ideia que em si mesma contradiz a Escritura.

Os habitantes da cidade de Beréia, embora não fossem cristãos quando Paulo primeiro lhes pregou o evangelho, "examinavam cada dia nas Escrituras [para ver] se estas coisas [que Paulo pregava] eram assim" (Atos 17:11) — e eles foram elogiados como "nobres" por agir dessa forma. Todavia, os calvinistas insistem que requer uma preparação especial (e aparentemente longa) para alguém estar qualificado para examinar essa peculiar doutrina à luz da Bíblia. Por quê?

Apesar de tudo, a Bíblia declara que um "jovem" pode entender suas instruções e através disso "purificar o seu caminho" (Salmos 119:9). Até mesmo uma criança pode conhecer as Sagradas Escritu-

---

1 W. J. Seaton, *The Five Points of Calvinism* (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1970), p. 8.

2 Jimmie B. Davis, *The Berean Baptist Banner*, 5 fev. 1995, p. 30.

3 Mark Duncan, *The Five Points of Christian Reconstruction from the Lips of Our Lord* (Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, 1990), p. 10.

ras por meio de instrução familiar de uma mãe ou uma avó (2 Timóteo 1:5; 3:15). Se fosse exigida uma habilidade especial para testar o calvinismo contra a Escritura, certamente isso já seria prova que essa peculiar doutrina não veio de uma embasada exegese bíblica. O que quer que seja enigmático, por definição, não poderia ter sido derivado da Bíblia, que afirma ser escrita para os simples:

> Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes [...] para que nenhuma carne se glorie perante Ele. (1 Coríntios 1:26-29)

O Calvinismo É Tão Difícil de Entender?

Muitos, cuja óbvia sinceridade apreciei, estavam me dizendo que, apesar de citar João Calvino, diretamente de seus escritos, e líderes calvinistas atuais, eu ainda pareço deturpar o calvinismo porque eu não o compreendo. Mesmo depois de uma recente discussão pormenorizada de três horas com amigos calvinistas, eles ainda me disseram, "você simplesmente não entende o calvinismo". Se o evangelho é tão complexo assim, quem pode ser salvo?

Deveria o calvinismo permanecer um mistério para o cristão comum? Esse mesmo fato, se fosse verdadeiro, seria uma prova adicional de que o calvinismo não foi derivado das Escrituras. Como algo tão complicado poderia possivelmente vir daquilo sobre o qual toda pessoa é capaz de meditar de dia e de noite (Salmos 1:1-2)? Se o alimento essencial que a Palavra de Deus fornece é o sustento diário de todo homem para a sua vida espiritual (Deuteronômio 8:3), poderia o calvinismo vir da Bíblia e, contudo, ser indigerível para o cristão normal?

Por que o calvinismo é um assunto tão difícil e aparentemente esotérico que exigiria anos para compreendê-lo? Tal postura poderia muito bem intimidar muitos a aceitar essa crença simplesmente

porque um vasto número de altamente respeitados teólogos e líderes evangélicos o adotam. Certamente, a grande maioria dos calvinistas são cristãos comuns. Em que base, então, sem a habilidade que aparentemente me falta, eles foram capazes de aceitá-lo?

Quanto a se familiarizar com o calvinismo, há certamente mais recursos disponíveis do que o suficiente para qualquer um genuinamente interessado em consultá-los. Numerosos livros sobre esse assunto estão disponíveis, tanto pró quanto contra. Os *Cinco Pontos do Calvinismo* de Edwin H. Palmer, e livros de R. C. Sproul, John Piper, John MacArthur, A. W. Pink, C. H. Spurgeon e outros, são altamente recomendados pelos líderes calvinistas. Por outro lado, os livros de Samuel Fisk são informativos. *O Outro Lado do Calvinismo* de Laurence M. Vance é um tratamento exaustivo de mais de 700 páginas, com centenas de notas de rodapé documentando suas citações. As *Institutas da Religião Cristã* de Calvino, assim como outros de seus escritos e os de Agostinho, John Knox e outros clássicos, também estão prontamente disponíveis.

Certificando-se da Precisão e da Justiça

Para me certificar de que nenhuma interpretação equivocada das doutrinas sob consideração restasse neste livro, um manuscrito preliminar foi submetido à crítica de alguns amigos e conhecidos calvinistas. Ler e discutir com eles seus valorosos comentários, pelos quais sou profundamente grato, foi uma experiência esclarecedora. Nesse processo ficou ainda mais claro que os calvinistas não concordam até mesmo entre si sobre tudo.

Um número de críticos tem me acusado de não aceitar as "correções" oferecidas pelos calvinistas, correções que naturalmente eles consideram, necessariamente, como verdade. Pelo contrário, tenho considerado cuidadosamente (embora não aceite) cada sugestão, embora os calvinistas, muitas vezes contradigam uns aos outros (e, até mesmo, o próprio Calvino) e alguns deles acusam outros de serem "hipercalvinistas". Cada um de nós, deve chegar as próprias conclusões — e este livro é sobre as graves diferenças que muitos de nós

temos com os calvinistas e sobre a interpretação de passagens-chave da Escritura.

A maioria dos calvinistas concordam sobre os cinco pontos principais. Outros insistem que há dez ou ainda mais pontos relevantes. Palmer sugere, "o calvinismo não está restrito aos cinco pontos: ele tem milhares de pontos"[4]. É improvável que possamos cobrir todos esses supostos pontos nestas páginas! O próprio Palmer só lida com cinco.

Há desacordos entre calvinistas de "cinco pontos" e de "quatro pontos". Por exemplo, Lewis Sperry Chafer, fundador do Seminário Teológico de Dallas, chamou a si mesmo de um calvinista de "quatro pontos" porque ele rejeitava a expiação limitada[5]. Vance observa que "muitos batistas na Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares são calvinistas de quatro pontos"[6]. Negar um ponto e aceitar os outros quatro, entretanto, tem sido chamado pelos calvinistas de cinco pontos de uma "feliz inconsistência". Eles estão corretos. Veremos que cada um dos pontos é uma consequência lógica do ponto precedente. Não é possível ser um calvinista e sustentar, lógica e consistentemente, menos que todos os cinco pontos.

Nós, portanto, concordamos com a declaração amplamente difundida de que se "deve manter todos os cinco pontos do calvinismo"[7], porque "os Cinco Pontos do Calvinismo estão todos entrelaçados. Aquele que aceita um dos pontos aceitará os outros pontos"[8]. Até mesmo aqueles que concordam com todos os cinco, entretanto, têm diferentes maneiras de entendê-los e defendê-los.

---

4 Edwin H. Palmer, prefácio a *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 1.

5 Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology* (Dallas, TX: Dallas Seminary Press, 1948), vol. 3, p. 184.

6 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 147.

7 Charles W. Bronson, *The Extent of the Atonement* (Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1992), p. 19.

8 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 27.

Obviamente, não podemos cobrir toda variedade de opinião neste livro, mas devemos nos ater ao que a maioria aceitaria como uma justa apresentação de suas crenças. Alguns calvinistas acusam outros de serem hipercalvinistas, um rótulo que é difícil de definir. Faremos o possível para estabelecer as principais crenças calvinistas, tão claramente quanto possível.

Em nome de uma maior precisão, citamos extensivamente não apenas Calvino, mas os escritos de numerosos calvinistas que são altamente considerados por seus colegas. Um livro do qual citamos extensivamente é *The Potter's Freedom* do apologista James R. White, que recebe a aprovação de muitos líderes evangélicos atuais, como R. C. Sproul Jr., Jay Adams, Erwin Lutzer e muitos outros. É um recurso especialmente valoroso, porque ele foi escrito especificamente para responder as objeções de Norman Geisler a certos pontos do calvinismo que ele levantou em seu recente livro, *Eleitos, Mas Livres*. Deve haver mais do que suficientes citações de fontes confiáveis para o leitor ter a absoluta certeza de que o calvinismo está sendo justamente apresentado.

Um Apelo Por Uma Discussão Aberta

Supõe-se amplamente que o pré-conhecimento de Deus, a predestinação/eleição, a escolha humana, a soberania de Deus e a responsabilidade do homem são mistérios de reconciliação além de nossa capacidade. Portanto, alguns insistem que esses conceitos devem ser aceitos sem qualquer tentativa de entender ou reconciliar aparentes conflitos. A ilustração é usada repetidamente que quando nos aproximamos do portão dos céus vemos escrito em cima dele, "Quem quiser pode vir", mas uma vez que entramos vemos do lado de dentro as palavras, "Eleitos Nele desde a fundação do mundo". Respeitamos os muitos líderes de igreja que continuam a oferecer semelhante explicação como se fosse suficiente. Há, entretanto, várias razões convincentes para não se submeter a essa posição popular.

Em primeiro lugar, Deus quer que nós entendamos Sua Palavra antes que aleguemos "mistério" sobre amplas porções dela. Ele a deu para nosso aprendizado. Da Palavra de Deus, o salmista disse, "Lâm-

pada para os meus pés é Tua palavra, e luz para o meu caminho" (Salmos 119:105) e da mesma forma pretende-se que seja para cada um de nós hoje. Pedro reconheceu que há "pontos difíceis de entender" e advertiu que a Escritura é algumas vezes torcida, resultando na destruição daqueles que assim o fazem (2 Pedro 3:16). Deus nunca sugere que há alguma parte de Sua Palavra que não devemos tentar entender plenamente. Visto que muitas passagens na Escritura são dedicadas aos difíceis temas que iremos abordar, podemos confiantemente esperar que a própria Bíblia esclareça as questões.

Em segundo lugar, a história da igreja, logo em seu começo, incluiu nítidas diferenças de opinião sobre muitos assuntos vitais, incluindo o próprio evangelho. Numerosas heresias destrutivas se desenvolveram e foram vigorosamente confrontadas. Nem Cristo nem Seus apóstolos consideraram opiniões divergentes como normais ou aceitáveis, mas comandou os crentes a "batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos" (Judas 3). Esse comando se aplica a nós hoje em dia.

Em terceiro lugar, dificilmente parece que nosso Senhor queria que nós evitássemos seriamente considerar e entender o pré-conhecimento e a eleição/predestinação assim como a responsabilidade do homem e como isso tudo se encaixa na graça soberana de Deus. Embora nunca possamos ver o corpo inteiro de Cristo em perfeito acordo, cada um de nós é responsável por entender essas questões tão claramente quanto podemos através de um estudo diligente — e ajudar uns aos outros no processo.

Finalmente, Deus requer que O busquemos a fim de que possamos conhecê-Lo, embora Seus caminhos e Seus pensamentos sejam tão acima dos nossos assim como "os céus são mais altos do que a terra" (Isaías 55:8–9). Certamente, conforme conhecemos melhor a Deus, entenderemos Sua Palavra e Sua vontade mais plenamente. Deus é nosso Salvador, e conhecê-Lo é a vida eterna (João 17:3). Conhecer Deus deve incluir um entendimento crescente de tudo que Ele tem nos revelado em Sua Palavra.

Devemos viver, como Cristo disse (citanto Sua própria declaração como o EU SOU para Israel através de Moisés em Deuteronômio 8:3), "nem só de pão [...] mas de *toda* a palavra que sai da boca de Deus"

(Mateus 4:4). Salomão disse, "*toda* Palavra de Deus é pura" (Provérbios 30:5) (ênfase adicionada).

Então devemos cuidadosamente considerar e buscar entender *toda palavra*.

A Razão Mais Convincente

Supõe-se geralmente que quaisquer outros desacordos que possamos ter, quando o assunto é o evangelho de nossa salvação, ambos calvinistas e não calvinistas estão de pleno acordo. Muitos calvinistas, entretanto, discordam, afirmando que o evangelho bíblico *é o calvinismo*. Por exemplo: "o plano de salvação de Deus revelado nas Escrituras consiste do que é popularmente conhecido como os Cinco Pontos do Calvinismo"[9]. Loraine Boettner declara, "a grande vantagem da Fé Reformada é que na estrutura dos Cinco Pontos do Calvinismo ela expõe o que a Bíblia ensina sobre o modo de salvação"[10]. Outros insistem que "se você não conhece os Cinco Pontos do Calvinismo, você não conhece o evangelho, mas alguma perversão dele"[11]. B. B. Warfield afirmou, "o Calvinismo é o evangelicalismo em sua mais pura e única estável expressão"[12].

Tais declarações de que os "cinco pontos do calvinismo" constituem o evangelho elevam as preocupações sobre o calvinismo a um novo nível! Se muito estudo especial é exigido para entender o calvinismo, e se anos de estudo bíblico ainda deixará alguém ignorante nesse assunto, e se o Calvinismo *é o evangelho de nossa salvação* — então como ficam as multidões que pensam que são salvas, mas des-

9 Leonard J. Coppes, *Are Five Points Enough? The Ten Points of Calvinism* (Denver, CO: publicação do autor, 1980), p. 55.

10 Loraine Boettner, *The Reformed Faith* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1983), p. 24.

11 Fred Phelps, "The Five Points of Calvinism" (*The Berea Baptist Banner*, 5 fev. 1990), p. 21.

12 Benjamin B. Warfield, *Calvin and Augustine*. Samuel G. Craig, ed. (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1956), p. 497.

conhecem o calvinismo? Essa questão pode parecer divisiva, mas ela não pode ser ignorada.

Outra séria preocupação surge quanto à proclamação do evangelho ao mundo todo conforme Cristo mandou. Os calvinistas insistem que sua doutrina não diminui o zelo com que o evangelho deve ser pregado. Para apoiar essa afirmação, eles citam alguns dos grandes pregadores e missionários que foram firmes calvinistas, como George Whitefield, Adoniram Judson, William Carey e outros. É verdadeiro que, embora eles saibam que muitos a quem eles pregam não estão entre os eleitos, alguns calvinistas de fato pregam ardentemente para que os eleitos possam ouvir e crer.

É óbvio, entretanto, que o zelo de tais homens e mulheres ao levar o evangelho ao mundo não poderia ser *por causa* de seu calvinismo, mas somente *apesar* dele. Crer que aqueles que serão salvos foram ordenados pelo decreto de Deus, que ninguém mais pode ser salvo, e que os eleitos devem ser regenerados por um ato soberano de Deus sem o evangelho ou qualquer persuasão de algum pregador ou pela fé em Deus de sua parte, dificilmente poderia prover motivação para ardentemente pregar o evangelho. Não importa como o calvinista tenta argumentar em contrário, tal crença pode somente diminuir o zelo que uma pessoa razoável poderia de outra forma ter para alcançar os perdidos com o evangelho da graça de Deus em Cristo.

Enfrentando um Dilema Real

O evangelho que Pedro, Paulo e os outros apóstolos pregavam era para todos nas audiências às quais eles se direcionavam, onde quer que fossem: não era uma mensagem em que somente os eleitos poderiam crer. Pedro disse a Cornélio e à sua família e amigos, "e [Cristo] nos mandou pregar ao povo [não a um grupo seleto] [...] que [...] todos [entre o povo a quem ele pregava] os que nele creem receberão o perdão dos pecados" (Atos 10:42, 43).

Em contraste, o evangelho de Calvino diz que Cristo morreu, e Seu sangue expia somente pelos eleitos. Poderia isso ser o mesmo

evangelho que Paulo pregava? Paulo proclamou às audiências, "nós vos [todos vocês] anunciamos que a promessa [...]" (Atos 13:32). As "boas novas" do evangelho que Paulo pregava ecoava o que o anjo do Senhor tinha dito aos pastores no tempo do nascimento de Cristo: "vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo [...]" (Lucas 2:10). Essas novas de grande alegria diziam respeito ao fato de que "o Salvador do mundo" (Lucas 2:11; João 4:42) tinha nascido.

O evangelho de Calvino, entretanto, diz que Cristo não é o Salvador do mundo, mas somente dos eleitos. Como poderia essa mensagem ser "novas de grande alegria" àqueles a quem o Salvador não veio salvar e, por cujos pecados, Ele Se recusou a morrer?

Paulo podia e honestamente dizia a todos que encontrava, "Cristo morreu por você." Em completo contraste, um livro que durante muito tempo recomendamos aos leitores declara, "como um cristão reformado, o escritor [autor] crê que os conselheiros não devem dizer aos não salvos a quem aconselha que Cristo morreu por eles, pois *eles não podem dizer isso*. Ninguém mais sabe senão Cristo quem são os Seus eleitos por quem Ele morreu" (ênfase adicionada)[13].

O autor se declara um "cristão reformado". O que isso pode significar? Obviamente, a mensagem de salvação de Cristo para uns poucos escolhidos não traz "grande alegria" a "todo o povo".

Palmer escreve, "mas graças a Deus que a morte de Cristo foi uma garantia absoluta de que cada um dos eleitos seria salvo"[14]. Tão grande alegria chega para os eleitos apenas! Quanto ao resto, o evangelho de Calvino de que Deus predestinou sua condenação dificilmente poderia ser "novas de grande alegria"! Eis como Calvino coloca:

> Questão assaz intrincada, como parece a muitos, porquanto pensam não ser de modo algum coerente que da multidão comum dos homens uns sejam predestinados à salvação,

---

13 Jay E. Adams, *Competent to Counsel* (Grand Rapids, MJ: Baker Book House, 1970), p. 70.

14 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 92.

> outros à perdição [...]. Disto concluímos que todos aqueles que não se reconhecem parte do povo de Deus são miseráveis [não cheios de alegria], pois sempre estão num contínuo tremor [...].[15]

Que evangelho é esse? Por causa da eterna importância dessa questão para o mundo todo a quem Cristo nos comandou a levar o evangelho, somos obrigados a examinar o calvinismo mais detalhadamente à luz da Escritura. Poderia realmente ser verdadeiro, como insiste Arthur C. Custance, que o "calvinismo é o Evangelho e pregar o calvinismo é de fato pregar o Evangelho"[16]?

O calvinismo está fundamentado sobre o texto claro da Escritura? Ou ele requer uma interpretação de palavras e frases comuns como *todos*, *todos os homens*, *mundo*, *quem tiver sede*, *qualquer um* e *quem quiser* com o significado de "os eleitos"? É uma interpretação peculiar da Escritura exigida para sustentar essa doutrina?

Nossa preocupação é com a defesa do caráter do verdadeiro Deus, o Deus de misericórdia e amor cujas "misericórdias são sobre todas as Suas obras" (Salmos 145:9). A Bíblia declara que Ele "não quer que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se" (2 Pedro 3:9), "que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade" (1 Timóteo 2:4). Tal é o Deus da Bíblia de Gênesis a Apocalipse.

A discussão e o exame francos de questões importantes — especialmente o evangelho e a própria natureza e o caráter de Deus — podem ser somente saudáveis para o corpo de Cristo. É minha oração que nossa investigação do calvinismo e sua comparação com a Santa Palavra de Deus, como expresso nas páginas seguintes, tragam um esclarecimento proveitoso e necessário.

---

15 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxi.1.

16 Arthur C. Custance, *The Sovereignty of Grace* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1979), p. 302.

CAPÍTULO 3

JOÃO CALVINO E SUAS INSTITUTAS

O calvinismo e as controvérsias em torno dele têm confrontado protestantes por mais de quatrocentos anos.

É claro, todo o conflito na igreja remonta desde antes de João Calvino, até Agostinho, Pelágio e outros. Agostinho (Aurelius Augustinus, em latim) nasceu em 13 de novembro de 354, em Tagaste, pequena cidade perto da fronteira oriental da moderna Argélia. Seu pai era um oficial romano e pagão; sua mãe, Mônica, uma cristã. Em 386, após estudos em Filosofia, Direito e os clássicos (ele foi muito influenciado por Platão), um ano de ensino de Gramática e uma breve carreira como orador, Agostinho abraçou o cristianismo. Entrou para o que essencialmente era a Igreja Católica Romana de seu tempo, e estabeleceu um mosteiro, o qual ele mudou para Hipona, na África, ao ser nomeado seu bispo. Muitas vezes chamado de pai das principais doutrinas do catolicismo romano, como veremos, Agostinho influenciou fortemente filósofos posteriores e até hoje exerce uma grande influência entre os evangélicos, muito dessa influência através do calvinismo.

Embora a Igreja Católica Romana ainda não tivesse assumido a sua forma e poder atual, as fundações estavam sendo colocadas, nas quais Agostinho desempenhou um papel muito importante. Já em 27 de fevereiro de 380, o "Édito do Imperador Graciano, Valentiniano II e Teodósio I" declarava:

> Encomendamos àqueles que seguem essa doutrina a receberem o título de cristãos católicos, porém outros julgamos loucos, delirantes e dignos de incorrerem na desgraça do ensino herético, nem devem suas assembleias receber o nome de igrejas. Eles devem ser punidos, não somente pela divina retribuição, mas também por nossas próprias normas, as quais temos decidido, de acordo com a inspiração divina.[1]

Nascido na Grã-Bretanha perto do final do século IV, Pelágio alcançou fama depois da queda de Roma em agosto de 410, o que

1 Sidney Z. Ehler e John B. Morrall, *Church and State Through the Centuries: A Collection of Historic Documents and Commentaries* (Londres, 1954), p. 7.

o obrigou a fugir para o norte da África. Lá, ele entrou em conflito aberto com Agostinho por causa de seus pontos de vista de que tinha havido seres sem pecado antes de Cristo e de que era possível através do esforço humano, auxiliado pela graça, a qualquer um viver sem pecar. Ele alegava que Adão era mortal quando foi criado e que seu pecado não trouxe a morte sobre a humanidade, mas afetou somente ele. Consequentemente, as crianças nascem no mesmo estado em que Adão se encontrava antes de pecar. Além disso, as boas obras eram essenciais para a salvação, especialmente para o rico, pois dar os seus bens aos pobres ajudaria a efetuar a transformação moral da sociedade, a qual ele acreditava ser possível. Ele considerava "perdoa os nossos pecados" como uma oração envolvendo falsa humildade e imprópria para os cristãos, visto que o pecado não é uma necessidade, mas a própria culpa do homem.

O semipelagianismo foi desenvolvido alguns anos mais tarde por um monge francês, João Cassiano, que modificou o pelagianismo, negando as suas opiniões extremas quanto ao mérito humano e aceitando a necessidade do poder do Espírito Santo, porém mantendo a crença de que o homem pode fazer o bem, que ele pode resistir à graça de Deus, que ele deve cooperar na eleição, que tem o arbítrio para escolher entre o bem e o mal, e que pode perder sua salvação. Aqueles que rejeitam o calvinismo são frequentemente acusados de promover o semipelagianismo, o qual é um rótulo muito amplo e geralmente é uma falsa acusação. Tais rótulos podem ser enganosos — incluindo o rótulo de "calvinista", por causa dos muitos graus e variações do calvinismo.

Embora geralmente reconhecendo que Agostinho foi a fonte da maior parte do que Calvino ensinou, os calvinistas discutem entre si sobre a composição exata dessa doutrina. Hoje, nem o próprio Calvino concordaria completamente com muitos de seus seguidores. Uma tentativa é feita nas páginas seguintes para citar aqueles que representam o ponto de vista atual entre a maioria dos calvinistas.

Mesmo sem a crescente controvérsia, no entanto, João Calvino é digno de estudo por causa do enorme impacto que teve e continua a ter no mundo cristão. O reformador escocês, John Knox, considerado o fundador da Igreja Presbiteriana, passou vários anos em Genebra

e trouxe o calvinismo à Escócia e ao movimento presbiteriano. Daniel Gerdes disse, "os esforços de Calvino foram tão úteis à Igreja de Cristo, que dificilmente é possível encontrar algum departamento do mundo cristão que não esteja repleto deles"[2]. Tem sido dito que "ninguém na história da Igreja tem sido mais admirado e ridicularizado, amado e odiado, abençoado e amaldiçoado"[3]. Vance afirma que "o prodigioso impacto de Calvino sobre o cristianismo ainda tem de ser compreendido". Ele passa a se referir a:

> [...] instituições e organizações como a Calvin College (Faculdade Calvino), o Calvin Seminary (Seminário Calvino), o *Calvin Theological Journal* (O Jornal Teológico Calvino), o *International Congress on Calvin Research* (Congresso Internacional de Pesquisas sobre Calvino), a *Calvin Translation Society* (Sociedade de Tradução Calvino), a *Calvin Foundation* (Fundação Calvino), e o *H. Henry Meeter Center for Calvin Studies* (Centro H. Henry Meeter de Estudos sobre Calvino), que contém mais de 3.000 livros e 12.000 artigos relativos a João Calvino. A maioria dos escritos de Calvino ainda está disponível hoje, o que é uma façanha, considerando que ele viveu há mais de 400 anos atrás. Há ainda mais de 2.000 dos sermões de Calvino, enquanto as obras completas de Calvino ocupam cinquenta e nove volumes no *Corpus Reformatorum*. Estudantes universitários e seminaristas tanto presbiterianos como de escolas reformadas têm a opção de fazer um curso inteiro sobre João Calvino. Além disso, Calvino tem a honra de ser mencionado em todo dicionário, enciclopédia e livro de história, tanto sacros quanto seculares.[4]

2 Citado em Philip Schaff, *History of the Christian Church* (Nova Iorque: Charles Scribner, 1910; Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., reimpressão de 1959), vol. 8, p. 281.

3 Georgia Harkness, *João Calvino: The Man and His Ethics* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1958), p. 3.

4 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism* (Pensacola, FL; Vance Publications, edição revisada em 1999), pp. 69–70.

Quanto de Calvino há no Calvinismo?

Existe hoje uma tentativa de desassociar Calvino do Calvinismo, por causa de suas primitivas origens em Agostinho e na Bíblia Vulgata latina. Além disso, não foi até o Grande Sínodo de Dort (Dordrecht), mais de cinquenta anos após a morte de Calvino, que os cinco pontos do calvinismo foram primeiramente expostos em ordem. Ironicamente, essa declaração veio somente como uma expressão de oposição aos cinco pontos do arminianismo. No entanto, aquele sistema de pensamento continua a ser universalmente conhecido como "calvinismo". Loraine Boettner diz, "[...] foi Calvino quem idealizou esse sistema de pensamento teológico com tal clareza e ênfase lógica, que desde então ele tem sido associado ao seu nome"[5]. De onde ele realmente veio, como veremos no capítulo seguinte, é admitido por Custance que diz que Agostinho foi "talvez o primeiro depois de Paulo a perceber a Total Depravação do homem"[6]. Farrar concorda: "a ele [Agostinho] [...] [é] devida a exagerada doutrina da total depravação humana [...]"[7].

A despeito das suas longínquas e variadas origens, bem como do seu desenvolvimento, o termo "calvinismo" permanece como a identificação mais usada. Como Engelsma diz, falando pela esmagadora maioria dos calvinistas, "foi Calvino quem desenvolveu essas verdades, sistemática e plenamente, e, por isso, elas vieram a ser chamadas pelo seu nome"[8]. B. B. Warfield declara: "foi ele quem deu uma teologia ao movimento evangélico"[9]. Timothy George escreve

---

5 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Philipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), pp. 3–4.

6 C. Custance, *The Sovereignty of Grace* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Refonned Publishing Co., 1979), p. 18.

7 Frederic W. Farrar, *History of Interpretation* (Nova Iorque: E. P. Dutton and Co., 1886), p. 24.

8 David J. Engelsma, *A Defense of Calvinism as The Gospel* (The Evangelism Committee, Protestant Reformed Church, n. d.), p. 22.

9 Benjamin B. Warfield, *Calvin and Augustine*. Samuel G. Craig, ed. (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1956), p. 22.

que foi Calvino quem "apresentou mais claramente e de forma mais magistral do que qualquer um antes dele os elementos essenciais da teologia protestante"[10]. R. Tudor Jones chama as *Institutas* de Calvino "uma das obras seminais da teologia cristã [...] seu pensamento foi a força motriz por trás das mudanças revolucionárias em vários países europeus"[11]. Edwin H. Palmer expressa uma admiração por Calvino que parece crescer cada vez mais forte entre os seus seguidores:

> O nome calvinismo tem sido frequentemente utilizado, não porque Calvino foi o primeiro ou o único que o ensinou, mas porque, após o longo silêncio da Idade Média, ele foi o mais eloquente e sistemático expositor dessas verdades. Para o iniciante, no entanto, é como se Calvino tivesse dado origem a elas.[12]

Obviamente, os calvinistas estão convencidos de que a própria Bíblia é a verdadeira fonte desse sistema religioso. C. H. Spurgeon declarou: "eu não acredito em coisa alguma porque Calvino a ensinou, mas porque eu encontrei o seu ensino na Palavra de Deus [...]"[13]. "Nós sustentamos e afirmamos repetidas vezes que a verdade que Calvino pregou foi a própria verdade que o apóstolo Paulo há muito tempo escreveu em suas epístolas inspiradas, e que está claramente revelada nos discursos de nosso Bendito Senhor"[14].

Nós respeitosamente discordamos desse grande pregador. Certamente, Spurgeon teve que escolher quais das crenças de Calvino

10 Timothy George, *Theology of the Reformers* (Nashville, TN: Broadman Press, 1988), p. 179.

11 R. Tudor Jones, *The Great Reformation* (Downer's Grove, IL: InterVarsity Press, n. d.), p. 133.

12 Edwin H. Palmer, prefácio a *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão em 1999), p. 2.

13 Carlos Haddon Spurgeon, *Autobiography of Charles H. Spurgeon* (Filadélfia, PA: American Baptist Society, sem data), vol. 44, p. 402.

14 Spurgeon, *Autobiography*, vol. 47, p. 398.

abraçaria. Na verdade, como veremos, especialmente em seus últimos anos, muitas vezes Spurgeon fez declarações que estavam em conflito direto com o calvinismo. Seu sermão favorito, aquele através do qual ele disse que mais almas tinham vindo a Cristo do que por qualquer outro, foi criticado por muitos calvinistas como sendo arminiano!

Quanto de Catolicismo Há no Calvinismo?

Nas páginas seguintes, nós documentaremos o fato de que o amplo elogio que é lançado sobre Calvino como um grande exegeta é mal colocado. Ele ensinou muita coisa que estava claramente errada e que seus seguidores evangélicos de hoje ou não sabem ou talvez não queiram saber. Há muito erro grave contido nos escritos de Calvino — batismo infantil, regeneração batismal, condenação pelo prazer de Deus, doutrina imposta com a espada secular, etc.

Apenas por causa de tais doutrinas, a perícia de Calvino como um excelente exegeta da Palavra de Deus é suspeita. Muito do seu ensino é reconhecido hoje no catolicismo romano. Deixemos aqueles evangélicos que elogiam Calvino como completamente bíblico, justificarem, por exemplo, o seguinte das suas *Institutas*:

> Eu creio na Santa Igreja Católica [...] de onde flui perpétua remissão dos pecados e completa restauração à vida eterna[16]. Contudo, uma vez que agora nosso propósito é discorrer acerca da Igreja visível, aprendamos, mesmo do seu mero título de Mãe, quão útil, ainda mais, quão necessário nos é seu conhecimento, visto que não há outro meio ingresso à vida, a não ser que ela nos conceba no ventre, a não ser que nos dê à luz, a não ser que nos nutra em seus seios, enfim, sob sua guarda e seu governo nos retenha, até

15 João Calvino, "Method and Arrangement", em *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), p. 29.

> que, despojados da carne mortal, haveremos de ser semelhantes aos anjos [...]. Anotemos também que fora de seu grêmio não há de se esperar qualquer remissão de pecados, nem qualquer salvação, como o atestam Isaías [37:32] e Joel [2:32] [...]. De sorte que é sempre funesto o afastamento da Igreja.[16]

É claro que, por "Igreja Católica", ele não quis dizer a Igreja Católica *Romana*, mas a verdadeira igreja universal. Entretanto, em parte alguma na Escritura a Igreja é chamada "Mãe" ou se credita a ela que nos conceba no seu ventre para a vida espiritual. A única igreja chamada "Mãe" é a "MÃE DAS PROSTITUIÇÕES" (Apocalipse 17:5); a falsa igreja com sede no Vaticano. Nem a verdadeira igreja é alguma vez referida como o meio de "ingresso à vida" ou de perdão dos pecados. Calvino está simplesmente refletindo ideias católicas, as quais absorveu quando era um devoto católico romano durante os primeiros vinte e quatro anos sua vida e, especialmente, através dos escritos de Agostinho, o maior de todos os católicos.

Quanto a Isaías 37:32 e todo o livro de Joel, poucos estudantes da Bíblia aplicariam à igreja. Isaías se refere a um remanescente de Israel escapando do Monte Sião durante um julgamento vindouro, enquanto Joel se refere a um remanescente sendo preservado em Sião. Mesmo se alguém erroneamente equiparasse Israel com a Igreja, ainda assim essas passagens não apoiariam as declarações de Calvino.

É claro que, ao se tornar protestante, Calvino rejeitou o papado como a representação da igreja verdadeira. Ele declarou que "ao nos apartar da funesta participação de tantas abominações, nenhum perigo há de que sejamos arrancados da Igreja de Cristo"[17].

No entanto, embora condene o romanismo como falso, ele traz para o protestantismo muito de sua estrutura e falsas visões, tais como o batismo infantil, um clero com poderes especiais e a eficácia dos sacramentos realizados somente por esse clero. Falaremos sobre o assunto posteriormente.

---

16 Ibid., vol. 4, i.4.

17 Ibid., vol. 4, ii.2.

Infância e Conversão

O homem conhecido hoje em todo o mundo como João Calvino, e que geralmente é creditado como o fundador do sistema protestante que leva seu nome, nasceu em 10 de julho de 1509 em Noyon, na França, como Jean Chauvin (seu nome francês). Era de uma devotada e religiosa família católica romana de proeminência em uma cidade eclesiástica dominada pelo bispo local e seus sacerdotes assistentes. Como secretário e assessor jurídico do bispo, o pai de Jean, Gerald, era um participante interno em um sistema político-religioso corrupto.

Com um pouco de nepotismo antiquado e bastante comum, o jovem Jean foi arrolado na folha de pagamento da Igreja aos doze anos de idade, permanecendo nela por treze anos — até um ano depois de sua aparente conversão ao protestantismo de Lutero. Desde os seus primeiros anos, Jean foi o beneficiário de uma parceria ímpia entre as autoridades civis e religiosas que mantinham as pessoas comuns em cativeiro — uma parceria dominada pela Igreja. Esse foi um modelo que Jean mais tarde implementaria com eficiência ainda maior em Genebra, Suíça, incluindo o domínio da Igreja nos assuntos civis, a perseguição e até mesmo a execução daqueles acusados de heresia.

Após entrar no *Collège de La Marche*, na Universidade de Paris, o amor de Jean pelo latim se refletiu em seu registro como Johannes Calvinus (seu nome latino). Lá ele diligentemente perseguiu o conhecimento, gastando excessivamente longas horas de estudo compulsivo, as quais repercutiram mal sobre a sua saúde nos anos posteriores e, possivelmente, encurtaram a sua vida. Ele era conhecido por sua profunda piedade católica e pela forte repreensão à moral de seus amigos.

De forma bastante inesperada, em 1528, o pai de Jean, Gerald, foi excomungado da Igreja Católica Romana. Pouco tempo depois, o irmão de Calvino, um padre, também foi excomungado sob a acusação de heresia. Como resultado, Gerald enviou Jean/Johannes, que estava estudando para o sacerdócio, a Orléans para estudar Direito.

Calvino mais tarde explicou: "meu pai me destinara para a Teologia desde a minha infância. Mas visto que a carreira de Direito se mostrou muito lucrativa em todos os lugares a seus praticantes, essa

perspectiva de repente o fez mudar de ideia"[18]. Essa nova busca se tornou a paixão do jovem Jean e, possivelmente, estabeleceu algumas das bases para o legalismo, que mais tarde se tornou tão difundido no sistema de teologia que ele posteriormente desenvolveria.

Depois de ganhar um Bacharelado em Direito em 1531 (a ele mais tarde seria concedido um doutorado em Direito), Jean — agora Johannes (João) — voltou a Paris e mergulhou em um estudo apaixonado da literatura clássica e publicou sua primeira peça escrita, um ensaio em latim sobre *De Clementia*, de Sêneca. O historiador Will Durant diz que João, ainda um devoto católico romano, "parecia dedicado ao humanismo, quando alguns sermões de Lutero chegaram até ele e o surpreenderam pela sua audácia"[19]. Discussões secretas sobre a corajosa dissensão logo arrastaram Calvino para um círculo de jovens intelectuais e humanistas que estavam desejando a reforma da Igreja alinhada à corajosa rebelião de Lutero contra o Papa.

Em janeiro de 1534, embora um protestante ainda não completamente maduro, Calvino se tornou o defensor público das ideias de Lutero, tanto que ele foi forçado a fugir de Paris. Encontrando refúgio na cidade de Angoulême, ele começou a escrever o seu volumoso clássico, *Institutas da Religião Cristã*, e de forma notável, finalizou a primeira e a menor das edições no ano seguinte (1535). Boettner reconhece:

> A primeira edição [em latim] continha num breve esboço todos os elementos essenciais de seu sistema, e, considerando a juventude do autor, foi uma maravilha da precocidade intelectual. Posteriormente, essa edição foi ampliada para cinco vezes o tamanho da original e publicada em francês, porém ele nunca fez qualquer mudança radical de quaisquer das doutrinas enunciadas na primeira edição.[20]

18 William J. Bouwsma, *João Calvino: A Sixteenth Century Portrait* (Reino Unido: Oxford University Press, 1988), p. 10.

19 Will Durant, "*The Reformation*", parte VI de *The Story of Civilization* (Nova Iorque: Simon and Schuster, 1957), p. 460.

20 Boettner, *Reformed*, p. 403.

Os calvinistas de hoje evitam o fato incômodo de que em todos os seus volumosos escritos Calvino nunca fala sobre o seu novo nascimento através da fé em Cristo. Ele considerava que sempre foi um cristão a partir do momento de seu batismo infantil católico romano: "[...] em qualquer tempo em que formos batizados, somos lavados e purificados de uma vez para toda a vida [...] deve recorrer-nos a lembrança do batismo, e nossa mente deve armar-se, para que esteja sempre certa e segura da remissão dos pecados [...] ele nos lava e nos limpa de todas as impurezas"[21]. Ele confiou nesse batismo como prova de que era um dos eleitos[22] e denunciou todos os que, como os evangélicos ex-católicos de hoje, foram batizados após crer no evangelho.

Aqueles que foram salvos do catolicismo e batizados como crentes ficaram conhecidos como anabatistas e foram perseguidos por católicos, luteranos e calvinistas. Desses anabatistas, próximo ao tempo de sua conversão ao protestantismo de Lutero, Calvino escreveu: "não se deve estar contente em simplesmente matar essas pessoas, mas deve-se queimá-las cruelmente"[23]. Calvino os baniu de Genebra, em 1537[24]. Como poderiam os ex-católicos de hoje, nascidos de novo e batizados, considerar Calvino como um deles? Eles não poderiam — e não deveriam.

As Institutas de Calvino

Em suas *Institutas*, Calvino magistralmente desenvolveu a sua própria marca de cristianismo. Ela foi sem dúvida uma expansão do agostinianismo e fortemente influenciada pela tradução da Vulgata Latina — a Bíblia oficial da Igreja Católica Romana, e aquela que Cal-

21 Calvino, *Institutes*, vol. 4, xv.3.

22 Ibid., 1–6; xvi.24, etc.

23 Roland Bainton, *Michel Servet, heretique et martyr* (Genebra: Iroz 1953), pp. 152–153, citando carta de 26 fev. 1533, agora perdida.

24 Bernard Cottret, *Calvin: A Biography* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2000), p. 129; Calvino, *Institutes*, vol. 4, xv.16; vol. 4, xvi.31.

vino estudou no seu latim original. As *Institutas*, surgindo dessas duas fontes primárias, têm influenciado sucessivas gerações de uma forma muito além daquela que seu jovem autor poderia ter imaginado naquele momento.

A maioria das pessoas hoje, incluindo os líderes evangélicos que têm Calvino em grande estima, não estão conscientes de que têm sido cativados pelos escritos de um devoto católico romano recém-convertido ao protestantismo de Lutero, que havia rompido com Roma somente um ano antes.

Estranhamente, Calvino se manteve na folha de pagamento da Igreja Católica Romana por quase um ano após alegar ter sido miraculosamente livrado do "profundo lamaçal" de "apego obstinado à superstição do papado"[25]. Não foi até 4 de maio de 1534 que ele voltou à sua cidade natal de Noyon para se demitir do emprego episcopal, quando foi detido e preso, conseguiu escapar e fugiu[26]. Embora estivesse fugindo e mudando de residência, Calvino finalizou suas *Institutas* originais em agosto de 1535. A primeira edição foi publicada em março de 1536[27].

Por qualquer padrão, esse jovem, embora excepcionalmente brilhante, estava longe da maturidade na fé cristã. O próprio Calvino disse: "fiquei muito surpreso de que, antes que um ano se passasse [após ele ter deixado a Igreja Romana], todos aqueles que tinham algum desejo pela pura doutrina se dirigiam a mim a fim de aprender, *embora eu próprio tenha feito pouco mais do que começar*" (ênfase adicionada)[28].

Inquestionavelmente, suas *Institutas* não poderiam, possivelmente, ter vindo a partir de uma profunda e totalmente desenvolvida

---

25 João Calvino, *Commentary on Psalms – Volume 1*, prefácio do autor. Disponível em <http://www.cal.org/c/calvin/comment3/comm_vol08/htm/TOC.htm>.

26 J. D. Douglas, *Who's Who In Christian History*, pp. 128–129; citado em Henry R. Pike, *The Other Side of João Calvino* (Head to Heart, sem data), pp. 9–10. Veja também Alister E. McGralh, *A Life of João Calvino* (Cambridge, MA: Blackwell Publishers, 1990), p. 73; e Jones, *Reformation*, p. 127.

27 Jones, *Reformation*, p. 127.

28 Calvin, *Commentary on Psalms*, prefácio.

compreensão evangélica da Escritura. Em vez disso, elas vieram do entusiasmo energético de um recém-graduado em Direito e estudante fervoroso de Filosofia e Religião, um jovem entusiasta dedicado a Agostinho e a uma causa recém-adotada. Durant diz:

> [Como] um rapaz de vinte e seis anos, ele completou o mais eloquente, fervoroso, lúcido, lógico, influente e terrível trabalho em toda a literatura da revolução religiosa [...]. Ele trouxe para a Teologia e a Ética, a lógica, a precisão e a severidade das *Institutas* de Justiniano e deu à sua própria obra-prima um nome similar.[29]

De maneira louvável, assim como Lutero e outros reformadores, Calvino estava determinado de que a Escritura seria a sua única autoridade. No início das *Institutas*, ele previu essa fundamentação, afirmando que "se volvermos para eles [os livros da Bíblia] olhos puros e sentidos íntegros, a majestade de Deus prontamente nos será manifesta, à qual, subjugada nossa ousadia de contraditá-la, somos compelidos à obediência"[30].

Calvino reverenciava a Palavra de Deus como superando qualquer coisa que o homem já tinha produzido ou jamais poderia produzir, e que, "comparadas com sua enérgica influência, as belezas dos retóricos e filósofos quase que se desvanecem totalmente, de sorte que é fácil perceber que as Sagradas Escrituras, que em tão ampla escala superam a todos os dotes e graças da indústria humana, respiram algo de divino [...]"[31]. Ninguém pode questionar o zelo de Calvino em seguir a Bíblia ou a sua sincera convicção de que o que ele concebeu e ensinou era verdadeiro em relação à Palavra de Deus. No entanto, assim como os bereanos buscavam diariamente as Escrituras para determinar se o ensinamento de Paulo era fiel à Palavra de Deus, assim nós devemos fazer com o ensino de Calvino.

---

29 Durant, "Reformation", vol. VI: *Civilization*, pp. 459–460.

30 Calvino, *Institutes*, vol. 1, vii.4.

31 Ibid., viii.1.

No momento de escrever suas *Institutas*, Calvino, longe de ser um apóstolo como Paulo, era na melhor das hipóteses um recém-convertido. Portanto, ao escrever as *Institutas*, Calvino buscou compensar o que faltava em maturidade espiritual e orientação do Espírito Santo com sua brilhante mente legal. Apesar de sua inteligência natural, entretanto, esse jovem entusiasta parecia cego ao fato de que a parceria que mais tarde ele forjou em Genebra entre a igreja e o Estado (como Lutero também fez) foi um dos maiores erros do Catolicismo Romano e a própria antítese da vida e do ensino de Cristo. Os remanescentes desse erro ainda infestam a Europa de hoje sob a forma de igrejas estatais.

Elementos Básicos: Soberania e Predestinação

O fundamento básico desse novo sistema religioso que iria revolucionar muito do protestantismo era uma visão extremada da soberania de Deus, a qual negava a vontade do ser humano e considerava a igreja como sendo o reino de Deus sobre a terra — ambas as visões inspiradas nos escritos de Agostinho. Verduin escreve de Agostinho: "aqui nós temos uma representação inicial da noção de que a Igreja de Cristo foi destinada pelo seu Fundador para figurar em uma situação radicalmente diferente daquela descrita no Novo Testamento [...]. Essa ideia enunciada por Agostinho [...] levou a todos os tipos de absurdos teológicos"[32].

Agostinho ensinou que o pré-conhecimento era o mesmo que a predestinação: "consequentemente, às vezes, a mesma predestinação é representada também sob o nome de pré-conhecimento"[33]. Assim, o pré-conhecimento de Deus *causa* os eventos futuros. Curiosamente, R. C. Sproul escreve que "não há coisa alguma na visão de Calvino sobre a predestinação que não

32 Leonard Verduin, *The Reformers and Their Stepchildren* (Sarasota, FL: Christian Hymnary Publishers, 1991), p. 66.

33 Agostinho, *On The Gift of Perseverance*, capitulo 47. Disponível em <http://whitefield.freeservices.com/augustine06.html>.

tenha sido proposta anteriormente por Lutero, e por Agostinho antes dele"[34]. Calvino via Deus com o autor de todo evento, incluindo todos os pecados:

> Se Deus apenas antevisse os eventos dos homens, contudo, de Seu arbítrio também não os dispusesse e ordenasse, então, não sem causa, se ventilaria a questão de se por acaso sua presciência tenha influência sobre sua necessidade. Quando, porém [...] assim decretou que acontecessem, [...] está evidente que todas as coisas sucedem antes por Sua ordenação soberana.[35]

R. C. Sproul afirma claramente, "Deus deseja que todas as coisas aconteçam [...]. Deus criou o pecado"[36]. Dessa visão extremada da soberania de Deus veio a compreensão da predestinação de Calvino. Segundo ele (seguindo o ensinamento de Santo Agostinho), na eternidade passada Deus decidiu salvar apenas uma fração da raça humana e decretou que o restante seria enviado para o tormento eterno — simplesmente porque esse era o prazer da sua boa vontade:

> Portanto, aqueles a quem Deus pretere, também os reprova, não por outra causa, mas porque os quer excluir da herança para a qual predestina a Seus filhos [...].[37]

> Porque, se todos são passíveis de juízo de morte, por condição natural, os que o Senhor predestina à morte, pergunto, de que iniquidade hão de queixar-se? [...] por que antes mesmo de serem gerados foram predestinados à perpétua miséria por Sua eterna providência [...]. Que poderão voci-

---

34 R. C. Sproul, *Grace Unknown* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997), p. 189.

35 Calvino, *Institutes*, vol. 3, xxiii.6.

36 R. C. Sproul, Jr., *Almighty Over All* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999), p. 54.

37 Calvino, *Institutes*, vol. 3, xxiii.1.

> ferar contra essa vindicação [...]?[38]
>
> O grande Deus [...] cujo prazer é infligir punição nos tolos e transgressores, visto que Ele não Se agrada de conceder a eles Seu Espírito [...]. Além dessa, nenhuma outra causa pode ser aduzida senão a reprovação, a qual está oculta no conselho secreto de Deus[39].
>
> Uma vez que esteja na mão de Deus a disposição de todas as coisas, [...] assim ordena que entre os homens nasçam aqueles destinados à morte certa desde a madre, para que, por meio de sua condenação, Lhe glorifiquem o nome.[40]
>
> Segundo o arbítrio de Seu beneplácito, Deus elege por filhos, sem nenhum mérito, aqueles a quem bem Lhe apraz, rejeitando e reprovando os demais [...] é justo que o Juiz se mostre justo punindo [...] essas afirmações de Agostinho se enquadram mui esplendidamente [...]. Quando os outros vasos são feitos para desonra, isso deve ser lançado à conta não da iniquidade, mas do juízo.[41]

Ao longo de suas *Institutas*, Calvino raramente menciona ou considera o amor de Deus, o qual, na visão dele, é secundário à soberania divina. Lutero, também, estava convencido de que Deus, por Sua própria escolha soberana, e independente de qualquer coisa no homem, tinha desde a eternidade passada determinado a quem Ele salvaria e a quem Ele condenaria. Calvino (como Agostinho e a maioria dos calvinistas hoje) disse que Deus poderia prever o futuro so-

38 Ibid., 3.

39 Ibid., 4.

40 Ibid., 6.

41 Ibid., 10–11.

mente porque Ele assim o quis[42]. Aqui nós temos a horrível doutrina da reprovação, da própria pena de Calvino, ecoando mais uma vez o seu mentor, Agostinho:

> Portanto, estamos afirmando o que a Escritura mostra claramente: que designou de uma vez para sempre, em Seu eterno e imutável designio, aqueles que Ele quer que se salvem, e também aqueles que quer que se percam. Esse designio, no que respeita aos eleitos, afirmamos haver-se fundado em Sua graciosa misericórdia, sem qualquer consideração da dignidade humana; aqueles, porém, aos quais destina à condenação, a esses de fato por Seu justo e irrepreensível juízo, ainda que incompreensível, lhes embarga o acesso à vida [...]. Mas quando o Senhor sela Seus eleitos pelo chamado e pela justificação, também ao excluir os réprobos tanto do conhecimento do Seu nome quanto da santificação do Seu Espírito, Ele, dessa maneira, revela o julgamento que os espera.[43]

Depravação e "Mistério"

Obviamente, a misericórdia de Deus como Calvino a compreendia era muito limitada. Seu principal campo de estudo foi a justiça de Deus, e é indiscutível que Deus seria justo ao condenar a raça humana inteira. A verdadeira questão, no entanto, é se Deus, que *é amor*, negligenciaria tornar a salvação disponível a *qualquer pessoa* — muito menos predestinaria à condenação multidões que Ele *poderia* salvar se Ele assim o desejasse. A Bíblia claramente proclama o amor de Deus por toda a humanidade e Seu desejo de que todos sejam salvos. É em defesa do amor e do caráter de Deus que propomos confrontar o calvinismo contra a Palavra de Deus.

42 Ibid., xxi–xxii.

43 Ibid., xxi.7.

De acordo com Calvino, ao invés da salvação depender de se uma pessoa livremente crê no Evangelho, ela depende de se Deus a predestinou para salvação. Ninguém poderia crer para a salvação sem que Deus o regenere e em seguida produza a fé para crer naquele que Ele já escolheu. Essa conclusão segue logicamente da visão extrema da depravação humana de Calvino, a qual ele estabeleceu em seus primeiros escritos:

> A mente do homem está tão inteiramente alienada da justiça de Deus que ela concebe, deseja e se empenha aquilo que é ímpio, perverso, imundo, impuro e infame. Seu coração está tão completamente infectado pelo veneno do pecado, que ele não pode produzir coisa alguma senão aquilo que é corrupto; e se em qualquer momento os homens fazem qualquer coisa aparentemente boa, ainda assim a mente sempre permanece envolta em hipocrisia e engano, e o coração escravizado por sua íntima perversidade.[44]

Por Depravação Total, o calvinismo quer dizer *incapacidade*: se abandonados a si mesmos, todos os homens não somente não buscam a Deus, como também estão *totalmente incapazes* de buscá-Lo, muito menos de crer em Jesus Cristo para a salvação de suas almas. Calvino então declara, como consequência dessa total incapacidade da parte do homem (alguns calvinistas definem inabilidade não como incapacidade, mas sim como falta de desejo), que Deus *faz com que alguns homens* venham a crer da mesma forma que Ele faz com que *todos* venham a pecar. Devemos então concluir que Deus, *que é amor*, não ama todos os homens o suficiente para salvá-los do castigo eterno, mas reserva o Seu amor para um grupo seleto, chamado de eleitos.

Alguns calvinistas, envergonhados por esse ensinamento, tentam negar que Calvino ensinou que Deus decretou a condenação dos perdidos e também dos tais Ele reteve a Graça Irresistível, a qual Ele outorgou apenas aos eleitos. Em vez disso, eles dizem que Ele sim-

44 Ibid., vol. 2, v.19.

plesmente "abandona os não eleitos em Seu justo julgamento à sua própria impiedade e obstinação"[45].

Tal como Agostinho, Calvino ensinou as duas coisas. Claramente, entretanto, *permitir* que alguém a quem Deus *poderia* salvar de ir para o inferno (não importa o quanto eles mereciam) é o mesmo que os *designar* para esse destino, o que Calvino chamava de "reprovação". Também não existe qualquer dúvida de que, através da Graça Irresistível do calvinismo, Deus *poderia* salvar toda a raça humana se assim quisesse fazer. Seguramente, um Amor Infinito não permitiria que aqueles que são amados sofressem o tormento eterno — mas Deus, de acordo com o calvinismo, tem o prazer em condenar bilhões. Tal ensino deturpa o Deus da Bíblia, como documentaremos a partir das Escrituras.

Em última análise, nenhuma racionalização pode explicar a rudeza da linguagem de Calvino, isto é, o prazer de Deus "para condenar à destruição" aqueles que Ele "pela Sua providência eterna [...] antes de seu nascimento condenou à perpétua destruição [...]". Essa designação soberana de alguns para a felicidade e outros para o tormento eterno era uma amostra do poder de Deus que, segundo a maneira de pensar de Calvino, "promoveria a nossa maior admiração da Sua glória"[46].

Até os não cristãos acham esta doutrina chocante: Deus é glorificado na predestinação de alguns para a salvação e de outros para a condenação, embora não haja qualquer diferença de mérito entre os salvos e os perdidos. Entretanto, que Deus deixaria *qualquer pessoa* ao tormento eterno do qual poderia ser resgatada seria rebaixar a Deus, visto que fazer isso é repugnante à consciência e à compaixão que o próprio Deus colocou dentro de toda a humanidade!

Ao mesmo tempo em que pronunciou dogmaticamente essa doutrina, o próprio Calvino admitiu que essa doutrina era repugnante à razão inteligente. Tal como no catolicismo romano, Calvino tentou escapar das contradições evidentes no seu sistema invocando "mistério":

---

45 Cânones de Dort (Dordrecht, Holanda, 1619), pp. 1, 6.

46 Calvino, *Institutes*, vol. 1, xxi.1.

> Paulo [...] elevando-se ao sublime mistério da predestinação[...][47]

> Quão pecaminoso é insistir em conhecer as causas da vontade divina, visto que ela mesma é, e justamente deve ser, a causa de tudo quanto existe [...]. Quando, pois, se pergunta por que o Senhor agiu assim, há de se responder: porque Ele quis [...]. Disso nenhuma outra causa pode ser aduzida senão a reprovação, a qual está oculta no conselho secreto de Deus.[48]

Calvino afirma derivar da Bíblia o ensino de que Deus, para a Sua glória, predestinou vastas multidões à condenação eterna, sem lhes permitir qualquer escolha. Na verdade, quando ele ainda era um católico romano ele já tinha chegado a essa conclusão a partir da sua imersão nos escritos de Agostinho e na gravemente corrompida Bíblia Católica Romana oficial, a Vulgata Latina.

Spurgeon, embora calvinista (a quem os calvinistas adoram citar em seu apoio), que por vezes confirmava a Expiação Limitada, foi incapaz de escapar de sua consciência dada por Deus. Seu coração de evangelista é muitas vezes traído em declarações que expressam uma compaixão pelos perdidos e um desejo pela sua salvação — compaixão essa que contradizia o calvinismo que ele pregava em outras vezes. Por exemplo:

> Como é o *meu* desejo [e] o *seu* desejo [...] da mesma forma é a vontade de Deus que todos os homens sejam salvos [...]. Ele não é menos benevolente do que nós somos.[49]

> É impossível conciliar essa afirmação com a doutrina da Expiação Limitada, a qual Spurgeon em outras ocasiões afirmava. É irracional dizer que Deus deseja sinceramente

---

47 Ibid., vol. 2, xli.5.

48 Ibid., vol. 3, xxiii.2, 4.

49 C. H. Spurgeon, *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 26, pp. 49–52.

a salvação de todos, porém enviou o Seu Filho para morrer por apenas alguns. Mas essa, como veremos, é apenas uma das muitas contradições nas quais o calvinismo aprisiona os seus adeptos.

CAPÍTULO 4

A SURPREENDENTE CONEXÃO ENTRE O CALVINISMO E O CATOLICISMO

Não há dúvida de que Calvino impôs à Bíblia certas interpretações errôneas oriundas da sua formação católica romana. Muitos líderes calvinistas concordam que os escritos de Agostinho eram a real fonte da maioria dos ensinos do que hoje é conhecido como calvinismo. Os calvinistas David Steele e Curtis Thomas apontam que "as doutrinas básicas da posição calvinista foram vigorosamente defendidas por Agostinho contra Pelágio no século quinto"[1].

Em seu livro revelador, *The Other Side of Calvinism* [O Outro Lado do Calvinismo], Laurence M. Vance detalhadamente documenta que "João Calvino não deu origem às doutrinas que levam o seu nome [...]"[2]. Vance cita numerosos e bem-conhecidos calvinistas para esse fim. Por exemplo, Kenneth G. Talbot e W. Gary Crampton escrevem, "o sistema de doutrina que leva o nome de João Calvino não foi, de maneira alguma, originado por ele [...]"[3]. B. B. Warfield declarou, "o sistema de doutrina ensinado por Calvino é apenas o agostinianismo comum a todo o grupo dos Reformadores"[4]. Assim, é também reconhecido o débito que os credos oriundos da Reforma têm para com Agostinho. Isso não é surpreendente diante do fato de que a maioria dos reformadores fez parte da Igreja Católica Romana, da qual Agostinho foi um dos mais conceituados "santos". John Piper reconhece que Agostinho foi a maior influência tanto sobre Calvino quanto sobre Lutero, que continuaram a reverenciá-lo e também suas doutrinas, mesmo depois que se separaram do Catolicismo Romano[5].

---

1 David N. Steele e Curtis C. Thomas, *The Five Points of Calvinism* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1963), p. 19.

2 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 37.

3 Kenneth G. Talbot e W. Gary Crampton, *Calvinism, Hyper-Calvinism and Arminianism* (Edmonton, AB: Still Water Revival Books, 1990), p. 78.

4 Benjamin B. Warfield, *Calvin and Augustine*. Samuel G. Craig, ed. (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1956), p. 22.

5 John Piper, *The Legacy of Sovereign Joy: God's Triumphant Grace in the Lives of Augustine, Luther, and Calvin* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2000), pp. 24–25.

C. H. Spurgeon admitiu que "talvez o próprio Calvino o derivou [o calvinismo] principalmente a partir dos escritos de Agostinho"[6]. Alvin L. Baker escreveu, "dificilmente existe uma doutrina de Calvino que não leve as marcas da influência de Agostinho"[7]. Por exemplo, o seguinte trecho de Agostinho soa como um eco repercutindo através dos escritos de Calvino:

> [...] assim como Ele os nomeou para serem regenerados [...] aqueles a quem Ele predestinou para a vida eterna, como o mais misericordioso doador da graça, enquanto que aqueles a quem ele predestinou para a morte eterna, Ele é também o mais justo recompensador da punição.[8]

C. Gregg Singer disse, "as principais características da teologia de Calvino são encontradas nos escritos de Santo Agostinho, a tal ponto que muitos teólogos consideram o calvinismo como uma forma mais completamente desenvolvida do agostinianismo"[9]. Tais afirmações são declarações surpreendentes diante do fato indiscutível de que, como salienta Vance, a própria Igreja Católica Romana tem uma melhor reivindicação sobre Agostinho do que os calvinistas[10]. O próprio Calvino disse:

> "Agostinho está tão inteiramente comigo, que se eu quisesse escrever uma confissão de minha fé, eu poderia fazê-lo

6 Carlos Haddon Spurgeon, ed., *Exposition of the Doctrine of Grace* (Pasadena, CA: Pilgrim Publications, sem data.), p. 298.

7 Alvin L. Baker, *Berkouwer's Doctrine of Election: Balance or Imbalance?* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing CO., 1981), p. 25.

8 Santo Agostinho, *A Treatment On the Soul and its Origins*, Livro IV, p. 16.

9 C. Gregg Singer, *João Calvino: His Roots and Fruits* (Abingdon Press, 1989), p. VII.

10 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, p. 40.

com toda a plenitude e a satisfação minhas a partir de seus escritos".[11]

Agostinho e o Uso da Força

Os donatistas do quarto século lideraram um movimento de purificação da igreja. Eles acreditavam que a igreja deveria ser uma pura comunhão dos verdadeiros crentes que demonstravam a verdade do evangelho em suas vidas. Eles abonimavam a apostasia que chegou à igreja quando Constantino casou o cristianismo com o paganismo a fim de unificar o Império. O clero comprometido eram "sacerdotes maus trabalhando de mãos dadas com os reis da terra, que mostram que eles não têm rei senão César". Para os donatistas, a igreja era um "pequeno corpo de salvos cercado pela massa não regenerada"[12]. Essa é, obviamente, a visão bíblica.

Agostinho, por outro lado, via a igreja de seus dias como uma mistura de crentes e incrédulos, em que se devia permitir a existência da pureza e do mal lado a lado em prol da unidade. Ele usou o poder do Estado para obrigar a frequência à Igreja (como Calvino também faria 1.200 anos mais tarde): "a quem quer que não fosse encontrado dentro da Igreja, não se perguntava o motivo, mas devia ser corrigido e convertido [...]"[13]. Calvino seguiu o seu mentor Agostinho ao forçar a frequência na igreja e a participação nos sacramentos através de ameaças (e coisas piores) contra os cidadãos de Genebra. Agostinho "identificou os donatistas como hereges [...] que poderiam ser su-

11 João Calvino, "A Treatise on the Eternal Predestination of God", em João Calvino, *Calvin's Calvinism*, Henry Cole, trad. (Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1987), p. 38; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, p. 38.

12 Leonard Verduin, *The Reformers and Their Stepchildren* (Sarasota, FL: Christian Hymnary Publishers, 1991), p. 33.

13 *Answer to the Letters of Petilian, Bishop of Cirta* [Contra litteras Petiliani]) II.85.189; citado em W. H. C. Frend, *The Rise of Christianity* (Philadelphia, PA: Fortress Press, 1984), p. 671.

jeitos à legislação imperial [e à força] exatamente da mesma forma que outros criminosos e hereges, incluindo os envenenadores e os pagãos"[14]. Frend diz de Agostinho, "o jovem sensível e questionador se tornou o pai da inquisição"[15].

Embora preferisse a persuasão quando possível, Agostinho apoiava a pena de morte contra aqueles que eram rebatizados como crentes após a conversão a Cristo e outros supostos hereges. Em sua controvérsia com os donatistas, utilizando uma interpretação distorcida e não cristã de Lucas 14:23[16], Agostinho declarou:

> Por que, então, a igreja não usaria a força ao compelir os seus filhos perdidos a retornar? [...] O próprio Senhor disse: "saí pelos caminhos e valados a compeli-los a entrar [...]". Portanto, é o poder que a Igreja recebeu [...] através do caráter religioso e da fé dos reis [...] o instrumento pelo qual aqueles que são encontrados nos caminhos e valados — isso é, em heresias e cismas — sejam compelidos a entrar, e que eles não reclamem de serem compelidos.[17]

Infelizmente, Calvino colocou em prática, em Genebra, os mesmos princípios de punição, coerção e morte que Agostinho defendeu e que a Igreja Católica Romana exerceu consistentemente ao longo dos séculos. Henry H. Milman escreve: "o agostinianismo foi desenvolvido em um sistema ainda mais rígido e inflexível através do intelecto severo de Calvino"[18]. E ele se justificava através da interpretação errônea de Agostinho de Lucas 14:23. Como poderia

---

14 W. H. C. Frend, *The Rise of Christianity*, p. 671.

15 Ibid., p. 672.

16 F. F. Bruce, *Light in the West*, Volume 3 em *The Spreading Flame* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1956), pp. 60–61.

17 E. H. Broadbent, *The Pilgrim Church* (Port Colborne, ON: Gospel Folio Press, reimpressão 1999), p. 49.

18 Henry H. Milman, *History of Christianity* (Nova Iorque: A. C. Armstrong and Son, 1886), vol. 3, p. 176.

alguém que tem Calvino como um grande exegeta aceitar tal abuso dessa passagem?

Compelir? Não é esse o trabalho de Deus através da Eleição Incondicional e da Graça Irresistível? *Compelir* aqueles por quem Cristo não morreu e que Deus predestinou para o tormento eterno? Esse versículo refuta o calvinismo, não importa como ele seja interpretado!

A Influência Dominante de Agostinho

Não há dúvida quanto ao importante papel desempenhado por Agostinho na moldagem do pensamento, da teologia e das ações de Calvino. Isso é particularmente verdadeiro no que diz respeito às bases fundamentais do calvinismo. Warfield se refere a Calvino e Agostinho como "dois homens extraordinariamente talentosos [que] se elevam como pirâmides sobre o cenário da história"[19]. As *Institutas da Religião Cristã* de Calvino fazem repetidas referências favoráveis a Agostinho, frequentemente citando seus escritos como confiáveis e usando a expressão "confirmado pela autoridade de Agostinho"[20]. Calvino frequentemente dá créditos a Agostinho por ter formulado os conceitos-chave, os quais ele em seguida expõe em suas *Institutas*. Os seguintes trechos são apenas uma amostragem muito pequena dessas referências:

> "Chegamos", diz Agostinho, "ao caminho da fé; mantenhamo-lo com firme constância".[21]
>
> Mais poderosa é a verdade de Deus, tanto neste aspecto como nos demais, para que recue ante a maledicência dos

19 Benjamin B. Warfield, *Calvin and Augustine*. Samuel G. Craig, ed. (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1956), p. v.

20 João Calvino, índice das *Institutes of The Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998), vol. 3, xxiii; vol. 4, xvii, etc.

21 Calvino, *Institutes* (Institutas), vol. 3, xxi.2.

ímpios, como também vigorosamente contende Agostinho [...]. Agostinho não dissimula [...] estar acostumado a ser censurado por pregar a predestinação com extrema franqueza, mas [...] refuta a acusação sobejamente [...]. Ora, também isso disse Agostinho (*Sobre o Gênesis em sentido literal*, livro V, capítulo III, 6) judiciosamente, a saber, que podemos seguir a Escritura com segurança [...].[22]

Agostinho, pois, diz retamente, explicando esta passagem [...].[23]

Com Agostinho afirmo que foram criados pelo Senhor aqueles a quem sabia, sem dúvida, de antemão que haveriam de ir para perdição, e que fez isso porque assim o quis.[24]

Se tua mente se sente perturbada, não te acanhes em abraçar o conselho de Agostinho [...].[25]

Portanto, não hesitarei, com Agostinho, em simplesmente confessar que [...] aquelas coisas que [Deus] previu [e] que a ruína [dos não eleitos] em que caem pela predestinação divina é justa.[26]

O próprio Agostinho, em principalmente dois lugares, descreve [favoravelmente] a forma do monasticismo antigo. [Calvino então passa a citar as recomendações de Agostinho dos primeiros monges].[27]

---

22 Ibid., xxi.4.

23 Ibid., xxiii.1.

24 Ibid., xxiii.5.

25 Ibid., xxiii.5.

26 Ibid., xxiii.8.

27 Ibid., vol. 4, xiii.9.

> Portanto, estas afirmações de Agostinho se aplicam mui admiravelmente [...].[28]
>
> Tudo isso tomei fielmente de Agostinho. Mas, visto ser bem provável que suas palavras sejam de mais autoridade que as minhas, então que venham a lume os próprios termos que nele se leem [...].[29]
>
> Assim, Agostinho, não sem razão ordena que tais mestres insensíveis e profetas agoureiros se retirem da Igreja.[30]

Poderíamos multiplicar muitas vezes mais os exemplos acima da influência de Agostinho sobre Calvino, a partir das dezenas de vezes em que Calvino extensivamente faz citações dos escritos de Agostinho. Líderes calvinistas admitem que as crenças básicas de Calvino foram já formadas, através dos escritos de Agostinho, enquanto ele ainda era um devoto católico romano — uma influência que permaneceu com ele durante toda sua vida.

Os ensinamentos agostinianos que Calvino apresentou em suas *Institutas* incluíam a soberania que tornava Deus a causa de tudo (inclusive o pecado), a predestinação de alguns para a salvação e de outros para a condenação, a eleição e a reprovação, a fé como um dom irresistível de Deus — de fato, os conceitos-chave centrais do calvinismo. Procuramos em vão por evidências de que Calvino alguma vez desaprovou quaisquer das heresias de Agostinho. O calvinista Richard A. Muller admite, "João Calvino fazia parte de uma longa linhagem de pensadores que fundamentava a sua doutrina da predestinação na interpretação agostiniana de São Paulo"[31]. Em cada edição ampliada das suas *Institutas*, Calvino cita e se fundamenta em Agostinho mais do que nunca.

---

28 Ibid., vol. 3, xxiii.11.

29 Ibid., vol. 3, xxiii.13.

30 Ibid., vol. 3, xxiii.14.

31 Richard A. Muller, *Christ and the Decree* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988), p. 22.

Será Que o Calvinismo É Realmente Uma Crença Protestante?

Que hoje muitos evangélicos proeminentes ainda estão sob o feitiço de Agostinho é evidente — e surpreendente, considerando suas numerosas heresias. Norman Geisler disse, "Santo Agostinho foi um dos maiores pensadores cristãos de todos os tempos"[32]. No entanto, Agostinho disse, "eu não deveria crer no Evangelho a não ser que eu fosse movido a fazê-lo através da autoridade da Igreja [Católica]"[33]. Essa declaração foi citada com grande satisfação pelo papa João Paulo II, no ano de 1986, na festa de aniversário do décimo sexto centenário da conversão de Agostinho. O papa passou a dizer:

> O legado de Agostinho [...] são os métodos teológicos a respeito dos quais ele permaneceu absolutamente fiel [...] integralmente unido à autoridade da fé [...] revelada através da Escritura, da Tradição e da Igreja [...]. Da mesma forma o profundo senso de mistério — "pois é melhor", ele exclama, "ter uma ignorância fiel do que um conhecimento presunçoso [...]". Quero expressar mais uma vez o meu desejo ardente [...] de que a autoridade do ensino desse grande doutor e pastor possa florescer sempre mais satisfatoriamente na Igreja [...].[34]

Em meu debate com James White, ele afirma que "Calvino refutou essa mesma passagem nas suas *Institutas* e qualquer leitura honesta dos próprios escritos de Agostinho desmente essa deturpação de Hunt"[35]. Na verdade, Calvino reconheceu a autenticidade da

---

32 Norman L. Geisler, *What Augustine Says* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1982), p. 9.

33 Agostinho, *Against the Epistle of Manichaeus Called Fundamental* (Contra epistulam Manichaei quam vocant fundamenti), capítulo V.

34 Papa João Paulo II, Soberano Pontífice, *Augustineum Hyponensem* (Carta Apostólica, 28 ago. 1986. Disponível em <http://www.cin.org/jp2.ency/augustin.html>.

35 Dave Hunt e James White, *Debating Calvinism*, (Sisters, OR: Multnomah Publishers, 2004), p. 244.

declaração e tentou defendê-la como raciocínio legítimo para aqueles que não tinham a certeza da fé dada pelo Espírito Santo[36].

Vance oferece inúmeras citações surpreendentes dos calvinistas elogiando Agostinho: "uma das maiores mentes teológicas e filosóficas que Deus assim achou por bem dar à Sua Igreja"[37]. "O maior cristão desde os tempos do Novo Testamento [...] o maior homem que já escreveu em latim"[38]. "[Suas] obras e escritos, mais do que os de qualquer outro homem na época em que viveu, contribuíram para a promoção da sã doutrina e para o restabelecimento da verdadeira religião"[39]. Warfield acrescenta, "Agostinho estabeleceu de uma vez por todas a doutrina da graça"[40]. No entanto, ele [Agostinho] acreditava que a graça vinha através dos sacramentos da Igreja Católica Romana. Essa abundância de elogios calvinistas a Agostinho facilita compreender por que eles amontoam os mesmos elogios sobre Calvino.

Agostinho não era um católico romano comum, mas inquestionavelmente foi o mais famoso e mais influente em toda a história. Vance nos lembra de que Agostinho foi "um dos quatro originais 'Doutores da Igreja' do catolicismo [com] um dia de festa [dedicado a ele] na Igreja Católica em 28 de agosto, o dia de sua morte"[41]. O papa João Paulo II chamou Agostinho de "o pai comum da nossa civilização cristã"[42]. William P. Grady, por outro lado, escreve, "o ilu-

---

36 Calvino, *Institutes*, vol. 1, vii.3.

37 Talbot e Crampton, *Calvinism, Hyper-Calvinism*, p. 78; citado em Vance, *The Other Side of the Calvinism*, p. 39.

38 Alexander Souter, *The Earliest Latin Commentaries on the Epistles of St. Paul* (sem editora, 1927), p. 139.

39 N. L. Rice, *God Sovereign and Man Free* (Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, 1985), p. 13.

40 Benjamin B. Warfield, "The Idea of Systematic Theology", em *The Princeton Theology*, Mark A. Noll, ed. (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publisb.ing Co., 1983), p. 258.

41 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, p. 41.

42 Richard N. Ostling, "The Second Founder of the Faith" (*Time*, 29 set. 1986).

dido Agostinho (354–430) foi tão longe a ponto de anunciar (através de seu livro, *A Cidade de Deus*) que Roma tinha tido o privilégio de inaugurar o reino milenar (de outra forma conhecido como a 'Idade das Trevas')"[43].

Bebendo de Um Córrego Poluído

Sir Robert Anderson lembra que "a Igreja [Católica] Romana foi moldada por Agostinho na forma que desde então ela tem mantido. De todos os erros que séculos mais tarde se desenvolveram nos ensinamentos da igreja, dificilmente há um que não seja encontrado de forma embrionária em seus escritos"[44]. Esses erros incluem o batismo infantil para a regeneração (bebês que morrem sem batismo estão condenados), a necessidade do batismo para remissão dos pecados (o martírio, como no Islã, também faz remissão de pecados), purgatório, salvação somente na Igreja através de seus sacramentos e perseguição daqueles que rejeitam os dogmas católicos. Agostinho também aceitou os livros apócrifos (que ele admitia que até mesmo os judeus rejeitavam), a interpretação alegórica da Bíblia (assim, o relato da criação, os seis dias, e outros detalhes em Gênesis não são necessariamente literais) e a rejeição do reinado literal e pessoal de Cristo na Terra durante o milênio (nós estamos agora, supostamente, no reino milenar de Cristo, com a Igreja reinando e o diabo atualmente preso).

Agostinho insiste que Satanás está agora "preso" baseado em que "até agora os homens são, e sem dúvida até o fim do mundo serão, convertidos da incredulidade, na qual ele [Satanás] os mantém, à fé". Que ele vê a prometida prisão de Satanás no "abismo" (Apocalipse 20:1–3) de forma alegórica está claro. Surpreendentemente, Satanás "está preso em cada caso em que ele está privado de um

43 William P. Grady, *Final Authority: A Christian's Guide to the King James Bible* (Knoxville, TN: Grady Publications, 1993), p. 54.

44 Sir Robert Anderson, *The Bible or the Church*, 2. ed. (Londres: Pickering and Inglis, sem data.), p. 53.

dos seus bens [isto é, quando alguém crê em Cristo]". E ainda mais surpreendente, "o abismo no qual ele está amordaçado" é algo interpretado por Agostinho como estando "nas profundezas" dos "corações cegos" daqueles que rejeitam a Cristo. É assim que Satanás está continuamente amordaçado como em um abismo[45].

Agostinho não tenta explicar como ele chegou a essa incrível conclusão, muito menos como um abismo poderia existir em milhões de corações ou como, estando "amarrado" lá, Satanás ainda estaria livre para cegar aqueles em cujos "corações" ele está supostamente preso (2 Coríntios 4:4). Ele também não explica como ou por que, apesar de Satanás estar sendo mantido aprisionado,

> Cristo comissionou Paulo para converter judeus e gentios "do poder de Satanás para Deus". (Atos 26:18)
>
> Paulo podia entregar o fornicador de Corinto a Satanás. (1 Coríntios 5:5)
>
> Satanás pode transformar-se "em anjo de luz". (2 Coríntios 11:14)
>
> Paulo alertou os crentes de Éfeso a não "dar lugar ao Diabo!" (Efésios 4:27) e instou a eles e a nós hoje a "permanecer firmes contra as astutas ciladas do Diabo". (Efésios 6:11)
>
> Satanás ainda poderia estar ao derredor "como um leão rugindo [...] buscando a quem possa tragar". (1 Pedro 5:8)
>
> Satanás ainda poderia ser capaz de continuamente acusar os cristãos diante de Deus e, com os seus anjos, ainda guerrear nos céus contra "Miguel e seus anjos" e, finalmente, ser lançado do céu à Terra. (Apocalipse 12:7–10)

---

45 Agostinho. *The City of God*. Marcus Dods, trad. Em *Great Books of the Western World*. Robert Maynard Hutchins e Mortimer J. Adler, eds. (Encyclopaedia Brittanica, Inc., 1952), vol. 20, pp. 7, 8.

Agostinho foi um dos primeiros a colocar a autoridade da tradição no mesmo nível que a Bíblia, e a incorporar muita filosofia, especialmente o platonismo, em sua teologia. Expondo a tolice dos que elogiam Agostinho, Vance escreve:

> Ele acreditava na sucessão apostólica de Pedro como uma das marcas da verdadeira igreja, ensinava que Maria era sem pecado e promoveu o seu culto. Ele foi o primeiro a definir os assim chamados sacramentos como um sinal visível da graça invisível [...]. O memorial da Ceia do Senhor se tornou o da presença espiritual do corpo e do sangue de Cristo. Para Agostinho a única igreja verdadeira era a Igreja Católica. Escrevendo contra os donatistas, ele afirmou: "somente a Igreja Católica é o corpo de Cristo [...]. Fora desse corpo, o Espírito Santo não dá vida a ninguém [...] [e] não é participante do amor divino aquele que é inimigo da unidade. Portanto, aqueles que estão fora da Igreja não têm o Espírito Santo".[46]

E é esse o homem que Norman Geisler chama de "um dos maiores pensadores cristãos de todos os tempos". Pelo contrário, Calvino bebeu de um córrego altamente poluído quando abraçou os ensinamentos de Agostinho! Como alguém poderia mergulhar em tal heresia contaminante sem se tornar confuso e infectado? No entanto, essa confusão desconcertante de especulação e Catolicismo Romano em desenvolvimento é reconhecida como a fonte do calvinismo — e é elogiada por líderes evangélicos. É de se ficar chocado diante do amontoado de elogios tanto a Calvino quanto a Agostinho vindo de líderes cristãos confiáveis em outros aspectos.

Uma Incrível Contradição

O quase completo acordo entre Calvino e Agostinho e os repetidos louvores de Calvino a Agostinho não podem ser negados. Calvino

46 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, p. 55.

chamou a si mesmo de "um teólogo agostiniano"[47]. De Agostinho ele disse, "a quem citamos com frequência, como sendo a melhor e a mais fiel testemunha de toda a antiguidade"[48].

Os próprios calvinistas insistem na ligação entre Calvino e Agostinho. McGrath escreve: "sobretudo, Calvino considerava seu pensamento como uma exposição fiel das principais ideias de Agostinho de Hipona"[49]. Wendel admite, "nos pontos doutrinários ele (Calvino) toma emprestado de Santo Agostinho com as duas mãos"[50]. Vance escreve:

> Seja como for, para provar conclusivamente que Calvino era um discípulo de Agostinho, não precisamos olhar além do próprio Calvino. Ninguém consegue ler cinco páginas nas *Institutas* de Calvino sem ver o nome de Agostinho. Calvino cita Agostinho mais de quatrocentas vezes nas *Institutas* apenas. Ele chamou Agostinho por títulos como "homem santo" e "pai santo".[51]

Como Vance aponta adicionalmente, "os calvinistas admitem que Calvino foi fortemente influenciado por Agostinho na formação da sua doutrina da predestinação"[52]. Como poderia um dos líderes da Reforma abraçar tão plenamente as doutrinas de alguém que tem

---

47 Talbot e Crampton, *Calvinism, Hyper-Calvinism*, p. 79.

48 Calvino, *Institutes*, vol. 4, xiv.26.

49 Alister E. McGrath, *A Vida de João Calvino* (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2004), p. 178.

50 Francois Wendel, *Calvin: Origins and Development of His Religious Thought* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997), p. 124.

51 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*; citando Calvino, *Institutes*, pp. 139, 146, 148–149.

52 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, p. 113; citando Wendel, *Calvin: Origins and Development of His Religious Thought*, p. 264, e Timothy George, *Theology of the Reformers* (Nashville, TN: Broadman Press, 1988), p. 232.

sido chamado o "principal criador teológico do sistema latino-católico distinto do [...] protestantismo evangélico [...]"[53]?

A admiração de Calvino por Agostinho e a sua acolhida de grande parte de seu ensino é apenas uma das várias e grandes contradições em sua vida, que serão totalmente documentadas nesse livro. A situação é contraditória pelo lado católico também. Seus dogmas rejeitam algumas das mais importantes doutrinas sustentadas pelo mais famoso dos seus santos — as mesmas doutrinas agostinianas que Calvino abraçou.

Aqui nos deparamos com uma estranha anomalia. Warfield declara que "foi Agostinho quem nos deu a Reforma"[54] — porém, ao mesmo tempo, ele também reconhece que Agostinho foi "em um verdadeiro sentido, o fundador do Catolicismo Romano"[55] e "o criador do Santo Império Romano"[56].

Estranhamente, Calvino aparentemente falhou em reconhecer que Agostinho nunca compreendeu a salvação pela graça somente, através da fé somente, e em Cristo somente. Philip F. Congdon escreve, "outro paralelo curioso é evidente entre a teologia calvinista clássica e a teologia católica romana. As duas compartilham a inclusão das obras na mensagem do evangelho, e uma impossibilidade de segurança da salvação [...]. Ambas sustentam a primazia da graça de Deus; ambas incluem a necessidade de nossas obras"[57]. As heresias de Agostinho, especialmente sua visão romanista da fé em Cristo sendo suplementada pelas boas obras e pelos sacramentos, não pas-

---

53 Philip Schaff, *History of the Christian Church* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1910; Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., reimpressão de 1959), vol. 3, p. 1018.

54 Benjamin B. Warfield, *Calvin and Augustine*. Samuel G. Craig, ed. (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1956), p. 322.

55 Ibid., p. 313.

56 Ibid., p. 318.

57 Philip F. Congdon, "Soteriological Implications of Five-point Calvinism", *Journal of the Grace Evangelical Society*, outono de 1995, vol. 8, pp. 15, 55–68.

saram despercebidas de Lutero, que escreveu: "no começo, eu devorava [os escritos de] Agostinho, mas quando [...] entendi o que era realmente a justificação pela fé, descartei-o"[58].

No entanto, líderes calvinistas sugerem que eu estou lado a lado com o catolicismo romano ao rejeitar o calvinismo, não obstante o calvinismo tenha vindo em grande medida do maior católico romano, Agostinho. Aqui está a forma como um escritor se expressou a mim:

> E visto que a posição que você defende é, de fato, totalmente oposta ao coração da mensagem dos reformadores, e está, pelo contrário, de acordo com a visão romana a respeito da vontade do homem e da natureza da graça, eu acho a sua posição *extremamente* incoerente de sua parte. Você fala muitas vezes de oposição às tradições dos homens, e na verdade, nesse caso, você abraça as mesmas tradições que estão no coração do "evangelho" de Roma.[59]

Pelo contrário, os Reformadores e seus credos é que estão infectados de ideias que vieram do maior católico romano, o próprio Agostinho. Além do mais, a rejeição da Eleição, da Predestinação e da Preservação dos Santos tais como definidas pelos calvinistas dificilmente é abraçar "o coração do 'evangelho' de Roma". O verdadeiro coração do evangelho de Roma são as boas obras e os sacramentos. A retenção por parte de Calvino do sacramentalismo, da regeneração batismal para as crianças e da honra dada ao sacerdócio católico romano como sendo válido certamente se constitui em uma forma mais grave de abraçar o falso evangelho do catolicismo. A rejeição do calvinismo não implica em qualquer acordo com parte alguma das doutrinas heréticas de Roma a respeito da salvação.

Parece incompreensível que a influência predominante sobre a teologia e os credos reformados pudesse estar tão estreitamente liga-

58 Timothy George, *Teologia dos Reformadores* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1993), p. 70.

59 James R. White responde a Dave Hunt, 4 de agosto de 2000. Em arquivo.

da ao próprio catolicismo romano contra o qual os reformadores se rebelaram. No entanto, aqueles que deixam de se submeter a esses credos estão, supostamente, "equivocados". Como os credos protestantes passaram a ser dominados pela doutrina calvinista é uma história interessante.

O Papel da Vulgata Latina

Juntamente com os escritos de Agostinho, a Vulgata Latina também moldou o pensamento de Calvino tal qual está expresso em suas *Institutas da Religião Cristã*. Fluente em latim, Calvino usou por muito tempo essa corrompida tradução da Bíblia, que, desde a sua composição por Jerônimo no início do quinto século, foi a Bíblia oficial dos católicos romanos. Foi novamente assim declarada pelo Concílio de Trento em 1546, quando Calvino tinha 37 anos de idade. Mais do que isso, sua influência chegou ao movimento protestante: "por mil anos a Vulgata foi praticamente a única Bíblia conhecida e lida na Europa Ocidental. Todos os comentários eram baseados no texto da Vulgata [...]. Pregadores baseavam seus sermões nela"[60].

A Vulgata foi permeada com as visões agostinianas da predestinação e a rejeição do livre-arbítrio. De acordo com Philip Schaff, "a Vulgata pode ser acusada, na verdade, de inúmeras falhas, imprecisões, contradições e tratamento arbitrário em certos temas"[61]. Outros manifestaram a mesma opinião. Samuel Fisk cita Samuel Berger, que na *Cambridge History of the English Bible* [História Cambridge da Bíblia Inglesa], *vol. 3* (S. L. Greenslade, ed., Cambridge, Inglaterra: University Press, 1963, p. 414), chamou a Vulgata de "o texto mais vulgar e ilegítimo imaginável"[62]. Grady diz: "Dâmaso comissionou Jerônimo

---

60 David Schaff, *Our Father's Faith and Ours*, p. 172; citado em Samuel Fisk, *Calvinistic Paths Retraced* (Raleigh, NC: Biblical Evangelism Press, 1985), p. 68.

61 Philip Schaff, *History of the Christian Church*, vol. 2, pp. 975–976.

62 Samuel Fisk, *Calvinistic Paths Retraced* (Raleigh, NC: Biblical Evangelism Press, 1985), p. 68.

a ressuscitar a arcaica Bíblia Latina Antiga em 382 d.C. [...] a monstruosidade final ficou conhecida como a 'Vulgata' Latina [...] e foi usada pelo diabo para inaugurar a Idade das Trevas"[63]. Fisk nos lembra:

> Exemplos bem conhecidos de erros de longo prazo incluem todo o sistema de "penitência" católico, extraído a partir do "fazer penitência" da Vulgata [...] quando o latim deveria ter seguido o grego — *arrepender-se*. Da mesma forma, a palavra "sacramento" foi uma leitura deturpada da Vulgata da palavra original para *mistério*. Ainda mais significativo, talvez, foi a tradução da palavra *presbítero* (ancião) como "sacerdote".[64]

Agostinho descreveu o problema que levou à produção da Vulgata: "nos primeiros dias da fé, quando um manuscrito grego chegava às mãos de alguma pessoa, e ela pensava que possuía um pouco de fluência nas duas línguas, ela se aventurava a fazer uma tradução [para o latim]"[65]. Como consequência de tal esforço individual, Bruce diz, "chegou o momento, entretanto, quando os vários textos [em latim, das Escrituras] se tornaram por demais inconvenientes de serem tolerados por mais tempo, então o papa Dâmaso [...] comissionou o seu secretário, Jerônimo, a realizar o trabalho" de revisão para produzir uma versão latina autorizada.

Bruce continua: "disseram a ele [Jerônimo] para ser cauteloso por causa dos 'irmãos mais fracos', que não gostavam de ver seus textos favoritos adulterados, mesmo no interesse de uma maior precisão. Mesmo assim, ele foi longe demais para o gosto de muitos, embora ele mesmo soubesse que não estava indo longe o suficiente"[66]. O *Unger's Bible Dictionary* [Dicionário Bíblico de Unger] comenta:

---

63 William P. Grady, *Final Authority: A Christian's Guide to the King James Bible*, p. 35.

64 Samuel Fisk, *Calvinistic Paths Retraced*, p. 67.

65 F. F. Bruce, *The Books and the Parchments* (Londres: Pickering and Inglis, Ltd., (950), p. 191.

66 F. F. Bruce, *The Books and the Parchments*, pp. 194–195.

> Por muitos séculos ela [a Vulgata] foi a única Bíblia geralmente usada [...]. Na época da Reforma a Vulgata [influenciou] versões populares. A versão de Lutero (Novo Testamento em 1523) foi a mais importante e nela a Vulgata teve grande peso. A partir de Lutero a influência do latim chegou à nossa própria Versão Autorizada (*King James Version* – KJV [Versão do rei Tiago]).[67]

As Bíblias de Genebra e do Rei Tiago e os Credos Protestantes

De não pouca importância ao nosso estudo é o fato de que essa tradução corrupta teve influência sobre as igrejas protestantes na Europa, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Essa influência foi transferida para a Bíblia de Genebra (que tem problemas adicionais, como veremos abaixo), bem como para outras versões antigas da *English Bible*, e até mesmo para a *King James Bible* de hoje.

Da mesma forma que a Vulgata estava cheia de agostinianismos, a Bíblia de Genebra estava cheia de calvinismo, tanto no seu texto como nas volumosas notas. A *General Biblical Introduction* [Introdução Geral da Bíblia] de H. S. Miller diz, "ela foi uma revisão da Bíblia de Tyndale, com uma introdução de Calvino [...] a obra dos reformadores ingleses, assistida por Beza, Calvino e possivelmente outros". J. R. Dore, em *Old Bibles: An Account of the Early Versions of the English Bible* [Bíblias Antigas: Um Relato das Primeiras Versões da Bíblia Inglesa], 2ª edição, acrescenta que "quase todo capítulo [da Bíblia de Genebra] tem volumosas notas cheias da doutrina calvinista". Andrew Edgar, em *The Bibles of England* [As Bíblias da Inglaterra], declara: "à época, quando a Bíblia de Genebra foi publicada pela primeira vez, Calvino era o espírito dominante em Genebra. Todas as características de seu sistema teológico, eclesiástico, político e social estão, portanto, refletidas nas anotações marginais

67 Merrill F. Unger, *Unger's Bible Dictionary* (Chicago, IL: Moody Press, 1969), pp. 1151–1154.

[...]. A doutrina da predestinação é proclamada como sendo a principal pedra angular do evangelho"[68].

W. Hoare diz em *The Evolution of the English Bible* [A Evolução da Bíblia Inglesa], "considerada como um todo literário, ela [a Bíblia de Genebra] tem sobre si o caráter de um manifesto calvinista [...] um livro com um propósito especial". F. F. Bruce acrescenta:

> As notas da Bíblia de Genebra [...] são, com certeza, francamente admitidas, calvinistas na doutrina [...]. O povo da Inglaterra e da Escócia [...] aprendeu muito da sua exegese bíblica a partir dessas notas. A Bíblia de Genebra imediatamente ganhou, e manteve, generalizada popularidade. Ela se tornou a Bíblia familiar dos protestantes de língua inglesa [...]. Ela se tornou a Bíblia autorizada na Escócia e foi trazida aos Estados Unidos, onde exerceu uma forte influência.[69]

Butterworth assinala: "na linhagem da Bíblia do Rei Tiago, essa [a Bíblia de Genebra] é em todos os sentidos a obra mais importante [...]. A Bíblia de Genebra [...] teve uma influência muito grande na formação da Bíblia do Rei Tiago"[70]. Robinson é ainda mais enfático:

> Uma grande parte de suas inovações [da Bíblia de Genebra] estão incluídas na Versão Autorizada (*King James Version* – KJV [Versão do Rei Tiago]) [...]. Às vezes, o texto e a margem da Bíblia de Genebra são como um só; às vezes o texto torna-se a margem e a margem torna-se o texto. Às vezes a margem torna-se o texto e nenhuma outra alternativa é oferecida. Muito frequentemente, a margem da Bíblia de

---

68 Samuel Fisk, *Calvinistic Paths Retraced*, pp. 70–75.

69 F. F. Bruce, *The English Bible: A History of Translations*, pp. 90–91.

70 Charles C. Butterworth, *The Literary Lineage of the King James Bible* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1941), p. 163.

> Genebra se torna o texto da Versão Autorizada com ou sem mudança verbal.[71]

Documentação adicional poderia ser dada, mas isso deve ser suficiente para traçar rapidamente a influência daquele maior católico romano, Agostinho, através da Vulgata latina e de seus escritos, sobre Calvino — e através de Calvino, na Bíblia de Genebra e dela na *King James Bible* – KJV [Bíblia do Rei Tiago]. E, por fim, nos púlpitos e lares dos protestantes em toda a Europa, a Inglaterra e os Estados Unidos. Não é de se admirar, então, que aqueles que, como Armínio, ousaram questionar o calvinismo, foram oprimidos com oposição. É claro, vários sínodos e assembleias foram organizados para formular os credos aceitos e punir os dissidentes, mas as condições eram favoráveis ao calvinismo, e nenhuma influência para atenuar esse erro era permitida. Isso será documentado nos capítulos 5 e 6.

A Nova Bíblia de Estudo de Genebra e a Verdade da Reforma

A moderna *Nova Bíblia de Estudo de Genebra* (recentemente reimpressa como *The Reformation Study Bible* [A Bíblia de Estudo da Reforma]) está sendo amplamente divulgada num esforço de infundir nos leitores as doutrinas do calvinismo. A tradução da *New King James Bible* – NKJV [Nova Bíblia do Rei Tiago] é atraente. Da mesma forma que a Bíblia de Genebra original, entretanto, as notas são tratados calvinistas. Em seu prefácio, R. C. Sproul escreve:

> A Nova Bíblia de Estudo de Genebra é assim chamada porque ela representa a tradição da Bíblia de Genebra original [...]. A luz da Reforma era a luz da Bíblia [...]. A Bíblia de Genebra foi publicada em 1560 [e] dominou o mundo de fala inglesa por uma centena de anos [...]. Peregrinos e puritanos levaram a Bíblia de Genebra às margens do Novo

71 H. Wheeler Robinson, *The Bible in Its Ancient and English Versions* (Oxford: Clarendon Press, 1940), pp. 186, 206-207.

> Mundo. Colonos norte-americanos foram educados com a Bíblia de Genebra [...]. A Nova Bíblia de Estudo de Genebra contém uma reafirmação moderna da verdade da Reforma em seus comentários e notas teológicas. Sua finalidade é apresentar novamente a luz da Reforma.

Na verdade, seu objetivo é infundir nos leitores as doutrinas do calvinismo, o qual é inapropriadamente promovido como "a verdade da Reforma" — como se calvinismo e protestantismo fossem idênticos. Houve, na verdade, muito mais na Reforma além do calvinismo, não obstante as alegações calvinistas.

A Necessidade de Esclarecer a Confusão

Atualmente, o calvinismo está experimentando um ressurgimento. No entanto, existe um grande desconhecimento do que Agostinho e Calvino realmente ensinaram e praticaram. Será que a verdade foi suprimida para favorecer uma teologia particular? Considere a declaração de Boettner: "Calvino e Agostinho facilmente são classificados como os dois mais proeminentes expositores sistemáticos do sistema cristão desde São Paulo"[72]. Spurgeon também declarou: "Agostinho obteve seus pontos de vista, sem dúvida alguma, através do Espírito de Deus, a partir do estudo diligente dos escritos de Paulo, e Paulo os recebeu do Espírito Santo, a partir de Jesus Cristo"[73]. Não podemos deixar de ver essas declarações com espanto. Como é incrível que Loraine Boettner, um dos primeiros apologistas a se opor à Igreja Católica Romana, elogie Agostinho, que deu à Igreja Católica Romana muitas de suas doutrinas básicas e que atualmente está entre os mais honrados dos seus "santos".

Quanto a Spurgeon, será que ele teria considerado que o ensino de Agostinho a respeito da salvação somente pela Igreja Católica

72 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ : Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 405.

73 Carlos Haddon Spurgeon, ed., *Exposition of the Doctrine of Grace*, p. 298; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, p. 38.

Romana, através de seus sacramentos apenas, começando com a regeneração pelo batismo infantil; o uso da força até a morte contra os "hereges"; a aceitação dos livros apócrifos; a interpretação alegórica da criação e das profecias a respeito de Israel; uma rejeição do reino literal de Cristo sobre o trono de Davi; e tantas outras falsas doutrinas, teriam sido todas recebidas do Espírito Santo? Como poderia Agostinho — e Calvino, que abraçou e transmitiu muitos dos seus maiores erros — estar tão errado em tanta coisa e ainda ser biblicamente coerente no que diz respeito à predestinação, à eleição, à soberania, etc.? Será que não há motivo suficiente para examinar cuidadosamente esses ensinos fundamentais do calvinismo?

Só se pode responder a isso de forma afirmativa. Por essa razão, as doutrinas fundamentais do calvinismo serão apresentadas nas páginas que seguem e comparadas cuidadosamente com a Palavra de Deus.

CAPÍTULO 5

O "CRISTIANISMO" IMPOSTO IRRESISTIVELMENTE

Uma das mais claras e mais efetivas estratégias de Satanás foi enganar o imperador Constantino com uma falsa conversão. A influência desse evento único sobre a história subsequente, no âmbito religioso e secular, é incalculável. Os relatos diferem, se por meio de uma visão ou um sonho, como relatado por Eusébio e Latâncio[1], Constantino viu uma "cruz" no céu e ouviu uma "voz" proclamando (em alguns relatos as palavras estavam escritas na cruz), "sob este símbolo tu deverás conquistar". No ano anterior o deus Apolo também prometeu a vitória a ele.

Os editos de tolerância de Constantino deram a todo homem "o direito de escolher sua religião segundo os ditames de suas próprias consciência e convicção honestas, sem compulsão e interferência do governo"[2]. A conversão de Constantino na visão de Schaff foi um maravilhoso avanço para o cristianismo: "a igreja ascende ao trono dos Césares sob a bandeira da cruz e dá novo vigor e brilho ao venerável Império de Roma"[3]. Na verdade, essa "conversão" acelerou a corrupção da igreja por meio do seu casamento com o mundo[4].

Como poderia um verdadeiro seguidor de Cristo, cujo reino não é deste mundo e cujos servos não fazem guerra, ir para a guerra em Seu Nome? Claro, os Cruzados fizeram o mesmo mais tarde, abatendo mulçumanos e judeus para retomar a "Terra Santa" sob a garantia do papa Urbano II (correspondente à promessa de Maomé e do Alcorão aos mulçumanos) de perdão total dos pecados para aqueles que morressem nessa guerra santa (os mulçumanos chamam de *Jihad*). Na verdade, os Cruzados, como todas as guerras dos papas, eram muito agostinianas. A Cidade de Deus tinha que ser defendidal

1 W. H. C. Frend, *The Rise Christianity* (Filadélfia, PA: Fortpress Press, 1984), p. 482.

2 Phillip Schaff, *History of the Christian Church* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1910; Vm. B. Eerdmans Publishing Company, reimpressão 1959), vol. 2, pp. 72–73.

3 Ibid.

4 F. F. Bruce, *Light in the West*, Livro III de *The Spreading Flame* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1956), pp. 11–13.

De Constantino a Agostinho

Como Durant e outros historiadores destacaram, Constantino nunca renunciou sua lealdade aos deuses pagãos. Ele não aboliu o altar de Vitória no Senado, nem o altar da Virgem Vestal, que cuidava do fogo sagrado da deusa Vesta. O Deus-sol, não Cristo, continuou a ser honrado nas moedas imperiais. Apesar da "cruz" (na verdade a cruz do deus Mitra) nos escudos e nas bandeiras militares, Constantino tinha um medalhão em honra ao Sol pela "libertação" de Roma; e quando ele proclamou um dia de descanso, foi novamente em nome do Deus-sol ("o dia celebrado para a veneração do sol"[5]), e não do Filho de Deus[6]. Durant nos lembra de que por toda a sua vida "cristã", Constantino usou os ritos pagãos bem como os ritos cristãos e continuou a depender das "fórmulas mágicas pagãs para proteger lavouras e curar doenças"[7].

Que Constantino tenha assassinado aqueles que poderiam reivindicar seu trono, incluindo o seu filho Crispus, um sobrinho e um cunhado é uma indicação adicional de que sua "conversão" foi uma clara manobra política para unir o império, como muitos historiadores concordam. O historiador Philip Hughes, mesmo sendo um sacerdote católico, nos recorda que "em suas condutas, ele [Constantino] permaneceu, até o fim, muito mais pagão do que no início. Seu temperamento furioso, a crueldade que uma vez despertada não poupou nem mesmo a vida de sua esposa e seu filho, são [...] testemunhas desagradáveis da imperfeição da sua conversão"[8].

Não muito após a nova tolerância, Constantino se viu diante de um problema que ele nunca havia antecipado: divisão dentro da Igreja Cristã, para a qual ele havia dado liberdade. Como nós notamos no último capítulo, essa divisão veio à tona no Norte da África com

---

5 *Codex Theodosianus*, (July 3, A.D. 321), vol. XVI, 8.1.

6 Frend, *Rise*, p. 484.

7 Will Durant, "Caesar and Christ", parte III de *The History of Civilization* (Nova Iorque: Simon and Schuster, 1950), p. 656.

8 Philip Hughes, *A History of the Church* (Londres, 1934), vol. 1, p. 198.

os donatistas que, preocupados com a pureza da fé, se separaram das igrejas oficiais estatais, rejeitaram suas ordenanças e insistiram no rebatismo dos clérigos que se arrependeram após terem negado a fé durante a perseguição que se levantou quando o imperador Diocleciano exigiu ser adorado como um deus[9]. Após anos de esforços inúteis para reestabelecer a unidade por meio de discussão, súplicas, concílios e decretos, Constantino finalmente recorreu à força. Frend explica:

> Na primavera de 317, ele [Constantino] pôs em prática sua decisão ao publicar o "mais severo" edito contra os donatistas, confiscando suas propriedades e exilando seus líderes. Dentro de quatro anos, a liberdade universal de consciência proclamada em Milão foi abrogada, e o Estado, mais uma vez, se tornou um perseguidor, só que dessa vez em favor do cristianismo ortodoxo [...].
>
> [Os donatistas] nem entenderam nem se importavam com a conversão de Constantino. Para eles, era um argumento do diabo insistir que "Cristo era um amante da unidade" [...]. Na visão deles, a hostilidade fundamental do Estado com a [verdadeira] igreja não foi alterada.[10]

Em sua própria época e sua forma, Agostinho seguiu a conduta de Constantino em seu tratamento dos donatistas, que ainda eram um espinho no corpo da Igreja Romana. "Enquanto Agostinho e os católicos enfatizavam a unidade da Igreja, os donatistas insistiam na pureza da Igreja e rebatizaram todos aqueles que vieram a eles dos católicos — considerando os católicos corruptos"[11]. Constantino es-

9 E. H. Broadbent, *The Pilgrim Church* (Port Colborne, ON: Gospel Folio Press, reprint 1999), pp. 38–39.

10 Frend, *Rise*, p. 492.

11 John Laurence Moshein, *An Ecclesiastical History, Ancient and Modern*. Archibald Maclaine, trad. (Cincinnati: Applegate and Co., 1854), p. 101; e muitos outros historiadores.

tava "inquieto [como estaria Agostinho e seu discípulo Calvino] em sua perseguição aos 'heréticos' [proibindo] aqueles que estavam fora da igreja católica a se reunirem [...] e confiscando suas propriedades [...]. As mesmas coisas que os cristãos haviam sofrido, estava agora sendo praticado em nome do cristianismo"[12].

Como um bom católico desfrutando a benção do imperador e crendo na igreja estatal que Constantino estabeleceu, Agostinho perseguiu e até mesmo sancionou a morte dos donatistas e de outros cismáticos, como nós já vimos. Gibbon nos fala que a medida severa contra os donatistas "recebeu a aprovação fervorosa de Santo Agostinho [e assim] grande parte foram reconciliados [forçados a voltar] com a igreja Católica"[13]. De Agostinho foi dito que "a própria grandeza de seu nome tem sido o meio de perpetuar os erros mais grosseiros que ele mesmo propagou. Mais do que ninguém, Agostinho encorajou a doutrina perniciosa da salvação pelos sacramentos de uma igreja terrena institucional, que trouxe consigo rituais sacerdotais com todos os males e as misérias que implicaram no decorrer dos séculos"[14].

De Agostinho a Calvino

Não há dúvida de que João Calvino ainda via a igreja de Cristo pelos olhos do catolicismo romano. Ele viu a igreja (como Constantino a moldou e Agostinho a cimentou) como uma parceira do Estado, que o Estado aplicava a ortodoxia (como a igreja estatal a definia) sobre todos os seus cidadãos. Calvino aplicou sua formação jurídica e seu zelo no desenvolvimento de um *sistema* de cristianismo baseado numa visão extrema da soberania de Deus, que pela força absoluta de sua lógica, obrigaria reis e toda a humanidade a conformar todos

12 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, rev. ed. 1999), p. 45.

13 Edward Gibbon, *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* (Nova Iorque: Modern Library, sem data), vol. 2, p. 233.

14 John W. Kennedy, *The Torch of the Testimony* (Christian Books Publishing House, 1963), p. 68.

os assuntos à justiça. Em parceria com a igreja, reis e outros governantes imporiam o cristianismo calvinista.

Daqueles que creram em um reino milenar de Cristo na Terra, Calvino disse "a ficção é muito pueril para precisar de refutação ou para merecê-la"[15]. Até onde Calvino podia afirmar, o reino de Cristo se iniciou com Sua vinda à terra e está em processo desde então. Rejeitando o reino futuro e literal de Cristo na terra por meio de Sua segunda vinda, para estabelecer um reino terreno, sobre o trono de Davi em Jerusalém, Calvino aparentemente se sentiu obrigado a estabelecer o reino por seus próprios esforços na ausência de Cristo.

A Bíblia deixa claro que se deve "nascer de novo" para "ver o reino de Deus" (João 3:3) e que "carne e sangue não podem herdar o reino de Deus" (1 Coríntios 15:50). Ignorando essas verdades bíblicas e seguindo os erros de Agostinho, Calvino estava determinado (juntamente com Guilherme Farel) a estabelecer o Reino de Deus na terra em Genebra, Suíça.

Em 10 de novembro de 1536, a Confissão de Fé, que toda a burguesia e todos os moradores de Genebra e súditos em seus territórios deveriam jurar aderir, e que Farel tinha redigido consultando Calvino, foi apresentada à cidade oficialmente. Era um longo documento com regras detalhadas cobrindo todas os negócios da membresia da igreja, frequência, pregação, obediência do rebanho e expulsão dos ofensores. As autoridades de Genebra aprovaram o documento em 16 de janeiro de 1537. "Em março, os anabatistas foram banidos. Em abril, sob a instigação de Calvino, [uma inspeção casa a casa foi lançada] para garantir que os moradores de Genebra abraçaram a Confissão de Fé [...]. Em 30 de outubro, houve uma tentativa de arrancar uma profissão de fé de todos os hesitantes. Finalmente, em 12 de novembro, um edito foi emitido declarando que todos os recalcitrantes '[que] não desejavam jurar à Reforma foram ordenados a deixar a cidade' [...]"[16].

15 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998 ed.), vol. 3, xxv.5.

16 Bernard Cottret, *Calvin: A Biography* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000), pp. 128–130.

"*A Reforma*"? Houvera variações e diferenças entre várias facções quando a Reforma brotou, de Lutero a Zuinglio. Mas em Genebra, somente o calvinismo seria conhecido como "A Reforma" e "Teologia Reformada". Essa reivindicação presunçosa ainda é defendida pelos calvinistas de hoje em todo mundo.

A primeira tentativa de Calvino falhou. Boettner reconhece, "devido à tentativa de Calvino e Farei de forçar um sistema tão severo de disciplina em Genebra, foi necessário para eles deixarem a cidade temporariamente"[17].

O Retorno Triunfante de Calvino

Três anos depois, no entanto, frente à oposição católica de dentro e a ameaça de intervenção armada pelos católicos romanos de fora, o conselho da cidade de Genebra decidiu que eles precisavam das fortes medidas de Calvino e o convidaram a voltar. Ele entrou na cidade em 13 de setembro de 1541. Dessa vez, ele acabaria por conseguir impor sua versão da Reforma sobre os cidadãos de Genebra com mão de ferro. Seu primeiro ato foi o de entregar ao conselho da cidade suas *Ordenanças Eclesiásticas*, que foram adotadas em 20 de novembro de 1541. Stefan Zweig nos diz:

> Uma das mais memoráveis experiências de todos os tempos se iniciou quando esse homem magro e severo entrou no Portão Cornavian [de Genebra]. Um Estado [a cidade-estado murada de Genebra] estava para ser convertido num mecanismo rigido. Almas inumeráveis, pessoas com incontáveis sentimentos e pensamentos, foram compactados em um sistema único e todo-abrangente. Essa foi a primeira tentativa [protestante] de fazer uma imposição na Europa [...], uma subordinação uniforme sobre uma população inteira.

---

17 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 408.

> Com uma sistemática meticulosa, Calvino começou a trabalhar para a realização de seu plano de converter Genebra no primeiro Reino de Deus na terra. Era para ser uma comunidade sem corrupção, desordem, vícios ou pecados; deveria ser a Nova Jerusalém, um centro de onde a salvação do mundo radiaria [...], toda a sua vida foi devotada a serviço dessa única ideia.[18]

A intenção de Calvino de estabelecer um governo eclesiástico ocuparia a maior parte do resto de sua vida. Embora reconhecendo a influência e o poder de Calvino, o Pequeno Conselho dos Sessenta e o Grande Conselho dos Duzentos, responsáveis pelas questões civis, resistiram ser assumidas por uma autoridade religiosa (Consistório), à qual Calvino ascendeu. A luta pelo poder continuou por anos, os conselhos até mesmo buscando reter o controle sobre algumas disciplinas na igreja tais como as excomunhões, com Calvino se recusando a ceder desafiadoramente.

Finalmente, em fevereiro de 1555, os partidários de Calvino ganharam a maioria absoluta no Conselho. Em 16 de maio, houve uma tentativa de rebelião contra a atitude de Calvino de expulsar certos oficiais libertários civis da Ceia do Senhor[19]. Os líderes do motim que fugiram de Genebra para Bern foram sentenciados a morte à revelia. Quatro deles que não conseguiram escapar foram decapitados e esquartejados, e partes de seus corpos foram pendurados em locais estratégicos como advertência[20]. Evocando a frase "capangas de Satã" que ele usou anos antes contra os anabatistas, Calvino justificou essa barbaridade: "aqueles que não corrigem o mal quando podem fazer e seus ofícios requerem, são culpados"[21].

---

18 Stefan Zweig, Eden Paul e Cedar Paul, trads., *The Right to Heresy* (Londres: Cassel and Company, 1936), 57; citado em Henry R. Pike, *The Other of João Calvino* (Head to Heart, sem data), pp. 21–22.

19 Francois Wendel, *Calvin: Origins and Development of His Religious Thought* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997), pp. 98–101; Cottret, *Calvin*, pp. 195–198.

20 Wendel, *Calvin*, p. 100; Cottret, *Calvin*, pp. 198–200.

21 Cottret, *Calvin*, p. 200.

Desde o início em 1554 até sua morte em 1564, "ninguém mais ousava se opor ao reformador abertamente"[22]. Os oponentes de Calvino foram silenciados, expulsos ou fugiram para salvar as suas vidas. O "controle de Calvino da cidade continuou sem enfraquecer". Ele estava determinado a fazer de Genebra a base para construir a Cidade de Deus de Agostinho em toda a parte. "Genebra se tornou o símbolo e a encarnação de 'outra' Reforma [...]"[23]. Mas que os calvinistas de hoje alegam que era *a* Reforma.

Tirania em Genebra

Talvez Calvino pensasse que ele era o instrumento de Deus para forçar a Graça Irresistível (uma doutrina-chave no calvinismo) sobre os cidadãos de Genebra, na Suíça — mesmo sobre aqueles que provaram sua indignidade, resistindo à morte. Ele fez o seu melhor para impor a "justiça" irresistivelmente, mas o que ele impôs e a maneira com que ele impôs estavam longe da graça e dos ensinos e exemplos de Cristo.

Alguns daqueles que professam a fé "reformada" hoje, especialmente aqueles conhecidos como reconstrucionistas, tais como os recentes Rousas J. Rushdoony, Gary North, Jay Grimstead e outros (incluindo organizações como a *Coalition on Revival*), tomam a Genebra de Calvino como modelo para eles e assim esperam cristianizar os Estados Unidos e então o mundo. Muitos ativistas cristãos de menor apego a Calvino esperam impor uma vida piedosa ao modo ímpio de viver estadunidense de sua própria maneira, por meio de passeatas de protesto e organização de grandes blocos de votação. Ninguém trabalhou tanto e por tanto tempo tentando fazer isso do que Calvino. Durant relata:

---

22 Roget Amédée, *L'église et l'État a Genève du temps de Calvin. Étude d'histoire politico-ecclésiastique* (Genebra: J. Jullien, 1867).

23 Bernard Cottret, *Calvin: A Biography*. M. Wallace McDonald, trad. (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000), p. 250.

> Para regular a conduta leiga, um sistema de visitas domiciliares foi estabelecido [...]. E os ocupantes foram questionados sobre todos os aspectos das suas vidas [...]. A quantidade e as cores das roupas permitidas, o número de pratos permitidos em uma refeição foram especificados por lei. Joias e rendas foram desaprovadas. Uma mulher foi presa por arranjar seu cabelo de uma maneira imoral [...].
>
> Censura de imprensa foi usada e ampliada a partir dos precedentes católicos e seculares: livros [...] com tendências imorais foram banidos [...]. Falar desrespeitosamente de Calvino ou do clero era crime. A primeira violação dessas ordens era punida com uma advertência, violações posteriores com multas, persistir na violação com prisão ou banimento da cidade. Fornicação era punida com o exílio ou afogamento; adultério, blasfêmia ou idolatria com a morte [...] uma criança foi decapitada por agredir seus pais. Nos anos de 1558–1559 houve 414 processos por ofensas morais; entre 1542 e 1564 houve 76 banimentos e 58 execuções; a população de Genebra era na época de 20.000 pessoas.[24]

A opressão de Genebra não teria vindo sob a direção do Espírito Santo ("[...] onde o Espírito do Senhor está, há liberdade" [2 Coríntios 3:17]), mas sim da poderosa personalidade de Calvino e de uma visão extrema da soberania de Deus que negou o livre-arbítrio ao homem. Assim a "graça" tinha que ser imposta irresistivelmente em uma tentativa não bíblica de infligir uma "santidade" sobre os cidadãos de Genebra. Em contraste à humildade, à misericórdia, ao amor, à compaixão, e à longanimidade de Cristo, a quem Ele amou e tentou servir, Calvino exerceu autoridade como o papado que ele desprezou. Além disso, ele criticou outros líderes protestantes por não fazer o mesmo:

24 Durant, *Civilization*, vol. 3, p. 474.

> Visto que os defensores do papado são tão amargos, ousados na representação de suas superstições, que na sua fúria atroz eles derramam sangue de inocentes, isso deveria envergonhar os magistrados cristãos que na proteção da verdade autêntica, eles estão inteiramente destituídos do espirito.[25]

Os defensores de Calvino negam os fatos e tentam inocentá-lo do que ele fez, responsabilizando as autoridades civis. Boettner até mesmo insiste que "Calvino foi o primeiro dos reformadores a exigir uma separação completa entre a Igreja e o Estado"[26]. De fato, Calvino não somente estabeleceu a lei eclesiástica, mas ele codificou a legislação civil[27]. Ele manteve as autoridades civis para "promover e manter o culto externo a Deus, defender a sã doutrina e a condição da igreja"[28] e ver que "nenhuma idolatria, nem blasfêmia contra o nome de Deus, nem calúnias contra a Sua verdade, nem outras ofensas à religião surgissem e fossem disseminadas entre o povo [...] [mas] para prevenir a verdadeira religião [...] de ser violada impune e abertamente, e de ser poluída pela blasfêmia pública"[29].

Calvino utilizou a força civil para impor suas doutrinas particulares sobre os cidadãos de Genebra e para aplicar tais doutrinas. Zweig, que se debruçou sobre os relatos oficiais do Conselho da Cidade para o dia de Calvino, nos diz, "dificilmente haverá um dia, nos relatos das definições do Conselho da Cidade, em que nós não encontramos o comentário 'é melhor consultar o mestre Calvino sobre isso'"[30]. Pike nos relembra que foi dada a Calvino uma "Cadeira do Consultor" em todos os encontros das autoridades da cidade e "quando ele estava doente as autoridades

---

25 George Park Fisher, *The Reformation* (Nova Iorque: Scribner, Armstrong and Co., 1873), p. 224.

26 Boettner, *Reformed*, p. 410.

27 Ronald S. Wallace, *Calvin, Geneva, and the Reformation* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1990), p. 29.

28 Calvin, *Institutes*, vol. 4, xx.2.

29 Ibid., p. 3.

30 Zweig, *Eramus*, p. 127.

viriam à sua casa para as suas seções"[31]. Ao invés de diminuir com o tempo, o poder de Calvino somente cresceu. John McNeil, um calvinista, admite que "nos últimos anos de Calvino e sob sua influência, as leis de Genebra se tornaram mais detalhadas e mais rigorosas"[32].

Não Irrite o Dr. Calvino!

Com controle ditatorial sobre a população ("ele governou como poucos soberanos fizeram"[33]), Calvino impôs o seu tipo de cristianismo sobre os cidadãos com açoitamentos, prisões, banimentos e queimas na estaca. Calvino foi chamado de "O Papa Protestante" e "O Ditador Genebrino" que "toleraria em Genebra as opiniões de apenas uma pessoa, dele mesmo"[34]. Concernente à adoção de uma confissão de fé em Genebra que foi feita obrigatória a todos os cidadãos, o historiador Phillip Schaff comenta:

> Era uma incoerência flagrante que aqueles que tinham sacudido o jugo do papado como um fardo intolerável submeteriam suas consciências e intelecto a um credo humano; em outras palavras, substituir o antigo papado romano por um papado moderno protestante.[35]

Durant diz que "Calvino manteve o poder como a cabeça do seu consistório; de 1541 até sua morte em 1564, sua voz foi a mais influente em Genebra"[36]. Vance nos lembra que:

---

31 Pike, *João Calvino*, p. 26.

32 John T. McNeil, *The History and Character of Calvinism* (Oxford: Oxford University Press, 1966), p. 189.

33 Williston Walker, *João Calvino: The Organizer of Reformed Protestantism* (Nova Iorque: Schocken Books, 1969), p. 259.

34 Walker, *Organizer*, p. 107.

35 Schaff, *History*, vol. 8, p. 357.

36 Durant, *Civilization*, vol. 4, p. 473.

> Calvino estava envolvido em cada aspecto imaginável da vida da cidade: regulamentos de segurança para proteger as crianças, leis contra o recrutamento dos mercenários, novas invenções, introdução do fabrico de tecidos, e até mesmo dentistas. Ele era consultado não somente sobre todos os assuntos importantes do Estado, mas sobre a supervisão dos mercados e a assistência aos pobres.[37]

Os esforços de Calvino com frequência eram louváveis, mas os assuntos de fé foram legislados também. A confissão de fé trazida por Calvino era obrigatória a todos os cidadãos. Era um crime a qualquer um discordar do papa protestante. Durant comenta:

> Todas as reivindicações dos papas para a supremacia da igreja sobre o Estado foram renovadas por Calvino para a sua igreja [...] [Calvino] era tão rigoroso como qualquer papa em rejeitar um individualismo de crença; esse grande legislador do protestantismo repudiou completamente esse princípio de julgamento pessoal com o que a nova religião começara [...]. Em Genebra [...] aqueles [...] que não podiam aceitar isso teriam que procurar outro lugar para morar. A ausência persistente nos cultos protestantes [calvinista] ou uma recusa continuada a tomar a Eucaristia era uma ofensa punível.
>
> A heresia se tornou de novo [...] traição ao Estado e era punida com a morte [...]. Em um ano, sob o conselho do Consistório, 14 possíveis bruxas foram enviadas à estaca sob a acusação de que elas persuadiram Satã a afligir Genebra com a praga.[38]

Calvino estava novamente seguindo os passos de Agostinho, que forçou a "unidade [...] por meio da participação comum nos Sacra-

---

37 Vance, *Other Side*, p. 85.

38 Durant, *Civilization*, vol. 4, p. 465.

mentos [...]"[39]. Um médico chamado Jerome Bolsec ousou discordar da doutrina da predestinação de Calvino. Ele foi preso por dizer que "aquele que colocar um decreto eterno em Deus pelo qual Ele ordenou alguns para a vida e o resto à morte faz de Deus um tirano [...]"[40]. Bolsec foi preso e banido de Genebra com a advertência de que, se ele retornasse, seria açoitado[41]. John Troillet, um tabelião da cidade, criticou a visão de Calvino da predestinação por "fazer de Deus o autor do pecado"[42]. De fato, a acusação era verdadeira, como nós veremos nos capítulos 9 e 10. A corte decretou que "daí por diante, ninguém ousaria falar contra esse livro [*Institutas*] e suas doutrinas"[43]. Tão vã foi a prometida a liberdade de consciência que iria substituir a opressão intolerável dos papas!

O poder de Calvino era tão grande que se opor era equivalente à traição contra o Estado. Um cidadão chamado Jacques Gruet foi preso sob a suspeita de ter colocado uma placa no púlpito de Calvino que dizia em parte, "Hipócrita grosseiro...! Após o povo ter sofrido tanto eles se vingam a si mesmos [...] perceba que você não tem apoio como M. Verle [que foi morto] [...]"[44].

Gruet foi torturado duas vezes por dia de uma maneira similar a que Roma, que havia sido corretamente condenada pelos reformadores por aplicar tortura, torturava as suas vítimas nas inquisições daqueles que foram acusados de ousar discordar dos seus dogmas. O uso de torturas para "extrair" confissões foi aprovado por Calvino[45]. Após trinta dias de sofrimento severo, Gruet finalmente confessou

39 Frend, *Rise*, p. 669.

40 *The Register of the Company of Pastors of Geneva in the Time of Calvin*, Phillip E. Hughes, trad. e ed. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1966), pp. 137–138; citado em Vance, *Other Side*, p. 84.

41 Schaff, *History*, vol. 8, p. 618.

42 G.R. Potter e M. Greengrass, *João Calvino* (Nova Iorque: St. Martin's Press, 1983), pp. 92–93.

43 *Register of Geneva*, citado em Vance, *Other Side*, p. 201.

44 Schaff, *History*, p. 502.

45 Fisher, *Reformation*, p. 222.

— se verdadeiramente, ou em desespero para o fim das torturas, ninguém sabe. Em 16 de julho de 1547, "meio morto, ele foi preso à estaca, seus pés foram pregados na estaca, e sua cabeça foi cortada"[46]. Decapitação era uma pena por *crimes* civis; queimar na estaca era uma pena por *heresia teológica*. Aqui nós vemos que uma desavença com Calvino era tratada como uma ofensa capital contra o *Estado*.

Comportamento Irracional

Calvino seguiu os princípios de punição, coerção e morte que Agostinho advogou. Em relação somente a um período de pânico em face da praga e da fome, Cottret descreve "uma determinação irracional para punir os fomentadores do mal". Ele fala de um homem que "morreu sob tortura em fevereiro de 1545, sem admitir os seus crimes [...] o corpo foi arrastado ao meio da cidade, a fim de não privar os habitantes da queima a que eles tinham direito. Feiticeiros, como os heréticos [...], foram caracterizados pelo combustível de suas qualidades [...]. As execuções continuaram. Já aqueles detidos que recusavam confessar; as torturas foram combinadas habilmente para evitar matar o culpado de forma tola [...], [alguns] foram decapitados [...], alguns cometeram suicídio em suas celas para evitar a tortura [...], uma mulher presa se jogou pela janela [...]. Sete homens e vinte e quatro mulheres morreram nesse caso; outros fugiram"[47].

Em uma carta, Calvino aconselhou a um amigo: "o Senhor nos testa de uma maneira surpreendente. Uma conspiração foi descoberta de homens e mulheres que por três anos se empenharam em espalhar a praga na cidade por meio da feitiçaria [...]. Quinze mulheres já foram queimadas e os homens foram punidos ainda mais rigorosamente. Vinte e cinco desses criminosos ainda estão na prisão [...]. Até agora Deus tem preservado a nossa casa".

---

46 J.M. Robertson, *Short History of Freethought* (Londres, 1914), vol. 1, pp. 443–444.

47 Cottret, *Biography*, pp. 180–181.

Cottret continua: "Calvino, portanto, compartilha em todos os aspectos, as fantasias de suas comitivas. Ele encontrou ocasião para exortar os seus contemporâneos a perseguir os feiticeiros, a fim de 'extirpar tal raça' [...]. Um par desses capangas de Satã foram queimados no mês anterior [...]"[48]. Calvino até mesmo acreditou que o diabo, pelo menos em uma ocasião, ajudou a eliminar o mal de Genebra, "pois em outubro de 1546 ele [o diabo] arribou ao ar (conforme o que testifica o próprio Calvino) um homem que estava doente com a praga e que era conhecido por sua má conduta e impiedade"[49].

As Boas Intenções se Desviaram

Ninguém jamais teve tanto êxito em uma imposição totalitária da "piedade" sobre uma sociedade completa quanto João Calvino. E, portanto, ninguém provou como ele com clareza que a coerção não pode ser bem-sucedida, porque ela nunca pode mudar os *corações* dos homens. A teologia de Calvino, como definida em suas *Institutas*, negou que o homem não regenerado pudesse crer e obedecer a Deus. Aparentemente, ele era ignorante quanto ao fato do senso comum de que uma escolha genuína é essencial se o homem quer amar e obedecer a Deus ou mostrar uma compaixão real aos seus companheiros. Mas por seus resolutos esforços de fazer os cidadãos de Genebra obedecerem, Calvino refutou suas próprias teorias de Eleição Incondicional e Graça Irresistível.

Aparentemente, o que ele provou, por anos de intimidação e força totalitária, foi o primeiro dos cinco pontos do calvinismo, a Depravação Total. Por mais que ele tentasse, existiram muitos que ele simplesmente não poderia persuadir a viver como ele decretou, não importa quão severa fosse a pena por falhar em fazer o que se ordenava. Ele conseguiu criar muitos hipócritas externamente conformados às leis enquanto as autoridades estavam olhando, mas em

48 Ibid.

49 Wendel, *Calvin*, p. 85.

seus corações almejavam e praticavam, quando possível, os mesmos velhos pecados do passado.

Sim, existiram relatos de visitantes que "maldições e blasfêmias, imoralidade, sacrilégio, adultério e vida impura", tais como encontrados em todos os lugares estavam ausentes em Genebra[50]. Claro, John Knox estava entusiasmado. Ele chamou Genebra de "a mais perfeita escola de Cristo na terra desde os dias dos Apóstolos"[51]. Um visitante, ministro luterano que pensava que a coerção de Calvino era recomendável, escreveu em 1610, "quando eu estava em Genebra, observei algo grandioso de que eu me lembrarei e desejarei enquanto eu viver". Ele elogiou as "investigações semanais da conduta e até mesmo as menores das transgressões dos cidadãos" e concluiu, "se não fosse pela diferença de religião, eu ficaria preso a Genebra para sempre"[52].

Diferença de religião? Sim, o calvinismo não era o luteranismo, embora ambos perseguissem os anabatistas. O protestantismo envolvia várias facções rivais, para não mencionar milhões de verdadeiros cristãos que nunca obedeceram à Roma e assim nunca saíram dela como "protestantes". Multidões incalculáveis desses crentes foram martirizados pelos católicos romanos sob a instigação de numerosos papas por mil anos antes de Lutero e Calvino terem nascido. Assim, a representação de hoje do calvinismo como "teologia reformada" que supostamente reviveu o verdadeiro cristianismo é grosseiramente imprecisa.

Admiradores de João Calvino citam histórias favoráveis como prova da influência piedosa dele e suas teorias exerceram na transformação de uma sociedade ímpia em uma que honrava a Deus. Seus métodos, no entanto, frequentemente longe de estarem de acordo com Cristo, não poderia ser justificada por *quaisquer* resultados. Nem poderiam os meios de Calvino, como nós já temos notado, ser justificados pelo fato de que torturas, prisões e execuções foram em-

---

50 Schaff, *History*, p. 644.

51 Bard Thompson, *Humanists and Reformers: A History of the Renaissance and Reformation* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1996), p. 501.

52 Schaff, *History*, p. 519.

pregados por Lutero, os papas e outros clérigos católicos romanos para forçar suas visões religiosas sobre aqueles debaixo de seu poder. Um verdadeiro seguidor de Cristo não se pode conformar com esse mundo, mas seguir o exemplo de Cristo em seu comportamento, independente em que cultura ou tempo da história ele se encontre.

Os seguidores de Calvino se vangloriam de que ele era o maior dos exegetas, que obedeceu às Escrituras meticulosamente tanto ao formular sua teologia, quanto ao guiar sua vida. Calvino supostamente "se dispôs nitidamente a romper com a tradição onde ela era contrária a Palavra de Deus"[53]. Ao mesmo tempo, ele é defendido com a desculpa de que estava somente em conformidade com as tradições estabelecidas a muito tempo por Roma, que se iniciaram com Constantino. Otto Scott diz, "nos primeiros anos da Reforma, a censura dos costumes e morais permaneceram estabelecidas, e aceita foi parte dos regulamentos antigos, existentes não somente em Genebra, mas em toda a Europa"[54].

Isso é verdade. Tais restrições desencorajaram tentativas de rebeliões de sair do papel, etc. Mas esse não era o cristianismo ensinado e exemplificado por Cristo e seus Apóstolos.

Não há maneira alguma de defender a conduta de Calvino com a Escritura. Sim, ele amava e cuidava daqueles que concordavam com ele. Sim, ele despendeu a si mesmo e encurtou sua vida visitando os doentes, cuidando do rebanho, e pregando continuamente. Mas em seu tratamento daqueles que discordavam dele, ele não seguiu, mas violou os ensinos e os exemplos de Cristo e dos Apóstolos.

A Inutilidade da "Piedade" Imposta

Lamentavelmente, a despeito das ameaças e torturas, a Genebra de Calvino não era uma cidade santa, como as histórias otimistas sele-

---

53 C. Gregg Singer, *João Calvino: His Roots and Fruits* (Abingdon Press, 1989), p. 19.

54 Otto Scott, *The Great Christian Revolution* (Windsor, NY: The Reformer Library, 1994), p. 46.

cionadas parecem indicar. Os relatos do Conselho de Genebra que sobreviveram desvendam uma cidade mais parecida ao resto do mundo do que os admiradores de Calvino gostam de admitir. Esses documentos revelam "um alto percentual de filhos ilegítimos, crianças abandonadas, casamentos forçados e sentenças de morte"[55]. A enteada e o genro de Calvino estavam entre os muitos condenados por adultério[56]. Calvino fez o seu melhor, mas falhou. Ele não foi capaz de produzir entre os pecadores a sociedade ideal — a Cidade de Deus de Agostinho — que ele vislumbrara quando ele escreveu suas *Institutas*.

Os calvinistas ensinam que o não salvo, o totalmente depravado pode responder a Deus *somente* em descrença, rebelião e oposição. White explica: "o homem não regenerado, que é inimigo de Deus, deve, indubitavelmente, responder a Deus de uma maneira universalmente negativa"[57]. Esse sendo o caso, por sua própria teoria, os esforços de Calvino em Genebra estavam fadados ao fracasso antes de se iniciarem!

Falando pela maioria dos calvinistas, R. C. Sproul explica que segundo a "visão reformada da predestinação, antes da pessoa poder escolher a Cristo, ela deve nascer de novo"[58]. Por um ato soberano de Deus. Como Calvino poderia ter certeza de que Deus fez esse trabalho no coração de todos em Genebra? Se Deus não predestinou cada cidadão de Genebra à salvação, então Calvino estava errado em tentar forçá-los aos moldes cristãos. Apesar disso, a coerção até mesmo com o uso da força era uma parte integral do sistema praticado por Calvino e seus sucessores imediatos.

Se os calvinistas de hoje não aprovam tais condutas, não pode o calvinismo que produziu tal tirania também estar errado em outros aspectos?

---

55 Charles Beard, *The Reformation of the Sixteenth Century in Relation to Modern Thought and Knowledge* (Londres, 1885), 353; veja também Edwin Muir, John Knox (Londres, 1920), p. 108.

56 Preserved Smith, *The Age of the Reformation* (Nova Iorque, 1920), p. 174.

57 James R. White, *The Potter's Freedom* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 98.

58 R. C. Sproul, *Chosen By God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, inc., 1986), p. 72.

Quantos dos "eleitos" estavam lá em Genebra? Como Jay Adams destaca, ninguém, nem mesmo Calvino saberia. O calvinismo não tem explicação alguma de como o eleito poderia ser identificado com certeza entre os hipócritas que agiram como se estivessem entre os eleitos pelo seu comportamento, mas assim fizeram apenas por medo das consequências temporais. Não importa o quanto Calvino tentasse, se Deus (segundo a doutrina de Calvino) não elegeu todos os cidadãos de Genebra à salvação (e Ele aparentemente não elegeu), então o mal ainda persistiria — embora não como ostensivamente em outras cidades daqueles dias.

Questiona-se, considerando o registro do insucesso abismal de Calvino, por que os reconstrucionistas de hoje, que abraçam o mesmo dogma, creem que serão capazes de impor vida piedosa sobre nações inteiras — ou porque os evangélicos continuam a elogiar Calvino, o opressor de Genebra.

Servetus: O Arqui-herético

Nascido Miguel Serveto em Villanova em 1511, o homem conhecido pelo mundo como aquele que "descobriu a circulação pulmonar do sangue — a passagem do sangue da câmara direita do coração pela artéria pulmonar, para e através dos pulmões, sua purificação pela oxigenação, e seu retorno pela veia pulmonar para a câmara esquerda do coração". Ele era de alguma maneira "um pouco mais insano do que a média em seu tempo", anunciando o fim do mundo em que "o Arcanjo Miguel lideraria uma guerra santa contra ambos anticristos, o papal e o genebrino"[59].

Inquestionavelmente, ele estava na classificação de um herege, cujos delírios a respeito de Cristo refletiam uma combinação de islamismo e judaísmo, que o intrigavam. No entanto, ele estava certo sobre algumas coisas: que Deus não predestina almas ao inferno e que Deus é amor. Suas outras ideias ultrajantes poderiam ter passado despercebidas se ele não as publicasse e não as tentasse forçar sobre

59 Durant, *Civilization*, vol. 4, p. 481.

Calvino e seus companheiros, ministros em Genebra, com discursos agressivos, desdenhosos e blasfemos. Esse Servetus intitulou uma de suas obras publicadas de *A Restituição do Cristianismo*, o que só poderia ser tomado como uma afronta pessoal e intencional ao autor das *Institutas da Religião Cristã*.

Servetus escreveu pelo menos trinta cartas insistentes a Calvino, o que deve ter irritado grandemente este último. Em 13 de fevereiro de 1546, Calvino escreveu a Farel, "Servetus me enviou um longo volume de seus delírios. Se eu consentir, ele virá aqui, mas eu dou minha palavra que, se ele vier, se minha autoridade tem qualquer peso, eu não o deixarei sair vivo"[60]. Servetus cometeu o erro de passar por Genebra sete anos depois em sua ida a Nápoles e foi reconhecido quando foi à igreja (possivelmente com medo de ser preso por não ir) por alguém que o viu apesar de seu disfarce e o relatou a Calvino, que por sua vez ordenou sua prisão.

A Tortura e a Queima de Servetus

No início do julgamento, que durou dois meses, Calvino escreveu a Farel, "espero que a sentença seja a pena de morte"[61]. Obviamente, se o Deus que se acredita crer que predestina bilhões ao inferno ardente (todos que Ele poderia salvar), então, queimar na estaca um herético totalmente depravado pareceria completamente ameno e facilmente justificável. No entanto, essa lógica, de certa maneira, parece escapar de muitos cristãos evangélicos de hoje que admiram o homem e chamam a si mesmos de calvinistas.

A queixa, trazida por Calvino o detrator, continha trinta e oito acusações amparadas por citações dos escritos de Servetus. Calvino apareceu pessoalmente na corte como o acusador e como "testemu-

60 Rolando Bainton, *Hunted Heretic: The Life of Michael Servetus* (Boston: The Beacon Press, 1953), p. 144; citado em Durant, *Civilization*, vol. 4, p. 481. Veja também João Calvino, *The Letters of João Calvino* (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1980), p. 159.

61 João Calvino, datado de 20 ago. 1553; citado em Calvin, *Letters*.

nha principal da acusação"[62]. Os relatos pessoais de Calvino do julgamento se equipararam às injúrias de Servetus, com epítetos nada cristãos, tais como "o cão sujo limpou o focinho [...] o pérfido patife suja cada página com impios delírios", etc[63].

O Conselho de Genebra consultou as outras igrejas da Suíça protestante, e seis semanas depois a resposta delas foi recebida: Servetus deveria ser condenado, mas não executado. Contudo, sob a liderança de Calvino, ele foi sentenciado à morte sob duas acusações de heresia: unitarismo (rejeição da Trindade) e rejeição do batismo infantil. Durant nos dá os detalhes horripilantes:

> Ele pediu para ser decapitado, ao invés de queimado; Calvino estava inclinado a apoiar esse apelo, mas o ancião Farel [...] o reprovou por tal tolerância; e o Conselho votou que Servetus seria queimado vivo.
>
> A sentença foi executada na manhã seguinte, em 17 de outubro de 1553 [...] no caminho [para a queima] Farel importunou Servetus a receber o favor divino confessando os seus crimes por heresia; segundo Farel, o homem condenado respondeu, "eu não sou culpado, eu não mereci a morte"; e ele rogou a Deus o perdão de seus acusadores. Ele foi preso à estaca com correntes de ferro, e seu último livro foi amarrado ao seu lado. Quando as chamas alcançaram sua face, ele gritou em agonia. Após meia hora queimando, ele morreu.[64]

Calvino acusou Servetus de "argumento enganoso" contra o batismo infantil. Mas as últimas principais objeções (a despeito de suas outras faltas) foram na verdade mero barulho. A resposta irrisória de Calvino, de que ele seria purificado desse anticristão "tom

---

62 Wallace, *Calvin, Geneva*, p. 77.

63 Durant, *Civilization*, vol. 6, p. 483.

64 Ibid, p. 484.

mordaz ridículo e zombador que nunca o deixaria"[65] é condensada como segue:

> Servetus [argumenta] que nenhum homem se torna nosso irmão a não ser pelo Espírito de adoção [...] somente conferido pelo ouvir da fé [...]. Quem presumirá [...] que [Deus] não pode enxertar as crianças em Cristo por algum outro método secreto [...]? Novamente ele objeta que as crianças não podem ser [...] nascidas pela palavra. Mas o que eu tenho dito de novo e de novo e agora repito [é] [...] Deus usa Seus próprios métodos para regenerar [...], consagrar crianças a Si mesmo e iniciá-las por um símbolo sagrado [...]. A Circuncisão era comum às crianças antes de elas receberem o entendimento [...]. Sem dúvida o projeto de Satã em atacar o pedobatismo com todas as suas forças é de [...] apagar essa atestação da graça divina [...], que desde o nascimento elas tem sido [...] reconhecidas por Ele como Seus filhos [...].[66]

Apesar de suas outras falsas visões, Servetus estava correto em suas objeções ao batismo infantil e foi, portanto, nesse respeito, queimado na estaca por uma crença bíblica que se opôs à heresia de Calvino da regeneração batismal de crianças, praticada em muitas igrejas calvinistas nos dias de hoje.

O Fracasso das Tentativas de Absolvição

Muitas tentativas foram feitas por seus seguidores modernos de absolver Calvino da morte cruel e inescrupulosa de Miguel Servetus. É dito que Calvino o visitou na prisão e pediu para ele se retratar. Ao mesmo tempo, a disposição para que Servetus fosse decapitado ao invés de queimado na estaca, não foi necessariamente motivada por

---

65 Cottret, *Biography*, p. 78.

66 Calvin, *Institutes*, vol. 4, xvi.31.

benevolência, mas uma tentativa de transferir a responsabilidade à autoridade civil. Decapitação era a pena para crimes civis; queimar na estaca era por heresia. As acusações, no entanto, claramente foram teológicas, não civis, e foram trazidas pelo próprio Calvino.

Sem dúvida alguma, a autoridade civil só agia sob o comando da igreja. Segundo as leis de Genebra, Servetus, como um viajante de passagem, deveria ter sido expulso da cidade, não executado. Foi somente sua heresia que o condenou — e somente porque Calvino pressionou as acusações. Calvino fez exatamente o que sua visão de Deus requeria, mantendo o que ele escreveu a Farel sete anos antes.

Aqui novamente, sobre os ombros de Calvino, nós vemos a longa sombra de Agostinho. Para justificar as suas ações, Calvino tomou emprestada a mesma interpretação pervertida de Lucas 14:23 que Agostinho usou. Frend disse, "raramente às palavras dos evangelhos são dadas um significado tão inesperado"[67]. Farrar escreve:

> A ele [Agostinho] se deve [...], sobretudo, o espírito amargo de ódio teológico e perseguição. Seus escritos se tornaram a Bíblia da Inquisição. Seu nome foi aduzido — e poderia haver uma Nêmesis mais terrível em seus erros? — para justificar a morte de Servetus.[68]

Houve grande aclamação dos católicos e protestantes juntos pela queima de Servetus. A Inquisição em Viena queimou a sua efígie. Melâncton escreveu uma carta a Calvino em que ele chamou a queima de "um piedoso e memorável exemplo para toda a posteridade" e deu "graças ao Filho de Deus" pela justa "punição desse homem blasfemo". No entanto, outros discordaram e Calvino se tornou alvo de críticas.

Muitos que viviam nos tempos de Calvino reconheceram a perversidade de usar a força para promover o "cristianismo". A total aprovação

---

67 Frend, *Rise*, p. 672.

68 Frederic W. Farrar, *History of Interpretation* (Nova Iorque: E. P. Dutton and Co., 1886), pp. 235–238.

não existiu até mesmo dos amigos íntimos de Calvino[69]. Repreendendo Calvino pela queima de Servetus, o chanceler Nicolau Zurkinden, um magistrado, disse que a espada era inapropriada para forçar a fé[70]. Apesar de muitas repreensões, Calvino insistiu que a espada civil deveria manter a fé pura. Sua conduta estava alinhada à sua rejeição do amor de Deus por todos e sua negação da escolha humana para crer no evangelho.

Autojustificativas de Calvino

Alguns críticos argumentaram que a queima de Servetus somente encorajaria os católicos romanos da França a fazerem o mesmo aos huguenotes (70.000 foram abatidos em uma noite em 1572). Atingido por tal oposição, em fevereiro de 1554, Calvino publicou um pesado ataque destinado aos seus críticos: *Defensio orthodoxae fidei de sacra Trinitate contra prodigiosos errores Michaelis Serveti*. Ele argumentou que todos aqueles que se opõem à verdade de Deus são piores do que os assassinos, porque assassinar mata meramente o corpo, enquanto a heresia condena a alma por toda a eternidade (isso era pior do que a predestinação de Deus à condenação eterna?), e que Deus instruiu explicitamente os cristãos a matarem os heréticos e até mesmo ferirem com a espada qualquer cidade que abandonou a verdadeira fé:

> Quem defender que é errado o que é feito aos heréticos e blasfemadores, punindo-os [com a morte], torna-se cúmplice de seus crimes [...]. É Deus quem fala, e está claro qual lei Ele teria mantido na Igreja até o fim do mundo [...] de modo que não poupamos nem domésticos, nem parentes de qualquer um, e esquecemos toda a humanidade quando o assunto é combater para a Sua glória.[71]

---

69 Ferdinand Buisson, Sebastien Castellion, *Sa Vie son oeuvre* (1515–1563) (Paris: Hachette, 1892), vol. 1, p. 354.

70 Carta de N. Zurkinden a Calvino, 10 fev. 1554, citado em Cottret, p. 227.

71 J. W. Allen, *History of Political Thought in the Sixteenth Century* (Londres, 1951), p. 87.

O historiador R. Tudor Jones declara que esse tratado que Calvino escreveu em defesa da queima de Servetus, "é Calvino no seu comportamento mais frio [...] tão assustador em suas maneiras quanto o trato de Lutero contra os camponeses rebelados"[72]. Oito anos depois, Calvino ainda estava se defendendo contra as críticas e ainda estava defendendo a queima de hereges. Em uma carta de 1561 ao Marquês de Poet, alto Mordomo do Reino de Navarra, Calvino aconselha severamente:

> Não falhe em livrar o país desses canalhas zelosos que agitam o povo a se revoltar contra nós. Tais monstros deveriam ser exterminados, como eu exterminei Michael Servetus o espanhol.[73]

Um ano depois (somente dois anos antes de sua morte), Calvino justificou de novo a morte de Servetus, enquanto que ao mesmo tempo reconhecendo que ele era o responsável: "e que crime foi o meu se o nosso Conselho, *sob minha exortação* [...], se vingou de suas blasfêmias execráveis (ênfase adicionada)?"[74]

Os calvinistas de hoje ainda persistem em oferecer uma desculpa após outra para inocentar seu herói. Contudo, até mesmo um calvinista fiel como William Cunningham escreve:

> Não existe qualquer dúvida que Calvino antes, durante e após o evento aprovou explicitamente e defendeu levá-lo [Servetus] à morte, e assumiu a responsabilidade pelo negócio.[75]

---

72 R. Tudor Jones, *The Great Reformation* (Downer's Grove, IL: InterVarsity Press, sem data), p. 140.

73 João Calvino ao Marquês de Poet, em *The Works of Voltaire* (Chicago: E.R. Dumont, 1901), vol. 4, p. 89; citado em Vance, *Other Side*, p. 95, que dá duas fontes dessa citação.

74 Schaff, *History*, vol. 8, pp. 690–691.

75 William Cunningham, *The Reformed and the Theology of the Reformation* (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1967), pp. 316–317.

A Vida Cristã Se Conforma à Cultura?

Os apoiadores de Calvino de hoje se queixam que "nenhum líder Cristão jamais tem sido, com tanta frequência, condenado por tantos. E o fundamento usual para a condenação é a execução de Servetus e a doutrina da predestinação"[76]. De fato, Servetus foi apenas uma das muitas vítimas do calvinismo quando levado às suas conclusões lógicas. Os defensores geralmente pleiteiam que o que Calvino fez era uma prática comum e que ele deveria ser julgado conforme o padrão de ser tempo. Ser "novas criaturas em Cristo" para não ir além do que as convenções de suas culturas e de seus momentos na história? Certamente não!

A soberania de Deus em controlar e causar todas as coisas que ocorrem é o coração do calvinismo. O fiel calvinista C. Gregg Singer declara que "o segredo da grandiosidade da teologia de Calvino está em seu entendimento do ensino bíblico da soberania de Deus"[77]. Calvino verdadeiramente poderia ter acreditado que ele era o instrumento escolhido de Deus desde a eternidade passada para coagir, torturar e matar, a fim de forçar os cidadãos de Genebra ao comportamento que Deus predestinou e *causou*? Calvino tem sido aclamado como um exemplo piedoso, que baseou suas ações e teologia unicamente na Escritura. Mas, muito do que ele fez não era bíblico e era extremo, embora consistente com sua teologia. Não é esse fato razão suficiente para examinar o calvinismo cuidadosamente, a partir das Escrituras? Que o papa e Lutero se juntaram em uma aliança profana com o governo civil para aprisionar, açoitar, torturar e matar dissidentes em nome de Cristo não justifica Calvino. Não é possível que algo da teologia de Calvino era antibíblico, assim como os princípios que guiaram sua conduta? William Jones declara:

> E com respeito a Calvino, é manifesto que a mais evidente e, pelo menos para mim, a mais odiosa característica em

76 Scott, *Revolution*, p. 100.

77 Singer, *Roots*, p. 32.

> todo o multiforme caráter papal se viu nele ao longo da vida — quero dizer *o espírito de perseguição*.[78]

Não é somente Cristo o padrão de seus seguidores? E Ele não é sempre o mesmo, impossível de ser mudado pelo tempo ou pela cultura? Como os papas podem ser condenados (e certamente são) pelo mal que eles fizeram sob a bandeira da cruz, enquanto Calvino é escusado fazendo o mesmo, embora em uma escala menor? As seguintes são somente duas passagens, entre muitas que condenam Calvino:

- Mas a sabedoria que do alto vem é, primeiramente, pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia. (Tiago 3:17)
- Aquele que diz que está Nele, também deve andar como Ele [Cristo] andou. (1 João 2:6)

Eu me pergunto como tantos líderes cristãos de hoje podem continuar a elogiar um homem cujo comportamento foi muitas vezes tão distante dos exemplos bíblicos refletidos acima.

78 William Jones, *The History of the Christian Church*, 5. ed. (Church History Research and Archives, 1983), vol. 2, p. 238.

CAPÍTULO 6

ARMÍNIO, DORT, WESTMINSTER E OS CINCO PONTOS

O calvinismo é, com frequência, contrastado com o arminianismo, assim chamado devido ao nome de Jacó Armínio (1560–1609). Todos aqueles que não concordam totalmente com o calvinismo em todos os cinco pontos da TULIP (veja abaixo) são quase automaticamente acusados de ser arminianos (não confundir com os armênios étnicos), ainda que muitos contra quem essa acusação é feita nunca ouviram o termo. Além disso, muitos calvinistas que caluniam Armínio nunca leram suas obras e conhecem nada mais do que boatos sobre ele e suas crenças.

Ironicamente, esse teólogo Holandês começou como um calvinista e até mesmo estudou sob Beza no seminário de Calvino em Genebra. Ele um seguidor devoto de Cristo e sofreu muito por sua fé. Sua família inteira foi assassinada, em sua ausência, quando tropas católicas espanholas impuseram a Inquisição e massacraram a população de sua cidade natal, Oudewater, na Holanda.

Armínio foi erroneamente acusado de quase toda doutrina falsa já inventada, do socianismo (negação da predestinação, da verdadeira natureza da expiação, e da Trindade) até o pelagianismo (a negação de que o pecado de Adão afetou sua posteridade, uma ênfase indevida sobre o livre-arbítrio, salvação por graça e obras, e a possibilidade de perfeição sem pecado). Assim, ser chamado de arminiano era a mais séria acusação do que muitos dos acusadores ou acusados poderiam imaginar. O calvinismo era tão forte em certas partes da Europa nos dias de Armínio que discordar daquele sistema teológico era equivalente à negação do evangelho e mesmo da Palavra de Deus — e poderia custar a vida. Na Inglaterra, por exemplo, um ato do Parlamento em 1648 fez a rejeição do batismo infantil calvinista punível com a morte[1].

Armínio teve que suportar o ônus especial que veio sobre qualquer protestante de seus dias, especialmente na Holanda, que ousou dar uma segunda olhada no calvinismo a partir das Escrituras, um fardo ainda colocado sobre os não calvinistas de hoje. Ele foi acusado ter ensinado o catolicismo romano secretamente, apesar de

1 George Park Fisher, *History of the Christian Church* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1902), p. 406.

sua denúncia aberta dos sacramentos católicos e do papado como sendo o reino do Anticristo. Ao visitar Roma para ver o Vaticano por si mesmo, Armínio relatou que viu "o 'mistério da iniquidade' na mais suja, feia e detestável forma do que sua imaginação poderia conceber"[2]. Alguns daqueles que se autodenominaram arminianos promoveram sérias heresias, tendo "adotado visões completamente contrárias" ao que ele ensinou[3], mas o próprio Armínio, na verdade, era bíblico em suas crenças e muito mais cristão em sua vida do que Calvino. Vance afirma acertadamente que "Armínio era tão ortodoxo nas doutrinas cardeais da fé cristã quanto qualquer calvinista, antigo ou moderno"[4].

Comparações de Caráter e Conduta

Alguns calvinistas criticaram a primeira edição deste livro, chamando-o de minha alegada "caricatura de Calvino [e] adoração do retrato de Armínio [...]". Ao contrário, eu dei simplesmente os fatos históricos que nenhum de meus críticos foi capaz de refutar. Em *Debating Calvinism* [Debatendo O Calvinismo] (Multnomah, 2004), James White disse que ele "refutaria as calúnias [que eu] lancei sobre [...] Calvino [e] Agostinho". Eu ainda estou esperando. É inconcebível que os calvinistas varram para debaixo do tapete a conduta não cristã de Calvino — e se neguem a reconhecer os fatos quando confrontados com eles.

Não se pode negar que Calvino foi abusivo, irônico, insolente, insultante, depreciativo, áspero e sarcástico em seus escritos e opiniões expressadas a outros. Isso não foi somente em sua linguagem,

---

2 Jacó Armínio, *The Works of James Arminius*, James e William Nichols, trad. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), vol. 1, p. 26.

3 Da antiga *Edinburgh Encyclopedia* (Escócia: sem página, sem data); citado em Jacó Armínio, *The Works of James Arminius*, James e William Nichols, trad. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), vol. 1, p. 306.

4 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 126.

mas frequentemente em seu tratamento real de muitos que ousaram discordar dele — como mostramos brevemente.

Em contraste, Armínio foi um cristão consistente em seus escritos, e gentil e atencioso em seu tratamento com outros. Em lugar nenhum em seus escritos ou ações se encontra qualquer sarcasmo, ironia ou desprezo a opiniões contrárias, o que caracteriza os escritos de Calvino. Não existe coisa alguma sobre Armínio que sugira revanche contra os inimigos ou o uso de violência na causa de Cristo — muito menos a sentença de morte por heresia que foi aplicada na Genebra de Calvino.

Avaliando qualquer destes dois fortes líderes, é preciso relembrar também que assim como os cinco pontos do calvinismo não foram formulados por Calvino, mas pelo Sínodo de Dort, também não foi Armínio quem articulou os cinco pontos do arminianismo, mas foram os Remonstrantes que os redigiram após sua morte.

Armínio e Seus Escritos

Armínio ficou inflexivelmente a favor da sã doutrina e creu na infalibilidade e na inerrância da Bíblia, sendo ela inspirada por Deus. Ele rejeitou a missa como sendo a negação da "verdade e da excelência do sacrifico de Cristo"[5].

Ele se uniu àqueles que chamavam o papa de "o adulterador e o alcoviteiro da Igreja, o falso profeta [...], o inimigo de Deus [...], o Anticristo [...][6], o homem do pecado, o filho da perdição, o mais notório fora da lei[7] [...], [que] será destruído no glorioso advento de Cristo"[8], e conclamou todos os verdadeiros crentes a se "engajarem na [...] destruição do papado, como se ele fosse [...] o reino do Anticristo

5 Jacó Armínio, *The Works of James Arminius*, James e William Nichols, trad. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), vol. 2, pp. 243–244.

6 Ibid., pp. 264–265.

7 Ibid., vol. 1, p. 298.

8 Ibid., p. 299.

[...]"[9], e ele se esforçou para "destruir o papado" por sua lúcida e poderosa pregação do evangelho e da sã doutrina da Palavra de Deus.

Armínio reconheceu e rejeitou as falsas doutrinas de Agostinho pelo que elas eram. Em contraste a Agostinho, Armínio também rejeitou os apócrifos e a autoridade da tradição. Ele creu na filiação eterna de Cristo, e na Suas igualdade e eternidade com o Pai e o Espírito Santo[10], que Cristo veio a esta terra como homem[11], que Ele era o Jeová do Antigo Testamento[12], que morreu por nossos pecados, pagando a pena total através do sacrifício de Si mesmo na cruz[13], que Ele foi sepultado, ressuscitou dos mortos e ascendeu aos céus[14], que o homem está desesperadamente perdido e preso pelo pecado, e que a salvação é somente pela graça, somente por meio da fé e somente por Cristo[15].

Armínio pregou que a salvação foi inteiramente por meio de Cristo, como uma obra da graça que somente Deus pode fazer no coração. Ele negou categoricamente as falsas acusações feitas contra ele de pelagianismo e socianismo[16]. Ele também, com estas palavras, se defendeu contra a falsa acusação de que ele ensinou a doutrina da apostasia:

> Pois eu jamais [...] ensinei qualquer coisa contrária à palavra de Deus, ou à Confissão e ao Catecismo das Igrejas Belgas. Em nenhum período eu cessei de fazer essa declaração e repito nesta ocasião [...], no entanto, visto que um relatório sinistro sobre mim tem circulado diligente e exten-

9 Ibid., p. 644.

10 Ibid., vol. 2, pp. 115–118, 138, 141-143, 145, etc.

11 Ibid., p. 379.

12 Ibid., p. 141.

13 Ibid., p. 443.

14 Ibid., pp. 378–388.

15 Ibid., pp. 157, 256; vol. 1, pp. 659–660.

16 Ibid., vol. 1, p. 102.

sivamente por um longo tempo [...], e visto que esse rumor infundado já operou muito prejudicialmente contra mim, eu oportunamente suplico ser favorecido com sua permissão graciosa para fazer uma declaração franca e aberta [...].

[Os artigos que circularam] como se fossem minha composição, quando na realidade [...] eles nunca procederam de mim e nem estão de acordo com os meus sentimentos, e, tanto quanto poderia julgar, eles me parecem estar em desacordo com a palavra de Deus [...].

Duas vezes eu repeti esta orientação solene e roguei aos irmãos "não dar crédito tão rapidamente aos relatos que circularam sobre mim, nem ouvir tão facilmente a qualquer coisa que foi apresentada como procedendo de mim ou que tenha sido espalhada como rumor manifestadamente para minha injúria [...]".

Meus sentimentos com respeito à perseverança dos santos são que aquelas pessoas que foram enxertadas em Cristo pela verdadeira fé e assim foram feitos participantes de Seu Espírito vivificante, possuem poder suficiente [ou força] para lutar contra Satanás, o pecado, o mundo e a carne e obter a vitória sobre esses inimigos — não sem a assistência da graça do mesmo Santo Espirito. Jesus Cristo também, por Seu Santo Espírito, os assiste em suas tentações e os proporciona pronto socorro de Suas mãos; e, providos, eles estão preparados para a batalha, implorando por Sua ajuda, nada necessitando, e Cristo os preserva da queda. Então, não é possível para eles, pela esperteza astuta do poder de Satã, serem seduzidos ou arrancados das mãos de Cristo [...].

Embora eu afirme aberta e francamente aqui que eu nunca ensinei que o verdadeiro crente pode, seja total ou finalmente apostatar da fé e perecer, não quero ocultar que

existem passagens da Escritura que me parecem apoiar esse aspecto; e aquelas respostas a essas passagens que pude conhecer não são de um poder tal para se aprovarem em todos os pontos, segundo meu entendimento. Por outro lado, certas passagens são produzidas a favor da doutrina contrária [da perseverança incondicional] que são dignas de maior consideração [...].

Eu não estou consciente de ter ensinado ou recepcionado quaisquer outros sentimentos concernentes à justificação do homem diante de Deus do que aqueles mantidos unanimemente pelas igrejas Reformadas e Protestantes, e daquelas que estão em completo acordo com suas opiniões expressas [...], porém, minha opinião não é amplamente diferente [da de Calvino] a ponto de me impedir empregar minha assinatura, de minha própria mão, em apoio àquelas coisas que ele comunicou sobre esse assunto [a justificação] no terceiro livro de suas Institutas; isso eu estou preparado a fazer a qualquer hora e dar a minha total aprovação [...], porque não sou da congregação daqueles que desejam ter domínio sobre a fé de outro homem, mas sou somente um ministro aos crentes, com o desejo de prover neles o crescimento de conhecimento, verdade, piedade e gozo em Jesus Cristo, nosso Senhor"[17].

17 *The Works of James Arminus*, vols. 1 e 2, traduzidas do latim, por James Nichols: "The Apology or Defense of JamesArminio, against certain theological articles extensively distributed and currently circulated [...] in the low countries and beyond [...] in which both Arminius and Adrian Borrius, a minister of Leyden, are rendered suspected of novelty and heterodoxy, of error and heresy, on the subject of religion" ["A Apologia ou Defesa de Jacó Armínio, contra certos artigos teológicos amplamente distribuidos, e que atualmente circulam [...] nos países baixos e além deles [...] nos quais, tanto Armínio quanto Adrian Borrius, um ministro de Leyden, são apontados em suspeita de novidade e heterodoxia, de erro e heresia, a respeito do tema da religião"], provavelmente, publicada no início de 1609, logo antes de sua morte. Veja também, *A Declaration of Sentiments of Arminius — On Predestination, Divine Providence, the freedom of the will, the grace of God, the*

O calvinista convicto R. K. McGregor Wright reconhece que Armínio afirmou solidamente a segurança eterna dos santos, embora essa doutrina tenha sido "[...] abandonada por seus seguidores [...] alguns anos após sua morte"[18]. Armínio é caluniado e denunciado por calvinistas hoje, enquanto Agostinho é adorado. Embora admitindo que Armínio "afirmou dogmaticamente ser impossível para os crentes caírem da salvação", Dillow insiste que "Armínio acredita que a salvação pode ser perdida"[19]. J. I. Packer cita com aprovação "Robert Trail, o puritano escocês, [que] escreveu em 1692, 'os princípios do arminianismo são os ditames de uma mente carnal, que é inimiga tanto da lei de Deus quanto do evangelho de Cristo, e, próximo ao Mar Morto do papado (em que também esse fluxo corre), eles têm sido, desde Pelágio até os dias atuais, a grande praga da Igreja de Cristo, e assim serão até Sua segunda vinda'"[20]. Sheldon, no entanto, diz, "o sistema doutrinário de Armínio, que é confessado por todos como tendo sido um homem de mais exemplar espírito e vida, foi o sistema calvinista com nenhuma modificação adicional além daquilo que necessariamente resultou da rejeição à doutrina da predestinação absoluta"[21]. Um líder arminiano do século 19 resumiu seu entendimento dessa doutrina:

Divinity of the Son of God, and the justification of man before God. Delivered before the states of Holland, at the Hague, on the thirtieth of October, 1608 [Uma Declaração de Sentimentos de Armínio — A Respeito da Predestinação, da Divina Providência, da Liberdade da Vontade, da Graça de Deus, da Divindade do Filho de Deus e da Justificação do Homem diante de Deus. Apresentada diante dos Estados da Holanda, em Haia, em 30 de outubro de 1608].

18 R. K. McGregor Wright, *No Place for Sovereignty: What's Wrong with Freewill Theism* (Downer's Grove, IL: InterVarsity Press, 1996), p. 29.

19 Joseph C. Dillow, *The Reign of the Servant King: A Study of Eternal Security and the Final Significance of Man*, 2. ed. (Haysville, NC: Schoettle Publishing Co., 1993), p. 266.

20 J. I. Packer, *"Sola Fide: The Reformed Doctrine of Justification"*. Disponível em <http://www.the-highway.com/justification_Packer.html>.

21 Henry C. Sheldon, *History of Christian Doctrine*, 2. ed. (Nova Iorque: Harper and Bros., 1895), vol. 2, pp. 34–35.

> O arminianismo ensina que Deus em Jesus Cristo fez provisão completa para a salvação de todo aquele que, pelo arrependimento em direção a Deus e pela fé em nosso Senhor Jesus Cristo, aceita os termos [do evangelho], e todos que assim aceitarem são eternamente salvos.[22]

Alguém dificilmente poderia argumentar contra que essa afirmação. Porém, os calvinistas continuam a acusar Armínio de ensinar que a salvação pode ser perdida — e rotulam como "arminianos" qualquer um que discorda deles. O mesmo é, com frequência, o caso hoje.

O Rompimento Com o Calvinismo

Armínio foi tão determinado quanto Calvino em seguir somente o Senhor e Sua Palavra. Esse desejo sincero o colocou em problemas porque ele considerou não "estar obrigado a adotar todas as interpretações privadas dos Reformados"[23], assim como também não estava com relação àquelas adotadas pela Igreja Católica Romana[24]. Ele concluiu a partir de um estudo honesto das Escrituras que em alguns aspectos o calvinismo era simplesmente não bíblico. E ele sofreu falsas acusações e perseguições por essa opinião zelosa e reverente. — como os não calvinistas de hoje também sofrem.

Armínio foi convencido pelas Escrituras de que aqueles que estarão no céu estarão lá porque creram no evangelho, não porque Deus os elegeu para serem salvos e os regenerar sem qualquer fé da parte deles. Ele creu e ensinou firmemente a predestinação como "um decreto eterno e gracioso em Cristo, pelo qual Ele determina justificar e adotar os crentes e os favorecer com a vida eterna; porém, condenar as pessoas descren-

22 George L. Curtiss, *Arminianism in History* (Nova Iorque: Cranston and Curts, 1894), p. 10.

23 Jacó Armínio, *The Works of James Arminius*, James e William Nichols, trad. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), volume 1, p. 103.

24 Ibid., vol. 2, p. 81.

tes e impenitentes"[25]. O que E. H. Broadbent disse sobre Armínio em seu clássico *The Pilgrim Church* [A Igreja Peregrina] está em contraste gritante com a calúnia que ele ainda sofre por parte dos calvinistas:

> Educado sob a influência dos ensinos de Calvino, Armínio — reconhecido por todos como um homem de caráter imaculado, insuperável na habilidade e no aprendizado — foi escolhido para escrever em defesa de um tipo de calvinismo menos extremo, que se cria estar em perigo devido aos ataques feitos a ele. No entanto, estudando o assunto, ele viu que muito do que ele apoiava era indefensável; que isso fez de Deus o autor do pecado, pôs limites à Sua graça salvadora, e deixou a maioria da humanidade sem esperança ou possibilidade de salvação.
>
> Ele viu a partir das Escrituras que a obra expiatória de Cristo foi por todos e que a liberdade de escolha do homem é parte do decreto divino. Voltando aos ensinos originais da Escritura e à fé da Igreja, ele evitou os extremos em que ambas as partes dessa longa controvérsia caíram. Sua afirmação do que ele veio a crer o envolveu pessoalmente em conflitos que afetaram tanto seu espírito a ponto de encurtarem sua vida [ele morreu aos 49 anos e Calvino aos 55]. Seus ensinos tomaram uma forma vivida e evangélica mais tarde, no avivamento Metodista.[26]

Fisk concorda que "o arminianismo vem do nome de um homem que primeiro abraçou o sistema calvinista, foi chamado para defender o calvinismo contra a oposição, e que através de mais estudo se aproximou de uma posição mais moderada"[27]. McNeil, um

---

25 Ibid., p. 623.

26 E. H. Broadbent, *The Pilgrim Church* (Port Colborn, ON: Gospel Folio Press, reimpressão 1999), p. 255.

27 Samuel Fisk, *Calvinistic Paths Retraced* (Raleigh, NC: Biblical Evangelism Press, 1985), p. 120.

presbiteriano, é honesto o suficiente para dizer que Armínio "não repudiou a predestinação, mas condenou o supralapsarianismo [que Deus da eternidade passada predestinou o não eleito ao pecado e a sofrer a condenação eterna] como subversivo ao evangelho"[28]. Earle E. Cairns explica a maior diferença entre os dois sistemas:

> Sua tentativa [de Armínio] de modificar o calvinismo foi de que [...] Deus pode não ser considerado o autor do pecado nem o homem um autômato nas mãos de Deus, isso trouxe oposição sobre ele [...], ambos Armínio e Calvino ensinaram que o homem, que herdou o pecado de Adão, está sob a ira de Deus. Mas Armínio creu que o homem era capaz de iniciar sua salvação depois de Deus ter garantido a graça primária para capacitar sua vontade a cooperar com Deus [...][29]. Armínio aceitou a eleição, mas creu que o decreto de salvar alguns e condenar outros teve "seu fundamento na presciência de Deus"[30]. Assim a eleição era condicional, ao invés de incondicional [...]. Arminio também creu que a morte de Cristo foi suficiente para todos, mas que é eficiente somente nos crentes[31]. Calvino limitou a expiação aos eleitos para a salvação. Armínio também ensinou que o homem pode resistir a graça salvadora de Deus[32], enquanto Calvino manteve que a graça era irresistível.[33]

28 John T. McNeil, *Makers of the Christian Tradition* (San Francisco: Harper and Row, 1964), p. 221.

29 Jacó Arminio, *The Works of James Arminius*, James e William Nichols, trad. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), vol. 1, p. 329; vol. 2, pp. 472–473.

30 Ibid., vol. 1, p. 248.

31 Ibid., pp. 316–317.

32 Ibid., vol. 1, p. 254; vol. 2, p. 497.

33 Early E. Cairns, *Christianity Through the Centuries: A History of the Christian Church*, ed. rev. e amp. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981), p. 325.

O desejo sincero de Armínio foi de simplesmente diminuir os extremos do calvinismo. De Armínio, Newman diz, "ele foi reconhecido como entre os homens mais capazes e instruídos de seu tempo. Seus sermões expositivos foram tão lúcidos, eloquentes, e bem comunicados, que atraíram enormes audiências. Ele foi chamado de tempos em tempos para escrever contra os oponentes do calvinismo, o que ele fez de forma moderada e satisfatória. Quando a pestilência devastava em 1602, ele se distinguiu pelo serviço heroico"[34].

Nos primeiros dias, ninguém atacou mais cruelmente os "arminianos" do que John Owen, que se referia ao "veneno do arminianismo [...] cortando a própria raiz do cristianismo"[35]. Esse esforço alcançou seu pico em seu volumoso tratado contra "as doutrinas de Armínio" intitulado *A Display of Arminianism* [Uma Apresentação do Arminianismo], primeiro publicado em 1642 por ordem do Comitê da Casa dos Comuns no Parlamento para a Regulação de Impressos e Publicação de Livros. Aparentemente perdida entre as fervorosas polêmicas estava uma palavra de cautela no "Prefácio", que passou despercebida, como passa agora: "É de se questionar se Owen compreendeu suficientemente a doutrina de Armínio, o desenvolvimento pleno de seu sistema, recebido das mãos de seus seguidores após sua morte"[36].

O Arminianismo e as Igrejas Estatais

A visão moderada de Armínio atraiu um grande número de seguidores. Muitos pastores protestantes, desconfortáveis com os extremos do calvinismo e com sua militância contra aqueles que dele

34 Albert H. Newman, *A Manual of Church History* (American Baptist Publication Society, 1933), vol. 2, p. 340.

35 John Owen, *A Display of Arminianism*, "To the right honourable, The Lords and Gentlemen of the Committee for Religion" e "To the Christian Reader", William Gold, ed. (The Banner of Truth Trust, 1978) vol. X, pp. 7–8.

36 Ibid., p. 4.

discordavam, passaram a pregar o mesmo calvinismo modificado como Armínio e receberam considerável oposição dos calvinistas. Esses últimos, seguindo os ensinos de Agostinho e as práticas de Roma, viam a igreja e o Estado como parceiros, com o Estado forçando sanções a quem quer que a igreja considerava herege — uma intolerância a que Armínio e seus seguidores se opuseram. McGregor escreve que "o processo inteiro da Reforma ocorreu no contexto das igrejas estatais, onde o poder secular apoiava os reformadores e protegia seus lucros"[37].

Esse grande erro foi o legado de Constantino, o primeiro a proibir a qualquer um fora da igreja estabelecida de se reunir com propósitos religiosos, e o primeiro a confiscar as propriedades daqueles que assim fizeram. Crendo que o batismo era "a salvação de Deus [...] o selo que confere imortalidade [...], o selo da salvação"[38] ele esperou até pouco antes de sua morte para ser batizado, de modo a não correr o risco de pecar e em seguida perder sua salvação. Mais tarde, o imperador Teodósio endereçou um edito fazendo "[da] religião que foi ensinada por São Pedro, completamente preservada pela tradição"[39], a fé oficial do Império. Como notado antes, os adeptos deviam ser chamados "cristãos católicos" e todos os outros foram proibidos de se reunirem em suas igrejas[40]. Um historiador explicou o trágico efeito para a igreja:

> As Escrituras não eram mais o padrão da fé cristã [...], [mas sim] as decisões dos Pais e Concílios [...]. A religião não era mais propagada pelos métodos apostólicos de persuasão, acompanhada pela obediência e pela gentileza de Cristo, mas pelos editos e decretos imperiais; os opositores não fo-

---

37 R. K. McGregor Wright, *No Place for Sovereignty: What's Wrong with Freewill Theism* (Downer's Grove, IL: InterVarsity Press, 1996), p. 28.

38 Eusébio Panfílio de Cesaréia, conselheiro de Constantino, *The Life of Constantine* (sem página, cerca de A.D. 335), 3.62.

39 Philip Schaff, *History of the Christian Church* (Nova Iorque: Charles Scribner, 1910; Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., reimpressão, 1959), p. 142.

40 Ibid.

> ram trazidos à convicção pela [...] razão e pelas Escrituras, mas perseguidos e destruídos.[41]

Tal foi o relacionamento oficial entre a igreja e o Estado que Calvino herdou de Agostinho, forçado em Genebra, e que os calvinistas, onde possível, exerciam e costumavam forçar sua vontade sobre aqueles que diferiam deles. Em aliança com principes, reis e imperadores, a Igreja Católica Romana controlou toda a Europa por séculos. A Reforma criou uma nova igreja estatal naquele continente, em competição com Roma, que ou era luterana ou calvinista. A última reclamava a si o nome de "Reformada".

A Igreja Presbiteriana na Escócia, a Igreja da Inglaterra e a Igreja Reformada da Holanda, a qual perseguiu os arminianos daquele país, foram todas igrejas estatais calvinistas. Tragicamente, elas seguiram Constantino, Agostinho e Calvino na não bíblica e grandiosa ambição de impor seu tipo de cristianismo sobre todos, em parceria com o Estado. Como David Gay destaca:

> Nas Institutas, Calvino disse que o governo civil é designado para favorecer a adoração externa a Deus, defender a sã doutrina e a condição da igreja. Ele rejeitou os anabatistas como fanáticos estúpidos, porque eles argumentavam que essas questões são assuntos da igreja, não das autoridades civis. Contudo, Calvino estava errado; eles estavam certos [...]. Ele estava escrevendo sob o ponto de vista de Constantino, não do Novo Testamento [...].[42]

Sínodos, Assembleias, Concílios e Confissões

Aqueles que discordam do calvinismo hoje com base em seu entendimento da Palavra de Deus são acusados de abandonar, ignorar

41 William Jones, *The History of the Christian Church*, 5. ed. (Church History Research and Archives, 1983), vol. 1, p. 306.

42 David Gay, *Battle for the Church: 1517–1644* (Lowestoft, UK: Brachus, 1997), p. 44.

ou mesmo desafiar as grandes confissões e os credos estabelecidos da igreja. Devemos perguntar, "que igreja?" Católicos romanos também se referem à "igreja" de maneira similar, mas milhões de crentes verdadeiros não fizeram parte disso por séculos antes da Reforma, recusando se curvar aos papas ou se submeter às heresias de Roma. Os calvinistas de hoje, olhando para trás até o primeiro século, ou então para a Reforma, se referem à "igreja" de maneira muito parecida, querendo dizer igrejas estatais, dando continuidade ao que Calvino começou em Genebra, com aqueles que discordam sendo encarados como hereges que rejeitam "a fé reformada" — igualando assim o calvinismo com a Reforma.

Calvino perseguiu diligentemente, até mesmo à morte, aqueles que discordavam de suas visões extremas sobre soberania e predestinação. Mas ele tolerou as muitas heresias de Agostinho — e mesmo adotou algumas. Encontramos somente elogios em seus escritos a esse homem que apoiou tanta coisa antibíblica. De fato, Calvino olhou para Agostinho como a autoridade que justificava suas próprias crenças e práticas errôneas.

Deve ser lembrado que os credos reformados e as confissões não foram formulados com o acordo entre todos os cristãos, mas, ou pelos luteranos ou somente pelo segmento calvinista. O Sínodo de Dort e a Assembleia de Westminster, mencionados pelos calvinistas como afirmações autorizativas das verdades cristãs, foram dominados pelos calvinistas e teve o calvinismo forçado como a religião oficial do Estado, sobre todos.

Então, a acusação de que falhar em seguir essas "grandes confissões reformadas" é meramente outra maneira de dizer que discorda do calvinismo! Isso também promove a falsa impressão de que o calvinismo era a crença oficial mantida por todos os reformadores. Com respeito aos cinco pontos do calvinismo, Hodges escreve, "nenhuma dessas ideias tem qualquer direito de ser chamada de teologia protestante normativa. Nenhuma jamais foi mantida pelo amplo leque da cristandade. Mais importante, nenhuma delas é bíblica [...], todas elas se situam fora dos parâmetros adequados do cristianismo ortodoxo"[43].

---

43 Zane C. Hodges, "The New Puritanism, Parte 2: Michael S. Horton: Holy War with Unholy Weapons" (Journal of the Grace Evangelical Society, primavera de 1994), vol. 6, p. 11.

Os Cinco Pontos Arminianos

Armínio fazia parte dessa igreja estatal reformada holandesa, assim como os líderes que deram continuidade às suas crenças após sua morte prematura em 1609. Inevitavelmente, desenvolveu-se a controvérsia pública sobre a predestinação, e sobre se a Confissão Belga e o Catecismo de Heildelberg deveriam ser analisados para possível revisão. Para discutir essas questões, 46 ministros arminianos se encontraram privativamente em Gouda, Holanda, em 14 de janeiro de 1610. Eles redigiram e assinaram uma Remonstrância (protesto) contra o calvinismo, afirmando que suas doutrinas "não estavam contidas na Palavra de Deus nem no Catecismo de Heildelberg, e não são edificantes — mas sim, perigosas — e não deveriam ser pregadas ao povo cristão"[44].

A Remonstrância abrangia cinco breves parágrafos que ficaram conhecidos como os cinco pontos do arminianismo. Em resumo, eles afirmaram:

1. Que Deus da eternidade passada determinou salvar todos os que crerem em Jesus e "deixar os incorrigíveis e descrentes no pecado e sob ira [...]"
2. Que Cristo morreu e obteve redenção e perdão dos pecados por todos, mas esses benefícios só são efetivos para aqueles que creem em Cristo.
3. Que o homem não pode "pensar, desejar ou fazer qualquer coisa verdadeiramente boa", o que inclui a "fé salvadora", mas deve ser regenerado.
4. Que a Graça de Deus é essencial para a salvação, mas que ela pode ser resistida.
5. Que aqueles verdadeiramente salvos por meio da fé em Cristo são fortalecidos pelo Espírito Santo para resistir ao pecado; mas se eles podem cair da fé "deve ser particularmente determinado pelas Santas Escrituras, antes de podermos ensinar com a persuasão total da nossa mente".

---

44 George L. Curtiss, *Arminianism in History* (Nova Iorque: Cranston and Curts, 1894), p. 69.

A resposta calvinista veio alguns meses depois em forma de uma Contrarremonstrância, que continha sete artigos. O segundo e o terceiro pontos foram combinados sob o título de "Eleição Incondicional", com o sexto e o sétimo pontos combinados sob a "Perseverança dos Santos", resultando no que ficou conhecido como os Cinco Pontos do Calvinismo. Vance resume bem essa declaração, como segue:

1. Pelo motivo de toda a raça ter caído em Adão e se tornado corrupta e impotente para crer, Deus tira da condenação aqueles que Ele escolheu para salvação, ignorando os outros.
2. Os filhos dos crentes, contanto que eles não manifestem o contrário, devem ser considerados como eleitos de Deus.
3. Deus decretou conceder fé e perseverança e consequentemente salvar aqueles que Ele escolheu para salvação.
4. Deus entregou Seu Filho Jesus Cristo para morrer na cruz para salvar somente os eleitos.
5. O Espírito Santo, externamente através da pregação do Evangelho, opera uma graça especial internamente nos corações dos eleitos, dando-lhes poder para crer.
6. Aqueles que Deus decretou salvar são sustentados e preservados pelo Espírito Santo de modo que eles não podem finalmente perder sua fé verdadeira.
7. Crentes genuínos não seguem negligentemente as concupiscências da carne, mas desenvolvem sua própria salvação no temor de Deus.[45]

A Controvérsia Crescente

A Contrarremonstrância foi respondida por *As Opiniões dos Remonstrantes*. Esse foi um documento muito mais longo que entrou

45 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), pp. 151–152.

em muitos detalhes para estabelecer o que os remonstrantes "em consciência, têm, até aqui considerado e ainda consideram estar em harmonia com a Palavra de Deus [...]". Ele continha extensas objeções ao calvinismo sob quatro títulos, os pontos principais sendo resumidos nos seguintes trechos:

> Da **Seção I** (10 parágrafos):
>
> 3. Deus [...] não ordenou a queda [...] nem privou Adão da graça necessária e suficiente, nem também [...] trouxe alguns [homens] para a vida [eterna] e privou outros dos benefícios da vida [...].
>
> 4. Deus não decretou, sem intervir, os pecados reais, a fim de deixar distante a grande parte dos homens, excluídos de toda a esperança de salvação, na queda.
>
> 5. Deus ordenou que Cristo deveria ser a expiação pelos pecados do mundo todo e pela virtude desse decreto Ele decidiu justificar e salvar aqueles que creem Nele, e prover os homens com os meios necessários e suficientes para a fé [...].
>
> 6. Ninguém é rejeitado para a vida eterna nem dos meios suficientes a ela por qualquer decreto absoluto antecedente [...].
>
> Da **Seção II** (4 parágrafos):
>
> 1. O preço da salvação que Cristo ofereceu a Deus [...] pago por todo e cada homem, segundo a [...] graça de Deus o Pai; e, portanto, ninguém está excluído definitivamente dos [...] benefícios da morte de Cristo por um decreto absoluto e antecedente de Deus.
>
> 3. Embora Cristo tenha obtido os méritos da reconciliação com Deus e o perdão dos pecados por todos os homens

[...], ninguém se torna participante dos benefícios da morte de Cristo exceto pela fé [...].

Da **Seção III** (12 parágrafos):

5. A graça eficaz, pela qual qualquer um é convertido, não é irresistível e, embora Deus, por meio da Sua palavra e da operação interna do Seu Espírito assim influencia a vontade a qual Ele concede tanto o poder para crer [...] quanto de fato faz o homem crer, contudo, o homem é capaz de por si mesmo, apesar dessa graça, não crer e assim perecer por sua própria culpa.

6. Embora, de acordo com a total liberdade de Deus, a incomparabilidade da graça divina é muito grande, ainda assim o Santo Espírito concede, ou está pronto para conceder, tanta graça sobre todo e cada homem a quem a Palavra de Deus é pregada quanto seja suficiente para a produção, pela graça suficiente, da fé e da conversão de quem é dito que Deus deseja salvar segundo o decreto da eleição absoluta, mas também daqueles que não são convertidos realmente.

12. Também defendemos ser falso e horrível que Deus incitasse, de uma maneira oculta, o homem ao pecado que Ele proíbe abertamente; que aqueles que pecam não agem contrário à verdadeira vontade de Deus [...], que é segundo a justiça ser a vontade de Deus um crime merecedor de morte.

Da **Seção IV** (8 parágrafos):

3. Verdadeiros crentes podem cair da verdadeira fé e cair em tais pecados que não podem ser consistentes com a verdade e a fé justificadora, e não só isso pode acontecer, mas também não ocorre infrequentemente.

4. Verdadeiros crentes podem por sua própria culpa [...] apostatar finalmente e se perder.

5. Contudo não cremos, embora, às vezes, verdadeiros crentes caem em pecados graves, devastando a consciência, que eles caem imediatamente de toda esperança de conversão, mas reconhecemos que pode acontecer que Deus, conforme Seu favor abundante, os chame novamente à conversão por meio de Sua graça [...].

6. Portanto, rejeitamos de todo o coração as seguintes doutrinas que são divulgadas em todas as partes entre as pessoas, nos escritos públicos, como sendo perigosas à piedade e à boa moral, a saber: 1) que os verdadeiros crentes não podem pecar deliberadamente, mas somente por ignorância e fraqueza; 2) que os verdadeiros crentes não podem cair da graça de Deus, seja por quaisquer pecados; 3) que milhares de pecados, sim, todos os pecados de todo o mundo, não podem tornar a eleição inválida; quando é adicionado a isso que todos os homens são obrigados a crer que eles são escolhidos à salvação e, portanto, não podem cair da eleição, trazemos à consideração que uma porta larga se abre a favor da certeza carnal; 4) que para os crentes e para os eleitos, nenhum pecado, não importando quão grandes e graves eles possam ser, são imputados [...]; 5) que verdadeiros crentes, tendo caído em heresias corruptas, em pecados graves e vergonhosos, tais como adultério e assassinato, por conta dos quais a Igreja, segundo a Instituição de Cristo, é obrigada a testificar que ela não os pode tolerar em sua comunhão externa e que eles não terão qualquer parte no Reino de Cristo, a menos que eles se arrependam, ainda assim esses crentes não podem total e finalmente cair da fé.

8. O verdadeiro crente pode e deve estar certo acerca do futuro que ele, contanto que haja intervenção, vigia, oração e outros exercícios santos, pode perseverar em verdadeira

> fé e que a graça de Deus para perseverar nunca faltará a ele; mas não vemos como ele pode estar seguro de que nunca negligenciará seu dever no futuro, se não persevera nessa escola da luta cristã nas obras da fé, da piedade e do amor, como convém ao crente. Tampouco supomos necessário que o crente esteja certo disso.[46]

Esses quatro títulos (que se afastaram claramente do que Armínio ensinou) foram entendidos como contendo cinco pontos, a que os calvinistas no Sínodo de Dort responderam com o que se tornou conhecido como os Cinco Pontos do Calvinismo. A maior diferença é óbvia: os arminianos colocaram a culpa pela punição eterna do homem no próprio homem, por rejeitar o evangelho pelo seu livre-arbítrio, embora ele pudesse ter aceito esse mesmo evangelho por meio da graça capacitadora de Deus; enquanto que os calvinistas colocam o próprio pecado e a condenação do homem totalmente na conta de Deus, que simplesmente predestinou todas as coisas a se revelarem dessa forma. A. W. Tozer, respeitado por muitos calvinistas, afirmou, "então, quando o homem exercita sua liberdade [de escolha], ele está realizando a soberania de Deus, não a cancelando"[47].

O Estado da Holanda, em seu interesse por unidade entre seus cidadãos, ordenou que ambas as partes se reunissem para resolver suas diferenças. Seis líderes de cada lado se encontraram em Haia em 31 de março de 1611, mas falharam em chegar a um acordo. Enquanto os arminianos imploraram por tolerância, os calvinistas estavam determinados a se reunirem em uma conferência nacional para ter seus oponentes declarados como hereges. Claro, a visão daquele tempo era que o Estado executaria as penas prescritas a hereges, incluindo até mesmo a morte.

---

46 De "As Opiniões dos Remonstrantes" (apresentadas em Dordrecht, Holanda, 1619).

47 A. W. Tozer, "The Sovereignty of God" (Camp Hill, PA: Christian Publications, 1997), fita de áudio.

O Grande Sínodo de Dort (Dordrecht)

As persistentes diferenças teológicas finalmente envolveram o governo em uma batalha interna entre politicos rivais. Os calvinistas triunfaram com o príncipe Maurício do lado deles. Magistrados simpatizantes dos arminianos foram substituídos. Isso pavimentou o caminho para o sínodo nacional que, após cartas enviadas convidando representantes estrangeiros, foi então reunido em Dordrecht em 13 de novembro de 1618 e encerrou em maio do ano seguinte.

Convencidos de que defendiam a verdade, cada delegado calvinista fez um juramento de seguir somente a Palavra de Deus e "visar a glória de Deus, a paz da Igreja, e especialmente a preservação da pureza da doutrina. Então, ajuda-me, meu Salvador Jesus Cristo! Eu Te imploro a me assistir pelo Seu Santo Espírito"[48].

Os calvinistas sempre celebraram Dort como o encontro de líderes mais piedosos da história, que seguiram sinceramente seu juramento. No entanto, na opinião de João Wesley, Dort foi tão imparcial quanto o Concílio de Trento[49]. De fato, Dort foi convocado pelos oficiais do Estado favorecendo os calvinistas, com o único propósito de apoiar os calvinistas e condenar os arminianos, e, então, ele dificilmente pode ser considerado um tribunal imparcial e certamente não representou um consenso entre os crentes verdadeiros.

Além disso, os batistas que hoje destacam Dort como a articulação do que eles creem, como Vance destaca[50], "não estão apenas se sujeitando a um credo de uma igreja estatal reformada holandesa, como também estão seguindo Agostinho, pois como o teólogo reformado Herman Hanko afirma: 'nossos pais em Dordrecht conheciam bem que essas verdades demonstradas nos cânones não podiam apenas ser remontadas à Reforma de Calvino; elas

---

48 Citação completa em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), pp. 153–154.

49 Citado em Jacó Armínio, *The Works of James Arminius*, James e William Nichols, trad. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), vol. 1, p. xiii.

50 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), pp. 158–159.

podiam ser remontadas à teologia de Santo Agostinho [...]. Pois foi Agostinho que originalmente expôs essas verdades'[51]. Custance insiste que os Cinco Pontos foram 'formulados implicitamente por Agostinho'"[52].

Os arminianos não foram permitidos pleitear seu caso como iguais, mas foram removidos do *status* de delegados para o de réus, expulsos do sínodo sumariamente e denunciados publicamente. Após Dort, os remonstrantes foram solicitados se retratarem ou serem banidos. Mais de 200 ministros arminianos foram removidos de seus púlpitos e muitos foram exilados. Houve uma tentativa de estabelecer uma teocracia calvinista cruel, onde somente o calvinismo seria proclamado publicamente, mas isso permaneceu apenas por pouco tempo. No entanto, não foi antes de 1625 que a perseguição aos arminianos cessou oficialmente[53].

Cairns chama o grande Sínodo de Dort de "uma assembleia calvinista internacional", à qual os arminianos "compareceram como acusados". Os calvinistas chamam Dort de "um símbolo do triunfo do calvinismo ortodoxo na Holanda"[54]. Louis Berkhof afirma que os "cinco cânones calvinistas minuciosos, nos quais as doutrinas da Reforma, e particularmente de Calvino, sobre os cincos pontos disputados, estão definidos com clareza e precisão"[55].

Desde Dort, os calvinistas têm saudado esses cânones como "uma fortaleza, uma defesa da verdade da Palavra de Deus concer-

---

51 Herman Hanko, "Total Depravity" em Herman Hanko, Homer C. Hoeksema e Gise J. Van Baren, *The Five Points of Calvinism* (Grandvilie, MI: Reformed Free Publishing Association, 1976), p. 10.

52 Arthur C. Custance, *The Sovereignty of Grace* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1979), p. 71.

53 Early E. Cairns, *Christianity Through the Centuries: A History of the Christian Church*, ed. rev. e amp. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981), p. 325.

54 Citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 148.

55 Louis Berkhof, *The History of Christian Doctrines* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1937), p. 152.

nente à nossa salvação"[56]. Já temos citados uma variedade de líderes calvinistas, no sentido de que os Cinco Pontos do Calvinismo são o evangelho. Tais opiniões deveriam causar preocupação na igreja hoje, tendo em vista a ressurgência do calvinismo pelos esforços de respeitados líderes evangélicos.

Frutos do Sínodo de Dort

Avaliando o Sínodo de Dort e os Cinco Pontos do Calvinismo que ele pronunciou, ninguém pode evitar de reconhecer a natureza política do encontro. Cristo delineou uma linha clara de separação entre as coisas que são de César e "as coisas que são de Deus" (Marcos 12:17). Em trágico contraste, os líderes da igreja calvinista agiram como instrumentos de César (o Estado) — e o Estado agiu em seu favor para punir seus oponentes. Que os calvinistas junto com o Estado acusaram falsamente, perseguiram, aprisionaram e executaram alguns dos líderes arminianos, deve ser também levado em consideração na avaliação de todo esse processo e de seus frutos — assim como na avalição do próprio calvinismo.

Embora arminianos e calvinistas desse tempo estivessem de acordo sobre a aliança igreja–Estado, os arminianos não desejaram utilizar o Estado para forçar suas visões sobre seus oponentes, mas apenas para proteger sua própria liberdade de consciência e prática. Mesmo os calvinistas admitem que "os teólogos que compuseram o Sínodo de Dort mantinham geralmente que o magistrado civil estava designado a infligir dores e castigos como punição por heresia" e que em contraste, os arminianos advogaram "tolerância e paciência com respeito às diferenças de opinião sobre assuntos religiosos"[57].

---

56 Homer Hoeksema, *The Voice of Our Fathers* (Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1980), p. 114.

57 William Cunningham, *The Reformers and the Theology of the Reformation* (Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, 1967), vol. 2, p. 381; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 153.

Considere, por exemplo, o caso dos quatro principais líderes do movimento arminiano. João Uitenbogaert, que estudou em Genebra sob Beza, o sucessor de Calvino, e serviu como capelão do príncipe Maurício (filho e sucessor de Guilherme de Orange), foi exilado após o Sínodo de Dort e teve seus bens confiscados. Simão Episcópio, professor de Teologia e principal porta-voz dos arminianos em Dort, foi banido. Jan van Oldenbarnevelt, que foi advogado geral da Holanda e um herói nacional por ajudar Guilherme de Orange a negociar a União de Utrecht, foi acusado falsamente de traição e foi decapitado. Hugo Grócio, um advogado famoso, conhecido mundialmente por sua especialidade em Direito Internacional, foi sentenciado à prisão perpétua, mas escapou e mais tarde se tornou o embaixador suíço em Paris.

Que base bíblica alguém poderia propor para exigir tais penas por discórdias doutrinárias? Se os calvinistas poderiam estar tão errados em tantas coisas tão importantes, eles também não poderiam estar errados em algumas concepções teológicas básicas? No entanto, apesar de completas deturpação e desobediência concernentes a assuntos vitais e fundamentais dos ensinos do Novo Testamento, como a separação entre a Igreja e o Estado (João 15:14–21; 16:33; 1 João 2:15–17) e nenhuma imposição de crença por força, esses homens são saudados como "grandes teólogos", e as doutrinas que eles impuseram por meio da força sobre outros são abraçadas como a verdade de Deus — agora chamadas de "a Fé Reformada" e "as Doutrinas da Graça" — que devem ser aceitas por todos. A igreja, uma vez perseguida, agora perseguiu companheiros crentes!

A Assembleia de Westminster

Dort foi seguido, em 1643, por um prestigioso encontro similar de "divinos" na Inglaterra. A Assembleia de Westminster também estava sob os auspícios do Estado. Essa Assembleia formulou a Confissão de Fé de Westminster, que foi chamada de "a declaração mais sistematicamente completa do calvinismo jamais

concebida"[58]. Vance nos lembra de que "devido à estreita relação entre a Igreja e o Estado existente na época, a aceitação do calvinismo na Inglaterra, culminando na Assembleia de Westminster, está profundamente entrelaçada com a história civil e religiosa daquele país"[59]. Portanto, é importante uma breve palavra sobre essa história.

Dois séculos antes, a Inglaterra passou por uma longa luta para se libertar de Roma. Certas vezes fez progresso e em outras voltou à escravidão. Henrique VII foi proclamado rei em 1486 por uma bula papal do papa Inocêncio VIII. A Vulgata latina era a Bíblia oficial. A Bíblia de Wycliffe foi reprimida e o Conselho Provincial de Oxford em 1408 proibiu a tradução e a impressão de "qualquer texto da Santa Escritura para o inglês ou outro idioma [...]"[60]. Henrique VIII, que escreveu a Erasmo de Londres em 1511 que "muitos hereges embelezam um holocausto diário"[61], a mando de Cronwell mudou de posição e incentivou que a Bíblia em inglês fosse aberta em cada casa e igreja paroquial — mas um ano antes de sua morte baniu "o Novo Testamento de Tyndale ou a tradução de Coverdale"[62].

Durante seu breve reinado, Eduardo VI livrou a Inglaterra de Roma e recebeu teólogos reformados do continente na Inglaterra, dando ao calvinismo um apoio que nunca cessaria. No final do século XVI, a Universidade de Cambridge se tornou uma fortaleza calvinista. A irmã de Eduardo, Maria I, filha de Henrique VIII, conhecida como

---

58 M. Howard Rienstra, "The History and Development of Calvinism in Scotland and England" em Bratt, ed., *The Rise and Development of Calvinism*, p. 110; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 159.

59 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism* (Pensacola, FL: Vance Publications, edição revisada, 1999).

60 Alfred W. Pollard, ed., *Records of the English Bible* (Oxford: Oxford University Press, 1911), p. 1.

61 H. Maynard Smith, *Pre-Reformation England* (Nova Iorque: Russell and Russell, 1963), p. 289.

62 Paul L. Hughes e James F Larkin, eds., *Tudor Royal Proclamations* (New Haven, CT: Yale University Press, 1964), vol. 1, p. 374.

"Maria, a sanguinária", o sucedeu, trouxe a Inglaterra de volta ao papado, proibiu a possessão de qualquer livro protestante e queimou na estaca centenas que não aceitaram as doutrinas de Roma.

Após a morte de Maria, a Bíblia de Genebra entrou em uso. Elizabeth I expulsou os jesuítas da Inglaterra. Sob ela, foram formulados os Trinta e Nove artigos da Igreja da Inglaterra (moderadamente calvinistas, mas rejeitando a expiação limitada); eles permanecem o credo oficial da igreja até hoje. John Knox deu prosseguimento na Escócia, enquanto os puritanos cresceram na Inglaterra, apenas forçados a obedecer ao rei Tiago I, que os deu a Bíblia *King James* em 1611.

Carlos I sucedeu Tiago. Ocorreram debates no Parlamento sobre o calvinismo, com os seus proponentes ganhando a maioria. O Grande Parlamento ordenou a impressão de *The Display of Arminianism* [Uma Apresentação do Arminianismo], de John Owen, que denunciou o arminianismo e sustentou a expiação limitada. No contexto desse pano de fundo turbulento e da sociedade contínua entre a igreja e o Estado, a Assembleia de Westminster foi reunida pelo Parlamento. O Parlamento "travou uma guerra civil contra o rei [...], aboliu o episcopado, expulsou dois mil ministros defensores da monarquia [...], convocou a Assembleia de Westminster, executou o arcebispo Laud e, finalmente, executou o próprio rei em 1649"[63].

Mais uma vez, a situação era desfavorável. Westminster não foi um encontro daqueles que representavam todos os verdadeiros crentes, mas somente os calvinistas, que obtiveram a maioria no Parlamento. Hoje se gaba que "todos os teólogos em Westminster eram calvinistas"[64]. Além disso, como Vance comenta sabiamente, "[...] como no Sínodo de Dort, a presença de oficiais do governo ostensivamente em uma assembleia religiosa, levanta algumas questões

63 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 167.

64 William S. Barker, "The Men and Parties of the Assembly", em John L. Carson e David W. Hall, eds., *To Glorify and Enjoy God: A Commemoration of the 350th Anniversary of the Westminster Assembly*, p. 52; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 171.

sobre sua legitimidade"[65]. As despesas dos membros ficaram a cargo do Estado. Mesmo os calvinistas admitem, "a Assembleia foi criação do Parlamento e nunca foi capaz de escapar da supervisão dele"[66].

Logan confessa, "a Assembleia [...] estava, clara e completamente, subserviente à autoridade política do Parlamento"[67]. De Witt também afirma que a Assembleia "respondia não ao Rei dos Reis, mais aos Lordes e Comuns do Parlamento inglês"[68]. Schaff destaca que "a Assembleia [...] aderiu a uma ideia de uma igreja estatal nacional, com um sistema uniforme de doutrina, adoração e disciplina, a que cada homem, mulher e criança nos três reinos deveriam se ajustar"[69]. Bettany escreve,

> Em 1643, a Assembleia dos teólogos de Westminster foi congregada pelo Parlamento para reformar a Igreja da Inglaterra, "baseada na palavra de Deus, e para trazê-la para mais perto de um acordo com a Igreja da Escócia e com as Igrejas Reformadas do Continente". Os comissários escoceses agora requereram, como preço de sua cooperação com o Parlamento inglês contra Carlos, a adoção da Liga Solene e do Pacto [trazidos pelo comitê revolucionário escocês solicitando assinaturas para extirpar o episcopado em todas as suas formas na Escócia, na Irlanda e na Inglaterra] [...].

---

65 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 172.

66 John T. McNeil, *The History and Character of Calvinism* (Oxford: Oxford University Press, 1966), p. 324.

67 Samuel T. Logan, "The Context and Work of the Assembly", em John L. Carson e David W. Hall, eds., *To Glorify and Enjoy God: A Commemoration of the 350th Anniversary of the Westminster Assembly*, p. 36.

68 John R. de Witt, "The Form of Church Government", em John L. Carson e David W. Hall, eds., *To Glorify and Enjoy God: A Commemoration of the 350th Anniversary of the Westminster Assembly*, p. 148.

69 Philip Schaff, *The Creeds of Christendom* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1990), vol. 1, p. 730.

> Com essas armas [...] e o teste de lealdade ao rei, as expulsões de episcopais de seus cargos [...] alcançaram alguns milhares [...]. Então, muitas vagas foram criadas que não podiam ser preenchidas [...]. Finalmente, a Assembleia de Westminster foi ordenada a formular um esquema para ordenação [...]. A Assembleia de Westminster trabalhou para desenvolver um esquema aceitável de presbiterianismo, no entanto, os membros independentes [...] propuseram tolerância a todas as facções [...].
>
> A questão logo surgiu [...], deveriam os presbitérios ter o poder de incluir ou excluir membros, ou cada congregação independente devia empenhar esse poder? O Parlamento se responsabilizou em resolver toda a questão ordenando que todas as pessoas atingidas pela ação de um presbitério pudessem apelar ao Parlamento [...]. Cromwell tentou em vão reconciliar os independentes e os presbiterianos. Os últimos predominaram no Parlamento e em 1648 mostraram sua intolerância contínua promulgando que todos que negassem a Deus, ou a Trindade, ou a expiação, ou os livros canônicos da Escritura, ou a ressurreição da morte e o julgamento final, deviam "sofrer as dores da morte, como no caso de um crime capital, sem benefício do sacerdócio" [...]. Um longo catálogo de heresias de segunda classe foi especificado, para ser punido com prisão [...][70].

Lições a Serem Aprendidas

Os assim chamados sínodos, concílios e confissões reformadas, e os decretos que eles geraram, que muitos calvinistas de hoje honram como afirmando a verdadeira doutrina de Cristo, foram realiza-

70 G. T. Bettany, *A Popular History of the Reformation and Modern Protestantism* (Londres: Ward, Lock and Bowden, Ltd., 1895), pp. 414–420.

dos por uma igreja estatal, estabelecidos em parceria com o governo civil — contrariamente ao que ensina a Palavra de Deus. Sempre a preocupação prioritária era a unidade, e aqueles que não concordaram com a posição da maioria foram silenciados, perseguidos, aprisionados, banidos e, às vezes, executados.

Exatamente como a Igreja Católica Romana perseguiu e matou aqueles que não concordaram com seu declínio ao longo dos séculos, as novas igrejas protestantes estabelecidas passaram então a fazer o mesmo. Os anabatistas, por exemplo, foram perseguidos e mortos tanto por católicos quanto por protestantes, porque os últimos ainda acreditavam no batismo de crianças de Agostinho para entrar na família de Deus, com seus poderes mágicos de regeneração — uma heresia católica romana vista em Lutero e Calvino e que se encontra na maioria de seus seguidores ainda hoje.

A história registra claramente que esses foram os homens e os motivos por trás desses credos e confissões estabelecidas. Inquestionavelmente, seu *modus operandi* seguiu os passos de Constantino. Não sendo um cristão verdadeiro e, assim, não interessado na verdade, mas na "unidade" do império, Constantino usou o "cristianismo" para esse fim. Sob ele, a igreja, uma vez perseguida pelo mundo, se tornou a perseguidora. Os verdadeiros cristãos ainda foram os únicos sendo perseguidos. A única mudança foi que uma igreja opressiva se juntou ao mundo para perseguir aqueles que não apoiassem seus dogmas.

A nova perseguição foi feita em nome de Cristo, mas foi a própria antítese de tudo o que Cristo ensinou e viveu. Seguindo os passos de Roma, a que, na maioria dos assuntos, eles opuseram, as igrejas protestantes continuaram a mesma prática. Não podemos e não ousemos ignorar esses fatos quando avaliamos os credos e as afirmações de fé "reformados" que vieram dos concílios e sínodos convocados pelo Estado com o objetivo de unidade.

Agostinho se agradou em utilizar o Estado em uma parceria antibíblica para forçar a "fé" sobre os hereges. Guiado pela mesma crença, Calvino usou igual sistema em Genebra. Ninguém pode negar a relação óbvia entre essa "fé" forçada sobre o relutante, assim como as duas maiores doutrinas de ambos Agostinho quanto Calvino —

depravação total e dupla predestinação — com seu compromisso de negar qualquer escolha genuína da humanidade com respeito a Deus e à salvação. A liberdade de consciência foi a vítima natural, uma forma de opressão que mesmo os não salvos não conseguem tolerar por um tempo.

Definindo o Calvinismo

Apesar das muitas diferenças de opiniões entre os calvinistas hoje, o calvinismo é geralmente explicado pelo acrônimo TULIP. Philip F. Congdon escreve que, "a *tulip* é uma linda flor, mas uma péssima teologia. O fruto da flor é atraente; o fruto da teologia é chocante [...]. Obras, como um resultado inevitável, são necessárias para a salvação. Para ser justo, os calvinistas clássicos geralmente objetam isso descrevendo a mensagem do evangelho não como 'fé + obras = justificação', mas 'fé = justificação + obras' [...] isso não é outra coisa senão um jogo de palavras. Isso é melhor visto no velho ditado calvinista: 'você é salvo unicamente pela fé, mas a fé que salva você nunca está sozinha [...]'"[71].

Alguns leitores podem nunca ter ouvido sobre a TULIP. Outros, embora sabendo que ela tem algo a ver com o calvinismo, sentem dificuldade em lembrar o que cada letra significa. Aqui, em resumo, está um sumário de explicações comumente dadas. Em cada caso, a fim de evitar a acusação de que elas não são afirmadas corretamente, elas são apresentadas nas palavras dos maiores credos e confissões calvinistas:

> "T" significa Depravação Total: que o homem, porque ele está morto espiritualmente para Deus "em transgressões e pecados" (Efésios 2:1; Colossenses 2:13), é incapaz de responder ao evangelho, apesar de ser capaz de fazer outras escolhas morais.

71 Philip F Congdon, "Soteriological Implications of Five-point Calvinism", Journal of the Grace Evangelical Society, outono de 1995, vol. 8, pp. 15, 55-68.

A Confissão de Fé de Westminster afirma, "nossos primeiros pais [...] se tornaram mortos em pecados, e totalmente contaminados em todas as suas faculdades e partes da alma e do corpo [...], completamente inclinados a todo mal [...]. O homem, por sua queda em estado de pecado, perdeu totalmente toda a habilidade de desejar qualquer bem espiritual concernente à salvação [...]; sendo no geral avesso a esse bem e morto no pecado, não é capaz por seus próprios esforços de se converter ou se preparar para isso"[72].

"U" significa Eleição Incondicional: que Deus decide, não sobre qualquer base, mas pelo mistério de Sua vontade, salvar alguns, chamados eleitos, e permitir que todos os outros vão para o inferno, mesmo embora Ele pudesse salvar a toda a humanidade se Ele desejasse.

Os Cânones de Dort afirmam, "que alguns recebem o dom da fé de Deus e outros não o recebem procede do decreto eterno de Deus [...], [por] tal decreto, Ele graciosamente abranda os corações dos eleitos, não importa quão obstinados eles sejam, e os inclina a crer, enquanto deixa o não eleito em Seu justo juízo de sua própria impiedade e teimosia"[73].

"L" significa Expiação Limitada: que os eleitos são os únicos por quem Cristo morreu em pagamento da pena pelos seus pecados, e que a morte Dele não é eficaz para qualquer outra pessoa mais, nem foi pretendido que fosse.

Dort afirma, "para tal foi o soberano conselho e a mui graciosa vontade e o propósito de Deus, o Pai, que [...] a mui preciosa morte de Seu Filho deveria se estender a todos os eleitos [...]; todos aqueles e somente aqueles, que foram

72 Confissão de Fé de Westminster (Londres: sem página, 1643), artigo VI.i, ii, iv; artigo IX.iii.

73 Cânones de Dordrecht (Dordrecht, Holanda, 1619), 1.6.

escolhidos para a salvação na eternidade [...], Ele adquiriu por Sua morte"[74].

"I" significa Graça Irresistível: que Deus é capaz de causar, a quem quer que Ele deseje, que responda ao evangelho; que sem essa capacitação, ninguém poderia responder; e que Ele somente provê essa Graça Irresistível ao eleito e condena os demais.

A Confissão de Fé de Westminster afirma, "todos aqueles a quem Deus predestinou para a vida, e somente aqueles, Ele Se agradou de, em seu tempo determinado e aceitável, chamar efetivamente, pela Sua Palavra e Seu Espírito, para fora do estado de pecado e morte [...], trazendo-os eficazmente a Jesus Cristo; ainda assim, eles vêm livremente, sendo feitos desejosos por Sua graça"[75].

"P" significa Perseverança dos Santos: que Deus não permitirá que qualquer dos eleitos falhe em perseverar no viver uma vida consistente com a salvação que Ele os tem dado soberanamente.

A Confissão de Fé de Westminster afirma, "eles, a quem Deus aceitou no Amado, chamados eficazmente e santificados pelo Seu Espirito, não podem, nem final, nem totalmente, apostatar do estado de graça, mas certamente perseverarão nele até o fim e serão salvos eternamente. Essa perseverança dos santos não depende do próprio livre-arbítrio deles, mas da imutabilidade do decreto da eleição"[76].

William Cunningham fala pela maioria dos calvinistas quando escreve que "nenhum sínodo ou concílio jamais foi realizado na igre-

74 Ibid., artigo 11.8.

75 Confissão de Fé de Westminster (Londres: sem página, 1643), artigo X.1.

76 Ibid., artigo XVII.i, ii.

ja, cujas decisões, considerando-se todos os aspectos, têm direito a mais deferência e respeito [do que o Sínodo de Dort]"[77].

Com o devido respeito, eu sugeriria que apenas a Bíblia é nossa autoridade, e não as crenças de João Calvino ou Jacó Armínio ou qualquer concílio, sínodo, assembleia ou credo. Nas páginas seguintes, os pontos da TULIP são comparados com a Bíblia, um ponto de cada vez e em ordem.

---

77 William Cunningham, *Historical Theology* (Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, sem data), vol. 2, p. 379.

CAPÍTULO 7

DEPRAVAÇÃO TOTAL

Das dez palavras que compõem o acrônimo TULIP, quatro (total, depravação, incondicional e irresistível) nem mesmo são encontradas na Bíblia, e duas (limitada e perseverança) são, cada uma, encontradas somente uma vez. Quanto às frases expressas por cada letra (Depravação Total, Eleição Incondicional, Expiação Limitada, Graça Irresistível e Perseverança dos Santos), *nenhuma* delas aparece em lugar algum do início de Gênesis ao fim de Apocalipse.

Temos, portanto, bons motivos para sermos cautelosos, pelo menos, quando nos aproximamos desses conceitos-chave calvinistas. A obrigação está sobre seus promotores de mostrar que essas ideias, apesar da ausência nas Escrituras, são ensinadas lá de fato. A palavra "Trindade" igualmente não ocorre, entretanto é claramente ensinada.

O calvinismo oferece uma definição especial da depravação humana: que depravação é igual a inabilidade — e essa definição especial necessita tanto da Eleição Incondicional quanto da Graça Irresistível. Como os Cânones de Dort declaram, "portanto, todos os homens [...] sem a graça regenerativa do Espírito Santo [...] nem são capazes, nem desejam retornar a Deus [...] nem se dispõem a ser transformados"[1]. Essa declaração expressa uma opinião humana — isso nunca é declarado na Bíblia.

O calvinismo insiste que todos os homens, sendo totalmente depravados por natureza, são *incapazes* de se arrepender e crer no evangelho, e ainda os colocam como responsáveis por falhar em se arrepender e crer. Como pode ser racional ser dito que a pessoa está recusando fazer o que ela é incapaz de fazer? Não há qualquer forma nem de provar nem de refutar a declaração.

Podemos dizer que um homem está se *recusando* a voar como um pássaro? Se ele fosse capaz, ele poderia muito bem desejar. Certamente sua alegada má vontade em voar como um pássaro não pode ser apontada como razão de que ele não pode voar! Nem ele pode ser responsável por não poder voar, visto que voar é impossível para ele. Não é o calvinismo culpado tanto de ser absurdo quanto de injustiça declarando o homem incapaz de arrependimento e fé e então o condena por falhar em se arrepender e crer?

1 Cânones de Dort (Dordrecht, 1619), III, IV.3.

A Inegável Irracionalidade Do Calvinismo

Tais flagrantes contradições são inatas dentro do calvinismo e têm causado divisões até mesmo entre os calvinistas, que não podem todos concordar entre si mesmos. Considere a controvérsia em 1945 sobre a aptidão para a ordenação de Gordon H. Clark. "Cornelius Van Til levou os professores do seminário a uma *denúncia* contra o entendimento de Clark da Confissão de Fé"[2]. Clark foi acusado de "racionalismo" pela sua relutância em declarar (como os chamados calvinistas "moderados" fazem) que a salvação foi oferecida sinceramente por Deus para aqueles por quem Cristo, segundo o calvinismo, não morreu e a quem Deus, desde a eternidade passada, predestinou para o tormento eterno. Clark considerou ser uma contradição direta que Deus pudesse buscar a salvação daqueles que "Ele tem determinado, desde a eternidade, não salvar".

Clark foi acusado pelos chamados calvinistas "moderados" de ser um "hipercalvinista" — mas tais títulos são enganosos. Ambos Clark e seus oponentes "moderados" criam exatamente na mesma coisa — que Deus predestinou alguns para o céu e outros para o inferno. Clark estava simplesmente sendo honesto em admitir que não seria racional dizer que Deus "ama" aqueles que Ele poderia salvar, mas não quer. O calvinismo "moderado" é assim, culpado de uma inegável contradição, e ainda John MacArthur empregou um livro inteiro tentando dar suporte a essa contradição[3]. Como nós veremos, os "moderados" escondem a irracionalidade deles por trás da ideia que Deus é "livre" para amar pessoas diferentes com tipos diferentes de amor — esquecendo que qualquer tipo de amor genuíno é amoroso, e que não é amoroso condenar aqueles que poderiam ser salvos.

Uma controvérsia similar que se originou entre os professores no *Calvin Seminary*, "flagelou a Igreja Cristã Reformada durante a década de 1920 [...] [e em 1924] encerrou com um êxodo de calvinistas da Igreja Cristã Reformada sob a liderança de Herman Hoeksema, e a

---

2 Garret P. Johnson, "The Myth of Common Grace", *The Trinity Review*, mar./abr. 1987, p. 1.

3 John MacArthur, Jr., *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996).

formação de uma nova igreja, a Igreja Reformada Protestante"[4]. Van Til, em desacordo com a Confissão de Fé de Westminster, argumentou que Clark estava fazendo "a lógica prevalecer sobre as Escrituras [...]". Van Til insistiu que as Escrituras contem paradoxos irreconciliáveis que "têm por necessidade a aparência de serem contraditórios"[5].

Se esse é o caso, então a Escritura é irracional e não pode ser defendida racionalmente; no entanto, Deus Se dispõe a arrazoar com o homem (Isaías 1:18). Pedro nos diz que nós devemos estar sempre preparados para dar uma resposta a todos os que pedirem a razão da nossa fé (1 Pedro 3:15) e Paulo "discorreu" com os judeus (Atos 18:4, 19).

Na tentativa de escapar da irracionalidade de culpar os não eleitos por falharem em fazer o que eles não podem fazer, alguns calvinistas insistem que o homem é capaz, mas simplesmente não está disposto a se voltar para Cristo. Essa é uma visão minoritária que contradiz a Depravação Total e está parcialmente correta. O problema com os pecadores está na falta de vontade. Para uma pessoa ser relutante, no entanto, ele deve ter uma vontade e, assim, por um ato dessa vontade, tornar-se disposto — um fato que os calvinistas negam. Além disso, Calvino e seus seguidores declararam em linguagem clara que o homem é incapaz de crer no evangelho e voltar-se para Cristo, ou procurar Deus ou o bem: "ele é livre para se voltar para Cristo, mas não é capaz"[6]. Inabilidade é certamente a visão majoritária.

Não há qualquer verso na Bíblia, no entanto, que apresente a ideia radical do calvinismo de que o pecador é incapaz de crer no verdadeiro evangelho que oferece a ele perdão e salvação, e ainda ele é condenado por Deus por falhar em crer. De fato, como nós veremos, a Bíblia declara o contrário. "Todos os homens em todos os lugares" (Atos 17:30) são chamados repetidamente para se arrepender e crer

---

4 Johnson, "Myth."

5 Cornelius Van Til, *Common Grace and the Gospel* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1973), pp. 165–166; citado em Johnson, "Myth".

6 Frank B. Beck, *The Five Points of Calvinism*, 2. ed. (Lithgow, Austrália: Covenanter Press, 1986), p. 9.

em Cristo. Nunca surgiria da Escritura a ideia que os não regenerados são incapazes de crer. Dave Breese, altamente respeitado e um brilhante autor e expositor da Escritura, declarou que "não pode ser demonstrado que a 'depravação total' é, de fato, uma verdade da Escritura"[7].

Ainda, Talbot e Crampton escrevem, "a Bíblia salienta a inabilidade total do homem caído para responder às coisas de Deus [...]. Isso é a que o calvinista se refere como 'depravação total'"[8]. Palmer chama essa doutrina de "a mais central questão entre o arminiano e o calvinista, o que Martinho Lutero disse que eram até mesmo o eixo sobre o qual toda a Reforma se voltou"[9].

Consequentemente, o calvinista insiste que a regeneração deve preceder a fé — e assim ela deve preceder a salvação, que é somente por fé: "uma vez que ele [o pecador] é nascido de novo, ele pode *pela primeira vez* se voltar para Jesus [...], pedindo para Jesus o salvar" (ênfase adicionada)[10]. Que doutrina estranha e não bíblica é essa, em que o pecador deve nascer de novo antes que ele possa crer no evangelho! Não é por meio de crer no evangelho que nós somos nascidos de novo (1 Pedro 1:23–25)? R.C. Sproul declara, "o ponto cardeal da teologia reformada é a máxima, 'regeneração precede a fé'"[11].

Em nenhum lugar da Escritura, no entanto, há a sugestão de que o homem deve ser *regenerado antes* que ele possa ser salvo pela fé em Cristo. De fato, muitas Escrituras declaram o oposto, por exemplo, "[...] que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há

---

7 Dave Breese, "The Five Points of Calvinism" (Edição do autor, sem data).

8 Kenneth G. Talbot e W. Gary Crampton, *Calvinism, Hyper-Calvinism and Arminianism* (Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, 1990), p. 20.

9 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, impressão de 1999), 19; citando Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*, J.I. Packer e O.R Johnston, trads. (Grad Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957), p. 319.

10 Ibid., p. 19.

11 R.C. Sproul, *Chosen by God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, inc., 1986), p. 10.

em Cristo Jesus" [...] (2 Timóteo 3:15), e "porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus" (Gálatas 3:26). A fé sempre precede a salvação/regeneração. Não há passagem alguma da Bíblia que afirma claramente a doutrina de que a regeneração vem primeiro e a fé a sucede — nenhuma. Nós trataremos dessa doutrina-chave com mais profundidade posteriormente.

Spurgeon, embora um calvinista, disse, "um homem que é regenerado é salvo"[12]. John MacArthur também iguala ser salvo com ser regenerado[13]. Calvino declarou corretamente, "cada homem do começo de sua fé, torna-se um cristão [...]"[14]. Mas, se o eleito deve ser regenerado antes que eles tenham fé, a regeneração deles ainda os deixa não cristãos, visto que o homem é salvo pela fé e assim se torna um cristão (João 6:47; 11:25; 20:31; Atos 16:31; Romanos 1:16; 10:9; 1 Coríntios 1:21; Hebreus 10:39, etc.). Que "regeneração" é essa que não salva? Spurgeon não aceitou essa parte do calvinismo e, portanto, disse que era "ridículo" pregar Cristo ao regenerado[15]. Claro. Contradizendo o ensino de que a "regeneração precede a fé", tão popular entre os calvinistas de hoje, Calvino intitulou um capítulo chamado "Regeneração pela fé"[16].

Apesar disso, ver a depravação como inabilidade, que necessita de regeneração antes da salvação, é o alicerce da maioria do calvinismo de hoje. Engelsma reconhece, "negue essa doutrina e todo o calvinismo é demolido"[17]. Para ser justo, nós devemos, diz Engelsma,

12 C. H. Spurgeon, "The Warrant of Faith" (Passadena, TX: Pilgrim Publications, 1978), p. 3.

13 John MacArthur, "The Love of God, part 05, Romans 9" (Grace to you, 90–81, 1995), fita de áudio.

14 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 2, xvii.1.

15 Spurgeon, "The Warrant of Faith", p. 3.

16 Calvin, *Institutes*, vol. 3, iii.

17 David J. Engelsma, "The Death of Confessional Calvinism in Scottish Presbyterianism", *The Standard Bearer*, 1º dec. 1992, p. 103.

"deixar o calvinismo falar por si mesmo"[18]. Esse é o motivo de nós citarmos tantos calvinistas.

Uma vez que a Depravação Total requer regeneração antes da fé ou da salvação, muitos calvinistas assumem que a regeneração toma lugar — e provavelmente acontece — na infância. Assim, Hoeksema raciocina que, "a regeneração pode acontecer na menor das crianças [...], na esfera da aliança de Deus, Ele geralmente regenera Seus filhos eleitos na infância"[19]. Então, os filhos dos calvinistas se comportam de uma maneira santificada, bem diferente de outras crianças? Dificilmente.

Temos aí mais uma declaração de que a regeneração deixa a pessoa ainda não salva, de tal maneira que a salvação é pela fé, e crianças nem podem entender e nem crer no evangelho, que é um requisito claro para a salvação. Nós pedimos aos calvinistas, com toda sinceridade, onde essa doutrina estranha está declarada na Bíblia? Nenhum deles respondeu a essa questão.

Depravação é Igual a Inabilidade?

A maioria dos cristãos, se perguntados se o homem é, por natureza, totalmente depravado, provavelmente responderia na afirmativa. No entanto, a visão calvinista da pecaminosidade óbvia da humanidade vai muito além do entendimento cristão médio comum da depravação. Como outro calvinista importante declara, "a avaliação de Paulo das pessoas separadas de Cristo pode ser justamente resumida na categoria teológica de 'depravação total' e 'inabilidade total'"[20].

"Inabilidade"? Uma pessoa pode ser incapaz de andar, ou de pensar apropriadamente, ou de entrar em uma área restrita. Em cada

18 David J. Engelsma, *A Defense os Calvinism as the Gospel* (The Evangelism Committee, Protestant Reformed Church, sem data), p. 18.

19 Homer Hoeksema, *Reformed Dogmatics* (Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1966), p. 464.

20 Douglas Moo, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1996), p. 488.

caso a pessoa é impedida, de alguma forma, de fazer o que ela do contrário poderia fazer. O calvinismo, no entanto, não admite a habilidade normal que alguns são impedidos de usar. O calvinismo afirma uma incapacidade universal e singular: que *ninguém* pode crer no evangelho sem ser soberanamente regenerado por Deus. Em lugar nenhum da Bíblia, no entanto, essa proposta é claramente estabelecida. Ainda, esse é o próprio fundamento do calvinismo, do qual os outros quatro pontos fluem.

A Bíblia repetidamente apresenta a pecaminosidade do homem e adverte que rejeitar a salvação que Deus providenciou em Cristo leva o pecador a sofrer a punição eterna, sob a ira de Deus. No entanto, a Bíblia nunca sugere que devido ao pecado original de Adão, todos os seus descendentes perderam a capacidade de se voltar a Deus por meio da fé em Cristo. Muito menos a Escritura ensina que Deus somente dá a "habilidade" para crer no evangelho a um certo grupo seleto. Em vez disso, a Bíblia está repleta de convites a todos os homens para que se arrependam e creiam em Cristo, o salvador de suas almas — e adverte que, se eles se recusarem a crer, sofrerão a ira de Deus eternamente. Paulo foi a todos os lugares, pelo Império Romano, pregando a todos que ele encontrou, "a conversão a Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (Atos 20:21). Aparentemente, ele acreditava que todos poderiam responder — não somente certos eleitos a quem Deus regenerou soberanamente e então os deu fé para crer.

Claramente, *todos* são *comandados* se arrepender e se voltar a Cristo. Como Paulo afirmou no Areópago, em Atenas, Deus "anuncia agora a todos os homens em todos os lugares que se arrependam" (Atos 17:30). Dizer que Deus ordena ao homem fazer o que eles não podem fazer sem Sua graça, e então retém a graça de que eles precisam e os pune eternamente por não obedecer, é fazer uma zombaria da Palavra de Deus, de Sua misericórdia e Seu amor, e difamar Seu Caráter. Não é a inabilidade, mas a má vontade que é o problema do homem: "pela altivez do seu rosto o ímpio não busca a Deus" (Salmos 10:4). Cristo censurou os rabinos, "e não quereis vir a Mim para terdes vida" (João 5:40) — uma acusação injusta para aqueles que *não poderiam* vir, a menos que Deus os fizesse vir.

Nem é afirmado na Escritura, nem se segue racionalmente que alguém, como resultado de sua depravação, mesmo se cada seu pensamento for mal, é, desse modo, incapaz de crer nas boas-novas do evangelho e receber a Cristo como seu salvador. Aqui, mais uma vez, encontramos a influência de Agostinho. Como notado antes, é afirmado que Agostinho foi "talvez o primeiro depois de Paulo a perceber a Depravação Total do homem"[21]; de fato, esse Agostinho inventou "a exagerada doutrina da depravação total do homem [...]"[22]. Muitas vezes se questiona se Calvino confiava mais em Agostinho do que na Bíblia.

Transformar depravação em incapacidade leva inevitavelmente aos pontos 2 e 4: que Deus deve eleger incondicionalmente aqueles que serão salvos; e que Ele deve efetuar essa obra por meio da Graça Irresistível. No entanto, mesmo a alegação de incapacidade acaba sendo enganadora.

Que Habilidade É Necessária Para Se Receber Um Presente?

A Bíblia deixa claro que a salvação é um *presente* de Deus por meio de Jesus Cristo e que é oferecida a toda a humanidade: "assim também por um só ato de justiça [de Cristo] veio a *graça* sobre todos os homens para justificação de vida" (Romanos 5:18). Ninguém pode adquirir, ganhar ou merecer a salvação. Ela deve ser (e somente precisa ser) recebida como um *presente* gratuito. Que habilidade é requerida para se receber um presente? Somente a capacidade de escolher — algo que, a experiência diária prova, é normal a cada ser humano, mesmo a menor criança. Como então é possível para qualquer pecador faltar a "habilidade" para ser salvo?

Claro, a mente natural está em inimizade com Deus. Somos pecadores rebeldes, inclinados a tomar nossos próprios caminhos e ce-

21 Arthur C. Custance, *The Sovereignty of Grace* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1979), p. 18.

22 Frederic W. Farrar, *History of Interpretation* (Nova Iorque: E.P. Dutton and Co., 1886), p. 24.

gados pela falsidade de nossos próprios desejos. Mas nenhum dos muitos textos bíblicos que descrevem o estado de depravação do homem diz que ele está imune ao poder de convencimento do Santo Espírito — caso contrário *ninguém* poderia ser salvo. Nem qualquer texto bíblico declara que Deus condena e convence somente um grupo eleito. Ao invés disso, o Espírito da Verdade convence "o mundo do pecado, da justiça e do juízo [...]" (João 16:8).

Inquestionavelmente, para alguém receber o presente da salvação, deve simplesmente crer no evangelho. Além do mais, a ordem "ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura" (Marcos 16:15) implica a habilidade de cada pessoa de crer no evangelho. De fato, todos conhecem a verdade da existência de Deus, sua responsabilidade moral para com Deus e suas violações das leis morais são declaradas repetidamente nas Escrituras:

- Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Não há linguagem nem fala onde não se ouça a Sua voz. (Salmos 19:1–3)

- Se alguém tem sede, venha a Mim, e beba. (João 7:37)

- E quem quiser, tome de graça da água da vida. (Apocalipse 22:17)

- Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça. Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o Seu eterno poder, como a Sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; Porquanto, tendo conhecido a Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. (Romanos 1:18–23)

- Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei; os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo--os; (Romanos 2:14–15)

- Crê no Senhor Jesus e serás salvo [...]. (Atos 16:31)

Em 1 Coríntios 2:7–16, Paulo se refere às "coisas do Espírito de Deus [que] são discernidas espiritualmente [...], a sabedoria oculta [concernente] às coisas que o Espírito preparou para aqueles que O amam [...], as profundas coisas de Deus [...] que o Santo Espírito ensinou [que] são discernidas espiritualmente". O calvinista utiliza essa passagem para dar apoio a sua ideia de "depravação total" — i.e., que somente o eleito que foi regenerado pode entender e crer no evangelho. Paulo, no entanto, está falando aqui de mais do que o simples evangelho; ele está se referindo ao entendimento mais profundo das verdades espirituais que vem com a maturidade em Cristo. Este fato, caso não se queira tomar a nossa explicação, é claro como o cristal das próximas palavras de Paulo: "e eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei, e não com carne, porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda agora podeis [...]" (1 Coríntios 3:1–2).

Contudo, mesmo se ele estivesse falando somente do evangelho, essa passagem não poderia ser usada para dar apoio ao ensino da inabilidade total do homem natural para crer. Claro, ninguém pode entender o evangelho exceto pela iluminação do Santo Espírito. Mas nem aqui, nem em qualquer outro lugar Paulo sugere (muito menos afirma claramente) que o Espírito Santo revela o evangelho somente a um grupo eleito. Ele afirma que "o evangelho está encoberto aos que se perdem" porque "o deus deste século [Satã] cegou suas mentes para que não lhes resplandeça a luz do evangelho [...]" (2 Coríntios 4:3–4) — um esforço que Satanás não necessitaria dispender se todos os homens fossem totalmente depravados e assim totalmente incapazes de crer no evangelho.

Além disso, Paulo afirma claramente que "a graça salvadora de Deus se há manifestado a todos os homens", (Tito 2:11). Similarmente, Cristo (como dito acima) afirmou que o Espírito Santo, "o Espírito da Verdade" iria "reprovar o mundo do pecado, da justiça e do juízo" (João 16:8). A versão *King James* traduz "reprovar" como "convencer". John MacArthur explica isso como "convicção da necessidade de um Salvador"[23]. Está claro do contexto que Cristo se refere ao mundo inteiro dos pecadores, não que a convicção da necessidade de uma Salvador é somente para os eleitos que Ele predestinou à eternidade no céu.

Assim como nenhuma habilidade especial é requerida da parte das pessoas em perigo, a fim de serem salvas do afogamento ou do edifício em chamas, ou da parte do criminoso aprisionado que é perdoado, para aceitar sua libertação, da mesma forma, nenhuma habilidade incomum é requerida a pessoa que Cristo salva da condenação eterna. Assim, o próprio fundamento do calvinismo em sua definição especial da depravação humana como incapacidade é tanto irracional quanto não bíblico.

Nascido de Novo Antes da Salvação?

Explicando o calvinismo cuidadosamente, Palmer reitera que nenhum homem pode entender o evangelho e que essa "falta de entendimento é também parte da depravação do homem [...]; todas as mentes estão cegas, a menos que elas sejam regeneradas"[24]. A Confissão Batista de Londres, completamente calvinista, de 1689 afirmou, "como consequência de sua queda em um estado de pecado, o homem [...] não é capaz, pela sua própria força, de se voltar a Deus, ou mesmo de se preparar a si mesmo para se voltar a Deus"[25].

23 John MacArthur, *The MacArthur Study Bible* (Dallas, TX: Word Publishing, 1997), p. 1617.

24 Palmer, *Five Points*, p. 16.

25 Citado em *A Faith to Confess: The Baptist Confession of Faith of 1689, reescrita no inglês moderno* (Carey Publications, 1986); citado em James White,

Ao contrário, o problema do homem *não* é inabilidade, mas má vontade: "não crereis, quando for contada" (Habacuque 1:5; Atos 3:23). Existem tantos textos para listar, mas aqui estão mais alguns: Isaías 7:9; Zacarias 14:17; Malaquias 2:2; Mateus 18:16; Lucas 9:5, 19:14, 22:67; João 4:48; Atos 22:18; 2 Timóteo 4:3, e outros.

James White dedica um capítulo inteiro à "Inabilidade do Homem". Ele recita uma longa lista de pecados dos homens, de seu mal, de sua depravação e explica que ele é uma "*criatura caída*, um escravo do pecado, morto espiritualmente, incapaz de fazer o que é agradável a Deus". Ele cita muitos textos da Escritura com respeito a alienação do homem de Deus e a falsidade do seu coração, que ele não pode mudar seu coração mais do que o leopardo pode mudar suas manchas, que sua mente é hostil a Deus e que nenhum homem pode vir a Cristo, exceto aqueles que o Pai trazer e assim por diante. White declara, "a afirmação reformada é de que o homem não pode entender e *abraçar* o evangelho, nem responder *em fé e arrependimento* em direção a Cristo sem Deus primeiro o libertar do pecado e dar a ele a vida espiritual (regeneração)"[26]. No entanto, em lugar nenhum ele cita um texto bíblico que afirme a *incapacidade* do mais miserável dos pecadores de crer no evangelho e receber o presente gratuito da vida eterna que Deus oferece a todos.

Existem, claro, muitos textos bíblicos descrevendo o coração mal do homem e suas práticas. No entanto, nenhum afirma que o homem não pode crer no evangelho, a menos que ele seja um dos eleitos e que tenha recebido fé por um ato soberano de Deus. Pink afirma que "o pecador, de si mesmo, *não pode* se arrepender e crer"[27].

O calvinista aqui se aproxima perigosamente do ensino da salvação pelas obras. Se não existe nenhuma *obra* que eu deva fazer para ser salvo, então, como eu posso *carecer* de habilidade para fazer isso? E, certamente, ninguém carece de habilidade para simplesmente crer!

The Potter's Freedom (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 78.

26 White, *Potter's*, p. 101.

27 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Books House, segunda impressão, 1986), p. 149.

Apesar de toda a insistência dos calvinistas sobre a incapacidade do homem de crer no evangelho e receber a Cristo, entretanto, eles não conseguem concordar entre si. J. I. Parker contradiz seu colega calvinista (e o que ele mesmo afirma em outro lugar) dizendo que a adoção (i.e., regeneração) *segue* a fé e a justificação: "Deus elegeu os homens na eternidade a fim de que no devido tempo eles possam ser justificados, após crer. A adoção deles como filhos de Deus segue após sua justificação; isto é, de fato, não mais do que o desenrolar positivo da sentença justificativa de Deus"[28].

Claro, Parker, como outros calvinistas, negaria que está se contradizendo. Como? Ele argumentaria que a "regeneração" (como o calvinismo define) não é o mesmo que a justificação, nem o ser adotado como filhos e filhas na família de Deus. Mas se a "regeneração" não é ser "nascido de novo" como Cristo descreveu a Nicodemus, mas deixa o pecador, embora regenerado, ainda injustificado perante Deus, nós queremos saber onde na Escritura essa "regeneração" calvinista é apresentada. De fato, isso absolutamente não é bíblico.

Como vimos, definir depravação como incapacidade, requer que Deus *regenere* o homem soberanamente e sem qualquer reconhecimento, entendimento ou fé da parte do homem, ressuscitá-lo por ele estar "morto em transgressões e pecados" (Efésios 2:1) à vida espiritual. Somente a partir de então, Ele pode dar ao homem a fé para crer no evangelho. Como Dort, citado acima, diz, "sem a graça regenerativa do Santo Espírito, eles nem são capazes nem desejam retornar a Deus [...]"[29]. Graça *habilitante* é necessária para a fé, mas não "graça *regenerativa*". Onde a Bíblia diz que uma pessoa deve ser *regenerada* antes de poder crer no evangelho? Nenhum verso pode ser citado em que essa proposição é exposta claramente.

A maioria dos não calvinistas pensam que ser "nascido de novo", como Cristo apresentou a Nicodemus em João 3, é o mesmo que ser salvo. Portanto, eles são surpreendidos ao aprender que o calvinismo ensina que a pessoa deve experimentar o novo nascimento, que Cris-

---

28 J.I. Packer, "Sola Fide: The Reformed Doctrine of Justification". Disponível em: <www.the-highway.com/justification_Packer.html>.

29 Dort, *Cânones*, III, IV.3.

to descreve em João 3, *antes* de poder crer no evangelho e ser salvo. Como Sproul enfatiza uma vez mais, "a visão reformada da predestinação ensina que antes da pessoa poder escolher Cristo [...] ela deve nascer de novo [...]; ela não crê primeiro e então se torna nascida de novo [...]"[30].

Ao contrário, somos "nascidos de novo" por crer na "palavra que pelo evangelho é pregada [...]" (1 Pedro 1:23–25). De fato, a Bíblia sempre apresenta a fé como a condição da salvação.

Consequências Perturbadoras

Infelizmente, a aceitação dessa teoria conduz ao corolário que é até mesmo mais antibíblico do que contraditório ao senso inato de misericórdia que Deus colocou dentro até mesmo do homem não regenerado: que Deus *poderia* salvar toda a humanidade, mas deliberadamente retém multidões da salvação que Ele dá ao eleito. Obviamente, o que Deus fez pelos eleitos (que igualmente eram "totalmente depravados" por natureza) Ele poderia fazer por todos, se Ele assim desejasse. Que Ele não provaria que Aquele que é *amor* não tenha amor por toda a humanidade — o que é contrário a *toda* a Escritura: "[Ele] quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade" (1 Timóteo 2:4).

Se pecadores perdidos sofrem de tal incapacidade que eles podem ser salvos somente pelo ato soberano de regeneração de Deus (e nem todos os homens não são salvos), segue-se que Deus limita Seu favor e Sua graça a um *grupo seleto*. Como um dos mais fervorosos calvinistas, Arthur W. Pink, escreve ao eleito, "então, você não vê que isso não é devido a falta alguma de poder em Deus [...], que outros *rebeldes* não são salvos também? Se Deus foi capaz de subjulgar *sua* vontade e vencer *seu* coração, e isso *sem* interferir em sua responsabilidade moral, então, não é Ele capaz de fazer o mesmo com os outros [i.e., os não eleitos]? Seguramente Ele é"[31].

---

30 Sproul, *Chosen*, p. 72.

31 Pink, *Sovereignty*, p. 50.

Aqui confrontamos o maior problema do calvinismo: sua negação do infinito amor de Deus por todos. Esse Deus, que repetidamente declara Seu amor por toda a humanidade, escolheria salvar somente alguns e deixar os outros sofrer a condenação eterna, seria contrário à Sua própria natureza de amor infinito e à Sua graça, como a Bíblia O apresenta. A própria condenação, talvez de bilhões, é dita pelo calvinista como tendo sido preordenada desde a eternidade passada, porque isso agrada e glorifica a Deus! A Confissão de Fé de Westminster, parafraseando o próprio Calvino, afirma que Deus ordena a punição eterna das multidões que Ele poderia também ordenar à vida eterna e à alegria no céu:

> Pelo decreto de Deus, para a manifestação da Sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna; e outros preordenados à morte eterna [...]. Aqueles da humanidade que são predestinados à vida, Deus [...] elegeu em Cristo para a glória eterna [...], para o louvor da Sua graça [...]. O resto da humanidade, Deus Se agradou, segundo o inescrutável conselho de Sua vontade [...], para a glória de Seu soberano poder sobre Suas criaturas [...], em ordená-los a desonra e ira pelos seus pecados, para o louvor de Sua gloriosa justiça.[32]

Mesmo Sproul admite, "se algumas pessoas não são eleitas para a salvação, daí pareceria que Deus não é, de modo algum, amoroso com relação a elas. Ainda mais, parece que teria sido mais amoroso da parte de Deus não os permitir ter nascido. Isso poderia de fato ser o caso"[33]. O amor de Deus, no entanto, é infinito e perfeito. É, portanto uma contradição sugerir que Deus foi "não tão amoroso" com respeito a alguém e poderia "ter sido mais amoroso". Nenhum calvinista explicou satisfatoriamente a falta de amor de que eles acusam Deus. Quem poderia deixar de estar gravemente preocupado por essa deturpação grosseira do nosso Criador amoroso?!

---

32 Confissão de Fé de Westminster (Londres: sem editora, 1643), III.iii, v, vii.

33 Sproul, *Chosen*, p. 32.

O grande apóstolo Paulo poderia afirmar inequivocamente, "eu não me envergonho do evangelho de Cristo!" Isso quase soa como se Sproul tivesse alguma reserva concernente ao evangelho segundo o calvinismo. Se o evangelho não é boas-novas para todos, mas somente para os eleitos, isso não é motivo para nós estarmos envergonhados de um Deus que é menos do que amoroso para com todos? Paulo não teve esse problema de crer que Deus não era "todo-amoroso".

Agora, deveria estar claro que o calvinismo está fundamentado sobre a premissa de que Deus não ama a todos, não é misericordioso para com todos, não quer que todos sejam salvos, mas Se agrada em condenar milhões que, pela regeneração soberana, Ele poderia ter salvado se tão somente desejasse. Se esse é o Deus da Bíblia, o calvinismo é verdadeiro. Se esse não é o Deus da Bíblia, que "é amor" (1 João 4:8), o calvinismo é falso. A questão central é o amor e o caráter de Deus em relação à humanidade, tal como apresentados na Escritura. O próprio título desse livro, *Que Amor É Este?*, confronta o calvinismo com uma questão para a qual ele não tem resposta.

Como já destacamos, Spurgeon (que os calvinistas amam citar quando ele apoia o calvinismo) se encontra em profundo conflito. Ele instigou a todos a virem a Cristo — apesar de contraditar sua afirmação da Expiação Limitada. De fato, Spurgeon instigou os homens a virem a Cristo, mesmo embora ele não cresse que Cristo morreu por eles. A consciência e o conhecimento de Deus não o permitiriam escapar do fato que assim como Deus ordena a toda a humanidade "amar o seu próximo como a si mesmo", então Deus deve amar genuinamente a toda a humanidade.

Como notamos previamente em referência a 1 Timóteo 2:4, Spurgeon afirmou: "como é *meu* desejo [...] [e] *seu* desejo [...] então é desejo de Deus que todos os homens devam ser salvos [...]. Ele não é menos benevolente do que nós"[34]. Spurgeon foi apanhado em uma rede de contradições tecida pelo calvinismo. Como Deus poderia, visto que Sua soberania O capacita a fazer tudo o que deseja (a pedra fundamental do calvinismo), falhar em salvar aqueles que Ele "deseja" que sejam salvos?

34 C. H. Spurgeon, *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 26, pp. 49–52.

O Que Vem Primeiro, a Salvação ou a Fé?

Em lugar nenhum, de Gênesis a Apocalipse, a Bíblia ensina que o homem pecador, sem primeiro ser regenerado, é incapaz de se arrepender dos seus pecados, voltar-se para Deus e crer no evangelho, para a salvação de sua alma. Ao contrário, é muitíssimo claro que a fé precede a salvação e é de fato uma *condição* para a salvação. Existe uma porção de versos afirmando que somos salvos pela fé, pela fé no Senhor Jesus Cristo, tal como Ele é apresentado no evangelho. Essa sequência de eventos é inquestionável:

- Quem crer [...] será salvo [...]. (Marcos 16:16)
- E os que estão junto do caminho, estes são os que ouvem; depois vem o diabo, e tira-lhes do coração a palavra, para que não se salvem, crendo; (Lucas 8:12)
- Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo [...]. (Atos 16:31)
- Eu não me envergonho do evangelho de Cristo: porque é o poder de Deus e salvação para todo o que crê [...]. (Romanos 1:16)
- Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado [...]. Pelo qual também sois salvos [...] se não é que crestes em vão. (1 Coríntios 15:1–2)
- Pela graça sois salvos por meio da fé [...]. (Efésios 2:8)
- [...] para exemplo dos que haviam de crer Nele para a vida eterna. (1 Timóteo 1:16)

Esses textos são claros. Portanto, a fim de apoiar que a "regeneração precede a fé", deve ser provado que a regeneração deixa alguém ainda não salvo e, assim, sob o julgamento de Deus. Mas essa visão é tanto antibíblica quanto irracional.

A Bíblia afirma em muitos lugares que crendo em Cristo segundo o evangelho (e somente *crendo)* recebemos a vida eterna de Deus como um presente: "para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16); "quem ouve [...] e crê [...] tem a vida eterna" (5:24); "para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em Seu nome" (20:31). Crer é obviamente a condição para receber o presente da vida eterna. Alguém poderia ser "regenerado" e permanecer não salvo e sem "vida por meio do Seu nome", que é recebido somente pela fé? Não segundo a Bíblia! Como, então, poderia a regeneração preceder a fé?

A Bíblia ensina claramente que no mesmo momento (e não em um momento antes) que alguém crê e recebe o Senhor Jesus Cristo como salvador que morreu pelos seus pecados, essa pessoa nasce de novo (regenerada pelo Espírito de Deus) na família de Deus e se tornou, através disso, um filho de Deus. Certamente que não há dois tipos de vida que Deus dá aos pecadores livremente: uma por meio de uma "regeneração" especial calvinista e a outra a salvação pela fé. A vida eterna recebida como um dom gratuito por meio da fé em Cristo só pode ser a mesma vida que alguém recebe sendo nascido de novo.

Certamente que Cristo não deu a Nicodemus razão alguma para crer que a vida de Deus, recebida do Santo Espírito por meio do novo nascimento, difere de qualquer maneira da vida eterna que alguém recebe pela fé Nele. Como a "regeneração" poderia ser outra coisa? O fato de que a vida eterna vem por meio da fé e que a vida eterna é somente pelo novo nascimento indica claramente que a fé é a condição para a regeneração e, portanto, a precede. Crer em Cristo para a salvação não é o *resultado* da regeneração, mas a *condição* essencial para a regeneração ocorrer.

Verso após verso, na mais clara e possível linguagem, a Bíblia coloca o crer no evangelho *antes* da regeneração. Paulo fala a seus filhos na fé, "porque eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo" (1 Coríntios 4:15), e Pedro afirma que somos "nascidos de novo [...] pela palavra de Deus [...], a palavra que pelo evangelho é pregada [...]" (1 Pedro 1:23–25).

Ser nascido de novo pela palavra de Deus só pode se referir à regeneração, mas a palavra de Deus é eficaz somente naqueles que creem. Paulo declara sob a inspiração de Deus, "a fé vem pelo ouvir e ouvir a palavra de Deus" (Romanos 10:7), e ele mesmo chama de "a palavra da fé que pregamos" (verso 8). Claro que somos perdidos, somos informados de que "a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram" (Hebreus 4:2).

Sobre a base de abundante testemunho da Escritura, só podemos concluir que a fé em Cristo por meio do evangelho precede a regeneração. Portanto, o novo nascimento não ocorre por um ato de Deus à parte do entendimento e da fé da pessoa no evangelho, mas como o resultado disso. A doutrina de que a pessoa deve ser nascida de novo (regenerada) antes de poder crer é simplesmente não bíblica.

Mesmo Spurgeon, apesar de sua afirmação de ser um calvinista leal, não poderia aceitar o ensino de que a regeneração vem antes da fé em Cristo por meio do evangelho. Os calvinistas o citam quando ele os apoia, mas eles ignoram declarações tais como a que segue:

> Se estou pregando a fé em Cristo a um homem que já está regenerado, então o homem, sendo regenerado, já é salvo, e é desnecessário e coisa ridícula para mim pregar Cristo a ele, e oferecer a fé a fim de que seja salvo quando ele já é salvo, sendo regenerado. Eu estou somente pregando a fé aqueles que já têm fé? Absurdo, de fato! Isso não é o mesmo que esperar o homem ser curado e só então trazer o remédio? Isso é pregar Cristo ao justo e não aos pecadores.[35]

Quem pode negar que o argumento de Spurgeon tanto é bíblico quanto razoável? Nem pode ser negado que ele estava ao mesmo tempo, inconscientemente, negando o próprio coração do calvinismo, que ele outras vezes afirmou decisivamente.

---

35 C. H. Spurgeon, "The Warrant of Faith" (Pasadena, TX: Pilgrim Rapids, MI: Baker Book House, 1984; citado em White, *Potter's*, pp. 182–183.

Apoio Bíblico para a Depravação Total?

Para mostrar que a Bíblia ensina de fato a depravação total como incapacidade, o calvinista usa tais textos bíblicos como "e viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente" (Gênesis 6:5–6; 8:21). Outros versos oferecidos como uma alegada prova de sua doutrina incluem Jeremias 17:9, "enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?", e Romanos 3:10–18, "não há nem um justo [...], nenhum que busque a Deus [...], nenhum que faça o bem [...], não há temor de Deus diante de seus olhos," e assim por diante.

Obviamente, no entanto, o fato de que os pensamentos dos homens são maus continuamente, que seu coração é desesperadamente ímpio e enganador, e que nem procura nem teme a Deus, não diz que ele, portanto, é *incapaz*, a menos que seja primeiro regenerado por Deus, para *crer* no evangelho, mesmo se reprovado e convencido disso pelo Santo Espírito. Paulo ensina o contrário: "mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues" (Romanos 6:17). Claramente, os servos do pecado responderam o comando para se arrependerem e crerem em Cristo, e como resultado eles foram regenerados — nascidos do Espírito de Deus na família de Deus, e, assim, salvos.

Nem a afirmação "ninguém busca a Deus" nega que qualquer homem, não importa o quão depravado, pode responder por escolha inteligente sem primeiro ser regenerado, se Deus o procura e o traz. Nem a Bíblia ensina que Deus só procura e traz os "eleitos", mas não outros. De fato, muitas passagens afirmam que, sob a atração do Santo Espírito, o homem pecaminoso, *pode* dar uma resposta moral: "leva-me Tu; correremos após Ti". (Cantares 1:4); "e buscar-Me-eis, e Me achareis, quando Me buscardes com todo o vosso coração" (Jeremias 29:13); "e que [Deus] é galardoador dos que O buscam" (Hebreus 11:6). Todo o que tem sede, não importa o quão depravado, é comandado a se voltar ao Senhor, mas nunca como um indício de que isso é impossível até que Deus primeiro o regenere (Isaías 55:1–7).

Além do mais, a oferta de salvação é estendida aos "confins da terra" (Isaías 45:22). Que essa oferta não é somente para eleitos seletos, está claro. O termo "todo o que tem sede" nos lembra de um dos lamentos de Cristo, "se alguém tem sede, venha a Mim, e beba" (João 7:37). A todos aqueles sedentos são oferecidas as "águas vivas" que Cristo ofereceu à mulher à beira do poço (João 4:10). E é com a mesma promessa a *quem quiser* que a Bíblia encerra: "e quem quiser, tome de graça da água da vida" (Apocalipse 22:17).

A universalidade da oferta de Deus da salvação é apresentada repetidamente por toda a Bíblia; por exemplo: "pregue o evangelho a toda a criatura" (Marcos 16:15); e "porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigênito, para que todo aquele que Nele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16), etc. Certamente, "toda criatura", "o mundo" e "quem quiser" deve incluir todos, não importa o quão seriamente depravado.

Seria necessária considerável manipulação para defender que a oferta de salvação é estendida somente ao eleito, ou mesmo que somente o eleito poderia responder, e mesmo assim não até ter sido regenerado soberanamente. Paulo confirma esse desejo de Deus por todas as nações quando afirma aos filósofos gregos no Areópago:

> O Deus que fez o mundo e tudo que nele há [...]. E de um só sangue fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação; para que buscassem ao Senhor, se porventura, tateando, O pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós; porque Nele vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns dos vossos poetas disseram [...]. (Atos 17:24–28)

É realmente possível inferir das palavras de Paulo que "toda a geração dos homens" e "cada um de nós" e "nós" se referiam aos eleitos de quem os gregos nunca ouviram? Ao contrário, Paulo está claramente incluindo seus ouvintes e antagonistas no Areópago entre aqueles que têm suas vidas físicas trazidas por Deus e que podem procurar e encontrar a Deus. Isso foi o que os poetas gregos, a quem

ele se refere, disseram (claramente, esses filósofos não estavam se referindo aos eleitos), e Paulo está afirmando com isso o entendimento geral e afirmando a pessoa do verdadeiro Deus a eles, um Deus que "não está longe de cada um de nós", que ordena a todos os homens a buscarem-No e que pode ser encontrado por todos. Não há qualquer sugestão de que a depravação e a escravidão de todos ao pecado tornam impossível crer em Cristo sem primeiro ser regenerado soberanamente.

Há Um Pensamento Enviesado em Ação?

Se Deus pretende que toda a humanidade (não importa quão depravada) O procure, e se Ele deve ser procurado antes de Ele ser encontrado, então só podemos concluir que aqueles que ainda não encontraram a Deus e, assim, não estão ainda regenerados, são capazes de uma busca genuína por Deus, visto que Ele atrai *todos os homens* a Si (João 12:32). A conclusão do calvinismo (de que por causa da sua depravação, o homem deve ser primeiro regenerado antes de poder crer ou mesmo procurar a Deus) é contrária ao ensino claro das Escrituras — um fato que será tratado com maior profundidade em capítulos subsequentes.

Os calvinistas citam com frequência João 1:13 como prova da alegada incapacidade do homem devido à sua depravação total, que requer que ele seja primeiro regenerado antes de poder crer no evangelho ou receber a Cristo como seu salvador. O texto fala daqueles "nasceram de novo, não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus". Comentando esse verso, Calvino escreve, "daí segue-se primeiro que a fé não procede de nós mesmos, mas é fruto da regeneração espiritual; para o evangelista afirmar que nenhum homem pode crer, a menos que ele seja nascido de Deus; e, portanto, a fé é um presente celestial"[36]. Na verdade, a conclusão de Calvino não segue dessa passagem de forma alguma.

36 João Calvino, *Commentary on the Gospel According to John* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1984), 43; citado em White, *Potter's*, p. 182-183.

Ele está lendo no texto alguma coisa que não está lá a fim de apoiar sua própria doutrina.

O contexto deixa o significado de João completamente claro: "Ele veio aos Seus e os Seus não O receberam. Mas a todos quanto O receberam, deu-lhes o poder [o direito ou privilégio] de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no Seu nome" (versos 11–12). Seu próprio povo, os judeus, rejeitaram a Cristo. Em contraste àqueles que não O receberam, no entanto, todos aqueles que O receberam e creram em Seu nome são, como o *resultado de O receber e crer*, deu-lhes o direito de se *tornarem* filhos de Deus. Esse novo nascimento (verso 13), por um ato de Deus, regenera-os dentro de Sua família por intermédio de Seu Espírito, naqueles que receberam a Cristo e creram "em Seu nome" (verso 12). Tratamos sobre isso em mais detalhes no capítulo 21.

Deus É Sincero?

Se a doutrina da Depravação Total como definida na TULIP for verdadeira, então, de Gênesis a Apocalipse nós teríamos a contradição de Deus pleiteando ano após ano, século após século, por arrependimento de uma aparentemente infinita procissão de bilhões de indivíduos que (sendo totalmente depravados) foram incapazes de se arrependerem, e que Ele já predestinou ao tormento eterno desde a eternidade passada. Ele seria apresentado na Escritura como pleiteando com aqueles que Ele criou tão desesperadamente depravados que eles não poderiam se arrepender, a menos que primeiro os regenerasse, e de quem Ele estava retendo a regeneração e a graça de que eles precisavam para se voltar a Ele, e a quem Ele não teve qualquer intenção de salvar. Tal cenário torna a maior parte da Bíblia em uma encenação e zomba da inteligência racional e da consciência que Deus concedeu à humanidade.

Ainda o calvinista "moderado" declara afirmar, em contraste ao "hipercalvinista", que Deus oferece *sinceramente* salvação a todos. *Sinceramente* oferecer salvação para aqueles por quem Cristo não morreu e a quem Ele predestinou ao tormento eterno? Isso é loucura. Já calvi-

nistas que honestamente admitem que o Deus do calvinismo *não* ama toda a humanidade e genuinamente *não* oferece salvação a todos por meio do evangelho são chamados de "hipercalvinistas". Esse título é uma tática dos "moderados" para escapar da horrível verdade!

Se por causa da "depravação total" o homem perde a habilidade de responder sem o soberano ato de regeneração de Deus, então todos os pedidos de Deus são obviamente sem função e sem sentido. Não há questão alguma que, se o calvinismo for verdade, não haveria qualquer razão para Deus encorajar o homem a se arrepender — no entanto, é isso que Ele faz. O ato soberano de regeneração de Deus é alegado não requerer qualquer fé ou participação de qualquer tipo da parte do homem.

O calvinismo nos leva a um beco sem saída irracional. Não haveria necessidade alguma de Deus pleitear com o eleito, que Ele já predestinou a salvação, a uma salvação que Ele alegadamente efetua soberanamente *antes* de qualquer fé ser exercida da parte deles. Nem faz qualquer sentido melhor que Deus apresente o evangelho e pleiteie com o não eleito que *não pode crer* Nele a menos que ele já tenha sido soberanamente regenerado, mas que Ele não regenerará, já o tendo condenado por Seu decreto eterno. No entanto, Ele continua a pleitear e a responsabilizá-los por não se arrependerem, mesmo quando é Ele retém a graça essencial que Ele dá somente ao eleito! E essa é somente uma das deturpações grosseiras que o calvinismo faz contra Deus.

Inconsistência de Calvino

Em suas discussões sobre a Depravação Total, Calvino às vezes pareceu meio confuso e incapaz de articular bem suas ideias. Ele teorizou que o homem totalmente depravado ama naturalmente a verdade, *mas não o suficiente*, porém mesmo assim ele tem grandes dons do Seu Criador e toda a verdade que ele tem vem de Deus — no entanto, ele não pode conhecer a verdade plenamente e assim ser salvo. Somos deixados sem o exato significado dessa terminologia e onde ela é afirmada na Escritura. Em outros tempos, Calvino se contradisse ainda

mais concernente a essa doutrina-chave e, em alguns lugares, até indicou que "total" não significa realmente total. Por exemplo, Calvino esteve envolvido na seguinte especulação confusa que pareceu oscilar à Depravação Total, às vezes cair e então se recuperar:

> A mente humana [...] é naturalmente influenciada pelo amor à verdade, [mas] esse amor à verdade falha antes de alcançar a meta, [ainda assim] os esforços dos homens não são sempre totalmente infrutíferos para não conduzir a algum resultado [...] e a inteligência implantada naturalmente [...] deverá conduzir cada indivíduo a reconhecer isso por si mesmo como um dom especial de Deus [...].
>
> Portanto [...] a mente humana, no entanto, muito caída e pervertida de sua integridade natural, ainda está adornada e investida com dons admiráveis de Seu Criador.
>
> Ele [...] pela virtude do Espírito [...] Se agradou em nos assistir [...] com grandes talentos para a investigação da verdade, [mas] não baseados em um fundamento sólido da verdade [...]. O Senhor concedeu sobre [os filósofos] alguma leve percepção de Sua divindade, que eles não podem alegar ignorância como uma desculpa de sua impiedade, e tem, às vezes, os instigado a fornecer algumas verdades, a confissão das quais deveria ser a sua própria condenação [...]; seu discernimento não foi tal para os dirigir à verdade, muito menos para os permitir alcançá-la, mas se assemelhava com o viajante confuso [...].
>
> Um apóstolo afirma, "quando os gentios [...] fazem por natureza as coisas contidas na lei, esses [...] mostram as obras da lei inscritas em seus corações [...]" (Romanos 2:14–15), [então] então certamente não podemos dizer que eles estão inteiramente cegos.[37]

37 Calvino, *Institutes*, vol. 2, ii.12–22.

Confusões e contradições reinam aqui. O homem é totalmente depravado ou não? E se ele é, o que isso significa exatamente? A crença de que o homem natural não entende as coisas de Deus a menos que elas sejam reveladas a ele por Deus não pode ser negada — é o que a Bíblia diz. Isso é verdade quanto a tudo que nós temos; tudo vem de Deus:

- [...] pois Ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração e todas as coisas [...] pois Nele vivemos, nos movemos e existimos [...] (Atos 17:25, 28).

- Toda boa dádiva e todo dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em Quem não há mudança nem sombra de variação (Tiago 1:17).

Mas sem amparo bíblico, Calvino insere a ideia de graus: todos os homens, por natureza, recebem muita verdade de Deus, mas em graus variados. A maioria deles apenas não recebe o suficiente — tal graça é somente para o eleito. O homem não regenerado pode ver, e ainda assim ele é cego — mas não *totalmente* cego. O que Calvino quer dizer exatamente? Somos deixados para descobrirmos sozinhos.

Confrontados Uma Escolha

Os calvinistas objetam a afirmação de que o homem natural não é "tão totalmente depravado que ele não pode ouvir a voz de Deus e vir a Cristo". Eles respondem "totalmente depravado é totalmente depravado. Não faz sentido algum dizer que o homem não é totalmente depravado". Não apenas a Depravação Total não é um conceito bíblico, mas também, como as citações acima mostram, o *próprio* Calvino disse que o homem não é *tão* totalmente depravado que ele não pode receber muita verdade de Deus; ele somente não recebe verdade suficiente, porque Deus a retém. Por quê? E onde a Bíblia afirma *isso*? Calvino diz que Deus retém a verdade a fim de "tornar

o homem indesculpável [...]". Isso é como enfraquecer um homem a fim de torná-lo indesculpável por falhar em correr tão rápido ou pular alto o suficiente!

Calvino diz que a verdade vem apenas do Espírito da Verdade, então, toda a verdade que o homem tem é recebida de Deus. Assim, se Deus dá a todo homem alguma verdade, porque Ele não dá o suficiente para conhecê-Lo e procurá-Lo? Certamente, Deus pode dar a toda a humanidade tanta verdade quanto Ele deseje dar. Calvino não pode nos mostrar que o homem tem naturalmente a capacidade para *esse* tanto de verdade, mas não para *aquele* tanto. Como é que a *depravação* foi redefinida como *incapacidade*, que não é total, mas é apenas suficiente para condenar a alma? Não há qualquer coisa em lugar algum da Escritura para apoiar essa especulação.

Quando Pedro confessou a Jesus, "Tú és o Cristo", Jesus falou para ele, "não foi a carne e o sangue quem te revelou, mas meu Pai que está nos céus" (Mateus 16:15–17). Pedro deve ter sido um homem natural, totalmente depravado, quando o Pai revelou Cristo a ele. Certamente ele ainda não havia nascido do Espírito. Embora ele reconhecesse Jesus como o Cristo, ele ainda carecia de qualquer entendimento sobre Jesus morrer pelos seus pecados. Não poderia, portanto, o Pai, revelar Cristo a todos assim como Ele revelou a Pedro? Por que não? Claramente, Pedro teve uma revelação do Pai com respeito a Cristo *antes* de ele ser regenerado.

Apesar de toda a importância que o calvinismo coloca sobre a doutrina da Depravação Total, e ainda que essa seja a condição de toda a humanidade, e da qual os eleitos são libertados, ser totalmente depravados não é o que mantém o homem nas trevas afinal, mas sim a retenção de Deus da luz necessária. Os perdidos não são mantidos fora do céu por causa dos seus pecados (para os quais existe um remédio), mas sim pela retenção da graça de Deus da qual eles precisam para a salvação, porque Deus já os predestinou para o tormento eterno — uma condição impossível de se remediar!

Dado o que a Bíblia nos fala do trato de Deus com o homem e a doutrina do calvinismo da inabilidade do homem para crer, existem

duas escolhas: ou acusar o Deus infinito de agir sem sinceridade e em amor limitado e graça limitada, ou admitir que o calvinismo está errado. De fato, isso leva a outra conclusão igualmente devastadora para o calvinismo, a ser considerada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 8

A QUESTÃO SOLENE: O CARÁTER DE DEUS

Por que Deus perderia Seus tempo e esforço, além dos tempo e esforço de muitos de Seus profetas, implorando àqueles que, segundo o calvinismo, não podem ouvi-Lo — ou mesmo se pudessem, sendo totalmente depravados — nunca iriam responder ao Seu apelo, crendo e Lhe obedecendo? Não seria o pior tipo de hipocrisia Deus expressar preocupação pelo bem-estar eterno daqueles que Ele predestinou ao tormento eterno? Por que criar essa elaborada ficção de lamento e choro por aqueles que Deus sabe que não apenas vão recusar se arrepender, mas também que, a menos que Ele os regenere, *não podem* se arrepender por causa de sua inabilidade total de fazê-lo?

Ao contrário, Deus deve apelar à consciência e à vontade humana — algo que o calvinismo não pode permitir para o não eleito. Pink argumenta que, "afirmar que ele [o homem] é um agente livre é *negar que ele é totalmente depravado*"[1]. Mas o homem é um agente livre como veremos.

Por que o Espírito Santo, ao longo de toda a Escritura, dá repetidamente a impressão de que Deus deseja que todos os homens se arrependam e os ordena e pleiteia com eles para que façam isso, enquanto ao mesmo tempo Ele retém de todos, exceto um grupo seleto, os meios essenciais para se arrepender? Por que Deus choraria e pleitearia com aqueles por quem Ele possivelmente não poderia ter nem amor nem preocupação genuína, já os tendo predestinado à condenação eterna? Beck declara, "ele [o homem] é livre para se voltar a Cristo, mas não é capaz"[2]. Isso é como dizer que o homem é livre para ir a Marte a qualquer hora que ele desejar. Isso é uma piada? O calvinista parece inconsciente da contradição que ele está dizendo. Bryson levanta uma questão lógica:

> E visto que os não regenerados são reprovados [predestinados à condenação pelo decreto de Deus] como resultado de uma escolha feita somente por Deus, como eles poderiam

1 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, segunda impressão, 1984), p. 138.

2 Frank B. Beck, *The Five Points of Calvinism*, 2. ed. (Lithgow, Australia: Covenanter Press, 1986), p. 10.

> ser responsáveis por sua perdição [...] e inevitável condenação?[3]

Seria uma provocação zombeteira Deus prometer ao homem que se ele O procurasse honesta e sinceramente, ele O encontraria, se de fato isso é impossível ao homem fazer a menos que Deus o regenere. Inspirada pelo Santo Espírito, no entanto, toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, dá a clara impressão de que aqueles com quem Deus pleiteia, poderiam, de sua própria volição, se arrepender e se voltar para Ele, se assim desejassem. Tomando a Escritura em seu sentido mais óbvio, H. A. Ironside disse:

> O pregador do evangelho pode afirmar sem qualquer tipo de reserva mental o abençoado fato de que todo aquele que quiser pode tomar a água da vida livremente (Apocalipse 22:17). Não se trata, de forma alguma, de uma questão de ser *permitido* tomar Cristo como seu salvador. Trata-se de uma súplica ardente para que se faça isso. (ênfase adicionada).[4]

Escolha e Responsabilidade Humana

Frederic Farrar disse acertadamente que o que Deus ordena "deve estar dentro poder da vontade, visto que a habilidade é a medida da obrigação"[5]. G. Campbell Morgan declarou firmemente, "não podemos estudar a Bíblia sem sermos trazidos face a face com a responsabilidade pessoal [...]. Quando a voz de Deus ecoa, a vontade do

---

3 George L. Bryson, *The Five Points of Calvinism "Weighed and Found Wanting"* (Costa Mesa, CA: The Word for Today, 1996), p. 36.

4 H. A. Ironside, *What's the Answer?* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1944), pp. 43–44.

5 Frederic W. Farrar, *A Manual of Christian Doctrine* (The Alliance Press, sem data), p. 76.

homem é livre para obedecer ou desobedecer"[6]. Kenneth Foreman disse, "se há uma coisa que a Bíblia mostra, é que Deus considera os homens responsáveis por suas ações. O 'tu deverás' de Deus é falado a pessoas livres, não a fantoches"[7].

Já Gerstner insiste na contradição que é inata ao calvinismo: "é sua decisão escolher ou rejeitar a Cristo, mas isso não está em seu próprio livre-arbítrio"[8]. Como pode ser minha decisão, quando eu não sou livre para escolher, faz sentido apenas para os calvinistas. Para todos os outros, tal afirmação é escandalosamente irracional e contraditória.

Obviamente, o calvinismo requer sua própria definição peculiar das palavras. Pink escreveu, "aqueles que falam do 'livre-arbítrio' do homem e insistem sobre seu poder inerente ou de aceitar ou de rejeitar o Salvador, apenas declaram sua ignorância da real condição dos filhos caídos de Adão"[9]. Jesus, por outro lado, ensinou claramente que o homem não regenerado, de fato pode, em sua vontade, decidir fazer a vontade de Deus, e assim conhecer a verdade: "se qualquer homem quiser fazer [i.e., vontade de fazer] a vontade Dele [de Deus], conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se Eu falo por Mim mesmo" (João 7:17). Ele ofereceu "se qualquer homem quiser", não a um eleito especial, mas às multidões de não regenerados e rabinos que logo O crucificariam. O bispo J. C. Ryle, que permaneceu tão firmemente contra o romanismo na Inglaterra no século XIX, comentou:

> A língua inglesa falha aqui em dar a força total do grego. Aqui é literalmente, "se qualquer homem deseja fazer —

---

6 G. Campbell Morgan, *The Westminster Pulpit* (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1954), vol. 2, pp. 306–307.

7 Kenneth J. Foreman, *God's Will and Ours* (Richmond, VA: Outlook Publishers, 1954), p. 42.

8 John H. Gerstner, *A Primer on Free Will* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1982), p. 10.

9 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, segunda impressão, 1984), prefácio à primeira edição, primeira página não numerada.

> tem uma mente, desejo e inclinação para fazer a vontade de Deus [...]". Nunca deveria ser esquecido que Deus trata conosco como seres morais e não como bestas e feras.[10]

Ao longo dos séculos, um entendimento não calvinista da Escritura concernente à responsabilidade e à habilidade humanas foi habilmente expressada por muitos líderes cristãos. No entanto, os calvinistas são, com frequência, ambíguos. Um batista proeminente escreveu, "o indivíduo não deve apenas agir por si mesmo; ele é o único que pode. Deus o fez competente"[11]. Embora aparentemente afirmando "incapacidade" devido à depravação total, ao mesmo tempo A. H. Strong insistiu, "o pecador pode [...] procurar a Deus por motivos de interesse pessoal [...]; o pecador pode [...] dar atenção à verdade divina"[12]. Griffith Thomas escreveu, "Depravação Total não significa a perda absoluta da [...] liberdade da alma de escolher, capacitando o homem a determinar uma ação consciente. Nesse sentido a nossa liberdade é real e a queda não nos afetou nisso [...]; o homem caído tem a faculdade da vontade, como ele tem outras faculdades [...]"[13]. Com a mesma disposição, W. L. Pettingill argumentou a partir das Escrituras, "todo aquele que quiser pode vir. É somente ele vir e Deus faz todo o resto"[14].

---

10 John C. Ryle, *Expository Thoughts on the Gospel of John* (Wm. Hunt and Co., 1883), vol. 3, pp. 16, 22.

11 W. R. White, *Baptist Distinctives* (Sunday School Board, SBC, 1946), pp. 24-25.

12 Augustus H. Strong, *Systematic Theology* (Valley Forge, PA: Judson Press, 1907), p. 640.

13 W. H. Griffith Thomas, *The Principles of Theology* (Londres: Longmans, Green and Co., 1930), pp. 165, 180.

14 William L. Pettingill, *Bible Questions Answered*, 3. ed. (Just A Word Inc., de 1935), p. 374.

Que Deus É Esse?

Para Deus agir como o calvinismo ensina seria inconsistente com a segurança repetida em Sua Palavra de que Ele é benigno e amoroso com *todos*. O comprometido calvinista W. G. T. Shedd escreveu, "as acusações que têm sido feitas [...] desde tempos imemoriais são que o calvinismo representa Deus como um tirano soberano, que é destituído de amor e misericórdia por quem quer que seja, exceto por uns poucos eleitos, que atribui aos homens a depravação dos demônios, priva-os da liberdade moral e sujeita-os à crueldade arbitrária de um Ser que cria alguns homens para ser condenados"[15]. Como estamos amplamente documentados, essa acusação é verdadeira. De fato, Shedd admitiu que essa acusação foi feita mesmo por alguns calvinistas, contra o que eles chamaram de hipercalvinismo[16]. Como já temos visto, no entanto, e será demonstrado mais plenamente, os calvinistas que acusam os outros de serem "hiper", na verdade, creem na mesma coisa, mas tentam encobrir esse fato com um discurso dúbio.

Defendendo sua deturpação de Deus, o calvinista argumenta que Deus regenerar graciosamente toda a humanidade ao invés de apenas os eleitos "violaria Sua justiça, que requer a justa punição pelo pecado"[17]. Pelo contrário, se salvar e regenerar o eleito não é a violação de Seu caráter ou justiça, também não seria uma violação Ele fazer o mesmo por toda a humanidade. Por que a infinita misericórdia de Deus deve ser limitada a um grupo seleto? Por essa visão extrema de soberania, o calvinismo responsabiliza Deus, ao invés do pecador, pela rejeição do pecador a Cristo e por sua condenação eterna.

Para justificar suas crenças, o calvinista, de maneira hipócrita, argumenta que implorar àqueles que não podem responder "é uma forma justa e necessária para Deus agir se é para o homem ser consi-

---

15 William G. T. Shedd, *Calvinism: Pure and Mixed* (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1999), p. 15.

16 Ibid.

17 Um amigo calvinista a Dave Hunt, comentário crítico na margem do rascunho do manuscrito. Em arquivo.

derado responsável como criatura caída e pecaminosa, independentemente de sua incapacidade de responder"[18]. A própria sugestão é ofensiva ao senso comum e à consciência dada por Deus ao homem. Deus não implora aos homens que façam o que, pelo Seu decreto imutável, eles não podem fazer, a fim de os considerar responsáveis! Já Calvino, embora advogado, afirmou que essa era a justiça de Deus em ação.

Depois de afirmar que Deus só regenera um grupo eleito, Palmer exulta, "que Deus bom!"[19] Bom para os eleitos do calvinismo, mas certamente *não* bom para aqueles que Ele poderia salvar, mas condena ao sofrimento eterno. De fato, o Deus da Bíblia é bom para todos:

- Pois Tu, Senhor, és bom, e pronto a perdoar, e abundante em benignidade para com todos os que Te invocam (Salmos 86:5).

- A mão do nosso Deus é sobre todos os que O buscam para o bem [...] (Esdras 8:22).

- Jesus de Nazaré [...] o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele (Atos 10:38).

- O SENHOR é bom para todos, e as Suas misericórdias são sobre todas as Suas obras (Salmos 145:9).

Como isso aumentaria a responsabilidade daqueles que são incapazes de responder ao pleito e os advertiria? Pelo contrário, quem quer que retenha ajuda que a alguém necessita seria o responsável. Já essa retenção imoral e deliberada da salvação é atribuída a Deus sob a desculpa de ser "a boa vontade de Deus fazer isso". Seria alguém

18 Revisor calvinista a Dave Hunt, nota na margem do rascunho do manuscrito. Em arquivo.

19 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, vigésima impressão, 1980), p. 21.

que permaneceu por perto e viu uma pessoa se afogar, alguém que ele poderia ter salvado, ser inocentado se ele explicasse que foi sua "boa vontade" fazer aquilo? Acaso não tem Deus um elevado — sim, um perfeito — padrão de amor e preocupação? Atribuir tais crueldades a Deus é deturpá-Lo e difamá-Lo grosseiramente!

Uma Questão Não de Soberania, Mas de Caráter

Por causa de nossa culpa como pecadores, Deus certamente tem o direito de condenar a nós todos. No entanto, Sua justiça não requer que Ele condene alguns, mas não outros, o não eleito, mas não o eleito, visto que todos são igualmente depravados e culpados. Nem é racional nem bíblico que Deus, que é infinito em amor e misericórdia, permitisse *alguém* ser condenado, a quem Ele *poderia* justamente libertar. Muitos textos da Escritura afirmam claramente que Deus enviou Seu Filho "para ser o Salvador do mundo" (João 4:42; 1 João 4:14), e que Cristo na cruz pagou o preço pelos pecados de todo o mundo, de tal forma que Deus "deve ser o justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:25–26). Tragicamente, o calvinismo limita a redenção de Cristo e a infinita misericórdia e o amor de Deus.

No entanto, espantosamente, a maioria dos calvinistas afirmam não ver qualquer contradição entre o amor de Deus apresentado na Escritura, "que quer que todos os homens se salvem" (1 Timóteo 2:4), e o Deus que "salva quem Ele quer pelo Seu mero agrado"[20] e deixa o resto da humanidade sem as Suas misericórdia e graça porque "foi do Seu agrado [os] condenar à destruição"[21].

Tentando escapar das claras implicações de sua doutrina lamentável, os calvinistas argumentam que embora o homem totalmente depravado não possa fazer coisa alguma senão rejeitar o evangelho,

---

20 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxi.1.

21 Ibid., vol. 3, xxx.7.

Deus é, apesar disso, perfeitamente justo em os considerar responsáveis e os condenar. Paulo explica como Deus pode perdoar os pecadores justamente (Romanos 3:21–30), mas em lugar nenhum a Escritura explica como Deus poderia justamente condenar por pecar aqueles incapazes de fazer qualquer outra coisa, aqueles a quem Ele predestinou para o pecado e para destruição eterna antes de eles nascerem.

Com nenhum aparente senso da ironia, um amigo calvinista que criticou o primeiro rascunho do manuscrito para este livro, afirmando que eu não "entendia o Calvinismo", escreveu:

> Nem o Calvinismo nega que o homem pode responder o evangelho nem [ensina] que Deus retém a habilidade para responder. Eles respondem [...] negativamente. E essa resposta não tem coisa alguma a ver com Deus retendo qualquer coisa [...]. Deus não impede o homem de vir a Ele. Eles são livres para vir se eles quiserem. O que Deus retém é Sua misericórdia, que Ele não está sob obrigação alguma de conceder, visto que é o desejo do homem não conhecer a Deus.[22]

Não É Uma Questão de Obrigação

Claro, o Deus do calvinismo impede o não eleito de vir a Ele retendo a graça sem a qual ninguém pode crer. Além do mais, Ele os predestinou à condenação eterna — assim como Ele não deu o Seu Filho para morrer por eles, segundo a doutrina da Expiação Limitada. Poderia haver qualquer meio mais forte de impedir o não eleito de ser salvo pela fé em Cristo? O que esse amigo aparentemente quer dizer é que Deus não retém coisa alguma a que Ele está sob a *obrigação* de conceder.

Claro que Deus não está sob obrigação de estender misericórdia ou graça a *pessoa alguma*. Pela própria definição, misericórdia e graça

22 Revisor calvinista a Dave Hunt, comentário marginal, sem data. Em arquivo.

são completamente sem obrigação. Assim, alguém não pode isentar o Deus calvinista em falhar em estender graça e misericórdia a todos, simplesmente dizendo que Ele não está sob obrigação alguma de fazê-lo. Obrigação não é a base para se estender graça e misericórdia, mas, antes, são o amor e o desejo de atender à necessidade dos pecadores.

Todas as qualidades de Deus são infinitas e em balanço perfeito. Entre aquelas qualidades está a misericórdia: "mas Tu, Senhor, és um Deus cheio de compaixão, e piedoso, e sofredor, e grande em benignidade e em verdade" (Salmos 86:15). Por toda a Escritura, está claro que Deus é infinito em misericórdia. Ele requer de nós que "amemos a misericórdia", e Ele "Se deleita na misericórdia" (Miqueias 7:18; 6:8). Paulo nos fala que Deus "é rico em misericórdia" (Efésios 2:4) e que Ele encerrou tanto a judeus quanto a gentios "debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia" (Romanos 11:32).

Qualquer desses textos da Escritura sugere que Deus limita Sua graça e Sua misericórdia a um grupo seleto? Nenhuma Escritura afirma isso!

Contrário ao calvinismo, o relato bíblico do tratamento de Deus com o homem demonstra que, de boa-fé, Deus amorosa, graciosa e misericordiosamente estende uma oferta genuína de arrependimento e salvação a toda a humanidade. A linguagem clara da Escritura proclama que Deus deseja verdadeiramente convencer, dar convicção e salvar a todos os que estão perdidos — e que todos eles têm a capacidade de se voltar a Ele se assim desejarem. Essa conclusão é posta sobre o leitor por centenas de afirmações claras na Bíblia, apelando aos homens que se arrependam e se voltem a Deus. No entanto, o calvinismo nega o significado claro desses textos da Escritura.

Por Que Deus Se Esforça?

O calvinista insiste que estar espiritualmente morto em pecados significa que o homem não pode ouvir o evangelho nem responder a Deus mais do que se ele estivesse morto fisicamente. Já no próprio contexto da primeira exposição do coração ímpio do homem, que o

calvinista oferece como prova da Depravação Total, ouvimos Deus dizendo, "não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem" (Gênesis 6:3). Como pode haver uma "contenda" real se o homem está morto em pecados e, portanto, não pode sequer ouvir, muito menos ser persuadido? Por que o Espírito de Deus *lutaria* com um *cadáver*? E como Deus poderia lutar sinceramente para convencer que cressem aqueles por quem Cristo não morreu e de quem Ele retém a fé para crer? O ensino inteiro do calvinismo nega a *sinceridade* da parte de Deus, em aparentemente oferecer a salvação àqueles que Ele não tem qualquer intenção de salvar.

Por toda a Bíblia nós vemos Deus contendendo e pleiteando com o homem até que, em vários tempos e com várias pessoas, somos informados que por causa da rebelião contínua do homem, Deus cessou de contender com ele: "pelo que Eu os entreguei aos desejos do seu coração" (Salmos 81:12); "pelo que também Deus os entregou às concupiscências do seu coração" (Romanos 1:24).

"Entregou-os" indica que houve um tempo em que Deus estava genuinamente lutando para convencê-los e conquistá-los, e que não havia desistido deles. Mas então ocorreu uma mudança nas ações de Deus com respeito a eles, não uma *mudança no coração ou desejo* de Deus — que são imutáveis — mas uma mudança em Seu *trato* com aqueles que estiveram com seus corações tão endurecidos para com Ele, que não havia sentido algum para que Ele lutasse mais com eles.

Se o calvinismo fosse verdade, no entanto, não poderia haver esforço genuíno, de forma alguma, nem qualquer oferta de boa-fé de arrependimento, fé e redenção, nem qualquer desejo sincero da parte de Deus de ver o não eleito salvo. De fato, para o calvinista, Deus não luta com pessoa alguma, porque a salvação ou condenação de todos é questão de Ele ter predestinado a um ou a outro. Não haveria propósito nem necessidade de Deus lutar ou pleitear com o homem se o destino eterno de ambos eleitos e não eleitos foi fixado na eternidade passada pelo decreto de Deus.

Se o calvinismo fosse verdade, não faria sentido Deus dizer que Seu Espírito não mais contenderá com o homem.

Apanhado Num Emaranhado de Contradições

Tentando negar essas inconsistências óbvias e assim se distinguir dos "hipercalvinistas", John MacArthur, Jr., diz, "o amor de Deus é pelo mundo em geral, a raça humana, toda a humanidade"[23]. Como veemência, ele diz, "[...] o fato de que Deus promete perdoar [...] e mesmo pleiteia com os pecadores para que se arrependam — prova o Seu amor por eles"[24]. Pode MacArthur estar falando sério?! Prova o amor de Deus Ele pleitear com cadáveres espirituais que nem podem ouvir nem responder, que Ele não tem escolhido soberanamente para crer Nele[25], de quem Ele retém a graça para crer e por quem Cristo não morreu?

Para mostrar que eles não são "hipercalvinistas", os "moderados" tais como MacArthur ousam dizer que Deus ama aqueles que "por Seu eterno e imutável conselho [...] foi Seu prazer condená-los à destruição"![26] Tentando justificar essa contradição clara, MacArthur propõe uma diferença entre "vontade de Deus no decreto (Seu propósito eterno) [e] a vontade do desejo de Deus. Existe uma distinção entre o desejo de Deus e Seu eterno propósito salvador, o qual deve transcender Seus desejos". Onde a Bíblia diz que o propósito de Deus "deve transcender Seus desejos"? Tal conflito interno entre propósito e desejo é impossível para Deus! Como Deus poderia "desejar" que todo homem seja salvo, e ainda assim não objetivar e decretar isso?

Comentando sobre o "deseja que todo homem seja salvo" em 1 Timóteo 2:4, MacArthur escreve, "em Seu propósito eterno, Ele escolhe somente os eleitos dentre o mundo (João 17:6) e ignora o resto,

---

23 John MacArthur, Jr., *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1997), p. 86.

24 Ibid., p. 15.

25 John MacArthur, Jr., *MacArthur Study Series: Saved Withou a Doubt* (Colorado Springs, CO: Chariot Victor Publishing, 1992), pp. 58–59.

26 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxi.7.

entregando-os às consequências de seu pecado [...]"[27]. No entanto, tentando escapar do estigma do hipercalvinismo, MacArthur se enreda em uma teoria de que Deus deseja alguma coisa que Ele não faz acontecer, embora pudesse — o que é tanto uma contradição clara, quanto uma negação da onipotência de Deus e um afastamento de um texto principal calvinista, "conforme o propósito Daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da Sua vontade" (Efésios 1:11).

Existe distinção entre calvinistas "hiper" e moderados? Se sim, o próprio Calvino, que fez repetidamente afirmações tais como "por Sua providência eterna, eles foram, antes de seu nascimento, condenados à destruição eterna"[28], era "hiper". Mas o fundador do calvinismo não pode ser um hipercalvinista mais do que o fundador do Islã pode ser chamado um extremista mulçumano. Como Maomé define o Islã, assim Calvino define o calvinismo — do contrário não deveria ser chamado calvinismo.

De fato, como veremos, a predestinação do não eleito ao tormento eterno, longe de ser hipercalvinismo, é um principio básico que flui inevitavelmente de seus cinco pontos. Nem é racional dizer que Deus ama realmente aqueles que Ele nunca pretendeu salvar e por quem Cristo não morreu.

John Piper tenta absorver os moderados de serem "hiper" dizendo (como MacArthur) que Deus tem "duas vontades" e que não é "esquizofrenia divina" para Deus desejar que todas as pessoas sejam salvas (1 Timóteo 2:4) e "[...] eleger [somente] aqueles que realmente serão salvos [...]"[29]. Isso é discurso dúbio! Ele chega ao ponto de dizer "cada vez que o evangelho é pregado aos descrentes, é a misericór-

---

27 John MacArthur, Jr., *The MacArthur Study Bible* (Nashville, TN: Word Publishing, 1997), p. 1862.

28 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, tradução Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxi.7.

29 John Piper, "Are There Two Wills in God?" em *Still Sovereign: Comtemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*, Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 107.

dia de Deus que os dá a oportunidade de salvação"[30]. Que pregar o evangelho dá a oportunidade de salvação àqueles por quem Cristo não morreu, a quem Deus nunca teve qualquer intenção de salvar, e quem Ele, de fato, já predestinou à eternidade no Lago de Fogo, é o auge da contradição. No entanto, essa é apenas uma de muitas irracionalidades impossíveis que os moderados tentam sustentar a fim de se distanciar daqueles que eles menosprezam como sendo hipercalvinistas!

30 John Piper e a Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe About the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 14.

CAPÍTULO 9

A VERDADE SOBRE A DEPRAVAÇÃO HUMANA

O calvinismo não somente apresenta um apelo e uma luta fingidos de Deus pelo arrependimento daqueles a quem Ele já condenou. Somando-se a isso, o calvinismo nos confronta com o alegado "mistério" de um Deus de misericórdia e amor infinitos que, apesar de tudo, não manifesta amor a todos e, portanto, permite que multidões pereçam, pessoas que Ele poderia salvar. De fato, o próprio Calvino afirmou que é para a glória de Deus que Ele enche o inferno com aqueles que Ele poderia simplesmente levar ao céu. Essa doutrina repulsiva, Calvino admite, vem de Agostinho:

> Não há coisa alguma inconsistente quando dizemos que Deus, de acordo com o conselho de Sua vontade [...], elege aqueles a quem Ele escolhe para filhos, enquanto rejeita e reprova outros. Para plena satisfação [...], veja Agostinho, *Epist. 115, ET ad Bonif.*, livro ii, capítulo 7 [...]. O Senhor, portanto, pode mostrar misericórdia a quem quiser porque Ele é misericordioso; e não mostrar a todos porque Ele é um juiz justo.[1]

Pelo contrário, não mostrar misericórdia a todos poderia ser explicado como sendo o resultado da justiça; mas não mostrar misericórdia a todos quando todos são igualmente culpados é uma perversão da justiça. A misericórdia só pode ser demonstrada ao culpado sobre uma base justa; caso contrário, a justiça foi corrompida. Esse fato estabelece um sério problema para o calvinismo, que John Piper, em sua maior tentativa de justificar o Deus do calvinismo, falha ao considerar em suas 220 páginas[2]. Revelando Sua glória a Moisés como "misericordioso e gracioso, longânimo e abundante em bondade e verdade", Deus declara que Ele "não tem o culpado por inocente" (Êxodo 34:6–7).

---

1 Joao Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), volume 3, xxiii.10–11.

2 John Piper, *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1–23* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000).

Quando "Todos" Não Incluem "Todos"?

Visto que Deus tanto é justo quanto misericordioso, nenhum desses atributos podem triunfar sobre os outros. Deus só pode ser justamente misericordioso, e não a despeito de Sua justiça. Assim, Deus só poderia perdoar pecadores porque a penalidade pelo pecado foi totalmente paga (Romanos 3:19–31). E que a penalidade foi paga por todos, tornando possível a Deus perdoar a todos justamente e misericordiosamente, e não apenas uma classe eleita, é declarado repetidamente na Escritura — como a consciência que Deus nos deu afirma. Certamente todos devem concordar com a afirmação de Spurgeon que já citamos: "como é minha vontade [...] [e] sua vontade [...], então é a vontade de Deus que todo homem deva ser salvo [...]. Ele não é menos benevolente do que nós"[3].

Deus minaria Seu próprio desejo sincero de que todos sejam salvos predestinando multidões ao tormento eterno e retendo deles a Graça Irresistível e a regeneração sem as quais Seus desejos não podem ser alcançados? Claro que não! Só podemos concluir que Deus não impede que Seu próprio desejo seja alcançado. Seu desejo é expresso nos evangelhos, que o homem pode crer ou não crer, aceitar ou rejeitar.

O claro ensino da Bíblia compele o leitor a concluir que Deus ama a todos, deseja a salvação de todos e Se esforça genuinamente para convencer o homem ímpio ao arrependimento e para aceitar Sua oferta de salvação. Então, por que todos não são salvos? Claramente, o homem tem a capacidade de responder quando atraído pelo Espírito Santo e convencido de sua culpa e necessidade; embora todos são convencidos, alguns voluntariamente se arrependem e creem, enquanto que outros se recusam.

A Bíblia apresenta repetidamente um Deus que ama tanto o mundo inteiro que Ele enviou Seu Filho para "que o mundo possa ser salvo por meio Dele" (João 3:16; 1 João 4:14), que "deseja que todos os homens sejam salvos" (1 Timóteo 2:4) e que "não deseja que ninguém pereça" (2 Pedro 3:9). A Bíblia apresenta Cristo repetidamente como o Único " que deu a Si mesmo em resgate por todos" (1 Timóteo 2:6), que é "o

3 C. H. Spurgeon, *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, volume 26, pp. 49–52.

Salvador de todo homem, especialmente dos que creem" (1 Timóteo 4:10), e cuja morte providenciou a propiciação "pelos pecados do mundo todo" (1 João 2:2). Cristo chama a todos que estão espiritualmente sedentos, famintos e cansados do peso de seus pecados, "vinde a Mim e Eu vos darei repouso", Água Viva, o Pão da Vida, a vida eterna. Esse convite tocou os corações de sedentos, famintos, cansados e oprimidos por dois mil anos. No entanto, o calvinismo tenta fazer com que todas essas promessas sejam aplicadas somente a uns poucos selecionados.

Duas Visões Conflitantes

O calvinismo nos apresenta o alegado "mistério" de por que Deus, que é amor e infinito em misericórdia com todos, deixa bilhões irem ao inferno a quem Ele poderia salvar. A Bíblia, por outro lado, nos confronta bastante com outro mistério: por que alguém a quem a salvação é oferecida como um presente gratuito da graça de Deus escolhe rejeitar.

A resposta do primeiro mistério é dito estar na vontade secreta de Deus. A resposta a segunda está oculta nos corações dos que rejeitam Deus e a salvação que Ele oferece. Por que algum homem rejeitaria a Cristo e assim se entregar ao tormento eterno? Nós que perguntamos. A razão está oculta em sua vontade, não na de Deus. Pusey escreve:

> Há algo maravilhosamente impressionante no respeito demonstrado pelo Criador à liberdade de escolha que foi concedida à raça humana. No esquema cristão de salvação Deus Se torna o pretendente, esforçando-Se por meios extraordinários para ganhar as afeições dos homens. Cristo está à porta e bate [...]. Ele respeita a liberdade moral do homem, e não estendeu a Sua mão para aniquilar essa alta prerrogativa.[4]

4 Edward B. Pusey, *What Is Of Faith As To Everlasting Punishment?* (Inglaterra: James Parker and Co., 1881), pp. 103–104.

Visto sob uma perspectiva bíblica, ninguém que passar a eternidade no Lago de Fogo pode reclamar que está lá porque Deus não o queria no céu. Todos os condenados serão atormentados pelo conhecimento de que eles não estão no céu, não pela predestinação de Deus, mas por sua própria recusa contumaz e irracional em receber a salvação que Deus proveu e ofereceu livremente. E Deus será glorificado na punição eterna deles, porque Ele não perverte a Sua justiça, perdoando injustamente aqueles que recusaram a salvação em Seus termos justos.

A Bíblia apresenta um Deus cuja justiça, não a falta de amor, enche um inferno com aqueles para quem Ele providenciou salvação, mas que recusaram recebê-la. A partir da história do jovem rico (Marcos 10:17–22), somos claramente ensinados que Cristo "o olhando o amou", e, apesar de ser amado, o jovem "foi-se triste", incapaz de deixar suas possessões para seguir a Cristo. Na cruz, Cristo clamou com respeito àqueles que O crucificaram e O rejeitaram, "Pai, perdoa-os [...]" (Lucas 23:34).

Em direto contraste, o calvinismo apresenta um Deus que enche o inferno com aqueles a quem Ele poderia salvar, mas os condena porque Ele não os ama.

Essas duas visões diferentes de Deus são o maior ponto de separação entre calvinistas e não calvinistas bíblicos.

Aqui está a questão real que deve ser confrontada ao se considerar a TULIP: o calvinismo é ou não uma deturpação do Deus da Bíblia, o qual é amor? H. A. Ironside argumentou:

> Volte-se para sua Bíblia e leia por si mesmo nos únicos dois capítulos em que as palavras "predestinar" ou "predestinado" são encontradas. A primeira está em Romanos 8:29–30. O outro capítulo é Efésios 1:5, 11. Você notará que não há referência alguma nesses quatro versos ao céu nem ao inferno, mas eventualmente à semelhança de Cristo. Em lugar algum somos ensinados na Escritura que Deus predestinou um homem para ser salvo e outro para ser um perdido. Os homens são salvos ou perdidos eternamente por causa de suas atitudes com respeito ao Senhor Jesus Cristo.[5]

5 H. A. Ironside, *Full Assurance* (Chicago, IL: Moody Press, 1937), pp. 93–94.

Quando a Depravação Não É Total?

Para sustentar a sua doutrina da Depravação Total, os calvinistas devem reconciliá-la com o fato óbvio de que as pessoas mais ímpias são capazes de alguns pensamentos e ações moralmente bons. Não pode o fato ser explicado sempre atribuindo as boas ações dos ímpios a motivos egoístas. Alguns soldados que não foram salvos têm se jogado sobre granadas de mão para salvar as vidas de seus colegas — um ato de compaixão heroica que muitos cristãos se acovardariam de fazer.

Inquestionavelmente, todos os seres humanos são capazes de convocar um altruísmo terreno que pode ser bastante admirado. Reconhecendo essa bondade natural, um autor calvinista escreve: "Depravação Total [...] não significa dizer que o homem é tão mau quanto poderia ser"[6]. No entanto, quanto mais maligno alguém poderia ser do ter cada pensamento do seu coração como sendo mau continuamente? E como pode o chamado totalmente depravado ter bons pensamentos e fazer boas ações? Os calvinistas se contradizem continuamente a esse respeito. Por exemplo, imediatamente antes é afirmado que "é impossível para ele [o não cristão] para fazer o bem [...] ele nem sequer é capaz de entender o bem"[7], Palmer reconheceu que parece ser o oposto:

> Albert Schweitzer é um exemplo de alguém que negou o cristianismo bíblico e ainda deixa muitos cristãos ortodoxos envergonhados por seu amor e bondade. Para outros exemplos de relativo bem, considere [...] o não cristão que arrisca sua vida ao se lançar diante de um caminhão para resgatar uma criança [...]; um blasfemo pagão que ajuda um mendigo [...]; o judeu que doa sua grande propriedade para recreação pública [...].[8]

---

6 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 39.

7 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1980), p. 15.

8 Ibid., p. 11.

Outro escritor calvinista admite que mesmo as pessoas mais ímpias "são capazes de amar os seus filhos [...], sacrificar suas próprias vidas em prol da família [...], às vezes até em favor de estranhos [...], são honestos [...], boas pessoas que fazem boas obras"[9]. Até mesmo alguns guardas nazistas que passaram o dia torturando e matando, chegavam em casa à noite e exibiam amor e bondade para com suas esposas e seus filhos. Multidões de pessoas ímpias, por vezes, exibem muita ternura e honestidade. De muitos empresários não salvos se pode dizer, "sua palavra é sua obrigação", e mesmo que ele "jure com seu próprio dano, não muda" (Salmos 15:4).

A Bíblia ensina claramente que o homem não regenerado, o homem natural, pode fazer o bem, e oferece muitos exemplos. Já citamos de Romanos 2 como os gentios não salvos reconhecem a lei moral de Deus em suas consciências, buscam obedecê-las, sentem culpa quando não a obedecem, e até mesmo julgam uns aos outros por esse padrão. Sim, ela diz que "não há ninguém que faça o bem, não há um sequer" (Romanos 3:12). Mas Jesus também disse: "e se fizerdes bem aos que vos fazem bem [...], os pecadores fazem o mesmo" (Lucas 6:33). Devemos tomar a Escritura como um todo.

Pode um único verso ser encontrado nas Escrituras que declara claramente que o homem deve ser regenerado antes que ele possa crer no evangelho? Estamos ainda à espera dos calvinistas apontarem sequer um.

Os exemplos tanto dados nas Escrituras quanto vistos na experiência diária nos obrigam a concluir que a declaração de que "toda a imaginação dos pensamentos de seu coração eram só má continuamente", descreve a atitude geral do coração, não o que ele deve produzir em cada momento, de cada dia — a propensão, mas não a necessidade. Declarações semelhantes que soam absolutas, mas não são, são encontradas em louvor do homem. Por exemplo, Deus diz de Davi que ele andou diante Dele com um "coração perfeito", e que ele era um "homem segundo o Meu coração, que fará toda a Minha vontade" (I Reis 15:3; Atos 13:22, etc.). No entanto, Davi desagradou a Deus várias vezes, até mesmo cometendo adultério e assassinato.

9 Cole, Steven J., *Total Depravity* (Flagsraff AZ, 1999), p. 3.

Da mesma forma, devemos entender as declarações sobre a maldade e pecado do homem como descrevendo suas tendências naturais, mas não sua necessidade irresistível.

As Roupas do Imperador Novamente?

Muitos dos versos que os calvinistas usam para apoiar "T" (como João 1:13 e Romanos 9:16) não têm coisa alguma a ver com o conceito de Depravação Total. Nessas passagens, somos simplesmente informados de que, por nossa própria vontade, não podemos forçar a nós mesmos sobre Deus. Ele é o autor da salvação, e tudo é por Seu favor e Sua graça, não por nossos esforços ou vontade de sermos salvos. Nenhuma de tais passagens, no entanto, declara que alguém é incapaz de crer no evangelho quando ele é apresentado com o poder convincente do Espírito Santo.

Filipenses 2:13 também é citado, mas ele está claramente falando sobre o cristão operando em sua vida a salvação que lhe foi dada; não tem coisa alguma a ver nem com a depravação total ou com o crer no evangelho.

Os calvinistas consideram o "T" da TULIP de suma importância. Um de seus escritores argumenta que "a doutrina da depravação total [é] uma das verdades mais importantes que precisam ser enfatizadas novamente em nossos dias". Ele começa seu livreto associando os que rejeitam a definição calvinista da depravação total com as observações do lutador profissional Macho Comacho que não tem convicção de pecado; com aqueles que negam que nós somos "pecadores salvos pela graça"; com aqueles que tentam atrair os pecadores com entusiasmo e evitam lidar com o pecado; com aqueles que tentam construir a autoestima do pecador; com aqueles que pregam "uma dieta constante de inspiração positiva [...], uma reminiscência de Norman Vincent Peale e Dale Carnegie", etc[10]. No entanto, todos esses são erros contra os quais os não calvinistas escrevem e pregam a partir da Escritura, justamente como os calvinistas fazem, embora

10 Ibid., pp. 1–3.

rejeitando a teoria antibíblica da Total Depravação.

O escritor citado então credita à doutrina da Depravação Total, exclusivamente, 1) a produção em nós de desespero de nós mesmos, a fim de nos lançar completamente sobre a salvação de Cristo, 2) o humilhar de nosso orgulho, 3) o auxílio a darmos testemunho aos pecadores como a um colega pecador, 4) o levar-nos a temer confiar em nós mesmos e o conduzir-nos a confiar totalmente no Senhor, 5) o suportar o sofrimento sem reclamar, 6) a produção de mais amor e perdão para com os que erraram conosco, e 7) o mover-nos para um maior amor e devoção a Deus por Sua graça maravilhosa[11].

É de perguntar como esse autor poderia seriamente acreditar que aqueles de nós que rejeitam a definição peculiar do calvinismo de Depravação Total, somos, portanto, carentes desses benefícios supostamente exclusivos, que ele credita apenas à doutrina da Depravação Total!

Quando Você Está Morto, Você Está Morto?

Outro importante argumento que o calvinista usa para Depravação Total é que por natureza, estamos todos "mortos em nossos delitos e pecados" (Efésios 2:1; Colossenses 2:13). Sproul chama essa declaração "a passagem da predestinação por excelência"[12].

Continuando a equiparação falaciosa de morte espiritual com morte física, Gordon H. Clark escreve: "um homem morto não pode exercer fé em Jesus Cristo"[13]. Claro, mas também um homem morto não pode rejeitar a Cristo, nem mesmo pode pecar. No entanto, James R. White, citado acima, cujo livro é endossado por uma série de líderes evangélicos, continuando essa analogia, escreve:

---

11 Ibid., pp. 9–13.

12 R. C. Sproul, *Chosen by God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers Inc., 1986), p. 113.

13 Gordon H. Clark, *The Biblical Doctrine of Man* (Jefferson, MD: The Trinity Foundation, 1984), p. 102.

> Os filhos caídos de Adão estão mortos em pecado, incapaz de até mesmo o primeiro movimento em direção a Deus [...] cheios dos efeitos da depravação e alienação de Deus [...].[14]

Onde a Bíblia diz "incapaz de sequer o primeiro movimento em direção a Deus"? A Bíblia não diz! Somos informados com a mesma clareza de que os cristãos estão "mortos para o pecado" (Romanos 6:2, 7, 11, etc.). Isso significa que eles são, portanto, "incapazes do primeiro movimento em direção ao" pecado? Certamente não. Tome a compreensão humana de "morto", e misture com o entendimento imaturo do jovem João Calvino da Palavra de Deus, manchada pela filosofia agostiniana, agite bem, e então surgirá a teoria Depravação Total. Tal raciocínio humanista leva a absurdos como o seguinte de Palmer:

> A imagem bíblica, no entanto, é de um homem no fundo do oceano [...]. Ele tem estado lá há mil anos e os tubarões comeram seu coração [...]. O homem está morto e é totalmente incapaz de pedir a qualquer salva-vidas que o livre. Se é para ele ser salvo, então, um milagre deve ocorrer. Ele deve ser trazido de volta à vida e à superfície, e, em seguida, pedir ao guarda para resgatá-lo [...].
>
> Quando Cristo chamou a Lázaro para sair da sepultura, Lázaro não tinha vida nele para que ele pudesse ouvir, sentar, e emergir [...]. Se era para ele ser capaz de ouvir Jesus chamando-o e ir a Ele, então, Jesus teria de o ressuscitar. Jesus o ressuscitou e, então, Lázaro poderia responder.
>
> Essas ilustrações revelam a questão mais central entre o arminiano e o calvinista [...]. O arminiano tem a carroça na frente do boi. Homem está morto em pecados [...], incapaz de pedir ajuda, a menos que Deus [...] faça com que ele

14 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 75.

> viva espiritualmente (Efésios 2:5). Então, uma vez que ele é nascido de novo, ele pode, pela primeira vez, se voltar para Jesus, expressando tristeza por seus pecados e pedindo a Jesus que o salve.[15]

Esse raciocínio pode ser emocionalmente atraente, mas não é nem bíblico nem racional. O próprio Sproul admite que "as pessoas espiritualmente mortas ainda estão biologicamente vivas"[16]. Apesar deo tipo de calvinismo do Pink ser bastante extrema para muitos calvinistas, ele rejeita a falácia de usar a morte física para explicar o que significa estar morto em delitos e pecados:

> Um cadáver no cemitério não é uma analogia adequada do homem natural. Um cadáver no cemitério é incapaz de executar o mal! Um cadáver não pode "desprezar e rejeitar" a Cristo (Isaías 53:3), não pode "resistir o Espírito Santo" (Atos 7:51), não pode desobedecer ao evangelho (2 Tessalonicenses 1:8); mas o homem natural pode e faz essas coisas![17]

Quando chegamos à interpretação calvinista do que significa o homem estar morto no pecado e morto para Deus, o "T" da TULIP começa a se sobrepor com o ensino na Graça Irresistível. Portanto, a parte restante da discussão a respeito da morte espiritual do homem, e sua suposta incapacidade de responder ao evangelho, será adiada até chegarmos ao "I".

---

15 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1980), pp. 18–19.

16 R. C. Sproul, *Chosen by God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers Inc., 1986), p. 120.

17 Arthur W. Pink, *Studies in the Scripture* (sem editora, 1927), pp. 250–261; citado em Samuel Fisk, *Election and Predestination* (Inglaterra: Penfold Book and Bible House, 1997), p. 155.

As Manchas do Leopardo, A Cor da Pele do Homem — São Como o Pecado?

Tais deduções naturais, as principais armas dos calvinistas, podem explicar por que suas doutrinas são tão atraentes aos intelectuais. Apesar do fato de que muitos dos argumentos do calvinismo são contraditórios com relação à tanto à Bíblia quanto à lógica. White fundamenta:

> Assim como uma pessoa não pode mudar a cor da sua pele, nem o leopardo as suas manchas, assim também, aquele que pratica o mal não pode quebrar a escravidão do pecado e começar a fazer o bem [...]. O Novo Testamento dá prosseguimento ao testemunho da depravação radical do homem [...] Paulo começa terrivelmente uma longa discussão sobre a pecaminosidade universal do homem [...], judeus e gentios igualmente.[18]

O fato de que nenhum pecador pode "quebrar a escravidão do pecado" não pode ser contestado. Mas é um salto quântico para além desse fato declarar que o prisioneiro do pecado não pode, com grande alegria, receber o livramento que Cristo dá livremente. Que prisioneiro não acolheria favoravelmente a liberdade? Ah, mas para ser verdadeiramente livre alguém deve ser convencido do pecado e crer no evangelho. De acordo. E onde se diz na Escritura que o Espírito Santo deixa de trazer essa convicção e entendimento a alguém? Ele faz isso pelos eleitos — por que não por todos? De fato, Ele faz por todos.

O fato de que não se pode mudar a cor de sua pele não significa que uma pessoa não pode de bom grado receber a purificação do pecado através do sangue de Cristo. Tais analogias não cabem na situação real, tampouco o igualar da morte física e com a espiritual. Em vez de exemplos alegóricos, precisamos do claro ensino da Palavra de Deus. A Escritura, no entanto, não apoia o calvinismo.

---

18 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY. Calvary Press Publishing, 2000), pp. 80–81.

O homem natural é realmente escravizado pelo pecado e de sua própria iniciativa não buscaria a Deus. Mas ser incapaz de ser convencido do pecado e do juízo vindouro, ou de crer nas boas novas do evangelho? Não há um simples verso na Escritura que afirme claramente essa proposição.

"Tua Fé Te Salvou"

Os calvinistas se preocupam que se o homem pudesse fazer alguma coisa com respeito à sua salvação, esse fato roubaria de Deus parte do crédito por salvá-lo. A confusão surge por meio da falha em reconhecer a distinção óbvia entre a incapacidade do homem de fazer qualquer coisa para a sua salvação (o que é bíblico) e uma suposta incapacidade de crer no evangelho (o que não é bíblico). Crer no evangelho e receber a Cristo não requer obra alguma nem merecimento da parte do homem, e não contribui em qualquer coisa para sua salvação, não dá crédito ao homem, e nem diminui a glória de Deus.

Falhando em fazer essa distinção, Hanko afirma sinceramente que "a verdade da depravação total [ou seja, incapacidade de crer no evangelho] é a única verdade que preserva intacta a glória de Deus"[19]. Da mesma maneira, Ross escreve: "o ensino da incapacidade total do homem natural relativa à salvação é não apenas bíblico, mas é também uma doutrina que dá toda glória a Deus na salvação dos pecadores"[20]. Storms argumenta, "ao tornar a eleição condicional a algo que o homem faz, mesmo se o que ele faz é simplesmente se arrepender e crer no evangelho, a graça de Deus está seriamente comprometida"[21].

---

19 Herman Hanko, em Herman Hanko, Homer C. Hoeksema, Gise J. Van Baren, *The Five Points of Calvinism* (Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1976), p. 23.

20 Tom Ross, *Abandoned Truth: The Doctrines of Grace* (Providence Baptist Church, 1991), p. 45.

21 C. Samuel Storms, *Chosen for Life* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987), p. 55.

Pelo contrário, obviamente não é verdade que crer e receber Cristo dá qualquer crédito ao homem ou diminui de forma alguma o fato de que é só Cristo que adquire a nossa redenção. A fé não é uma obra, nem reverte qualquer crédito para a pessoa que simplesmente crê.

A frase "tua fé" é encontrada onze vezes nas Escrituras, enquanto que "sua fé" é encontrada vinte e quatro vezes. Aos indivíduos são dados os créditos de que a fé é deles. Nunca há qualquer indicação de que a pessoa foi regenerada e, em seguida, foi-lhe dada fé para crer — ou que a fé foi um presente de Deus, como calvinismo insiste que deve ser. Também não há a menor sugestão de que o exercício da fé por qualquer um desses indivíduos já diminui de qualquer forma a glória de Deus.

Cristo disse "tua fé te salvou" para a mulher que foi curada ao tocar a orla de Suas vestes (Mateus 9:22; Marcos 5:34; Lucas 8:48), para o cego de Jericó (Marcos 10:52), e para o samaritano curado de lepra (Lucas 17:19). Cristo disse "tua fé te salvou" à mulher pecadora que lavou Seus pés com as suas lágrimas (Lucas 7:50). "Grande é a tua fé", Ele disse à mulher cananeia que desejou apenas uma "migalha" de bênção (Mateus 15:28). E a Pedro, antes de ele se converter, Ele disse: "Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça" (Lucas 22:32). Cada uma dessas declarações é feita para os não regenerados.

Para os cristãos também, a fé ainda é dita ser do indivíduo. Tiago diz: "mostra-me a tua fé" (Tiago 2:18). Pedro escreve: "que o julgamento da sua fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece [...]" (I Pedro 1:7). Caso contrário, qual seria o ponto das recompensas?

Não se pode escapar das inúmeras vezes na Bíblia, quando ambos não salvos (para a sua salvação) e salvos (por sua caminhada e frutificação com Cristo) são ordenados a crer em Deus, em Suas promessas, em Cristo e em Sua Palavra. O homem não tem relacionamento algum com Deus à parte da fé. Se a fé exercida pelo homem diminui a glória de Deus, seria impossível ao homem ter qualquer relacionamento com Deus sem diminuir Sua glória. Obviamente, esse não é o caso.

Simples Confusão Sobre Incapacidade

Sim, o homem é totalmente incapaz de contribuir um *iota* na sua salvação. Não se segue, no entanto, que ele não pode, pela fé, receber a salvação oferecida livremente em Cristo. A confusão nesse ponto é que cria a doutrina da Depravação Total e leva ao restante dos cinco pontos.

Spurgeon não trabalhou sob qualquer ilusão. Os calvinistas citam ansiosamente Spurgeon para os apoiar, e não há dúvida alguma de que Spurgeon frequentemente afirmou ser um calvinista. No entanto, ele corriqueiramente fez declarações que contradiziam o calvinismo. O seguinte trecho é de um estudioso britânico que conhecia os escritos e sermões de Spurgeon minuciosamente:

> Carlos Haddon Spurgeon sempre alegou ser um calvinista [...]. Sua mente estava embebida nos escritos dos teólogos puritanos; mas o seu zelo intenso pela conversão das almas o levou a sair dos limites do credo que tinha herdado. Seu sermão sobre "Obrigue-os a entrar" foi criticado como arminiano e não ortodoxo. Aos seus críticos, ele respondeu: "meu Mestre deu o Seu selo sobre essa mensagem. Eu nunca preguei um sermão em que tantas almas foram ganhas para Deus [...]. Se pensam ser uma coisa má oferecer ao pecador que tome posse da vida eterna, eu ainda serei mais mau nesse respeito e aqui imitarei o meu Senhor e Seus apóstolos".
>
> Mais de uma vez Spurgeon orou: "Senhor, apressa-Te a trazer a Ti os Teus eleitos, e então, elege mais alguns". Ele parece ter usado essa frase com frequência em conversas, e em seus lábios isso não era mera brincadeira. Com a rejeição definitiva de uma expiação limitada, ele teria horrorizado João Calvino [...]. A verdade parece ser que as antigas frases calvinistas estavam, muitas vezes, nos lábios de Spurgeon, mas o significado calvinista genuíno tinha saído delas.

> J. C. Carlile admite que "por ilógico que pareça, o calvinismo de Spurgeon era de tal natureza que, embora ele tenha proclamado a majestade de Deus, ele não hesitou em atribuir liberdade da vontade ao homem e insistir que qualquer homem pode encontrar em Jesus Cristo a libertação do poder do pecado". (ênfase adicionada)[22]

A Escritura afirma repetidamente que o homem está morto em pecado e é escravo do pecado, que seu coração é desesperadamente corrupto, que seus pensamentos são maus desde sua juventude, e que ele é um rebelde contra Deus por natureza e prática. Não existe qualquer indicação, contudo, de que ele é totalmente depravado como definido pelo "T" da TULIP. Não importa o quão terrivelmente a Bíblia apresenta o mal do coração humano, nunca ela ensina a Depravação Total peculiar do calvinismo. Isso será visto mais claramente quando avançarmos aos outros quatro pontos do calvinismo e os contrastarmos com as Escrituras.

---

22 A. C. Underwood, *A History of the English Baptists* (A União Batista da Grã-Bretanha e da Irlanda, 1947), pp. 203–206; citado em Samuel Fisk, *Election and Predestination* (Inglaterra: Penfold Book and Bible House, 1997), pp. 69–70.

CAPÍTULO 10

UMA SOBERANIA DISTORCIDA

Visto que a Depravação Total é uma doutrina-chave no calvinismo, nós precisamos entender que para além dessa crença está algo até mesmo mais fundamental: um grave mal-entendido concernente à soberania de Deus. Singer nos lembra de que "o esplendor secreto da teologia de Calvino repousa na sua compreensão do ensino bíblico da soberania de Deus"[1].

Na realidade, Calvino não compreendeu o ensino bíblico, mas o distorceu. O calvinismo coloca uma ênfase tão exagerada na soberania que acaba com toda escolha real do homem: "nenhuma pessoa desde Adão teve livre-arbítrio [...]. Toda pessoa não salva é [...] livre para ir apenas em uma direção [...], livre para ir para baixo"[2]. No entanto, alguém pode argumentar biblicamente, "a menos que o homem seja livre para querer, não existe qualquer base para crer que a verdade [existe] em qualquer campo — ciência, teologia ou filosofia [...]. A menos que exista o livre-arbítrio, não existe sentido algum em elogiar ou culpar [e] não existe qualquer pecado"[3].

A tensão aparente entre a soberania de Deus e o livre-arbítrio do homem tem sido um ponto de estudos e discussões — e, lamentavelmente, de discórdia — entre cristãos sinceros por séculos. Alguns têm tomado à abordagem de C. I. Scofield, de que essas são duas verdades e que ambas devem ser aceitas, mas não podem ser reconciliadas. "Ambas são completamente verdadeiras, mas como conectar e reconciliar a verdade não foi revelado"[4]. Em aparente acordo, James M. Gray, o último presidente do *Moody Bible Institute*, sugeriu que "nenhuma mente finita poderia apreender a soberania de Deus [...] e a livre agência do homem [...] igualmente e ao mes-

---

1 C. Greg Singer, *João Calvino: His Roots and Fruits* (Abingdon Press, 1989), p. 32.

2 W.E. Best, *Free Grace Versus Free Will* (Houston, TX: W.E. Best Books Missionary Trust, 1977), p. 20.

3 Peter A. Bertocci, *Free Will, Responsibility, and Grace* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1957), pp. 22, 96.

4 C.I. Scofield, *Scofield Bible Correspondence Course* (Chicago, IL: Moody Bible Institute, 1907), vol. III, p. 445.

mo tempo. Quão necessário, no entanto, que ambas sejam devidamente enfatizadas"[5].

Do mesmo modo, William L. Pettingill escreveu, "Deus insiste em Sua soberania e também na responsabilidade do homem. Creia em ambos e pregue ambos e deixe a tarefa de 'harmonização' com Ele"[6]. Em uma veia similar, A.T. Pierson, embora um líder presbiteriano, declarou que ambos, "a soberana vontade de Deus e a liberdade do homem" são ensinadas na Escritura e que "se não conseguimos reconciliar as duas, é porque o assunto é muito elevado em relação a nós. O homem é livre [...]. Assim, o último grande convite no livro de Deus é um apelo à *vontade*"[7]. R. A. Torrey concorda que nós não deveríamos "tentar explicar o ensino claro da Palavra de Deus sobre a soberania de Deus [e] a liberdade da vontade humana [...]"[8].

Infelizmente, nem Calvino, nem muitos de seus seguidores hoje querem aceitar ambos os lados desse ensino bíblico. O resultado tem sido devastador em suas consequências para o evangelho: que o homem pode apenas rejeitar Cristo; ele não pode aceitar e crer em Jesus, a menos que ele seja regenerado por Deus soberanamente. O calvinismo se recusa a aceitar o que muitos grandes evangelistas reconheceram como vital. Edgar Mullins expressa muito bem o equilíbrio essencial que é perdido:

> O livre-arbítrio do homem é uma verdade tão fundamental como qualquer outra nos evangelhos e nunca deve ser cancelada em nossas declarações doutrinárias. O homem não seria um homem sem o livre-arbítrio e Deus nunca nos priva de nossa verdadeira humanidade moral ao nos salvar

5 James M. Gray, *Bible Problems Explained*, 3. ed. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revel, 1913), p. 45.

6 William L. Pettingil, *Bible Questions Answered*, 3. ed. (Just A Word Inc., 1935), p. 209.

7 Arthur T. Pierson, *The Believer's Life: Its Past, Present, and Future Tenses* (Londres: Morgan and Scott, 1905), pp. 24–30.

8 Reuben A. Torrey, *The Importance and Value of Proper Bible Study* (Chicago, IL: Moody Press, 1921), pp. 80–81.

> [...]. O decreto da salvação deve ser olhado como um todo para ser entendido. Alguns têm olhado somente para a escolha de Deus e ignorado o significado e a escolha necessária da parte do homem.[9]

Um Zelo Louvável, Mas Equivocado

Talbot e Crampton nos asseguram que "a soberania de Deus é [...] o mais básico princípio do calvinismo [...], a fundação sobre a qual tudo [incluindo o próprio cristianismo] é construído"[10]. Boettner concorda: "o princípio básico do calvinismo é a soberania de Deus"[11]. Tal fervor à soberania de Deus é recomendável. No entanto, os calvinistas têm feito Deus, equivocadamente, *a causa* de cada evento que ocorre: "todas as coisas que ocorrem no tempo estão de acordo com o Seu [de Deus] decreto na eternidade"[12]. Poderia um Deus santo decretar o mal que preenche o coração do homem e o mundo hoje? Certamente não!

O calvinismo nega ao homem qualquer escolha real concernente a *todas as coisas* que ele pensa ou faz. Spurgeon se referiu a eles como "uma classe de homens cabeças-duras inflexíveis que magnificam a soberania às custas da responsabilidade [humana]"[13].

O calvinista acredita erroneamente que se o homem faz uma escolha genuína, mesmo em sua rebelião contra Deus, isso seria

---

9 Edgar Y. Mullins, *Baptists Beliefs*, 4. ed. (Valley Forge, PA: Judson Press, 1925), p. 27.

10 Kenneth G. Talbot and W. Gary Crampton, *Calvinism, Hyper-Calvinism and Arminianism* (Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, 1990), p. 14.

11 Loraine Boettner, *The Reformed Faith* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1983), p. 2.

12 John Gill, *A Body of Doctrinal and Practical Divinity* (Paris, AR: Baptist Standard Bearer, 1987), p. 173.

13 Carlos Haddon Spurgeon, "God's Will and Man's Will", n. 442 (Newington, Metropolitan Tabernacle; sermão pregado no domingo pela manhã, 30 mar. 1862).

uma negação de que Deus é soberano. Assim, Deus deve ser a causa de todo pecado, iniciando com Adão e Eva. Boettner argumenta, "mesmo a queda de Adão e, por ele, a queda de toda a raça, não foi acaso ou acidente, mas foi ordenada pelo conselho secreto de Deus"[14]. Essa conclusão infeliz é exigida pelo conceito de soberania que não é requerido nem pela Bíblia, nem pela lógica.

Nós temos notado a admissão por alguns calvinistas de que o homem é livre para responder a Deus. Ao mesmo tempo, no entanto, a doutrina da Depravação Total requer que ele possa responder apenas negativamente e em oposição a Deus. Claro, isso não é liberdade alguma. Congdon destaca:

> Calvinistas clássicos podem falar sobre o homem tendo "livre-arbítrio", mas é uma liberdade muito limitada! Isto é, uma pessoa pode escolher rejeitar a Cristo — todas as pessoas rejeitam —, mas somente aqueles que foram eleitos podem escolher aceitar a Cristo. Isso não é "livre-arbítrio"! Os convites abertos para confiar em Cristo na Bíblia são, na verdade, um trote cruel? Eu acho que não. Todas as pessoas são livres para colocar a sua confiança no Senhor Jesus Cristo, como salvador pessoal de seus pecados? Sim. Esse é o motivo de a chamada a missões ser tão urgente.[15]

Liberdade Para Se Rebelar, Mas Não Para Se Arrepender?

Como pode haver qualquer liberdade real de escolha se somente um tipo de escolha pode ser feito, e um que foi decretado eternamente? Chamar isso de "livre-arbítrio" é uma fraude. No entanto, é a única "liberdade" que o calvinismo permite. Pink cita favoravelmente

14 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 234.

15 Phillip F. Gordon, "Soteriological Implications of Five-Point Calvinism", *Journal of the Grace Evangelical Society*, outono 1995, vol. 8, pp. 15, 55–68.

J. Denham Smith, a quem ele honra como um "servo profundamente ensinado por Deus":

> Eu creio no livre-arbítrio; no entanto, ele é uma vontade livre somente para agir segundo a natureza [...]. O pecador em sua natureza pecaminosa nunca teria uma vontade segundo Deus. Para isso ele precisa ser nascido de novo.[16]

A Bíblia não dá suporte a essa declaração em lugar algum; e esse é um dos mais graves erros do calvinismo. Onde Abraão e Moisés "nasceram de novo", isto é, foram regenerados? Não é esse um termo do Novo Testamento? O que Smith quer dizer com "uma vontade segundo Deus"? Até mesmo os cristãos nem sempre fazem a vontade de Deus. O desejo de conhecer Deus? Certamente é esperado que todo homem procure o Senhor enquanto Ele pode ser encontrado. O fato de Deus prometer ser encontrado por aqueles que O procuram deve implicar que o não regenerado pode procurar Deus.

Nem isso ajuda o calvinista a dizer que o homem somente pode desejar e agir segundo sua natureza pecaminosa e contra Deus. Como seria a vontade de Deus que o homem provoque a Sua lei? Se é admitido que os atos pecaminosos provêm de uma escolha genuína, então, nós temos o mesmo desafio à soberania de Deus, o que o calvinista não aceita. Ou o homem tem livre-arbítrio, ou todos os seus pecados são segundo a vontade de Deus. Como nós vimos, a última opção é exatamente o que o próprio Calvino ensinou e muitos calvinistas ainda creem, fazendo de Deus o autor do mal.

Poderia ser que a natureza de Adão era efetivamente pecaminosa, embora Deus o pronunciou como sendo "bom" quando Ele o criou? De que outra forma, exceto pelo livre-arbítrio, o pecado dele pode ser explicado? O calvinista foge do livre-arbítrio declarando que até mesmo o pecado de Adão e Eva foi preordenado e decretado por Deus.

---

16 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986), pp. 138–139.

Pink argumenta, "Deus preordenou todas as coisas que acontecem. Seu governo soberano se estende por todo o universo e está sobre cada criatura [...]. Deus inicia e regula todas as coisas [...]"[17]. Então, porque Cristo nos falou para orar, "seja feita a Tua vontade sobre a terra [...]" se tudo já está de acordo com a vontade e o decreto de Deus?

É falacioso imaginar que, para Deus estar no controle do Seu universo, Ele deve preordenar e iniciar todas as coisas. De fato, negaria Sua onisciência e onipotência sugerir que Deus não pode pré-conhecer, e controlar o que Ele não preordenou, decretou e causou. Aqui, novamente, os calvinistas estão presos em contradições. Embora fosse líder e teólogo presbiteriano, A. A. Hodge reconheceu as severas consequências dessa visão extremista da soberania de Deus: "todas as coisas se perdem se o livre-arbítrio for perdido; o sistema moral se vai se o livre--arbítrio se for [...]"[18]. Ao mesmo tempo, no entanto, ele declarou: "pré--ordenação é um ato da [...] benevolente vontade de Deus, desde toda a eternidade, determinando [...] todos os eventos [...] que ocorrem"[19].

Confrontando Uma Distinção Vital

Para o calvinista sustentar sua visão extrema de controle, Deus deve ser a causa da depravação total do homem e da resposta negativa que ela produz. Não há maneira alguma de escapar dessa conclusão. Se Deus não for a causa do pecado do homem, o homem teria agido independente de Deus, e isso não pode ser permitido para *coisa alguma* no esquema calvinista. Segue-se então, que "Ele [Deus] teria [...] prevenido [a queda e a entrada do pecado no mundo], mas Ele não preveniu: logo, Ele a desejou"[20].

17 Ibid., p. 240.

18 A. A. Hodge, cidado em D. A. Carson, *Divine Sovereignty and Human Responsibility* (Atlanta, GA: John Knox Press, 1981), p. 207.

19 A. A. Hodge, *Outlines of Theology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1972), pp. 201–202.

20 Jerom Zanchius, *The Doctrine of Absolute Predestination*. Augustus M. Toplady, trad. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1977), p. 88.

Assim, alguém deve concluir, "é até mesmo bíblico dizer que Deus preordenou o pecado"[21].

No entanto, a única maneira de defender a integridade, o amor e compaixão de Deus num mundo cheio de pecado e sofrimento é reconhecer que Ele concedeu ao homem o poder de escolher por si mesmo. É assim que a culpa é do homem, pela sua própria livre escolha, que o pecado e o sofrimento são a experiência comum de toda a humanidade. Deus proveu o perdão completo dos pecados em uma base justa, e eventualmente criará um novo universo em que o pecado nunca pode entrar — um universo a ser habitado por todos aqueles que receberam o Senhor Jesus Cristo como salvador. Deus é inocentado e o homem sozinho é o culpado pelo pecado e sofrimento. Esse é o ensino da Bíblia, como nós veremos em profundidade.

O calvinismo repousa sobre uma visão equivocada do que significa Deus ser soberano. Palmer nos diz que Deus predestina multidões incontáveis para o tormento eterno "para a glória do Seu soberano poder sobre Suas criaturas [...]"[22]. Obviamente, Deus mostraria Seu poder soberano sobre Suas criaturas de muitas maneiras, exceto decretando a condenação eterna deles, um fato claramente não exigido pela soberania.

A Bíblia ensina que Deus soberanamente — sem diminuir Sua soberania — deu ao homem o poder de se rebelar contra Ele. Assim, o pecado é responsabilidade somente do homem, pela sua livre escolha, não pelo decreto de Deus. O erro básico do calvinismo é falhar em ver que Deus poderia dar soberanamente ao homem o poder de escolha genuína e ainda permanecer no controle do universo. Reconhecer ambos, soberania e livre-arbítrio, destruiria a própria fundação do sistema calvinista, por completo.

Essa falsa visão da soberania é a única justificativa dos calvinistas para Deus salvar somente um grupo seleto e condenar o resto. Se alguém perguntar como um Deus de amor condenaria milhões ou talvez bilhões que Ele poderia ter salvo, a resposta é que "agradou a Ele

---

21 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 82.

22 Ibid., pp. 95, 124–135.

fazer assim". Se alguém insistir e perguntar porque Lhe agradou fazer isso, a resposta é que razão está oculta "no mistério de Sua vontade".

O livre-arbítrio não diminui o controle de Deus sobre Seu universo. Sendo onipotente e onisciente, Deus pode arranjar as circunstâncias, de tal forma a evitar que a rebelião do homem frustre os Seus propósitos. De fato, Deus pode usar o livre-arbítrio do homem para ajudar a cumprir os Seus planos e assim Ele é até mesmo mais glorificado do que se Ele decretasse todas as coisas que homem faz.

Ouvir Isso de Calvino e de Calvinistas

Em seu clássico *The Five Points of Calvinism*, Edwin H. Palmer escreve, "embora o pecado e descrença sejam contrários ao que Deus comanda (Sua vontade preceptiva), Deus os incluiu em Seu decreto soberano (os ordenando e causando para acontecerem infalivelmente) [...]. Como é que o Santo Deus, que odeia o pecado, não somente permite o pecado passivamente, mas também certa e eficazmente decreta que o pecado acontecerá? Nosso Deus infinito nos apresenta algumas verdades impressionantes [...]"[23].

"Impressionante" é o adjetivo errado. O que Palmer admite que impressiona até mesmo a ele, um homem que defende essa doutrina diligentemente é *apavorante* para os não calvinistas, incluindo os não cristãos. Palmer expõe mais sobre essa doutrina escandalosa:

> Todas as coisas que acontecem em todo o mundo, em qualquer tempo, e em toda a história — seja com matéria inorgânica, vegetação, animais, homens ou anjos (ambos, os bons e os maus) —, acontecem porque Deus as ordenou. Mesmo o pecado — a queda do Diabo do céu, a queda de Adão, e todo pensamento, palavra e ação maus em toda a história, incluindo o pior pecado de todos, a traição de Jesus Cristo por Judas — está incluso no decreto eterno do nosso Deus santo.

23 Ibid., pp. 95, 97-100, 116.

> [Se] o pecado está fora do decreto de Deus, então a vasta porcentagem das ações humanas [...] são removidas dos planos de Deus. O poder de Deus é reduzido às forças da natureza [...]; o pecado não é somente pré-conhecido por Deus, ele é também preordenado por Deus. De fato, porque Deus preordenou o pecado, Ele conheceu o pecado. Calvino é muito claro nesse ponto: "o homem deseja com uma má vontade o que Deus deseja com uma boa vontade [...]"[24].

Não há suporte bíblico e nem racional para esse dogma. Certamente, Deus, em Seu infinito poder e pré-conhecimento, poderia fazer caber dentro de Seu plano os pensamentos e ações mais rebeldes da humanidade. Ele é perfeitamente capaz de frustrar, evitar ou usar os planos e ações dos homens para cumprir a Sua vontade, e Ele pode fazer isso sem destruir a habilidade do homem de exercer a livre escolha. Fazer de Deus o autor do pecado é uma deturpação blasfema Dele.

Por que um Deus infinitamente santo arruinaria Sua própria criação para criar o pecado propositalmente? Por que inventar uma história elaborada de "lançar anjos caídos dos céus"? Por que causar a humanidade a cair em pecado e ordenar "perdão" a eles? Como isso glorificaria a Deus? Mesmo assim, no calvinismo, Deus Se torna como uma pessoa provoca um incêndio florestal para que ele possa descobri-lo, destruí-lo e ser um herói. Isso também coloca Deus em uma fraude que finge que Satanás, embora sendo a própria criação intencional de Deus, é Seu inimigo. Que absurdo!

Limitando a Deus

Além disso, por que Deus necessitaria preordenar alguma coisa, a fim de pré-conhecê-la? Obviamente, se Deus pode somente conhecer o que Ele próprio decretou, e é apanhado de surpresa se o homem tiver livre escolha, então Seu conhecimento não é infinito (i.e. Deus não é onisciente).

---

24 Ibid.

Os calvinistas ainda persistem nessa doutrina não bíblica e irracional, que eles imaginam defender a soberania de Deus, mas, na verdade a diminui: "se Deus não pré-ordenasse todas as coisas, então Ele não poderia conhecer o futuro. Deus pré-conhece e conhece todas as coisas porque Ele decretou todas as coisas a existirem"[25]. Pelo contrário, Deus não tem que decretar os pensamentos e as ações humanas para os pré-conhecer. Ele conhece todas as coisas de antemão porque Ele é onisciente.

Os calvinistas contemporâneos que estamos citando estão expressando o coração do calvinismo. Eles estão sendo fieis a João Calvino, que por sua vez nos faz lembrar que o mesmo foi pensado por Agostinho. O último é descrito como o primeiro dos chamados Pais da Igreja Primitiva que "ensinaram a soberania absoluta de Deus"[26].

Em suas *Institutas*, Calvino reconheceu esse débito a Agostinho concernente à predeterminação de Deus de cada pensamento, palavra e ação, da humanidade, bons ou maus, incluindo todo mal cometido:

> [Nós] sustentamos que Deus é o árbitro e governador de todas as coisas — que desde a remota eternidade, segundo Sua própria sabedoria, Ele decretou [...] que, por Sua providência, não somente os céus e a terra e as criaturas inanimadas, mas também o conselho e a vontade do homem fossem governados para se moverem exatamente no curso que Ele destinou [...].
>
> Em resumo, Agostinho ensina em todo lugar [...] que não pode haver um absurdo maior do que sustentar que tudo é feito sem a ordenação de Deus; porque isso aconteceria ao acaso. Razão pela qual, ele também exclui a contingen-

25 David S. West, *The Baptist Examiner*, 18 mar. 1989, p. 5; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 255.

26 C. Norman Sellers, *Election and Perseverance* (Haysville, NC: Schoettle Publishing Co., 1987), p. 3.

> cialidade que recai sobre a vontade humana, defendendo mais adiante, em termos claros, que nenhuma causa deve ser procurada para isso, a não ser a vontade de Deus [...]. Eu digo, então, que [...] a ordem, o método, o fim e a necessidade dos eventos são [...] produzidos pela vontade de Deus [...].[27]

Uma Posição Irracional

Agostinho disse que todas as vontades estão sujeitas à vontade de Deus, mas ele não foi até onde Calvino o levou. Além disso, Calvino salta ainda mais em um número de falácias que foram perpetuadas em seus dias. Obviamente, contrariamente ao que disse Calvino, as ações do livre-arbítrio dos humanos não acontecem ao acaso. Se assim fosse, nosso sistema judicial ruiria, visto que estupros, roubos, e todos os demais crimes teriam de ser vistos como eventos aleatórios, além da responsabilidade moral ou do controle dos criminosos. Isso é, claro, sem sentido.

Ironicamente, Pink tenta evitar as consequências intoleráveis das declarações contundentes de Calvino, também apelando a Agostinho: "que se diga enfaticamente que Deus não *produz* as disposições pecaminosas de quaisquer de suas criaturas, embora Ele as *restringe* e *direciona* para a realização de Seus próprios propósitos. Por isso, Ele nem é o autor nem o aprovador do pecado. Essa distinção foi expressada assim por Agostinho: 'esses pecados dos homens procedem deles mesmos; que pecando eles executam esta ou aquela ação, é do poder de Deus que reparte a escuridão segundo Sua vontade'"[28].

No entanto, o próprio Calvino já está registrado e ecoa em muitos de seus seguidores hoje, dizendo que Deus é a *causa* e assim o autor de todo pensamento, palavra e ação. Pink, como Palmer, tem, com

27 João Calvino, *Institutes of Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 1, pp. xvi, 6, 8, 9.

28 Pink, *Sovereignt*, p. 156.

frequência, dito o mesmo! Sem essa conclusão, embora ela seja repugnante para a consciência dada por Deus ao homem, a soberania do calvinismo não se mantém, nem sustenta os seus cinco pontos.

Esse É o Deus da Bíblia?

A consciência humana e o senso de certo e errado — que o homem recebeu do próprio Deus — clamam em convulsão contra tal ensino. Acaso Calvino e Agostinho não representaram mal o Deus de amor e misericórdia da Bíblia? Deus nos criou para sermos meros fantoches, que Ele controla com cordas? O nosso senso inato de fazer escolhas genuínas de nossa própria volição, às vezes racionalmente e outras vezes impulsivamente ou mesmo por luxúria, é uma ilusão total?

Deus apela para a razão humana: "vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor" (Isaías 1:18). Ninguém pode se engajar em raciocinar sem fazer escolhas entre diferentes opiniões, teorias, opções ou possíveis cursos de ação. Assim, sem o poder de escolha, o homem não é um ser racional. E, certamente, sem o poder de fazer escolhas genuínas, o homem não seria um ser moralmente competente, responsável diante de seu Criador.

Em toda a Bíblia, o homem é chamado a escolher entre Satanás e Deus, mal e bem, entre si mesmo e Cristo. Jônatas Edwards afirmou que "um ato da vontade é o mesmo que um ato de escolha ou opção"[29]. Não existe qualquer razão bíblica, científica ou lógica por que o homem — que faz escolhas de todos os tipos diariamente — não poderia também, sem ser primeiro regenerado, escolher entre o bem e o mal, Deus e Satanás e abrir seu coração para Cristo genuinamente.

Palmer chama isso um paradoxo que "embora o homem esteja totalmente depravado e incapaz de crer, e que embora a fé seja um presente de Deus produzido pelo trabalho irresistível do Espírito

29 Jonathan Edwards, *Freedom of the Will*. Paul Ramsey, ed. (New Haven, CT: Yale University Press, 1957), p. 137.

Santo, contudo, cabe ao homem acreditar. Ele tem a obrigação de obedecer ao comando de Deus para crer"[30]. Isso não é qualquer paradoxo; isso é um absurdo. Ninguém pode justamente ser considerado responsável por falhar em fazer o que é impossível para ele fazer.

Poderia ser verdade que nós não temos realmente escolha alguma, mas que Deus nos leva a fazer tudo o que nós fazemos, tendo predestinado todos os nossos pensamentos, palavras e ações? Com certeza, essa não é a percepção apoiada por nossa experiência comum, como o próprio Agostinho argumentou. Ainda assim, embora tão contrária ao senso comum, o calvinista é forçado a aceitar essa visão, a fim de apoiar seu sistema.

Agostinho, como será mostrado no próximo capítulo, cria no livre-arbítrio do homem, enquanto Lutero ensinou que a vontade do homem está escravizada ao pecado. Calvino diz que o pecado, ao qual nós estamos escravizados, foi decretado por Deus, e assim, não existe qualquer escape, exceto por um ato soberano de Deus. Se esse é o caso, então é Deus quem mantém o homem na escravidão do pecado!

Em lugar nenhum a Bíblia declara que a soberania de Deus requer que o homem não tenha qualquer poder de fazer uma escolha genuína moral, nem de fazer o contrário. Obviamente, se a soberania de Deus faz do homem totalmente incapaz de qualquer escolha moral, então Deus deve soberanamente causá-lo a crer no evangelho. Assim, os cinco pontos do calvinismo realmente decorrem dessa visão errônea da soberania.

Uma Soberania Impiedosa

O Deus de Calvino cai nas mãos dos ateus que acusam, com justiça, que um "Deus" todo-poderoso que leva os homens ao pecado e, em seguida, os condena por pecar, é um monstro. Will Durant não era um cristão, mas alguém cuja queixa deve ser considerada com seriedade: "[...] estamos de acordo que, até mesmo vidas erradas

30 Palmer, *Sovereignt*, 87.

servem a alguma necessidade vital. Mas vamos sempre achar difícil amar o homem que escureceu a alma humana com a concepção mais absurda e blasfema de Deus em toda longa e honrada história de disparates"[31].

Seguindo a liderança de Calvino e sem, aparentemente, notar a blasfêmia que ele expressa contra o Deus que é *amor*, Palmer escreve:

> A Bíblia tem mais de uma centena de exemplos em que Deus fez o pecado acontecer [...]. Essa é uma assimetria bíblica maravilhosa: Deus ordena o pecado e o homem é o culpado. Nós não podemos compreender isso. Se todas as coisas são ordenadas por Deus — incluindo o pecado e a descrença —, então Deus ordenou quem serão os descrentes [...]. Isso é essencial para estabelecer os dados bíblicos sobre a pré-ordenação do pecado.[32]

Isso não é "maravilhoso", mas sim repugnante à consciência e uma difamação ao caráter de Deus — muito menos é bíblico. Palmer cita "dezenas de textos que [alegadamente] indicam que o pecado é preordenado por Deus"[33]. De fato, nenhuma das passagens bíblicas que ele cita dá suporte a essa tese horripilante.

James Orr, editor da *International Standard Bible Encyclopedia* original, chamou essa doutrina de "uma que nenhum apelo de consistência lógica jamais levará a mente humana a aceitar, e que está destinada a provocar revolta contra todo o sistema com o qual está associado"[34]. O rei Tiago, que enviou uma delegação ao Sínodo de Dort, se referiu a "esse decreto infame do último Sínodo e a decisão desse formulário detestável, pelo qual a maior parte da raça humana é condenada ao inferno, por nenhuma outra razão, *senão a mera*

---

31 Will Durant, "The Reformation", parte VI de *The Story of Civilization* (Nova Iorque: Simon and Schuster, 1957), p. 90.

32 Palmer, *Sovereignt*, pp. 97–10, 116.

33 Ibid., p. 16.

34 Citado em Allan P. F. Shell, *The Great Debate* (Grand Rapids, MI: Baker Books House, 1982), p. 7.

vontade de Deus, sem qualquer relação com o pecado, a necessidade do pecado, bem como a ser condenado, sendo presa a elas pelo grande prego do decreto antes mencionado"[35] (ênfase no original).

Tentando justificar essa doutrina, muitos calvinistas me responderam em discussões, cartas e em comentários escritos nas margens dos manuscritos preliminares que eu os enviei para revisão, "Deus não tem obrigação alguma de estender a sua graça para aqueles que Ele predestinou ao julgamento eterno". Claro, Deus não está debaixo de obrigação alguma, a homem algum, por coisa alguma. Como nós já notamos, entretanto, graça e misericórdia não fluem da obrigação, mas do amor de Deus. A perfeita santidade e a justiça de Deus não podem ser comprometidas nesse processo. Avaliando um autor calvinista popular, Zane Hodges escreve,

> O resultado da teologia de [Michael S.] Horton é que as pessoas não eleitas estão irremediavelmente condenadas ao inferno porque Deus Se nega a regenerá-las [...]. O retrato de Deus que emerge disso é uma distorção hedionda de Seu caráter e natureza amorosos. Não é surpreendente encontrar Horton também escrevendo: "Ele [Deus] não pode nos amar diretamente por causa da nossa pecaminosidade, mas Ele pode nos amar em união com Cristo, porque Cristo é Aquele que o Pai ama"[36]. O que isso equivale é que Deus não ama *pessoa alguma* "diretamente", a menos que primeiro Ele regenere a ele ou a ela, visto que a "regeneração é o começo da união. Em outras palavras, Deus não ama os eleitos até que eles sejam regenerados, e Ele nunca ama os não eleitos, de forma alguma.[37]

---

35 Em Jacó Armínio, *The Works of James Arminius*. James e William Nichols, trads. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1992), p. 111.

36 Citado de Michael S. Horton, ed., *Christ the Lord: The Reformation and Lordship Salvation* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1992), p. 111.

37 Zane C. Hodges, "The New Puritanism, Part 3: Michael S. Horton: Holly War With Unholy Weapons", *Journal of the Grace Evangelical Society*", primavera de 1994, vol. 7, pp. 12–29.

CAPÍTULO II

SOBERANIA E LIVRE-ARBÍTRIO

Frequentemente se ouve cristãos dizerem: "Deus está no controle; Ele ainda está no trono." Mas, o que isso significa? Será que Deus não estava no controle quando Satanás se rebelou e quando Adão e Eva desobedeceram; porém, agora Ele está? Será que Deus estando no controle significa que todo estupro, assassinato, guerra, fome, sofrimento e mal são exatamente o que Ele planejou — conforme diz Palmer —, "até mesmo o mover de um dedo [...] o erro de um datilógrafo [...]"?[1]

O fato de Deus ser absolutamente soberano não exige que tudo o que o homem escolhe fazer ou não fazer não seja a sua própria escolha, mas que foi preordenado por Deus, desde a eternidade passada. Não há razão, lógica ou bíblica, pela qual um Deus soberano, por Seu próprio projeto soberano, não permitiria às Suas criaturas, feitas à Sua imagem, a liberdade de escolha moral. Na verdade, Ele a permite, se é que o homem deva para ser mais do que um fantoche!

Em um capitulo intitulado "o grande mistério", Palmer afirma que o não calvinista nega a soberania de Deus ao insistir no poder de escolha do homem; enquanto que o "hipercalvinista nega a responsabilidade do homem". Ele, então, sugere que o verdadeiro

> [...] calvinista [...] aceita ambos os lados da antinomia. Percebe que o que defende é ridículo [...], impossível para o homem harmonizar esses conjuntos de dados. Dizer, por um lado, que Deus torna certo tudo o que acontece e, ainda, dizer que o homem é responsável pelo que ele faz? Não faz sentido! Deve ser um ou o outro. Dizer que Deus preordena o pecado de Judas e, ainda, que Judas é culpado? Tolice! [...] Isso está de acordo com Paulo, que disse: "a palavra da cruz é tolice para os que perecem" (1 Coríntios 1:18). Os gregos buscam sabedoria e lógica e, para eles, o calvinista é irracional [...]. Assim, o calvinista tem que se decidir: qual é a sua autoridade? Sua própria razão humana ou a Palavra de Deus? Se ele responde que é o poder do raciocínio humano,

1 Edwin H. Palmer, *The five points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 25.

> então, como o arminiano e o hipercalvinista, ele terá que excluir uma das duas forças paralelas. Mas [...] ele acredita que a Bíblia é Palavra de Deus [...], infalível e inerrante [...]. [O] aparente paradoxo da soberania de Deus e da responsabilidade do homem [...] pertence ao Senhor nosso Deus e devemos deixá-lo com Ele, não devemos sondar o secreto conselho de Deus.[2]

Pelo contrário, não existe contradição entre a soberania de Deus e o livre-arbítrio humano. O fato de Deus poder ser soberano e que o homem é livre para escolher não é um insondável mistério. Porém, o calvinismo nega o livre-arbítrio através da sua definição de soberania, fazendo de Deus a causa de tudo, inclusive do pecado — ainda que o homem seja responsável por aquilo que Deus o leva a fazer. Essa proposição é irracional. A confusão aqui deve ser óbvia.

O "paradoxo" foi criado pela distorção calvinista da soberania. Aceitando essa contradição feita pelo homem, J. I. Parker diz que "devemos recusar em considerar a aparente inconsistência como sendo real"[3]. Essa declaração soa mais como Ciência Cristã, Pensamento Positivo ou Confissão Positiva, do que como exegese bíblica!

Pelo contrário, conforme Reimensneider tem dito, "o livre-arbítrio humano é a mais maravilhosa das obras do Criador"[4]. É, na verdade, o dom que torna possível qualquer outro dom da parte de Deus — pois, sem o poder de escolha o homem não poderia receber, conscientemente, qualquer dom moral ou espiritual da parte de Deus. Esse fato, é claro, é autoevidente — e bíblico. Repetidamente, homens e mulheres são convocados a fazer escolhas morais, amar e obedecer a Deus, crer no Evangelho e receber a Cristo: "escolhei hoje a quem quereis servir" (Josué 24:15); "se quiserdes, e Me ouvirdes,

---

2 Ibid., pp. 85–87.

3 J. I. Packer, *Evangelism and the Sovereignty of God* (Downer's Grave, IL: Intervarsity Press, 1961), p. 212.

4 Junius B. Reimensnyder, *Doom Eternal* (N. S. Quiney, 1880), p. 357, citado em Samuel Fisk, *Calvinistic Paths Retraced* (Raleigh, NC: Biblical Evangelism Press, 1985), p. 223.

comereis o bem desta terra" (Isaías 1:19); "Daniel propôs no seu coração que ele não se contaminaria" (Daniel 1:8); etc...

Uma Séria Contradição

Inquestionavelmente, homens, por suas próprias escolhas, podem e desafiam, e desobedecem, a Deus. O conhecimento de que homens continuamente quebram as leis de Deus é comum a toda experiência e consciência humana. A despeito do fato de que Ele é soberano e, obviamente, sem violar ou diminuir a Sua soberania, a vontade de Deus está, continuamente, sendo resistida e rejeitada como resultado da rebelião de Satanás e do homem. O fato de que tanto cidadãos quanto estrangeiros, frequentemente, violam suas leis, não nega a soberania de um país.

Até mesmo os cristãos nem sempre cumprem, perfeitamente, a vontade de Deus. Se assim fosse, eles não teriam pecados para confessar e não teria havido necessidade alguma para as epístolas ou cartas de Cristo às sete igrejas da Ásia ou para o tribunal de Cristo — ou qualquer outra correção da parte de Deus. Recompensas, também, seriam sem sentido, sem o livre-arbítrio.

A própria Bíblia contém muitos exemplos de homens desafiando e desobedecendo a Deus, a despeito de ser soberano e estar no controle do Seu universo. Através de Isaías, o profeta, Deus lamenta, "tenho nutrido e educado os filhos e eles se rebelaram contra Mim" (Isaias 1:2). Eles estão oferecendo sacrifícios que Ele aborrece, obviamente, não de acordo com a Sua vontade e estão vivendo vidas que O desonram. Foi-se dito que "os fariseus e os doutores da lei [continuando a tradição dos seus antecessores] rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos" (Lucas 7:30). Muito claramente, nem tudo o que acontece nos assuntos humanos está de acordo com a vontade de Deus.

Por todo o Velho Testamento, Deus pleiteia com Israel o arrependimento da sua rebelião, o retornar para Ele e obedecê-LO. De Israel, Ele diz, "todos os dias estendi as Minhas mãos a um povo rebelde e contradizente" (Romanos 10:21). A história de Israel fornece amplas

provas de que, a despeito de Sua absoluta soberania, o homem pode e se rebela, e que o pecado que ele comete não é a vontade de Deus; muito menos o Seu decreto. Típico do Seu contínuo lamento é o seguinte:

Enviei-vos todos os Meus servos, os profetas, levantando-os bem cedo e enviando-os, dizendo: Oh, não façais esta coisa abominável, que odeio. Mas eles não escutaram, nem inclinaram seus ouvidos para se converterem da sua maldade, para não queimarem incenso a outros deuses. Portanto, a Minha indignação e a Minha ira se derramou e acendeu-se nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, pois elas estão em ruínas e desoladas, como se vê hoje (Jeremias 44:4–6).

Com toda certeza, a idolatria que Deus chama de "essa coisa abominável que odeio", não poderia estar de acordo com a Sua vontade. A Sua vontade é rejeitada pela rebelião humana; entretanto, assim como os Dez Mandamentos são quebrados milhões de vezes, a cada dia, ao redor do mundo, isso, em nada, nega ou enfraquece Sua soberania.

E quanto a Efésios 1:11?

À luz de tais escrituras, como podemos entender a declaração de que Deus opera "todas as coisas de acordo com o conselho da Sua própria vontade" (Efésios 1:11)? Alvin Baker afirma que essa passagem prova que "Deus opera 'todas as coisas', inclusive o pecado, de acordo com a Sua eterna vontade"[5]. Entretanto, a palavra "opera" (versão *King James*) é *energeo*, a qual não transmite a ideia de manipulação controlada, mas de estimulação. Veja Colossenses 1:29 e 2 Tessalonissenses 2:7, 9; veja também, "operai vossa própria salvação [...], pois Deus é o que opera [energiza] em vós" (Filipenses 2:12–13).

Nem mesmo Paulo diz que Deus opera tudo de acordo com a Sua vontade, mas de acordo com o conselho da Sua vontade. Exise uma enorme diferença. Obviamente, o eterno "conselho" da Sua Vontade

5 Alvin L. Baker, *Berkower's Doctrine of Election: Balance or Umbalance?* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co, 1981), p. 174.

deve ter permitido ao homem a liberdade para amar e obedecer ou para desafiar seu Criador — do contrário, o pecado seria a vontade de Deus. Nunca poderíamos concluir a partir dessa passagem (e, particularmente, não à luz de muitas escrituras declarando que o homem desafia a Deus) que cada pensamento, palavra ou ação da humanidade estão de acordo com a perfeita vontade de Deus, exatamente do jeito que Deus planejou e decretou. No entanto, isso é o que os calvinistas, erroneamente, concluem de Efésios 1:11. Fazer esse o caso, conforme fez Calvino, retrata-se Deus como a efetiva causa de todo pecado já cometido.

Cristo nos pede para orar, "venha o Teu reino; seja feita Tua vontade, assim na terra, como no céu" (Mateus 6:10; Lucas 11:2). Por que Cristo sugeriria tal oração, se tudo já está de acordo com a vontade de Deus e Seu eterno decreto, e se já estamos no reino de Deus com Satanás aprisionado, conforme ensinaram Calvino e Agostinho?

A objeção é levantada: "como você se atreve a sugerir que o Deus onipotente não pode efetivar a Sua vontade!" É claro, Ele pode e faz, mas isso, em si mesmo, não quer dizer que Deus deseja tudo o que acontece. Sem liberdade para fazer a sua própria vontade, o homem não será um ser moralmente responsável, nem poderá ser culpado pelo pecado. Isso tudo é axiomático!

O mandamento especial de Cristo, "qualquer que fizer a vontade de Meu Pai" (Mateus 12:50; Marcos 3:35) e declarações tais, vindas dos Seus próprios lábios, como "nem todo o que Me diz Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai" (Mateus 7:21), mostram muito claramente que todos nem sempre cumprem a vontade de Deus. A mesma verdade é encontrada em Isaías 65:12; 1 Tessalonissenses 5:17–22; Hebreus 10:36; 1 Pedro 2:15–16; 1 João 2:17 e em outros lugares. Claramente, existe uma distinção entre desejos e vontades de Deus e o que Ele permite.

Uma Importante Distinção

Muitas escrituras mostram que a vontade de Deus pode ser e é desafiada pelo homem. Nem sempre a Escritura sugere que exista

qualquer plano ou vontade de Deus em que as ações e vontades humanas estejam, por natureza, em perfeito acordo. Forster e Marston salientam, no entanto, que "alguns escritores cristãos parecem ter sido incapazes de aceitar isso [...]. Se, como eles acreditam, tudo o que acontece é a vontade de Deus, então, a impenitência e o perecimento dos ímpios também deve ser a vontade de Deus. No entanto, o próprio Deus diz que esta não é a Sua vontade [...]"[6].

Sobre o fato de a desobediência e a rebelião humanas desafiarem a Deus, tanto calvinistas quanto não calvinistas estão de acordo. O desacordo reside na explicação. O calvinista diz que até mesmo a rebelião humana foi decretada soberanamente por Deus e que a vontade de Deus é a causa efetiva dela. O não calvinista explica o pecado como um resultado do egoísmo do próprio homem, bem como dos maus desejos e ações ao desafiar a Deus. Assim, o homem é, justamente, considerado moralmente responsável, porque está no pode rda sua vontade, a intenção de obedecer ou, deliberadamente, desobedecer a Deus. O calvinista, entretanto, nega que o homem tem tal poder de escolha, pois ele é "totalmente depravado". No entanto, sustenta a sua responsabilidade, a despeito da sua alegada inabilidade para agir de qualquer maneira, a não ser da forma como Deus decretou.

Assim, qualquer escolha independente, da parte do homem — até mesmo pecar — deve ser negada, a fim de manter a TULIP. Isso é especialmente verdadeiro no que se refere à salvação. Pink escreve, "dizer que a salvação do pecador repousa sobre a ação da sua própria vontade, é outra forma do dogma da salvação pelo esforço humano, o que desonra a Deus [...]. Qualquer movimento da vontade é uma obra [...]"[7].

Pelo contrário, existe uma enorme diferença entre decisão ou volição para fazer algo e realmente fazê-lo. Algo que cada pessoa preguiçosa e procrastinadora repetidamente demonstra. Afinal, simples-

---

6 Reger T. Forster e V. Paul Marston, *God's strategy in the Humam History* (Bloomington, MN: Bethany House Publishers, 1973), p. 32.

7 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986), p. 218.

mente querer não é uma obra. Paulo claramente faz essa distinção quando ele diz, "o querer está em mim; mas como executar o que é bom, eu não consigo" (Romanos 7:18). De fato, a vontade de Paulo nem é o principal problema, mas sim a sua incapacidade, até mesmo como uma pessoa regenerada, de fazer o bem que ele quer e se abster do mal que sua vontade rejeita.

O Evangelho é "o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crer" (Romanos 1:18). O poder efetivo que salva o homem é todo de Deus; porém, o homem recebe a salvação pela fé — pela fé somente. O pecador condenado, simplesmente, receber pela fé, a salvação que Cristo comprou na cruz, não é obra da parte do homem, de forma alguma. No entanto, o calvinista insiste que é. Para Pink, receber a Cristo pela fé — o que ele chama de "esforço humano" — é inventar o seu próprio significado para as palavras.

A distinção entre fé e obras, na Escritura, é tão clara que não precisamos ridicularizar o ponto.

É a visão extremada dos calvinistas sobre a soberania de Deus que os leva a rejeitar o ensino bíblico de que a salvação é oferecida, livremente, a todos. Na verdade, eles limitam a salvação aos eleitos. Pelo contrário, argumentam eles, se o homem é livre tanto para aceitar quanto para rejeitar a salvação, isso deixa a decisão final completamente no homem e substitui Deus na Sua misericórdia.

"Então, você sugere", eles objetam, "que Deus deseja salvar toda a humanidade, porém, falta-Lhe o poder para fazê-lo? Isso é uma negação da soberania e da onipotência de Deus, se existe alguma coisa que Ele deseja, mas não pode realizá-la". No entanto, McArthur, Packer, Piper e outros dizem que Deus deseja a salvação de todos, ainda que não a tenha decretado. Essa é uma real contradição; ao passo que não é uma contradição dizer que Deus deu ao homem a liberdade de escolher receber a Cristo ou não.

De fato, o poder não tem relação alguma com a graça e o amor, os quais proporcionam a salvação. Além disso, como veremos, existem muitas coisas que Deus não pode fazer e a falta de poder não é a razão para qualquer delas; nem é diminuida, em qualquer coisa, a Sua soberania.

O Que Um Deus Soberano *Não Pode* Fazer

Vance salienta, "a percepção calvinista de Deus como sendo absolutamente soberano é muito mais precisa; porém, isso não significa que ela tenha a precedência sobre todos os seus outros atributos"[8]. Claramente, a capacidade de Deus e até mesmo, o Seu direito de agir em Sua soberania, são somente exercitados em harmonia com os Seus outros atributos, os quais, devem permanecer todos em equilíbrio. O calvinismo destrói esse equilíbrio. Ele coloca tanta ênfase na soberania, que as outras qualidades divinas se tornam inúteis em comparação, e Deus Se torna um agente sem caráter. Essa é razão por que esse livro tem como subtítulo: *Uma Falsa Representação de Deus no Calvinismo*.

Por toda a história, déspotas soberanos usaram, de forma errada, a sua soberania para os seus propósitos maus. Obviamente, Deus emprega a Sua soberania não como um déspota, mas em amor, graça, misericórdia, bondade, justiça e verdade — tudo em perfeita harmonia com o Seu carater total e todos os Seus atributos. Na verdade, Ele não pode agir como um déspota nem usar Sua soberania para o mal. Não pode? Exatamente, *não pode*.

"Heresia!", grita alguém. "Deus é infinito em poder; não há coisa alguma que Ele não possa fazer". Tem certeza? O próprio fato de que Ele é infinito em poder significa que Ele *não pode* cair. Existem muitas coisas que seres finitos, rotineiramente, fazem; mas que o infinito, absolutamente soberano Deus *não pode fazer, porque Ele é Deus*. Ele não pode viajar, porque Ele é onipresente. Ele não pode mentir, trapacear, roubar, enganar-Se, contadizer a Si mesmo, agir contrariamente ao Seu caráter, etc. Nem é a vontade de Deus ver quaisquer dessas coisas no homem. Querer o pecado nos outros, seria, para Deus, o mesmo que praticá-Lo.

O que Deus não pode fazer não é *a despeito de quem Ele é*, mas *por causa de quem Ele é*. Assim, conforme Agostinho escreveu, "por-

8 David S. West, *The Baptist Examiner*, 18 mar. 1989, p. 5; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), pp. 256–257.

tanto, Ele não pode fazer algumas coisas pela simples razão de que Ele é onipotente"[9]. Existem coisas que Deus não pode fazer, pois fazê-las violaria Seu próprio caráter. Ele não pode negar ou contradizer a Si mesmo. Ele não pode mudar. Ele não pode voltar atrás em Sua palavra.

Deus Não Pode Tentar Nem Ser Tentado

A Escritura deve ser tomada em contexto e comparada com a Escritura; um verso isolado não se pode tornar a regra. Jesus disse, "para Deus todas as coisas são possíveis" (Mateus 19:26). No entanto, é impossível para Deus fazer o mal, levar os outros a fazer o mal e atrair alguém para o mal. Isso é claramente declarado na Escritura: "que ninguém quando for tentado diga: sou tentado por Deus; pois Deus não pode ser tentado pelo mal, nem a ninguém tenta" (Tiago 1:13–14).

E quanto aos exemplos na Escritura, onde a Bíblia diz que Deus tentou alguém ou foi tentado — por exemplo, "Deus tentou a Abraão" (Gênesis 22:1)? A palavra hebraica para nessa passagem, e ao longo de todo o Velho Testamento, é *nacah*, a qual significa testar ou provar, como no teste de pureza de um metal. Ela nada tem a ver com a tentação para pecar. Deus estava testando a fé e a obediência de Abraão.

Quanto a Deus sendo tentado, Israel foi avisado, "não deveis tentar o Senhor vosso Deus" (Deuteronômio 6:16). Eles fizeram isso em Massá, ao exigir água, "eles tentaram ao SENHOR, dizendo: será que SENHOR está ou não entre nós?" (Êxodo 17:7). Por último, eles "tentaram a Deus nos seus corações, pedindo carne para o seu apetite [...] dizendo: poderá, porventura, Deus preparar uma mesa no deserto? Sim [...], tentaram e provocaram o Deus Altíssimo" (Salmos 78:18, 41, 56).

Claramente, Deus não estava sendo tentado a fazer o mal — uma impossibilidade. Porém, ao invés de esperar Nele, em paciente con-

9 Augustine, *The City of God*, Marcus Dods, trad., em *Great Books of the Western World*, Robert Maynard Hutchins e Mortimer J. Adler, eds. (Encyclopaedia Britannica, Inc. 1952), vol. 18, v.10.

fiança, para suprir as suas necessidades. Seu povo estava exigindo que Ele provasse o Seu poder, dando-lhes o que eles desejavam para satisfazer o seu apetite. Sua "tentação" a Deus foi uma provocação que O colocava na posição de dar a eles o que eles queriam ou de puni-los por sua rebelião.

Quando Jesus "foi tentado pelo mal" a lançar-Se do pináculo do templo para provar a promessa de que Deus O sustentaria completamente em Suas mãos, Ele citou Deuteronômio 6:16, "não tentarás o Senhor teu Deus" (Mateus 4:1–11). Em outras palavras, uma coisa é confiar em Deus para suprir as nossas necessidades que possam surgir, como Lhe aprouver; mas outra coisa é nos colocar deliberadamente em uma posição onde exigimos que Deus deve agir, se é para sermos resgatados ou protegidos.

Na citação acima, Tiago vai dizer, "cada um é tentado, quando atraído e seduzido pela sua própria concupiscência". Tentação para o mal vem de dentro e não de fora. O homem, que nunca seria "tentado" pela oportunidade de ser desonesto nos negócios, pode sucumbir à tentação de cometer adultério e, assim, ser desonesto com a sua esposa.

Deus não tentou a Adão e a Eva quando lhes disse para não comer de uma determinada árvore; Ele estava testando-os. Eva foi tentada por sua própria concupiscência natural; seu desejo egoísta. Até mesmo em inocência, a humanidade se torna egoísta e desobediente. Vemos isso em crianças muito jovens, as quais ainda, presumivelmente, não sabem a diferença entre o certo e o errado.

O Que Deus Não Pode Fazer Para Salvar o Homem

Além do mais, quando se trata de salvação, existem três coisas específicas que Deus não pode fazer. Primeiro de tudo, Ele não pode perdoar o pecado sem a penalidade ser quitada. No Jardim do Getsêmane, na noite anterior à cruz, Cristo clamou em agonia, "Meu Pai, se possível, passa de Mim este cálice!" (Mateus 26:39). Certamente, se fosse possível providenciar salvação sem que Cristo pagasse a penalidade exigida pela justiça de Deus, o Pai Lhe teria permitido escapar da cruz. Sabemos, entretanto, que não era possível, para Deus, salvar o

homem de outra maneira. Até mesmo na soberania de Deus, o poder onipotente de Deus não pode simplesmente decretar que os pecadores sejam perdoados. Esse fato destrói o próprio fundamento da salvação, no calvinismo, do eleito somente, por meio de um decreto soberano.

Em segundo lugar, Deus não pode forçar um dom a ninguém. Esse fato demonstra que a salvação para o eleito não pode ser pela predestinação. A salvação não poder ser nem adquirida nem merecida — ela pode apenas ser recebida como um dom de Deus. E o recebedor deve estar desejoso; o dom não pode ser imposto, pelo doador, contra a vontade do recebedor.

Em último lugar, até mesmo Deus não pode forçar pessoa alguma a amá-Lo ou aceitar o Seu amor. A força não pode produzir amor. O verdadeiro amor somente pode vir voluntariamente do coração.

Pela própria natureza da recepção e da doação, bem como, de amar e receber amor, o homem deve ter o poder de escolha vindo de dentro do seu coração, conforme Deus tem ordenado, "e se tu [...] creres de todo o teu coração [...] serás salvo" (Romanos 10:9). A recepção do dom da salvação de Deus e do Seu amor (tudo em e através de Jesus Cristo e do Seu sacrifício por nossos pecados), somente pode acontecer através de uma livre escolha.

Cristo repetidamente deu tais convites, "vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei" (Mateus 11:28); ou "quem tem sede, venha a Mim e beba" (João 7:37); e "qualquer que quiser, tome, de graça, da água da vida" (Apocalipse 22:17). Baseando-nos sobre o significado comum dessas palavras, podemos concluir, a partir das Escrituras, que Cristo está oferecendo, a todos, um dom que pode ser recebido ou rejeitado.

Não existe problema em que a salvação seja um dom livre da graça de Deus: "pois Deus amou o mundo, que deu Seu único Filho" (João 3:16); "mas não é assim o dom gratuito como a ofensa" (Romanos 5:15); "pois o salário do pecado é a morte, mas o dom de Deus é a vida eterna, através de Jesus Cristo nosso Senhor" (Romanos 6:23); "pois pela graça sois salvos [...], é dom de Deus" (Efésios 2:8); "Deus nos deu a vida eterna" (1 João 5:11), etc. Por sua própria natureza, um dom deve ser recebido por um ato da vontade. Se forçado sobre o recebedor, ele não é um dom.

Tragicamente, o calvinismo mina o próprio fundamento da salvação e do relacionamento confiante e amoroso do homem com Deus através de Jesus Cristo.

O Livre-arbítrio Não Conflita Com a Soberania de Deus

Literalmente, centenas de versos, ao longo da Bíblia, oferecem a salvação a todos os que crerem e receberem. O calvinista objeta que, se o homem tem a escolha de dizer sim ou não a Cristo, então ele tem a palavra final na sua salvação, seu destino estaria em suas mãos e Deus estaria à sua mercê. Portanto, onde a Bíblia parece dizer que Deus deseja que todos sejam salvos e está oferecendo salvação — a todos — para ser recebida ou rejeitada, o calvinista deve limitar a aplicação somente aos eleitos — e eles não têm escolha. Assim, o significado claro das Escrituras é mudado para ser conformado à TULIP.

A soberania de Deus não está em questão. O assunto é o que ela significa, biblicamente. O calvinista argumenta que, se o desejo de Deus é que todos os homens sejam salvos — e, obviamente, todos eles não são salvos —, então a vontade de Deus é frustrada pela rebelião de homens pecaminosos, os quais, por suas vontades, são capazes de anular a soberania de Deus.

Como uma consequência dessa visão errada acerca da soberania, o significado simples de numerosas passagens deve ser mudado, a fim de apoiar a TULIP. O calvinista insiste, "a heresia do livre-arbítrio, destrona Deus e entroniza o homem"[10]. Na verdade, esse erro foi rejeitado pelo próprio Agostinho.

Esclarecendo as Coisas

Claramente, existe um numero de coisas que um Deus soberano *não pode* fazer, entretanto, nenhuma dessas limitações vai de encontro, em coisa alguma, à Sua soberania. Deus não é menos soberano por que Ele não pode mentir, pecar, mudar ou negar-Se a Si mesmo, etc. Essas limitações decorrem de Sua impecabilidade, Sua santidade ou Seu caráter perfeito.

Nem é Deus menos soberano ou incapaz em poder porque Ele não pode forçar alguém a amá-Lo ou a receber o dom da vida eterna através

---

10 W. E. Best, *Free Grace Versus Free Will* (Houston, TX: W. E. Best Books Missionary Trust, 1977), p. 35.

de Jesus Cristo. Poder e amor (o dom do amor) não pertencem à mesma discussão. De fato, das muitas coisas que temos visto que Deus não pode fazer, uma falta de "poder" ou diminuição da soberania não são a razão de qualquer delas. Pusey salienta que, "seria autocontraditório que o Deus altíssimo criasse um agente livre capaz de amá-Lo sem ser capaz, também, de rejeitar o Seu amor [...]. Sem o livre-arbítrio, não poderíamos amar a Deus. Liberdade é uma condição do amor"[11].

Longe de negar a soberania de Deus, reconhecer que à humanidade foi dada, por Deus, a capacidade de amá-Lo ou não, de aceitar ou rejeitar o dom gratuito da salvação, é admitir o que a própria soberania de Deus providenciou amorosa e maravilhosamente. Em Sua soberania, Deus assim constituiu a natureza de um dom e do amor, que o homem possa ter o poder de escolha; ou ele não pode experimentar qualquer dom das mãos graciosas de Deus.

Nem poderia o poder de escolha desafiar a soberania de Deus, visto que foi a soberania de Deus que outorgou esse dom ao homem e definiu as condições para amar e receber amor, bem como para dar e receber um dom. No entanto, Zane Hodges salienta:

> Se existe uma coisa que os cinco pontos calvinistas sustentam com vigorosa tenacidade é a crença de que não pode haver qualquer livre-arbítrio humano, de forma alguma. Em surpreendente falta de lógica, eles, geralmente, argumentam que Deus não pode ser soberano, se ao homem for concedido qualquer grau de livre-arbítrio. Porém, essa visão é que, na realidade, diminui a grandeza do Seu poder soberano. Pois, se Deus não pode controlar um universo no qual existe um genuíno livre-arbítrio, e fica limitado à criação de "robôs", então um Deus assim é, de fato, verdadeiramente limitado em poder.[12]

11 Edward B. Pusey, *What Is Of Faith As To Everlasting Punishment?* (James Parker and Co., 1181), pp. 22–24; citado em Samuel Fisk, *Calvinistic Paths Retraced* (Raleigh, NC: Biblical Evangelism Press, 1985), p. 222.

12 Zane C. Hodges, "The New Puritanism, Part 3: Michael S. Horton: Holy War With Unholy Weapons", *Journal of the Grace Evangelical Society*, primavera de 1994, vol. 7, p. 12.

É tolice sugerir que, se o homem pudesse rejeitar a Cristo, isso o colocaria na posição de controlar o seu próprio destino ou de controlar Deus. Deus está no controle. É Ele quem faz as regras, quem define as exigências da salvação e determina as consequências da aceitação ou da rejeição. Deus não é menos soberano sobre aqueles que rejeitam a Cristo do que é soberano sobre aqueles que O aceitam. Ele é quem determinou as condições da salvação e o que irá acontecer tanto àqueles que aceitam, quanto àqueles que rejeitam a Sua oferta.

Porém, o calvinista, por causa da sua visão extrema da soberania, não pode permitir a qualquer homem dizer sim a Cristo, assim como não pode permitir-lhe dizer não. Esse erro tem destruído o fundamento da salvação, criando um falso fundamento. E, a fim de apoiar essa falsa salvação que, alegadamente, Deus impõe sobre o eleito, o calvinismo teve que inventar os seus cinco pontos. Esse fato se tornará mais claro conforme prosseguirmos.

CAPÍTULO 12

PRESCIÊNCIA E VONTADE HUMANA

Muitos teólogos e filósofos parecem encontrar, igualmente, um conflito entre a presciência de Deus e o livre-arbitrio humano. Se Deus sabe o que vai acontecer, antes que aconteça, então isso deve acontecer conforme Ele pré-conheceu ou o Seu pré-conhecimento estaria errado. Sendo esse o caso, como poderia alguém ser livre, para fazer alguma escolha? Para considerar essa questão, devemos definir alguns termos.

A doutrina bíblica da presciência simplesmente declara que Deus sabe tudo o que irá acontecer antes que aconteça. A declaração do salmista, "não havendo ainda palavra alguma na minha língua, eis que, logo, ó SENHOR, tudo conheces" (Salmo139:4), nos diz que Deus conhece cada pensamento e palavra antes de os pronunciarmos — e os conheceu desde a eternidade passada — porém, não quer dizer que a presciência de Deus é a causa desses pensamentos e palavras. No concílio de apóstolos e anciãos em Jerusalém, Tiago declarou, claramente: "conhecidas para Deus são todas as Suas obras desde o princípio do mundo" (Atos 15:18). Para saber tudo o que Ele faria, Deus deve ter conhecido todos os pensamentos, palavras e eventos que ocorreriam. Essa verdade bíblica é claramente necessária se Deus for onipotente, onisciente e onipresente; o Criador e Sustentador de tudo.

Inquestionavelmente, desde a eternidade passada, Deus deve ter conhecido tudo. Isso inclui os movimentos das estrelas e elétrons, bem como, a exata localização, em cada nanossegundo, de cada átomo e dos corpos celestes que eles compõem; grandes e pequenos, animados e inanimados. Deus sabia o que aconteceria a cada um e como cada um funcionaria. Antes de criar o universo, ou homens, ou anjos, Deus já sabia cada evento que ocorreria no céu ou no universo físico e, assim, necessariamente, cada pensamento, palavra ou ato de cada humano ou anjo que existiria. Isso é o que significa ser Deus e, portanto, ser Onisciente.

Criador e Criação

Essa verdade fundamental das Escrituras foi afirmada também por Agostinho: "pois, confessar que Deus existe e ao mesmo tempo

negar que Ele tem presciência das coisas futuras é a loucura mais evidente [...]. Porém [...], nós [que] confessamos o próprio Deus, Altíssimo e verdadeiro, confessamos a Sua vontade, Seu supremo poder e Sua presciência"[1]. Ninguém, entretanto, afirmou o pré-conhecimento de Deus mais completamente do que o muito difamado Armínio:

> [Deus] conhece todas as coisas possíveis, se elas estão na capacidade de Deus ou da criatura [...], em imaginação ou enunciação [...]; todas as coisas que poderiam ter uma existência [...]; aquelas que são necessárias e contingentes, boas e más, universais e particulares, futuras, presentes e passadas, excelentes ou vis; Ele conhece coisas substanciais ou acidentais de cada tipo; as ações e paixões, os modos e circunstâncias [...]; palavras externas ou atos, pensamentos íntimos, deliberações, conselhos, determinações e entidades da razão, sejam complexas ou simples.[2]

O calvinismo, infelizmente, tem uma visão muito diferente da presciência que realmente denigre a onisciência de Deus: "se Deus não preordenasse todas as coisas, então Ele não poderia saber o futuro"[3]. Sem o apoio das Escrituras, Calvino declarou que Deus "prevê as coisas que estão para acontecer simplesmente porque Ele decretou que elas assim acontecessem [...]"[4]. Indo ainda mais longe, outro autor diz: "a ideia de que Deus conhece o futuro sem o ter planejado e sem controlá-lo é totalmente estranha à Escritura"[5]. Na verdade, o

---

1 Agostinho, *The City of God*, em *Great Books of the Western World*. Robert Maynard Hutchins e Mortimer J. Adler, eds. (Encyclopaedia Brittanica, Inc., 1952), p. 9.

2 Jacó Armínio, *The Works of James Arminius*. James e William Nichols, trads. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), vol. 2, p. 120.

3 David S. West, *The Baptist Examiner*, 18 mar. 1989, p. 5.

4 Joao Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), volume 3, xxiii.6.

5 Grover E. Gunn, *The Doctrine of Grace* (Memphis, TN: Footstool Publications, 1987), p. 13.

oposto é o caso. Em lugar nenhum, as Escrituras dizem ou até mesmo insinuam que Deus conhece tudo de antemão, só porque Ele o preordenou e o causou.

Como, então, Deus pode estar seguro de que o que Ele pré-conheceu acontecerá e que alguma coisa não irá intervir para mudar o futuro? Simplesmente porque Ele é todo-conhecedor e, portanto, o futuro é tão claro para Ele quanto o passado. Se Deus tivesse que planejar ou causar alguma coisa para que ela acontecesse ou até mesmo, controlar a sua ocorrência, a fim de saber se ela aconteceria, Ele seria limitado em Sua presciência e, portanto, não o Deus Onisciente e Infinito que Ele é. Se a visão calvinista está correta, então cada detalhe, de cada crime e doença, da destruição da propriedade e do sofrimento humano; bem como, a perda da vida e da integridade física, causada pelos desatres naturais, tudo seria preordenado e causado por Deus; caso contrário, Ele seria ignorante quanto ao futuro.

É-nos dito que "um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia" (2 Pedro 3:8); e que "mil anos aos Teus olhos são como o dia de ontem, que passou e como uma vigília da noite" (Salmos 90:4). Alguns tentaram encontrar um significado oculto nessas declarações, mas não há algum.

As frases "para o Senhor" e "aos Teus olhos" são a chave para a compreensão dessa declaração bastante simples e direta. O tempo é parte do universo físico, o qual Deus criou a partir do nada. O próprio Deus, portanto, está fora de tempo. Essa é a simples verdade, nessas duas escrituras.

Como um cientista explicou recentemente: "a existência real do passado, do presente e do futuro é exigida pela teoria da relatividade de Einstein.Todo o espaço e o tempo formam um *continuum* quadridimensional que, simplesmente, existe; a teoria não permite que o tempo seja tratado como uma dimensão, na qual o futuro está aberto ou incompleto". Ele explicou ainda:

> Do ponto de vista cristão, é razoável concluir que as extensões, espaciais e temporais do nosso universo foram criadas juntas, e, assim, a estrutura inteira, quadridimensional, permanece diante [na visão de] de Seu Criador, em um eterno

> presente. Assim, a nossa compreensão científica moderna — da natureza do tempo — se encaixa muito bem, com a tradição cristã: Deus tem conhecimento de todo o tempo, passado, presente e futuro: "antes que Abraão existisse, Eu sou". Perceba que Deus não diz: "Eu era" ou "Eu serei". Ele diz: "Eu Sou".[6]

Ele é o Único autoexistente, sempre presente a todos os eventos, seja no passado, no presente ou no futuro do nosso ponto de vista.

A Proteção Contínua de Deus

Deus conhece o futuro, sem que a Sua presciência o influencie, porque Ele o vê, como um observador externo. Deus está totalmente separado do espaço, do tempo e da matéria. Portanto, assim como Ele olha para o universo de fora dele, assim Ele vê o passado, o presente e o futuro de fora dele, conhecendo-o totalmente de uma só vez.

Somos finitos e Deus é infinito; portanto, não poderíamos, possivelmente, entender como Ele conhece o futuro. Entretanto, Ele nos tem dado inteligência o bastante, para entendermos que Ele deve conhecê-lo. Como disse Davi, falando a toda a humanidade, "tal ciência é para mim mais que maravilhosa; tão alta que não a posso atingir" (Salmos 139:6).

A Escritura deixa igualmente claro que Deus não é um observador passivo, totalmente desinteressado, em eventos que tomam o seu próprio curso. Mantendo um olhar atento e desempenhando um papel ativo, Ele cumpre o Seu eterno propósito para toda a criação. Como declarou o salmista, "dizei a Deus: Quão tremendo és Tu, nas Tuas obras [...]! Vinde e vede as obras de Deus: é tremendo, nos Seus feitos para com os filhos dos homens [...]. Ele domina, eternamente, pelo Seu poder" (Salmos 66:3, 5 e 7).

Deus exerce a Sua influência sobre homens e eventos (exatamente como Ele pré-conheceu que faria desde a eternidade passada),

---

6 Michael J. Kane, Ph. D., "Letters", *Christianity Today*, 9 jul. 2001, p. 9.

a fim de criar para nós o futuro que Ele deseja e que desejou. À luz das ações e intenções deliberadas dos homens, qualquer influência ou ação que Deus tenha pré-conhecido como necessária — de Sua parte — para programar Seus planos obviamente que também seria parte do Seu pré-conhecimento — eliminando qualquer necessidade de ajuste emergencial.

Por vezes, todos os cristãos têm um vislumbre da graciosa e maravilhosa intervenção de Deus em suas vidas. A intervenção "na hora certa" (a maneira que Deus tão frequentemente trabalha, a partir de nossa perspectiva) pode parecer — da Sua parte — como uma ação ou pensamento de última hora, mas que não é, obviamente, o caso. Sem dúvida, Sua boa mão está sobre o Seu povo, porém de maneira que vai além da compreensão humana. Assim como disse Davi, novamente:

> Tu me cercaste por detrás e por diante, e puseste sobre mim a Tua mão [...]. Para onde me irei do Teu espírito, ou para onde fugirei da Tua face? [...] no céu [...], no inferno [...], nas extremidades do mar; até ali a Tua mão me guiará e a Tua destra me susterá.
>
> E quão preciosos me são, ó Deus, os Teus pensamentos! Quão grandes são as somas deles! Se os contasse, seriam em maior número do que a areia; quando acordo ainda estou contigo. (Salmos 139:5–18).

O Problema do Mal

É um fato inescapável que, a despeito da presciência e da soberania de Deus, o mal predomina nos assuntos humanos. Que Deus não é o autor do mal está claramente afirmado na Bíblia, conforme já temos visto. Portanto, só podemos concluir que Ele, em Sua soberania, deu responsabilidade moral ao homem, para ser exercida com a livre escolha. Que os homens escolham a maldade, não é o que Deus deseja para a humanidade. A Depravação Total, conforme definida pelo calvinismo, elimina a faculdade do livre-arbítrio do homem:

> Na medida em que os descendentes de Adão nascem com uma natureza pecaminosa, eles não têm a capacidade de escolher o bem espiritual em vez do mal. Consequentemente, a vontade humana não é mais livre [...] da dominação do pecado [...], no entanto, a vontade de Adão era livre, antes da queda.[7]

A Bíblia apresenta o mal como um resultado do livre-arbítrio humano, ao escolher por si mesmo, ao invés de um resultado produzido por Deus. O calvinista, entretanto, ao negar a liberdade moral do homem, faz de Deus a causa de todo o mal, insistindo, que Ele "cria os próprios pensamentos e as intenções da alma"[8]. Conforme Calvino declarou:

> O primeiro homem caiu, porque o Senhor considerou adequado que ele caísse [...], porque Ele viu que Sua própria glória seria, assim, manifestada [...]. O homem, portanto, cai com a divina providência, assim, ordenando; porém, ele cai pela sua própria falta [...] Eu não hesitarei, portanto, simplesmente em confessar, juntamente com Agostinho [...], que a destruição, em consequência da predestinação, é, igualmente, muito justa.[9]

Essa ideia, entretanto, é tão contrária à consciência dada por Deus ao homem e ao senso de justiça, que Calvino gasta muito das suas *Institutas* fazendo um grande esforço, sem sucesso, para justificá-la. Calvino cava um buraco do qual nenhum calvinista pode escapar. Ele faz isso de forma antibíblica e irracional, insistindo que Deus só pode pré-conhecer o que Ele preordena:

---

7 David N. Steele e Curtis C. Thomas, *The Five Points of Calvinism* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1963), p. 25.

8 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 32.

9 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, edição de 1998), volume 3, xxiii.8.

> O decreto, eu admito, é medonho; e, ainda assim, é impossível negar que Deus pré-conheceu qual era o fim do homem, antes que o fizesse; e pré-conheceu, porque Ele tinha, assim, ordenado por Seu decreto.[10]

Ao defender a soberania de Deus, outro calvinista, ao mesmo tempo em que nega que o homem tem o livre-arbítrio, sugere que a vontade do homem deve existir, afinal de contas: "livre-arbítrio é uma invenção humana, instigada pelo diabo"[11]. Como pode o livre-arbítrio ser uma invenção do homem, através de um ato de sua vontade, se sua vontade não existe? Calvino luta com o problema da vontade do homem e é forçado a reconhecer que o homem não é racional sem ela:

> Eu me sinto feliz com o bem-conhecido ditado que foi emprestado dos escritos de Agostinho, que diz que os dons naturais do homem foram corrompidos pelo pecado e seus dons sobrenaturais foram retidos [na verdade, sendo uma criatura e não o Criador, o homem nunca teve dons "sobrenaturais"].
>
> Pois, embora ainda havendo [após a queda de Adão] algum resíduo de inteligência e julgamento, bem como, vontade [devido ã] razão, pela qual o homem discerne entre o bem e o mal [...], [e que] não poderia ser, completamente, destruída; porém [...] uma ruína disforme é tudo o que resta [...]; a vontade, por ser inseparável da natureza do homem, não perece; porém, foi tão escravizada pelas paixões depravadas que é incapaz de um único justo desejo [...].
>
> Acusar o intelecto de cegueira perpétua, de modo a deixá-lo sem inteligência de qualquer natureza que seja, é repugnante não somente à Palavra de Deus, mas também à experiência comum

10 Ibid., p. 7.

11 David O. Wilmouth, *The Baptist Examiner*, 16 set. 1989, p. 5.

> [...]; a mente humana [retém] um certo desejo de investigar a verdade [...], [mas ela] perece antes de alcançar o objetivo [...], caindo em vaidade [...]; é incapaz, devido ao seu embotamento, de perseguir o caminho reto [...] e, após várias andanças, tropeçando de vez em quando e, em seguida, como um tatear nas trevas, por fim, fica muito completamente desnorteada [...].
>
> Ainda assim, no entanto, os esforços humanos nem sempre são tão absolutamente inúteis que não conduzam a alguns resultados [...].[12]

Calvino continua nesse estilo página após página. O homem tem alguma inteligência para discernir "entre o bem o mal", mas essa habilidade é "uma ruína disforme [...]". O que isso significa? Ele não pode nos dizer. A vontade não pereceu, mas foi tão escravizada, é moralmente inútil para desejar o bem, o qual ela mal percebe. O homem tem algum desejo pela verdade, mas é incapaz devido ao "embotamento" para persegui-la completamente, de modo que ele se torna "completamente desnorteado", no entanto, seus esforços não são "tão absolutamente inúteis que não o conduzam a alguns resultados [...]". Todos os esforços para se livrar das dificuldades somente levam Calvino a afundar, profundamente, no pântano da sua maquinação.

Longe de apoiar tais afirmações, através de cuidadosa exegese da Escritura, Calvino não pode fornecer um verso que se aproxime do que ele teoriza. Na verdade, o que ele afirma? Ele limita, qualifica e contradiz a si mesmo tão frequentemente que ele realmente não oferece coisa alguma, a não ser conversa inútil.

Por Que Deus Não Acaba Com o Mal e o Sofrimento?

É claro, o homem pecador e o rebelde Satanás devem ser culpados, e Deus, que é perfeito em santidade, deve ser absolvido — po-

12 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), volume 2, ii.12–13.

rém, isso é impossível se Deus predestinou tudo. Muitas páginas e, até mesmo capítulos das *Institutas*, são oferecidas para tentar provar que tudo o que homem faz, incluindo todo o mal, é preordenado por Deus, mas que, ainda assim, o homem é culpado e punido, com justiça, por Deus, por fazer o próprio mal que Ele ordenou (veja, por exemplo, *Institutas* vol. 1, xv–xviii; vol. 3, xxi–xxiv).

Muitos dos calvinistas modernos negam que o Calvinismo ensina que Deus causa o mal. No entanto, é nisso claramente que o próprio Calvino insistia: "que os homens nada fazem, salvo pela secreta instigação de Deus, e não discutem e deliberam sobre qualquer coisa, mas o que Ele previamente decretou Consigo mesmo e fez passar pela Sua secreta direção, é provado por inúmeras e claras passagens da Escritura"[13]. Na verdade, não existem tais passagens — e os exemplos de Calvino se aplicam somente a alguns homens, não a todos.

Não poderia o pecador colocar a culpa de seu pecado e eterno sofrimento no Lago de Fogo num Deus que lhe permitisse escolher somente o mal e não o bem? Quem, pelo eterno decreto, soberanamente, originou os seus pensamentos maus e causou suas más ações e, em seguida, como punição para esse mal, o predestinou ao tormento eterno? Mas espere! Romanos 9:19–22 não declara que homem algum tem o direito de reclamar contra Deus? Paulo pergunta: "porventura a coisa formada dirá ao que aformou: por que me fizeste assim? Não tem o oleiro poder sobre o barro, para, da mesma massa, fazer um vaso para honra e outro para desonra?" Essa importante questão será discutida em profundidade mais tarde.

Por que, já que Deus é soberano e todo-poderoso, Ele não intervém e acaba com o mal? Entretanto, essa é uma questão sem sentido, se (conforme é alegado) Deus decretou os excessivos mal e sofrimento que afligem a humanidade. Por que Ele desfaria o que Ele pré-ordenou? No entanto, os calvinistas insistem que Deus poderia acabar com todo o mal, se Ele assim desejasse, pois Ele controla tudo. Porém, como poderia Deus reverter o que Ele predestinou? Ele não pode mudar Sua mente ou ir de encontro à Sua Palavra. Portanto, se Ele pré-ordenou o mal, Ele não pode acabar com ele. Aqui descobrimos outra contradição.

---

13 ibid., vol. 1, xviii.1.

A questão não pode ser desprezada: por que um Deus bom, que é amor, decretaria o mal e o sofrimento para bilhões, não somente nesta vida, mas pela eternidade, no Lago de Fogo? Essa questão é um embarasso para, no mínimo, alguns calvinistas como R.C. Sproul e John Piper, pois não existe resposta racional alguma (muito menos bíblica) dentro desse sistema teológico. Isso foi admitido pelo próprio Calvino: "eu, novamente, pergunto: como é que a queda de Adão envolve tantas nações, com seus infantes, na morte eterna, sem remédio, a não ser que isso seja para satisfazer a Deus? Aqui a maioria dos linguarudos deve se calar"[14].

Existe, é claro, uma resposta bíblica para essa questão do pecado, a qual satisfaz a conciência dada, por Deus, ao homem. O homem tem genuína responsabilidade moral para com Deus, porque, começando com Adão e Eva e chegando ao presente, "todos pecaram" por meio de seu próprio livre-arbítrio, não por um decreto divino, imposto. Portanto, qualquer intervenção soberana que não envolvesse aniquilar a raça humana não resolveria o problema do mal, porque o mal vem de dentro do coração do homem.

Jesus disse que do próprio coração do homem "procedem [...] os maus pensamentos, assassinatos, adultérios, fornicações, roubos, falsos testemunhos, blasfêmias [...]" (Mateus 15:19). A solução única que não envolvesse destruir a humanidade, assim como Deus quase fez no dilúvio, seria mudar, completamente, o coração do homem. O calvinismo alega que Deus pode fazer isso através de uma "regeneração" soberana daqueles que Ele quer, sem qualquer fé ou entendimento por parte do homem. Se esse fosse o caso, Ele poderia ter feito dessa forma com Adão e Eva, bem como com toda a humanidade, eliminando o pecado e o sofrimento em toda a história humana. Se o problema do pecado fosse dependesse apenas da obra de Deus, então Ele poderia desfazê-lo também; mas, não pode, se Ele o pré-ordenou!

Pelo contrário, porque foi pelo homem que o pecado entrou no mundo, então, a solução bíblica é encontrada somente no homem Jesus Cristo (Romanos 5:12–21). Somente através da Sua Morte, como

14 Ibid., vol. 3, xxiii.7.

pagamento da justa pena pelos nossos pecados, e na Sua ressurreição, para infundir Sua vida nos crentes, o homem pode ser perdoado e nascer de novo do Espírito de Deus.

Essa salvação maravilhosa não pode ser forçada sobre qualquer pessoa, mas é dom gracioso de Deus para todos que irão recebê-la, crendo no Evangelho de Jesus Cristo. É pela fé que somos salvos e criados em Cristo Jesus, "para as boas obras, às quais Deus antes ordenou que andássemos nelas" (Efésios 2:8–10). Crer no Evangelho e receber a Cristo, exige o exercício de uma livre escolha por parte do homem; uma escolha que o calvinismo não permite. Conforme explicou o professor Andrew Fairbairn, de Oxford:

> Enquanto a Liberdade reinou no Céu, a Necessidade governou sobre Terra; e os homens eram apenas peões nas mãos do Todo-poderoso, que os movia para onde Ele queria. Esse foi o princípio comum a teologias como as de Agostinho e Calvino [...]. Elas transformaram em ilusão a nossa experiência mais comum. [15]

Consequências Práticas de Se Negar o Livre-arbítrio

Lamentavelmente, muitos daqueles que negam que Deus permite qualquer livre escolha ao homem têm sido propensos a agir como a Divindade em que acreditam, negando a escolha àqueles que discordam deles e tentando coagir a todos à conformidade. Nisso eles seguem Calvino, que "exigiu que o Estado devesse consentir em ser servo da Igreja [...]. Liberdade de consciência não era concedida. Heréticos e dissidentes eram executados ou banidos, e o povo era compelido, pelos braços da magistratura, a realizar o que era considerado seus deveres religiosos"[16].

15 Andrew M. Fairbairn, *The Philosophy of the Christian Religion* (Nova Iorque: The MacMillan Co., 1923), p. 179.

16 John Horsch, *History of Christianity* (Scottsdale, PA: John Horsch, 1903), p. 270.

Conforme temos visto, ao constituir uma igreja estatal, nos primeiros dias da Reforma, os calvinistas impuseram suas visões sobre os outros, sempre que possível. Um historiador escreveu, "a maioria dos idealizadores de novos credos [na Inglaterra e na Escócia], acreditavam no direito divino do presbiterianismo. Eles consideravam dever do Estado conseguir a uniformidade e estavam despreparados para fazer concessões de qualquer importância aos independentes [isto é, às "igrejas livres" que rejeitavam o sistema de igreja estatal]. Em 1648, o Parlamento aprovou uma lei de extrema intolerância religiosa. Oito [teológicos] erros [eram] puníveis com a morte"[17].

Conforme também observamos, a Assembléia de Westminster foi convocada e financiada pelo Parlamento e foi controlada pelos presbiterianos; batistas e independentes eram excluídos como "inimigos mortais da igreja estatal"[18]. Qualquer crença religiosa diferente do calvinismo "era denunciada pelos líderes, membros da Assembléia [Westminster], como 'o último e mais forte reduto de Satanás' [...]". A Assembléia estava determinada a impor sua concepção religiosa "à toda a população"[19].

As Horríveis Consequências da "Soberania" Calvinista

Esse pequeno segmento da história fornece centenas de exemplos de homens que amaram o Senhor de todo coração e estavam dispostos a sofrer aprisionamento e morte no Seu serviço, no entanto, por causa de algumas das crenças religiosas, eles trataram outros cristãos de uma maneira não cristã. Samuel Rutherford foi um desses homens. Suas cartas da prisão continham tais visões espirituais profundas e foram tão comoventes que quase 400 edições foram, even-

---

17 George Park Fisher, *History of the Christian Church* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1902), p. 406.

18 A. C. Underwood, *A History of the English Baptists* (The Baptist Union of Great Britain and Ireland, 1970), p. 72.

19 Albert H. Newman, *A Manual of Church History* (Philadelphia, PA: American Baptist Publication Society, 1933), vol. 2, pp. 286-287.

tualmente, publicadas. Robert Murray McCheyne disse que "as *Cartas de Samuel Rutherford* estavam, frequentemente, em suas mãos". Richard Baxter tinha essas cartas em tanta consideração, que chegou a dizer que, além da Bíblia, "um livro semelhante às cartas do sr. Rutherford, o mundo jamais viu igual". Spurgeon as considerava "a coisa mais próxima à inspiração, que pode ser encontrada em todos os escritos de meros homens"[20].

Historiadores descrevem Rutherford como "um homem piedoso e cheio de graça", no entanto, por causa das suas crenças calvinistas, ele "negou, absolutamente, os princípios morais básicos da tolerância religiosa"[21]. Soando como os papas, os quais ele desprezava, ele foi tão longe que chegou a declarar que "existe, porém, uma única Igreja verdadeira e todos os que estão fora dela, são heréticos e devem ser destruídos!"[22]

Nunca, Cristo ou os Seus Apóstolos ou a Igreja Primitiva tentaram impor, a qualquer pessoa, a crença no Evangelho. A tolerância que a Igreja Primitiva tinha pelos ímpios em torno dela não era uma aceitação dos seus erros. Era um reconhecimento de que ninguém pode ser forçado, contra a sua vontade, ao Reino de Deus. Eles tentavam persuadir os pagãos a crer no Evangelho, porém nunca tentaram forçá-los a fazer isso (assim como o Islã exige) — nem acreditavam que Deus poderia e que faria isso. O Evangelho são as boas-novas em Cristo do amor de Deus e só pode ser recebido voluntariamente com o coração. Visto que o calvinismo nega a necessidade de escolha, era natural que os seus adeptos procurassem impor suas visões a todos os dissidentes.

Roger Williams, um dos mais conhecidos advogados da liberdade religiosa, nos seus dias, publicou um protesto entitulado *The Bloudy Tenent of Persecution for Cause and Conscience* [A Doutrina Sangrenta

20 *Letters of Samuel Rutherford* (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1996; 1. ed. 1664), contracapa.

21 David Gay, *Battle for the Church, 1517-1644* (Lowestoft, UK: Braehus, 1997), p. 438.

22 A. C. Underwood, *A History of the English Baptists* (The Baptist Union of Great Britain and Ireland, 1970), p. 72.

de Perseguição Pela Causa e Pela Consciência]. Ele fugiu da Inglaterra para a América, onde foi maltratado pelos puritanos. Na Inglaterra, A Assembléia de Westminster queimou, publicamente, o seu livro[23]. Em 1648, os presbiterianos conseguiram aprovar a "lei da mordaça [...] para punir os batistas como 'blasfemos e heréticos'[...]. Sob essa lei infame, quatrocentos batistas foram para a prisão"[24].

De fato, os dissidentes sofreram perseguição e aprisionamento por anos — protestantes sofrendo nas mãos de companheiros protestantes, por não serem calvinistas. Quase trinta anos antes, a seguinte petição intitulada "A most Humble Supplication of many of the King's Majesty's loyal sybjects [...] who are persecuted (only for differing in religion) contrary to Divine and human testimonies" [A mais Humilde Súplica dos muitos súditos leais à Sua Majestade [...] os quais, são perseguidos (apenas por divergirem em religião), contrariamente aos testemunhos humano e Divino] foi contrabandeada para fora da prisão:

> Nossas misérias são longos e duradouros aprisionamentos, por muitos anos, nos vários condados da Inglaterra, nos quais muitos têm morrido e deixado para trás suas viúvas e muitas crianças pequenas; tirando nossos bens [...] não por qualquer deslealdade à Vossa Majestade, nem por ferir qualquer homem mortal [...]. Mas, unicamente, porque ousamos simplesmente não consentir e praticar na adoração a Deus coisas tais em que não cremos, porque são pecados contra o Altíssimo.[25]

Muitos calvinistas lamentariam a perseguição perpetrada pelos primeiros proponentes da sua doutrina. Eles não aprovariam esse

---

23 C. Sylvester Home, *A Popular History of the Free Churches* (Cambridge, UK: James Clarke and Co., 1903), pp. 124–127.

24 John T. Christian, *A History of the Baptists* (Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1922), vol. 1, pp. 296–297.

25 David Gay, *Battle for the Church, 1517–1644* (Lowestoft, UK: Braehus, 1997), p. 367.

lado da Assembleia de Westminster. No entanto, eles elogiam sua confissão calvinista, aparentemente, cegos para a conexão entre as duas. E eles, zelosamente, promovem o calvinismo como a "teologia reformada", como se os calvinistas tivessem, sozinhos, carregado a Reforma em seus ombros. Havia centenas de milhares de outros que foram, simplesmente, tão sinceros na sua fé (e acreditamos que muito mais bíblicos) quanto o foram Calvino e Lutero; no entanto, sofreram por Cristo, nas mãos não apenas dos católicos romanos, mas também, de calvinistas e luteranos.

Amor: O Ingrediente Esquecido

O amor de Deus pelos perdidos e o amor dos cristãos pelos perdidos — os dois temas mais interrelacionados da Escritura — não têm parte com o calvinismo. Sabemos que muitos se ofenderiam com essa declaração e que realmente estão amorosamente preocupados com o perdido. Isto é, entretanto, a despeito do calvinismo e contrariamente a ele, e não por causa dele. Apesar do professor — presbiteriano — de Teologia e, por uma vez, Moderador da Assembleia Geral, reconhecer:

> Ao longo da Confissão de Westminster, com justiça, poderia ser escrito: "o Evangelho é unicamente para o eleito". Essa Confissão foi escrita sob o domínio absoluto de uma ideia, a doutrina da Predestinação. Ela não contém qualquer destas três verdades: o amor de Deus por um mundo perdido; a compaixão de Cristo por um mundo perdido e o Evangelho para um mundo perdido.[26]

Em todas as *Institutas da Religião Cristã* de Calvino não existe uma única menção do amor de Deus pelo perdido! Isso não é surpreendente diante do fato de que o Deus de Calvino somente pode

26 Citado em Augustus H. Strong, *Systmatic Theology* (ValleyForge, PA: Judson Press, 1907), p. 779.

amar o eleito[27]. Será que isso não incomoda os líderes evangélicos de hoje, os quais elogiam Calvino como um grande exegeta e chamam a si mesmos de calvinistas?

Além disso, o conceito de amor de Calvino é defeituoso. Ele diz que Deus "exige que o amor que nutrimos por Ele seja difundido entre toda humanidade, para que nosso princípio fundamental seja sempre que o homem, seja que ele for, ainda assim será amado; porque Deus é amor"[28]. Esse é um dos vários lugares onde Calvino diz que os cristãos devem amar "toda a humanidade". Não deveria Deus, então, que é amor, amar todos os homens, igualmente? Calvino nunca disse isso, porém aqui ele parece sugerir, no mínimo, um acordo com esse princípio — ainda assim, sua ideia sobre o amor de Deus é, na verdade, estranha.

Ele nos diz que "a bondade sem limites de Deus é mostrada" a todos, "mas não de modo a trazer salvação a todos"[29]. Como poderia "uma bondade" que acaba antes do que ela poderia fazer, ser com seriedade descrita como "bondade"; como ela poderia ser "ilimitada"? Essa bondade (a despeito de seu fracasso) é dita por Calvino como sendo a "evidência do amor [de Deus]". Novamente perguntamos: como pode o fracasso de deixar de fazer todo o bem que Deus é capaz de fazer ser uma evidência do Seu amor? E evidência a quem? E, como pode ser dito que Deus ama aqueles que Ele predestinou ao tormento eterno, antes de nascerem?

Essa visão deformada do amor de Deus é ainda mais evidente na declaração de Calvino de que essa suposta amostra da "bondade" de Deus não é para o propósito de ajudar a toda humanidade. Pelo contrário, a intenção de Deus, é trazer "um julgamento mais pesado [...] [sobre] o reprovado, por rejeitar a evidência do Seu [de Deus] amor"[30]. Esse argumento nos deixa atordoados. Pode uma "bonda-

27 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion* (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 2, xvi.3-4; vol. 2, xvii.2-5.

28 Ibid., vol. 2, viii.55.

29 Ibid., vol. 3, xxiv.2.

30 Ibid.

de", que não faz todo o bem que poderia fazer, ser evidência do amor de Deus? Não poderia, na verdade, ser evidência de uma falta de amor? E, usando o senso comum, bem como a consciência que Deus nos deu: será que seremos condenados ao rejeitar o que Calvino, erroneamente, chamou de "evidência do amor de Deus"?

O Fracasso nas Tentativas de "Explicação"

Siga o raciocínio de Calvino. Deus ama e salva apenas os eleitos; Ele Se nega salvar aqueles que Ele não elegeu para a salvação. Inacreditavelmente, através de um "lampejo de luz da Sua palavra sobre quem não merece", Ele revela Sua bondade e Seu amor, retendo deles a Sua palavra, o que é melhor para condená-los por "rejeitarem a evidência do Seu amor".

Tal raciocínio deformado é parte integral das tentativas de mostrar que Deus ama aqueles que Ele poderia salvar, mas, pelo contrário, condena. Eu ouvi isso do pastor e autor John Piper, um dos mais respeitados calvinistas dos dias de hoje:

> Não negamos que todos os homens são os beneficiários intencionais da cruz em algum sentido [...]. O que negamos é que todos os homens sejam os beneficiários intencionais da morte de Cristo da mesma maneira. Toda a misericórdia de Deus para com os incrédulos — desde o nascer do sol (Mateus 5:45) até a pregação global do Evangelho (João 3:16) — se torna possível por causa da cruz [...]. Toda vez que o Evangelho é pregado aos incrédulos, isso é a misericórdia de Deus, que concede essa oportunidade, para salvação.[31] (ênfase no original)

Tentar argumentar com aqueles que esposam tais declarações contraditórias, obviamente, deixa-nos com uma a sensação de com-

31 John Piper e a equipe pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 14.

pleta frustração. Proclamar o Evangelho àqueles que Ele predestinou para a condenação é um ato da misericórdia de Deus, pelo qual Ele está dando uma "oportunidade de salvação" àqueles que não podem ser salvos?! E que o Evangelho seja pregado aos condenados não eleitos decorre da "misericórdia de Deus para com os incrédulos", a qual flui da cruz?

Palavras como amor, graça e misericórdia, parecem que perderam o que uma vez foi o seu significado. É impossível argumentar com aqueles para quem, o que foi dito, parece razoável. Será que estamos falando sobre dois "deuses" diferentes e dois "Evangelhos" diferentes — um descrito na Bíblia e o outro inventado por Calvino e Agostinho?

Diferenciando Entre Presciência e Predestinação

A visão calvinista da predestinação, a qual para Calvino era aparentemente, vazia de amor genuíno é uma grande parte do problema. Como temos visto, Pink diz, "Deus pré-conhece o que acontecerá, porque Ele preordenou o que deve acontecer"[32]. Ele estava seguindo Calvino, o qual disse que "Deus pré-conhece qual será o fim do homem [...], porque Ele tinha, assim, preordenado por Seu decreto"[33]. Central a essa crença é a negação de que a presciência de Deus tem algo a ver com saber algo de antemão. Ao invés disso, a presciência é definida como "pré-ordenação" e é equiparada à predestinação.

Assim, quando Paulo escreve, "pois aqueles a quem Ele pré-conheceu, Ele também predestinou" (Romanos 8:29), Calvino insiste que deve ser lido, "pois aqueles a quem Ele predestinou, Ele também predestinou" — uma redundância óbvia. Isso será discutido mais tarde, quando chegarmos à Predestinação. Foi mencionado aqui apenas

32 Arthur W. Pink, *The Doctrine of Election and Justification* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1974), p. 172.

33 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxiii.7.

para mostrar por que essa visão foi adotada por Calvino, uma visão que é seguida, lealmente, por seus seguidores modernos.

Saber algo de antemão não é o mesmo que predeterminar o que irá acontecer. Pré-ordenação e presciência não são as mesmas coisas, porém elas podem se sobrepor. O que quer que Deus tenha predestinado, Ele, obviamente, sabe o que acontecerá. Sua presciência, no entanto, não está limitada ao que Ele predestinou. Ele não necessita predestinar algo, a fim de saber se vai acontecer. Se esse fosse o caso, conforme temos visto, Deus não seria onisciente.

Uma visão antibíblica da predestinação, conforme veremos em maiores detalhes mais tarde, é fundamental ao calvinismo. Artur W. Pink afirma que "Deus decretou, desde toda a eternidade, que Judas traísse o Senhor Jesus", porque através de Zacarias "Deus declarou que Seu Filho seria vendido por 'tinta moedas de prata' (Zacarias 11:12) [...]. Na profecia, Deus torna conhecido o que acontecerá e ao tornar conhecido o que acontecerá, Ele está, assim, nos revelando o que Ele mesmo ordenou que acontecerá". Pink continua argumentando que, à despeito de tudo que ele fez, sendo pré-ordenado, Judas era, no entanto, "um agente responsável ao cumprir esse decreto divino"[34].

Pink é bem conhecido por suas fortes visões a respeito da soberania de Deus, especialmente por causa de seu livro *The Sovereignty of God* [A Soberania de Deus]. Vance aponta que "o calvinismo de Pink perturbou alguns calvinistas tão fortemente, que foi feita uma tentativa de suavizar o seu tom, através de uma "edição revisada inglesa" de *The Sovereignty of God*, na edição de 1961, da *The Banner of Truth Trust*, na qual três capítulos e os quatro apêndices foram eliminados. Por isso, eles foram severamente criticados (e corretamente) por outros calvinistas"[35].

Filósofos e teólogos têm especulado muito acerca de como Deus poderia saber o futuro, sem causar o futuro. As consequências disso,

---

34 Arthur W. Pink, *The Doctrine of Election and Justification* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1974), p. 155.

35 Mare D. Carpenter, parte 1 de "The Banner of Truth Versus Calvinism", *The Trinity Review*, mai. 1997, pp. 1–4; citado em Vance, *The Other Side of Calvinism*, p. 24.

sendo verdade, são sérias. Já temos dado duas razões pelas quais a presciência de Deus do que acontecerá não tem, necessariamente, qualquer influência sobre o que, para o homem, são eventos futuros. Até mesmo Calvino escreveu, "eu, da minha parte, estou disposto a admitir que a mera presciência não estabelece necessidade sobre as criaturas; embora alguns não concordem com isso, mas afirmem que ela [a presciência] é a própria causa das coisas"[36]. O entendimento de Calvino, entretanto, era que ele sustentava que a presciência e a predestinação são a mesma coisa: "porém, visto que Ele prevê as coisas, as quais estão para acontecer simplesmente por que Ele decretou que elas assim aconteçam, é vão debater acerca da presciência, embora seja claro que todos os eventos acontecem pelo Seu soberano apontamento"[37].

É claro, "todos os eventos" devem incluir todo mal, seja por palavra ou ato. Assim, aqui novamente como em outros lugares, Calvino, de maneira direta, declara que Deus é a causa do mal. No entanto, diante das inegáveis evidências, os assim chamados "calvinistas moderados" de hoje negam que o calvinismo ensine que Deus é a causa e, portanto, o autor do mal. Existe, obviamente, uma vasta diferença entre dizer que Deus prevê completamente tudo o que acontecerá e permite muito daquilo que não é a Sua perfeita vontade (o que Calvino não permitiria) — e dizer que Deus predetermina tudo o que ocorre e, assim, é a causa de tudo (o que Calvino insiste ser o caso). A última visão, a qual é a doutrina fundamental do calvinismo, torna o homem um mero autômato e revela Deus como a causa efetiva por trás de todo mal, iniquidade e pecado. Assim, uma terrível blasfêmia é imposta sobre o caráter santo de Deus!

Como Calvino, Lutero afirmou que "Deus pré-conhece e deseja todas as coisas". E, argumenta que, se isso não é verdade, então "como você pode crer, confiar e descansar em Suas promessas?"[38] A

---

36 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, edição de1998), vol. 3, xxiii.6.

37 Ibid.

38 Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*. J. I. Paeker e O. R. Johnston, trads.

resposta é "Bastante fácil. Descansamos sobre as promessas de Deus, porque Ele é Deus, sabe tudo e não pode mentir".

Lutero, simplesmente, está errado aqui, assim como estava em muitas outras coisas. A Escritura, em nenhum lugar, indica que Deus deve querer todas as coisas, a fim de conhecê-las — ou a fim de fazer e manter promessas. O que Deus promete fazer, Ele fará, independentemente da vontade ou da ação do homem, ou da natureza; no entanto, sem violar a vontade do homem. Que Ele é capaz de proteger-nos e levar-nos ao céu não exige que Ele deva querer todo evento que nos rodeia — muito menos, que Ele deve ser a causa direta de todo pecado que cometemos ou de que podemos nos tornar vítimas.

Presciência Como Prova

Mais do que simplesmente afirmar que Deus conhece o futuro de antemão, as Escrituras comprovam esse fato, revelando Sua infinita presciência em centenas de profecias sobrenaturais, nelas registradas. Deus prediz o futuro, através dos Seus profetas, por uma série de razões; as principais são para provar que Ele é o único Deus verdadeiro, quando confrontado com os falsos deuses; e para comprovar, sem sombra de dúvida, que, em contraste com todos os outros livros sagrados das religiões mundiais, a Bíblia é a Sua única e infalível Palavra à humanidade. Assim, Deus declara:

- Eis que as primeiras coisas [as quais Eu predisse] já se cumpriram, e as novas Eu vos anuncio, e, antes que venham à luz, vo-las faço ouvir. (Isaías 42:9)

- Eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a Mim, declarando o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam; e que digo:

(Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957; 11. Impressão, 1999), pp. 83–84.

O Meu conselho será firme, e farei toda a Minha vontade. (Isaías 46:9–10)

- Eu te anunciei desde então, e te fiz ouvir antes que acontecesse, para que não dissesses: O meu ídolo fez estas coisas, e a minha imagem de escultura, e a minha imagem de fundição as mandou. (Isaías 48:5)

No mínimo, por duas razões, não se pode negar a completa presciência de Deus a respeito do futuro. Primeiro de tudo, negar-se-ia Deus conforme Ele necessariamente é, e conforme a Bíblia O apresenta. Em segundo lugar, negar-se-ia o verdadeiro fundamento do cristianismo. As profecias do Antigo Testamento compreendem a maior evidência que Deus oferece à fé humana de que Jesus de Nazaré é o Messias de Israel. Sem Ele não existe cristianismo. Tão completa é essa prova — apenas sobre as bases de numerosas profecias claras — que ninguém que faz uma cuidadosa investigação pode, honestamente, negar que o Senhor Jesus Cristo é o Messias profetizado, o Salvador do mundo.

O apóstolo Paulo, de maneira sólida, liga o Evangelho de nossa salvação em Cristo à presciência de Deus, expressada através dos Seus profetas: "o Evangelho de Deus (o qual Ele prometeu, anteriormente, por Seus profetas, nas santas Escrituras) a respeito do Seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor [...]" (Romanos 1:1–3).

Paulo torna válido o Evangelho da salvação com a frase, "de acordo com as Escrituras", significando, é claro, as profecias do Antigo Testamento:

> Além do mais, irmãos, eu vos declaro o Evangelho que eu vos anunciei; o qual, também recebestes, e nele permaneceis [...]. Que Cristo morreu por nossos pecados, *segundo as Escrituras*; e que foi sepultado e que ressurgiu ao terceiro dia, *segundo as Escrituras* [...]. (1 Coríntios 15:1–4; ênfase adicionada)

Sem que os profetas de Deus, através da Sua presciência, nos tivessem falado como, onde e quando o Messias nasceria, bem como

da Sua vida sem pecado e Seus milagres, Sua traição por trinta moedas de prata por um dos seus discípulos, Sua rejeição pelo Seu povo — os judeus — e muitas outras profecias específicas, incluindo Sua cruel crucificação e Sua gloriosa ressurreição, não teríamos qualquer meio de identificar o Messias quando Ele veio. Tivessem os detalhes precisos não sido preditos pelos profetas — que já tinham sido provados como inspirados por Deus — Suas traição, rejeição e crucificação seriam suficientes para nos convencer (assim como a maioria dos judeus modernos está convencida) de que Ele não poderia ter sido o Messias. A identificação detalhada deixa aqueles que rejeitaram sem desculpas.

Nenhuma das religiões mundiais possui tais evidências proféticas para sua validação. Não existem profecias para Buda, Confúcio, Maomé ou qualquer outro líder das religiões mundiais; enquanto existem, literalmente, centenas de profecias, provando que Jesus Cristo é o Messias.

E aqui, confrontamos outra estranha contradição (a qual está além do escopo desse livro; porém que temos lidado em outros escritos): que aqueles, da assim chamada, posição reformada (em geral), os quais colocam tanta ênfase sobre o que a presciência e a predestinação têm, sob a liderança de Agostinho, no entanto, rejeitado o arrebatamento pré-milenar da Igreja, o reino milenar e literal de Jesus Cristo sobre o trono de Davi, e o cumprimento de todas as promessas de Deus ao Seu povo escolhido, Israel, juntamente com muito mais coisas, as quais são, claramente, profetizadas para o futuro. Ao invés disso, como Agostinho e para o seu próprio prejuízo, alegorizaram e espiritualizaram, dessa forma, essa massiva e vital porção da presciência revelada de Deus — as próprias profecias, a respeito de Israel e que constituem as maiores provas de que Deus forneceu de Sua existência e de que a Bíblia é a Sua Palavra.

E Quanto à Vontade Humana?

Tão certo quanto reconhecemos que Deus é soberano, reconhecemos também que temos, no mínimo, liberdade limitada para agirmos dentro de quaisquer fronteiras que Ele deve ter estabelecido para

as ações humanas. Esse reconhecimento parece ser, continuamente, validado pela experiência diária. O que L. S. Keyser diz dificilmente poderia ser contestado: "que o homem tem a consciência, pela qual distingue entre o certo e o errado, e o livre-arbítrio, pelo qual ele é capaz de escolher entre eles, dificilmente parece exigir qualquer argumento [...]. Sua completa experiência lhe diz que ele é um ser moral livre"[39]. Alexander Maclaren, um dos grandes batistas da Inglaterra, se coloca em temos similares:

> Se eu não posso confiar nos meus sentidos para que eu faça isto ou não faça, conforme minha escolha, então não existe coisa alguma em que eu possa confiar. A vontade é o poder de determinar qual das duas [ou mais] estradas eu devo seguir [...]. Deus, a infinita Vontade, deu ao homem, a quem Ele fez à Sua imagem, esse inexplicável e impressionante poder, de concordar ou de se opor ao Seu propósito e à Sua voz [...].[40]

Não são apenas os calvinistas e os luteranos que negam o livre-arbítrio, porém, por milhares de anos, ateístas e céticos têm também argumentado contra essa crença. Até mesmo Armínio declarou que "o livre-arbítrio humano em direção ao verdadeiro Deus está [...] aprisionado, destruído e perdido [...]; ele [o livre-arbítrio] não tem poder, qualquer que seja, exceto quando excitado pela Graça Divina"[41]. É claro, nem pode o homem pensar racionalmente ou até mesmo respirar, exceto pela graça de Deus — porém, pensamos, respiramos e fazemos escolhas por nossas próprias vontades, assim como pela graça de Deus.

Dificilmente parece razoável que nossa percepção de fazer escolhas, algumas das quais agonizamos por dias, poderia simplesmente

39 Leander S. Keyser, *Election and Conversion* (Burlington, IA: Literary Board, 1914), p. 96.

40 Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture* (Londres: Hodder and Stoughton, sem data), vol. 2, pp. 333–334.

41 Jacó Arminio, *The Works of James Arminius*. James e William Nichols, trads. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), vol. 2, p. 192.

ser uma ilusão e que somos meros fantoches da pré-ordenação de Deus. Nas suas Confissões, Agostinho, suposto originador da "soberania absoluta", escreveu:

> Eu sabia que eu tinha uma vontade, bem como, que eu tinha uma vida: quando, então, eu queria ou não queria alguma coisa, eu estava certo de que era eu mesmo, e não outro, o que queria ou não queria: e eu, porém, completamente, percebi que ali estava a causa do meu pecado.[42]

O próprio fato de João nos falar que os remidos são nascidos de novo "não da vontade do homem" indica que deve haver muito mais pelo que a vontade do homem seja culpada e responsabilizada. A declaração de Pedro de que os homens "são voluntariamente ignorantes" (2 Pedro 3:5) acerca da verdade de Deus indica que a depravação não é algo além do controle humano, mas o produto da sua escolha voluntária. Que Deus disse a Israel, "se vocês quiserem e obedecerem [...], porém, se vocês recusarem e se rebelarem [...]" (Isaías 1:19–20) indica, novamente, que o homem pode ser responsabilizado e pode escolher, por um ato de sua vontade, obedecer ou desobedecer a Deus. Existem numerosas declarações da Escritura indicando que Deus deu ao homem livre-arbítrio para fazer escolhas espirituais e morais, pelas quais ele sozinho será culpado e responsabilizado.

Embora Deus opere "todas as coisas segundo [de acordo] o conselho da Sua própria vontade" (Efésios 1:11), isso não declara que Deus é a causa de tudo que acontece no universo. É perfeitamente compatível com a soberania de Deus que Ele (pelo Seu próprio conselho) permita ao homem desobedecê-Lo. Sem o livre-arbítrio, o homem não poderia receber o amor de Deus, amá-Lo em retribuição, e receber o dom da salvação.

---

42 Agostinho, *The Confessions*, vol. VII:5. Marcus Dobs, trad. Em *Great Books of the Western World*. Robert Maynard Hutchins e Mortimer J. Adler, eds. (Encyclopaedia Brittanica, Inc., 1952), vol. 18.

Confusão Onde a Clareza é Necessária

Embora o calvinismo rejeite o livre-arbítrio, seus adeptos não podem concordar sobre o que ele significa. Alguns permitem a liberdade humana na esfera dos assuntos terrestres e negam-no, apenas, quando se trata de crer em Cristo. Palmer define "livre-arbítrio" como "o tipo de liberdade que o homem não tem", não apenas "para crer ou rejeitar a Cristo", porém até mesmo "a capacidade ou a liberdade para escolher o bem ou o mal".[43] Spencer ainda explica que, "a Depravação Total insiste em que o homem não tem 'livre-arbítrio' no sentido de que ele seja livre para confiar em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador"[44]. Vance responde que "nenhum filósofo que nega ao homem o livre-arbítrio o faz sobre as bases da depravação humana"[45]. Nem Calvino apresentaria (ou poderia apresentar) qualquer escritura para apoiar suas indefinidas afirmações de que o homem possa escolher algum bem, porém não o bem suficiente, ou de que ele seja, portanto, incapaz de crer em Cristo para a salvação de sua alma.

Até mesmo a definição de termos divide os calvinistas. Charles Hodge insiste que "a doutrina [calvinista] da incapacidade humana, portanto, não afirma que o homem cessou de ser um agente moral livre"[46]. Pink, entretanto, declara que "a agência moral livre é uma expressão da invenção humana[47], [a qual nega] que ele [o homem]

---

43 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1980), p. 36.

44 Duane Edward Spencer, *TULIP: The Five Points of Calvinism in the Light of Scripture* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1979), p. 27.

45 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: VancePublications, 1999), p. 201.

46 Charles Hodge, *Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1986), vol. 2, p. 260.

47 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986), p. 143.

é totalmente depravado [...][48]; a vontade do pecador é [...] livre em uma única direção, a saber, na direção do mal"[49]. Spurgeon disse, "o livre-arbítrio não tem sentido"[50]. Pink cita J. N. Darby em outro *non sequitur*: "se Cristo veio salvar aquele que está perdido, o livre-arbítrio não tem lugar"[51].

Por outro lado, Talbot e Crampton, calvinistas igualmente fortes, corretamente insistem que negar que o homem tenha "agência moral livre seria alegar que ele nunca poderia fazer uma escolha acerca de qualquer coisa. Isso seria um absurdo"[52]. Outro calvinista aponta que "Calvino retém [ao homem] tão pouco da vontade [...] que ele não pode explicar, adequadamente, o caráter moral da ação humana [em] escolhas entre o bem o mal"[53]. Cada um de nós deve chegar à sua própria conclusão, baseados na Escritura.

O Que a Escritura Diz Sobre o Livre-arbítrio?

As palavras "vontade", "livre-vontade", "disposto", "vontade livre", "livre-arbítrio" juntamente com palavras relacionadas tais como: "voluntário", "escolha", etc., são encontradas mais de 4.000 vezes na Escritura. A exigência de obediência voluntária do coração é o tema que corre por toda a Bíblia. "Se quiserdes e obedecerdes [...]" (Isaías 1:19); "se alguém quiser fazer a Sua [de Deus] vontade [...]" (João 7:17); "se crerdes de todo o coração" (Atos 8:37), etc.

---

48 Ibid., p. 138.

49 Ibid., p. 135.

50 Carlos H. Spurgeon, *Free Will: A Slave* (McDonough, GA: Free Grace Publications, 1977), p. 3.

51 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986), p. 138.

52 Kenneth G. Talbot e W. Gary Crampton, *Calvinism, Hyper-Calvinism and Arminianism* (Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, 1990), p. 18.

53 Dewey J. Hoitenga, *João Calvino and the Will: A Critique and Corrective* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997), p. 70.

Deus deseja nossos corações e o próprio conceito de "coração" usado por toda a Escritura seria sem sentido sem o livre-arbítrio. Que "o coração do rei nas mãos do Senhor é como os rios de águas: Ele o inclina para onde quer que Ele deseje" (Provérbios 21:1) não diz que o rei não tem escolha alguma, como insiste o calvinismo. No mínimo, essa é uma declaração de submissão — a Deus — de Salomão, como rei de Israel; e, no máximo, diz que Deus pode inclinar o coração de qualquer rei quando Ele assim desejar. Porém, ela não declara que tudo o que qualquer rei pensa, fala e faz está de acordo com a vontade de Deus e com a Sua pré-ordenação. Essa proposição, novamente, torna Deus o autor do mal.

A frase, "oferta voluntária" é encontrada nove vezes (Levíticos 22:21, 23; Números 15:3; Deuteronômio 16:10, 23:23; Esdras 1:4, 3:5, 7:16, 8:28) e "ofertas voluntárias" é encontrada sete vezes (Levíticos 22:18, 38; Números 29:39; Deuteronômio 12:6, 17; 2 Crônicas 31:14; Salmos 119:108). Esses números, no entanto, não contam a história toda. Houve incontáveis ofertas voluntárias conforme indica a seguinte passagem: "e Coré, o filho de Imnah, o levita [...] era responsável pelas ofertas voluntárias de Deus, para distribuir as oblações do SENHOR e a maioria das coisas santas" (2 Crônicas 31:14). A frase "ofereceu voluntariamente" é encontrada cinco vezes, tais como: "o povo ofereceu-se voluntariamente" (Juízes 5:2). Ambas as frases são até mesmo usadas em conjunto: "ofereceu voluntariamente uma oferta voluntária ao SENHOR" (Esdras 3:5). Poderia o fato de que Deus deu ao homem o livre-arbítrio — e uma das principais razões — ser declarada mais claramente?

As Influências Externas Destroem o Livre-arbítrio?

A fim de apoiar a doutrina da Depravação Total, o calvinista deve mostrar que a vontade humana está totalmente escravizada pelo pecado. O argumento que tem sido usado é que nenhuma escolha poderia ser feita sem qualquer influência. É claro, qualquer escolha que se faça é afetada, em alguma extensão, por múltiplos fatores. Saúde ou disposição mental, tempo, pressões financeiras, tentações, luxú-

ria, momento, oportunidade, e assim por diante. E muitas, senão, a maioria dessas, quase inumeráveis influências parecem estar além do controle daquele que faz a escolha. Como, então, pode a vontade ainda ser livre?

Ao pressionar esse ponto, Talbot e Crampton escrevem, "se esse conceito arminiano de livre-arbítrio fosse tomado até a sua conclusão lógica, então seria pecaminoso pregar o Evangelho ao homem caído. Por quê? Porque seria uma tentativa de levá-lo de volta a Cristo, o que seria uma violação do seu livre-arbítrio"[54]. Em outras palavras, seria errado tentar influenciar o homem a crer no Evangelho, porque sua escolha não seria feita livremente.

Então Paulo estava errado. Ele disse, "persuadimos os homens [...]" (2 Coríntios 5:11). O que estavam tentando fazer Isaías, Jeremias, Ezequiel e os profetas, senão persuadir Israel a deixar o seu mal e se voltar para Deus, em completo arrependimento?

Ecoando esse mesmo argumento, Pink imagina lançar um sopro de morte sobre o livre-arbítrio com este bombardeio: "existe algo que influencia a escolha; algo que determina a decisão"[55]. Nada disso. Influências influenciam; elas não determinam.

Nem é o livre-arbítrio um "conceito arminiano". Por milhares de anos, muitos filósofos não cristãos têm dirigido excelentes argumentos em favor do livre-arbítrio dos homens. Além do mais, o próprio fato de que várias influências são produzidas para apoiar o homem, enquanto ele chega a qualquer escolha é, em si, uma evidência de que o homem tem o livre-arbítrio. Se o homem não tivesse vontade, nada existiria para essas "influências" influenciarem. Influências não tomam decisões. A vontade leva em consideração todos os fatores e não importa quão convincentes quaisquer influências (ou seja, fatos, razões, circunstâncias, emergências, contingências, etc.) possam ter sido, a vontade ainda fará suas próprias escolhas — muitas vezes irracionalmente.

---

54 Kenneth G. Talbot e W. Gary Crampton, *Calvinism, Hyper-Calvinism and Arminianism* (Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, 1990), p. 21.

55 Citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: VancePublications, 1999), p. 202.

Que ela pode ter sido influenciada em alguma extensão de maneira nenhuma prova que a vontade não leva todos os fatores em consideração e toma a sua própria decisão. Não importa como ela alcançou a solução, somente a vontade poderia ter decidido. Embora o calvinista olhe tanto para Agostinho e avidamente o cite para apoiá-lo, aqui, novamente, Agostinho é ignorado, pois ele argumentou persuasivamente sobre esse mesmo ponto:

> [...] fazemos muitas coisas que, se não estivéssemos dispostos, certamente não faríamos. Isto é, primariamente, verdadeiro do ato próprio de querer — pois se queremos, é feito; se não queremos, não é feito — pois não devemos querer se estivéssemos indispostos.[56]

Influências podem ser poderosas. Muitos dos pregadores modernos deliberadamente empregam técnicas psicológicas e mercadejantes, aprisionando multidões em falsas profissões de fé. Deus não usa técnicas psicológicas, senão a verdade para convencer e persuadir. Esse é o propósito da profecia. Paulo "confundiu os judeus [...] provando que este é o próprio Cristo" (Atos 9:22). Apolo fez o mesmo, "publicamente, mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo" (Atos 18:28). Devemos fazer o mesmo hoje.

Existe, obviamente, uma piedosa persuasão, a qual não emprega técnicas enganosas. Além do mais, conforme já temos visto, se o calvinismo fosse verdadeiro, o uso da persuasão por Paulo seria equivocado por outras razões: o eleito não necessitaria de persuasão e o não eleito, estando totalmente depravado e predestinado à condenação eterna, não poderia ser persuadido.

A Presciência e a Vontade Humana

Diante do exposto, uma questão crucial que tem envolvido filósofos, céticos e teólogos no debate por milhares de anos é: como

56 Agostinho, *The City of God*. Marcus Dobs, trad. Em *Great Books of the Western World*. Robert Maynard Hutchins e Mortimer J. Adler, eds. (Encyclopaedia Brittanica, Inc., 1952), vol. 10.

pode a presciência de Deus e o livre-arbítrio humano, ambos, serem verdadeiros? Na medida em que Deus sabe o que qualquer pessoa irá pensar ou fazer, não está, portanto, tudo predeterminado? E, afinal, não seria o fato de descartar qualquer possibilidade de que o homem possa fazer uma escolha livre a respeito de qualquer coisa?

Já vimos por que a presciência de Deus não tem efeito causador sobre a escolha humana. Deus, sendo atemporal, vê de fora — como se já tivessem acontecido — o que para nós são eventos futuros. Assim, a Sua presciência não tem efeito sobre a vontade humana. Não existe razão por que, na Sua onisciência, Deus não possa saber o que a vontade humana livremente escolhe fazer antes que ela escolha fazer — e tem esse conhecimento sem levar o evento a acontecer.

Existe ainda outra questão que perturba a muitos: se o homem é livre para escolher entre opções, isso não iria, por si só, negar tanto a soberania de Deus quanto a Sua presciência? Lutero afirma que essa questão era o próprio coração da Reforma e do próprio Evangelho. De fato, Lutero dogmaticamente insistiu que era impossível para Deus pré-conhecer o futuro e impossível para o homem, ao mesmo tempo, ser um agente livre e agir conforme a sua vontade.

Crendo firmemente na presciência de Deus, Lutero escreveu um livro inteiro, intitulado *A Escravidão da Vontade*, para provar que a própria ideia de livre-arbítrio humano é uma falácia e uma ilusão. Várias razões já foram dadas para responder por que Lutero estava errado sobre esse ponto, e o assunto será discutido, com muito mais detalhes, no próximo capítulo.

Embora Calvino tenha aproveitado muito de Agostinho, assim como o fez Lutero, ele também rejeitou a crença agostiniana de que Deus poderia pré-conhecer o futuro, embora, ao mesmo tempo, o homem tivesse livre-arbítrio. De acordo com Calvino, a presciência não deixa espaço, qualquer que seja, para o livre-arbítrio, porque a presciência é o mesmo que a predestinação:

> Se Deus meramente previu os eventos humanos e não os arranjou ou os dispôs, conforme Lhe apraz, poderia haver espaço para se levantar a questão [do livre-arbítrio] [...], porém, visto que Ele prevê as coisas, as quais estão para

> acontecer simplesmente porque Ele as tem decretado, elas estão, assim, para acontecer; é vão debater sobre a presciência [...].
>
> Se essa ficção frígida [do livre-arbítrio] é aceita, onde estará a onipotência de Deus, pela qual Ele governa sobre todos, de acordo com o Seu conselho secreto, e da qual tudo depende?[57]

Calvino, repetidamente, usa esse raciocínio completamente falacioso e antibíblico. O calvinista aceita a contradição entre a soberania e o livre-arbítrio, a qual não existe. O fato de Deus ser capaz de permitir liberdade de escolha ao homem, embora ainda efetue Seus propósitos livremente, torna ainda mais glorificada a Sua soberana sabedoria, o Seu poder e a Sua presciência.

Agostinho (Sobre o Livre-arbítrio)

Ao aproveitar tanta coisa dele, o calvinista ignora o fato de que Agostinho claramente afirmou o livre-arbítrio do homem[58]. Além do mais, Agostinho argumentou que não existe incompatibilidade entre a soberania absoluta de Deus e o livre-arbítrio do homem; e que, negar esse fato, conforme Lutero e Calvino fizeram, seria "impiedade"! Agostinho escreve persuasivamente:

> [...] afirmamos tanto que Deus conhece todas as coisas, antes que elas venham a ocorrer e que as fazemos por nosso livre-arbítrio, quanto tudo o que sabemos e sentimos é realizado por nós, apenas, porque nós o queríamos fazer [...].

57 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxiii.6–7.

58 Agostinho, *Confessions*, VII: iii, 5; e Agostinho, *The City of God*. Marcus Dobs, trad. Em *Great Books of the Western World*. Robert Maynard Hutchins e Mortimer J. Adler, eds. (Encyclopaedia Brittanica, Inc., 1952), vols. 9–10.

> Ele que pré-conhece todas as causas das coisas e, dentre essas causas, certamente não era ignorante das nossas vontades [...]. Portanto, nossas vontades também têm, simplesmente, tanto poder, quanto Deus desejou e pré-conheceu que elas deveriam ter.[59]

> Portanto, não estamos, de modo algum, compelidos ou a manter a presciência de Deus e eliminar a liberdade da vontade, ou a manter a liberdade da vontade e negar que Ele seja presciente das coisas futuras; o que é impiedade. Porém, nós [...] fielmente e sinceramente, confessamos as duas.[60]

Agostinho sustentou a liberdade da vontade humana, até mesmo, no estado eterno: "nem devemos supor que, porque o pecado não deve ter poder para deleitar-lhes, o livre-arbítrio deve ser eliminado. Pelo contrário, com ele tudo será mais verdadeiramente livre; porque, libertos do prazer no pecado, terão prazer infalível em não pecar".[61]

Quando se chega ao livre-arbítrio, Calvino ignora Agostinho, assim como o fez Lutero — e mantêm suas teorias, ignoradas em muitas Escrituras.

Em nenhum outro lugar fica mais evidente a falha em não utilizar o raciocínio saudável quando se interpreta as Escrituras do que no debate sobre o livre-arbítrio entre Lutero e Erasmo. Isso será considerado a seguir.

---

59 Agostinho, *The City of God*. Marcus Dobs, trad. Em *Great Books of the Western World*. Robert Maynard Hutchins e Mortimer J. Adler, eds. (Encyclopaedia Brittanica, Inc., 1952), p. 9.

60 Ibid., p. 10.

61 Ibid., vol. XXII, p. 30.

CAPÍTULO 13

ERASMO E LUTERO EM DEBATE

Quase toda discussão profunda com calvinistas, eventualmente, esbarra no assunto do livre-arbítrio. E, quase sempre, se faz referência a *Escravidão da Vontade* de Martinho Lutero. John Armstrong declara, "isso é, em última instância, tudo sobre o que trata a Reforma [...]. *A Escravidão da Vontade* [...] Lutero disse que esse é um livro importante, porque ele [...] nos leva de volta aonde está a batalha real"[1].

Os calvinistas não estão sozinhos em sua grande estima por esse longo tratado. Muitos evangélicos, até mesmo sem terem lido *A Escravidão*, têm-no, bem como a Lutero, em alta consideração simplesmente por causa do seu papel fundamental na Reforma. Assim, todo o mundo ocidental tem uma dívida de gratidão a Martinho Lutero, por sua valente posição contra a tirania católica romana, que governava o mundo sem ser desafiada naquele tempo. Isso não significa, no entanto, que somos obrigados a aceitar tudo o que vem da sua pena, sem compará-lo cuidadosamente com a Palavra de Deus.

Chocado com a licenciosidade que tinha visto no Vaticano e mesmo em meio ao clero na sua visita a Roma, bem como com a venda de indulgências como passagens para o céu (financiando a construção e a reforma em andamento da Basílica de São Pedro), em 31 de outubro de 1517, Lutero afixou à porta da Capela do Castelo de Wittenberg, o seu *Debate sobre o Poder e Eficácia das Indulgências* (conhecido com as *Noventa e Cinco Teses*[2]). João Calvino contava, então, com oito anos de idade. Cópias traduzidas do original em latim foram amplamente distribuídas em muitas línguas, incitando acalorado debate em toda a Europa, despertando a esperança nas multidões de que o jugo de Roma poderia ser aliviado, senão totalmente removido.

Quando se estuda as suas *Noventa e Cinco Teses*, entretanto, percebe-se que Lutero não era inteiramente contrário às indulgências — mas somente aos seus abusos. Neste ponto, ele ainda era um

---

1 John Armstrong, "Reflections from Jonathan Edwards on the Current Debate over Justification by Faith Alone" (citado em pregação proferida na conferência *A Passion for Truth*, em Annapolis, 2000). Transcrito disponível no Instituto Jonathan Edwards, P. O. Box 2410, Princeton NJ 08542.

2 Disponível em <http://www.icinet.org/pub/resources/text/wittenberg/wittenberg-luther.html>.

católico romano no seu coração; não desejando deixar essa falsa e corrupta Igreja, mas, unicamente, reformá-la. Em vez de deixá-la, ele seria excomungado.

Ele rejeitou a venda de indulgências por dinheiro e a falsa proclamação de que uma indulgência, de qualquer tipo, poderia comprar a salvação. Isso ele fez quando, no entanto, ainda acreditava no purgatório e ê bastante claro que aceitava o valor de indulgências de um determinado tipo, pelo que se vê das seguintes porções das suas *Noventa e Cinco Teses*:

> **Parágrafos 17–22**
>
> Além do mais, não parece provado, nem pela razão nem pela Escritura, que as almas no purgatório, estão ausentes do estado de mérito [...]. Nem parece provado que as almas no purgatório, pelo menos não todas, estão certas e seguras quanto à sua própria salvação [...]. Pregadores das indulgências estão errados quando dizem que um homem é absolvido de toda penalidade e salvo pelas indulgências papais. Por uma questão de fato, o papa não dispensa às almas no purgatório penalidade alguma que, de acordo com a lei canônica, teriam que pagar nesta vida.
>
> **Parágrafo 26**
>
> O papa faz muito bem, quando concede perdão às almas, no purgatório, não pelo poder das chaves, o qual ele não tem; mas por causa da intercessão feita por elas.
>
> **Parágrafo 29**
>
> Quem sabe se todas as almas do purgatório desejam ser resgatadas, visto que temos exceções em São Severino e São Pascoal, conforme relatado em uma lenda.

Parágrafos 38–41

> No entanto, o perdão e a benção papais não são, de modo algum, desconsiderados [...], [mas] devem ser pregados com cautela, a fim de que o povo, erroneamente, não pense que elas são preferíveis às outras boas obras de amor.[3]

É bastante claro que Lutero, longe de ter renunciado a todas as abominações de Roma, estava apenas cautelosamente tateando esse caminho. O mesmo seria verdadeiro para Calvino, que seguiu as pegadas de Lutero, alguns anos mais tarde. Também não estavam quaisquer desses reformadores completamente livres dos erros de Roma. Tragicamente, muita bagagem antibíblica foi, dessa forma, trazida do catolicismo para o luteranismo e o calvinismo, o que se mantém até hoje. Por exemplo, milhões de luteranos e calvinistas, ao redor do mundo, permanecem sob a ilusão mortal de que seus batismos, enquanto crianças, os transformam em filhos de Deus, aptos para o céu. Sua, subsequente "confirmação" somente reforça essa ilusão mortal.

Alguns Fatos Relevantes

Em 12 de outubro de 1518, Lutero foi convocado à Roma pelo papa Leão X. Preso, ele foi mantido em Augsburg para averiguação diante do cardeal Caetano. Recusando um tribunal imparcial, Lutero fugiu à noite, para salvar a sua vida. Em 3 de janeiro de 1521, uma bula formal foi emitida pelo papa, condenando Lutero ao inferno, se ele não se retratasse. O imperador, comprometendo a segurança de Lutero, o convocou a comparecer diante da assembleia imperial em Worms, em 17 de abril de 1521. O chanceler de Treves, orador da assembleia, exigiu que ele se retratasse quanto aos seus escritos. Lutero fez esta corajosa e famosa réplica:

3 Ibid.

> Não posso submeter minha fé quer ao papa quer aos concílios, porque está claro como o dia que eles têm, frequentemente, contradito um ao outro. A menos que, portanto, eu esteja convencido pelo testemunho da Escritura ou pelo claro raciocínio [...], eu não posso e não irei me retratar [...]. Aqui estou eu, não posso fazer outra coisa: que Deus me socorra, amem![4]

Agora um fora-da-lei pelo edito papal, Lutero fugiu novamente e foi "sequestrado" por amigos, no seu caminho de volta a Wittenburg, que o levaram para mantê-lo a salvo no Castelo Wartburg. De lá ele disseminou mais "heresia" nos seus escritos, os quais abalaram ainda mais toda a Europa. A determinação romana de eliminar a infidelidade luterana, conforme expressa pelas autoridades católicas, em março de 1529, na segunda Assembleia de Speyer, levou um número de príncipes a afirmar o direito de viver de acordo com a Bíblia. Eles expressaram essa firme resolução no famoso "Protesto" de 19 de abril de 1529, de onde o termo "Protestante" foi cunhado.

A assembleia imperial foi convocada em Augsburg para um completo exame das heresias protestantes (Lutero, tendo sido excomungado em 1521, era um homem procurado e não se atreveu a aparecer). Em 25 de junho de 1530, a Confissão de Augsburg (preparada por Melâncton, em acordo com Lutero) foi lida diante de cerca de 200 dignitários. Ela delineou as claras diferenças entre o catolicismo e o luteranismo. Em particular, o artigo IV afirmou que os homens "são livremente justificados [...], seus pecados são perdoados por amor de Cristo, o qual, por Sua morte, fez a satisfação por nossos pecados". O artigo XIII declarou que "os sacramentos foram ordenados [...] para serem sinais e testemunhos" e condenou "aqueles que ensinam que os sacramentos se justificam por ato exterior [...]"; o artigo XV advertiu "que as tradições humanas, instituídas para fazerem propiciação diante de Deus, carecem de graça e, para fazerem satisfação pelos

---

4 J. H. Merle d'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century* (Londres: sem editora, 1846; edição revisada pelo Hartland Institute, Rapidan VA, sem data), p. 245.

pecados, são opostas ao Evangelho e à doutrina da fé. Portanto, votos e tradições a respeito de comidas e dias, etc., instituídas para merecerem graça e fazerem a satisfação pelos pecados, são inúteis e contrárias ao Evangelho"[5].

Lutero ainda esperou que a igreja pudesse ser reformada de dentro dela. Assim, a Confissão de Augsburg ainda via a Igreja Católica Romana como a verdadeira igreja, e aqueles que a assinaram afirmavam que eram verdadeiros católicos. Várias vezes esse documento se refere à firmeza da fé católica tradicional dos seus elaboradores, particularmente a sua posição pela presença real de Cristo na Eucaristia (ainda aceita pelos luteranos hoje) e pelo poder regenerador do batismo infantil, em oposição aos "hereges anabatistas".

Por incrível que pareça, esse documento, bastante católico, tem sido o credo da maioria dos luteranos desde então, incorporando oficialmente alguns dos erros de Roma no luteranismo dos dias modernos. Assim, não é de se surpreender que em Augsburg, no dia 31 de outubro de 1999 (a data e o lugar dificilmente poderiam ser uma coincidência), no que só pode ser considerado como uma afronta a Martinho Lutero e à Reforma, a Federação Luterana Mundial assinou, juntamente com representantes da Igreja Católica Romana, uma *Declaração Conjunta Sobre a Justificação Pela Fé*, afirmando um acordo sobre o principal ponto que havia dividido luteranos e católicos por quase 470 anos.

Contradições, Contradições...

Enquanto esse "acordo" estava sendo realizado para curar um cisma teológico que tinha começado com as indulgências, o papa João Paulo II, de forma desafiadora, oferecia indulgências especiais para o ano 2000: perdão dos pecados através da abstinência de cigarros por um dia, de fazer uma peregrinação a Roma, de passar por uma ou mais das "Portas Santas" que ele abriria e, assim por diante. A despeito desse novo "acordo" entre luteranos e católicos, nenhuma

5 Ibid.

mudança poderia ser percebida nas crenças e práticas católicas romanas. Tudo a que Martinho Lutero tinha feito oposição de forma tão vigorosa ainda estava no mesmo lugar — incluindo o uso do escapulário, prometendo que "qualquer que morrer usando esse escapulário não deve sofrer o fogo eterno" (João Paulo II, a quem muitos evangélicos chamam de "um bom cristão", usava o escapulário desde a infância); o uso de medalhas supostamente milagrosas para proteção; o uso da "água benta"; orações aos santos e, especialmente, à Maria, por socorro e, até mesmo, por salvação; peregrinação aos santuários (alguns peregrinos caminham sobre os joelhos sangrentos, o que é melhor para ganhar o perdão dos seus pecados); e ainda outras práticas supersticiosas e antibíblicas, que são muitíssimas para se enumerar. Nunca antes foi, dessa forma, a justificação pela fé, a qual Lutero pregou, tão completamente negada — e isso pelos luteranos ansiosos por resolver curar o fundamental rompimento com Roma, pelo qual milhares foram queimados na fogueira.

O papa teve até mesmo a impertinência de relembrar ao mundo de que a prática das santas peregrinações, para perdão dos pecados, tinha sido iniciada em 1300, pelo papa Bonifácio VIII, a quem ele elogiou como "de abençoada memória". Aparentemente, João Paulo II tinha esquecido que Bonifácio era um assassino, um anticristão, um papa fornicador assumido (uma mãe e sua filha estavam entre suas amantes), que tinha sido tão mal, que o *Inferno* de Dante o teria "enterrado" de cabeça para baixo, na fenda mais profunda do inferno.

Matando 6.000 habitantes, Bonifácio, "de abençoada memória" segundo João Paulo II, destruiu completamente a bela Colonna, cidade da Palestrina, Itália (com toda a sua arte e suas estruturas históricas, datando de antes de Júlio César), reduzindo-a a um campo arado, que ele tinha infertilizado com sal — e dando indulgências àqueles que tinham feito esse injustificado mal.

Bonifácio emitiu a *Unam Sanctam*, uma "infalível" bula papal, em 1302 (ainda hoje em plena vigor e efeito), declarando que não havia salvação fora da Igreja Católica Romana e que para alguém ser salvo era "absolutamente necessário [...] estar sujeito ao pontífice romano".

Menos de um ano após a Declaração Conjunta, João Paulo II, para não ficar atrás de Bonifácio, confirmou que não havia salvação fora

da sua Igreja. Os luteranos ficaram ofendidos, como se isso fosse algo novo. No entanto, o papa já havia feito anteriormente esses pronunciamentos, e o mesmo dogma, desde há muito, tem sido afirmado em catecismos católicos e em numerosos outros documentos oficiais. O novo "acordo" entre luteranos e católicos também não abordou (muito menos corrigiu) numerosas outras heresias romanistas.

Crédito Onde Crédito É Devido

Inquestionavelmente, Martinho Lutero foi um grande reformador a quem devemos (pela graça de Deus) muito da liberdade de adoração, consciência e pregação que existe hoje por todo o mundo ocidental, em contraste, por exemplo, à quase total ausência de tais bênçãos no mundo comunista e muçulmano. Entretanto, muito aconteceu antes de Lutero que tornou possível o que ele realizou. Esse fato deve ser levado em conta ao avaliar as suas contribuições.

O próprio Lutero disse "não somos os primeiros a declarar que o papado é o Reino do Anticristo, uma vez que, por muitos anos antes de nós, tantos e tão grandes homens [...] assumiram o compromisso de expressar a mesma coisa tão claramente [...]"[6]. Por exemplo, em um concílio geral, em Reims, no décimo século, o pispo de Órleans chamou o papa de o Anticristo. No século onze, Roma foi denunciada como "O Olho de Satanás", por Berengário de Tours. Os valdenses identificaram o papa como o Anticristo, em um tratado do ano 1100 d.C., intitulado "A Lição Nobre". Em 1206, uma conferência albigense em Montréal, França, acusou o Vaticano de ser como a mulher "embriagada com o sangue dos mártires", o que ela continua a provar até hoje, apesar dos vergonhosos novos "acordos" conjuntos entre católicos e evangélicos, bem como da mais recente Declaração Conjunta.

Um movimento entre os sacerdotes e monges chamando a um retorno à Bíblia começou muitos séculos antes de Lutero. O movimento da Reforma, dentro da igreja romana, pode ser traçado de

---

6 Ewald Plass, *What Luther Says* (St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 1987), vol. 1, p. 35.

volta a uma época tão distante quanto a de Prisciliano, bispo de Ávila. Falsamente acusado de heresia, bruxaria e imoralidade por um sínodo em Bordeaux, na França, em 384 d.C. (sete dos seus escritos, provando que essas acusações eram falsas, foram encontrados recentemente na biblioteca da Universidade de Wurzburg, na Alemanha), Prisciliano e outros seis foram decapitados no ano de 385 d.C. Milhões de verdadeiros cristãos foram martirizados nas terras da Igreja Católica Romana, nos séculos subsequentes antes da Reforma.

Dando um salto até o final dos anos 1300, João Wycliff, chamado de "a estrela da manhã da Reforma", defendeu a autoridade das Escrituras, as traduziu e as publicou na Inglaterra (e os católicos romanos as queimaram quase tão rapidamente quanto o trabalho de Wycliff), bem como pregou e escreveu contra os males dos papas e dogmas católicos, especialmente a transubstanciação. Influenciado por Wycliff, João Huss, um fervoroso sacerdote católico e reitor da Universidade de Praga, foi excomungado em 1140. Ele foi queimado como "herético" em 1415 — 100 anos antes de Lutero e da Reforma Protestante — por chamar a corrupta igreja à santidade e à autoridade da Palavra de Deus. Em 1429, o papa Martinho V ordenou ao rei da Polônia que exterminasse os hussitas.

Muitos outros, que viveram ainda mais próximo ao tempo de Lutero, desempenharam um importante papel na preparação da Europa para a Reforma. Um desses foi Erasmo de Roterdã. Por causa do seu papel ao provocar Lutero a escrever o que alguns têm chamado sua obra-prima, *A Escravidão da Vontade*, esse homem fascinante, chamado por alguns historiadores de "a ponte para a Reforma", deve ocupar um pouco da nossa atenção. No auge da Reforma, era popularmente dito em Paris que "Lutero apenas abriu a porta depois que Erasmo arrombou a fechadura"[7].

7 S. Fontaine, *Histoire Catholique de Notre Temps* (Paris: Pordrede St. Francois, 1562); citado em J. H. Merle d'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century* (Londres: sem editora, 1846; edição revisada pelo Hartland Institute, Rapidan VA, sem data), p. 411.

Erasmo de Roterdã

Erasmo é uma das mais enigmáticas e interessantes — e, de muitas maneiras, trágicas — figuras na história. Ele nasceu fora do casamento, um fato desconhecido a seu pai Geraldo que, culpado e em fuga da Holanda para Roma, foi informado de que sua amante Margarete tinha morrido. Consumido pela dor e pelo remorso, Geraldo entrou para o sacerdócio. Logo após retornar à Holanda, descobriu, para sua grande alegria, que Margarete estava tão viva quanto o filho que dela tinha nascido. Entretanto, Geraldo não quebraria os seus votos sacerdotais, nem se casaria com Margarete. Juntos se devotaram à sua criança, Erasmo, a quem colocaram na escola com a idade de quatro anos.

Apesar de ser órfão em sua adolescência e viver por anos em extrema pobreza, Erasmo perseguiu o estudo de Grego, Latim e outros clássicos, e se tornou, possivelmente, o mais eloquente erudito dos seus dias. Ordenado um sacerdote agostiniano aos 24 anos de idade — ano em que Colombo navegou para a América —, seu esplêndido intelecto e sua clareza de expressão incomum, eventualmente, tornaram Erasmo famoso. Ele era cortejado pelos poderosos e ricos, incluindo reis, príncipes, prelados e até mesmo papas, os quais obtiveram o seu favor. Henrique VIII convidou Erasmo para a Inglaterra, onde ele deu palestras na Universidade de Cambridge e se tornou amigo de celebridades, como o Arcebispo Warham, John Colet e sir Thomas More. Todo o tempo, Erasmo não fez segredo da sua antipatia por muitas práticas da sua igreja.

Tanto a rejeição da doutrina romana central da transubstanciação por Erasmo, quanto o seu senso de humor (e, não menos, sua habilidade em se manter nas graças de pessoas importantes, apesar de ofendê-las) são ilustrados por um famoso incidente. Sir Thomas emprestou a Erasmo um cavalo, para levá-lo de volta ao navio que, por sua vez, seguiria através do Canal da Mancha em direção ao continente Europeu. O sempre irascível Erasmo tomou o cavalo e embarcou com ele, e, alçando a margem, cavalgou todo o caminho para casa. Quando More se queixou, Erasmo escreveu de volta (refletindo as muitas vezes quando More tentou convencê-lo da transubstanciação) uma curta música, conforme segue:

Disseste a respeito da presença corporal de Cristo:
Creia que tens, e tu O tens.
Quanto ao cavalo emprestado, o mesmo eu digo:
Creia que tens, e tu o tens.[8]

Erasmo, o renegado, já tinha canalizado a sua afiada sagacidade para a mais avançada sátira, a qual ele usou para "revelar e combater os vícios da Igreja [Católica Romana] [...]; [ele] atacou os monges e os abusos prevalecentes, [com] elegante e profundo sarcasmo, contra a teologia e a devoção de sua época [...]; ele imolou [...] aqueles eruditos e aqueles monges ignorantes, contra quem ele havia declarado guerra"[9]. Como um dos seus dispositivos, Erasmo, de forma hábil, usou a ficção como uma arma. Em o *Elogio da Loucura*, escrito em grande parte na casa de More, ele personificou a deusa Folly como Moria, a quem atribuiu as seguintes linhas:

> Não vemos todos os países, reivindicando o seu *santo* peculiar? Cada problema tem o seu santo e todo santo tem a sua vela. Este cura a dor de dente; aquele assiste às mulheres no parto; um terceiro restaura o que o ladrão tomou [...]. Especialmente [virtuosa é] a virgem mãe, em quem o povo coloca mais confiança do que em seu Filho [...].[10]

Moria ataca os bispos, "os quais correm mais após o ouro do que em busca das almas". Até mesmo os altos oficiais em Roma não escapam. Ela pergunta, "pode haver algum inimigo maior à Igreja do que estes indignos pontífices, os quais [...] permitem que Jesus Cristo seja esquecido; que O prendem com seus regulamentos mercenários; que falsificam a Sua doutrina com interpretações forçadas; e O crucificam, uma segunda vez, com suas vidas escandalosas?"[11]

---

8 Citado em J. H. Merle d'Aubigné, *History of the Reformation of the Sixteenth Century* (Londres: sem editora, 1846; edição revisada pelo Hartland Institute, Rapidan VA, sem data), p. 414.

9 Ibid.

10 Ibid.

11 Ibid.

O Precursor da Reforma

O Elogio da Loucura apareceu em 27 edições e em todas as línguas europeias durante o tempo de vida de Erasmo, bem como "contribuiu, mais do que qualquer outro [escrito], para confirmar a tendência antissacerdotal da época". Ele exortou os homens a voltarem ao "cristianismo da Bíblia" e salientou que a *Vulgata* "fervilhava de erros". Um ano antes de Lutero afixar as suas *Noventa e Cinco Teses* nos Portões da Capela de Wittenburg, Erasmo publicou sua própria edição crítica do Novo Testamento grego, o que contribuiu, imensamente, para o sucesso posterior de Lutero, abrindo um quadro mais nítido da verdade divina a muitos estudantes sérios da Escritura.

Erasmo levantou a sua voz "contra essa massa de regulamentos eclesiásticos a respeito de vestimentas, jejum, dias de festas, casamentos e confissão, os quais oprimiam o povo e enriqueciam os sacerdotes". De forma eloquente, ele imprimiu seu ataque, do qual o que segue é representativo:

> Nas igrejas, eles raramente pensam no Evangelho. A maior parte dos seus sermões deve ser elaborada para agradar aos comissários das indulgências. A santíssima doutrina de Cristo deve ser suprimida ou pervertida para o seu lucro. Não existe mais qualquer esperança de cura, a não ser que o próprio Cristo transforme os seus corações, os de governadores e de pontífices, e exercite-os a buscar a real piedade.[12]

Do ponto de vista moderno, é quase impossível apreciar adequadamente a coragem que levou Erasmo e alguns outros a influenciarem a realização de tais declarações públicas. Existem tantos outros heróis desconhecidos da Reforma, que é uma pena não lhes podermos dar todo o crédito devido. Talvez o mais manso e menos reconhecido tenha sido Johannes Oekolampad, o qual se declarou a favor de Lutero em Augsburg, em 1518. Mais tarde, quando Oekolampad se refugiou na Basileia, as multidões enchiam a Igreja de São Marti-

12 Ibid., p. 42.

nho sempre que ele tomava o púlpito. Erasmo também fugiu para a Basileia, e os dois fugitivos se tornaram amigos. Temendo que a amizade de Erasmo com Oekolampad abrandasse os últimos ânimos contra Roma, Lutero escreveu para adverti-lo, com estas cautelosas palavras: "temo muito que Erasmo, assim como Moisés, morra no país de Moabe, sem nos conduzir à terra da promessa"[13].

A despeito de suas sérias diferenças, entretanto, "os amigos de Lutero e até mesmo o próprio reformador tinham muita esperança em ver Erasmo se unindo a eles contra Roma"[14]. Infelizmente, no seu coração, Erasmo (assim como alguns da igualmente trágica liderança judaica nos dias de Cristo, bem como alguns líderes evangélicos nos dias de hoje) desejou desagradar a Deus, a fim de ganhar o louvor dos homens. Na crescente controvérsia, ele tentou permanecer nas boas graças da hierarquia da Igreja, enquanto "se esforçava para obter concessões de [Roma] que unisse os dois extremos. As vacilações e inconsistências de Erasmo desgostaram Lutero. 'Você deseja caminhar sobre ovos, sem quebrá-los'"[15], queixou-se o descomprometido e destemido inimigo de Roma.

Finalmente, o Franco Antagonismo

Conforme crescia a distância com Lutero, Erasmo "era apertado de todos os lados; o papa, o imperador, reis, príncipes, eruditos e até mesmo os seus amigos mais íntimos suplicaram-lhe que escrevesse contra o reformador. 'Nenhuma obra', escreveu o papa, 'pode ser mais aceitável a Deus e mais digna de ti mesmo e do teu gênio'"[16].

Apesar de sua própria oposição às corrupções de Roma, as quais ele havia manifestado tantas vezes e de forma eloquente, ele permaneceu em boa situação dentro da Igreja. Ela tinha o poder de se pro-

13 Ibid., p. 412.

14 Ibid., p. 414.

15 Ibid., p. 413.

16 Ibid., p. 14.

ver de grandes honras. Erasmo não se poderia sacrificar abandonando completamente o lado que era, como ele sentia, o outro extremo de Lutero. No entanto, ele preferiu não se opor a Lutero. "É uma coisa muito fácil dizer, 'escreva contra Lutero', replicou ele, a um teólogo romanista; porém é uma questão muito perigosa [...]".

Essa indecisão por parte de Erasmo "atraiu sobre ele os ataques dos mais violentos homens, de ambas as partes. O próprio Lutero não sabia como reconciliar a admiração que sentia pelo aprendizado com Erasmo e a indignação que pela sua hesitação"[17]. Finalmente, desejando livrar-se de qualquer esperança ainda restante de ganhar a ajuda hesitante de Erasmo, Lutero escreveu a este em abril de 1524. A carta revelou tanto a sua impaciência e o seu contínuo respeito pelo homem dezessete anos mais velho, quanto, aparentemente, expressou um desejo de paz, tão pouco característico de Lutero. Em parte, ele disse:

> Ainda não recebeste do Senhor a coragem necessária para caminhar conosco contra os papistas. Toleramos a tua fraqueza [...]. Porém, não [...] ignoramos nossa causa [...]. Visto que a ti falta a coragem, permanece onde estás. Eu poderia desejar que nosso povo permitisse à tua boa velhice que descansasse em paz no Senhor. A grandeza da nossa causa, desde há muito, tem ido além das tuas forças. Porém, por outro lado, meu caro Erasmo, evita espalhar sobre nós, com tanta profusão, esse pungente sal, o qual sabes muito bem como dissimular sob as flores da retórica; pois é mais perigoso ser levemente ferido por Erasmo do que ser reduzido a pó por todos os papistas juntos. Satisfaze-te em permanecer um espectador da nossa tragédia; e não publiques livro algum contra mim; pois, da minha parte, não escreverei qualquer contra ti.[18]

Lutero deve ter percebido a reação que tais palavras paternalistas despertariam em Erasmo. O mestre da retórica era um homem

17 Ibid., p. 414.

18 Ibid.

orgulhoso, o qual tomou a condescendência de Lutero como um insulto ao seu gênio e à sua integridade. Agora a sorte estava lançada. D'Aubigné comenta, "assim fez Lutero, o homem de luta, para pedir paz; foi Erasmo, o homem da paz, que começou o conflito [...]. Se ele ainda não estava determinado a escrever contra Lutero, ele provavelmente o fez logo em seguida [...]. Além disso, ele teve outros motivos".

Henrique VIII e outros nobres "pressionaram-no, fervorosamente, a declarar-se abertamente contra a Reforma. Erasmo [...] sofreu a promessa de ser afastado da sua presença [...]. Ele gostava da glória, e os homens já o estavam acusando de temer Lutero, bem como de ser muito fraco para responder a ele. Estava acostumado aos maiores assentos, e o pequeno monge de Wittenburg havia destronado o mais poderoso filósofo de Roterdã [...]. Toda a cristandade que aderia ao antigo culto implorou a ele [...] uma capacidade genial e a maior reputação da época estavam desejosas de opor-se à Reforma. Erasmo respondeu à chamada"[19].

Erasmo tinha certa vez se alegrado com as fulminações de Lutero contra Roma. Embora advertindo o reformador a ser mais moderado e prudente, ele defendeu Lutero com estas palavras: "Deus deu aos homens um médico que penetra profundamente na carne, porque de outra forma a doença seria incurável". Noutra ocasião, ele escreveu ao Eleitor da Saxônia, "eu não estou de todo surpreso que ele [o criticismo de Lutero] tenha feito tanto alarde; pois ele cometeu dois crimes imperdoáveis; atacou a coroa papal e o ventre dos monges"[20].

A grande fraqueza de Erasmo era o amor pelo elogio daqueles em alta posição, e que ele se deleitava em contar aos amigos as últimas lisonjas que recebia. Sair abertamente contra Lutero traria mais elogios do que ficar à margem. "'O papa' escreveu ele, com vaidade infantil, a um amigo [...] ao declarar-se o oponente de Lutero, 'enviou-me um diploma cheio de gentilezas e depoimentos honrosos. Sua secretária declara que essa é uma honra sem precedentes e que o

---

19 Ibid., pp. 414-415.

20 Ibid., p. 101.

próprio papa ditou cada palavra'"[21]. Em última análise, a vaidade foi vitoriosa sobre a verdade.

O epitáfio que a Escritura descreve sobre a vida de Erasmo se aplica, igualmente, às igrejas e aos líderes evangélicos que em nossos dias, estão fazendo concessões similares à Roma e, até mesmo, ao Islã: "pois amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus" (João 12:43). Que Deus nos livre de tal liderança e nos conceda arrependimento e um retorno à verdade bíblica.

Uma Estratégia Sem Esperanças

Erasmo não poderia, em sã consciência, defender os abusos e heresias de Roma. Nem poderia apelar para as medidas extremas que Lutero buscava; não obstante ele tivesse, certa vez, recomendado tais medidas. O que deveria fazer? Qual rumo tomar? Escolheu atacar Lutero, não a respeito de sua oposição à Roma, o que ele honestamente não poderia fazer; porém, em relação ao que Erasmo considerava ser um ponto obscuro.

No outono de 1524, Erasmo publicou sua agora famosa *Dissertação Sobre a Liberdade da Vontade*, conhecida por Lutero e seus partidários como *Diatribe*. Ele escreveu a Henrique VIII, "confie em mim, este é um ato ousado. Espero ser apedrejado por isso"[22]. No entanto, o que isso realmente importa, quando aqueles com as maiores recompensas e maior poder estavam completamente do seu lado? As obras de Erasmo permaneceram muito tempo antes listadas no *Catálogo de Livros Proibidos* do papa Paulo IV, ao lado das obras de Calvino, Lutero e Zuínglio. Assim sendo, ele nada recebeu, a não ser o elogio vindo de todos os cantos da Igreja.

A primeira reação de Lutero foi se irar, já que Erasmo considerou insignificante um assunto de tão grande importância como o de se a vontade do homem é livre, para agir em resposta ao Evangelho. A princípio, no entanto, Lutero desdenhou em responder a uma polêmica que considerou

21 Ibid., p. 43.

22 Ibid., p. 415.

tão fraca quanto indigna de esforço. O silêncio de Lutero trouxe exclamações de triunfo, vindas do clero de Roma: bem, onde está o tal Lutero agora...? Ah, ah! Finalmente, ele encontrou o seu páreo! Ora, ele aprendeu a permanecer no seu lugar; ele descobriu como segurar sua língua"[23].

A Resposta (Provocada) de Lutero

Com atípica relutância, Lutero finalmente forçou a si mesmo a preparar uma resposta, na qual ele começou a trabalhar próximo ao final do ano 1525 (dez anos depois, Calvino escreveria suas *Institutas da Religião Cristã*). Melâncton escreveu para assegurar a Erasmo de que a resposta de Lutero seria moderada, o que, Erasmo sabia, era uma impossibilidade. Talvez Deus tivesse que escolher homens com personalidades orgulhosas e, até mesmo, desafiadoras, para enfrentar a pressão que Roma exercia sobre aqueles que ousaram opor-se à sua alardeada autoridade; uma autoridade impiedosa, que havia permanecido quase sem ser desafiada por mais de mil anos.

A linguagem nas *Institutas* de Calvino revela um homem igual a Roma, em seu total desprezo e em sua falta de paciência ou simpatia por aqueles cujas opiniões divergiram da dele. Os escritos de Lutero revelam a mesma coisa, quando foi brutal em sua sarcástica humilhação a Erasmus. O que se segue é apenas uma pequena amostra de sua resposta *ad hominem:*

> Fazendo isto, tu meramente nos permite ver que, no seu coração, nutres um Luciano ou algum outro porco do rebanho de Epicuro [...]. Seguramente, neste ponto, ou estás jogando ardilosamente com as palavras de outra pessoa, ou te estás valendo de um efeito literário![24] Transpiras Luciano por todos os poros; bebes, avidamente, Epicuro de um balde.[25]

---

23 Ibid., p. 416.

24 Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*. J. I. Packer e O. R.Johnston, trads. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão,1999), p. 70.

25 Ibid., p. 44.

> Aqui, novamente, como de costume, bagunças completamente tudo [...] e, assim, rebaixas-te mais uma vez a insultar e desonrar a Escritura e a Deus [...]; tagarele quem quiser [...]. A verdade é que estendes a mão e misturas todas essas irrelevâncias simplesmente porque estás envergonhado [...]. Uma vez que não podes destruir [...] a presciência [...] por meio de argumento algum, tentas, no meio-tempo, cansar o leitor com uma corrente de palavrório vazio [...].[26]

> Vê, eu te exorto, que a abundância de caminhos e labirintos uma mente escorregadia buscará em sua fuga da verdade. No entanto, ela não pode escapar [...].[27]

> Que eu seja enforcado se o próprio *Diatribe* souber do que está falando! Talvez tenhamos aqui o truque retórico de obscurecer teu significado quando o perigo está à mão, para que não sejas apanhado em tuas palavras. [28]

Lutero não havia pensado nesse assunto tão completamente como foi agora forçado a fazer. Ele estava disposto a admitir que o homem poderia, de fato, exercer sua vontade em fazer escolhas no que diz respeito aos assuntos terrenos. Porém quando ele se deparou com a questão do homem exercer qualquer liberdade de escolha em direção à sua salvação, Lutero lançou as bases para o que Calvino (que tinha perto de 15 anos de idade na época) apresentaria dez anos mais tarde nas suas *Institutas*, após sua conversão ao protestantismo de Lutero. Em seu admiradíssimo *A Escravidão da Vontade*, Lutero, pomposamente, repreende e intimida Erasmo:

> Neste meu livro [...] atormentarei a ti e a todos os sofistas, até que me digas, exatamente, o que o "livre-arbítrio" pode e faz; e espero atormentá-lo (que Cristo me ajude) até que te

26 Ibid., pp. 86–87.

27 Ibid., p. 223.

28 Ibid., p. 228.

> arrependas de haver publicado teu *Diatribe* [...]. Deus nada pré-conhece de forma contingente [ou seja, não existem eventos dependentes de algo que não seja a Sua vontade] [...]. Ele prevê, propõe e faz todas as coisas de acordo com a Sua própria vontade imutável, eterna e infalível. Esta granada nocauteia o irrelevante "livre-arbítrio" e o estilhaça totalmente [...]. Insistes que devemos aprender sobre a imutabilidade da vontade de Deus, ao mesmo tempo que nos impede de conhecer a imutabilidade da Sua presciência! Achas que Ele não quer o que Ele pré-conhece ou que Ele não pré-conhece o que Ele quer? Se Ele quer o que Ele pré--conhece, a Sua vontade é eterna e imutável, pois é assim a Sua natureza. Daí se depreende que, pela lógica irresistível, tudo o que fazemos, no entanto, pode parecer a nós que seja feito de forma mutável e contingente; na realidade, é feito necessária e imutavelmente no que diz respeito à vontade de Deus [...].[29]

Aqui, como muitas vezes em outros lugares de *A Escravidão*, Lutero se orgulha de sua conclusão, sem dar quaisquer argumentos válidos em apoio. Ele defende a sua tese por sua própria e mera definição, não pela lógica ou pela Escritura. Suas afirmações acima não se sustentam. Ele também não fornece apoio bíblico suficiente, na sua obra inteira, para estabelecer sua conjectura de que a vontade está em escravidão. Em escravidão a que ou a quem? Ele, muitas vezes, sugere a resposta, porém não consegue desenvolvê-la completamente, nem encarar as consequências.

Lutero argumenta que a soberania de Deus, *ipso facto*, elimina qualquer possibilidade de que o homem poderia exercer o livre-arbítrio: "essa granada nocauteia o irrelevante "livre-arbítrio" e o estilhaça totalmente [...]". Que Deus pré-conhece o futuro, Lutero argumenta, significa que o futuro já é pré-determinado e que isso, por si só, prova que o homem não poderia agir livremente. Agostinho considera o mesmo problema com muito mais cuidado do que Lutero

29 Ibid., pp. 80–81.

e chega à conclusão oposta. Já mostramos por que a ideia de Lutero é falsa. Que Deus *sabe* algo que vai acontecer não é a *causa* para que isso aconteça.

É verdade que, visto que Deus sabe o que o sr. João irá decidir e fazer no futuro, o sr. João seguramente fará aquilo (ou Deus estaria errado, o que é impossível). Porém, isso não significa que o sr. João não pode exercer uma escolha genuína em pensamento, palavra e ação; Deus simplesmente conhece de antemão qual será a escolha livre do sr. João.

Será que a vontade está em escravidão porque Deus é soberano e Ele já determinou tudo o que irá ocorrer? Lutero parece argumentar que sim. Dez anos mais tarde, Calvino chegaria à mesma conclusão e, sem dúvida, influenciado por Lutero, embora ele elaborasse sua tese de forma um pouco diferente e evitasse dar a Lutero qualquer crédito. Se a soberania e a presciência de Deus eliminam o livre-arbítrio do homem, então enfrentaríamos um dilema ainda pior: a vontade do homem seria escrava à vontade de Deus, fazendo de Deus a causa eficaz de todo o mau pensamento, má palavra e má ação. O atual estado de trevas do nosso mundo seria, exatamente, como Deus quer, tornando sem sentido o que Cristo nos ensinou na oração: "Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu".

Em vão, Lutero tentou escapar do óbvio, o dilema desconfortável de que se o homem não pode fazer coisa alguma a não ser como Deus quer, então Deus é o autor do mal. Essa infeliz conclusão nos é imposta por uma visão extrema da soberania, a qual, já vimos, é desmentida tanto pela Escritura quanto pela razão. Não há como afirmar que o homem só pode fazer o que Deus quer, sem admitir que Deus seja, portanto, a Mão invisível a efetuar todo o mal que o homem comete. Essa afirmação é uma blasfêmia — no entanto, ela permanece no próprio fundamento tanto do calvinismo quanto do luteranismo.

Será Que a Vontade Está, Realmente, Escrava?

A defesa do calvinismo aprisiona até mesmo as melhores mentes em contradições sem esperança. O próprio Spurgeon parece não

conseguir se decidir. Apesar de se referir "a igualmente correta doutrina de que a vontade do homem tem a sua adequada posição na obra da salvação e não era para ser ignorada", Spurgeon também afirmou que a ideia do livre-arbítrio "deixa toda a economia da graça e da misericórdia, como uma reunião conjunta de átomos fortuitos, compelidos pela própria vontade do homem!"[30] Isso, obviamente, não é verdade. "Átomos fortuitos" não têm coisa alguma a ver com "graça e misericórdia", nem qualquer pessoa que creia no poder do homem de fazer escolhas morais imagina que ela pode controlar átomos com a sua vontade! Spurgeon deveria ter permanecido com a exegese bíblica.

Ele prossegue lamentando: "não podemos dizer, baseados nessa teoria, se Deus será glorificado ou se o pecado triunfará". De forma nenhuma. Que nós, seres finitos, não saberíamos a forma como algo viria a acontecer, não significa coisa alguma. O resultado final, sempre foi conhecido por Deus, desde a eternidade passada.

Infelizmente, grande pregador que era, nesse sermão, Spurgeon ergueu e destruiu um espantalho (uma falácia) após o outro: "ou deve ser como Deus quer ou como o homem quer [...]. Se não é Deus, então colocas o homem lá, ao dizer 'eu quero' ou 'eu não quero'. Se eu quero, entrarei no Céu. Se eu quero, eu [...] conquistarei o Espírito Santo, porque eu sou mais forte do que Deus e mais forte do que a Onipotência. Se eu quero, tornarei o sangue de Cristo, sem efeito [...]. Será o *meu* propósito que fará o Seu propósito permanecer ou cair"[31].

Com todo o respeito a Spurgeon, isso é um absurdo. Até mesmo o arminiano mais convicto nunca imaginaria que ele pudesse "conquistar o Espírito Santo", ou que ele era "mais forte do que Deus", ou que a vontade do homem jamais poderia "tornar o sangue de Cristo sem efeito", ou forçar uma entrada no céu! Deus estabeleceu as regras para entrar no céu. O homem aceita ou rejeita a salvação que Deus oferece em Cristo — porém, ele, com certeza, não está no comando.

---

30 Carlos Haddon Spurgeon, "God's Will and Man's Will", n. 442 (Newington: Metropolitan Tabernacle; sermão pregado no domingo pela manhã, 30 mar. 1862).

31 Ibid.

Como tantos outros calvinistas no seu zelo ao defender a soberania de Deus em detrimento da vontade humana, Spurgeon se rebaixa a distorcer as Escrituras, para seus próprios fins. Por exemplo, ele cita a acusação de Cristo aos rabinos, "não quereis vir a Mim para terdes vida". Em seguida, ele declara: "onde está o livre-arbítrio, após a leitura de um texto como esse? Quando Cristo afirma, que eles não querem; quem ousa dizer que eles querem? O homem é tão depravado, tão inclinado ao mal, que o caminho da salvação é tanto desagradável para o seu orgulho quanto odioso aos seus desejos, que ele está impedido de gostar dele e não irá gostar dele; a menos que Ele, que ordenou o plano, mude a sua natureza e subjugue a sua vontade"[32].

Spurgeon erra o alvo do Senhor. Cristo está fazendo essa declaração especificamente para os rabinos, não para todos os homens. Em segundo lugar, a própria declaração diz que eles têm uma vontade, que por sua própria vontade eles O estão rejeitando: "*não quereis* vir a Mim...". Cristo, também não diz que eles estão impedidos de querer fazer o contrário. Na verdade, a declaração de Cristo não teria sentido a menos que eles *pudessem*, por sua própria vontade, se arrepender e vir a Ele. Apenas dois capítulos depois Cristo declara: "Se alguém quiser fazer a Sua [de Deus] vontade, conhecerá, a respeito da doutrina, se ela é de Deus..." (João 7:17). O próprio Spurgeon, nesse mesmo sermão, cita essa passagem como prova de que a vontade do homem tem um papel a desempenhar na sua vinda a Cristo[33].

Será que a vontade está, realmente, em escravidão? Se sim, escrava a que ou a quem — e, será que é possível estabelecer quando o escravo se libertará da sua escravidão? Se sim, como isso pode ser feito? Devemos considerar essas questões com cuidado — e assim faremos no contexto de um exame mais aprofundado do tratado de Lutero.

32 Ibid.

33 Ibid.

CAPÍTULO 14

SERÁ QUE A VONTADE É ESCRAVA?

Lutero foi, inquestionavelmente, a figura dominante da Reforma nessa época e aquele a quem os protestantes modernos devem os maiores créditos. Embora muitos outros antes dele tenham feito oposição à Roma, Lutero foi o primeiro a publicar e distribuir seu desafio por toda a Europa. Roma sempre foi capaz de silenciar seus críticos com suborno ou morte; agora, ela encarou um homem que não poderia ser comprado e cujos notáveis argumentos despertaram muitos líderes locais poderosos em seu favor, e que o poder vingativo não pôde alcançar.

O papa tinha uma última esperança: que os argumentos apresentados por Erasmo, e largamente publicados pelos inimigos de Lutero, persuadissem a massa desertora a retornar ao abrigo da única e verdadeira Igreja. Afinal de contas, embora Erasmo tivesse criticado a igreja, ele não tinha sido martirizado, nem deixado o seu rebanho e, ainda, estava em bons termos com o Papa. E foi ele quem apontou os erros do dr. Lutero. Que a Reforma era necessária, até mesmo a Igreja estava disposta a admitir, porém ela deveria ser do tipo que Erasmo e outros favorecidos pediam — uma transformação para corrigir os abusos reconhecidos, não um sucateamento de tradições seculares, para começar tudo novamente, do zero!

Os argumentos de Erasmo apresentados foram poderosamente persuasivos para aqueles que desejavam manter-se dentro do antigo rebanho. Ele escrevia de uma perspectiva católica romana, defendendo o dogma católico, uma tática calculada para fortalecer os católicos em suas crenças, porém que dificilmente seria eficaz para aqueles que já tinham abraçado a rebelião de Lutero. Talvez, tudo o que Erasmo intencionou realizar foi bajular aqueles que poderiam recompensá-lo ainda mais.

Não defendemos Erasmo, pois muito do que ele diz é até menos bíblico do que algumas das irracionalidades de Lutero. Apesar de ter rejeitado a eficácia dos sacramentos e outras práticas pagãs em suas sátiras anteriores, Erasmo ainda está comprometido com a heresia romana de que a graça ajuda o homem na obtenção da salvação pelas obras. Ele escreve, "[...] não [...] se segue que o homem não pode

[...] preparar a si mesmo moralmente para o favor de Deus, através das boas obras"[1].

Infelizmente, Erasmo estava errado quando se trata de salvação, não importando a perspicácia em suas outras críticas à Roma. Isso porque o homem já falhou moralmente em guardar a Lei de Deus (e não pode consertar essa violação, obedecendo à lei depois da falha, não importando a sua perfeição) e necessita de graça — o favor *imerecido* de Deus para o qual nenhuma preparação é exigida ou eficaz.

Um Duelo Complicado

Lutero investe impiedosamente em atacar o seu inimigo a cada nova vez. Não existe vantagem em duelar com o papa. Nem ele, nem seus cardeais e bispos, vão ouvir. Pelo menos, em Erasmo, Lutero tem um antagonista que vai ouvir e responder e, assim, desabafa seu ódio reprimido contra Roma sobre esse homem que se atreve a defender seus sacramentos blasfemos.

Às vezes, nem o antagonista atinge o alvo. Embora Lutero seja, claramente, seu mestre quando se trata de exegese da Escritura, frequentemente, é Erasmo que é o mais razoável dos dois. Erasmo, por exemplo, salienta o que estamos defendendo nestas páginas: "se não está no poder de cada homem guardar o que está ordenado, todas as exortações nas Escrituras, todas as promessas, ameaças, admoestações, reprovações, advertências, bênçãos, maldições e todos os infindos preceitos, são, necessariamente, inúteis"[2].

Lutero responde ridicularizando, porém com pouca substância. Ele argumenta que Erasmo cita passagens do Velho Testamento que "somente exigem obrigação", porém nada dizem a respeito do livre-

---

1 Martinho Lutero, *The Bondage of the Wil.* J. I. Packer e O. R.Johnston, trads. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999), p. 246.

2 Martinho Lutero, *The Bondage of the Will.* J. I. Packer e O. R.Johnston, trads. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999), p. 171; citando Erasmo.

-arbítrio[3]. É claro que isso era tudo o que Erasmo intencionou mostrar, uma vez que a implicação de livre-arbítrio segue-se necessariamente. Nem pode Lutero citar um único verso, na Escritura, que se refira à "escravidão da vontade".

Lutero então exige de Erasmo a razão pela qual, se o homem poderia guardar a lei, ele (Lutero) deveria "trabalhar tão duro...? Qual a necessidade, agora, de Cristo? Qual a necessidade do Espírito?"[4]

Erasmo não tinha sequer sugerido que não havia necessidade de Cristo ou do Espírito. Ele simplesmente sugeriu que seria razoável concluir, a partir dos muitos mandamentos de Deus, bem como apelando à razão e à obediência, que o homem deve ser capaz de uma resposta volitiva. Porém Lutero não lida com isso, ele é simplesmente bombástico ao argumentar além do ponto, até mesmo ridicularizando Erasmo, por admitir corretamente que o livre-arbítrio só pode operar pela graça de Deus[5].

Lutero se lança como um tigre sobre essa conclusão, ao invés de concordar com Erasmo e, razoavelmente, admitir o óbvio: o fato de o livre-arbítrio necessitar da graça não anula o livre-arbítrio, assim como a respiração não é anulada pelo fato de que ela é, também, dependente da graça de Deus. Seguramente, o homem tem tanto a capacidade quanto a habilidade de cooperar com a graça e o poder de Deus, em tudo o que quer que faça!

Ao longo de todo o livro *A Escravidão*, Lutero é como um valentão que não ouve a razão. No entanto, Packer e outros calvinistas elogiam a "forte dialética do poderoso latim de Lutero"[6]. B. B. Warfield chama *A Escravidão* de "uma obra-prima da polêmica e da dialética"[7]. Na

---

3 Ibid.

4 Ibid., p. 172.

5 Ibid., p. 173.

6 Ibid., "Nota dos tradutores", 11.

7 Benjamin B. Warfield, "The Theology of the Reformation", em *Studies in Theology* (sem editora, sem data), p. 471; citado em "Historical and Theological Introduction" a Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*, J. I. Packer e O. R.Johnston, trads. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999), pp. 40–41.

verdade, *A Escravidão* contém tantas contradições e tanto raciocínio falacioso, que é de se admirar como ela obteve a reputação de um tratado produzido pela lógica.

É de se admirar, também, como os evangélicos, em seus elogios a Lutero, aparentemente ignoram a extensão daquilo sobre o que ele ainda estava enganado, pela sua formação católica romana. Isso é especialmente evidente em sua visão da eficácia dos sacramentos. No seu *Catecismo Menor*, ele declara que através dos sacramentos "Deus *oferece dar* e nos *sela* para *o perdão dos pecados*, o qual Cristo já ganhou por nós" (ênfase no original)[8]. Esse catecismo é usado hoje em quase todas as igrejas luteranas (incluindo o Sínodo de Missouri), como seu livro básico de doutrina.

Em resposta à pergunta, "*o que o batismo concede ou de que ele aproveita*?", o *Catecismo* declara, "ele opera para o perdão dos pecados, livra da morte e do diabo, concede eterna salvação a todos os que crêem nisso, conforme declaram as palavras e promessas de Deus"[9]. Quanto à Ceia do Senhor ou à Comunhão, Lutero declara, "é o verdadeiro corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, sob o pão e o vinho, para nós, cristãos, comermos e bebermos[10] [...]. Nela, com e sob o *pão*, Cristo nos dá Seu *verdadeiro corpo;* nela, com e sob o *vinho*, Ele nos dá Seu *verdadeiro sangue*[11][...]; no Sacramento, perdão dos pecados, vida e salvação são concedidos [...]" (ênfase no original)[12].

Dessa forma, o falso evangelho do sacramentalismo romano sobreviveu à Reforma e é, ainda, honrado em muitas igrejas calvinistas e Luteranas. Protestantes que confiam em sua versão modificada do batismo infantil e da Ceia do Senhor para sua salvação estão, sim-

---

8 *A Short Explanation of Dr. Martin Luther's Small Catechism: A Handbook of Christian Doctrine* (St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 1971), p. 169.

9 Ibid., p. 174.

10 Ibid., p. 194.

11 Ibid., p. 195.

12 Ibid., p. 200.

plesmente, tão perdidos quanto os católicos romanos que confiam nos sacramentos romanos. Reconhecer a visão equivocada de salvação de Lutero pode ajudar alguns a perceberem que, igualmente, sua visão do livre-arbítrio e da responsabilidade humana poderia estar equivocada.

O Que Escraviza a Vontade?

Que a vontade, não está limitada, está claro — ao contrário do que Lutero argumenta em seu grande tratado. Já refutamos o argumento de que, pelo fato de a vontade estar sempre cercada de influências, isso prova que ela não seja livre. O homem, Paulo admite, no seu caso (Romanos 7:7–25), frequentemente falha em fazer o que ele gostaria de fazer — porém, nem sempre. Paulo não diz que ele *nunca* pode fazer o que ele deseja — muito menos que sua vontade está sob escravidão.

Lutero imagina que acaba com liberdade da vontade humana argumentando "pois, se não somos nós, mas somente Deus que opera a salvação em nós, segue-se que, quer queira quer não, nada que fazemos tem qualquer relevância salvífica antes da Sua obra em nós"[13]. É claro, a salvação não é obra nossa; porém isso não prova que não podemos receber a salvação que Cristo operou, como um dom do amor de Deus. Ao longo de todo o seu tratado, Lutero confunde a habilidade de *querer* com a habilidade de *realizar* e, equivocadamente, imagina que ele refuta o primeiro ao refutar o último.

Erasmo argumenta que Deus ordenar o homem a fazer o que não pode fazer seria como pedir a um homem, cujos braços estão impedidos, a usá-los. Lutero responde que ao homem é "ordenado estender a sua mão [...] para refutar sua falsa afirmação de liberdade e poder [...]"[14]. Lutero ganha essa pequena discussão, porém nenhum dos dois sequer se aproxima da Bíblia.

Que Deus não apenas ordenaria, mas sinceramente suplicaria,

---

13 Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*. J. I. Packer e O. R. Johnston, trads. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999), p. 102.

14 Ibid., p. 161.

persuadiria e rogaria ao homem, infinitamente, através dos Seus profetas, prometendo e concedendo bênçãos pela obediência, bem como despertando e trazendo destruição pela desobediência, não pode ser explicado pela réplica inteligente, porém banal de Lutero. Além disso, temos numerosos exemplos, ao longo de toda a Escritura, de profetas, reis e pessoas comuns, desde Enoque a Noé, de Abraão a Davi, e assim por diante, que, embora imperfeitos, foram, na verdade, obedientes voluntários a Deus e que O agradaram. O que aconteceu à "escravidão da vontade" de Lutero, nesses casos?

O Livro de Provérbios é um enorme tratado refutando a tese de Lutero. Salomão está apelando a seu filho para "conhecer a sabedoria e a instrução; perceber as palavras de entendimento; receber a instrução da sabedoria, da justiça, do julgamento e da equidade [...]" (Provérbios 1:2–3). Ele declara que "um homem sábio ouvirá e crescerá em aprendizado" (verso 5) e ele adverte a seu filho, "se os pecadores te quiserem seduzir, não consintas" (verso 10). Ele exorta, "filho meu, não desprezes a correção do SENHOR, nem te canses da Sua correção: porque o Senhor corrige ao que ama; assim como o pai corrige ao filho a quem ama" (Provérbios 3:11–12). Será que esses apelos persuasivos não apelam à vontade?

Tudo o que Salomão escreve é para persuadir seu filho de que, em lugar da loucura, a sabedoria é que deve ser desejada, e que a recompensa por servir a Deus e à justiça em muito excede a recompensa de servir à luxúria e aos próprios desejos. Deve-se, voluntariamente, ouvir a voz da sabedoria. Que o Senhor corrige como um pai terrestre não é, simplesmente, como Lutero insiste, para mostrar que nenhuma correção é possível, mas porque o filho sábio vai ouvir a instrução — o que é, obviamente, somente possível por um ato da vontade. Lutero falha tanto em provar a escravidão da vontade, quanto em demonstrar o que é que tem forçado a vontade.

A Vontade Deve Ser *Disposta*

Busca-se em *A Escravidão*, em vão, encontrar onde ela lida com as, literalmente, centenas de passagens bíblicas, desde Gênesis 24:58 a 1 Samuel 1:11; de 2 Samuel 6:21–22 a Salmos 4:8; 5:2–3; 9:1–2;

18:1; 30:1, e a João 7:17, etc., que indicam, claramente, que o homem pode na verdade querer fazer a vontade de Deus. As muitas passagens onde os homens expressam a sua vontade em obedecer e agradar a Deus e, realmente, provam isso no seu desempenho, estão notavelmente ausentes de seu livro. Nem Lutero reconhece, muito menos lida, com o fato de que, das dezenas de vezes em que as palavras "escravidão" e "limitada" ocorrem na Escritura, nenhuma vez elas são usadas em referência à vontade humana.

O argumento de Lutero de que a vontade está limitada admite a existência da vontade, porém não explica por que, ou como, ou a que, ou a quem a vontade é escrava. Nem Lutero, tampouco Calvino, explica como a vontade é supostamente *liberta* para que o homem possa crer no Evangelho. Ele argumenta que, por que mesmo em cristãos a "natureza humana" deseja contrariamente ao espírito, "como ela poderia esforçar-se em fazer o bem, naqueles que não são, ainda, nascidos do Espírito [...]?"[15] Isso não é prova da *escravidão* da vontade.

Mesmo o bêbado, às vezes, determina, com a sua vontade, estar sóbrio. A vontade não está sob escravidão. Desejos corporais do homem, por vezes, superam a vontade. Porém até mesmo não cristãos têm desejado ser livres do vício do álcool ou tabaco e têm conseguido. Outros tentam com suas vontades e falham — porém, não porque a *vontade* foi limitada pelo pecado; mas porque *eles* se limitaram.

A Confissão de Westminster diz que o eleito vem a Cristo "livremente, sendo, para isso, disposto pela graça [de Deus]". Entretanto, ninguém é disposto contra a sua vontade, mas deve estar disposto a se tornar disposto. Deus continuamente apela à vontade do homem ("quem quiser", etc.).

Não existe explicação além do fato de que o homem tem uma vontade, conforme Agostinho e, até mesmo, Calvino admitiram e todo mundo experimenta, incontáveis vezes todos os dias. Ninguém pode persuadir o homem a crer ou fazer qualquer outra coisa sem a sua vontade estar envolvida — a menos que tenha sido drogado ou hipnotizado. Neste ponto descobrimos o calcanhar de Aquiles no

15 Ibid., p. 313.

argumento de Lutero (e veremos o mesmo problema com Calvino, quando chegarmos à Eleição Incondicional).

Uma vez que se reconhece que o homem tem uma vontade, não existe como escapar dela. Qualquer mudança que aconteça no homem deve envolver a sua vontade e, para que isso aconteça, a vontade deve ser disposta. Se a vontade estava sob escravidão e foi liberta; a vontade deve ter sido disposta para ser liberta. Lidaremos com isso, ainda mais, no próximo capítulo.

Um Uso Equivocado e Prejudicial da Escritura

Infelizmente, Lutero muitas vezes distorce as Escrituras para provar o seu ponto. Por exemplo, tomando uma declaração de um salmista a respeito de um estado temporário de mente, do qual ele se arrepende — "eu era como um animal diante de Ti" (Salmos 73:22) —, ele compara a vontade do homem a um animal e se lança em uma analogia que nada tem a ver com o que o salmista diz: "pois a vontade do homem é como um animal, de pé, entre dois cavaleiros. Se Deus monta, ele quer e vai aonde Deus quer [...]. Se Satanás monta, ele quer e vai aonde Satanás quer. De maneira nenhuma escolhe a qual cavaleiro servirá ou pelo qual irá buscar; porém os próprios cavaleiros lutam para decidir quem deve possuí-lo e dominá-lo"[16].

Então, Satanás pode derrotar a Deus? E o homem não escolhe a quem servirá? Então, por que Deus diz: "escolhei, hoje, a quem sirvais" (Josué 24:15)? E por que Deus não derrota Satanás em todos os casos? Lutero (assim como Calvino) nos força a concluir que aqueles que passarão a eternidade no Lago de Fogo lá estarão porque Deus não os desejou no Céu — essa falsidade é uma injúria ao caráter e ao amor de Deus!

A tentadora analogia de Lutero não deriva dessa ou de qualquer outra Escritura. O salmista confessa comparar a prosperidade do ímpio aos seus próprios problemas e ter inveja deles. Ele percebeu que, ao fazer isso, ele tinha se tornado *tão* tolo *quanto* um animal —

---

16 Ibid., pp. 103–104.

não que sua vontade *fosse* um animal. No entanto, esse mesmo erro metafórico é usado, repetidamente, pelos calvinistas. E tanto Lutero quanto Calvino ignoraram o arrependimento do salmista, bem como as pontuações de outros versos da Escritura, os quais deixam claro que o homem responde a Deus em obediência, através de um ato da sua vontade.

Lutero não consegue distinguir entre a liberdade da vontade humana e a sua falta de capacidade em realizar o que deseja. Paulo diz: "o querer está presente em mim; porém, como realizar isso, que é bom, eu não consigo" (Romanos 7:18). É obvio que o homem é livre para crer no Evangelho e receber a Cristo; o que não exige qualquer habilidade especial da sua parte.

Forçar a Escritura a Dizer o Que Ela Não Diz

Lutero cita "pois a ira de Deus é revelada do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens [...]" (Romanos 1:18). Ele então afirma que a declaração de Paulo prova que o homem não pode desejar fazer qualquer bem[17]. Pelo contrário, que a ira de Deus é despertada contra a impiedade do homem mostra que Deus está irado com eles, por falharem em não fazer aquilo que eles *poderiam* ter feito, caso estivessem dispostos.

Lutero chega a citar uma declaração de Paulo do Salmos 14:4: "não há ninguém que faça o bem, não, nenhum um sequer" (Romanos 3:10–12). Como Calvino dez anos mais tarde, ele torna essa afirmação sobre a necessidade do homem em absoluta, quando, na verdade, ela se refere à sua propensão[18]. Que esse deve ser o caso está claro a partir da abundância de Escrituras nos falando do bem realizado, até mesmo, pelos pagãos; bem como das exortações, até aos ímpios, para fazerem o bem. Em nenhum lugar, a Escritura nos diz que o homem está em tal escravidão ao mal que ele não pode responder em obediência a Deus. Caso contrário, ele não poderia

17 Ibid., pp. 273–275.

18 Ibid., pp. 279–280.

ser responsabilizado. Abordamos isso, anteriormente, ao tratar da Depravação Total; porém, agora, oferecemos vários outros exemplos a partir da Escritura.

Abimeleque, um adorador de ídolos, pagão, rei dos Filisteus, poderia dizer a Isaque, "nada temos feito a você, a não ser o bem" (Gênesis 26:10–11, 29). Labão, outro adorador de ídolos, em obediência a Deus, absteve-se de prejudicar a Jacó (Gênesis 31:25–29). Os Salmos estão repletos de exortações para "fazer o bem" (Salmos 34:14; 37:3, etc). De uma esposa virtuosa, é dito que ela fará a seu marido "bem e não mal, todos os dias da sua vida" (Provérbios 31:12). Jesus aconselha os judeus a "fazerem o bem àqueles que os odeiam" (Mateus 5:44). Há, literalmente, vários outros versos na Bíblia indicando que até mesmo os ímpios podem, às vezes, fazer o bem.

Lutero argumenta: "dizer que o homem não busca a Deus é o mesmo que dizer: o homem não pode buscar a Deus [...]"[19]. Ele repetidamente comete tais erros elementares; frequentemente ofende tanto a Escritura quanto a razão. Dizer que o sr. Brown nunca vai à cidade não é, obviamente, o mesmo que dizer que o sr. Brown *não pode* ir à cidade. Poderia ser que, por alguma razão, válida ou imaginária, o sr. Brown não deseja, ou poderia até mesmo estar com medo de ir à cidade.

Não somente Deus convoca os homens, repetidamente em toda a Bíblia, a buscá-Lo, como já temos visto — implicando que o homem poderia e busca a Deus —, porém muitas Escrituras elogiam aqueles que têm buscado e têm achado. Por exemplo, "todo aquele que buscou ao SENHOR saiu ao tabernáculo" (Êxodo 33:7). Asa disse, "temos buscado ao SENHOR nosso Deus" (2 Crônicas 14:7). É-nos dito que quando Israel "voltou-se para o SENHOR Deus de Israel, e O buscou, Ele foi achado por eles" (15:4). Esdras disse ao rei, "a mão do nosso Deus está sobre todos eles para o bem daquele que O busca [...]" (Esdras 8:22). Sofonias refere-se àqueles "que não buscam ao SENHOR" (Sofonias 1:6), implicando, seguramente, que havia alguns que não O buscaram; bem como que todos poderiam buscá-Lo, se quisessem.

Poderíamos oferecer muitas outras referências, mostrando que

19 Ibid., p. 281.

os homens têm buscado e achado o Senhor. Portanto, devemos concluir que o Salmo 14 e a citação do mesmo por Paulo, em Romanos 3, não significa que homem algum jamais buscou, jamais buscará e jamais poderia buscar ao Senhor. Pelo contrário, a atitude geral da humanidade é que está sendo descrita.

Lutero continua argumentando que "a doutrina da salvação pela fé em Cristo, refuta o 'livre-arbítrio'"[20]. Isso é um absurdo. Na verdade, a salvação pela fé *exige* uma escolha genuína da vontade. O Evangelho promete salvação como um dom àqueles que o recebem; bem como se deve ter o poder de escolher ou não receber o dom. O Evangelho é um convite a vir a Cristo, recebê-Lo, crer Nele, aceitar a Sua morte em seu lugar como pagamento da penalidade dos seus pecados. O Evangelho é um apelo à vontade humana: "vinde a Mim, todos [...]"; "[...] quem quiser, tome, de graça, da água da vida" (Mateus 11:28; Apocalipse 22:17).

Confundindo o Assunto

Muitas das Escrituras e dos argumentos apresentados por Lutero em apoio, em todo *A Escravidão*, são irrelevantes à questão do livre-arbítrio. Considere o seu raciocínio a partir de Romanos 3:

> Paulo lança, aqui, muitos raios contra o "livre-arbítrio". Primeiro: "a justiça de Deus sem a Lei", ele diz, "é manifesta". Ele distingue a justiça de Deus da justiça da Lei; porque a justiça da fé vem pela graça [...] sem as obras da Lei (verso 28) [...].
>
> De tudo isso, fica muito claro que o empenho e o esforço do "livre-arbítrio" são completamente nulos; pois se a justiça de Deus existe sem a Lei e sem as obras da Lei, como não deveria ela, muito mais, existir sem o "livre-arbítrio"? Pois a preocupação suprema do "livre-arbítrio"

20 Ibid., pp. 288–295.

> é se exercitar na justiça moral, as obras da Lei pelas quais sua cegueira e impotência são "assistidas". Porém essa palavra "sem" acaba com as obras moralmente boas, bem como com a justiça moral e as preparações para graça. Imagina qualquer poder o qual penses que pertence ao "livre-arbítrio" e Paulo, ainda, permanecerá firme em dizer: "a justiça de Deus existe sem ele [...]!" E o que dirão os guardiões do "livre-arbítrio" ao que se segue: "sendo justificados, livremente, pela Sua graça [...]? Como o empenho e o mérito concordarão com a justiça concedida livremente [...]? A própria *Diatribe* argumenta e protesta ao longo dessa tendência: "*se não existe liberdade da vontade, qual será o lugar para o mérito? Se não existe nenhum lugar para o mérito, qual será o lugar para a recompensa? A que será atribuída, se o homem é justificado sem mérito?*" Paulo, aqui, dá a resposta — não existe tal coisa como o mérito, afinal; porém todos os que são justificados são justificados livremente, e isso não é atribuído a coisa alguma a não ser à graça de Deus.[21]

Pelo contrário, que a justiça de Deus "existe sem a Lei e sem as obras da Lei" não tem coisa alguma a ver se o homem tem ou não o livre-arbítrio. É claro, a justiça de Deus é independente do livre-arbítrio humano. Que Deus é justo não prova nem refuta que o homem tenha o livre-arbítrio. Os "muitos raios de Lutero contra o livre-arbítrio" são irrelevantes ao assunto.

Além disso, que a justiça não pode vir das obras é, também, irrelevante ao livre-arbítrio. Aqueles que creem no livre-arbítrio também afirmam que o homem é "justificado, livremente, pela Sua graça". Porém, a graça não pode ser forçada a pessoa alguma, ou não seria graça. Assim, é necessário o poder de escolha para o homem concordar com a graça de Deus e receber o dom gratuito da salvação, o qual Deus, graciosamente, oferece.

Erasmo também está errado ao afirmar que o mérito humano

---

21 Ibid., pp. 289, 292.

ajuda na justificação. O esforço humano não tem parte na justificação, como muitas Escrituras declaram — porém esse fato não tem qualquer relação com o livre-arbítrio. Essa passagem é característica do raciocínio confuso que Lutero emprega em todo o seu livro e que Parker e outros elogiam como sendo o grande tratado de Lutero.

Mais Irrelevância

Lutero apresenta alguns argumentos bíblicos excelentes contra a salvação pelas obras, porém isso nada tem a ver com se o homem tem livre-arbítrio. Nem existe qualquer coisa inerente ao Evangelho que exija que a vontade esteja sob escravidão. Nenhum cristão que crê que o homem tem o poder de escolha soberanamente outorgado por Deus a ele, como um agente moral, imagina que esse poder tenha sido dado ao homem para que ele pudesse se tornar justo o bastante para merecer a salvação ou, até mesmo, para contribuir de qualquer maneira para sua salvação. Além disso, o próprio fato de Paulo se referir à justiça que vem pela Lei indica que o homem tem algum poder para escolher guardar a Lei e para, realmente, cumpri-la, pelo menos em alguns aspectos. Do contrário, ele não poderia ser responsabilizado.

Paulo não nega que o homem pode fazer boas obras; ele nega que as boas obras justificam um pecador. Lutero está obviamente confuso. Uma violação da Lei condena o homem, para sempre. Guardar a Lei perfeitamente no futuro, mesmo se fosse possível, não poderia fazer compensação pela quebra da Lei no passado. Além do mais, que Paulo diz que "pelas obras da Lei, nenhuma carne será justificada diante Dele" (Romanos 3:20) indica que é possível para o homem guardar algumas disposições da Lei, por algum tempo. O argumento de Paulo não é que seja impossível para alguém guardar alguma disposição da Lei, por algum tempo; porém que até mesmo guardar a Lei perfeitamente não seria o bastante. Na sua determinação para provar a alegada escravidão da vontade, Lutero perde o ponto inteiro de Paulo.

J. I. Packer diz, "*A Escravidão da Vontade* é a maior peça de es-

crita teológica que já veio da pena de Lutero. Essa foi a sua própria opinião [de Lutero][22]. Warfield chamou *A Escravidão* de "a encarnação das concepções reformadas de Lutero; daquelas que ele já fez, essa é a coisa mais próxima a uma declaração sistemática [...]; num verdadeiro sentido, ela é o manifesto da Reforma"[23]. Packer a descreve como "o maior tratado daquilo que Lutero viu como o verdadeiro coração do Evangelho"[24]. Tal elogio é incompreensível!

Se *A Escravidão* apresenta "o próprio coração dos evangelhos" é de se admirar quem poderia ser salvo, porque ela engloba cerca de 300 páginas de argumentos obtusos, muitos dos quais uma pessoa mediana encontraria dificuldades para acompanhar. É de se admirar, também, como o simples "crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo" (Atos 16:31) de Paulo se torna tão complicado. E como provar que o homem *não pode* escolher crer (se esse fosse o caso) o encorajaria a crer no Evangelho?

Contrastando os argumentos confusos de Lutero e as declarações contraditórias de Calvino, A. W. Tozer declarou:

> *Deus, soberanamente, decretou que o homem deve ser livre para exercer a escolha moral, e o homem, desde o começo, tem cumprido esse decreto ao fazer suas escolhas entre o bem e o mal.* Quando ele escolhe fazer o mal, ele, dessa forma, não contrabalança a vontade soberana de Deus, mas a cumpre, na medida em que o eterno decreto não decidiu quais escolhas o homem deve fazer, antes, que ele deve ser livre para fazê-las [...]. A vontade do homem é livre, porque Deus é

22 Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*, J. I. Packer e O. R.Johnston, trads. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999), p. 40.

23 Benjamin B. Warfield, "The Theology of the Reformation", em *Studies in Theology* (sem editora, sem data), p. 471; citado em "Historical and Theological Introduction" a Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*, J. I. Packer e O. R.Johnston, trads. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999, p. 41.

24 Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*, J. I. Packer e O. R.Johnston, trads. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999), p. 41.

soberano. Um Deus menos que soberano não outorgaria liberdade moral às Suas criaturas. Ele temeria fazer isso [...].

Deus Se move sem perturbação e sem obstáculos na direção do cumprimento desses eternos propostos, os quais Ele propôs em Cristo Jesus, antes do começo do mundo [...]. Visto que Ele é onisciente, não pode haver circunstâncias imprevistas, nem algum acidente [...]; [porém] dentro do campo amplo da soberania de Deus, permitido será que o conflito mortal entre o bem e o mal continue com acrescida fúria.

Existe liberdade para escolher em qual lado devemos estar, mas não para negociar os resultados da escolha, uma vez feita [...]. Nossa liberdade é nossa propriedade, porém as consequências da escolha já foram determinadas pela soberana vontade de Deus e dessas não existe apelo.[25]

25 A. W. Tozer, *The Knowledge of the Holy* (São Francisco: Harper & Row, 1961), pp. 117–119.

CAPÍTULO 15

ELEIÇÃO INCONDICIONAL

A Eleição Incondicional — outra frase que não é encontrada na Bíblia — "necessariamente segue da depravação total"[1]. Essa doutrina é declarada como sendo o coração do calvinismo. Herman Hanko escreve: "nenhum homem pode, jamais, afirmar que é calvinista ou reformado sem um firme e permanente compromisso com essa verdade"[2]. Sproul, embora um calvinista convicto, teme que o termo possa ser enganosa ou grosseiramente abusado"[3].

Os Cânones de Dort explicam esse principio como "o imutável propósito de Deus, pelo qual, antes da fundação do mundo, Ele tem, por mera graça e segundo o beneplácito de Sua própria vontade, escolhido dentre toda a raça humana [...] um certo número de pessoas para a redenção em Cristo [...]"[4]. A Eleição Incondicional é o desenvolvimento, no calvinismo, da visão extrema da soberania, a qual não permite ao homem qualquer liberdade de escolha ou ação, até mesmo para pecar. Sendo esse o caso, se alguém for salvo, Deus deve escolher por ele. Da Eleição Incondicional vem, então, a predestinação à salvação.

Por que tão poucos foram escolhidos por Deus que "é amor" (1 João 4:8) e o restante condenado é, como já temos visto, um grande problema que o próprio Calvino reconheceu. No entanto, em todas as suas *Institutas*, ele não oferece explicação alguma satisfatória. "Essa é uma questão para a qual eu não tenho resposta", admitiu um dos críticos mais convictos de um rascunho inicial deste livro. Incapaz de encontrar qualquer lugar para o amor de Deus na teoria da predestinação, a qual decorre da eleição incondicional, Calvino revidava, à sua maneira, de forma mordaz, enquanto apelava para a autoridade de Agostinho:

---

1 Edwin H. Palmer, *the Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 27.

2 Herman Hanko, Homer C. Hoeksema, e Gise J. Van Baren, *The Five Points of Calvinism* (Grand Rapids, MI: Reformed Free Publishing Association, 1976), p. 28.

3 R. C. Sproul, *Chosen by God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1986), p. 155.

4 Cânones de Dort (Dordrecht, Holland, 1619), I.7.

> Admito que os homens profanos se apoderam do tema da predestinação para criticar, sofismar, se irar ou escarnecer. Mas, embora sua petulância nos assuste, será necessário esconder todos os principais artigos de fé, porque eles e seus seguidores não deixam praticamente qualquer deles sem atingi-los com blasfêmia [...]. A verdade de Deus é muito poderosa, tanto aqui quanto em toda parte, para recear as calúnias dos ímpios, como Agostinho poderosamente defendeu [...]. Agostinho não esconde que [...] ele foi, muitas vezes, acusado de pregar a doutrina da predestinação muito livremente, porém, como era fácil para ele fazer, abundantemente refutava a acusação [...]. A predestinação, pela qual Deus adota alguém à esperança da vida e condena outros à morte eterna [...] é grandemente criticada; especialmente por aqueles que fazem da presciência a sua causa.[5]

Calvino não oferece prova nem bíblica nem racional para sua (de Agostinho) teoria. De maneira típica, ele zomba do que ele chama de "as calúnias dos ímpios", como se qualquer um que discorde dele ou de Agostinho seja, necessariamente, ímpio. Essa seria a sua atitude em relação a muitos que hoje, professando uma posição mais moderada, chamam a si mesmos de calvinistas de três ou quatro pontos. Tão intransigente quanto o próprio Calvino, Palmer declara:

> A primeira palavra que o calvinismo sugere à maioria das pessoas é predestinação; e se eles têm um mínimo de conhecimento teológico, os outros quatro pontos a acompanham [...]. Os Cinco Pontos do Calvinismo são a união deles. Quem aceita um dos pontos, aceitará os outros pontos. A eleição incondicional, necessariamente, decorre da depravação total.[6]

---

5 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), volume 3, xxi.4, 5.

6 Edwin H. Palmer, prefácio a *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 27.

Muitos outros concordam:

> Se qualquer um dos cinco pontos do calvinismo é negado, a herança reformada está completamente perdida [...]. A verdade da eleição incondicional representa o fundamento de todos eles [os cinco pontos]; essa verdade é a pedra-de--toque da fé reformada. É o próprio coração e a essência do evangelho.[7]

Se o Evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crer nele (Romanos 1:16) e se os Cinco Pontos do Calvinismo compreendem o próprio coração do Evangelho, então os não calvinistas não podem ser salvos. Embora muitos calvinistas negariam tal conclusão, é o que segue logicamente a partir das muitas declarações através dos seus líderes — às quais, já citamos — de que o calvinismo é o Evangelho e o verdadeiro cristianismo.

Eleição Incondicional: o Coração do Calvinismo

O termo "eleição incondicional" foi escolhido pelos calvinistas, porque ele, alegadamente, carrega o significado de que "a salvação é do Senhor e não do homem". Spurgeon declarou, "toda verdadeira teologia se resume nestas duas curtas sentenças: a Salvação é toda pela graça de Deus. A condenação é toda pela vontade do homem"[8]. Existe uma confusão, entretanto, entre (1) salvação, a qual só poderia ser efetuada pelo sacrifício de Cristo por nossos pecados, e (2) a nossa aceitação resultante, a qual a Bíblia claramente declara com uma *condição*: "pois a tantos quantos *O receberam* [...] se tornaram filhos de Deus" (João 1:12). Os calvinistas, no entanto, insistem em tentativas vãs de proteger a sua visão extremada da soberania de Deus, de

---

7 Herman Hanko; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 245.

8 Carlos Haddon Spurgeon, *Spurgeon at His Best*. Tom Carter, ed. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988), p. 122.

que a salvação não pode estar condicionada a qualquer ato ou à fé, da parte do homem. George L. Bryson, corretamente declara:

> A eleição calvinista diz ao eleito, não regenerado: "não se preocupe, sua depravação não é obstáculo à salvação", e diz, ao não eleito: "desculpe, você não foi predestinado à salvação, mas à condenação".[9]

R. C. Sproul escreve: "o termo 'eleição' se refere, especificamente, àquele aspecto da divina predestinação. A escolha divina de certos indivíduos à salvação"[10]. Sproul continua: "a visão reformada ensina que Deus, positiva ou ativamente, intervém nas vidas dos eleitos para assegurar a sua salvação"[11].

A aceitação ou rejeição de Cristo pelo homem não desempenha papel algum: "ao tornar a eleição condicionada a algo que o homem faz, mesmo se o que ele faz seja simplesmente se arrepender e crer no evangelho, a graça de Deus está seriamente comprometida"[12]. Como a aceitação da graça de Deus pela fé pode comprometer essa graça não é explicado, nem poderia ser. Paulo declara que a graça de Deus é recebida pela fé somente (Efésios 2: 8). Porém o calvinismo rejeita a fé como essencial à regeneração e, portanto, à salvação.

O calvinista insiste que Deus deve "intervir", soberanamente, para "regenerar" o eleito sem qualquer fé em Cristo ou entendimento do Evangelho. Na verdade, a "fé" é declarada como uma "obra". "Rejeitar a eleição (calvinista) é rejeitar a salvação pela graça e prometer

---

9 George L. Bryson, *The Five Points of Calvinism "Weighed and Found Wanting"* (Costa Mesa, CA: The Word For Today, 1996), p. 36.

10 R. C. Sproul, *Grace Unknown* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997), p. 141.

11 R. C. Sproul, *Chosen by God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1986), p. 142.

12 C. Samuel Storms, *Chosen for Life* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987), p. 55.

salvação pelas obras"[13]. Assim, através da visão errônea de que a fé é uma obra, a própria fé que Deus exige é negada como o meio pelo qual a graça de Deus é recebida pelo homem!

Na Bíblia, entretanto, fé e obras são contrastadas como opostas. "Pela graça sois salvos, através da fé; [...] não das obras" (Efésios 2:8–9); "porém, não àquele que trabalha, mas ao que crer [...]" (Romanos 4:5). Para apoiar o calvinismo, a Bíblia dever ser contraditada em muitos lugares.

NOVAMENTE: A Visão Antibíblica da Soberania no Calvinismo

A Eleição Incondicional é exigida pela visão distorcida da soberania de Deus, a qual já foi discutida e que sustenta todo o calvinismo: que todo pensamento, palavra e ato são decretados por Deus — incluindo todo o pecado. Já demonstramos que essa perspectiva é tanto irracional quanto antibíblica; porém, para o Calvinismo, é o fundamento de sua fé: "a ênfase total na soberania onipotente do Deus Jeová é a verdade e a beleza do calvinismo"[14]. Outro escritor acrescenta: "só o calvinista [...] reconhece a soberania absoluta de Deus"[15].

Pelo contrário, todos os cristãos creem que Deus é absolutamente soberano, porém reconhecem que a soberania não é incompatível com a liberdade de escolha. Deus não é menos soberano porque Satanás e a humanidade se rebelaram e continuamente o desobedecem.

Palmer declara, sem notar a contradição, que "Deus pré-ordenou [...] até mesmo o pecado"[16]. Na verdade, o pecado é rebelião contra Deus; por isso dificilmente seria desejado por Ele. No entanto, assim como Palmer, Gordon H. Clark insiste que:

---

13 Carl Morton, em *The Berea Baptist Banner*, 5 jan. 1995, p. 19.

14 David J. Engelsma, *Hyper-Calvinism and the Call of the Gospel* (Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1980), p. 133.

15 Leonard J. Coppes, *Are Five Points Enough? The Ten Points of Calvinism* (Denver CO: publicação própria, 1980), p. 15.

16 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. rev. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 25.

> Cada evento é pré-ordenado, porque Deus é onisciente [...] Sobre tudo, Deus diz, 'assim seja...'. Não deveriam, agora, enforcarem-se de vergonha aqueles que dizem que Deus não pré-ordenou os atos maus?[17]

Clark, Palmer, Pink e outros, estão simplesmente ecoando Calvino, que disse que Deus "prevê as coisas, que estão para acontecer simplesmente porque Ele decretou que elas, assim aconteçam [...]". Como podem, então, os calvinistas de hoje negarem que o calvinismo ensina que Deus é a causa do pecado? Conforme temos notado, Calvino continua a argumentar que é, portanto, "vão debater a respeito da presciência, embora esteja claro que todos os eventos acontecem pelo Seu [de Deus] desígnio soberano"[18]. Seguindo o seu líder, muitos calvinistas argumentam que " se um simples evento pode acontecer fora da soberania de Deus, então Ele não é totalmente soberano e não podemos estar certos de que Seu plano para as épocas será realizado"[19].

Essa teoria, conforme temos visto, não pode ser encontrada na Escritura, nem é razoável. A libertação dessa falsa visão só ocorre pelo reconhecimento de que existe uma vasta diferença entre o que Deus decreta e o que Ele permite; entre o que Deus deseja e o que Suas criaturas fazem em desobediência à Sua vontade e em rejeição ao Seu amor. John R. Cross, que fez o vídeo revelador da *New Tribes Mission* chamado *Delivered from the Power of Darkness* [*Libertos do Poder das Trevas*], disse muito bem:

---

17 Gordon H. Clark, *Predestination* (Phillipsburg, PA: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1987), pp. 63-64; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 265.

18 Joao Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), volume 3, xxiii.6.

19 Pastor calvinista, no Arizona, para Dave Hunt em 11 de agosto de 2000. Em arquivo.

> A partir do terceiro capítulo de Gênesis em diante, as Escrituras bradam "livre-arbítrio". O volume inteiro fala sobre escolhas e as consequências a elas associadas. Deus achou por bem escrever um livro inteiro sobre escolhas, o Livro de Sabedoria (Provérbios). O amor livre de Deus dá sentido à posse do livre-arbítrio [...].
>
> Suponha que você tenha encontrado alguém que demonstrou amor real por você — deixando o seu negócio para fazer coisas especiais para você [...]. Dizendo a você que ele lhe ama. Então, você descobre que ele não tiver escolha — ele foi programado para "amar" [...]. Bem, isso seria uma terrível decepção. Tudo pareceria tão artificial, tão sem sentido e tão vazio. E seria mesmo.
>
> Ao homem foi dada uma escolha [...]. Ter essa escolha define o homem como um ser humano: comer ou não comer; obedecer ou desobedecer; amar ou não amar. O homem não é um robô. O homem era capaz de amar pela sua própria livre escolha [sem a qual, o amor não é amor].[20]

Será Que Deus Leva o Homem a Pecar?

É verdade que Deus, sendo onisciente, sabe tudo antes que aconteça e, portanto, nada pode acontecer sem que Ele não saiba. Entretanto, para o Deus onisciente saber tudo, obviamente não é necessário que Ele deva *decretar e ser a causa* de tudo. No entanto, Calvino, limitando a presciência, insistiu que Deus apenas conhece o que Ele decretou; portanto, para Deus saber tudo, Ele deve ser a causa de tudo, incluindo o mal. A doutrina da Eleição Incondicional, então, se segue: que assim como o mal é obra de Deus, assim também a eleição deve ser obra de Deus; mesmo sem a fé da parte do homem. Pink prontamente confessa a conclusão lógica para a qual a visão calvinista da soberania e onisciência finalmente conduz:

20 John R. Cross, *The Stranger on the Road to Emmaus* (Olds, AB: Good Seed International, 1997), pp. 56-57.

> [...] negar a presciência de Deus é negar Sua onisciência [...]. Porém devemos ir mais longe: não apenas [...] Seu olho onisciente vê Adão comendo do fruto proibido; mas também Ele decretou de antemão que Adão *deveria* fazer isso. (ênfase no original)[21]

Pelo contrário, já vimos que Deus estando separado do universo tempo–espaço–matéria criado por Ele, o observa de fora do tempo; assim, Sua presciência do futuro deixa o homem livre para escolher. Para Deus, não existe tempo. Passado, presente e futuro são significativos apenas para o homem, como parte de sua existência temporária neste universo físico.

A presciência de Deus daquilo que, para Ele, é um eterno presente não teria qualquer efeito sobre o que, para o homem, é ainda futuro. O próprio Calvino aceitou essa visão sem perceber seu impacto devastador à sua negação da capacidade humana de fazer escolhas genuínas:

> Quando atribuímos presciência a Deus, queremos dizer [...] que para o Seu conhecimento não há passado ou futuro, porém todas as coisas são presentes e, na verdade, tão presentes que [...] Ele verdadeiramente as vê e contempla como que realmente sob Sua imediata inspeção.[22]

"Tentar" e "Testar" São Termos Sem Sentido?

O calvinismo argumenta que Deus, tendo pré-ordenado desde a eternidade passada que Adão e Eva comeriam da Árvore do Conhecimento, os proibiu de comer dela para que Ele pudesse puni-los por

---

21 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986), p. 249.

22 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), volume 3, xxi.5.

fazer o que Ele pré-ordenou e os levou a fazer! Assim, pela Eleição Incondicional, Ele salva um seleto número de seus descendentes para mostrar a Sua graça. Esse cenário inacreditável é contrário ao próprio caráter de um Deus santo e justo, o qual "não pode ser tentado pelo mal, nem a ninguém tenta" (Tiago 1:13). Longe de *causar* o pecado, Deus nem mesmo *tenta* o homem para pecar, conforme já vimos.

Percebemos que a palavra hebraica traduzida como "tentar" é *nacah*. Significa testar ou provar; e não incitar ao pecado. Quando Deus pediu a Abraão para sacrificar Isaque, Ele não estava incitando a Abraão a cometer um assassinato; porém estava testando a fé e a obediência de Abraão. Sugerir que cada pensamento, palavra ou ato de Abraão já havia sido pré-ordenado por Deus torna qualquer "teste" da fé de Abraão em algo sem sentido. O mesmo seria verdade das centenas de vezes em que Deus testou a fé e a obediência de indivíduos e nações na Bíblia.

Pedro declara o teste "da vossa fé que [é] mais muito mais preciosa do que o ouro" (1 Pedro 1:7). Como pode ele falar de "*vossa* fé", se toda fé vem de Deus? E como pode haver qualquer "teste" significativo, se o homem não tem vontade; e se tudo já está predeterminado por Deus, desde a eternidade passada?

Deus deu a Adão e Eva o primeiro mandamento possível. Deveria haver centenas, se não milhares de árvores no Jardim, produzindo deliciosos frutos, de muitos tipos. Eles poderiam comer de qualquer uma ou de todas elas — exceto de uma: "de cada árvore do jardim podereis comer: porém da árvore do conhecimento bem e do mal, não deveis comer: pois no dia em que dela comerdes, certamente morrereis" (Gênesis 2:16–17). Esse mandamento era um teste de amor e obediência necessário para o seu Criador.

Deus estava *testando* e não *tentando*, Suas criaturas. Porém todo esse conceito de advertir o homem a não tentar a Deus, bem como o de Deus testar a fé e a obediência do homem, e que ocupa não poucas páginas da Escritura, não faz sentido se tudo já foi eternamente pré-ordenado por Deus. Essa doutrina faz uma zombaria de todas as súplicas divinas, através dos Seus profetas, para que o homem se arrependa; e torna redundante o próprio Evangelho. Por que suplicar, advertir ou pregar àqueles cujas respostas já foram pré-ordenadas, desde a eternidade passada?

Incapaz e Predestinado; e, Mesmo Assim, Responsável?

De acordo com o "T" em TULIP, o homem é incapaz de responder a Deus de qualquer maneira, exceto para se rebelar. Ele é livre para perseguir o pecado e rejeitar o Evangelho, porém, pelo fato de ser totalmente incapaz de buscar ou agradar a Deus, pela definição calvinista, ele não pode crer no Evangelho ou ter qualquer fé em Deus. Ele pode responder a Deus somente em incredulidade e desobediência. Palmer declara que "o não cristão é hostil a Deus [...]; ele não é nem mesmo capaz de entender o bem"[23] White diz que ele pode entender o Evangelho, mas não o abraçar.

Supostamente, pelo Seu eterno decreto, Deus predestinou cada pensamento, palavra e ato humano, incluindo as atrocidades mais hediondas, cometidas pelos piores criminosos do mundo. A rebelião humana é apenas o agir a partir daquilo que Deus predeterminou que o homem deve fazer e vai fazer — dessa forma, o homem não é um rebelde, mas um fantoche.

Como pode que o que Deus pré-ordenou e leva o homem a fazer ser condenado como rebelião pecaminosa contra a vontade de Deus? Como pode essa rebelião ser desobediência ao que Deus desejou? E como poderia o homem ser justamente punido por fazer o que ele não tem capacidade para *não* fazer?

Tal doutrina difama ao Deus de amor e justiça que Se revela à humanidade nas Escrituras. Em defesa do caráter do verdadeiro Deus, João Wesley argumentou razoável e biblicamente:

> Ele [Deus] não punirá homem algum por fazer qualquer coisa que ele não pudesse possivelmente evitar; nem o punirá por omissão em qualquer coisa que ele não pudesse possivelmente fazer. Cada punição supõe que o ofensor, pudesse evitar a ofensa pela qual é punido. Do contrário, puni-lo

23 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. rev. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 15.

> seria palpavelmente injusto e inconsistente com o caráter de Deus [...].[24]

Espantosamente, os calvinistas não veem qualquer injustiça ou contradição em Deus pré-ordenar o pecado do homem e, em seguida, puni-lo pelo que ele não poderia deixar de fazer. Essa visão extrema da soberania e da predestinação é aplicada à salvação, pela doutrina da Eleição Incondicional. Não obstante a Bíblia declare, clara e repetidamente, que a fé é a condição para a salvação ("crê [...] e serás salvo [...]; aquele que crer, não será condenado", etc.), a Eleição Incondicional do calvinismo nem mesmo permite a fé para salvação. Deus simplesmente decide salvar alguns, chamados de "os eleitos", regenera-os e, somente após isso, lhes concede a fé para crer em Cristo; condenando o restante pelo Seu eterno decreto. E Deus supostamente pré-ordena tudo isso antes que Ele traga os sentenciados e condenados à existência.

A Escritura e a consciência, entretanto, impõem ao *homem* o dever de resgatar todos quantos possíveis. Porém os calvinistas insistem que a eleição incondicional glorifica a Deus, pois *Ele* resgata apenas uns limitados "eleitos". John MacArthur chama os eleitos de: "aqueles escolhidos por Deus para a salvação [...]"[25]. Ao escolher condenar o restante, é dito que mostra quão maravilhoso foi o Seu ato de salvar pelos menos alguns, levando assim o eleito a ser extremamente agradecido. A tentativa calvinista de escapar à questão de por que o Deus que *é amor* salva tão poucos, dizendo que a verdadeira maravilha é que Deus salvasse a *qualquer um* — não responde absolutamente coisa alguma.

Pela doutrina, se alguém deve ser salvo, Deus, através da Graça Irresistível (a qual veremos mais tarde), deve soberanamente efetuar, dentro do pecador, uma resposta salvadora ao oferecer a salvação. Clark admitiu que "as duas teses mais inaceitáveis aos arminianos

---

24 Em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 236.

25 John MacArthur, *The MacArthur Study Bible* (Nashville, TN: Word Publishing, 1997), p. 1939.

são: aquela de que Deus é a causa do pecado e aquela de que Deus é a causa da salvação [...]"[26]. Referindo-se ao pronunciamento dessa doutrina no Sínodo de Dort, o rei Tiago da Inglaterra (o qual nos deu a Bíblia *King James*), embora não fosse arminiano e, dificilmente, um "santo", expressou a sua indignação:

> Essa doutrina é tão horrível, que eu estou convencido de que se houvesse um concílio de espíritos imundos, reunidos no inferno, e seu príncipe, o diabo, pedisse a opinião da assembleia a respeito dos meios mais prováveis de agitar o ódio dos homens contra Deus, seu Criador, nada poderia ser inventado pela assembleia que fosse mais eficaz a esse propósito, ou que pudesse colocar maior afronta sobre o amor de Deus pela humanidade, do que esse infame decreto do último Sínodo [...]"[27].

Uma Deformada e Injustificada Redefinição de Palavras

Quem poderia argumentar contra a preocupação do rei? No entanto, a tentativa é feita para reunir apoio bíblico ao se redefinir certas palavras e frases, tais como: "mundo", "todo aquele", "qualquer", "todos os homens" e até mesmo "pecadores", para significarem somente os eleitos. Por exemplo, a declaração de Paulo de que "Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores" (I Timóteo 1:15), parece, à primeira vista, significar que o desejo Dele era que todos os pecadores fossem salvos. Esse entendimento, é claro, refutaria o calvinismo. Portanto, a palavra "pecadores" é redefinida para significar somente "os eleitos entre os pecadores".

Não existe qualquer coisa em qualquer lugar na Bíblia, entretanto, que sugira que "pecadores" realmente quer dizer os eleitos. As palavras "pecador" e "pecadores" são encontradas setenta vezes na Bíblia:

---

26 Gordon H. Clark, *Predestination* (Phillipsburg, PA: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1987), p. 185.

27 Rei Tiago I; em Jacó Arminio, *The Works of James Arminius*, James e William Nichols, trads. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), vol. 1, p. 213.

"os homens de Sodoma eram ímpios e pecadores" (Gênesis 13:13); "a riqueza do pecador é depositada para o justo" (Provérbios 13:22); "eis que o Filho do Homem será entregue nas mãos dos pecadores" (Mc 14:41); "pois, também os pecadores amam aos que os amam" (Lucas 6:32); "sabemos que esse homem é um pecador" (João 9:24); "sabemos que Deus não ouve a pecadores" (João 9:31); "a lei não é feita para o justo, mas para [...] os ímpios e pecadores" (1 Timóteo 1: 9); "porém, este homem [Cristo] [...] é santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores" (Hebreus 7:24–26), etc. Não há um lugar na Bíblia onde "pecadores" poderia ser interpretado como significando "os eleitos".

No entanto, quando a salvação dos pecadores ou o amor de Deus pelos pecadores é declarado, os calvinistas insistem em que "pecadores" quer dizer os eleitos, tal como na seguinte declaração: "Eu não vim chamar os justos ao arrependimento, mas sim, os pecadores" (Mateus 11:19; Lucas 7:34); "este homem recebe pecadores" (Lucas 15:2); "Cristo morreu por nós, sendo ainda pecadores" (Romanos 5:8), e assim, por diante. Tais definições são exigidas em toda a Escritura, a fim de apoiar o calvinismo.

Por todo o Novo Testamento, a mesma palavra grega é sempre utilizada para "pecadores". Assim, não existe autorização alguma, para quem quer que seja, de dar a ela um significado diferente, a fim de apoiar o calvinismo.

Quem São os Eleitos e Por quê?

A Bíblia usa o termo "eleito" de várias formas: para Israel, para Cristo, para uma senhora e para os anjos. Nunca, entretanto, essa palavra é utilizada, para indicar que existe um grupo seleto que, sozinho, foi predestinado a ser salvo. *Nunca*. Ironside declarou, "em nenhum lugar na Bíblia, as pessoas já estão predestinadas ao inferno e, em nenhum lugar, as pessoas são, simplesmente, predestinadas ao Céu [...]; predestinação é sempre para algum lugar especial de benção"[28].

28 H. A. Ironside, *In the Heavenlies, Addresses on Ephesians* (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1937), p. 34.

O calvinismo define os eleitos, como aquele único grupo seleto que Deus, desde a eternidade passada, já designou para a salvação. Todo o restante está predestinado por Deus à condenação eterna. O Evangelho pode ser pregado dia e noite aos condenados, no entanto, sem sucesso, pois eles são totalmente incapazes de crer. Deus supostamente não tem desejo algum de abrir-lhes os olhos cegos e dar-lhes a fé para crer, sejam eles quem forem. Ele faz isso apenas pelos eleitos (através da eleição incondicional), embora pudesse fazê-lo para com todos. No entanto, *jamais* essa doutrina repugnante é ensinada nas Escrituras!

Calvinistas "moderados"[29] afirmariam que acabamos de descre-

---

29 N. do T.: O Calvinismo Moderado é, também, algumas vezes, grosseiramente considerado, por muitos calvinistas clássicos ou hiper-calvinistas, como um Arminianismo disfarçado. É, também considerado, Calvinismo de quatro pontos, pois crê que o homem, mesmo caído, tem a imagem de Deus manchada pela queda, mas não apagada, assim sendo, o homem teria a capacidade rejeitar a oferta de salvação, pois nesse caso, a expiação seria limitada apenas no resultado (para o aquele crê), todavia, seria estendida a todos. O homem continua com o livre-arbítrio, mesmo depois da queda. De acordo com Norman Geisler, auto-declarado, Calvnista Moderado, outra diferença relevante, é em relação à eleição divina. A eleição é incondicional para Deus, que livre para escolhera quem ele quer; todavia, é condicional para homem, que pode exercer a fé ou rejeitar a salvação, conforme o que é crido em relação a expiação. Ainda, segundo Geisler, outro aspecto interessante da eleição divina, é que: " ela não está *baseada* na presciência que Ele tem dos atos livres das pessoas, nem é exercida *a despeito dela*. Como as Escrituras declaram, somos "escolhidos *de acordo com o pré-conhecimento* de Deus" (1ª Pe 1.2). Isso quer dizer que não há nenhuma prioridade, lógica ou cronológica, entre a eleição e a presciência. Elas são co-extensivas, co-existentes e simultâneas, ou seja, tanto a presciência quanto a predeterminação são uma só coisa em Deus. Qualquer coisa que Deus conhece, determina. E qualquer coisa que determina, conhece. De modo mais próprio, deveríamos falar de Deus como *determinando conscientemente* e *conhecendo determinadamente*, desde toda a eternidade, tudo o que acontece, incluindo todos os atos livres. Segundo o pensamento do calvinista moderado, o que quer que Deus escolha de antemão não pode ser baseado naquilo que ele pré-conhece. Nem pode o que pré-conhece estar baseado naquilo que *escolhe de antemão*. Esses dois atos de Deus devem ser simultâneos, eternos e coordenados. Assim, nossas ações são verda-

ver o hipercalvinismo[30]. Na tentativa de negar a "reprovação" ou a

---

deiramente livres e Deus determina que sejam assim. Deus é, totalmente, soberano no sentido de que, realmente, determina o que ocorre e, todavia, o homem é, completamente, livre e responsável pelo que escolhe." (fonte: GEISLER, Norman. *Eleitos, mas livres: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre-arbítrio*. São Paulo: Vida, 2006, no cap. 3 e cap.7.)

30 N. do T.: O Hiper-Calvinismo é, também, algumas vezes, erroneamente, considerado o mesmo que Supralapsarianismo. Todos os Hiper-calvinistas são supralapsarianos (supra = acima; lapsus= queda, ou seja, antes da queda), embora, nem todos os supralapsarianos sejam hiper-calvinistas. O Hiper-calvinismo enfatiza a dupla predestinação, ou seja, Deus predestinou, antes da fundação do mundo, uns para o céu e outros para o inferno. O Calvinismo Clássico afirma, apenas, que Deus elegeu alguns para a salvação e os demais, como diz o Hunt, "deixados às justas consequências do seu pecado". A diferença básica consiste em que o "Hiper" afirma que Deus pré-ordenou os preteridos para o Inferno, positiva e ativamente, enquanto o Clássico afirma que Deus só elegeu, positiva e ativamente, para a salvação, não para a condenação eterna no inferno; simplesmente, os preteridos, são não-eleitos. No Hiper-calvinismo, o pecador é conduzido ou levado, internamente, por causa da Eleição Incondicional e, por meio da Graça Irresistível, à própria salvação. Ele não tem escolha. Ressalta-se ainda que, se uma pessoa é eleita, ela, de modo algum, perderá a salvação, mesmo vivendo desregrada e dissolutamente, pois já foi e está salva, para sempre [Uma vez salvo, salvo para sempre]. Nisto, o Hiper-calvinismo, também difere do Calvinismo Clássico, no qual, Calvino defendia que, se alguém é, realmente, um eleito, evidenciará sua eleição por meio de uma vida de santidade, fidelidade e compromisso com Deus. Resumidamente e, de acordo com o Dr. Ronald Hanko, um calvinista Clássico, "historicamente, o nome [Hiper-calvinismo] tem sido aplicado àqueles que negam que, o mandamento do evangelho *para arrepender e crer*, deve ser pregado à*todos os que ouvem o evangelho.*Assim, um hiper-Calvinista (histórica e doutrinariamente) é alguém que - pelo fato de, nem todos terem sido escolhidos e redimidos - não mandará que, todos os que ouvem o evangelho, se arrependam e creiam. Ele é alguém que, começando a partir de premissas corretas, porém traça conclusões errôneas — pois, não crê que 'Deus ordena, agora, a todos os homens e em todo lugar, que se arrependam.' Um verdadeiro hiper-Calvinista é, então, alguém que crê, corretamente, na predestinação dupla e soberana, bem como, na redencão particular [ilimitada] — as quais, negam um amor universal de Deus e uma vontade Divina, em salvar a todos os homens. Todavia, ele conclui erroneamente que — porque Deus

"dupla-predestinação" (a qual Calvino claramente ensinou), os moderados diriam que Deus meramente deixa o não eleito às justas consequências do seu pecado. Qual seria a diferença entre deixar à sua condenação ou predestinar a esse mesmo destino àqueles que Ele *poderia ter resgatado*? Os assim chamados hipercalvinistas simplesmente admitem a verdade sobre o calvinismo.

O que os "moderados" tentam distanciar de si como sendo "hiper" foi ensinado por Calvino e fez parte da corrente principal do calvinismo desde o começo. A Confissão de Fé de Westminster declara: "pelo decreto de Deus, para a manifestação da Sua própria glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna e os outros predestinados à morte eterna".[31] Apesar de ter ensinado essa crença, Calvino admitiu:

> [...] muitos [...] consideram incongruente que, da grande massa da humanidade, alguns devam ser predestinados à salvação e outros à destruição.[32]

> O decreto, eu admito, é terrível; e, no entanto, é impossível negar que Deus pré-conhece qual o fim que o homem terá antes que Ele o crie; e pré-conhece porque Ele já havia assim ordenado, pelo Seu decreto.[33]

---

determinou quem será salvo, enviou Cristo somente a estes e dá, a estes somente, a salvação como um dom gratuito — somente os eleitos devem ser instados a crerem e arrependerem-se, através da pregação do evangelho. Isto, nós cremos, é um sério erro. E um erro que, efetivamente, destroi tanto o evangelismo quanto a pregação do evangelho em geral — um erro que deve ser evitado. (Atos 17:30, KJV)". Disponível em <http://www.monergismo.com/textos/predestinacao/infra_supra_phil.htm>.

31 Confissão de Fé de Westminster (Londres: 1643), vol. 3, p. 3.

32 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), volume 3, xxi.1.

33 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), volume 3, xxi.7.

Calvino é forçado a manter o que ele admite é um decreto "terrível". Mas forçado pelo quê? Não pela Escritura, mas por sua insistência antibíblica de que Deus só pode pré-conhecer o que Ele decreta. Partindo desse erro, segue-se que, uma vez que Deus sabe tudo o que vai acontecer, Ele deve ter decretado tudo o que aconteceria — desde a queda de Adão até o destino final de bilhões. Graças a Deus que a Bíblia, diz o contrário: "Deus amou o *mundo* de tal maneira, que deu o Seu Filho unigênito, para que *todo aquele* que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). Tanto "mundo" quanto "todo aquele" devem ser alterados para "eleitos", a fim de que o calvinismo seja sustentado.

Realmente Desconcertante!

Os "eleitos" no calvinismo são, incondicionalmente (isto é, sem qualquer fé, entendimento ou escolha da parte dele), eleitos à salvação simplesmente porque, na misteriosa vontade soberana de Deus, Ele decidiu, sem qualquer razão aparente, salvar a eles e *somente* eles. Os calvinistas objetam quando dizemos: "sem qualquer razão aparente". Afirma-se que Deus não necessita de razão e que é simplesmente do Seu agrada fazê-lo ou que a razão está escondida na Sua misteriosa vontade: "não sabemos em que Deus fundamenta a Sua escolha [...]"[34].

Até mesmo Deus, no entanto, deve ter uma razão para salvar alguém e condenar os outros. Do contrário, Ele agiria irresponsável e contrariamente ao Seu Ser. De fato, da eleição/predestinação é sempre dito, na Bíblia, que se fundamenta na presciência de Deus[35]. Aqueles a *quem Ele pré-conheceu que creriam*, Ele predestinou a bênçãos especiais, as quais Ele decidiu que acompanhariam a salvação das penalidades do pecado — "as coisas que Deus preparou para aqueles que O amam" (1 Coríntios 2:9).

---

34 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 26.

35 Veja, por exemplo, Romanos 8:29 e 1 Pedro 1:2.

Deus continuamente explica por que o homem está separado Dele e qual é a solução, oferecendo-Se para argumentar com o homem sobre o assunto: "vinde, então e perguntai-Me" (Isaías 1:18). Ele argumenta com Israel, envia Seus profetas para advertir o Seu povo e explica, repetidamente, por que, mesmo relutantemente, Ele os têm punido: "por causa das impiedades das vossas obras" (Deuteronômio 28:20); "eles têm esquecido o pacto do SENHOR" (Deuteronômio 29:25); "porque eles deixaram a Minha lei" (Jeremias 9:13); etc. Deus explica que Ele deu Seu Filho para morrer pelos pecados do mundo, por causa do Seu grande amor por toda a humanidade: "porque Deus enviou Seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para salvá-lo" (João 3:17); "e temos visto e testificado que o Pai enviou o Seu Filho para ser o Salvador do mundo" (1 João 4:14).

Deus, no entanto, nunca declara na Escritura a razão para salvar um grupo seleto e condenar todos os outros. Com certeza, uma doutrina tão importante seria claramente explicada, em defesa do caráter de Deus; no entanto, ela nem mesmo é mencionada. Podemos somente concluir que a Eleição Incondicional é apenas uma invenção humana.

A Escritura e a Consciência Estão Unidas Contra Ela

Na verdade, a consciência dada por Deus ao homem e a Escritura clamam em protesto contra essa doutrina. Deus é inteiramente "imparcial" (Tiago 3: 17), "não faz acepção de pessoas" (Atos 10:34) e todos os homens são, igualmente, dignos de Sua condenação e, igualmente, indignos de Sua graça. Os calvinistas admitem, pelo seu ponto de vista, que os "eleitos", assim como toda a humanidade, uma vez que eram totalmente depravados, incuravelmente dispostos contra Deus e incapazes de crer no evangelho, em nada superavam os "não eleitos", tendo qualquer coisa que os recomendasse à graça de Deus. Assim, por que Ele os selecionou para a salvação e condenou todo o restante? Nenhuma razão pode ser encontrada tanto em Deus quanto no homem ou em qualquer lugar na Escritura.

Não há como escapar à assombrosa questão: por que o Deus de Calvino escolhe salvar tão poucos quando poderia salvar todos? Sem desculpas, James White nos informa: "por que um homem é levantado para a vida eterna e outro é deixado para a destruição eterna [...]? Está 'de acordo com o beneplácito de Sua vontade'."[36] Pois essa é a *bondade* de Deus, que O leva a salvar tão poucos e condenar a muitos! Em nome do nosso Deus, estamos horrorizados e ofendidos com tal conceito.

Biblicamente, não há dúvida de que Deus tem o direito de salvar a quem Ele quer e ninguém pode reclamar. Todos somos merecedores do castigo eterno, exigido pela santidade de Deus contra o pecado. Porém temos dito repetidamente que Deus é *amor* e que Ele é misericordioso para com *todos*, exatamente o que seria de se esperar Dele, tendo em vista o Seu mandamento para amarmos o próximo como a nós mesmos e fazermos o bem a todos. Certamente, não esperaríamos que o "Pai de misericórdias e Deus de todo conforto" (2 Coríntios 1:3) retivesse a misericórdia de *qualquer um* que tão desesperadamente precisa dela — muito menos que Ele tenha prazer em fazer isso. Calvino se esconde por trás de autoridade de Agostinho para justificar essa contradição, mas o esforço é insuficiente. Por exemplo:

> Ora [...] ele [Deus] organiza todas as coisas pelo Seu soberano conselho, de tal forma que os indivíduos nascidos, os quais estão condenados desde o ventre para a morte certa, nascem para glorificá-Lo em sua destruição [...]. Se a sua mente está perturbada, não deixe de abraçar o conselho de Agostinho [...].[37]
>
> Admitimos que a culpa é comum, porém dizemos que Deus, em misericórdia, socorre alguns. Que Ele (eles dizem)

---

36 James R. White, *The Potter's Freedom* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 177.

37 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), volume 3, xxiii.5,6.

> socorra a todos! Objetamos que é certo para Ele mostrar através da punição que Ele é um juiz justo [...]. Aqui as palavras de Agostinho se aplicam mais admiravelmente [...]. Uma vez que Deus inflige a punição devida àqueles a quem Ele reprova e confere favor imerecido àqueles a quem Ele chama, Ele está livre de todas as acusações [...].[38]

> Eu não hesitarei [...] em confessar, juntamente com Agostinho, que a vontade de Deus é necessária [...] [e] que a destruição, consequência da predestinação, é também muito justa [...]. O primeiro homem caiu porque o Senhor considerou que ele deveria: por Ele assim considerou, não sabemos. É certo, no entanto, que isso foi justo, porque Ele viu que Sua própria glória seria, dessa maneira, manifestada [...].[39]

Que "Justiça" É Esta?

Deus não recorre ao julgamento a fim de demonstrar que Ele é um justo juiz. Ele *é* perfeitamente justo, e Seu julgamento recai sobre aqueles que o merecem e que rejeitam o Seu perdão em Cristo — não sobre uma vasta multidão a quem Ele predestinou para o tormento eterno, porque isso O agrada e O glorifica! Essa crença de Calvino e Agostinho calunia o Deus da Bíblia.

Que Deus impõe a "necessidade do pecado" sobre o homem e, em seguida, o condena por pecar, não pode ser "justo" por qualquer que seja a manobra semântica. No entanto, isso é exatamente o que Calvino ensinou e defendeu:

> O réprobo [predestinado à condenação] iria se desculpar de seus pecados [...]; por isso uma necessidade dessa natureza

---

38 Ibid., p. 11.

39 Ibid., pp. 8, 9.

> é colocada sobre eles, pela ordenação de Deus. Negamos que eles possam, dessa maneira, se desculparem de forma válida [...]; todo o mal que eles carregam é infligido pelo mais justo julgamento de Deus.[40]

A crueldade que Calvino atribui a Deus é apavorante. Certamente, conforme Wesley argumenta, punir por não fazer o que é impossível de se fazer, ou por se ter feito somente aquilo que se podia fazer, é o oposto da justiça. Como se não fosse o bastante, Deus predestinaria o homem a pecar para que Ele tivesse alguém para julgar, o que é abominável até mesmo para os ímpios. É ofensivo à consciência que Deus deu à toda humanidade. Calvino atribui o mal a Deus e, em seguida, chama isso de justo, porque "tudo que ele [Deus] deseja deve ser considerado justo"[41].

A Escritura nos diz o oposto [predestinado à condenação] que Deus ordena a todos os homens que se arrependam, apela à humanidade para que faça isso, está pronto a perdoar e promete a salvação a todos os que creem em Cristo. As passagens seguintes, nas quais Deus apela à humanidade a aceitar a salvação que Ele oferece em Cristo, são apenas algumas entre muitas escrituras semelhantes que refutam a eleição incondicional do Calvinismo:

> Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos e volte-se para o SENHOR, e Ele Se compadecerá dele; e volte-se para o nosso Deus, porque é grandioso em perdoar (Isaías 55:7); Buscar-Me-eis e Me achareis, quando Me buscardes de todo o vosso coração (Jeremias 29:13); portanto, todo aquele que ouve estas Minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha (Mateus 7:24); vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos aliviarei (Mateus 11:28); e se alguém tiver sede, venha a Mim e beba (João 7:37); e, todo aquele que quiser, tome de graça da água da vida (Apocalipse 22:17).

40 Ibid.

41 Ibid., p. 2.

Cada uma das passagens acima claramente inclui dois fatos que refutam a Eleição Incondicional:

1. A ordem e o convite são dados a todos a todos, não apenas a um grupo seleto. As palavras "ímpio", "injusto", "todo aquele" e "todos" claramente querem dizer o que elas dizem e não podem ser mudadas para "eleitos".

2. Existem condições que devem ser atendidas. Existe tanto uma ordem quanto um convite que fazem certas exigências: abandonar os próprios pecados, buscar a Deus de todo o coração, "ouvir e fazer" o que Cristo ordena, "vir" a Ele e "tomar e "beber" da água da vida que Cristo dá.

Fugindo dos Problemas

Em toda sua abordagem a respeito da soberania e da justiça de Deus, Calvino não leva em conta outros atributos de Deus, como o Seu amor e Sua misericórdia. Nenhuma vez, nas 1.300 páginas das suas *Institutas*, Calvino expõe sobre o amor de Deus pela humanidade ou tenta explicar como Deus, que *é* amor, teria prazer em condenar bilhões a quem Ele poderia salvar se assim o desejasse. Como, realmente! Eis aqui, a grande questão que a própria consciência que Deus implantou em toda humanidade encontra tantos problemas — todavia Calvino nunca trata disso!

Biblicamente, a soberania de Deus é somente exercida em perfeita unidade com o Seu caráter, como um todo. Ele não é um soberano despótico. Sua soberania é colocada em harmonia com Seu amor, Sua graça, Sua misericórdia, Sua bondade, Sua justiça e Sua verdade — porém Calvino não tem coisa alguma a dizer sobre esses atributos, porque eles não podem ser reconciliados com a sua teoria.

É razoável perguntar por que Deus, que é amor, não tem amor e compaixão para salvar a todos que Ele poderia salvar e, ao invés disso, predestina bilhões ao tormento eterno. Calvino repetidamente esconde atrás da palavra "mistério" a sua falta de resposta. Porém

apelar para o "mistério" não encobre o horror dessa doutrina. No entanto, isso é o melhor que Calvino pode fazer, juntamente com repetidos apelos à autoridade de Agostinho. Ele argumenta:

> Não devemos ter vergonha de sermos ignorantes em um assunto no qual a ignorância é o aprendizado. Pelo contrário, vamos nos abster, de bom grado, da busca pelo conhecimento, à qual é algo tanto tolo quanto perigoso, e até mesmo fatal, se aspirar[42].

> Quão pecaminoso é insistir em saber as causas da vontade divina, uma vez que ela é em si e, o é justamente, a causa de tudo que existe [...]. Deus, cujo prazer é infligir punição a tolos e transgressores [...]; nenhuma outra causa pode ser citada como evidência [...], senão o secreto conselho de Deus [...]; a ignorância de coisas, as quais não somos capazes ou que não nos é lícito saber, é aprendizado; enquanto que o desejo de as conhecer é uma espécie de loucura.[43]

Apelar para o "mistério" e exaltar a ignorância são contrários à Palavra de Deus, a qual nos diz que devemos "estar sempre prontos a responder a todo aquele que nos pedir a *razão* [...]" (1 Pedro 3:15). No entanto, Calvino disse que era errado buscar uma razão.

A única palavra grega traduzida como "mistério" é *musterion*. Ela *nunca* é usada como Calvino a usou, significando um segredo a se esconder. Pelo contrário, ela *sempre* se refere ao conhecimento que está sendo revelado. Por exemplo: "não desejaria [...] que ignoreis este mistério [...]" (Romanos 11:25); "eu vos digo um mistério [...]" (1 Coríntios 15:51); "revelando-me o mistério [...]" (Efésios 3: 3), "mesmo o mistério que esteve oculto [...], porém agora é manifesto [...]"(Colossenses 1:26); "vou lhes dizer o mistério [...]" (Apocalipse 17:7), etc. A palavra *nunca* é usada como Calvino a usa em relação à

42 Ibid., xxi.2.

43 Ibid., xxiii.4, 8.

salvação, à predestinação ou à soberania e, certamente, não em relação a alguns sendo salvos e os outros condenados.

Nenhum Escape Através da Semântica

De acordo com a doutrina da eleição incondicional, tanto a fé para crer quanto a salvação que os eleitos recebem lhes são impostas pela soberania de Deus, substituindo totalmente a sua suposta incapacidade humana de escolher e sua suposta vontade depravada de rejeitar o Evangelho. O calvinista objeta a frase "imposta a eles" e insiste que Deus, simplesmente, removeu do eleito a sua resistência natural ao Evangelho.

No entanto, qualquer remoção da suposta rejeição natural teria que mudar o desejo de um pecador rebelde. Palmer admite: "Ele até mesmo *me* fez, eu que realmente não amava Jesus, querer amá-Lo e crer Nele (enfase nossa)"[44]. Pelo contrário, ninguém pode ser *feito* a amar ou a aceitar um presente, muito menos a mudar de idéia, sem a vontade de fazê-lo. Essa vontade deve vir do coração; ela não pode ser criada a partir do nada.

Ninguém pode ser forçado a mudar de ideia. Não importa o quanto tente explicar a eleição incondicional, o calvinista não pode escapar de um fato básico e reconhecido por toda a humanidade: que, em qualquer mudança significativa de atitude ou crença, a vontade humana deve consentir, voluntariamente, através de razões, com o que ela aceita. Porém, de acordo com o calvinismo, esse fato do senso comum mina a soberania de Deus. Pelo contrário, esse é um fato e ele refuta o calvinismo.

O calvinista afirma que, de acordo com Efésios 2:8–10, a fé é dada como um dom (discutiremos esse erro, em profundidade, mais tarde). A construção grega, entretanto, exige que a salvação — e não a fé — seja o dom de Deus. Além disso, mesmo se a fé fosse o dom, ele teria que ser recebido — um ato que, em si, exige a fé e o exercí-

---

44 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 21.

cio da vontade. A fé salvadora é um elemento absolutamente essencial em qualquer relacionamento e transação entre o homem e Deus, conforme muitas escrituras declaram de forma inequívoca: "aquele que *se aproxima de* Deus deve *crer* que Ele existe [...]" (Hebreus 11:6).

Jesus disse: "seja-vos feito, segundo a vossa fé" (Mateus 9:29). Nós já apontamos isso, mas vale a pena repetir. A expressão "vossa fé" é encontrada vinte e quatro vezes: "a vossa fé é anunciada [...]" (Romanos 1:8); "se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé [...] (1 Coríntios 15:17), etc. "Tua fé" é encontrada onze vezes: "a tua fé te salvou [...]" (Marcos 5:34; Lucas 8:48), "a comunicação da tua fé [...]" (Filemom 6), etc. "A fé dele" é encontrado duas vezes: "sua fé lhe é imputada como justiça" (Romanos 4:5), etc.; e "a fé deles", três vezes: "Jesus viu a fé deles" (Marcos 2:5), etc. Essas são expressões estranhas se ninguém pode ter fé a menos que Deus, soberanamente, o regenere — e em seguida lhe dê uma fé que não é sua, mas totalmente de Deus.

Tal ensino é claramente antibíblico. A Escritura repetidamente retrata Deus como que apelando à razão, à consciência e à vontade do homem, a fim de persuadi-lo a se arrender e crer. A história inteira do tratamento de Deus com o homem — passado, presente e futuro, conforme revelado na Escritura — não faria sentido se a Eleição Incondicional fosse verdadeira. E, é assim também, com toda a TULIP.

Resumindo

É o ingrediente essencial do amor — o poder de escolha — que a defesa equivocada do calvinismo a respeito dessa uma falsa visão da soberania de Deus não permitirá. E é aqui mesmo na Eleição Incondicional, o segundo de seus cinco pontos, que o calvinismo tropeça novamente em uma enorme contradição, sobre a qual os seus adeptos não podem concordar. Sua perversão da soberania exige que, se alguém vai para o céu ou para o inferno, isso depende unicamente da vontade e do decreto de Deus; o recebimento ou a rejeição de Cristo pelo homem não é por sua livre escolha, mas é irresistivelmente imposto por Deus sobre aquele indivíduo. Como resultado, o ateu se

sente justificado em rejeitar a Deus que, contrariamente à compaixão humana básica, predestina multidões ao tormento eterno, pessoas a quem Ele poderia, muito bem, ter predestinado à eterna alegria em Sua presença.

Por que o Deus, *que é* amor, não exerceria o controle absoluto que o calvinismo atribui a Ele sobre cada pensamento, palavra e ato, para eliminar o pecado, a doença, o sofrimento e a morte, e, assim, trazer toda a humanidade ao céu? Essa contradição dos padrões básicos que Deus coloca em cada consciência humana faz levantar uma questão óbvia — e é uma questão em resposta àquilo que os próprios calvnistas, não podem concordar em sua solução.

Alguns como João Calvino desavergonhadamente dizem que Deus não quer que todos sejam salvos — na verdade, é Sua "boa vontade" condenar tantos. Outros, percebendo a repulsa que ideia cria em qualquer um com um sentido normal de misericórdia ou bondade, chamam isso de "hipercalvinismo" e tentam encontrar outras explicações para a suposta falha de Deus em eleger a todos irresistivelmente. A necessidade de superar as objeções não calvinistas para aparente calúnia contra Deus (ao predestinar multidões ao tormento eterno antes mesmo que tenham nascido) tem sido a mãe da invenção de uma série de tentativas de racionalizações.

Como temos visto, alguns tentam escapar desse desastre moral simplesmente dizendo que a resposta está escondida na secreta vontade de Deus — uma evasiva óbvia. Outros, embora admitindo a monstruosa contradição, insistem que o que nos parece abominável não é tanto assim para Deus — pois não podemos impor as nossos padrões sobre Ele. Esse argumento, entretanto, é demolido pelo fato de que Deus escreveu Seus padrões em todas as consciências e argumenta com a humanidade fundamentado nesses mesmos padrões (Isaías 1:10–20).

Por toda a Escritura, Deus apela à consciência do homem para fazer o que ele sabe que é certo e para se abster do mal. O ensinamento de Cristo, "e como vós quereis que os homens vos façam, fazei vós também a eles" (Lucas 6:31) exprime claramente a simpatia comum que cada pessoa normal, embora pecadora, percebe que ele deve ter para com aqueles em necessidade. Que essa compaixão vem

de Deus e reflete o Seu próprio tipo de desejo para com a humanidade não pode ser negado, e é reconhecido como tal por Spurgeon.

Os calvinistas não concordam sobre como lidar com a clara declaração de Paulo de que Deus deseja "que todos os homens sejam salvos" (1Timóteo 2: 4). Como veremos mais tarde com mais detalhes, assim como James White, muitos calvinistas argumentam que Paulo não quer dizer "todos os homens", mas "todas as classes de homens"[45]. O próprio Calvino adotou essa ideia tortuosa para escapar à verdade sobre o amor de Deus por todos[46].No entanto, Spurgeon rejeitou esse estratagema. Em vez disso, ele honestamente declarou (como já observamos):

> Como é o meu desejo de que assim seja, e uma vez que é o vosso desejo de que deveria ser assim, dessa forma, é o desejo de Deus que todos os homens sejam salvos; pois, com certeza, Ele não é menos benevolente do que nós.[47]

Essa crença não calvinista, no entanto, deixou Spurgeon em apuros. Ele não estaria contradizendo a expiação limitada que, de outra forma, ele professou a aceitar? Como Deus poderia sinceramente desejar a salvação daqueles por quem Cristo não morreu e a quem Ele havia predestinado ao tormento eterno? E aqui — como Sproul, Piper, MacArthur, e outros — Spurgeon recorre à ideia de que Deus aparentemente tem duas vontades: "a vontade decretiva de Deus (Seu propósito eterno) [...] [e] a vontade desejada por Deus"[48].

Esse sermão é, aparentemente, a origem da afirmação de MacArtur sobre a mesma contradição. Como Deus poderia ter duas vontades conflitantes? Em vez de encontrar uma solução bíblica e racio-

45 James R. White, *The Potter's Freedom* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 139-143.

46 João Calvino, *Calvin's New Testament Commentaries* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdman's Publishing Co., 1994), vol. 10, p. 209.

47 C. H. Spurgeon, sermão pregado em 16 de janeiro de 1880, "Salvation by Knowing the Truth", disponível em <www.apibs.orglchs/1516.htm>.

48 Ibid.

nal a essa ideia antibíblica e irracional (a qual deve ser defendida, a fim de se sustentar o calvinismo), Spurgeon confessou ignorância:

> Então, vem a pergunta: "mas, se Ele deseja que seja assim, por que é que Ele não faz assim [...]; [Deus] tem uma benevolência infinita que, no entanto, não é benevolente em todos os pontos trabalhados pela sua Onipotência infinita: e se alguém me pergunta por que Ele não é benevolente, eu não posso responder. Eu nunca me propus a ser um explicador de todas as dificuldades e eu não tenho desejo de sê-lo.[49]

De fato, o próprio calvinismo cria essa "dificuldade"! O dilema se dissolve e a pergunta irrespondível é respondida por uma dedução simples: Deus, em Sua soberania deu ao homem o verdadeiro poder de escolha. Assim, o desejo sincero e amoroso de Deus para que toda a humanidade seja salva não é contraditório à Sua justiça, mas é rejeitado pelo livre-arbítrio de muitos. Ninguém está predestinado para a felicidade eterna na presença de Deus ou para o tormento eterno em separação Dele. O destino eterno depende da aceitação ou da rejeição Cristo por meio do evangelho.

Aqueles que recebem a Cristo não têm coisa alguma de se gloriar, mas se gloriam em Cristo somente, que pagou o preço pelos seus pecados. E aqueles que sofrem a justa pena por seus pecados têm apenas a si mesmos para culpar, pois têm deliberadamente rejeitado a salvação que Deus graciosamente providenciou e livremente ofereceu como um dom do Seu amor.

Esse é o ensinamento claro das Escrituras, do Gênesis ao Apocalipse. Porém, para encarar esse fato, o calvinista teria de abandonar os dogmas aos quais dedicou sua vida e sua reputação. Muitos já o fizeram. A nossa oração é que este livro ajude muitos mais a se libertarem da TULIP.

---

49 Ibid.

CAPÍTULO 16

A SALVAÇÃO ESTÁ DISPONÍVEL A TODOS?

Deus determinou de Sua própria vontade prover a salvação. Ele concebeu o plano e definiu as regras para satisfazer o Seu amor e a Sua justiça. É tolice para qualquer um imaginar que o homem pode definir os requisitos para a salvação e os impor a Deus. Não é menos óbvio que Deus, porque Ele é Deus, tem a prerrogativa de oferecer a salvação a quem quer. Contudo, os calvinistas afirmam que seus críticos negam tal "liberdade" a Deus. Nós não negamos.

Deus declarou: "[Eu] terei misericórdia de quem Eu tiver misericórdia, e Me compadecerei de quem Eu Me compadecer" (Êxodo 33:19). Ele não diz, no entanto, que Ele será gracioso e misericordioso com alguns e não com outros — mas que a graça e a misericórdia são Sua iniciativa. Ele não está sob obrigação alguma de ser gracioso e misericordioso com *quem quer que seja*.

Somente pela graça e pela misericórdia de Deus alguém pode ser salvo: "pela graça sois salvos [....]; segundo a Sua misericórdia, Ele nos salvou" (Efésios 2:8; Tito 3:5). Já que a salvação é pela graça, ela não pode ser conquistada, merecida, nem exigida sobre qualquer base.

Graça e misericórdia podem ser dada a quem Deus decidir. No entanto, longe de indicar que a Sua graça é limitada porque Ele decidiu salvar apenas um grupo seleto, a Bíblia diz claramente que "Deus amou o mundo" que deu o Seu Filho para morrer, para "que o mundo possa ser salvo por meio Dele" (João 3:16–17). Cristo, o Cordeiro de Deus, veio tirar "o pecado do mundo" (João 1:29), e Ele se tornou a propiciação "pelos pecados de todo o mundo" (1 João 2:2).

Deus declara repetidamente que Ele é gracioso e misericordioso para com todos. E assim é com o amor de Deus, do qual Sua graça e Sua misericórdia fluem — sem parcialidade, alcançam toda a humanidade.

Além disso, em contraste com os literalmente centenas de locais onde o amor de Deus é claramente expresso por todos em Israel (a maioria dos quais o rejeitou) e pelo mundo inteiro (a maioria dos quais também o rejeitou), em nenhum lugar a Bíblia declara que Deus não ama e deseja a salvação de todos. Nenhum texto da Escritura indica que o amor e a salvação de Deus estão limitados a um número seleto. Se esse fosse o caso, isso certamente seria afirmado claramen-

te — mas não é. Em vez disso, a graça e a misericórdia de Deus são oferecidas repetidamente para toda a humanidade.

Por isso o calvinista tenta tomar as centenas de declarações do amor de Deus por todos e os "interpreta" como que dizendo o oposto. Assim, em expressões do desejo e da oferta de Deus para a salvação de todos, palavras como "mundo", ou "qualquer", ou "todo aquele", ou "pecadores", ou "todos os homens" são interpretadas significando "os eleitos".

Soberania e Salvação

Deus não é, de modo algum, obrigado a prover salvação a quem quer que seja. Ainda assim a Bíblia repetidamente deixa claro que o propósito gracioso de Deus é para que toda a humanidade seja salva: "que quer que todos os homens se salvem, e venham ao pleno conhecimento da verdade [...]. Cristo Jesus [...] deu a Si mesmo em resgate por todos [...]" (1 Timóteo 2:4–6). "Todo aquele que Nele crê [...]. Quem quiser tome de graça da água da vida" (João 3:16; Apocalipse 22:17), etc. A Escritura não poderia declarar mais claramente que a salvação é oferecida a *todos* como um dom gratuito da graça de Deus, para ser aceita ou rejeitada.

No entanto, todo mundo não será salvo. Por que não, se o Deus soberano realmente quer que todos sejam salvos? Poderia o Deus que "faz todas as coisas segundo o conselho de Sua própria vontade" (Efésios 1:11) apenas expressar Sua vontade, em uma *oferta* que o homem poderia por *sua* vontade aceitar ou rejeitar?

Por que não? Certamente, um comando é mais forte do que uma oferta, e os Dez Mandamentos não são "dez sugestões". No entanto, essa declaração universal de Seu desejo para a humanidade que Deus deu a partir do Monte Sinai a Moisés e escreveu em cada consciência humana é quebrada bilhões de vezes cada dia pela obstinação rebelde do homem. A soberania de Deus não é mais prejudicada por alguns aceitarem a oferta de salvação e outros a rejeitarem do que pela desobediência contínua do homem aos Dez Mandamentos.

A palavra "todo aquele" é definida no *Webster's New Universal Unabridged Dictionary* como "quem: qualquer que seja pessoa: uma forma enfática". Não há significados alternativos — ela *sempre* significa quem ou qualquer pessoa. Ainda assim o calvinismo requer que em certos lugares "todo aquele que" na verdade signifique "somente o eleito".Na verdade, o significado correto para "todo aquele que" contradiz o calvinismo completamente. A palavra "todo aquele que" é encontrada 183 vezes em 163 versos na Bíblia, começando com "quem matar a Caim" (Gênesis 4:15) e terminando com "quem quiser, tome de graça da água da vida" (Apocalipse 22:17). "Todo aquele que" significa claramente todos, sem exceção. Ela é encontrada nas advertências ("todo aquele que comer pão levedado", Êxodo 12:15), nas promessas de recompensa ("quem ferir os jebuseus primeiro será o chefe", 1 Crônicas 11:6). Entre as dezenas de outros exemplos são "todo aquele que ouvir, retinir-lhe-ão os ouvidos" (Jeremias 19: 3) e "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Joel 2:32).

Nem uma única vez em suas 183 ocorrências na Bíblia as palavras "todo aquele que" poderiam significar qualquer coisa exceto "todo aquele que"! Mas onde quer que a salvação é oferecida a todo aquele que crer e receber a Cristo, o calvinista altera a mesma palavra hebraica ou grega para significar os "eleitos". Ele deve fazer isso, a fim de manter o calvinismo. Mas não é a submissão à Palavra de Deus mais importante do que a lealdade a um dogma?

Cristo Define "Todo Aquele que"

O versículo mais conhecido da Bíblia promete vida eterna a "todo aquele que Nele crê" (João 3:16). As últimas palavras de Cristo registradas nas Escrituras são "e quem ouve diga: Vem. E quem tem sede, venha. E quem quiser, receba de graça da água da vida" (Apocalipse 22:16–17). Não há qualquer coisa nessas passagens ou em qualquer outro contexto que sugira que Cristo oferece salvação a ninguém menos do que "todo aquele".

No entanto, a doutrina da Eleição Incondicional declara que essa oferta é eficaz apenas para um grupo seleto, o único que foi eleito in-

condicionalmente para a salvação — uma reinterpretação da vontade de Deus claramente proclamda, que não tem base alguma, exceto a necessidade de salvar o calvinismo.

Temos mostrado em outros lugares que Cristo não deixou questão alguma concernente ao significado de "todo aquele que" em João 3:16. Nos versículos 14–15, Ele comparou a Si mesmo sendo erguido na cruz por nossos pecados a quando as impetuosas serpentes picaram os israelitas por causa de sua rebelião, e todos os que olharam em fé para a levantada serpente de bronze foram curados. Números 21:8–9 é inequívoco: "[...] e será que viverá todo o que, tendo sido picado, olhar para ela [a serpente de bronze]; [...] picando uma serpente a alguém, quando esse olhava para a serpente de metal, vivia".A cura da picada da cobra venenosa não era para um grupo seleto dentro de Israel a quem Deus havia predestinado a ser curado, mas para "todos [...] qualquer homem". A única limitação era a olhar com fé para a serpente levantada. Da mesma forma, todos que foram mordidos pela "antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás" (Apocalipse 12:9) são curados, se eles olharem com fé para o Cristo levantado na Cruz. Não admira que os apologistas calvinistas, como James White, evitam as passagens do Antigo Testamento que apontam para a sacrifício de Cristo pelos pecados do mundo.

A Escritura declara claramente que "não há diferença" entre judeus e gentios, "todos pecaram [...]; todo o mundo [é] culpado diante de Deus" — e esse Deus é o Deus "dos gentios", bem como dos judeus. Assim, a salvação é para "todos os que crêem" (Romanos 3:9–31).

Se a salvação não está verdadeiramente disponível a todos, por que Cristo ordenou os Seus discípulos a "irem por todo o mundo e pregarem o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15)? Acaso isso não dá uma falsa impressão, tanto para Seus discípulos quanto para todos os que lêem os relatos dos ensinamentos de Cristo nos quatro Evangelhos? Cristo repetidamente ofereceu salvação a quem quer que cresse e O recebesse: "quem ouve a Minha palavra, e crê Naquele que Me enviou, tem a vida eterna" (João 5:24); "se *alguém* tem sede, venha a Mim e beba" (7:37); "Eu sou a porta [...], se alguém entrar por Mim, será salvo" (João 10:7–9), e assim por diante.

Como é que os seus discípulos, ou as pessoas comuns que O ouviam que nunca tinha ouvido falar das teorias de Agostinho e de Calvino, chegariam a essa conclusão de que a salvação era apenas para um número limitado que tinha sido eleito incondicionalmente? Raciocínio complicado e um sistema de "Cinco Pontos" são requeridos para se chegar a essa conclusão. E se esse fosse o caso, não seria uma deturpação da pior espécie oferecer a salvação a *quem quiser*? Se o calvinismo fosse verdade, Cristo poderia ter escolhido palavras para transmitir esse fato, em vez de parecer oferecer a salvação a todo aquele que cresse e O recebesse.

O calvinista, é claro, explica que ele prega o evangelho a todos porque ele não *sabe* quem está entre os eleitos. Poderia realmente ser o caso que o evangelho seja pregado para aqueles por quem Cristo não morreu, e para multidões serem instadas a crer, de quem Deus retém a fé necessária? Isso não é somente desonesto, mas cruel? Pedro disse aos judeus reunidos no dia de Pentecostes, "pois a promessa é para vós e para os vossos filhos [...]" (Atos 2:39). O calvinismo transforma essa promessa em mentira, e a pregação do evangelho se torna uma farsa cruel para multidões!

Ilustrando um Ponto

O Deus da Bíblia declara repetidamente ao longo da Sua Palavra que Ele não deseja que ninguém pereça, mas deseja que "todos os homens sejam salvos" (1 Timóteo 2:4). Continuamente, e na língua mais urgente e solene possível, Ele chama a todos os homens a se arrependerem e crerem em Seu Filho como o Salvador de toda a humanidade. Cristo estende Suas mãos perfuradas por pregos e invoca, "vinde a Mim, todos que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). Essa é uma promessa que todos todos os que estão cansados e sobrecarregados de pecados têm todos os motivos para acreditar que lhes está estendida.

Crendo na Bíblia, deve-se concluir que, assim como "todos pecaram" (Romanos 3:23), assim também a todos é oferecida a libertação do pecado e da sua pena através do evangelho. Certamente o "todos"

em "todos nós nos desviamos como ovelhas" deve ser o mesmo "todos" em "o Senhor fez cair sobre Ele a iniqüidade de todos nós" (Isaías 53:6). Inquestionavelmente, todo o Israel se extraviou. Portanto, Cristo sofreu pelos pecados de todo o Israel. Visto que Israel é um retrato do relacionamento que Deus deseja para toda a humanidade, e uma vez que "todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus" (Romanos 3:23), podemos, assim, ter a certeza de que Deus colocou sobre Cristo os pecados do mundo inteiro. Como João, o Batista, declarou: "eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29).

Afirmar que "todos" e "mundo" significam apenas um grupo seleto chamado de "os eleitos" faz violência ao sentido literal da linguagem e são uma ofensa ao caráter de Deus. Em nosso boletim, eu comparava o calvinismo com o seguinte cenário:

> Se eu segurasse uma corda 30 pés acima de um homem no fundo de um poço e lhe suplicasse encarecidamente para segurar a corda para que eu pudesse tirá-lo, ele não pensaria que eu estava zombando dele? E se, além disso, eu repreendê-lo por não agarrar a corda, ele não começaria a desejar me agarrar pelo pescoço? E como eu poderia argumentar a qualquer pessoa razoável que eu realmente queria trazer o homem para fora do poço, mas era ele que não não estava disposto? Então, como Deus pode realmente desejar salvar aqueles a quem Ele não estende a graça irresistível, que é o único meio pelo qual eles podem crer no Evangelho?

Deturpando Uma Ilustração Bíblica

Em uma discussão de rádio comigo[1], James White respondeu que o homem no fundo de um poço estava morto e não podia agarrar a corda. O ponto da ilustração, no entanto, não tinha coisa alguma a ver com garrar a corda. Nenhuma ilustração é perfeita. A salvação

---

1 *Straight Talk Live* (KPXQ, Phoenix AZ, 11 ago. 2000). Fita de áudio AT073, disponível por *The Berean Call*, P. O. Box 7019, Bend, OR, 97708.

não é por qualquer esforço de nossa parte, nem nós nos pendurarmos em Cristo para sermos salvos. Ele que nos mantém seguros.

A questão é que a corda estava tão alta acima do homem no poço que o autodenominado salva-vidas não poderia ser sincero. O pretenso salvador, é claro, não é obrigado a salvar o homem abaixo dele. Mas se ele não o deseja salvar, por que ele zomba e repreende o homem no fundo do poço por não pegar a corda, enquanto continua a segurá-la muito além seu alcance?

A falta de sinceridade da oferta pelo suposto salvador foi o ponto da ilustração imperfeita. E assim é com a nossa oferta de salvação do Senhor na Bíblia: o calvinismo transforma em uma oferta que, embora pareça ser estendida a todos, realmente não é.

Também não ajuda a imagem do homem no fundo do poço como morto. Nesse caso, o suposto salvador está fingindo chamar um cadáver que ele sabe que não pode ouvi-lo. Além disso, se o homem no topo tem o poder de trazer o morto à vida e tirá-lo com segurança, mas não faz, então como ele poderia ser sincero em sua oferta?

Este é o Deus do calvinismo: Ele invoca os homens ao arrependimento, Ele envia os Seus servos a pregar um evangelho que parece oferecer a salvação a todas as pessoas, e Ele repreende e condena aqueles que não creem, mesmo que Cristo não tenha morrido por eles. No entanto, Ele deixa de os eleger para a salvação e não os dá a fé essencial sem a qual eles não podem responder aos Seus pedidos. De fato, Ele desde a eternidade passada os condenou eterna e irrevogavelmente ao Lago de Fogo!

Essa falta de sinceridade não pode ser explicada pelo exemplo do oleiro e do barro. O fato de que o oleiro pode fazer com o barro o que lhe agrada não poderia explicar a perfeição prometida pelo oleiro para cada pedaço de barro e depois o descartar de muitos, se não a maioria, para o monturo.

É claro que Deus soberanamente tem o direito de salvar quem Ele quer, e ninguém pode reclamar. Mas Sua soberania é apenas uma faceta de Seu Ser. Deus é amor (ou seja, o amor é a própria essência de Seu caráter) e Ele é misericordioso para com todos — exatamente o que esperariamos Dele. Nós certamente não esperaríamos que o "Pai de misericórdias e Deus de toda consolação" (2 Coríntios 1:3)

retivesse a misericórdia daqueles que precisam tão desesperadamente dela — muito menos Ele tivesse prazer em fazer isso. Certamente, Deus está sendo mal representado por aqueles que limitam Seu amor, Sua misericórdia e Sua graça a um número seleto.

"E Creram Todos Quantos Estavam Ordenados Para a Vida Eterna"

Um dos textos de prova favorito dos calvinistas é Atos 13: 48 — "e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna". Vance diz: "todo calvinista, não importa em que mais ele acredita, usa esse versículo para provar a Eleição Incondicional [...]". Nettleton afirma que é "esse verso que fez dele um calvinista"[2]. White dedica quatro páginas a ele[3]. Palmer exulta: "aqui está outro texto com clareza impressionante [...]. A simplicidade gritante desse texto é surpreendente"[4].

Certamente, "*ordenados* para a vida eterna" é a tradução da palavra grega *tasso* (neste caso *tetagmenoi*) encontrada em todas as principais traduções (como White aponta)[5]. Um número de paráfrases, no entanto, dá decididamente uma aplicação não calvinista. *A Bíblia Viva* diz, "[...] tantos quantos queriam a vida eterna, creram". A *Rotherham's Emphasized Bible* diz: "tantos quantos se tornaram dispostos para a vida eterna [...]". A *Nazarene Translation 2000* de Mark Miller Heber tem, "[...] todos os que creram estavam dispostos para a vida eterna". Quaisquer que sejam as opiniões divergentes de tradutores e comentadores, esse versículo não pode desfazer o que centenas de outros estabelecem.

---

2 David Nettleton, *Chosen to Salvation* (Schaumburg, IL: Regular Baptist Press, 1983), p. 16; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 345.

3 James R. White, *The Potter's Freedom* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 186–190.

4 Edwin H. Palmer, *The Five points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1980), p. 29.

5 James R. White, *The Potter's Freedom* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 187–188.

O calvinista, para apoiar suas crenças, assume que *tetagmenoi* deve significar "predestinado para a salvação". No entanto, esse não é claramente o significado de qualquer dos outros sete usos de *tasso* no Novo Testamento. Se fosse essa a intenção, porque *tasso* foi usada e não *prooridzo* (predestinados)?

Na verdade, Adam Clarke declara um tanto dogmaticamente, "o que quer que *tetagmenoi* possa significar, que é a palavra que traduzimos por *ordenado*, ela não inclui a ideia de *pré*-ordenação ou predestinação de qualquer tipo [...]. [De] todos os significados já colocados sobre ela, nenhum concorda pior com a sua natureza e significação conhecidas do que a que a representa como significando aqueles que foram predestinados para a vida eterna; esse não é o significado do termo e nunca deve ser aplicado a ele"[6].

Nem o contexto apoia a aplicação calvinista, como numerosos comentários declararam. McGarvey comenta que "o contexto não tem qualquer alusão a algo como um *compromisso* de um lado, e uma *rejeição* do outro, mas o escritor traça uma linha de distinção entre o *comportamento* de certos gentios e dos judeus abordados por Paulo [...]. Lucas diz, muitos dos gentios '*foram determinados*' à vida eterna. É um ato relevante que Paulo objete a atitude dos judeus, e é tão claramente algo significante aos gentios que Lucas os coloca em contraste com os judeus [...]"[7].

Várias autoridades traçam a origem de "ordenado" da *KJV* [versão *King James*] até o latim corrupto da Vulgata, como T. E. Page aponta, que "diz *praeordinati*, injustificadamente [...]"[8]. O comentário de Cook diz: "a A. V. [*KJV*] seguiu a Vulgata.

Em vez disso, [deve-se ler] foram dispostos [...] para a vida eterna, como em [...] Josefo [...]"[9]. Da mesma forma o reitor Alford tradu-

---

6 Adam Clarke, *Adam Clarke's One-volume Commentary* (Cook Publications, 1989), p. 995.

7 J. W. McGarvey, *Commentary on Acts* (Lexington, KY: Transylvania Printing and Publishing Co. 1863).

8 T. E. Page, *The Acts of the Apostles, Greek Text with Explanatory Notes* (Nova Iorque: Macmillan and Co., 1897), p. 169.

9 Frederic C. Cook, ed., *The Bible Commentary* (Nova Iorque: Charles Scribner Sons, 1895).

ziu como "tantos quantos foram dispostos à vida eterna, creram"[10]. O *Expositor's Greek Testament* diz: "não há espaço aqui para o *absolutum decretum* dos calvinistas"[11]. A. T. Robertson da mesma forma diz: "a palavra *ordenar* não é a *melhor* tradução aqui. 'Designados', como Hacket mostra, é melhor [...]. Não há qualquer evidência de que Lucas tinha em mente um *absolutum decretum* [...] de salvação pessoal"[12].

Os gramáticos gregos nos dizem que *tetagemenoi*, um caso nominativo, pretérito perfeito, particípio médio da voz passiva de *tasso* é usado, indicando uma influência sobre os gentios em relação à vida eterna e a crer no evangelho. Que essa é uma influência presente e, como Barnes diz, "não [...] um decreto eterno", é geralmente aceito. Foi, pelo menos em parte, devido à pregação persuasiva de Paulo — o que combina com o contexto imediato e de todo o livro de Atos: Paulo e Barnabé "falaram de tal modo que creu uma grande multidão" (Atos 14:1). "O verbo [...] é médio [...] implica, assim, uma ação pessoal [...] entre aqueles que haviam se voltado para a vida eterna"[13].

Alguns afirmam que os Manuscritos do Mar Morto, bem como os comentários dos primeiros escritores da igreja, indicam que os primeiros 15 capítulos de Atos foram, provavelmente, primeiro escritos em hebraico. O grego seria uma tradução. Alguns estudiosos afirmam que voltar para uma versão "redigida em hebraico", baseada palavra por palavra nos equivalentes greco-hebraicos, tornaria Atos 13:48 mais como "tantos quantos se submeteram, necessitaram, ou queriam a salvação, foram salvos". Além disso, mesmo se "ordenado" fosse o significado correto, esses gregos ainda teriam que crer no evangelho e aceitar a Cristo por um ato de sua própria fé e vontade, como toda a Escritura testemunha.

---

10 Henry Alford, *The New Testament for English Readers* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1983), vol. 1, p. 745.

11 R. J. Knowling, *The Acts of the Apostles, The Expositor's Greek New Testament* (Pennsylvania: Dodd, Mead and Co., 1900), p. 300.

12 Archibald Thomas Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nova Iorque: Harper and Bros., 1930), vol. 3, p. 200.

13 *Acts, An Introduction and Commentar*, Tyndale New Testament Commentaries (Downer's Grove, IL: interVarsity Press, 1974), notas adicionais 110.

O Contexto É Claro

A salvação é sempre oferecida a todos ("arrependei-vos e cada de vós seja batizado" [Atos 2:38]), contingente à fé individual ("crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo" [Atos 16:31]). Nunca há uma insinuação de que Deus predestina certas pessoas ao céu, a quem Ele desejou soberanamente regenerar e causar a fé neles, para crer no evangelho irresistivelmente, enquanto retendo a graça de outros. Seria uma clara contradição do resto do livro de Atos e de toda a Bíblia que Atos 13:48 significasse que certos gentios, mas não judeus, foram preordenados por Deus ao céu e tivessem recebido, pela soberania de Deus, a fé para crer no evangelho.

O significado depende de: (1) usos comparativos de *tasso* em outros lugares; e (2) o contexto. Aqui estão todos os outros usos: "[...] para o monte que Jesus lhes *tinha designado*" (Mateus 28:16); "porque Eu também sou um homem *sujeito* à autoridade" (Lucas 7:8); "[...] eles *determinaram* que Paulo e Barnabé [...] subissem a Jerusalém" (Atos 15:2); "[...] tudo o que te é *ordenado* fazer" (Atos 22:10); "e havendo-lhes *assinalado* um dia" (Atos 28:23); "[...] as potestades que já foram *ordenadas* por Deus" (Romanos 13:1); "[...] e que *tem se dedicado* ao ministério dos santos" (1 Coríntios 16:15). Em nenhum desses outros usos no Novo Testamento há alguma coisa que se aproxime de um decreto divino, *causando* a ação humana.

O contexto é claro. No versículo 46, Paulo diz aos judeus "vendo que vós rejeitais [o evangelho] [...] nos voltamos para os gentios". Essa foi a sua decisão pessoal. O versículo 48 apresenta o contraste entre os judeus que haviam rejeitado o evangelho e os gentios que creram. A implicação é de uma decisão pessoal da parte dos gregos também. Não há suporte para a alegação calvinista que um decreto soberano foi a única razão.

Robertson comenta,

> Os *Judeus* aqui tinham rejeitado voluntariamente a palavra de Deus. De outro lado, estavam aqueles gentios que aceitaram de bom grado o que os *judeus* haviam *rejeitado* [...]. Por que esses gentios aqui se voltaram para o lado de Deus

> em oposição aos *judeus*, Lucas não nos diz. Esse versículo não resolve o problema *polêmico* da soberania divina e da livre-agência humana.[14]

O significado exato de *tetagmenoi* está em disputa. No entanto, esse é o melhor verso que o calvinista pode apontar em sua defesa. E para fazer isso, ele deve chegar a um significado questionável que contradiz literalmente centenas de escrituras onde o significado é claro como o cristal.

Predestinação Para a Salvação — Ou Não?

Predestinação e eleição são ensinamentos bíblicos — mas eles *nunca* são para salvação. Para o calvinista, no entanto, a predestinação/eleição é *sempre* e *unicamente* para a salvação — uma visão que é imposta indevidamente sobre as Escrituras. Na verdade, eleição e predestinação são sempre bênçãos específicas que *acompanham* a salvação, mas não a própria salvação.

A presciência é sempre dada como a razão para a predestinação (Romanos 8:29; 1 Pedro 1:2). Saber quem creria no evangelho é uma *razão* válida para a eleger ou predestinar estas pessoas a certas bênçãos. Mas que o conhecimento de Deus de que Ele estenderia a Graça Irresistível a certas pessoas não pode ser oferecido como a *razão* para a eleição.

White tem um capitulo inteiro intitulado "Eleição Incondicional: Uma Necessidade". Na verdade, é uma necessidade para o calvinismo, mas não em qualquer outra base. Para definir Eleição Incondicional, White não cita a Escritura, mas a Confissão de Fé Batista de Londres de 1689, a Confissão de Fé de Westminster, e um número de líderes calvinistas como James P. Boyce:

> Antes que o mundo fosse feito, o propósito eterno, imutável de Deus, que se originou no conselho secreto, no prazer

14 Archibald Thomas Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nova Iorque: Harper and Bros., 1930).

> de Sua vontade, O moveu a escolher (ou eleger), em Cristo, certos indivíduos da humanidade a glória eterna [...]. (Confissão Batista) Esse decreto [...] é feito "independentemente" de toda presciência que Deus tem do que ocorrerá no tempo [e] predestina certos *indivíduos específicos* para a vida eterna e outros deixa à justiça. Essa é uma eleição *para a salvação* e [...] é *absolutamente incondicional* [...] [com relação a] qualquer fé prevista, ações, disposições, ou desejos. (Confissão de Westminster) [A salvação está condicionada à fé: "*Creia* [...] e serás salvo."] A última teoria [isto é, a teoria calvinista] é que Deus de Seu próprio propósito [...] tem desde a eternidade [...] determinado salvar um número definido dentre a humanidade (e não toda a raça [...], não por [...] sua fé [...]), mas de Seu próprio prazer (simplesmente porque Ele Se satisfez de assim escolher) (Boyce).[15]

Essas são opiniões humanas falíveis, tanto que Boyce e White admitem expressar apenas uma "teoria" que deve ser testada pela Escritura. Mais citações das opiniões de homens seguem no restante do capítulo do White. A final é do próprio Calvino:

> Nós nunca seremos claramente persuadidos, como deveríamos ser, de que a nossa salvação flui da fonte da livre misericórdia de Deus até que cheguemos a conhecer a Sua eleição eterna, que ilumina a graça de Deus por este contraste: que Ele não adota a todos indiscriminadamente na esperança de salvação, mas dá a alguns o que Ele nega a outros.[16]

Quem nunca imaginou que Deus "adota indiscriminadamente na esperança da salvação"? Somente aqueles que creem no evangelho são salvos.

---

15 James R. White, *The Potter's Freedom* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 125–126.

16 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1998) vol. 3, xxi.1.

Dando a Deus Um Péssimo Nome

Alguém poderia pensar que, ao invés de citar essa afirmação, os calvinistas estariam envergonhados dela. Como poderia o fato de Deus reter a salvação de bilhões a quem Ele *poderia* dar levar-nos a apreciar "a fonte da misericórdia gratuita de Deus" e que isso "ilumina a graça de Deus"? Isso é como elogiar a generosidade um homem expondo sua mesquinhez.

Em seu capítulo sobre "Expiação Limitada", depois de explicar que Cristo morreu apenas por um grupo seleto e que todos os outros foram condenados por Deus na eternidade, John Piper e sua equipe desafiam toda lógica com esta declaração: "toda vez que o evangelho é pregado aos incrédulos, a misericórdia de Deus dá oportunidade de salvação"[17]. Oportunidade de salvação para aqueles por quem Cristo não morreu e que foram predestinados à condenação eterna? Que insulto, que escárnio cruel!

Longe de glorificar a Deus, o calvinismo dá a Ele um péssimo nome. Ateus e outros críticos da Bíblia ridicularizam esse retrato de Deus como um monstro que tem prazer de impor sofrimento à humanidade. O Deus de Calvino *poderia salvar toda a raça humana* — mas só salva alguns, alegadamente com o objetivo de demonstrar a grandeza da Sua graça!

Essa ênfase contínua sobre a soberania de Deus, excluindo o Seu amor, Sua misericórdia e Sua graça, permeia o calvinismo. No livreto que John Piper e sua equipe pastoral na Igreja Batista Bethlehem em Minneapolis publicou e que promove o calvinismo, o amor de Deus pelos pecadores perdidos está faltando, enquanto a soberania é o tema dominante, repetitivo. No prefácio, Piper escreve: "Conhecê-Lo [Deus] em Sua soberania é se tornar como um carvalho no vento da adversidade e da confusão"[18]. Mas inteiramente ausente está tudo sobre o amor de Deus ou sobre amá-Lo.

---

17 John Piper e a Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 14.

18 Ibid.

A questão real é o caráter e o amor de Deus. O amor de Deus pelo mundo está ausente das *Institutas* de Calvino. De fato, o amor de Deus por todos, incluindo os não eleitos, é mencionado raramente — um contraste gritante com a importância que é dada a esse assunto na Bíblia. No Calvinismo, não é o amor de Deus que traz salvação para a humanidade, mas a escolha soberana de Deus pelo prazer da Sua vontade.

Deus espera de nós que amemos nossos inimigos e façamos o bem a todos. Calvino admite que "Deus nos ordena a sermos misericordiosos mesmo para com os indignos [...]"[19]. Todavia Ele tem um padrão menor para Si mesmo? Como isso poderia glorificar a Deus, em Ele ser menos gracioso do que o que Ele ordena que a *humanidade* seja? E onde é que Deus diz que Ele limita a Sua misericórdia — muito menos que Ele é, dessa forma, glorificado?

A Escritura declara: "o Senhor é bom para todos" (Salmos 145:9), "abundante em benignidade para todos que O invocam" (Salmos 86:5), e o "Deus da nossa salvação [é] a esperança de todas as extremidades da terra" (Salmos 65:5). Como Deus pode ser "bom" para aqueles que Ele, de acordo com o calvinismo, predestinou ao tormento eterno? Como Ele pode ser "grande em benignidade" àqueles a quem Ele poderia ter salvo, mas não o fez? E como pode o Deus salvação, de ser a "esperança" dos que Ele sente prazer em condenar?

Calvino se refere ao "Pai nosso mui misericordioso"[20], mas Ele limita a misericórdia de Deus aos eleitos.

Boyce ofende até mesmo consciência, dada por Deus, a ateus, dizendo que Deus escolhe salvar apenas alguns e deixar que os outros pereçam, porque Ele "estava satisfeito em assim escolher"! Onde é que Deus insinua que Ele tem prazer de deixar que *alguém* pereça? Na verdade, Ele afirma repetidamente o oposto — que Ele não tem *prazer algum* no perecimento do ímpio.

---

19 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1998) vol. 3, xx.15.

20 Ibid., 3.

"Misericórdia" e "Bondade" Estranhas

A Confissão Batista declara que a eleição de Deus, que é supostamente uma manifestação de Sua misericódia, "predestina certos *indivíduos específicos* para a vida eterna e os outros deixa à justiça". Como é que pode ser uma manifestação de misericórdia deixar o condenado sofrer a pena que a justiça exige, quando eles poderiam ser justificados e perdoados e resgatados da punição eterna? Essa não é uma questão de culpa dos pecadores, ou se eles merecem julgamento, o que todos nós merecemos. A questão é a misericórdia. Certamente não pode haver limite para a infinita misericórdia de um Deus infinito!

Deus solenemente adverte o homem: "se tu deixares de livrar os que estão sendo levados para a morte [...], não considerará aquele que pondera os corações [...], não dará Ele aos homens segundo as suas obras?" (Provérbios 24:11–12) No entanto, não só o Deus de Calvino falha em entregar o perdido, mas sem piedade decreta a sua desgraça! Esse não pode ser o Deus da Bíblia, de quem Jesus disse, "não é da vontade de vosso Pai que está nos céus que um destes pequeninos se perca" (Mateus 18:14)!

Esses "pequenos" se tornaram adultos. Significa então que Deus está satisfeito em condenar a muitos dos que outrora amou? Mas a predestinação calvinista se refere ao tormento final mesmo das crianças.

Calvino declara: "daí a maior prova da Escritura é uniformemente tomada do caráter Daquele cuja palavra ela é"[21]. Como é que ele pode ousar dizer isso enquanto impugna o caráter de Deus? Calvino, em seguida, passa a exaltar a misericórdia e a graça de Deus como o auge de Seu caráter:

> Há certas passagens que contêm descrições mais vívidas do caráter divino, colocando-o diante de nós [...]. Moisés, na verdade, parece ter pretendido brevemente compreender tudo o que pode ser conhecido de Deus pelo homem,

21 Ibid., iii.4.

> quando ele disse [na verdade, Deus disse:], "o Senhor, o SENHOR Deus, misericordioso e piedoso, tardio em irar-Se, e grande em benevolência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado; e que não tem por inocente o culpado [...]"(Êxodo 34:6–7).
>
> Em Jeremias, onde Deus proclama o caráter no qual Ele que que O reconheçamos [...], é substancialmente o mesmo [...]. "Eu sou o Senhor, que faço beneficência, juizo e justiça [...]" (Jeremias 9:24).[22]

No entanto, em outros lugares, Calvino afirma que a *retenção* de Sua graça, Sua misericórdia e Seu amor de todos, exceto dos eleitos, aumenta a bondade de Seu caráter! Na verdade, Paulo argumenta que Deus tem achado "todo o mundo [...] culpado" (Romanos 3:19) e "encerrou a todos [judeus e gentios] na incredulidade, para que Ele pudesse ter misericórdia para com todos" (Romanos 11:32). Sem dúvida, os que são culpados e estão na incredulidade devem ser todo o mundo dos pecadores, judeus e gentios, os quais são todos rebeldes e incrédulos por natureza, e esses são todos sobre quem Deus está determinado a ter misericórdia. Não poderia ser declarado de forma mais clara em toda a Escritura que a misericórdia de Deus se estende a todos.

Negando Uma Clara Contradição

Como já vimos, White nos informa: "por que um homem foi levantado para a vida eterna e outro deixado para a destruição eterna [...]? Foi 'de acordo com o beneplácito de Sua vontade'"[23]. Por isso, é a *bondade* de Deus que faz com que Ele condene tantos! Somos ofendidos pelo nosso Deus de amor!

---

22 Ibid., ii.8, 2.

23 James R. White, *The Potter's Freedom* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 177.

O calvinista, no entanto, nega qualquer contradição na ideia de que o Deus de amor infinito tem prazer em predestinar bilhões ao tormento eterno. Calvino ainda castiga aqueles que reconhecem essa mentira. Ele elogia Agostinho por expulsar da igreja qualquer que sugere que Deus não poderia realmente amar aqueles que Ele predestinou para o tormento eterno:

> Se alguém abordasse as pessoas assim: se não crês, o motivo é porque Deus já te condenou à destruição: tal pessoa não iria apenas incentivar a indolência, mas também apoiar a maldade. Se fosse alguém [...] dizer que aqueles que ouvem não crerão porque são reprovados [i.e, condenados pela preordenação de Deus], isso seria imprecação, e não doutrina.
>
> Portanto, Agostinho não sem razão ordena que tais professores insensíveis e profetas agourentes se retirarem da Igreja.[24]

Calvino está tentando escapar das consequências de seus próprios dogmas, mas ele não pode. Ele insiste repetidamente ao longo de suas *Institutas* que "Deus salva quem Ele quer, de acordo com Seu belprazer"[25] e que alguns são "predestinados à salvação e outros para a destruição"[26]. Calvino diz que esses últimos, a quem pareceu bem a Deus "condenar a destruição pelo Seu prazer [...] são excluidos do acesso à vida [...]"[27]. Como aqueles a quem o Deus onipotente "excluiu do acesso à vida" poderiam ser responsáveis pela sua própria desgraça e ainda poderiam ser os beneficiários do Seu infinito amor, é incompreensível.

---

24 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1998) vol. 3 xxiii.14.

25 Ibid., xxi.1.

26 Ibid.

27 Ibid., 7.

É como se Deus tivesse jogado no oceno bilhões de pessoas a quem Ele criou sem poder dar uma braçada para nadar. Ele "misericordiosamente" socorre alguns deles e deixa o resto se afogar na morte eterna. Como poderia alguém dizer para aqueles que Deus criou para se afogarem, "a culpa é sua!"? Como pode Calvino (e os calvinistas de hoje) dizer que é "impiedade" e "maldição" afirmar que os não eleitos não podem crer no evangelho porque Deus os excluiu da fé, quando, na verdade, é exatamente isso que o calvinismo ensina? É escandaloso sugerir que aqueles a quem Deus preordena à condenação eterna não são apenas culpados por seu destino, mas são objetos do Seu amor, da Sua misericórdia e da Sua graça! *Que amor é esse?!*

Misericórdia, Bondade e Graça Bíblicas

Toda a Escritura contradiz a falsa doutrina de que Deus reteria misericórdia a alguém. Na verdade, Deus é "pronto a perdoar, clemente e misericordioso, tardio em irar-Se, e grande em benignidade" (Neemias 9:17). São enganosas as declarações de que Deus Se dispõe a perdoar apenas um grupo eleito e predestina o resto (ou simplesmente os deixa) ao tormento eterno! Do bom e justo homem, a Bíblia diz: "ele é sempre [sempre a todos] misericordioso" (Salmos 37:26). Certamente, o "Deus misericordioso e compassivo" (Neemias 9:31) não seria menos misericordioso para com todos, sempre. Mas o calvinismo limita a graça e a misericórdia de Deus a um grupo seleto chamado o eleito — um padrão mais baixo de misericórdia do que Ele espera de nós.

O apóstolo Tiago destaca a hipocrisia de dizer a alguém que está "nu e tiverem falta de mantimento cotidiano [...] sede aquecidos e fartos" e então não suprir a sua necessidade (Tiago 2:15–16). No entanto, o Deus que inspirou Tiago, segundo o calvinismo, diz ao mundo perdido e perecendo, "creia no Senhor Jesus Cristo e serás salvo", mas retém a fé sem a qual eles não podem crer e ser salvos. Tal Deus vê aqueles que estão em necessidade maior do que o fisicamente nu e desamparado, e Ele não consegue resgatá-los de um inferno eterno, mesmo se podendo em Sua onipotência e Sua soberania fazer — na verdade, Ele os predestinou a esse destino horrível. Esse é realmente o Deus da Bíblia, ou um

Deus que Calvino tomou emprestado de Agostinho?

O salmista se alegra de que as misericórdias de Deus "são sobre todas as Suas obras" (Salmos 145:9). O calvinista, no entanto, muda a Escritura para limitar a misericórdia aos "eleitos". Cristo nos exorta: "sede misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso" (Lucas 6:36). Se o nosso Pai do céu é misericordioso apenas com os eleitos, poderíamos negligenciar a ajuda as multidões e afirmar que fazer assim revela o quão misericordiosos somos!

Jesus ilustra a misericórdia do Pai de muitas maneiras. Ele nos diz que após clamar: "Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lucas 18:13), o publicano foi misericodiamente justificado. Paulo se refere ao "Pai das misericórdias e Deus de toda consolação" (2 Coríntios 1:3). Será que o próprio "Pai das misericórdias" é menos propício a *todos* do que Ele espera que a humanidade seja? "Bem-aventurado os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia" (Mateus 5:7).

Essas escrituras e outros textos com o mesmo sentido nos dizem que a misericórdia de Deus é infinita, estendendo-se a toda a humanidade, sem discriminação. O salmista diz: "cantarei as misericórdias do Senhor para sempre [...]" (Salmos 89: 1). As misericórdias de Deus são para todos os que O invocam. Na verdade, a própria glória de Deus está em Sua misericórdia à toda a humanidade.

É claro que Deus tem o direito de limitar a Sua misericórdia. No entanto, a Escritura declara repetidamente e de muitas maneiras que Deus *não limita* a Sua misericórdia, mas a estende sobre todos. Somos forçados a rejeitar o calvinismo nessa base, se não sobre qualquer outro outra, pois contradita o próprio caráter de Deus, que é consistentemente mostrado por toda a Escritura.

Em contraste, o não calvinista crê que Deus oferece a salvação a todos, sem discriminação, mas Ele não pode *fazer* alguém acreditar, porque violaria o seu livre-arbítrio e eliminaria o amor. Aqueles que vão passar a eternidade no Lago de Fogo estarão lá por causa de sua própria escolha e não serão capazes de culpar a Deus.

Se Deus ama a todos, é misericordioso para com todos, e oferece a salvação para todos aceitarem ou rejeitarem, é a questão real. A resposta a essa pergunta deverá tornar-se cada vez mais clara para o leitor nas páginas seguintes.

CAPÍTULO 17

PRESCIÊNCIA E PREDESTINAÇÃO/ELEIÇÃO

Nas Escrituras, o significado básico dos termos *predestinação* e *eleição* é o mesmo: assinalar de antemão para uma benção e um propósito especial. Em que base? A única razão que sempre é dada é a *presciência*. Então, Pedro e Paulo declaram: "porque aos que dantes conheceu [grego: *proginosko*], também os predestinou [*proorizo*] para serem conforme à imagem de Seu Filho [...]" (Romanos 8:29); "eleitos segundo a [*kata*] a presciência [*prognosis*] de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência [...]" (1 Pedro 1:2).

Parece que Deus predestinou certas bênçãos para aqueles que Ele sabia de antemão que creriam no evangelho e seriam salvos. O Pai celestial planejou desde a eternidade passada uma herança para aqueles que se tornariam Seus filhos pela fé em Cristo Jesus: "para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da Sua graça pela Sua plenitude para conosco em Cristo Jesus" (Efésios 2:7).

Nunca a eleição ou a predestinação se referem à salvação, mas sempre e apenas a benefícios particulares. "O que se deve ter em mente é o fato de que a predestinação não é predeterminação prévia de Deus no passado, de quem deve e de quem não deve ser salvo. A Escritura não ensina esse ponto de vista"[1]. Ironside declara: "[...] não há referência nesses quatro versos [os *únicos* quatro que se referem à predestinação] ao céu ou ao inferno, mas à semelhança de Cristo eventualmente. Em nenhum lugar nos é dito na Bíblia que Deus predestinou um homem a ser salvo e outro para ser condenado"[2].

Pervertendo a Predestinação

Edward Hulme diz de Calvino, "a Predestinação foi seu dogma fundamental [...]. 'Tudo', diz Calvino, 'depende da mera vontade de Deus; se alguns são condenados e outros salvos, é porque Deus criou

1 Herbert Lockyer, *All the Doctrines of the Bible* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1964), p. 153.

2 H. A. Ironside, *Full Assurance* (Chicago: Moody Press, 1937), pp. 93–94.

alguns para a morte e outros para a vida'"[3]. Calvino declara: "eu digo com Agostinho que o Senhor criou aqueles que, como Ele certamente conheceu de antemão, fossem para à destruição, e Ele fez isso porque Ele assim o quis. Por que Ele quis não cabe a nós perguntarmos [...]"[4].

Mais uma vez, Palmer nos informa: "a primeira palavra que o calvinismo sugere à maioria das pessoas é predestinação; e [...] os outros quatro pontos [da TULIP] se seguem"[5]. John H. Leith escreve: "a predestinação pode ser tomada como uma marca especial da teologia reformada"[6]. Pink acrescenta: "Deus não só tem o direito de fazer o que Ele deseja com as criaturas das Suas próprias mãos, mas *Ele exerce esse direito*, e em nenhum outro lugar isso é visto mais claramente do que em Sua graça Predestinadora"[7]. Graça que pré-ordena multidões a condenação eterna?

Predestinação (segundo o calvinismo) é o "decreto eterno de Deus, pelo qual [...] alguns são predestinados à vida eterna, e outros à condenação eternal [...]"[8]. Calvino reitera: "aqueles, portanto, a quem Deus ignora, Ele reprova, e por nenhuma outra causa, senão porque Ele tem prazer de os excluir da herança que Ele predestina para Seus filhos [...]"[9]. Isso é uma calúnia contra o caráter de Deus, dizer que

---

3 Edward Maslin Hulme, *The Renaissance, the Protestant Reformation, and the Catholic Revolution* (Nova Iorque: The Century Company, 1920), p. 299.

4 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxiii.5.

5 Edwin H. Palmer, prefácio a *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1980).

6 John H. Leith, *Introduction to the Reformed Tradition*, ed. rev. (Atlanta, GA: John Knox Press, 1981), p. 103.

7 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986), p. 52.

8 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxi.5.

9 Ibid., xxiii.1, 4.

amaldiçoar bilhões O agrada! No entanto, essa doutrina de mau-gosto é o resultado inevitável da visão extrema da soberania no calvinismo.

O calvinista "enfia suas doutrinas da eleição e da predestinação em cada texto imaginável da Escritura"[10]. Vance continua a dizer:

> Clark afirma que "Isaías tem cerca de duas dúzias versos que levam diretamente à doutrina da predestinação"[11]. [No entanto], a palavra não ocorre em Isaías, nem em qualquer outro lugar no Antigo Testamento. Custance é ainda mais ousado: "voltando mais especificamente para o assunto da eleição para a salvação, considere o seguinte"[12]. E então segue-se uma lista de doze passagens do Velho Testamento em que a eleição não é mencionada e a salvação não está em foco[13]. Passando agora para o Novo Testamento, encontramos a mesma coisa. Boettner declara audaciosamente: "não há praticamente um capítulo no Evangelho de João que não mencione ou implique na eleição ou reprovação"[14]. Mas mesmo depois de uma declaração como essa ele apresenta nenhum verso. Ao responder à pergunta: "eu gostaria que você listasse as escrituras que ensinam que Deus elegeu os indivíduos a salvação antes do mundo começar", um batista da graça soberana enumera seis escrituras onde a eleição nem sequer é mencionada.[15]

---

10 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 248.

11 Gordon H. Clark, *Predestination* (Philipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1987), p. 181.

12 Arthur C. Custance, *The Sovereignty of Grace* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1979), p. 7.

13 Números 16:5; 1 Reis 19:18, Salmos 65:4; 80:18–19; 110:3; Provérbios 16:1; Isaías 26:12; Jeremias 10:23; 31:18–19; 50:30; Lamentações 5:21.

14 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 346.

15 "Five Common Questions on the Doctrine of Election Simply and Clearly Answered", *The Baptist Examiner*, 20 nov. 1993, p. 5; citado em Laurence

O Papel da Predestinação no Calvinismo

Calvino sempre limita a misericórdia e o amor de Deus aos eleitos. Como um especialista islâmico diz de seu sistema religioso: "a vontade divina é irresistível, e decretou em cada detalhe todo o curso do universo que Ele governa, e o destino de cada momento de cada criatura nele [...]. O seu dogma da predestinação e do destino [...] não deixa espaço para livre-arbítrio humano [...]"[16]. Assim é com o calvinismo.

Horsch comenta, "segundo o ensinamento de Santo Agostinho, a história da humanidade deveria ser, a partir de um ponto de vista religioso e espiritual, um pouco meramente uma apresentação de marionetes [...]"[17]. R. C. Sproul escreve: "Deus quer todas as coisas ocorram [...]; Deus desejou que o homem caísse em pecado [...]; Deus criou o pecado"[18]. Sheldon concorda: "o esquema agostiniano [...] O representa [a Deus] como preordenando que a queda deva envolver, além de todas as chances de resgate, a ruína eterna e a condenação da maior parte da raça [...]"[19]. Sem qualquer constrangimento aparente ou arrependimento, Palmer explica que, pelo ensinamento sobre a predestinação nas *Institutas* de Calvino e ecoado pela maioria dos calvinistas destes dias, Deus é o autor de tudo e, por isso mesmo de todo o pecado:

> Pré-ordenação significa o plano soberano de Deus, no qual Ele decide tudo o que está a acontecer em todo o univer-

---

M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 248.

16 Alfred S. Geden, *Comparative Religion* (Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1917), pp. 102–103.

17 John Horsch, *History of Christianity* (John Horsch, 1903), pp. 104–105.

18 R. C. Sproul, Jr., *Almighty Over All* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1999), p. 54.

19 Henry C. Sheldon, *History of Christian Doctrine*, 2. ed. (Nova Iorque: Harper and Bros., 1895), vol. 2, p. 163.

> so. Nada neste mundo acontece por acaso. Deus está por trás de tudo. Ele decide e faz com que todas as coisas que acontecem aconteçam [...]. Ele predestinou tudo "segundo o conselho da Sua vontade" (Efésios 1:11): o movimento de um dedo, a batida de um coração, o riso de uma menina, o erro de um datilógrafo — mesmo o pecado.[20]

Não é de admirar que Susana Wesley escreveu a seu filho João: "a doutrina da predestinação como sustentada pelos calvinistas rígidos é muito chocante, e deveria ser totalmente abominada, porque ela acusa o Deus santíssimo como sendo o autor do pecado"[21]. Essa doutrina abominável não é bíblica, mas é uma invenção humana. O calvinismo de cinco pontos requer uma soberania que não permite qualquer liberdade da vontade ao homem, necessitando, assim, que Deus seja o predestinador e a causa eficaz de tudo.

Consequentemente, a humanidade poderia culpar a Deus por tudo, e os calvinistas devem reconhecer esse fato. Em um artigo, parte de uma série do *Christianity Today*, "Série ocasional na renovação doutrinária, patrocinada por uma bolsa da Lilly Endowment Inc.", dois estudantes do Mestrado em Teologia no Seminário Teológico Princeton relataram a alegria de sua conversão ao calvinismo: "culpar a Deus por tudo tem sido uma grande alegria, e nós decidimos que o mínimo que poderíamos fazer [...] era dizer ao mundo como chegamos até aqui"[22].

Mais uma vez, pairando sobre Calvino, está a longa sombra de Agostinho. Paul K. Jewett chama Agostinho de "o primeiro verdadeiro predestinista"[23]. Da doutrina central da salvação do calvinismo atra-

---

20 Edwin H. Palmer, prefácio a *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1980), pp. 24–25.

21 A. W. Harrison, *Arminianism* (Londres: Duckworth, 1937), p. 189.

22 Jennifer L. Bayne e Sarah E. Hinlicky, "Free to be Creatures Again: How predestination descended like a dove on two unsuspecting seminarians, and *why* they are so grateful", *Christianity Today*, 23 out. 2000, pp. 38-44.

23 Paul K. Jewett, *Election and Predestination* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1985), p. 5.

vés da Graça Irresistível e da Eleição Incondicional, Loraine Boettner declara: "essa verdade fundamental do Cristianismo foi primeiro vista claramente por Agostinho"[24]. Desse grande "santo" católico (outra falácia: na Bíblia, todos os crentes são santos), John Horsch comentou:

> Agostinho [...] foi, por especulação teológica, levado à crença na predestinação [...]; [que] Deus, em Sua misericórdia seleciona e predestina um [certo] número [...] para a vida eterna [...]. Do resto da humanidade [...], Deus retém a Sua graça, e vai condená-los, mesmo se eles morrerem na infância [...].[25]

Essa doutrina repugnante de punir crianças inocentes zomba das palavras de Cristo: "deixai as crianças pequenas virem até Mim, e não as impeçais, porque das tais é o reino de Deus" (Marcos 10:14).

Onde Está o Amor de Deus?

Cada passagem bíblica que menciona predestinação/eleição será procurada em vão por qualquer referência a alguém sendo predestinado à condenação. Como, então, o calvinista apoia tal doutrina? Por implicação, somente. Aqueles a quem Deus não elegeu foram tão certamente condenados por Seu decreto eterno. Calvino disse que é "infantil" negar isso, "uma vez que não poderia haver eleição sem o seu oposto, a reprovação"[26]. Boettner declara:

> A doutrina da predestinação absoluta naturalmente sustenta, por lógica, que alguns são preordenados à morte tão verdadeiramente como outros são preordenados á vida. Os

24 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 365.

25 John Horsch, *History of Christianity* (John Horsch, 1903).

26 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxiii.1.

> próprios termos "eleitos" e "eleição" implicam os termos "não eleitos" e "reprovação" [...]. Acreditamos que de toda a eternidade Deus pretendeu deixar alguns da posteridade de Adão em seus pecados, e que o fator decisivo [...] deve ser encontrado apenas na vontade de Deus.[27]

Que deturpação de Deus! Procuramos nos escritos dos calvinistas em vão para encontrar algum indício de remorso ou simpatia por aqueles irremediavelmente condenados pelo decreto eterno de Deus. Como poderia o Deus que condena multidões professar Seu amor por eles — ou lamentar Seus decretos soberanos? *Amor e compaixão* — onde vamos achar as maiores de todas as virtudes no calvinismo?

Os calvinistas propõem várias teorias para fazer parecer que Deus realmente ama aqueles que Ele predestina ao tormento eterno. Uma das teorias mais insensíveis vem de Michael Horton, em um livro com o prefácio de J. I Packer. Ele argumenta: "essa visão intensifica o amor de Deus, limitando-o apenas àqueles que creem. Isso com certeza supera a benevolência indiscriminada, a benevolência geral da qual parece estarmos ouvindo muito hoje"[28].

Deus amar toda a humanidade seria uma "benevolência geral, indiscriminada" desprezível? Limitar o amor de Deus a um grupo seleto intensifica o amor de Deus? Que loucura!

Como se observa, John Piper e sua equipe pastoral publicou um livreto intitulado "TULIP: O que cremos sobre os Cinco Pontos do Calvinismo". Como as *Institutas* de Calvino, ele glorifica a soberania de Deus (como já vimos), mas em nenhum lugar em suas páginas há sequer uma menção do amor de Deus pelos os pecadores. João Calvino é apresentado como "o famoso teólogo e pastor de Genebra"[29] com nenhuma palavra sobre as fla-

---

27 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 104.

28 Michael Scott Horton, *Putting Amazing Back Into Grace* (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1991), p. 96.

29 John Piper e Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 3.

gelações, as prisões, as torturas, os banimentos e as queimas na fogueira que ele incentivou lá. Piper também elogia Agostinho[30], mas sem apresentar qualquer indício de que ele foi o pai do catolicismo romano moderno e defendeu inúmeras doutrinas que os evangélicos acham repugnantes. É honesto omitir fatos vitais a fim de promover calvinismo?

Cinco vezes no Novo Testamento Cristo nos ordena: "ame o teu próximo como a ti mesmo" (Mateus 19:19, etc.). Paulo duas vezes e Tiago uma vez reiteram esse mandamento de que se deve amar o próximo como a si mesmo (Romanos 13:9; Gálatas 5:14; Tiago 2:8). Cristo deixa claro que todos que estão em necessidade são o próximo (Lucas 10:29–37). Certamente nenhum deles está em necessidade maior do que o perdido. No entanto, o calvinismo nos diz que o Deus que "é amor", e que "amou o mundo", e enviou o Seu Filho "para que o mundo fosse salvo por Ele" (João 3:17) — embora Ele pudesse salvar a *todos* — condena bilhões por Sua "boa vontade" e para provar Sua justiça. Horrorizados com tal doutrina, só podemos repetir com espanto, *Que amor é esse?*

Distorcendo Uma Metáfora

O calvinismo nega o amor, a misericórdia e a graça de Deus para qualquer um, exceto para os eleitos. "Todos que finalmente serão salvos foram escolhidos para a salvação por Deus, o Pai, antes de a fundação do mundo, e dados a Jesus Cristo no pacto da graça"[31]. Piper escreve: "eleição se refere a Deus escolher quem salvar. É incondicional, em que não há qualquer condição que o homem deve cumprir antes de Deus o escolher para salvá-lo. O homem está morto em delitos e pecados. Portanto, não há qualquer condição que ele possa cumprir [...]"[32]. John MacArthur também declara que os incrédulos

30 Ibid., pp. 27–28.

31 John L. Dagg, *Manual of Theology and Church Order* (Harrisburg, VA: Sprinkle Publications, 1982), p. 309.

32 John Piper e Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 19.

"não são mais capazes de responder a Deus do que um cadáver" e "são incapazes de qualquer atividade espiritual [...]"[33]. Vance aponta o erro óbvio:

> E, finalmente, se se fizer um paralelo exato entre um homem morto fisicamente e um homem morto espiritualmente [...], então da mesma forma tem que se dizer [...] [que se] ele não pode aceitar Cristo porque está morto, então ele também não pode rejeitá-Lo. Um *homem* morto [fisicamente] não pode crer em Jesus Cristo, mas um homem morto [espiritualmente] pode.[34]

O fisicamente morto não pode coisa alguma, nem mesmo cometer pecado; assim eles dificilmente poderiam apresentar uma analogia adequada da morte espiritual. Os espiritualmente "mortos" são capazes de viver uma vida ativa, obter uma educação, ganhar a vida, desafiar Deus, e continuar a pecar — ou se submeter à convicção do Espírito Santo, se arrepender de seus pecados e crer no Senhor Jesus Cristo como seu Salvador. MacArthur reitera ainda:

> Como uma pessoa que está morta no pecado pode, cegado por Satanás, incapaz de entender as coisas de Deus, e continuamente cheio de maldade, de repente, exercitar a fé salvadora? Um cadáver não poderia tão logo sair da sepultura e andar.[35]

Pelo contrário, aos mortos espiritualmente, Isaías escreve: "oh vós, todos os que tendes sede, vinde às águas [...]. Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos e se conver-

33 John F. MacArthur, Jr., *Faith Works: The Gospel According to the Apostles* (Dallas, TX: Word Publishing, 1993), pp. 64–67.

34 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 522.

35 John MacArthur Jr., *Saved Without A Doubt – MacArthur Study Series* (Colorado Springs: Chariot Victor Books, 1992), p. 58.

ta ao Senhor, que Se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar" (Isaías 55:1, 7). Certamente os ímpios estão mortos em delitos e pecados. No entanto, eles são comandados a vir, a se arrepender, e a beber de Cristo.

Nós concordamos que ninguém buscaria o Senhor a menos que Ele primeiro os buscasse. A Escritura declara, porém, que Deus procura a *todos*. Ele apela a todos *que têm sede* para virem a Ele e beberem, e *a todos os que são maus* para se voltarem a Ele na dependência de Sua misericórdia. Deve, portanto, ser possível àqueles que estão espiritualmente mortos ouvir a voz de Deus, se voltar ao Senhor, crer no evangelho, e receber o perdão por Sua graça.

No entanto, a negação insistente de que os não regenerados podem crer em Cristo é um ponto importante no calvinismo. Steele e Thomas argumentam que "o pecador está morto, cego e surdo para as coisas de Deus [...]. Por isso é preciso [...] a regeneração, pela qual o Espírito faz com que o pecador viva e lhe dá um nova natureza. A fé não é algo que o homem contribui para a salvação [...] mas é dom de Deus ao pecador [...]"[36]. No entanto, quando Paulo e Silas disseram: "crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo" (Atos 16:31), eles estavam sugerindo que, crendo, o carcereiro de Filipos contribuiria com fé para sua salvação? De forma nenhuma.

E como poderia Paulo e Silas ainda abordarem os mortos espiritualmente e convidá-los a crer em Cristo? Como eles poderiam saber que aqueles a quem eles convidaram iriam ser soberanamente regenerados e receber fé para crer? Obviamente, Paulo e Silas não eram calvinistas.

Uma Exegese Simples

Pedro diz que somos "eleitos segundo [*kata*] a presciência de Deus (1 Pedro 1:2). O grego *kata* carrega o significado de homogeneidade ou harmonia. Assim, a eleição/predestinação de Deus estava de acordo, ou em harmonia, com algo que de antemão conheceu sobre

---

36 David N. Steele e Curtis C. Thomas, *The Five Points of Calvinism* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co, 1963), p. 16.

aqueles aos que predestinou para participar das bênçãos declaradas. O que isso poderia ter sido?

Certamente, a possibilidade mais óbvia seria a de que Deus previu quem se arrependeria e creria no evangelho, e com base nisso os predestinou "para serem conformes à imagem de Seu Filho" e "para a obediência". Aparentemente se afastando de seu tão frequentemente declarado calvinismo, Spurgeon declarou:

> Marque, então, com cuidado, que NOSSA CONFORMAÇÃO A CRISTO É O OBJETO SAGRADO DA PREDESTINAÇÃO [...]. O Senhor, em ilimitada graça, decidiu que uma sociedade que nenhum homem pode numerar [...] será restaurada à Sua imagem, na forma particular em que Seu Filho Eterno Se apresenta [...], à semelhança do Senhor do Céu. (ênfase no original)[37]

A fim de escapar da presciência como a base da predestinação, o calvinista deve estabelecer um outro significado para conhecer/presciência que se encaixe na sua teoria. Geralmente, essa tentativa assume duas formas. A maioria tenta sustentar que conhecer/presciência, em vez de significar saber de antemão, significa determinar antecipadamente, ou preordenar. Piper escreve: "Ele [Deus] conhece de antemão — isto é, elege — um povo para Si mesmo [...][38]. Outros sugerem que significa amar de antemão. Há, no entanto, várias razões por que nenhum desses estratagemas vai funcionar.

Vários autores calvinistas argumentam que "presciência" é "o equivalente a um determinado conselho [...], sabedoria e intenção onisciente de Deus [...]. Prerrogativa de Deus para 'escolher de antemão'"[39]. MacArthur escreve:

---

37 Carlos Haddon Spurgeon, *The Treasury of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1950), vol.2, p. 72.

38 John Piper e Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997).

39 S. Raymond Cox, "What Caused God To Choose His People?" (ensaio de publicação do autor, 1980), p. 3.

> A presciência de Deus, portanto, não é uma referência à Sua previsão onisciente, mas à Sua preordenação. Deus realmente prevê quem será um crente, mas a fé que Ele prevê é a fé que Ele mesmo cria. Não é que Ele apenas vê o que vai acontecer no futuro; ao contrário, Ele ordena. A Bíblia claramente ensina que Deus escolhe soberanamente as pessoas para crer Nele.[40]

Ele não mostrou isso a partir das Escrituras — ele simplesmente afirma ser assim, a fim de apoiar o calvinismo. Mas isso não é o que a Escritura diz! Piper cita C.E.B. Cranfield, que se refere à presciência de Romanos 08:29 como sendo "que tomar conhecimento especial de uma pessoa é a graça eletiva de Deus". Piper, em seguida, comenta que "presciência é praticamente o mesmo que eleição [...]. Ele conhece de antemão — isto é, elege — um povo para Si mesmo [...][41]. Mas a palavra grega é *proginosko*, que significa saber de antemão no sentido de prever. O calvinista está distorcendo a Escritura desesperadamente, a fim de manter a sua teoria.

Pedro distingue muito claramente conselho de determinação, bem como eleição de presciência: "Ele [Cristo], que foi entregue pelo determinado [*horizo*] conselho [*boule*] *e* presciência [*proginosko*] de Deus [...]" (Atos 2:23). Se esses termos são os mesmos, então Pedro está dizendo, sem nenhum sentido, que Cristo foi "entregue pela presciência *e* presciência", ou pelo "determinado conselho *e* determinado conselho" de Deus. Paulo também faz uma distinção clara: "porque os que Ele [Deus] conheceu de antemão, *também* [*kay*] os predestinou [...]"[42]. O grego *kay* denota uma diferenciação, tornando assim claro que a presciência não poderia ser o mesmo

---

40 John MacArthur Jr., *Saved Without A Doubt – MacArthur Study Series* (Colorado Springs: Chariot Victor Books, 1992), p. 59.

41 John Piper e Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 22.

42 Dave Breese, "The Five Points of Calvinism" (ensaio de publicação do autor, sem data).

que a predestinação, ou Paulo, como já foi salientado, estaria dizendo redundantemente, "a quem Ele fez predestinou *também* os predestinou".

A Função Essencial da Presciência

Essa declaração inspirada de Pedro no dia de Pentecostes revela que, ao predizer os acontecimentos futuros através de seus profetas e os realizando na história, Deus leva em conta o que Ele sabe, pela Sua presciência, que serão as ações e reações dos homens. Ele não *causou* Judas a trair Cristo, nem ele *fez* com que os judeus O rejeitassem, ou que os romanos O crucificassem — nem os predestinou a fazer isso. Ele arranjou que esses indivíduos especiais, que Ele sabia que agiriam dessa maneira, estivessem em cena no momento certo para cumprir a Sua vontade, embora eles não sabiam que estavam cumprindo a profecia. Como Paulo declarou: "[...] por não terem conhecido a Este [...] condenaram-No, cumprindo assim as vozes dos profetas que se leem todos os sábados" (Atos 13:27).

Saber de antemão é simplesmente saber com antecedência. E saber com antecedência não é o mesmo que preordenar. Se Deus simplesmente elegeu/predestinou certas pessoas, porque Ele os elegeu/predestinou, não haveria absolutamente razão em mencionar a presciência. Claramente, que Deus previu que determinadas pessoas creriam no evangelho foi a *razão* para a eleição/predestinando deles para as *bênçãos* especiais.

Que essa presciência não significa qualquer coisa a mais nem a menos do que saber de antemão está evidente não só nas escrituras particulares acima, mas também em outros locais onde as mesmas palavras gregas são usadas no Novo Testamento. Ao se referir a líderes judeus, com os quais era familiarizado, que ele diz: "me conhecem desde o começo [i.e., antes desse dia]" (Atos 26:4–5), Paulo usa a mesma palavra, *progonisko*, traduzida em Romanos 8:29 "porquanto aos que de *antemão conheceu*". Pedro usa a mesma palavra em um contexto diferente, mas com o significado idêntico: "sabendo [*proginosko*] isto de antemão [...]" (2 Pedro 3:17).

Outros calvinistas apontam como a forma da relação sexual é expressa no Antigo Testamento: '"Adão conheceu [*yada*] sua esposa" (Gênesis 4:1), "Caim conheceu [*yada*] sua esposa" (versículo 17), etc. Eles, então, sugerem que "quem Deus conheceu de antemão" na verdade significa "a quem Deus amou de antemão". Mas isso é um disparate.

Embora *yada* às vezes seja usado para denotar uma relação especial — "Eu te conheci no deserto" (Oséias 13: 5), "de todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido" (Amós 3:2) —, ela nunca significa conhecer de antemão, ao passo que esse é o princípio do significado de *proginosko* e *prognosis*. Existe, portanto, nenhuma relação entre essas palavras que seja de qualquer ajuda no apoio ao calvinismo.

Além disso, "conhecer" a esposa de uma maneira sexual não poderia ser de antemão, nem Deus "conhece" o homem dessa maneira. Portanto, a tentativa de conectar o amor com a presciência através de *yada*, para dar o significado de "amou de antemão" não vai funcionar. Esse esforço tenso, no entanto, revela o que o calvinista é tanto forçado quanto está disposto a fazer para proteger sua teoria.

Porque Não Aceitar o Significado Mais Simples?

Claramente, Deus, em Sua onisciência pré-conheceu, desde a eternidade passada, quem, quando convicto do pecado e trazido pelo Seu Espírito Santo, iria de bom grado responder ao evangelho. Com base nessa presciência, Ele predestinou, ou elegeu, essas pessoas em particular para as bênçãos especiais: "[...] para serem conformes à imagem de Seu Filho [...], para a obediência [...]". Paulo acrescenta outra bênção: "como também nos elegeu Nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante Dele em amor" (Efésios 1:4). Dave Breese escreve: "nós também notamos que a eleição na Escritura não é para a salvação, mas "para a obediência [...]. [Em] Romanos capítulo 8 [...], a predestinação é baseada na presciência de Deus e seu objeto não é a salvação, mas a conformidade com a imagem de Cristo"[43].

43 Herschel H. Hobbs, *Fundamentals of our Faith* (Nashville: Broadman, 1960), p. 94–99.

Paulo e Pedro estão incentivando os cristãos com o que Deus tem reservado para aqueles que creem no evangelho. Como Paulo declara: "nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou no coração do homem, as coisas que Deus tem preparado para aqueles que O amam. Mas Deus tem revelado a nós pelo Seu Espírito [...]" (1 Coríntios 2:9–10).

Além disso, não apenas a predestinação/eleição nunca é dita ser para a salvação, mas também Paulo separa cuidadosamente predestinação de salvação, seja no seu chamado, na sua justificação, ou na sua glorificação: "aos que predestinou, a estes também [*kay*] chamou [...], também [*kay*] justificou [...], também [*kay*] glorificou" (Romanos 8:30). O grego *kay* mostra que uma distinção está sendo feita: predestinação não é o mesmo que chamar, justificar, ou glorificar. Hobbs comenta, "predestinação [...] significa simplesmente que Deus predeterminou que aqueles que respondem afirmativamente ao Seu chamado [...] serão justificados [...] e, além disso, serão glorificados. Tudo isso está "de acordo com o Seu propósito [...]"[44]. O sentido literal do texto é claro.

Mais Redundâncias e Absurdos

Há um outro problema com a interpretação calvinista do "conhecimento prévio". Porque ele rejeita em saber o que o homem faria (ou seja, se arrepender e crer no evangelho), ele não pode envolver coisa alguma além de que Deus saber o que Ele faria. Dizer que Deus previu o que Ele havia predestinado seria um absurdo.

Além disso, seria impossível para Deus "prever" o que Ele propôs fazer, porque Seus propósitos sempre existiram. Como Tiago disse, "conhecidas são a Deus, desde o princípio, todas as Suas obras [*aion*]" (Atos 15:18). O grego *aion*, assim, tem o significado de 'de toda a eternidade".

Ironicamente, Rob Zins acusa os não calvinistas de ensinarem que "houve um tempo em que Deus não sabia [o que o homem faria]

44 Robert M. Zins, "A Believer's Guide to 2nd Peter 3:9" (monografia de publicação do autor, sem data), pp. 2–3.

[...]. No entanto, é nossa afirmação de que Deus sabe todas as coisas, porque Ele deseja todas as coisas"[45]. Ao contrário, afirmamos que desde a eternidade passada Deus conheceu tudo que iria acontecer no universo e nas mentes e nos assuntos dos homens — *não* porque Ele "deseja todas as coisas", mas porque Ele conhece todas as coisas, ou seja, é onisciente.

Piper insiste que "Deus não conhece de antemão as decisões livres das pessoas que crerão nele, porque não há qualquer decisão livre nesse sentido para conhecer". Se é assim, o homem é um fantoche com Deus puxando as cordas, fazendo da presciência algo sem sentido. Sem livre escolha, o homem não seria moralmente responsável, não poderia amar a Deus, conhecer o amor de Deus, receber o dom da salvação, ter uma comunhão significativa com Deus, ou adorá-Lo. Spurgeon perguntou: "nunca seremos capazes de conduzir nas mentes dos homens a verdade de que tanto a predestinação quanto o livre-arbítrio são ambos fatos?"[46]

No entanto, White escreve: "m outras palavras, a presciência de Deus é baseada em Seu decreto, plano ou propósito que expressa a Sua vontade, e não sobre algum ato previsto de *volição positiva* por parte do homem". Tal conclusão não é apenas não bíblica, mas assalta a razão. Não há sentido dizer que Deus previu Seus decretos eternos — nem Ele poderia. Visto que Seus decretos sempre existiram, e, portanto, nunca foram futuro para Ele, não há qualquer maneira em que Ele poderia saber o que seriam antes que eles foram decretados.

Nem se poderia dizer que Deus, porque Ele sabia de antemão que Ele tinha decretado salvar certas pessoas, portanto os salvou. Presciência é muito claramente a *razão* dada para a eleição e a predestinação. Deus sabendo de antemão o que Ele faria nunca poderia ser o motivo de fazê-lo.

---

45 John Piper e Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 22.

46 Carlos Haddon Spurgeon, *The Best Bread: Sermons Preached in 1887* (Nova Iorque: Funk and Wagnalls, 1891), p. 109.

Claramente, sabendo de antemão quem creria no evangelho, Deus tornou certo que aqueles indivíduos ouvissen o evangelho, e os predestinou para participar das muitas bênçãos que Ele planejou doar aos redimidos por toda a eternidade. Tal é a conclusão razoável e legítima procedente da linguagem clara expressa nessas passagens. Por que ir tão longe para encontrar um outro significado, a não ser para apoiar a teoria?

Um Olhar Mais Atento à Eleição

As palavras "predestinou" e "predestinados" são utilizadas apenas quatro vezes na Escritura. As três primeiras já foram consideradas. A quarta será tratada mais tarde. Eleição tem um significado semelhante, e as palavras "eleitos", "eleito", "eleição" e "os eleitos de' são usadas ao todo vinte e sete vezes na Bíblia.

Os objetos da eleição/predestinação de Deus são chamados de "os eleitos". A palavra "eleitos" (*bachiyr* em hebraico, *eklektos* em grego) é usada em uma variedade de maneiras. Refere-se ao Messias (Isaías 42:1; 1 Pedro 2:6), a Israel ou aos judeus (Isaías 45:4; 65: 9, 22; Mateus 24:31; Marcos 13:27), à igreja (Romanos 8:33; Colossenses 3:12; Tito 1:1), tanto para Israel quanto para a igreja (Mateus 24:24; Marcos 13:22; Lucas 18:7), aos anjos (1 Timóteo 5:21), e a uma senhora (2 João 1:13).

Esses versos cobrem cada menção da palavra "eleitos" na Bíblia inteira. *Nem uma única vez* é essa palavra usada para designar uma classe especial de pessoas que Deus marcou para a salvação e somente a quem Ele ama. Contrariando a Escritura (mas concordando com as *Institutas* de Calvino), um ministro das Igrejas Protestantes Reformadas na América escreve: "assim, não pode ser que Deus ame a todos. Visto que o amor de Deus é soberano e, portanto, sempre um amor salvador, apenas aqueles que experimentam a salvação do Senhor podem ser os objetos do Seu amor"[47]. Mais uma vez, devemos perguntar: *Que amor é esse*? E onde na Escritura é essa ideia expressada?

---

47 Steven R. Houck, "God's Sovereignty In Salvation" (O Comitee de Evangelismo da Igreja Protestante Reformada do Sul da Holanda, IL, sem data), p. 10.

As Cinco Escrituras Pertinentes

A palavra "eleito" é encontrada quatro vezes no Antigo Testamento: uma vez se referindo ao Messias (Isaías 42:1) e três vezes referentes a Israel (Isaías 45:4; 65:9, 22). Nenhuma delas é pertinente à nossa investigação. No Novo Testamento, a palavra "eleito" é encontrada dezessete vezes, a palavra "eleição" seis vezes, as palavras "dos eleitos" três vezes, e a palavra "elegidos" uma vez.

Eliminando uma referência aos anjos, uma referência ao próprio Cristo, as três referências que poderiam ser tanto para Israel e para a Igreja, as três da senhora, as quatro aos judeus que foram preservados através da Grande Tribulação e sobreviveram ao Armagedon, e seis que são simplesmente um nome para os crentes em Cristo, somos deixados com cinco que dizem respeito ao tema geral da eleição:

1. Que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não vem das obras, mas por Aquele que chama [...]. (Romanos 9:11)
2. Há um remanescente segundo a eleição da graça. (Romanos 11:5)
3. Sabendo, amados irmãos, que a vossa eleição é de Deus [...]. (I Tessalonicenses 1:4)
4. Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça a vós, e paz vos sejam multiplicadas. (1 Pedro 1:2)
5. Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição [...]. (2 Pedro 1:10)

Essas escrituras apresentam as seguintes verdades: (1) Deus opera um propósito definitivo através de eleição; (2) a eleição envolve não toda a humanidade, mas um "remanescente"; (3) a eleição é segundo a graça de Deus; (4) a eleição é "segundo a presciência de Deus Pai"; e (5) alguma responsabilidade repousa sobre o eleito para fazer a sua "eleição segura".

Se a eleição fosse para a salvação pela Graça Irresistível, sem qualquer escolha inteligente ou moral da parte do homem, seria impossível ter a certeza de sua eleição. Mas, se a eleição é para serviço e bênção, Pedro está reforçando em palavras diferentes a exortação de Paulo a "andar de maneira digna da vocação com que fostes chamados" (Efésios 4:1–6).

Assim, tornar a eleição segura é cumprir a responsabilidade que vem com a eleição, não para, de alguma forma, ter a certeza de que se está entre os eleitos e, assim, eternamente salvo. Marvin R. Vincent, uma autoridade em línguas bíblicas, explica: "*ekloge*, eleição [é] usada na seleção de Deus dos homens ou agências para missões especiais ou realizações [...]. [Em lugar nenhum] no Novo Testamento há qualquer justificativa para a doutrina revoltante que Deus predestinou um número definido da humanidade para a vida eterna, e o restante para eterna destruição"[48].

Argumentos Falaciosos de Calvino

Como já mencionado, a eleição é determinada pela presciência de Deus: "eleitos segundo a presciência de Deus Pai". Na tentativa de fazer predestinação e eleição se referirem à salvação para que elas se encaixem na sua teoria, Calvino se enredou em raciocínio falacioso e até mesmo heresia.

De Efésios 1:4–5, "como também nos elegeu Nele antes a fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante Dele em amor; e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para Si mesmo, segundo o beneplácito de Sua vontade", Calvino escreveu:

> Ao dizer que eles foram eleitos antes da fundação do mundo, Ele [Deus] tira toda referência ao mérito [...]. Na declaração adicional de que eles foram eleitos para que pudessem ser santos, o apóstolo refuta abertamente o erro

48 Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1924), vol. 4, p. 16.

> daqueles que deduzem a eleição da presciência, uma vez que ele declara que toda virtude que aparece nos homens é o resultado da eleição.[49]

Seu mal-entendido é óbvio. Que Deus predestina a certas bênçãos aqueles a quem Ele previu que creriam no evangelho não tem coisa alguma a ver com o seu "merecimento". É loucura sugerir que algum merecimento é atribuído aos pecadores por sua livre escolha, em eles crerem no evangelho e receberem ao Senhor Jesus Cristo como Salvador. Na verdade, é por causa de sua indignidade e necessidade desesperada de salvação que os pecadores se voltam para Ele.

E como poderiam as bênçãos que são "o resultado da eleição" (como Calvino diz acima) serem "virtudes" para que aqueles que as recebem possam tomar crédito? De fato, o *porquê* da eleição não é sequer mencionado aqui. Portanto, essa Escritura não pode ser usada para descartar o que é tão claramente afirmado em Romanos 8:29 e 1 Pedro 1:1–2, que a presciência de Deus é a *razão* por trás de suas escolhas de certas pessoas para bênçãos específicas.

O calvinista argumenta que "eleitos segundo a presciência de Deus [...]; os que dantes conheceu também os predestinou" não pode significar o que parece significar, ou a soberania de Deus seria prejudicada. Pelo contrário, não há qualquer coisa inerente ao conceito de soberania que requer que aqueles a quem Deus soberanamente oferece um presente não podem genuinamente receber ou rejeitar. E certamente Deus, em Sua presciência, saberia quem essas pessoas seriam e poderia planejar dar bênçãos especiais sobre elas.

Que Deus, estando fora e independente do tempo, poderia saber o futuro sem o causar é reconhecido há séculos por muitos que não poderiam, em sã consciência, aceitar a definição calvinista da presciência e predestinação. Por exemplo, por volta de 1780, João Wesley declarou em um sermão que,

---

49 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxii.2.

> Quando falamos da presciência de Deus, nós [...] falamos [...] segundo a maneira dos homens. Pois [...] não existe tal coisa como conhecimento anterior ou conhecimento posterior em Deus. Todos os tempos [...] estando presentes Nele uma vez, Ele não sabe uma coisa antes da outra, ou uma coisa após a outra, mas vê tudo [...] de eternidade a eternidade. Assim como todo tempo, com tudo o que nele existe, está presente com Ele uma vez, também Ele vê uma vez tudo o que foi, é ou será no fim do tempo. Mas observe; não devemos pensar que elas são, porque Ele As conhece. Não; Ele as conhece, porque elAs são.[50]

Alguma Distinções Importantes

Poderíamos ter recebido a vida eterna, e até mesmo um lugar no céu, como os anjos, sem sermos feitos filhos de Deus e co-herdeiros com Cristo de toda a herança que Ele tem no Pai. Mas Deus, em Seu infinito amor e graça, predestinou os crentes para serem parte de Sua família — Seus próprios filhos, que são chamados "à Sua eterna glória, por Jesus Cristo" (1 Pedro 5:10). Como João Wesley disse: "Deus decreta, de eternidade a eternidade, que todos os que creem no Filho do Seu amor, devem se conformar à Sua imagem [...]"[51].

A salvação é claramente distinta das bênçãos que a acompanham — mas Calvino tinha de fazê-las uma e a mesma, ou a sua causa estava perdida. Opondo-se a esse erro, e ecoando tantos outros estudiosos bíblicos, Andrew Telford escreveu: "em nenhum lugar da Bíblia a eleição é conectada com a salvação ou a condenação de uma alma humana [...]. Ela tem a ver com o serviço. É eleito de Deus aquele que O serve"[52]. Infelizmente, na tentativa de fazer a Escritura

---

50 João Wesley, *Sermons on Several Occasions* (Nova Iorque: J. Emory e B. Waugh, para a Igreja Episcopal Metodista na Sede da Conferência, 14 Crosby Street, 1831), vol. 2, p. 39.

51 Ibid.

52 Andrew Telford, *Subjects of Sovereignty* (Harvest Time Ministries, 1980), p. 55–56.

caber na sua teoria, Calvino parece ter caído profundamente em erro, uma vez mais confiando em Agostinho:

> É sabiamente observado por Agostinho, que, na própria Cabeça da Igreja, temos um espelho brilhante da eleição livre [...] viz. que Ele [Cristo] não Se tornou o Filho de Deus vivendo em retidão, mas foi apresentado livremente com essa grande honra, para que pudesse em seguida fazer dos outros participantes de Seus dons. Alguém aqui deveria perguntar, por que os outros não são o que Ele era [...] se eles estão empenhados em privar Deus do livre direito de eleger [para a salvação] e reprovar [predestinando para a condenação], deixe-os ao mesmo tempo tirar o que foi dado a Cristo.[53]

Calvino parece estar negando a filiação eterna de Cristo e Sua igualdade e eterna unidade com o Pai! Ele diz que Cristo *Se tornou* o Filho de Deus, sendo "livremente apresentado com essa grande honra [...]". Aqueles que tentam apoiar Calvino frequentemente citam o Salmos 2:7, bem como a sua citação em Hebreus 1:5 e 5:5: "Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei". Eles afirmam que isso se refere a uma época em que "Cristo Se tornou o Filho de Deus". Quando isso pode ter sido? Deve ter sido na eternidade passada, porque Cristo era claramente o Filho de Deus antes que Ele nascesse no mundo: "e qual é o nome de Seu filho, se é que o sabes" (Provérbios 30:4)?

Mas não há tempo na eternidade — certamente nada que poderia ser chamado de "o dia de hoje". O Tempo começou com a criação do universo (Gênesis 1:1). Além disso, Cristo, é "o mesmo ontem, hoje e sempre" (Hebreus 13:8), deve ser, portanto, eternamente o Filho de Deus. Não houve um ponto na eternidade quando "Cristo *Se tornou* o Filho de Deus", como Calvino alega.

Existe contradição nas Escrituras? É claro que não. O Salmos 2:7 não está, absolutamente, se referindo a Cristo se tornando o Filho de

53 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxii,1.

Deus. Isso nunca aconteceu. Ele sempre *é* o Filho de Deus. Paulo nos diz que "Eu hoje Te gerei" se refere à ressurreição de Cristo: "Deus a cumpriu a nós, Seus filhos, ressuscitando a Jesus; como também está escrito no Salmo segundo: Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei" (Atos 13:33). Isso está de acordo com Ele sendo chamado de "o primogênito dentre os mortos" (Colossenses 1:18). Calvino estava simplesmente errado neste ponto e em tantos outros.

A suposta "eleição" de Cristo a essa honra a parte de "viver dignamente" (ou seja, sem qualquer mérito) é então utilizada por Calvino para estabelecer a alegada eleição dos seres humanos à salvação, independentemente de seu mérito ou obras. As comparações beiram às fronteiras da blasfêmia. Cristo é o EU SOU desde toda a eternidade, um com o Pai; e por causa de *quem* Ele é, somente Ele poderia nos redimir. Em todo o Antigo Testamento, *Yahweh*, o Deus de Israel e o grande EU SOU, diz repetidamente: "Eu, Eu mesmo, sou o Senhor, e fora de Mim não há Salvador" (Isaías 43:11 e muitos outros). Jesus declara: "antes que Abraão existisse, Eu sou" (João 8:58).

Ridicularização e "Mistério"

Uma das características tristes das *Institutas* de Calvino é a linguagem humilhante que ele emprega continuamente (muito parecido com Lutero) para difamar todos que discordam dele: "por isso é que nos dias de hoje tantos cães rasguem essa doutrina [predestinação] com dentes envenenados [...], assaltam com seu latido [...]. Visto que algum sentimento de vergonha os impede de se atrever a arrotar suas blasfêmias contra o céu, para que possam ventilar livremente sua raiva, eles fingem pegar uma briga conosco [...]; essa doutrina, que os homens perversos assaltam imerecidamente, porque às vezes é abusada perversamente [...]. O profano faz tal arrogância com seus puerilidades tolas"[54], e assim por diante, página após página.

Debaixo da própria arrogância de Calvino muitas vezes há pouca substância para seus argumentos, os quais ele pode apoiar apenas

54 Ibid., vol. 1, xvii.2, 3.

abusando a Escritura. Seu óbvio equívoco de pontos de vista opostos, e as fracas razões e não bíblicas que Calvino invoca para rejeitar a presciência como a base da predestinação, são reforçadas com muita ridicularização:

> Nós, na verdade, atribuímos à presciência e à predestinação a Deus; mas nós dizemos que é um absurdo fazer o último subordinado ao primeiro [...][55].

> Outros, que não são nem versados nas Escrituras, nem dignos de qualquer consideração, assaltam a sã doutrina com uma petulância e uma improbidade que são impossíveis de tolerar [...]. Eles deveriam, pelo menos, ser contidos por sentimentos de temor ao falar com tanta confiança desse mistério sublime.[56]

O fato de que a presciência é a *razão* da predestinação, como a Escritura declara, não faz a última subordinada à primeira. Ambas estão entre as muitas qualidades infinitas e habilidades únicas somente a Deus, nenhuma das quais é nem independente nem subordinado a qualquer outra. Todas as qualidades de Deus são exercidas em perfeita harmonia umas com as outras. Assim, o argumento de Calvino perde inteiramente o ponto. E aqui, mais uma vez, ele apela para o "mistério" quando todo o resto falha.

E Quanto a 2 Tessalonicenses 2:13?

Os calvinistas costumam citar 2 Tessalonicenses 2:13 como prova de sua posição: "por Deus vos ter elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito e fé na verdade". Ser "elegido para a salvação", no entanto, não significa que tenha sido predestinado para o céu. Inúmeras escrituras nos forçam a concluir que toda a

---

55 Ibid., vol. 3, xxi.5.

56 Ibid., xxii.1.

humanidade foi "escolhida para a salvação" por Deus, que quer que "todos os homens sejam salvos [...]" (1 Timóteo 2:4), que é "o salvador de todos os homens, especialmente dos que creem" (4:10), e cujo Filho "deu a Si mesmo em resgate por todos" (2:6).

Se todos foram escolhidos para a salvação, por que nem todos são salvos? Cristo disse aos seus discípulos: "não vos escolhi a vós os doze? E um de vós é um diabo. E isto dizia Ele de Judas [...] que O havia de trair [...]" (João 6:70–71). Judas foi um dos escolhidos para ser um discípulo, mas através de sua própria escolha ele não cumpriu esse chamado e está agora no inferno.

Deus disse a Israel: "o Senhor teu Deus te escolheu para ser um povo especial para Si [...]" (Deuteronômio 7:6). Essa "escolha" não assegurou automaticamente que todo o Israel viveria esse papel. Infelizmente, Israel como um todo não cumpriu esse chamado, mas entraram em pecado, e Deus teve que os expulsar da terra.

A partir dessas e de outras escrituras, é claro que ser "escolhido" para a salvação não traz salvação: ainda é preciso crer no evangelho, a fim de ser salvo. Esse fato é ainda mais claro pelo resto do versículo: "em santificação do Espírito, e fé na verdade". Apesar de "escolhidos para a salvação", os meios de salvação não é a escolha por Deus, mas a "fé na verdade" do indivíduo.

CAPÍTULO 18

EXPIAÇÃO LIMITADA

O "L" na TULIP representa uma teoria mais fundamental no esquema de Calvino da salvação: "a doutrina que limita a expiação aos eleitos [...]"[1]. Esse conceito decorre diretamente da limitação que calvinistas colocam sobre o amor de Deus, apesar do fato de que Ele, como todas as facetas do Seu Ser, é infinito. Um de seus apologistas proeminentes declara: "a Bíblia ensina vez após vez que Deus não ama todas as pessoas com o mesmo amor [...] 'amado por Deus' não é aplicado ao mundo, mas apenas aos santos [...] (Romanos 1:7)"[2].

Mesmo amor? Mas amor é amor — e "amor [...] é benigno" (1 Coríntios 13:4). O próprio Calvino declarou: '"todos não foram criados em condições iguais, mas alguns são predestinados para a vida eterna, outros para a condenação eterna [...]"[3]. É amoroso ou benigno "predestinar à [...] condenação eterna"? Mais uma vez perguntamos: *Que amor é esse*?

A. A. Hodge confessa: "se eles [os críticos] pudessem provar que o amor que levou Deus a dar Seu Filho para morrer como oferta pelo pecado [...] teve como seus objetos todos os homens [...], que Cristo realmente sacrificou Sua vida com o propósito de salvar todos [...] na condição de fé, então [...] o princípio central do arminianismo é verdade [e o calvinismo é falso] [...]"[4]. Boettner explicou ainda:

> A Fé Reformada tem defendido a existência de um decreto divino eterno que antecedentemente a qualquer diferença ou distinção nos próprios homens divide a raça humana em duas porções e ordena uma para a vida eterna e outra para

---

1 John Murray, *Redemption Accomplished and Applied* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1955), p. 64.

2 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 44.

3 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxi.5.

4 A. A. Hodge, *The Atonement* (Memphis, TN: Footstool Publishers, 1987), p. 348.

> morte eterna [...]. Assim predestinados e preordenados [...] seu número é tão certo e definido que não pode nem ser aumentado ou diminuído.[5]

Protestamos que essa doutrina é uma deturpação ultrajante de Deus. A consciência dada por Deus a cada pessoa, salvos e não salvos, se afasta da ideia de criar seres simplesmente para os predestinar ao tormento eterno! Tragicamente, o calvinismo obriga seus adeptos a rejeitarem a compaixão humana normal que é, de outro modo, defendida em comum por toda a humanidade.

Carson estabelece a linha na Expiação Limitada, argumentando que esse rótulo "é singularmente infeliz por duas razões. *Primeiro*, é uma expressão defensiva, restritiva: aqui é a expiação, e em seguida alguém quer limitar. A noção de limitar algo tão glorioso como a expiação é intrinsecamente ofensiva. *Segundo*, mesmo quando inspecionada mais friamente, a 'expiação limitada' é objetivamente enganosa. Cada ponto de vista da expiação a 'limita' de alguma forma, exceto para o universalista sem ressalvas"[6].

Sua última sentença é um erro calvinista comum — que acusa aqueles que dizem que Cristo morreu por todos — de limitar a eficácia da expiação porque apenas aqueles que creem são salvos. Ao contrário, a expiação não é limitada por alguém ter rejeitado o sacrifício de Cristo em seu nome. A herança deixada pelo falecido não é reduzida em valor porque alguns herdeiros recusam a sua parte.

Honrar o Amor de Deus É Heresia?

O calvinista Stanley Gower, um membro da Assembleia de Westminster, declarou que não há maior heresia do que a sugestão de que "Deus ama a todos igualmente; Caim, assim como Abel, Judas como o

---

5 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), pp. 83–84.

6 D. A. Carson, *The Difficult Doctrine of the Love of God* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2000), p. 73.

resto dos apóstolos"[7]. Assim, é preciso explicar o verso familiar a todas as crianças da escola dominical: "porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). Para o calvinismo permanecer, esse versículo (e muitos outros que expressam a mesma verdade) não pode significar o que as palavras parecem dizer: "mundo" e "todo aquele que" não pode significar toda a humanidade, mas somente os eleitos. Assim, as crianças calvinistas querem dizer outra coisa, se alguma vez eles cantam, "Jesus ama as crianças pequenas, todas as crianças do mundo [...]". Ele ama apenas *algumas* crianças do mundo!

Sproul escreve: "o mundo por quem Cristo morreu não pode significar a família humana inteira. Ele deve se referir à universalidade dos eleitos (as pessoas de todas as tribos e nações)"[8]. John Owen afirma corajosamente "que o mundo aqui não pode significar tudo o que sempre foi ou será é tão manifesto como se fossem escritos com os raios do sol [...]"[9]. Que estranho, então, que esse sol brilhante é visível apenas para os calvinistas — e que eles discordam entre si sobre essa doutrina-chave.

John MacArthur defende "o Amor de Deus pela humanidade"[10]. Ele cita Calvino que "o Pai ama a raça humana"[11], e que em João 3:16,

---

7 Stanley Gower, na primeira das "Two Attestations" a John Owen, Livro 1 da *The Death of Death in the Death of Christ* (sem editora, 1647); em *The Works of John Owen*. William H. Goold, ed. (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 3. impressão, 1978), vol. 10, p. 147.

8 R. C. Sproul, *Chosen by God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1986), p. 207.

9 Stanley Gower, na primeira das "Two Attestations" a John Owen, Livro 1 da *The Death of Death in the Death of Christ* (sem editora, 1647); em *The Works of John Owen*. William H. Goold, ed. (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 3. impressão, 1978), vol. 4, p. 338.

10 John MacArthur, Jr., *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996), pp. 85–86, 99–124.

11 João Calvino, *Commentary on a Harmony of the Evangelists, Matthew, Mark, and Luke*. William Pringle, trad. (Grand Rapids, MI: Baker, 1930), p. 314, citado em John MacArthur, Jr., *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996), p. 85.

Deus "usou um tom universal [mundo], tanto que Ele pode convidar todos os homens, em geral, para a participação da vida, e que Ele pode cortar toda a desculpa dos incrédulos"[12]. Mas, como Deus pode convidar "para a participação da vida" aqueles que Ele predestinou para a morte eterna no lago de fogo — e como Deus pode "cortar toda desculpa dos incrédulos", se Cristo não morreu por eles, e eles foram predestinados ao tormento eterno desde a eternidade passada? Isso é conversa fiada!

MacArthur usa "humanidade" em sentido genérico, tentando, assim, negar o amor de Deus por cada indivíduo. Os calvinistas insistem que Deus tem um tipo diferente de amor para os eleitos do que para os não eleitos[13]. Mas amor é amor — e amor de nenhum tipo predestina para o tormento eterno pessoas que poderiam ser salvas.

A limitação do calvinismo sobre a expiação de Cristo ignora os tipos da Cruz do Antigo Testamento, solapa o evangelho, e limita o amor ilimitado de Deus. Owen, "depois de mais de sete anos de inqurição séria [...] sobre a mente de Deus a respeito dessas coisas [...]", perguntou sinceramente, "para que propósito, então, serve o resgate geral [ou seja, a suposta "heresia" que Cristo ama a todos e morreu por todos], senão para afirmar que o Deus Todo-Poderoso teria o precioso sangue de Seu Filho amado derramado por inúmeras almas a quem Ele não terá que compartilhar gota alguma e, portanto, no que diz respeito a eles, ser derramado em vão, ou então ser derramado por eles apenas para que eles possam condenados mais profundamente?"[14]

Mas é a predestinação do calvinismo à condenação que cria essa contradição. Observe a frase de Owen, "a quem Ele não terá que compartilhar gota alguma [...]". É claro que não teria sentido Cristo morrer por alguém a quem Deus havia determinado excluir da salvação. Deus não excluiu pessoa alguma. É o *homem* que rejeitou a salvação que Cristo proveu por todos.

---

12 John MacArthur, Jr., *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996), p. 195.

13 Ibid., pp. 12-18.

14 John Owen. *The Works of John Owen*. William H. Gold, ed. (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 3. impressão, 1978), vol. 1, p. 149.

Não menos sincero e ansiosamente preocupado com a verdade, H.A. Ironside expressou o entendimento evangélico comum oposto, em contraste à expiação limitada do calvinismo apenas por um número seleto:

> Não importa o quão longe eles [quaisquer pecadores] se afastaram de Deus; não importa o que seus pecados sejam, eles não têm que perscrutar o livro dos decretos divinos, a fim de descobrir se eles são ou não dos escolhidos ou eleitos. Se eles vêm em todo o seu pecado e culpa, confessando suas iniquidades e confiando em Cristo, então eles podem ter a certeza da Sua Palavra de que eles são salvos. Tem sido bem dito que os "quem quiser são os eleitos, e os que não querem são os não eleitos".[15]

Os calvinistas, no entanto, seguem Calvino firmemente, que disse de Deus "pois, (como Ele odeia o pecado), Ele só pode amar aqueles a quem Ele justifica [i.e., os eleitos]"[16]. Gerstner argumenta que se João 3:16 "supostamente ensina que Deus amou de tal modo a todos no mundo que deu o Seu único Silho para os fornecer a oportunidade de ser salvo pela fé [...], tal amor da parte de Deus [...] teria um requinte de crueldade [...]. Oferecendo um dom de vida a um cadáver espiritual, um pôr do sol brilhante a um homem cego, e uma recompensa para um aleijado sem pernas, se apenas vir buscá-lo, são zombarias horríveis"[17].

Concordamos que seria uma zombaria cruel oferecer a salvação àqueles que Deus não teve a intenção de salvar e não os ajudaria

---

15 H. A. Ironside, *Timothy, Titus and Philemon* (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, Ine., 1990), p. 55.

16 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xi.11.

17 John H. Gerstner, *Wrongly Dividing the Word of Truth: A Critique of Dispensationalism* (Brentwood, TN: Wolgemuth and Hyatt, Publishers, Ine., 1991), p. 124.

a responder à oferta. Mas quem disse que toda a humanidade não pode responder, se assim o desejar? Não é a Bíblia que não oferece a salvação a "quem quiser", mas o calvinismo, que efetivamente muda "todo aquele" para "eleitos"! Portanto, essa "crueldade" é imposta pelo próprio calvinismo, começando com o primeiro de seus cinco pontos. No entanto, os "moderados", culpando todos os "hipercalvinistas", afirmam que creem que Deus sinceramente ama e oferece a salvação a todos, ao mesmo tempo em que dizem que Cristo não morreu por todos[18].

Ao definir "depravação total", como "incapacidade total", o calvinismo diz que ninguém pode responder ao evangelho, nem mesmo os eleitos, até que tenham sido soberanamente regenerados. No entanto, Cristo ordenou que o evangelho seja pregado a todos — e ninguém avisa os não eleitos que isso não é para eles. É claro, como eles poderiam ser advertidos, uma vez que ninguém sabe quem são eles? Então Cristo ordenou "crueldade e escárnio"? E o calvinista se envolve nisso cada vez que ele prega o evangelho!

Por que pregar a salvação para aqueles que já estão predestinados à condenação eterna? "Devemos", diz o calvinista, "porque ninguém sabe quem são os eleitos". Portanto, não há como escapar do fato de que, se o calvinismo é verdade, então é uma zombaria cruel pregar o evangelho a alguém, exceto para os eleitos — mas não há qualquer maneira de identificá-los.

Seria diminuir a dor não eleitos o evangelista explicar: "esta boa notícia é somente para os eleitos, então ignore se você não está entre eles"? Não, isso só iria aumentar a confusão. A crueldade é inerente à deturpação que o calvinismo faz de Deus e de Seu evangelho.

A Doutrina Claramente Afirmada

Onde as Escrituras dizem que o sangue de Cristo não pode ser derramado por aqueles que não se beneficiariam dele? Em nenhum

---

18 MacArthur, Jr., *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996), pp. 106–112.

lugar. Mas essa ficção é fundamental para a doutrina da Expiação Limitada: "que a cruz de Cristo oferece uma salvação certa, segura e real a todos Deus planejou salvar e só para eles"[19]. Homer Hoeksema confessa as terríveis consequências dessa crença. "Se Cristo morreu somente pelos eleitos, então não existem possíveis benefícios na morte de Cristo por ninguém mais [...]"[20]. Steele e Thomas insistem,

> A obra redentora de Cristo foi concebida para salvar somente os eleitos e realmente assegurou a salvação para [...] certos pecadores específicos [...]. O dom da fé é infalivelmente aplicado pelo Espírito a todos por quem Cristo morreu, garantindo assim a salvação deles.[21]

Essa doutrina, no entanto, é afirmada em nenhum lugar em toda a Bíblia em palavras simples, mas é requerida pelo resto da TULIP. Michael Horton argumenta: "se Jesus morreu por cada pessoa, mas nem toda pessoa é salva, Sua morte não chegou a salvar pessoa alguma [...]. Se Cristo morreu por pessoas que vão estar no inferno, os Seus esforços não podem exatamente ser chamados de 'obra salvadora' [e] não há qualquer poder salvífico real no sangue. Pelo contrário, o poder pareceria estar na vontade da criatura"[22].

Ao contrário, a vontade do homem não tem poder, mas só pode aceitar ou rejeitar a salvação que Deus oferece no evangelho. A denúncia calvinista é como dizer que US$ 1 milhão que um pai deposita em um banco em nome de seu filho distante, é de nenhum valor a não ser que o filho aceite. Obviamente, a aceitação de Cristo pelo pecador não confere mais poder salvador ao sangue de Cristo

---

19 Grover E. Gunn, *The Doctrine of Grace* (Memphis, TN: Footstool Publications, 1987), p. 17.

20 Citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publieations, 1999), p. 423.

21 David N. Steele e Curtis C. Thomas, *The Five Points of Calvinism* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1963), p. 17.

22 Michael Scott Horton, *Putting Amazing Back Into Grace* (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1991), p. 89.

que a aceitação do filho de US$ 1 milhão ao dinheiro maior valor monetário.

Sem declaração clara em toda a Escritura para apoiar esse dogma, ele deve ser defendido por racionalizações: "se Cristo morreu por todos os homens e todos os homens não são salvos, a cruz de Cristo é de nenhum efeito. O Calvário é uma farsa"[23]. Evidentemente, isso não se segue. Caso contrário, dar os Dez Mandamentos foi uma farsa, porque todos os homens não não os cumprem.

Mesmo Sproul reconhece que "o valor da expiação de Cristo é suficiente para cobrir os pecados do mundo [...]"[24]. Teria que ser assim, porque o Seu sacrifício perfeito deve ser de valor infinito. Apesar de que "a cruz é, para os que perecem, loucura" (1 Coríntios 1:18), não é uma farsa, mas salva todos os que creem! Como um dos professores da Bíblia mais respeitados dos últimos anos, disse: "a Bíblia ensina mais fortemente a doutrina da expiação ilimitada [...]. A doutrina da expiação limitada é especificamente negada na Escritura [...]"[25].

Mas os calvinistas persistem: "só o calvinismo com a sua expiação eficaz limita o poder do homem e exalta o poder e glória de Deus"[26]. Pelo cantrario, Deus oferece a salvação em Seus termos. Multidões rejeitando Sua oferta somente as envia para o inferno — dificilmente algo do que eles poderiam se orgulhar! Aqueles que rejeitam a Cristo não estão "no comando", assim como não estão as multidões que, diariamente, quebram os mandamentos de Deus. Adão e Eva estavam "no comando" quando se rebelaram? Satanás estava? Claro que não!

Será que sua rebelião deu "poder" a Satanás, e a Adão e Eva? Claro que não! Nem isso tira (nada mais do que a rebelião contínua do homem de hoje) coisa alguma, no menor grau, nem do poder de

---

23 Herman Hanko, *God's Everlasting Covenant of Grace* (Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1988), p. 15.

24 R. C. Sproul, *Grace Unknown* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997), p. 165.

25 Dave Breese, "The Five Points of Calvinism" (ensaio de publicação do autor, sem data).

26 Leonard J. Coppes, *Are Five Points Enough? The Ten Points of Calvinism* (Denver CO: publicação do autor, 1980), p. 49.

Deus nem da Sua glória. O calvinista é dirigido a tais argumentos falaciosos e antibíblicos em seu desespero para defender um dogma indefensável.

Embora alguns que se chamam calvinistas rejeitem a Expiação Limitada, é irracional fazê-lo, enquanto aceitando os outros quatro pontos. Um dos principais autores calvinistas escreve: "é nessa verdade da expiação limitada que a doutrina da eleição soberana (e, de fato, a predestinação soberana com os dois aspectos da eleição e reprovação) entra em foco"[27]. Em outras palavras, o sistema calvinista todo desmorona se a Expiação Limitada não for bíblica, que na verdade não é.

Ponto-chave, Ainda Assim Controverso, Mesmo Entre os Calvinistas

A Expiação Limitada é o único ponto que até mesmo os calvinistas acham difícil de aceitar. Certamente Spurgeon, às vezes, contradisse o que em outras ocasiões afirmou.

O livro de Hebreus deixa claro que Deus deu a Israel o sistema levítico para lidar com o pecado, envolvendo o tabernáculo, o templo, os sacerdotes e as ofertas, era "uma alegoria para o tempo presente" (Hebreus 9:9), que apontou para o sacrifício de Cristo, que estava por vir. Indiscutivelmente, a provisão do Antigo Testamento pelo pecado e salvação foi para *todo* o *Israel*, e não para um eleito especial entre eles. A desobediência e a incredulidade foram as únicas barreiras que separam cada israelita da graça de Deus. Por exemplo: "e os sacerdotes [...] fizeram reconciliação [...] sobre o altar [...] *por todo o Israel* [...], o holocausto e a oferta pelo pecado [...] por *todo o Israel*" (2 Crônicas 29:24); "ofereceram holocaustos [...] por *todo o Israel*" (Esdras 8:35), "a lei de Moisés [...] que Eu ordenei [...] para *todo o Israel*, com os estatutos e juízos" (Malaquias 4:4), etc.

Spurgeon foi acusado de "arminianismo" por exortar todos os não

---

27 Homer Hoeksema, *Limited Atonement*, p. 151; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 406.

salvos a virem a Cristo, que ele habitualmente fazia com grande seriedade, contradizendo assim as alegações do calvinismo que o número de pessoas por quem Cristo morreu era fixo e limitado. Nem ele se abstinha de criticar aqueles a quem ele classificou como hipercalvinistas por sua rejeição do que era então chamado de"fé obrigatória", o que significa que era dever de todos os homens se arrependerem e crerem no Evangelho.

Era ssua persistente pregação dessa mensagem, apesar de muitas críticas, que a "controversa fé obrigatória" enfureceu os "batistas particulares" na Inglaterra. Spurgeon declarou: "eu não posso imaginar um instrumento mais pronto nas mãos de Satanás para a perdição das almas do que um ministro que diz aos pecadores que não é o seu dever se arrependerem de seus pecados ou crerem em Cristo, e que tem a arrogância de se chamar de um ministro do evangelho, enquanto ensina que Deus odeia alguns homens infinitamente e imutavelmente por nenhuma razão, mas simplesmente porque Ele escolhe para fazê-lo"[28].

Spurgeon está criticando o próprio coração do calvinismo — não é de se admirar que houve furor! Muitos calvinistas de seus dias consideraram tais declarações como uma negação da Expiação Limitada — o que de fato foram. Por destacar isso, tenho sido acusado de citar erroneamente e deturpar Spurgeon.

Alguns consideram a doutrina da Expiação Limitada como "o calcanhar de Aquiles do Calvinismo"[29]. Por outro lado, alguns calvinistas consideram ser o seu ponto mais forte, "o mais difícil dos 'Cinco Pontos do Calvinismo' para os arminianos tratarem"[30]. A maioria admite que ele decorre necessariamente da visão calvinista da predestinação/reprovação: "se Deus elegeu alguns e não outros para a vida eterna, então claramente o objetivo principal da obra de Cristo foi redimir os eleitos"[31].

Concordamos que não seria razoável Cristo morrer por aqueles

---

28 C. H. Spurgeon, *New Park Street Pulpit* (Londres: Passmore and Alabaster), vol. 6, pp. 28–29; sermão pregado em 11 dez. 1859.

29 Kenneth G. Talbot e W. Gary Crampton, *Calvinism, Hyper-Calvinism and Arminianism* (Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, 1990), p. 11.

30 Ibid., 37.

31 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 151.

a quem Deus tivesse predestinado desde a eternidade passada ao tormento eterno, se fosse o caso. Mas esse problema é criado pelos cinco pontos do Calvinismo. "Abandone esse ponto [eleição calvinista]', diz outro calvinista, 'e nós perdemos a batalha sobre a soberania de Deus na salvação"[32].

O calvinista reconhece que a Eleição Incondicional e a Expiação Limitada "devem permanecer ou cair juntas. Não podemos aceitar logicamente uma e rejeitar a outra"[33]. Mas a Bíblia declara repetidamente que Cristo morreu por toda a humanidade, que o evangelho é oferecido e igualmente acessível a todos, e que Deus quer que todos sejam salvos. Definições de palavras devem ser alteradas para negar esse claro ensino bíblico.

Mesmo John MacArthur reconhece que Deus *deseja* que todos os homens sejam salvos — mas, em seguida, ele diz que Deus inexplicavelmente não elege e predestina as multidões a salvação daqueles que Ele deseja que sejam salvos. Estranho, de fato, considerando a ênfase que os calvinistas colocam sobre a soberania, que Deus não cumpre o Seu próprio desejo soberanamente![34]

Hodges observa que o Deus da Expiação Limitada "não é o Deus de amor que encontramos na Bíblia. A divindade do determinista cria seres humanos por quem não tem amor direto, e que não têm livre-arbítrio, e, portanto, eles são criados exclusivamente para [...] o tormento eterno. A morte de Cristo em nada os afeta, e assim eles ficam totalmente fora de qualquer provisão redentora". Ele continua a argumentar:

> A crueldade implícita em tal visão é óbvia para qualquer observador externo àqueles que foram educados ou que tenham aceitado esse tipo de teologia. Apesar dos argumentos

---

32 Joseph M. Wilson, "How is the Atonement Limited?", *The Baptist Examiner*, 9 dez. 1989.

33 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 151.

34 John MacArthur, *The MacArthur Study Bible* (Nashville: Word Publishing, 1997), p. 1862.

> ilusórios dirigidos a cada texto alegando tal teologia, deterministas desse tipo são desprovidos de verdadeiro apoio bíblico. É um absurdo, por exemplo, afirmar (como às vezes eles afirmam) que quando a Bíblia diz, "Deus amou o mundo de tal maneira", significa apenas "o mundo dos eleitos".[35]

Ao considerar as escrituras tendo sobre esse assunto, torna-se claro que a única maneira da Expiação Limitada poder ser defendida é a de atribuir, arbitrariamente, um significado calvinista restritivo a palavras-chave. Palmer declara corajosamente:

> Foi apenas porque Deus amou o mundo de pecadores eleitos que Ele enviou Seu Filho unigênito para que o mundo [ou seja, os eleitos por definição calvinista] possa ser salvo por Ele (João 3: 16-17). Nessa passagem, "mundo" não significa todas as pessoas, tanto réprobos como eleitos, mas o mundo inteiro, no sentido de que as pessoas [eleitas] de todas as tribos e nações [...].[36]

Que evidências existem, seja dentro dessa passagem e do seu contexto ou em qualquer outro lugar nas Escrituras, que "mundo" tem esse significado calvinista restritivo? Palmer não oferece apoio algum, nem há apoio algum.

Por Que Não São Todos os Homens Salvos?

Para manter a Expiação Limitada, o calvinista racionaliza, "se Cristo pagou a dívida do pecado, salvou, resgatou, deu Sua vida por

35 Zane C. Hodges, "The New Puritanism, Pt. 3: Michael S. Horton: Holy War With Unholy Weapons", *Journal of the Grace Evangelical Society*, primavera 1994, vol. 7, pp. 12, 17–29.

36 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), pp. 44–45.

todos os homens, então *todos* os homens serão salvos"[37]. No mesmo sentido, Palmer escreve: "mas se a morte de Jesus é o que a Bíblia diz que é — um sacrifício substitutivo pelos pecados [...], pelo qual o pecador é realmente reconciliado com Deus, então, obviamente, não pode ser por cada homem [...], porque então, todos seriam salvos, e obviamente, eles não são"[38].

Em uma carta a João Wesley, George Whitefield raciocinou, "você não pode fazer boa a afirmação de que 'Cristo morreu pelos que perecem', sem defender [...] que todas as almas condenadas seriam tiradas do inferno futuramente [...]"[39]. Esse argumento, no entanto, repousa sobre a teoria antibíblica de que a morte de Cristo salva imediatamente todos os eleitos, sem qualquer fé, compreensão ou aceitação de sua parte. Contrariando muitos companheiros calvinistas, Pink admitiu, "um Salvador que *proveu* não é suficiente: Ele deve ser *recebido*. Deve haver '*fé* em Seu sangue' (Romanos 3:25) e fé é uma coisa *pessoal*. Eu devo exercer a fé"[40].

Embora criticado por outros calvinistas como um extremista quanto a esse ponto, Pink estava certo. Que Cristo "[provou] a morte por cada homem" (Hebreus 2:9) não significa automaticamente que todos são libertados da morte eterna, a pena para o pecado. Em nenhum lugar a Bíblia diz isso. Os pecadores são convidados e instados a *virem* a Cristo e *crerem* Nele. Essa é a responsabilidade do pecador — algo que ele "*deve* [...] fazer para ser salvo" (Atos 16:30).

Que Cristo morreu por nossos pecados é a mensagem pregada no evangelho. Ela deve, no entanto, ser crida para ser de benefício ao pecador. A morte de Cristo, embora oferecida por "todos os homens", só é eficaz para aqueles que creem: Ele é "o Salvador de todos os homens, especialmente dos que creem" (1 Timóteo 4:10). Vance

---

37 W. J. Seaton, *The Five Points of Calvinism* (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1970), p. 15.

38 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 44.

39 Citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 423.

40 Arthur W. Pink, *Gleanings in Exodus* (Chicago: Moody Press, 1981), p. 84.

aponta o problema óbvio, se a morte de Cristo adquire automaticamente a salvação para aqueles por quem Ele morreu:

> Mas se a natureza da expiação era tal que, na verdade, e por si só providenciou salvação para aqueles aos quais foi pretendido, então, o "eleito" nunca poderia ter nascido "morto em delitos e pecados" (Efésios 2:1). E, consequentemente, como poderiam os homens que foram salvos, redimidos, reconciliados e justificados ser "por natureza filhos da ira' (Efésios 2:3)?[41]

A Páscoa, que Pink reconhece como "uma das mais marcantes e abençoadas prefigurações da obra da Cruz de Cristo a serem encontradas em qualquer lugar do Antigo Testamento, é um exemplo claro do princípio de que a Expiação e sua aplicação devem ser distinguidos. O sangue do cordeiro pascal que foi morto (Êxodo 12:6, 21) se tornou eficaz somente depois que foi aplicado nos portais segundo as instruções (Êxodo 12:7, 22) [...]. A morte do cordeiro não salvou pessoa alguma: o sangue teve de ser aplicado"[42]. E assim é com a morte de Cristo.

O calvinismo acusa a Deus sem rodeios: "porque Deus amou certas pessoas e não todas, porque Ele soberana e imutavelmente determinou que esses alguns em particular serão salvos, Ele enviou o Seu Filho para morrer por eles, para salvá-los, e não todo o mundo"[43]. Assim, todos os homens não são salvos porque Deus não quer que sejam e porque Ele predestinou multidões a sofrerem eternamente.

Segundo a Bíblia, no entanto, todos não são salvos porque *eles* (os perdidos) se recusam a crer em Cristo. Paulo escreve que a salvação vem "a todos [...] os que creem [...], por todos os que pecaram" (Romanos 3:22-23). Certamente o "todos pecaram" significa toda a

41 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism* (Pensacola, FL: Vance Publieations, edição revisada, 1999), p. 427.

42 Arthur W. Pink, *Gleanings in Exodus* (Chicago: Moody Press, 1981), p. 88.

43 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 50

humanidade. Assim, o "todos [...] os que creem" deve significar que toda a humanidade *pode* crer em Cristo, se quiser.

A Salvação é Para Todos

Aqui estão alguns dos muitos versículos (com palavras-chave e frases em itálico) que declaram que Deus (exatamente como seria de se esperar Daquele que é o *amor*, o Pai das misericórdias) ama a todos com amor infinito e deseja que todos sejam salvos. Ele não quer que pessoa alguma pereça e fez com que a morte de Cristo fosse propiciatória pelos pecados de toda a humanidade, se elA somente quiser crer Nele:

- *Todos* nós, como ovelhas, nos desviamos; viramos cada um para o seu próprio caminho; mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós *todos*. (Isaías 53:6) [Certamente o "todos" os que se extraviaram são os mesmos "todos" (ou seja, todo o Israel e toda a humanidade), cuja iniquidade foi colocada em Cristo.]

- Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do *mundo*. (João 1:29) [Assim como os sacrifícios do Antigo Testamento foram oferecidos por todo o Israel, e não por um grupo seleto de israelitas, assim o seu cumprimento no sacrifício de Cristo como o Cordeiro de Deus foi oferecido por todo o mundo da humanidade e não para um número limitado de "eleitos".]

- E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que *todo aquele que Nele crê* não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus amou *o mundo*, que deu o Seu Filho unigênito, para que *todo aquele que Nele crê* não pereça [...]. Porque Deus não enviou o Seu Filho *ao mundo* para condenar o *mundo*; mas para que o mundo fosse salvo por Ele. *Quem crê* Nele não é condenado [...]. *Aquele que crê* no Filho tem a vida eterna; e *aquele que não crê* no Filho não verá a vida [...]. (João 3:14–18, 36) [A cura através serpente de bronze levantada, que foi dita por Cristo como retratando Ele sendo erguido na cruz, foi por *todos* os que olharam com fé.]

- Lembrai-vos da lei de Moisés [...] que Eu ordenei [...] *para todo o Israel* [...]. (Malaquias 4:4) [A lei, com seus sacrifícios que acompanham, foi por *todo* o Israel — e o cumprimento em Cristo é para toda a humanidade.]

- Se *alguém* tem sede, venha a Mim e beba [...]. (João 7:37)

- Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, *pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê*; primeiro do judeu, e também do grego. (Romanos 1:16)

- Cristo morreu pelos *ímpios*. (Romanos 5:6) [*Todos* são ímpios, não só os eleitos.]

- Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, para que a promessa pela fé [...] pudesse ser dada *aos que creem*. (Gálatas 3:22)

- Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Romanos 6:23)

- Cristo Jesus veio ao mundo para salvar *os pecadores*. (1 Timóteo 1:15) [Certamente os eleitos não são os únicos pecadores.]

- Que quer que *todos os homens* sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. (1 Timóteo 2:4)

- Que deu a Si mesmo em *resgate por todos* [...]. (1 Timóteo 2:6)

- Nós confiamos no Deus vivo, que é o Salvador de *todos os homens*, especialmente dos que *creem*. (1 Timóteo 4:10)

- Que, pela graça de Deus, provasse a morte por *todos*. (Hebreus 2:9)

- O Senhor [...] não querendo que *nenhum* pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento. (2 Pedro 3:9)

- Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda injustiça [...]. E se *alguém* pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, *e não somente pelos nossos; mas também pelos pecados de todo o mundo*. (1 João 1:9—2:2)

- O Pai enviou seu Filho para ser o *Salvador do mundo*. (1 João 4:14)

Tirar essas muitas (e muitas outras semelhantes) declarações claras de que a salvação é para *todos*, para o *mundo*, para *todo aquele que crê*, por *todo o Israel*, para *qualquer homem*, para *cada um que crê*, etc., e se atrever a dizer que só um grupo eleito está em mente é mudar deliberadamente a Palavra de Deus!

Somente os eleitos se perdem como a ovelha perdida? Apenas os eleitos têm sede? Apenas os eleitos são ímpios e pecadores? Apenas os eleitos estão "debaixo do pecado"? Obviamente que não. Tão certo como todos os homens são pecadores e têm, como todos os de Israel, se desvido como ovelhas perdidas, assim, certamente, foram os pecados de todos os homens colocados sobre Cristo e a salvação está disponível para todos através da fé Nele.

Esses versos, e muitos outros como eles, afirmam claramente em linguagem inequívoca que Cristo foi enviado para ser "o Salvador do mundo", que Sua morte foi "um resgate por todos" e que Ele é, portanto, "o Salvador de todos os homens", mas, especialmente de quem crerá. John Owen tenta combater essas escrituras e apoiar a Expiação Limitada, com o seguinte comentário sobre 1 Timóteo 1:15, "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores":

> Agora, se vais perguntar quem são esses pecadores por quem Ele tem esse propósito e intenção graciosa, o próprio diz, em Mateus 20:28, que Ele veio para "dar a Sua vida em resgate por *muitos*"; em outros lugares *nos* chamou de crentes distintos do mundo: por que Ele "deu a Si mesmo

por *nossos* pecados, para que Ele possa *nos* livrar do presente *mundo* mau [...]" Gálatas 1:4 [...]. Efésios 5:25–27, "Ele amou a Igreja e se entregou por ela [...]". Tito 2:14: "Ele deu a Si mesmo por *nós*, para *nos* remir de toda a iniquidade [...]", pois por meio Dele "*temos* acesso à graça, na qual nós estamos", Romanos 5:2, etc.[44]

Um Pressuposto Injustificado

Owen foi brilhante, mas seu argumento é falacioso. Seu desejo de defender o calvinismo aparentemente o cegou às Escrituras e à razão simples. Obviamente, o grande número de versos que afirmam claramente que Deus ama a todos e é misericordioso para com todos, e que Cristo morreu por todos não são compensados por outros versículos que declaram que Cristo morreu pela *Igreja*, que Sua morte foi um resgate por *muitos*, ou a garantia de que Ele morreu por *nós*, etc. Essas passagens não dizem que Cristo morreu *somente* por *muitos* pecadores, *somente* pela Igreja, *somente* por *nós*, etc. Por essa interpretação, declarações como: "porque, se pela ofensa de um [Adão] muitos morreram [...], pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores" (Romanos 5:15, 19), etc., indicariam que apenas um número limitado foram feitos pecadores e morreram por causa da desobediência de Adão.

É claro que os apóstolos, escrevendo aos crentes, os relembrariam de que Cristo morreu por *eles* — mas essa afirmação não pode anular as muitas declarações claras de que Ele morreu por todos. No entanto, esse mesmo argumento é oferecido repetidamente pelos calvinistas de hoje. Piper cita os mesmos versos inaplicáveis em que se diz que Cristo foi "um resgate por muitos", que "Ele levou sobre Si o pecado de muitos", e que Ele "amou a Igreja e Se entregou por ela", etc. como "prova" que a morte de Cristo não foi propiciatória por todos[45].

---

44 John Owen, *The Works of John Owen*. William H. Goold, ed. (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 3. impressão, 1978), vol. 1, pp. 157–158.

45 John Piper e Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five

Por esse raciocínio, Paulo não poderia usar "tu", "vós", etc. escrevendo aos coríntios, porque isso significaria que os benefícios da morte e da ressurreição de Cristo eram *só para eles*. Pelo mesmo argumento, Davi dizer, "o Senhor é meu pastor [...]" (Salmos 23:1) significaria que isso era verdade apenas para Davi. Ou quando os profetas de Israel, escreveram, "o Deus de *Israel*, o Salvador [...], o seu Redentor é forte, o SENHOR dos Exércitos é o Seu nome [...]" (Isaías 45:15; Jeremias 50:34), isso significava que Deus era o Deus e redentor só de Israel.

Igualmente absurdo seria Paulo dizer "o Filho de Deus *me* amou" (Gálatas 2:20), pois isso significaria que Cristo amou somente a Paulo. Outros argumentos que os calvinistas empregam são igualmente irracionais. Considere a seguinte tentativa de John Piper e sua equipe pastoral de explicar 1 Timóteo 4:10:

> A morte de Cristo demonstra tão claramente a aversão de Deus do pecado que Ele é livre para tratar o mundo com misericórdia sem comprometer Sua justiça. *Nesse sentido* Cristo é o salvador de *todos os homens*. Mas Ele é *especialmente* o Salvador dos que creem. Ele não morreu por todos os homens no mesmo sentido [...]. A morte de Cristo realmente salva de *todo* o mal aqueles por quem Cristo morreu "especiallmente".[46] [ênfase no original]

Sentido ou Absurdo?

Pode alguém fazer sentido de que "Cristo não morreu por todos os homens no *mesmo* sentido", mas Ele é o salvador de todos os homens "*nesse sentido*"? O que é *esse* sentido? Por causa da morte de Cristo "demonstrar o horror de Deus pelo pecado [...]", Ele é capaz de "tratar o mundo com misericórdia, sem comprometer Sua justiça". Mas Ele não trata a

---

Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), pp. 16-17.

46 Ibid., pp. 14-15.

todos com misericórdia, porque Cristo "não morreu por todos os homens no mesmo sentido [...]". Nem *esse sentido* nem *mesmo sentido* são definidos, por isso não podemos fazer com esse absurdo tenha sentido. Mas isso mostra mais uma vez até onde se deve ir para defender o calvinismo.

Lembramo-nos da objeção de Spurgeon (temos citado Spurgeon várias vezes porque ele contradiz claramente o calvinismo que defendeu) a tais tentativas de contornar as claras palavras da Escritura. Ao comentar sobre 1 Timóteo 2:4 (contradizendo sua própria defesa da Expiação Limitada em outras ocasiões), ele disse:

> Eu estava lendo agora a exposição de [um] que explica o texto, de modo a expô-lo [como] se lesse "que não deseja todos os homens salvos [...]". [Na verdade], a passagem deveria ser assim — "cujo desejo é que todos os homens sejam salvos [...]". Como é o meu desejo [...], como é teu desejo [...], por isso é desejo de Deus que todos os homens sejam salvos; porque, com certeza, Ele não é menos benevolente do que nós.[47]

No entanto, Spurgeon se contradisse novamente em dizer que Deus é capaz de salvar a todos que Ele quiser salvar. Uma vez que todos não são salvos, o desejo de Deus que todos os homens sejam salvos não pode ser sincero. Por isso, Ele *é* menos benevolente do que Spurgeon, que desejava que todos os homens fossem salvos — e, certamente, menos benevolente do que Paulo, que estava disposto a ser "separado de Cristo" se isso fosse salvar seus irmãos, os judeus (Romanos 9:1–5). Como Deus poderia desejar que todos os homens se salvem, ser capaz de salvar todos o que Ele quiser salvar, mas nem todos são salvos?

Como acabamos de ver, John MacArthur, Jr. (como Spurgeon) tenta escapar da flagrante contradição ao dizer que Deus tem uma "vontade decretiva" e uma "vontade desejosa"[48]. No processo de fuga

47 C. H. Spurgeon, *Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 26, "Salvation by Knowing the Truth", sermão pregado em 1 Timóteo 2:3–4, 16 jan. 1880.

48 John MacArthur, *The MacArthur Study Bible* (Nashville, TN: Word Publishing, 1997), p. 1862.

de uma contradição, ele acaba caindo em outra. Como Deus poderia, dada a visão extrema da soberania no calvinismo, não conseguir decretar algo que Ele realmente deseja? Os calvinistas se vangloriam de sua exegese da Escritura. Mas onde em 1 Timóteo 2:4 (ou em qualquer outro lugar) existe até mesmo uma pitada de "duas vontades", uma "decretiva"e uma "desejosa", como Piper e outros também ensinam?

É a imposição sobre a Escritura de uma teoria antibíblica que aprisiona o calvinista em tais contradições. Obviamente, a contradição seria eliminada se o livre-arbítrio fosse admitido — mas isso não pode ser permitido, porque destruiria TULIP.

Boettner declara que "os calvinistas sustentam que, na intenção e no plano secreto de Deus, Cristo morreu somente pelos eleitos [...]"[49]. Caso contrário, acrescenta Boettner, "se a morte de Cristo foi concebida para salvar todos os homens, então temos de dizer que Deus foi incapaz de realizar Seus planos ou estava indisposto a isso"[50]. Ele se esquece de que a morte de Cristo só beneficia aqueles que *recebem* a Cristo (João 1:12) e que a salvação, sendo "o dom de Deus' (Romanos 6:23), deve ser recebida voluntariamente. Quanto aos homens serem capazes de se opor aos planos de Deus, o mal no mundo é plano de Deus? Por que, então, devemos orar: "seja feita Tua vontade, assim na terra como no céu"?

Lembre-se de que Isaías está falando para todos em Israel, quando ele diz, "todos nós, como ovelhas, nos desviamos [...]" e quando ele declara que "a iniquidade de nós todos" seria posta sobre o Messias vindouro. Tão certo como todos se extraviaram, Deus lançou em Cristo a iniquidade de *todos* — ainda assim muitos israelitas ao longo da história não foram salvos. Essas e muitas outras escrituras deixam claro que o benefício da morte, do sepultamento e da ressurreição de Cristo, em pagamento integral pelos pecados do mundo, está disponível para ser recebido por todo aquele que crê no evangelho, enquanto a ira de Deus permanece sobre todos os que rejeitam a Cristo e a salvação oferecida a todos genuinamente Nele.

---

49 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 150.

50 Ibid., p. 155.

CAPÍTULO 19

ABUSANDO DA PALAVRA DE DEUS

Só se pode concluir a partir da Escritura que a salvação está disponível a todos em todo o mundo, judeu ou gentio, mas que irá ser salvo aquele que crer em Cristo "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29). Como poderia tal linguagem clara ser negada? Exatamente como Palmer nega: mudando a definição de palavras ("mundo" se torna "eleitos", etc.); e por racionalizações que a princípio parecem fazer sentido, mas falham num exame mais profundo. Um crítico do pouco que eu escrevi sobre o calvinismo em nosso boletim mensal argumentou: "se Cristo morreu por todos os homens, por que todos os homens não são salvos? É necessário crer para fazer o sangue de Cristo eficaz para a redenção? Pelo contrário, [não é]."

Este é um raciocínio calvinista: Cristo deve ter morrido apenas pelos eleitos; caso contrário, todos seriam salvos. E os eleitos não precisam nem mesmo crer em Cristo, a fim de serem nascidos de novo, pois eles são soberanamente regenerados por Deus sem qualquer desejo ou compreensão da sua parte. Deus simplesmente quer assim. Se o homem tem qualquer escolha no assunto, o calvinismo é refutado. Como Palmer disse sarcasticamente acerca da visão não calvinista da cruz, "Cristo não só derramou Seu sangue, Ele também entornou. Ele teve a intenção de salvar a todos, mas apenas alguns serão salvos. Portanto, um pouco do seu sangue foi desperdiçado: foi derramado"[1].

No esquema calvinista, crer no evangelho não é o meio para sua salvação e do novo nascimento. Ele supostamente prova que alguém está entre os eleitos se foi regenerado por Deus, e, posteriormente, recebeu a fé para crer. O mesmo crítico citado acima insistiu que a fé não é um pré-requisito para a salvação, mas "é simplesmente a prova de que o sangue de Cristo salvou um homem".

Piper e sua equipe argumentam o mesmo: "nós não pensamos que a fé precede e causa o novo nascimento. A fé é a evidência de que Deus nos gerou de novo"[2]. Pelo contrário, a Bíblia *sempre* coloca fé *antes* da salva-

1 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, edição aumentada, 20. impressão, 1999), p. 42.

2 John Piper e Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 11.

ção — sempre — assim o calvinismo tem o homem regenerado antes de ele ser salvo, um conceito antibíblico a que Spurgeon se opôs fortemente.

A Fé É Essencial

A Bíblia diz repetidamente que somos "salvos, mediante a fé" (Efésios 2: 8). Paulo disse ao carcereiro de Filipos: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo [...]" (Atos 16:31). Em grego, "crer" é sempre um verbo ativo — algo que se faz, e não algo feito a ele. Mas o calvinista insiste que, embora o homem natural possa crer em qualquer outra coisa, ele é totalmente incapaz de crer em Cristo. Portanto, Deus deve regenerá-lo em primeiro lugar e, em seguida, *levá*-lo a crer, dando-lhe a fé essencial — algo que Deus supostamente faz apenas aos eleitos, o único que Ele deseja salvar.

Os muitos versos já citados, no entanto, alguns dos lábios do próprio Cristo, claramente fazem o crer uma *condição* do novo nascimento e da salvação, que só pode resultar da fé. A razão bíblica de que todos os homens não são salvos, apesar de Cristo ter morrido por todos, é que nem todos creem no evangelho, que é "o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê" (Romanos 1:16). "Todo aquele que quiser", usado repetidamente nas Escrituras, implica que, apesar de que todos *possam*, muitos não *querem*. Considere o seguinte:

- A Este dão testemunho todos os profetas, de que [...] todo aquele que Nele crê receberá a remissão dos pecados. (Atos 10:43)

- Porque a Escritura diz: Todo aquele que Nele crê não será confundido. (Romanos 10:11)

- Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. (Romanos 10:13)

- Quem quiser, tome da água da vida. (Apocalipse 22:17)

A afirmação de que "todo aquele que" significa somente os eleitos vai de encontro a centenas de escrituras. Nem pode ser produzido um

versículo onde essa doutrina da Expiação Limitada é claramente afirmada. Certamente, tal conceito importante seria claramente e repetidamente declarado. No entanto, não se encontra uma vez em linguagem clara.

E Quanto "Duplo Pagamento"?

Os Calvinistas raciocinam que para os pecadores sofrer eternamente depois de Cristo ter sofrido por eles significaria que Deus estava exigindo o pagamento duplo pelos seus pecados. Boettner insiste que "Cristo não morreu por uma massa desordenada, mas por Seu povo, Sua noiva, Sua Igreja"[3]. Ele argumenta em outro lugar: "Deus colocar os pecados de todos os homens em Cristo significaria que, no diz que respeito aos perdidos, Ele estaria punindo seus pecados duas vezes, uma vez em Cristo, e depois novamente neles"[4]. Outro autor oferece o que ele considera ser um argumento fundamentado contra a possibilidade de que João 3:16 e tantos outros versos possam realmente significar o que eles dizem:

> [Se] Jesus morreu pagando pelos pecados de todos, Deus não pode legal ou justamente acusar e condenar ninguém [...]. Independentemente de eles ouvirem ou aceitarem o evangelho, *o pecado não pode ser justamente pago duas vezes* [...]. Deus não perdoar um pecador por quem Cristo agonizou seria uma *paródia* de justiça [...]. [Então] Jesus nunca [...] "verá o fruto do trabalho da Sua alma, e ficará satisfeito" (Isaías 53). Por quê? Porque bilhões por quem Ele agonizou, sofreu tormento e morreu, tendo os seus "pecados em Seu corpo sobre o madeiro", sofrerão o inferno eterno. Jesus pagou. Eles pagam novamente. Deus é pago duas vezes para uma mesma dívida[5]. (grifos no original)

---

3 Loraine Boettner, *Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1998), p. 157.

4 Loraine Boettner, *The Reformed Faith* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1983), p. 14.

5 Wm. Oosterman, "Take a Long Look at the Doctrine of Election" (Ottawa, Canada: The Lord's Library Publications, sem data), p. 17. Disponível na Igreja Batista Westboro, em Ottawa.

No entanto, como veremos na próxima seção, era impossível para Cristo morrer por alguns pecados e não por outros. Cristo tinha que morrer pelo pecado em si, o pecado que "por um homem [...] entrou no mundo", e pela morte que como resultado "passou a todos os homens" (Romanos 5:12). Ele teve que pagar a pena devida por todos. O pagamento de Cristo pelo pecado não pode ser dividido, a fim de aplicá-lo aos indivíduos. Também não é o "está consumado!" de Cristo automaticamente creditado na conta de qualquer pessoa que não reconhece sua culpa diante de Deus, se arrepende e aceita a Cristo como seu Salvador.

Como resultado da morte de Cristo ter pago a penalidade total, ninguém vai passar a eternidade no Lago de Fogo somente por causa de seus pecados. A desgraça dos que estão no inferno foi selada por cada um deles rejeitando Cristo e a salvação que Ele obteve e oferece livremente a todos.

Além disso, é o pecador, e não Deus, que cria qualquer "duplo pagamento". A justiça de Deus foi plenamente satisfeita na morte de Seu Filho. O Pai provou o Seu amor ao dar o Seu Filho, e Cristo provou Seu amor ao morrer no lugar do pecador. Portanto, mesmo se um duplo pagamento estivesse envolvido, Deus não poderia ser acusado de injustiça — isso só ocorre por causa da recusa de alguns em admitir sua culpa e aceitar o pagamento integral que Cristo fez em seu nome.

Alguns vão mais longe e argumentam que é uma paródia de justiça que Cristo, a parte inocente, fosse punido no lugar do culpado e a favor dos culpados, para assim ficar livre. De fato, isso não é o evangelho de acordo com Paulo, mas de acordo com Barrabás. Este último poderia dizer: "Cristo morreu por mim, no meu lugar". Isso era verdade, mas a morte de Cristo em seu lugar não tinha nem um efeito eterno, nem mesmo um efeito moral sobre Barrabás. Meramente deixou esse criminoso livre para viver por si mesmo novamente — e isso não é o evangelho.

A verdade do evangelho foi expressada por Paulo: "estou crucificado com Cristo [...] [e agora] Cristo vive em mim" (Gálatas 2:20). De fato, todos os que creem em Cristo, depois de terem desistido da vida como eles a viviam, e tendo pela fé aceitado Sua morte como a sua própria, foram crucificados com Ele. Tal não foi o caso de Barrabás

apesar de Cristo ter morrido em seu lugar. Aqueles que *não* creem em Cristo não aceitaram Sua morte como a sua morte e, portanto, sofrerão "a segunda morte" eternamente (Apocalipse 20:14–15).

Ninguém pode reclamar que Deus criou os seres humanos para o inferno. Ele os criou tudo para a Sua gloriosa presença. Sim, Ele sabia que todos os homens pecariam e estariam destituídos da Sua glória, mas Ele tinha uma maneira pela qual Ele poderia ser justo e ainda justificar *todos* os pecadores (Romanos 3:22–26) para que pudessem ser perdoados e passar a eternidade em Sua presença.

Mesmo antes de Adão ter sido criado e pecar, Deus tinha planejado a redenção para ele e para todos os seus descendentes. Qualquer um que passará a eternidade no Lago de Fogo (Apocalipse 20: 14) enviou a si mesmo para lá por rejeitar a salvação que Deus providenciou como um dom gratuito de Sua graça. Deus é isento. Ele fez a salvação disponível a todos, mas Ele não vai curvar a Sua justiça para acomodar aqueles que rejeitam a Cristo. Ele não pode negar a Si mesmo.

"Alguma" Parte do Sangue de Cristo Foi Derramada em Vão?

A aceitação da Expiação Limitada por muitos parece estar baseada em um equívoco sincero que, se o sangue de Cristo foi derramado por multidões que não creram, um pouco teria sido derramado em vão. Alguns calvinistas parecem acreditar que a morte de Cristo era *potencialmente* redentiva de todo o mundo, mas que o fator limitante foi colocado sobre ela pelo próprio Deus. Assim Gunn argumenta: "a cruz poderia salvar a todos, se Deus tivesse apenas pretendido fazê-lo"[6]. Spurgeon disse o mesmo.

Argumenta-se que qualquer pessoa por quem Cristo morreu passar a eternidade no Lago de Fogo não seria apenas um duplo pagamento e uma violação da justiça, mas também significaria que um pouco do sangue de Cristo foi derramado inutilmente. Infelizmente,

6 Grover E. Gunn, *The Doctrine of Grace* (Memphis, TN: Footstool Publications, 1987), p. 17.

C. H. Spurgeon deu o seu apoio a esse mesmo ponto, apesar de sua afirmação de que o valor da expiação de Cristo foi ilimitado:

> Alguns dizem que todos os homens são de Cristo, por meio de uma compra. Mas, amados, tu e eu não acreditamos em uma redenção falsa que não redime. Nós não acreditamos em uma redenção universal, que se estende até mesmo para aqueles que estavam no inferno antes do Salvador morrer, e que inclui [...] homens impenitentes. Nós acreditamos em uma redenção eficaz, e ninguém pode concordar com aqueles que nos ensinam que o sangue de Cristo foi derramado em vão.[7]

O fato de que Cristo morreu por todos, que Ele "provou a morte por todo homem", é o claro ensino da Escritura. Sugerir que o sangue de Cristo teria sido derramado em vão se alguns daqueles pelos quais foi derramado o rejeitaram e passarão a eternidade no Lago de Fogo — ou já estavam no inferno — comete uma deturpação básica. Poderia tal grande pregador como Spurgeon ter perdido o ponto aqui?

Redenção Pelo Seu Sangue

Quanto do sangue de Cristo foi tomado para expiar os que estarão no céu? Obviamente, todo o sangue teria que ser derramado para redimir mesmo uma pessoa. Não há maneira alguma de dividir o sangue de Cristo, de modo que *esta* parte foi derramado pelos remidos e *aquela* por aqueles que estão perdidos e, assim, um pouco do sangue foi derramado em vão.

Mesmo que ninguém creia Nele, Cristo provou o amor, a misericórdia e graça de Deus; Ele provou a pecaminosidade do pecado, a justiça da pena e glorificou a Deus por pagar essa pena na integra por todos. Por causa a morte de Cristo na cruz, Deus foi plenamente

7 *Sermons of C. H. Spurgeon* (disponível em Pilgrim Publications, Pasadena, TX, sem data), vol. 48, p. 303.

justificado na Sua criação do homem e será eternamente glorificado naqueles no inferno. Nós vamos lidar com esse fato com mais profundidade mais tarde.

Nós não dizemos que "todos os homens são de Cristo, por meio de compra". A Redenção, segundo a Bíblia, torna-se efetiva somente se e quando um pecador crê no Evangelho. Ninguém podia escapar do inferno a parte de Cristo ter pago a pena completa pelo pecado. E a rejeição de Cristo é um pecado para o qual, pela sua própria natureza, Cristo não poderia pagar a pena. Esse é o "pecado contra o Espírito Santo" — imperdoável nesta vida ou na vida por vir —, porque o perdão que Cristo adquiriu foi rejeitado. Na verdade, esse pecado acarreta uma pena muito pior:

> De quanto mais severa punição [...] será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, profano, e ultrajou o Espírito de graça? (Hebreus 10:29)

Aqui, mais uma vez, temos uma declaração clara de que o sangue de Cristo não foi derramado somente pelo eleito. Ele foi derramado, mesmo por aqueles que o desprezam e pisaram sob os pés o Filho de Deus. A mesma verdade é apresentada por Pedro, que mesmo aqueles que vão para a destruição foram comprados por Cristo, obviamente, com o preço do Seu sangue derramado pelo pecado: "mas houve também falsos profetas no meio do povo, assim como haverá falsos profetas entre vós, que trarão secretamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição" (2 Pedro 2:1). Sim, falsos profetas condenados ao inferno foram "resgatados" por Cristo.

Tendo em conta essas duas escrituras, o calvinista deve ou admitir que aquele que uma vez foi salvo e perdeu sua salvação por se voltar contra Cristo — ou que aqueele que "foi santificado" pelo sangue de Cristo e alguns que "o Senhor [...] comprou" não estão entre os eleitos. Claramente, alguns pelos quais o sangue de Cristo foi derramado se perderão. Assim, o calvinista não tem base alguma para acusar que crer que o sangue de Cristo foi derramado por todos conduz, inevitavelmente, leva ao universalismo, o ensinamento de que todos são salvos.

Expiação *Particular?*

Calvinistas afirmam que "não faz sentido Cristo oferecer expiação por aqueles que o Pai não confiou a Ele para a salvação"[8]. Esse é o raciocinio humano, sem apoio bíblico. Os calvinistas se referem à "expiação particular" — a ideia de que a morte de Cristo teve de ser particular para o eleito. Então, Cristo morreu apenas por pecados particulares — uma crença que distorce a própria natureza da expiação. Cristo não morreu pelos pecados individuais apenas, mas pelo pecado *em si* — a pena que teve de ser paga para *alguém* para ser salvo. Mas Seu pagamento da penalidade pelo pecado em si exigia o pagamento de todos os pecados providenciando a salvação para toda a humanidade.

Lembre-se de que quebrar um mandamento é ser culpado de quebrar todos: "porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos" (Tiago 2: 10). Esse é o caso, devido à própria natureza, do pecado. Pecado é rebelião contra Deus. Dessa forma, no entanto, um rebelde, não importa o quanto parecer insignificante do ponto de vista humano, é um rebelde. Pecado é pecado, e a pena para o que podemos pensar a apenas o mais trivial dos pecados é a separação eterna de Deus no Lago de Fogo.

Não há maneira alguma de a morte de Cristo poder ser limitada para pagar apenas o pecado dos eleitos. Para liberar mesmo uma pessoa do castigo eterno, não importa se muitos ou poucos os pecados que ele possa ter cometido, Cristo teve que pagar a penalidade exigida pela Sua infinita justiça para o *pecado*. Portanto, a morte de Cristo na cruz pagou a pena pelo pecado em si (que inclui *todos* os pecados), que paira sobre as cabeças da raça humana inteira. Não poderia ser de outra forma.

Cristo é o "segundo homem [...] o último Adão" (1 Coríntios 15:45–47), o representante não apenas dos eleitos, mas de toda a raça humana. Não poderia ser de outra forma. O que Ele fez no Calvário foi eficaz para toda a humanidade. Ele pagou pelo pecado de Adão, que

---

8 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 231.

trouxe a morte sobre todos, por isso, ao pagar essa pena Ele libertou todos os que de bom grado receber a salvação que Ele oferece.

Sim, nós "confessarmos os nossos pecados" (1 João 1:9), assim como os israelites eram obrigados a trazer ofertas individuais de seus pecados individuais. Mas havia "a oferta pelo pecado', o que possibilitava o perdão de todos os pecados. "Oferta pelo pecado", no singular, é mencionado no livro de Levítico muito mais do que as ofertas pelos pecados.

Que o sangue de Cristo foi derramado "para a remissão dos pecados" é declarado em Mateus 26:28; Lucas 24:47; 1 Coríntios 15:3, e muitos outros lugares. Também nos é dito, no entanto, que Ele morreu para o pecado. De fato, o "pecado" é mencionado mais de duas vezes mais que "pecados". Aqui estão algumas dessas passagens:

- Quando farás sua alma uma oferta pelo pecado [...] Ele levou sobre si o pecado de muitos [...]. (Isaías 53:10, 12)

- Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. (João 1:29)

- Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo [...]. (Romanos 5:12)

- Porque o salário do pecado é a morte [...]. (Romanos 6:23)

- Porque Ele O fez pecado por nós [...] para que fôssemos feitos justiça de Deus Nele. (2 Coríntios 5:21)

- [...] Holocausto e ofertas queimadas pelo pecado [...]. (Hebreus 10: 6, 8; 13:11)

O Evangelho é *Pessoal*

Para ser coerente com seu calvinismo declarado, Spurgeon não poderia oferecer a salvação a cada pessoa a quem ele pregou, sem

saber, como Jay Adams disse, quem, se houvesse alguém, em sua audiência que estava entre os eleitos. Mas, em obediência à Bíblia e em *negação* ao calvinismo, Spurgeon pregou o evangelho como um chamado a *todo aquele* que crê. Esse tipo de pregação provocou a controvérsia do "fé obrigatória/dever da fé", na Inglaterra, a que já nos referimos. Podemos e devemos declarar a todos e a qualquer pessoa, "que se confessares com a *tua* boca [...] e creres no *teu* coração [...] *serás* salvo [...]. Porque *todo aquele* que invocar o nome do Senhor será salvo" (Romanos 10:9,13).

A salvação não pode ser oferecida a ninguém por quem Cristo não morreu, mas ela deve ser proclamada a todos: "pregai o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15). Em contraste, o calvinista não pode olhar para uma pessoa não salva nos olhos e dizer com confiança: "Cristo morreu por *você*!" Essa pessoa pode não ser um dos eleitos, e tal afirmação poderia, portanto, ser falsa. O calvinista não pode, e não se atreve, assegurar a um moribundo que Cristo morreu por ele. Assim o calvinismo nega o evangelho da graça de Deus!

Paulo não poderia dizer ao carcereiro de Filipos, "crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, *tu* e a *tua casa*" se Cristo não tivesse morrido por ele e sua família. Paulo tinha uma revelação especial que toda essa família estava entre os eleitos — ou o evangelho é para todos? Como Paulo poderia declarar o mesmo às grandes audiências em todos os lugares, como em Antioquia da Pisídia, "[...] a vós vos é enviada a palavra desta salvação" (Atos 13:26), se Cristo morreu apenas por um número limitado conhecido como os eleitos? Certamente nem todo mundo nas vastas audiências que ele enfrentou estava entre os eleitos do calvinismo! Como Pedro poderia dizer a milhares de judeus reunidos no dia de Pentecostes, "arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado [...]" (Atos 2:38), se Cristo não tivesse morrido por todos e cada um deles?

Assim como os calvinistas muitas vezes contradizem João Calvino e uns aos outros, Calvino se contradisse em alguns momentos. Ele fez declarações tanto apoiando a expiação ilimitada, quanto, em outras vezes, a favor da expiação limitada. Referindo-se a Isaías 53:12 ele disse: "Nele foi colocada a culpa de todo o

mundo"[9]. Com respeito a Marcos 14:24, "este é o Meu sangue da nova aliança, que é derramado por muitos", Calvino disse, "a palavra *muitos* não significa uma parte do mundo, mas toda a raça humana"[10]. Onde está a "expiação limitada"?

Quando apanhado em tais contradições, o calvinista recorre a uma conversa dúbia. Como vimos, alguns calvinistas admitem que Deus ama a todos, mas reivindicam que Ele ama somente o eleito com "amor redentor", e os outros com um amor menor. MacArthur declara que Deus mesmo "em algum sentido [...] ama os seus inimigos"[11]. *Algunm sentido?* O que isso significa? Amor é amor! Não seria amor *em qualquer sentido*, falhar em salvar de qualquer desastre aqueles que poderiam ser resgatados — muito menos os predestinar à condenação eterna. Embora ainda reconhecendo que Deus ama o mundo inteiro da humanidade, alguns calvinistas argumentam que isso não significa cada indivíduo, mas a humanidade em geral. Como vimos, MacArthur usa esse argumento capcioso em seu livro *The Love of God*[12].

Como veremos quando chegarmos à Perseverança dos Santos, um grande problema para os calvinistas é como ter a certeza de que se está entre os eleitos, por quem apenas, alegadamente, Cristo morreu. Vemos essa incerteza no próprio Calvino. Em seu testamento, redigido pouco antes de sua morte, Calvino escreveu: "eu busco humildemente de Deus [...] ser lavado e purificado pelo sangue do grande Redentor, derramado pelos pecados da raça humana [...]"[13]. Como é que esse supostamente o maior dos exegetas parecia incerto de sua

---

9 George Zeller, citado em "For Whom Did Christ Die?" (The Middletown Bible Church, 349 East Street, Middletown, CT, 06457, 1999), pp. 23–24.

10 João Calvino, *Calvin* s *New Testament Commentaries* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1994), vol. 3, p. 139.

11 John MacArthur, Jr., *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996), p. 103.

12 Ibid., pp. xv, 16–20, 99–124, etc.

13 George Zeller, citado em "For Whom Did Christ Die?" (The Middletown Bible Church, 349 East Street, Middletown, CT, 06457, 1999), pp. 23–24.

salvação, apesar da promessa da Escritura de certeza absoluta, "estas coisas vos escrevi a vós, os que credes no nome do Filho de Deus, para que *saibais* que *tendes* a vida eterna [...]" (1 João 5:13)? Tal garantia não vem por uma revelação especial de que se está entre os eleitos, mas pela fé simples em Cristo, "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29).

Alterando o Sentido de "Mundo"

Em vez de reconhecer a negação aparente de Calvino da Expiação Limitada, que citamos acima, White cita Calvino seletivamente se contradizendo novamente: "em relação a João 1:29 e 1 João 2:2 a palavra 'mundo' é vista como a intenção de transcender o particularismo nacionalista judaico"[14]. Não há coisa alguma em qualquer lugar, no entanto, quer no evangelho ou epístola de João, para sugerir esse significado estranho. No entanto, o calvinismo *deve* interpretar "mundo" como "os eleitos", a fim de se manter. O que Calvino realmente acreditava, especialmente no final da sua vida? Foi dito que ele começou a ter dúvidas, e a declaração citada de seu testamento — "derramado pelos pecados da raça humana" — parece confirmar isso. Calvino é citado quando convém aos calvinistas de hoje, e em outras vezes ele é ignorado. No entanto, essa doutrina confusa, que seus adeptos não concordam entre si, ou mesmo com Calvino, ainda é chamada de "calvinismo" por todos. Ao mesmo tempo, no entanto, os calvinistas continuam a contradizer Calvino, eles próprios, e uns aos outros.

Pink argumentou: "dizer que Deus, o Pai, determinou a salvação de toda a humanidade, que Deus, o Filho, morreu com a intenção expressa de salvar toda a raça humana, e que Deus, o Espírito Santo, está agora tentando ganhar o mundo para Cristo; quando [...] é evidente que a grande maioria dos nossos concidadão estão morrendo

14 Citado em James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 257.

em pecado, e passando para uma eternidade sem esperança; é dizer que Deus, o Pai, está *decepcionado*, que Deus, o Filho, está *insatisfeito*, e que Deus, o Espírito, está *derrotado*"[15].

Tal raciocínio humano não é nem bíblico nem racional, mas, infelizmente, é necessário para apoiar o calvinismo. Para manter essa posição, pode-se dizer que Deus foi insincero em centenas súplicas e advertências urgentes e apaixonadas para Israel se arrepender e obedecer a Ele, as quais foram expressas através de seus profetas em todo o Antigo Testamento. O fato é que Israel como um todo se rebelou contra Ele continuamente durante toda a sua existência, e continua na incredulidade e rejeição de seu Messias para hoje em dia. Se tal desobediência não requer que Deus esteja *decepcionado*, *insatisfeito*, e *derrotado* (emoções que Ele não pode ter), então nem essa seria a reação de Deus quando os gentios, que Ele ama, e por quem Cristo morreu, rejeitam a salvação que Ele oferece livremente e com amor.

É claro que a palavra "mundo" pode ter uma variedade de significados, mas as vezes em que ela não significa o mundo físico, o sistema mundial ímpio, ou toda a humanidade são extremamente raras. Esses casos quase poderiam ser contados em uma mão dentre as quase 240 vezes em que "mundo" é encontrado no Novo Testamento. Além disso, eu desafio qualquer calvinista a mostrar um versículo onde "mundo" significa explicitamente os eleitos. Por favor, *apenas um*!

Das 80 vezes que 'mundo" ocorre em 59 versos no evangelho de João, nenhuma vez ela significa "eleitos". Esse significado tem de ser lido sobre texto — e não há coisa alguma no uso da palavra para a diferenciar entre aquelas vezes em que o calvinista diz que significa "eleitos" e aquelas vezes em que ele não diz isso. Vance enumera vários exemplos do Evangelho de João, onde "mundo" não poderia significar os eleitos:

> O mundo não conheceu a Cristo (1:10). O mundo odeia Cristo (7:7). As obras do mundo são más (7:7). Judeus não

15 15. Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986), p. 20.

> salvos eram deste mundo (8:23). Satanás é o príncipe deste mundo (12:31; 14:30; 16:11). O prórpio Cristo é distinto do mundo (13:1; 14:19, 22). O mundo não pode receber o Espírito Santo (14:17). O mundo odeia os discípulos (15:18; 14:14) [e muito mais] [...].
>
> Ao defender a expiação limitada, Sproul inadvertidamente prova que o mundo não se refere aos "eleitos" [...]: "Ele [Jesus] exclui explicitamente os não eleitos de Sua grande oração sacerdotal. 'Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste' (João 17: 9) [...]"[16]. Portanto, não somente mundo *nunca* denota os "eleitos", como também o mundo é inequivocamente humilhado e condenado por Deus.[17]

De fato, na oração sacerdotal de Cristo, Ele distingue especificamente entre o mundo da humanidade por quem Ele morreu e os do mundo que creram nele. Essa não é uma oração para a salvação do primeiro, mas para a unidade dos últimos.

Cada um de nós deve, é claro, ir pela Bíblia, não importa o que João Calvino ou Carlos H. Spurgeon ou qualquer outra pessoa ensinou. A única justificativa para rejeitar o sentido comum de "mundo" e atribuir a conotação peculiar do calvinismo (que certamente não é plena em nenhum texto) é que o calvinismo exige. Richard Baxter argumenta convincentemente:

> Deus nos diz da maneira mais clara que se pode dizer que Cristo morreu por todos os homens e provou a morte por eles [...]. Outros negarão essas verdades claras, porque eles pensam que [Deus não pode justamente punir aqueles por quem Cristo já pagou a pena] [...]. Mas acaso a Escritura

16 R. C. Sproul, *Chosen by God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1986), p. 206.

17 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, edição revisada de 1999), p. 435.

> declara [...] essas opiniões deles tão claramente como ela diz que Cristo morreu por todos e cada homem?
>
> Acaso diz a Escritura tão claramente em qualquer lugar que Ele não morreu por todos [...]? Acaso diz a Escritura em qualquer lugar que Ele morreu apenas por Suas ovelhas, ou Seus eleitos, e exclui os não eleitos? Não existe essa palavra na Bíblia [...].[18]

Engenhoso, Mas Irrational

Um truque favorito do calvinista é sugerir que "mundo" não significa "todas as pessoas 'sem exceção', mas [...] 'sem distinção' [...]; não [somente] judeus, mas também [...] gentios"[19]. Essa é a mesma tática de mudar "todas as pessoas" para "todos os *tipos* de pessoas" — uma idéia irracional nascida do desespero. Tal ideia é ainda mais difícil do que mudar descaradamente "todas as pessoas" ou "mundo" em "eleitos". Em que circunstâncias alguém entenderia "todos" como significando todos os *tipos*?

Um comerciante anuncia, "Grande promoção! Todas mercadorias pela metade do preço". Clientes ansiosos, no entanto, descobrem que alguns itens são excluídos da venda. Quando eles se queixam de que o anúncio lê *todas* as mercadorias, o comerciante diz: "eu não quis dizer todos 'sem exceção', mas todos 'sem distinção'. Todos os *tipos* de produtos estão com desconto, de fato, mas nem todos os itens de todos os tipos". Essa seria uma publicidade enganosa, e os clientes teriam uma reclamação legitima. No entanto, o calvinista insiste que Deus usa esse mesmo tipo de engano em oferecer a salvação a "quem quiser".

---

18 Richard Baxter, *Universal Redemption of Mankind* (Londres: sem editora, 1694), pp. 282–283.

19 Thomas R. Sehreiner, "Does Scripture Teach Prevenient Grace in the Wesleyan Sense?". Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds., *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 240.

Se um pastor disser, "eu estou vendendo *todas* as minhas ovelhas", alguém acharia que ele queria dizer *algumas* de todos os *tipos*, ou seja, *alguns* machos, *algumas* fêmeas, *alguns* cordeiros recém-nascidos, etc.? Se manchetes anunciam que "todos os homens entre as idades de 20 e 45 estão sujeitos ao serviço militar", quem imaginaria que isso realmente quis dizer *alguns* negros, *outros* brancos, *alguns* de Illinois, *alguns* de Utah, etc.? Ou se o anúncio fosse feito a um grupo de turistas parando em um oásis perto do Mar Morto, em Israel, que "quem tem sede, deve beber agora", alguém imaginaria que isso significava *algumas* mulheres, *alguns* homens, alguns idosos entre os sedentos, etc.?

Tal significado especial não é encontrado em lugar algum em toda a Escritura. No entanto, o calvinismo exige isso para cada uma das inúmeras declarações sobre "todos" e "mundo" e "quem quer", etc., que se relaciona com o evangelho em toda a Bíblia! Não deveria o significado calvinista ser claramente indicado *pelo menos* uma vez? No entanto, nunca é!

E Quanto a 1 João 2:2?

Na falta de referências na Bíblia que claramente dizem que Cristo morreu apenas pelos eleitos, os calvinistas de alguma forma têm que mudar aqueles textos que dizem que Ele morreu por todos. 1 João 2:2 claramente afirma que Cristo é "a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas pelos pecados do mundo inteiro". Certamente o "nosso" e "nossos" deve referir-se aos eleitos. Portanto, "o mundo inteiro", estando em contraste com os eleitos, só pode se referir aos perdidos e provaria que a morte de Cristo é propiciatória por toda a humanidade.

Reconhecer o que essa passagem declara seria o fim do calvinismo. Mas como é possivel que essa conclusão possa ser evitada? Piper escreve: "o 'mundo inteiro' refere-se aos filhos de Deus dispersos por todo o mundo"[20]. Mas não é a isto que *nosso* e *nossos* se refere: todos

20 John Piper e Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 16.

os que são salvos, não importa onde ou quando eles vivem — e não é o "mundo inteiro" colocado em contraste com o "nosso" e "nossos"? White elabora um pouco mais sobre essa *eisegesis* descarada que os calvinistas desenvolveram a fim de resgatar a sua teoria da Expiação Limitada:

> A compreensão reformada é que Jesus Cristo é a propiciação pelos pecados de todos os cristãos para os quais João estava escrevendo, e não só eles, mas para todos os cristãos de todo o mundo, judeus e gentios, em todos os tempos e em todos os lugares.[21]

Certamente, "se alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai" refere-se a *todos* os cristãos em qualquer lugar e em qualquer época. Da mesma forma, o "nosso" em "Ele é a propiciação pelos nossos pecados" deve se referir a *todos* os cristãos, e não apenas os contemporâneos de João. Certamente é uma verdadeira declaração para todos os crentes em Cristo em cada tempo, lugar e cultura. Além disso, toda a epistola de João, assim como toda a Bíblia de que ela faz parte, é dirigida a todos os crentes em todos os lugares e em todas as épocas. Se o "nosso", portanto, refere-se ao remido, então "todo o mundo", estando em contraste, só poderia representar aqueles que estão perdidos.

Para fugir do óbvio, White afirma que João estava apenas escrevendo aos cristãos de sua época, e, portanto, o "nosso" significa aqueles que originalmente leram a epistola; e "todo o mundo" significa todos os outros cristãos não vivos naquele momento em que a carta foi escrita[22]. Nada no texto ainda aponta para tal conclusão. Nem tal interpretação tão frívola teria sido inventada se não fosse necessária para resgatar a Expiação Limitada. Inegavelmente, em tudo o que ele diz, João está escrevendo sob a inspira-

---

21 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 273–274.

22 Ibid., pp. 274–275.

ção do Espirito Santo a todos os cristãos em todos os lugares e em todas as eras.

Piper racionaliza que "pecados propiciados não podem ser punidos [...]. Por isso, é muito pouco provável que 1 João 2:2 ensine que Jesus é a propiciação de cada pessoa no mundo [...]"[23]. Não podem? Só porque a declaração simples contradiz o calvinismo. Já mostramos que esse argumento não funciona por, pelo menos, duas razões: 1) Cristo teria de pagar a pena por todo o pecado, mesmo para uma só pessoa ser salva; e 2) os benefícios da morte de Cristo não vêm automaticamente, mas apenas para aqueles que creem e O recebe. Se não fosse esse o caso, então os eleitos, por quem o calvinista diz que Cristo morreu, seria salvo sem crer e antes de eles serem nascidos.

Finalmente, Piper, seguindo o exemplo de John Owen, raciocina que, se Cristo é realmente a propiciação pelos pecados do mundo inteiro, então, a incredulidade não manteria pessoa alguma fora do céu, porque a incredulidade sendo um pecado, teria sido propiciado também[24].

Mas propiciação não ocorre quando se crê em Cristo. Ela já deve ter sido realizada na Cruz. A fé é o meio de se apropriar dos benefícios do sacrifício de Cristo — um sacrifício de Cristo que, mesmo o calvinista reconhece era de valor suficiente para pagar pelos pecados de toda a humanidade. Ou os eleitos sempre foram salvos e nunca precisaram crer em Cristo (uma negação clara do evangelho), ou houve um momento em que a propiciação Cristo feita na cruz se tornou eficaz para eles por meio da fé. João está simplesmente dizendo com Paulo que Cristo "é o Salvador de todos os homens, especialmente dos que creem" (1 Timóteo 4:10).

Todo cristão, pela própria definição, foi salvo pela fé em Cristo, e Seu sangue é a propiciação pelos seus pecados. Esse fato é tão fundamental e essencial que dificilmente se poderia ser um cristão sem saber disso. Por isso, é absurdo sugerir que João está

---

23 John Piper e Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 16.

24 24. Ibid., p. 18.

revelando algo de importância ao declarar que o sangue de Cristo aproveita não só para as pessoas vivas em seu dia, mas para todos os cristãos, em todas as eras. Se isso é o que o Espírito Santo pretendeu através de João, por que isso não foi afirmado claramente? Será que o Espírito Santo usaria "mundo' para transmitir o significado "todos os cristãos em todos os tempos em todos os lugares"? Dificilmente.

Para Quem João Escreveu?

Outros calvinistas argumentam que "João teria sido escrito para um público judeu que havia há muito tempo crido que Deus era apenas o Deus de Israel. E assim eles precisavam ser ensinados e lembrados que Cristo morreu não apenas para as ovelhas perdidas de Israel, mas também por suas ovelhas perdidas em todo o mundo [...]. Assim, o 'mundo inteiro' são Suas ovelhas perdidas de Israel mais Suas ovelhas perdidas dentre as outras nações"[25]. Certamente, ninguém imaginaria que uma ideia tão absurda se o calvinismo não tivesse sido inventado e uma explicação para "mundo" fosse requerida a fim de salvar a teoria.

Não há coisa alguma em toda a epístola a sugerir que João está endereçando apenas aos crentes judeus. De fato, quando essa carta foi escrita, havia mais gentios crentes do que judeus. Além disso, João nos diz a quem ele está falando: "estas coisas vos escrevi a vós, os que credes no nome do Filho de Deus [...]" (1 João 5:13). Isso inclui todos os cristãos ao longo da história.

Além disso, não só João está escrevendo a todos os crentes em Cristo, mas ele está escrevendo tantos anos após o Concílio de Jerusalém de Atos 15, onde toda a questão da salvação para os gentios, sem que eles guardassem a lei de Moisés, tinha sido resolvida. A carta de Paulo aos crentes da Galácia, que abordou essa questão em profundidade, há muito estava em circulação. João não lida com esse tema há muito estabelecido.

---

25 25. Carta a Dave Hunt, datada de 3 de setembro de 2000. Em arquivo.

Quem teria imaginado, sem a necessidade de apoiar uma teoria especial, que João estava escrevendo só para os cristãos de sua época, ou apenas para um público judeu? Além disso, se João não estava escrevendo a todos os cristãos, em todas as eras, como poderíamos aplicar sua epístola a nós mesmos hoje? De fato, sabemos que ele estava escrevendo a todos os crentes em Cristo, e os cristãos ao longo dos tempos leram seu evangelho e epístolas com esse entendimento.

Quando João escreve, "aquele que diz: Eu O conheço, e não guarda os Seus mandamentos, é mentiroso [...]. Aquele que diz estar na luz, e odeia a seu irmão, até agora está nas trevas [...]. E vós tendes a unção do Santo [...]. E a unção que vós recebestes Dele, está em vós [...]" (I João 2:4, 9, 20, 27), etc., ao longo de sua epístola, isso só poderia ser destinado aos "crentes Judeus" ou aos os crentes "de seus próprios dias"? Claro que não! Certamente tudo o que ele diz é para todos os crentes em Cristo em todas as épocas.

E Quanto ao Significado de "O Mundo Inteiro"?

White cita a canção dos redimidos em Apocalipse 5:9–10. Porque se diz que Cristo redimiu por Seu sangue homens "de toda a tribo, e língua, e povo e nação", White racionaliza, "nós sugerimos que essa passagem, então, lança luz significativa sobre 1 João 2:2 [...]" *Luz significativa?* A passagem é muito simples. A única "luz" que White está à procura tão ansiosamente é algo que vaá justificar uma interpretação calvinista que obviamente não está na própria passagem.

White continua, "[...] pois é óbvio que a passagem em Apocalipse não está dizendo que Cristo adquiriu todo homem de cada tribo, língua, povo e nação. No entanto, obviamente, esse é um conceito paralelo ao 'mundo' em 1 João 2:2".

Conceito paralelo? O que significa isso, e com que autoridade? As duas afirmações são completamente diferentes. Uma declara que Cristo morreu por todos; o outro se refere àqueles que aceitaram Seu sacrifício pela fé. Se White estivesse verdadeiramente a procura de uma escritura paralela, ele não poderia encontrar uma mais claro do que em 1 Timóteo 4:10, que já citamos: '[...] o Salvador de todos os

homens [o mundo inteiro], especialmente dos que creem" [os remidos a quem João escreve].

White então cita o Sumo Sacerdote Caifás (João 11:49–52), no que é conveniente: "que um homem morra pelo povo, e que toda a nação não pereça"[26]. Certamente Caifás realmente *queria dizer* o povo de Israel, toda a nação, fato que contradiz a Expiação Limitada do calvinismo.

Infelizmente, esse é mais um exemplo de quão longe os calvinistas têm de chegar: sugerir que uma canção futura no céu e uma declaração de Caifás sobre a nação de Israel provam que "mundo" em 1 João 2:2 realmente significa "todos os *cristãos* em todo o mundo [...]"! A música no céu é dos remidos, aqueles que compõem o "nosso" em 1 João 2:2. Eles são resgatados "de" ou "dentre" toda tribo, língua, povo e nação. Na verdade, o White está nos ajudando a ver um contraste: João não diz "de" ou "dentre" do mundo inteiro; ele diz claramente "o mundo inteiro".

Por que White vai tão longe? Dentro dessa mesma epístola, há muitas comparações que definem 'mundo". Em 1 João 3:1, temos a frase: "[...] o mundo não nos conhece". Certamente "nos" se refere ao redimidos; "mundo" está em contraste com eles e não pode significar algum outro grupo de cristãos. Em 3:13, encontramos: "não vos admireis, irmãos, se o mundo vos odeia". Mais uma vez, temos o mesmo contraste entre os irmãos resgatados e os incrédulos que os odeiam, fazendo com que o significado de "mundo" fique bastante claro. Em 4:5–6, encontramos: "eles são do mundo [...] somos de Deus". A distinção entre o mundo não salvo e aqueles que são salvos — que é mantida coerentemente em toda a epístola — não podia ser mais clara. Mais uma vez, 1 João 5:19 declara: "nós somos de Deus, e o mundo inteiro jaz no Maligno".

Para ser consistente com a manipulação de 1 João 2:2, White deve crer que "todos os cristãos do mundo inteiro, judeus e gentios, em todos os tempos e em todos os lugares" estão em impiedade, e

---

26 26. James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 275.

odeiam os crentes a quem João estava escrevendo. De fato, em nenhum lugar em toda a epístola "mundo" significa o que o calvinista tenta transformá-lo em 1 João 2:2!

Não pode haver dúvida de que ao longo de toda essa epístola a palavra "mundo", de forma consistente, significa exatamente o que um leitor razoável esperaria: o mundo da humanidade como um todo, em contraste com o corpo de crentes. Não se pode afirmar que "mundo" em 1 João 2:2 é uma exceção e tem um significado diferente de qualquer outro lugar na epístola. Só podemos concluir que Cristo é a propiciação pelos pecados de todo o mundo, e, portanto, Sua morte não foi propiciatória somente pelos eleitos, mas pelos pecados de toda a humanidade. De fato, João diz exatamente isso em tantas palavras: "o Pai enviou Seu Filho como Salvador do mundo" (1 João 4:14).

Isso quer dizer que todos são salvos automaticamente pela morte de Cristo? Não. A boa-nova do evangelho é "o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê [...]" (Romanos 1:16).

Claramente, sem definições especiais de palavras e muita distorção das Escrituras, a doutrina da Expiação Limitada desmorona, e com ela o resto do calvinismo.

CAPÍTULO 20

ENTENDENDO AS PRINCIPAIS ESCRITURAS

A passagem principal que calvinistas procuram apoio é Romanos 9. R.C. Sproul declara que somente Romanos 9:16 ("assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que Se compadece") é absolutamente fatal para o arminianismo"[1]. Mas a frase "depende do que quer" dá créditos ao homem com uma vontade que pode desejar vir a Cristo. O versículo está simplesmente dizendo que o desejo e esforço humano são inúteis sem a graça de Deus. Nós não estamos defendendo o arminianismo (cujos adeptos também não concordam entre si); estamos simplesmente testando a TULIP pela Palavra de Deus.

Os calvinistas acreditam que Romanos, capítulo 9, prova que a escolha do homem não tem papel algum na salvação e que antes do nascimento, todos os homens são predestinados ao céu ou à condenação. White diz: "ele fala da inviolabilidade do propósito de Deus na eleição e mostra que suas escolhas não são determinadas por coisa alguma no homem [ou seja, a presciência de uma eventual resposta de um indivíduo ao evangelho]"[2]. Piper diz que Esaú e Jacó "foram nomeados para os seus [*sic*] respectivos destinos [eternos] antes de eles nascerem"[3]. Hoeksema concorda: "concluímos, portanto, que a predestinação de Jacó e Esaú é uma eleição e reprovação pessoal para a salvação e desolação eterna respectivamente"[4]. Na verdade, esse não é o caso, como veremos.

Em Romanos 9:13 ("como está escrito: Amei Jacó, mas odiei a Esaú"), Paulo está citando o profeta Malaquias (Malaquias 1:2). Tal afirmação não está "escrita" em qualquer outro lugar nas Escrituras. Também o profeta Malaquias não está se referindo a Jacó e Esaú como indivíduos, mas para as nações que descenderam deles: "a [...] palavra do

---

1 Citado em James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 222.

2 Ibid., 215.

3 John Piper, *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1–23* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), pp. 203–204.

4 Herman Hoeksema, *God's Eternal Good Pleasure*. Homer C. Hoeksema, ed. e rev. (Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1979), p. 24.

Senhor a Israel, por intermédio de Malaquias. Eu vos tenho amado [...] e odiei a Esaú; e fiz dos seus montes uma desolação [...] eles edificarão, e Eu destruirei, e lhes chamarão: Termo de impiedade, e povo contra quem o Senhor está irado para sempre [...]. Eu, o Senhor, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos" (Malaquias 1:1–4; 3:6).

Muito claramente, por "Esaú" entende-se a nação de Edom que descendeu dele, e "Jacó' significa Israel. Esaú e Jacó como *indivíduos* não estão em vista.

A Salvação Não é o Objeto

Não há referência alguma em Malaquias à salvação eterna, seja de Jacó ou Esaú ou seus descendentes, muito menos que Jacó e seus descendentes foram predestinados ao céu e Esaú com seus descendentes para o inferno. Nenhum verso em Malaquias sequer implica isso! Claramente a citação de Paulo de Malaquias é utilizada indevidamente na tentativa de provar a predestinação e reprovação do calvinismo.

Além disso, sabemos que muitos israelitas que descenderam de Jacó foram perdidos eternamente; por outro lado, não se pode provar que todos os descendentes de Esaú estão ou estarão no inferno. Mesmo os calvinistas não diriam que todos israelitas pertenciam aos eleitos no sentido calvinista.

Comentando sobre a referência a Esaú e Jacó em Romanos, capítulo 9, Broughton disse: "a eleição é Deus escolhendo um povo através de quem Ele vai Se manifestar [...]. Não é [...] para a salvação, mas [...] para o serviço [...]"[5]. De pleno acordo, o Professor H.H. Rowley, declarou: "a eleição é para o serviço [...]. Deus escolheu Israel [...] não só para que pudesse revelar-Se a ele, mas para que Ele pudesse chamá-lo ao serviço"[6]. Fisk comenta, "Rowley, de fato, vai tão

5 Len G. Broughton, *Salvation and the Old Theology* (Londres: Hodder and Stoughton, sem data), p. 152.

6 H. H. Rowley, *The Biblical Doctrine of Election* (Cambridge, UK: Lutterworth Press, 1952), p. 45.

longe a ponto de sugerir que a eleição é algo que, se não cumprida pelo eleito, pode ser retirada deles — um pensamento em que os calvinistas comprometidos tremeriam"[7]. Curiosamente, os comentários de Rowley faziam parte de uma série de palestras que ele deu na Faculdade de Spurgeon, em Londres.

Nem Paulo em Romanos 9 sequer sugere algo a mais do que faz Malaquias quanto à salvação individual de Esaú, Jacó, ou Faraó. Contudo, o que Paulo diz sobre esses indivíduos é usado pelos calvinistas para "provar" sua doutrina peculiar da eleição e predestinação para a salvação ou condenação. Vance ressalta que "o erro básico do calvinismo é confundir eleição e predestinação com a salvação, algo que não está na Bíblia, mas apenas nas especulações filosóficas e implicações teológicas do calvinismo [...]"[8]. Na verdade, eleição e predestinação sempre têm a ver com um determinado propósito, ministério ou bênção para o qual se tenha sido eleito — não com a salvação.

"Duas Nações... E Dois Povos"

O fato de que Deus estava Se referindo a nações, e não a Jacó e Esaú como indivíduos, estava claro desde o início. Durante a gravidez, como os gêmeos "lutavam dentro dela", Deus disse a Rebeca, "duas nações há no teu ventre, e dois povos [...]; um [...] será mais forte [...] e o maior servirá ao menor" (Gênesis 25:23). Se os *indivíduos* estivessem em vista, isso seria uma profecia falsa, porque Esaú nunca serviu a seu irmão, Jacó, nem poderia ser dito que Jacó era mais forte do que Esaú durante suas respectivas vidas.

A profecia foi, no entanto, cumprida perfeitamente nas nações (Edom e Israel) descendentes de Esaú e Jacó. No entanto, os calvinistas ignoram esse fato, porque ele não se encaixa na sua teoria, e eles não medem esforços para fazer a passagem se referir a salvação ou

---

7 Samuel Fisk, *Calvinistic Paths Retraced* (Raleigh, NC: Biblical Evangelism Press, 1985), p. 81.

8 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 35.

reprovação individual. Por exemplo, em toda a sua "prova" da eleição para a salvação de Romanos 9, White, como a maioria dos calvinistas, nunca menciona Gênesis 25:23. Por que ele evita? A razão é óbvia.

Piper faz quatro referências indiretas a Gênesis 25:23, mas nunca faz uma exegese: 1) ele cita "o mais velho servirá ao mais jovem", mas não a declaração essencial que duas nações estão envolvidas[9]; 2) ele menciona em uma nota de rodapé ("Lutero nega a interpretação de Erasmo de ambos Gênesis 25:23 e Malaquias 1:2")[10], mas não consegue explicar essa negação ou mostrar a sua validade; 3) ele cita a declaração de Shrenk em oposição à sua própria e de acordo com o que estamos dizendo, "a referência aqui não é à salvação, mas à posição e à tarefa histórica, cf. a citação de Gênesis 25:23 em Romanos 9:12: 'o mais velho servirá ao mais jovem'"[11], mas, novamente, não há reconhecimento algum da declaração de Deus de que Ele estava Se referindo a nações; e 4) quando ele dá finalmente uma citação completa, ele sai pela tangente sobre como Israel se tornou mais forte do que Edom e deixa de fazer a aplicação óbvia a Romanos 9: "o nascimento a Isaque e Rebeca de[...] Jacó e Esaú foi anunciado para Rebeca em Gênesis 25:23, 'duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas [...], e o maior servirá ao menor'. Como se tornou possível para Jacó e seus descendentes serem eminentes sobre Esaú e seus descendentes [...] é descrito em Gênesis 25:29-34 e Gênesis 27:18-29"[12].

Na verdade, o "ser eminente" não ocorreu durante a vida de Jacó ou Esaú, mas se refere apenas a seus descendentes. Piper passa a discutir esse aspecto, mas não faz qualquer reconhecimento da importância das duas nações como sendo o tema original da profecia de Deus e da confirmação do próprio Malaquias. Fazer isso prejudicaria a interpretação calvinista de Romanos 9, uma de suas passagens-

---

9 John Piper, *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1–23* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 51.

10 Ibid., p. 56.

11 Ibid., p. 57.

12 Ibid., pp. 61–62.

-chave.

Lutero também evita encarar o impacto total do fato de que, em ambos, Gênesis e Malaquias, Deus está, em última análise, Se referindo a nações nas quais todos os indivíduos não são nem salvos, nem perdidos[13]. Embora ele mencione que os "dois povos são claramente distinguidos"[14], Lutero aplica erroneamente tudo isso à salvação individual para apoiar seu argumento contra o livre-arbítrio.

As afirmações claras de Deus em Gênesis 25 não tem coisa alguma a ver com o destino eterno de Esaú e Jacó para o céu ou para o inferno, mas é concernente a "dois povos", como seriam seus descendentes e como eles se encaixariam nos propósitos de Deus. Portanto, ao citar Gênesis 25:23, Paulo não poderia estar falando de salvação individual, mas sim da eleição de Israel por Deus para uma posição preferida de bênção e utilidade. O fato indiscutível de que duas nações futuras são o tema da profecia de Deus a Rebeca mina completamente os argumentos calvinistas. Dick Sanford escreve:

> Circule esta palavra, "servirá". A passagem não está dizendo: "*O mais velho será salvo e o mais jovem não será*". Nunca misture a Escritura que está falando sobre *serviço* com a eEcritura que está falando sobre *salvação* [...]. Serviço inclui obras que são recompensadas. A salvação é graça à parte de obras [...].
>
> Aqui, o Senhor diz que antes mesmo de eles nascerem, Ele sabia qual nasceria primeiro e [...], mudarei esse padrão de *serviço* [...] [e] a herança virá através do mais novo em vez do mais velho. Isso é uma inversão também [...].
>
> Agora, a passagem não diz, "Jacó salvei [para] o céu e Esaú [...] não pode ir para o céu [...]". [Mas] Eu lhe disse que a

---

13 Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*. J. I. Packer e O. R. Johnston, trad. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999), 222–229.

14 Ibid., p. 225.

> [...] bênção não virá através de Esaú [...], os filhos de Esaú não levarão ao Messias; são os filhos de Jacó que gerarão Messias. (ênfase no original)[15]

E Quanto aos Indivíduos?

A exceção das duas referências em Malaquias e Romanos, somos informados apenas mais uma vez que Deus amou a Jacó (Salmos 47:4), e nunca mais que Ele odiou Esaú. Além disso, "amado" e "odiado" são termos comparativos (como quando Cristo diz que devemos odiar pai e mãe, em comparação ao nosso amor por Ele — Mateus 10:37–38; Lucas 14:26) e não têm coisa alguma a ver com a salvação. Como Forster e Marston salientam,

> Malaquias 1:2 não significa um ódio literal por Esaú e seus descendentes, que Deus condenou cada um deles para o inferno. Mas se refere apenas à mais alta posição da raça hebraica na estratégia de Deus [...]. No original a que Paulo está se referindo, Esaú é simplesmente sinônimo de Edom [claro pelo contexto: Malaquias 1:2–5] [...]. A escolha de Deus de Israel não pode ser um resultado do seu mérito ou suas obras [...]. A introdução [de Paulo] da citação de Malaquias 1:2 é, portanto, de particular relevância aqui, e ele a usa à medida que desenvolve seu tema [...].[16]

Os calvinistas enfatizam a declaração: "porque não tendo eles ainda nascido, nem feito bem ou mal (para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama [...]". No entanto, essa declaração é simplesmente mais uma prova de que a eleição é determinada pela presciência.

---

15 Dick Sanford, *Predestination and Election*, John R. Cross, ed. (monografia de publicação do autor, sem data), pp. 11–12.

16 Roger T. Forster e V. Paul Marston, *God's Strategy in Human History* (Bloomington, MN: Bethany House Publishers, 1973), p. 75.

Ninguém merece a bênção de Deus, que é tudo de Sua graça — que é dada para aqueles que Ele sabe de antemão que a receberão.

Antes desses homens nascerem, Deus sabia que Jacó se voltaria para Ele, que Esaú desprezaria seu direito de primogenitura, e que seus descendentes seriam inimigos de Israel. Com base nisso, Ele odiou Esaú/Edom. Se assim não fosse o caso, teríamos Deus odiando por nenhuma razão, o que é contrário a tudo o que a Bíblia nos fala do Deus que "*é amor*". Além disso, se fosse esse o caso, tornaria sem sentido a declaração profética de Cristo de que "eles me odiaram sem causa" (João 15:25).

É claro que a eleição de Jacó e a rejeição de Esaú não tinham coisa alguma a ver com a salvação ou condenação de qualquer indivíduo, ou de seus descendentes. Os calvinistas usarem essas passagens para esse fim é simplesmente exegese defeituosa. No entanto, Palmer insiste, "assim, Romanos 9 é claro em afirmar que tanto a eleição e a preterição [ignorar os não eleitos] são incondicionais [...]. 'Amei Jacó, mas odiei Esaú'"[17].

E Quanto a Faraó?

O caso de Faraó, da mesma forma, não tem coisa alguma a ver com o seu destino eterno. Deus sabia de antemão o coração obstinado e mau desse tirano, e é por isso que Deus o levantou neste momento em particular: "[p]or esta causa que Eu te levantei, para mostrar o Meu poder em ti; e que o Meu nome seja anunciado em toda a terra" (Êxodo 9:16). Deus usou o coração teimoso, orgulhoso de Faraó para julgar plenamente todos os deuses do Egito, no processo de libertação do seu povo daquela terra pagã.

Deus não *causou* Faraó a pecar, mas dispôs circunstâncias e eventos para colocar esse homem particular (cujo cada capricho e impulso perverso Ele conheceu de antemão em detalhes) para estar em autoridade naquele momento em particular, a fim de usar o seu

17 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, edição aumentada, 20. impressão, 1999), pp. 32–34, 105.

mal para cumprir a Sua vontade. Afirmamos como bíblica e razoável tanto a habilidade de Deus e Seu direito soberano de organizar circunstâncias e posicionar no palco da vida desses jogadores que Ele previu, de modo que a Sua vontade seja efetuada nos assuntos humanos — e de fazê-lo sem violar a Sua vontade ou de encorajar (muito menos tornar-se cúmplice de) seus crimes.

Deus colocar Faraó no lugar e momento certos para adequar Seus planos para Israel e para o Egito não tem coisa alguma a ver com qualquer um dos elementos da TULIP, que afetam a salvação pessoal. Nem Deus causou as ações de Faraó; Ele simplesmente permitiu que o mal do Faraó seguisse o seu curso, mesmo endurecendo a vontade má do Faraó, na medida em que ele próprio cumpriu o propósito de Deus.

Há apenas uma explicação bíblica para Deus tomar alguns ao céu e enviar outros para o inferno: *a salvação é uma oferta genuína, e Deus, em Sua presciência onisciente, sabe como cada pessoa vai responder*. A única *razão* convincente consistente com o caráter de Deus para a eleição e a predestinação dos redimidos a certas bênçãos é a presciência onisciente de Deus de quem crerá. Quanto a toda essa passagem tratando de Esaú, Jacó, e Faraó, Ironside escreveu:

> Não se trata aqui da predestinação para o céu ou reprovação para o inferno [...]. Não nos é dito aqui, nem em qualquer outro lugar, que antes que as crianças nascem, é o propósito de Deus enviar uma para o céu e outra para o inferno [...]. A passagem tem a ver exclusivamente com privilégio aqui na terra.[18]

Paulo conclui nesta seção, declarando que Deus, "para fazer conhecido o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira [como Faraó] preparados para a perdição" (Romanos 9:22). Embora *endurecendo* tais vasos de ira, Deus não os leva a ser ou fazer o mal. Ao contrário, Ele às vezes propõe usar aqueles cujo coração é mal,

18 H. A. Ironside, *Lectures on the Epistle to the Romans* (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1926), pp. 110, 116.

e suporta a sua oposição e perversidade na medida em que ela se encaixa em Sua vontade. Dessa forma, Deus é capaz de fazer a ira do homem louvá-Lo (Salmos 76:10).

"Endurece a quem quer"

Em relação ao Faraó, Romanos 9:18 afirma: "logo, pois, compadece-Se de quem quer, e endurece a quem quer". Os calvinistas fazem uma grande quantidade de afirmações de que Deus endureceu o coração de Faraó, como se isso provasse a Eleição Incondicional e a Expiação Limitada. Pelo contrário, o endurecimento de seu coração não teve coisa alguma a ver com o fato de Faraó ir para o céu, mas com o uso de Deus de Faraó, no momento da libertação de Israel do Egito. Deus diz que seu propósito era "fazer esses sinais no meio deles, e para que contes aos ouvidos de teus filhos e dos filhos de teus filhos, as coisas que fiz no Egito, e os Meus sinais, que tenho feito entre eles; para que saibais que Eu sou o Senhor" (Êxodo 10:1).

Quando Deus endureceu o coração de Faraó, para promover Seus propósitos para Israel e Egito, para manifestar o Seu poder mais plenamente e, especificamente, completar Seu julgamento sobre os deuses do Egito, Ele estava, de fato, apenas ajudando Faraó a fazer o que esse tirano queria fazer. Quando Ele enviou Moisés ao Egito, Deus declarou: "Eu sei, porém, que o rei do Egito não vos deixará ir [...]" (Êxodo 3: 19). Essa era a disposição de faraó antes de uma palavra ser dita sobre o endurecimento de Deus de seu coração.

No entanto, os calvinistas são quase unânimes em sua anulação dessa escritura. Passando por ela, eles começam seus comentários com Êxodo 4:21, "Eu lhe endurecerei o coração, para que não deixe ir o povo". Como os outros, Pink ignora 3:19 e escreve: "Deus não endureceu seu coração *antes* das pragas terem sido enviadas sobre o Egito? — veja Êxodo 4:21!"[19] White também evita 3:19 e também usa 4:21

19 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986), p. 96.

como fundamental[20]. O mesmo acontece com Piper. Na construção do seu demorado argumento concernente ao endurecimento do coração de Faraó, ele depende muito de 4:21. Muitas páginas das citações eruditas do original hebraico e grego de Piper, com o acompanhamento de argumentos complicados, perdem o brilho em vista do seu desrespeito a 3:19, que, se tivesse sido notado, teria mudado o quadro inteiro[21].

Infelizmente, Piper inundou a *The Justification of God* com palavras gregas e hebraicas nesses alfabetos sem os equivalentes em inglês que os autores usualmente fornecem. Assim, os leitores que não são especialistas em grego e hebraico devem tomar a palavra como ele diz. No entanto, seus comentários são reveladores:

> Antes da primeira afirmação ativa do endurecimento de Deus em Êxodo 9:12, há duas afirmações de que ele [Faraó] endureceu o seu próprio coração [8:15, 32] e depois de 9:12 há duas afirmações de que ele endureceu o seu próprio coração [9:34, 35]. [Assim] o "autoendurecimento" de Faraó é igualmente bem atestado antes e *depois* da primeira declaração de que Deus o tenha endurecido [...]."[22] (grifo nosso)

Piper reconhece que Faraó endureceu o seu próprio coração, antes e depois "da primeira afirmação ativa de endurecimento de Deus [...]". É importante entender que "Deus não deu a Faraó o desejo perverso de se rebelar contra Ele O que Deus fez foi dar-lhe a coragem de realizar esse desejo. Assim, a ação de Deus apenas fez a diferença entre um ato perverso e a supressão de um desejo mal através do medo"[23]. Além disso, não há coisa alguma na história para indicar que o Faraó era incapaz de obedecer

---

20 20. James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 211, 221.

21 21. John Piper, *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1–23* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), pp. 155–181.

22 22. Ibid., p. 163.

23 23. Roger T. Forster e V. Paul Marston, *God's Strategy in Human History* (Bloomington, MN: Bethany House Publishers, 1973), p. 75.

a Deus por meio de uma resposta genuína do seu coração. Contrariando o que ele diz em outro lugar, e em uma afirmação muito não calvinista, e que sugere o livre-arbítrio, Calvino reconhece que o ímpio *pode* ser movido a um arrependimento genuíno pelas advertências de Deus:

> Quem não vê agora que pelas ameaças deste tipo [da profecia da destruição de Nínive por Jonas, etc.], Deus quis despertar ao arrependimento aqueles a quem Ele aterrorizou, dizendo que eles poderiam escapar do julgamento que seus pecados mereciam.[24]

Nesse caso, no entanto, através de Sua presciência, Deus sabia que o Faraó, como Esaú, rejeitaria a Sua vontade — assim como Ele sabia que Jacó se submeteria e obedeceria (Gênesis 28:7, 20–21; 32:9–11, 24–32; 49:28–33, etc.). Faraó era um homem mau que havia abusado do povo de Deus por um longo tempo. Ele egoisticamente desejou proteger seus próprios interesses, mantendo essas pessoas como escravas.

No entanto, as pragas se tornaram tão terríveis que o Faraó teria deixado Israel ir — não de um arrependimento genuíno, mas por medo de mais juízo. *Yahweh*, no entanto, não tinha terminado de julgar os deuses do Egito. Por isso, Ele endureceu o coração de Faraó, dando-lhe a coragem de persistir na resistência que ele realmente queria seguir, até que Deus tivesse executado totalmente Seu julgamento sobre os deuses do Egito, trazendo "os filhos de Israel da terra do Egito com grandes juízos" (Êxodo 7:4).

Nós ganhamos uma compreensão melhor das relações de Deus com Faraó através das palavras hebraicas traduzidas como "endurecer" ou "endureceu" na versão *King James*. No sentido de endurecer o próprio coração, *kabed* é usada quatro vezes: Êxodo 7:14, 8:15, 9:7 e 9:34. *Qashah*, é utilizada apenas uma vez (Êxodo 7:3), e significa se tornar de dura cerviz ou teimoso. *Chazaq* (Êxodo 4:21; 7:13, 22; 8:15; 9:12, 35; 10:20, 27; 11:10; 14:4, 8, 17) significa fortalecer ou

---

24 24. João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 5, xvii.14.

dar coragem, indicando que Deus não estava causando Faraó ser um homem mau ou fazer más ações, mas estava dando a Faraó a força e a coragem para ficar firme no seu intento de não deixar Israel partir, mesmo quando as pragas se tornaram esmagadoramente terríveis. Como Forster e Marston explicam depois de um estudo de palavras em profundidade:

> A Bíblia não ensina que Deus fez de Faraó um impenitente. A principal palavra usada para o endurecimento do coração de Faraó é *chazaq*, e parece dizer que Deus encorajou ou incentivou o coração de Faraó, de modo que ele teve a coragem teimosa para permanecer, mesmo em face de milagres muito assustadores [...]. *Deus nunca impede alguém de arrepender*. "Tenho Eu algum prazer na morte do ímpio? Diz o Senhor Deus: Não desejo antes que se converta do seu caminho, e viva?"[25] (ênfase adicionada)

O exemplo de Faraó também não apoia a visão calvinista da Depravação Total. Se Faraó fosse totalmente depravado, por que Deus tem que endurecer seu coração? Piper diz que quatro vezes Faraó endureceu o seu próprio coração. Por que dizer isso, se ele não poderia fazer coisa alguma diferente? Como poderia um coração totalmente depravado se tornar mais duro do que já era?

Também não é dito que, quando Faraó finalmente deixa Israel ir, Deus o levou a fazer isso através de uma Graça Irresistível. Ele estava simplesmente apavorado, e com base nisso se submeteu à vontade de *Yahweh* (Êxodo 12:30–33), mas ainda sem verdadeiro arrependimento.

O Barro, o Oleiro e os Vasos de Ira

Como o comentário final de Paulo (que White chama de *cres-*

---

25 Roger T. Forster e V. Paul Marston, *God's Strategy in Human History* (Bloomington, MN: Bethany House Publishers, 1973), pp. 169–170.

cendo)[26] nessa importante passagem, ele declara que ninguém pode reclamar contra Deus pelo que Ele faz, porque o barro não tem direito a demandar do oleiro.

> Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? E que direis se Deus, querendo mostrar a Sua ira, e dar a conhecer o Seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da Sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios? (Romanos 9:20–24)

Calvinistas dependem fortemente dessa passagem da Escritura. White declara:

> A liberdade do Oleiro pulsa através dessas palavras, que flui inexoravelmente para o mar da soberania, apressando qualquer um que seja defensor do livre-arbítrio a sair de seu caminho. Deus tem o direito perfeito de fazer com a Sua criação (incluindo os homens) como Ele deseja, assim como o Oleiro tem soberania absoluta sobre o barro [...]. "vasos de ira [...]". São esses nações [...]? Não, esses são *pecadores* sobre quem a ira de Deus vem. Deles é dito terem sido especificamente "preparados para a destruição". Esse é o seu *propósito*".[27] (grifos no original)

---

26 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 213.

27 Ibid., pp. 213–214.

Que Deus, o Oleiro, 1) tem o direito de fazer com os homens como Lhe agrada, e 2) tolera com muita paciência os vasos da ira, não negamos. Isso é tudo, no entanto, que essa passagem nos fala — ela não nos diz qual é o Seu desejo. Inúmeras outras passagens, no entanto, nos dizem em termos claros que Deus deseja que todos cheguem ao arrependimento e ao conhecimento da verdade, que Ele não deseja que ninguém pereça, e que Ele não tem prazer na morte do ímpio. Já citamos muitas dessas passagens.

Não há *coisa alguma* em Romanos 9:20–24 para indicar que Deus, o Oleiro, faz alguém ser mau ou fazer o mal. Muito menos que essa passagem prova, como os calvinistas afirmam, que Deus predestina alguns para o céu e outros para o inferno. Paulo está se referindo ao uso de Deus do mal inato dos homens maus, como Esaú e Faraó, quando lhe convier Seu propósito, para cumprir Sua vontade. Ao fazê-lo, Ele suporta "a contradição dos pecadores" (Hebreus 12:3). Nem o fato de que Deus traz esses vasos de ira à destruição que eles merecem prova que essa é Sua vontade para eles ou que eles não têm escolha, muito menos que eles foram predestinados à destruição.

O calvinista diz que Deus *pode*, por meio de Graça Irresistível, *fazer* com que toda a humanidade creia em Cristo e o obedeça. Se isso for verdade, então o fato de que Ele não faz isso contraria tudo o que a Bíblia diz a respeito de Suas bondade, misericórdia e graça. Não há explicação para essa contradição gritante: o calvinista é forçado a defender o "mistério".

Em contraste, a Escritura declara que Deus deu aos homens o poder de escolha. Portanto, forçar a graça irresistível sobre eles estaria em contradição com esse dom. Deus não viola a vontade de pessoa alguma. Com certeza, Ele poderia ter sido gracioso e suprimido a maldade de Faraó e Judas foi acomodado a Seus planos — mas que não teria mudado nem seus corações ou seus destinos eternos. Assim como para esses "vasos para desonra [...] preparados para a destruição", no entanto, Ele escolheu, reforçar as suas vontades de maldade, a fim de realizar a Sua vontade. Ele não os levou a escolher o mal, Ele usou sua escolha má para Seus próprios fins, e, ao fazê-lo, "suportou" sua rebelião.

Herman Hoeksema afirma que o exemplo do Oleiro ensina a "soberania absoluta de Deus para determinar o destino final dos ho-

mens, ou à honra ou à desonra, para a salvação e a glória ou para a condenação e a desolação"[28]. Da mesma forma, Piper diz: "é claro que Paulo ainda tem em mente a questão da eleição incondicional [a salvação ou condenação] levantada em Romanos 9:6–13"[29]. Acabamos de dar uma explicação diferente — que é tanto uma exegese razoável, como está de acordo com o caráter do amor e da justiça de Deus — e dezenas de outras escrituras que declaram o amor de Deus por todos e Seu desejo que todos sejam salvos. Paulo não está lidando com o destino eterno de Esaú, Jacó e Faraó.

João 3:16–17 Revisitado

Se há um versículo da Bíblia que cada criança que participou de uma escola dominical evangélica certamente conhece, esse verso é João 3:16. Qual a criança que, encontrando esse versículo pela primeira vez, sem um professor calvinista, concluiria que "mundo" não significa todo o mundo da humanidade, mas um número limitado de pessoas escolhidas por Deus? Nenhuma, naturalmente.

O próprio Calvino, em seu comentário sobre João 3:16, afirmou que "mundo" incluía "todos os homens, sem exceção". Lutero também disse que significava "toda a raça humana". Mas White, percebendo que tal admissão acaba com Expiação Limitada, faz um rodeio final desesperado em torno João 3:16. Ele sugere que a exegese requer "para que todo aquele que Nele crê não pereça" na verdade signifique "a fim de que todo aquele que crê Nele não pereça [...]". Essa leve torção permite White sugerir que *apenas* os eleitos do calvinismo creem (Deus os causando a fazê-lo), e, portanto, Cristo morreu somente por eles. Mesmo que isso fosse verdade, o calvinismo ainda teria que explicar (em vista de sua insistência de que os homens têm de nascer de novo antes de Deus poder dar-lhes a fé) como a *vida*

28 Hoeksema, *God's Eternal Good Pleasure*. Homer C. Hoeksema, ed. e rev. (Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1979), p. 60.

29 John Piper, *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1–23* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 204.

eterna pode ser recebida sem fé (certamente, a "regeneração" soberana não é uma vida *temporária*!). Essa pergunta será considerada sob Graça Irresistível.

Para evitar tal torção de Sua Palavra, o próprio Cristo explica essa passagem de forma inequívoca: "e, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". (João 3:14–15). Não há dúvida de que, assim como a lei e todo o sistema sacrificial levítico eram para "todo Israel" (2 Crônicas 29:24; Esdras 6:17; Malaquias 4:4 , etc.), assim era a provisão de Deus da serpente levantada: "[...] cada um, [...] qualquer homem [...], quando esse olhava para a serpente abrasadora, viveu" (Números 21:8–9). Em um olhar de fé simples, a cura fluía a *cada* e todo israelita, sem exceção. A conexão precisa que Cristo revela entre esse tipo do Antigo Testamento e Sua crucificação pelo pecado ("como Moisés levantou a serpente [...] assim o Filho do homem *deve* ser levantado") não se pode escapar. "[...] que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" é uma promessa para todos.

Cada tipo da Cruz do Antigo Testamento foi para todo israelita. Não houve eleito especial entre eles a quem a Páscoa, o maná, a água da rocha, o Dia da Expiação, ou ofertas gerais pelo pecado foram exclusivamente aplicados. Significantemente, qualquer verificação da lista de escrituras usadas em livros calvinistas irá revelar uma fuga de referências aos tipos de Cristo do Antigo Testamento e Seu sacrifício na Cruz. A razão não precisa de explicação.

Como a maioria dos apologistas do calvinismo, White evita João 3:14–15, e nem sequer tentam lidar com a declaração inequívoca em 3:17, "que o mundo fosse salvo por Ele" (para o qual a sua explicação de João 3:16 não poderia ser aplicada). Obviamente, esse comentário a mais por Cristo explica o significado de toda a seção (João 3:14–18) referente à Sua morte na cruz, deixando muito claro que Deus deu Seu Filho para a salvação de todo o mundo. Nem White cita Calvino ou qualquer outra pessoa a respeito de João 3:17. Nenhum dos treze contribuintes do *Still Sovereign* o aborda (nós lidamos com isso com mais profundidade no capítulo 27).

É claro que a interpretação de White de João 3:16 deve concordar com seu argumento do que 1 João 2:2 não poderia dizer. "Que a morte de Cristo é uma satisfação pelo mundo inteiro". Ele justifica essa visão pelo fato de que João continua a dizer-nos "*a não amar o mundo*"[30]. Como o fato de que não devemos amar o mundo prova que Cristo não morreu pelos pecados do mundo inteiro? Obviamente, João está usando "mundo" de duas maneiras diferentes: as *pessoas* do mundo, e o *sistema* mundial.

Reconhecendo esse fato, White declara com razão que em 1 João 2:15 "mundo" significa "*o atual sistema do mal*, não a população universal da humanidade" (grifo no original). White está agora preso em uma teia de sua própria criação. Se o fato de que "mundo" no versículo 15 significa "o atual sistema mal" refuta a alegação de que no verso 2 significa todas as pessoas no mundo, por que também não refuta a visão de White que significa "todos os cristãos de todo o mundo [...] em todos os momentos e em todos os lugares"?[31]

Não há maneira de escapar do significado simples: em 1 João 2:2, "mundo" significa toda a humanidade não salva.

Cristo Morreu por Todos

As escrituras que declaram que Cristo morreu para salvar toda a humanidade são tão numerosas que só algumas podem ser apresentadas. Nas escrituras tais como "porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido" (Lucas 19:10), "Cristo morreu pelos ímpios" (Romanos 5:6), e "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores" (1 Timóteo 1:15), não há sugestão alguma de que apenas um determinado grupo *eleito* entre os "perdidos [...] ímpios [...] [e] os pecadores" é pretendido. Simplesmente não há qualificador.

Certamente a ideia de que esse tipo de linguagem geral, na verdade, especifica um "eleito" selecionado nunca seria imaginado sem

30 30. James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 194.

31 31. Ibid., p. 274.

doutrinação prévia ao calvinismo. Ainda White vê em tais versos "a particularidade que é negada tão veementemente pelo arminiano"[32].

White argumenta, "não é a mensagem da Bíblia que Cristo *salva* os pecadores? Por qual garantia nós [...] alteraríamos o significado de 'quer salvar' [...]?"

Nós, é claro, poderiamos perguntar a White, "qual é a justificativa para a mudança de 'pecadores' para 'alguns pecadores'?"

Ele então cita a declaração de Paulo: "estou crucificado com Cristo [...] o Filho de Deus, que me amou e Se entregou por mim" (Gálatas 2:20), como prova de que os "pecadores" e "ímpios", et al., significa pecadores *particulares*[33]. Pelo contrário, Paulo está dando um testemunho *pessoal* de sua própria fé em Cristo; ele não pode ser usado para colocar uma limitação em substantivos gerais que aparecem noutros locais. Nem ele diz: "eu só [...], só por mim". Toda pessoa que tem a mesma relação com Cristo como Paulo teve pode fazer a mesma afirmação: "o Filho de Deus, que *me* amou e Se entregou por *mim*", mas isso não significa que Ele não ama o mundo e não morreu por todos.

Naturalmente, por vezes, os escritores inspirados das Escrituras, aplicaram especificamente o que eles disseram para aqueles que foram salvos: "o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de todos *nós* [...]; Cristo morreu pelos *nossos* pecados [...], para que *possamos* ser feita a justiça de Deus Nele [...]; que Se entregou por *nossos* pecados [...]; nos redimiu a Deus com o Teu sangue" (Isaías 53:6; 1 Coríntios 15:3; 2 Coríntios 5:21; Gálatas 1:4; Apocalipse 5:9, etc.). Esse fato, de forma nenhum, anula os muitos versos que dizem tão claramente que Cristo morreu por *todos*.

Paulo não podia declarar mais claramente que o propósito de Cristo em vir ao mundo foi para salvar os pecadores. Que todos os pecadores não são salvos não é porque Cristo não pagou por seus pecados, mas porque todos não aceitam esse pagamento. White argumenta que porque todos os pecadores não se salvam, esse versículo deve, portanto, significar que os "pecadores' que Cristo veio salvar só poderia ser o eleito.

32 Ibid., p. 147.

33 Ibid., pp. 247-249.

Para sustentar esse argumento, no entanto, seria preciso mudar o significado de centenas de outros versículos da Bíblia também. O próprio Jesus declarou: "Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento" (Mateus 9:13). Mais uma vez, todos os pecadores não se arrependem, de modo que o calvinista é obrigado a dizer que Cristo só chama *alguns* pecadores ao arrependimento, ou então sua chamada é em vão.

Como alguém poderia perceber esse significado nessa declaração por Cristo? Apenas calvinistas encontram lá — e só porque o calvinismo exige isso. Mas isso não se segue, porque até mesmo os eleitos muitas vezes não conseguem se arrepender tanto quanto deveriam. Então, seja em qualquer medida que eles não consigam dar honra e glória completa e obediência a Deus, eles não estão frustrando os propósitos de Deus, assim como é dito que os não eleitos o fazem, quando rejeitam o evangelho? Será que é realmente a vontade de Deus que multidões de cristãos vivam vidas tão rasas e até mesmo desobedientes? Ou é porque assim o desejaram?

Repetidamente, a Bíblia diz que Deus deseja resgatar e abençoar todo o Israel e que sua recusa a se arrepender o impede de fazê-lo. Ele envia os Seus profetas dia e noite para pleitear com Israel a arrepender-se, para Ele não ter que puni-los. No entanto, Deus quer que apenas *alguns* de Israel se arrependam? Muitos outros exemplos semelhantes poderiam ser dados para mostrar que o calvinismo transforma as súplicas amorosas e compassivas de Deus e de Cristo aos pecadores em uma farsa.

Deus Tem Duas Vontades Conflitantes?

Nada poderia ser mais claro em refutar a Expiação Limitada do que a declaração de Paulo de que Deus "que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (1 Timóteo 2:4). Piper admite que Paulo está dizendo que "Deus não Se deleita no perecimento do impenitente e que Ele tem compaixão de todos os povos". Mas isso soa como uma "fala dúbia" se o calvinismo for verdadeiro (ou seja, se Deus só elege alguns para o céu e envia

o resto para o inferno), assim ele se propõe a mostrar que há "'duas vontades' em Deus [...], que Deus decreta um estado de coisas, ao mesmo tempo desejando e ensinando que um estado diferente de coisas deve acontecer"[34]. Essa é a fala dúbia.

John MacArthur, Jr., como vimos, também tenta escapar da linguagem clara de Paulo e da mensagem de toda a Escritura com a mesma ideia surpreendente que Deus tem duas vontades conflitantes. Aqui está o texto completo de sua explicação:

> **2:4 deseja que todos os homens sejam salvos.** A palavra grega para "desejo" não é o que normalmente expressa a vontade do decreto de Deus (Seu propósito eterno), mas a vontade do desejo de Deus. Há uma distinção entre o desejo de Deus e Seu propósito salvador eterno, que deve transcender os Seus desejos. Deus não quer os homens em pecado. Ele odeia o pecado com todo o Seu Ser (Salmos 5:4; 45:7); assim, Ele odeia suas consequências — impiedade eterna no inferno. Deus não quer que as pessoas permaneçam para sempre em impiedade eterna, em remorso eterno e ódio de si mesmo. No entanto, Deus, para Sua própria glória, e para manifestar essa glória em ira, escolheu suportar "vasos [...] preparados para a destruição" para a realização suprema da Sua vontade (Romanos 9:22). Em Seu propósito eterno, Ele escolheu somente os eleitos do mundo (João 17:6) e ignorou o resto, deixando-os às consequências de seu pecado, sua incredulidade e sua rejeição de Cristo (cf. Romanos 1:18–32). Em última análise, as escolhas de Deus são determinadas por Seu propósito soberano e eterno, não por Seus desejos.[35]

---

34 34. John Piper, "Are There Two Wills In God?", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), pp. 108–109.

35 35. John MacArthur, *The MacArthur Study Bible* (Nashville, TN: Word Publishing, 1997), p. 1862.

Como Deus poderia ter "desejos" contrários ao Seu "propósito eterno, soberano"? Essa condição em um homem é condenavel como sendo de ânimo duplo (Tiago 1:8, 4:8). Como poderia o propósito eterno de Deus transcender Seu desejo? Em nenhum lugar a Bíblia diz que Deus tem duas vontades conflitantes. Isso seria impossível para Deus, "que faz todas as coisas segundo o conselho da Sua vontade" (Efésios 1:11) — um verso favorito dos calvinistas.

Ser vacilante seria inconcebível para Deus. O calvinista insiste que Deus *poderia* fazer com que todos cressem e fossem salvos, se assim o desejasse. Então, como poderia Deus desejar que todos sejam salvos, um desejo que Ele *poderia* fazer acontecer (de acordo com o calvinismo), e ainda assim não fazer isso? Tal sugestão nem é bíblica nem racional.

MacArthur acrescenta ao seu erro ao equiparar a alegada falta de Deus em cumprir o Seu desejo que todos sejam salvos com Sua incapacidade de impedir todos os homens de pecar. Agora temos mais um problema. Ou o homem tem um verdadeiro poder de escolha, ou todo pecado deve ser atribuído a Deus. Na verdade, o último é o que MacArthur implica e que os principais calvinistas, como R .C. Sproul, declaram, como já amplamente visto.

O calvinista é apanhado nos laços de um dilema. Como ele pode manter a posição de que Deus decreta e causa tudo, e ainda exonera Deus da maldade e do castigo eterno da grande maioria da humanidade? Ele cai de volta na teoria de que Deus *realmente* não quer esse estado de coisas, e ainda assim o Seu propósito eterno e Seus decretos o exigem. Que contradição!

A solução bíblica é tão simples: que Deus, de fato, ama o homem, não quer que ninguém se perca, e providenciou perdão total, redenção, vida eterna, e a transformação de um novo nascimento para todos — mas Ele deu ao homem o poder de escolha para que o homem pudesse amar seus semelhantes e, acima de tudo, amar a Deus. Pecado, tristeza e juízo eterno estão, portanto, sobre os ombros do homem (fruto de sua vontade própria), e não dos de Deus. Mas o calvinista não poderia permitir a liberdade da vontade do homem, porque isso destruiria TULIP.

"Todos os Homens" Significa "Todas as Classes de Homens"?

Contrariando o companheiro calvinista MacArthur, White segue João Calvino em usar uma manobra diferente para contornar essa passagem. Ele se refere em outros lugares em que a expressão "todos os homens" não deve ser tomada literalmente, como a declaração de Ananias a Paulo em sua conversão, "porque hás de ser sua testemunha para com todos os homens [...]" (Atos 22:15). Mas White dá o seu motivo:

> É claro que Paulo não poderia pensar que estas palavras significava que ele iria testemunhar de Cristo a cada ser humano individual sobre o planeta. Em vez disso, ele certamente teria entendido que isso significa todos os *tipos* e *raças* de homens [...]. Paulo fala de *tipos* de pessoas em outros lugares também. [...] gregos e judeus, circuncisos e incircuncisos, bárbaros, citas, escravos e homens livres [...].
>
> Por isso, é perfeitamente consistente com o contexto imediato e mais amplo dos escritos de Paulo de reconhecer esse uso de "todos os homens" de uma forma genérica.[36]

Pelo contrário, Paulo nunca teria entendido Ananias querer dizer *tipos* e *raças* de homens. Obviamente, "todos os *tipos* e *raças*" não é mais razoável do que "todos os homens". Japoneses? Aborígenes australianos? Siberianos ou índios norte-americanos? Se é isso que Ananias quis dizer, ele era um falso profeta. Há certamente muitos tipos e raças de homens a quem Paulo nunca testemunhou durante sua vida na Terra.

O que qualquer um de nós entenderia em tal declaração dirigida a nós mesmos querer dizer? Nem todos os homens em todos os lugares (e certamente não *todos os tipos*), mas todos aqueles com quem

36 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 139–143.

entraríamos em contato, e com quem entraria Paulo, que incluiria através de seu testemunho nas Escrituras também. Mas o que faz a interpretação de White forçada de uma declaração de Ananias tem a ver com a clara declaração de Paulo de que Deus quer que "todos os homens sejam salvos'?

White argumenta ainda que por que Paulo diz que a oração é para ser feita "por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão em posição de autoridade", ele está se referindo a "classes de homens" e que a seguinte frase "que quer que todos os homens sejam salvos", portanto, na verdade, significa "que quer que *todas as classes de homens* sejam salvas"[37]. Na verdade, "reis [...] e todos em autoridade" se refere a apenas uma classe de homens — isto é, os governantes. White está somente ecoando Calvino aqui: "o significado do apóstolo aqui é simplesmente que [...] Deus considera todos os homens como sendo igualmente dignos de compartilhar a salvação. Mas ele está falando de classes e não de indivíduos, e sua única preocupação é incluir príncipes e nações estrangeiras neste número"[38].

Piper se envereda pelo mesmo rumo: "é possível que a exegese cuidadosa de 1 Timóteo 2:4 nos levasse a crer que 'Deus quer que todas as pessoas sejam salvas' não se refire a cada pessoa no mundo, mas sim a todos *tipos* de pessoas [...]"[39]. A "exegese cuidadosa" que ele sugere que apoiaria essa ideia nunca é revelada.

Os calvinistas gostam de citar Spurgeon para o apoio, mas aqui ele os acusa (assim como nós) de alterar o sentido literal do texto. O grande pregador discutiu essa passagem da Escritura em profundidade, e, no processo, contradisse seu próprio Calvinismo como ele se expressou em outros momentos:

---

37 Ibid.

38 João Calvino, *Calvin's New Testament Commentaries* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1994), vol. 10, p. 209.

39 John Piper, "Are There Two Wills In God?", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 108.

> E então? Tentaremos colocar outro significado no texto além daquele que ele justamente suporta? Eu não acho [...]. Deveis, a maioria de vós, estar familiarizados com o método geral em que os nossos amigos calvinistas mais velhos lidam com esse texto "todos os homens"; eles dizem "isto é, alguns homens", como se o Espírito Santo não poderia ter dito "alguns homens", se Ele quisesse dizer alguns homens. "Todos os homens", dizem eles, "isto é, alguns tipos de homens", como se o Senhor não pudesse, "todos os tipos de homens", se Ele tivesse a intenção de isso dizer. O Espírito Santo pelo apóstolo escreveu "todos os homens", e, sem dúvida, Ele quer dizer todos os homens [...]. Meu amor pela coerência com os meus próprios pontos de vista doutrinais não é grande o suficiente para me permitir conscientemente alterar um único texto da Escritura.[40]

Com Spurgeon, pedimos novamente, se "*todas* as classes" é o que o Espírito Santo quis transmitir, por que não foi claramente afirmado? A verdade é que o Espírito Santo declarou em linguagem inequívoca que Deus não deseja que *ninguém pereça* — e mexe com a Palavra de Deus quem coloca uma interpretação calvinista nela!

"Reis e todos os que estão em posição de autoridade" são mencionados como sujeitos especiais de oração por uma razão definitiva: "para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica [...]". Alguém pode imaginar seriamente que Paulo pediu oração pelos reis e aqueles que têm autoridade a fim de transmitir a Timóteo (e a nós hoje) que *todas as classes de homens* foram feitos para ser os destinatários do evangelho: comerciantes, pastores de ovelhas, soldados, funileiros, alfaiates, ladrões, etc.?

Paulo não teria medo de que, a menos que sejam expressamente mencionados todos eles, algumas classes desprezadas como prostitutas ou escravos poderiam ser negligenciadas por Timóteo e por nós hoje? Não. Cristo já havia dito a seus discípulos "pregar o evangelho a toda criatura"! Que Cristo queria dizer *todos*, cada cristão sabia no passado e sabe hoje.

---

40 C. H. Spurgeon, *Metropolitan Tabernacle Pulpito*, vol. 26, pp. 49-52.

Quanto a 1 Timóteo 2:6 ("que Se deu em resgate por todos"), White cita a referência de R.K. Wright à "demonstração meticulosa por John Gill de que a exegese arminiana de passagens-chave (como 2 Pedro 3:9 e 1 Timóteo 2:4–6) é falaciosa"[41]. No entanto, ele não consegue nos dar refutação de Gill. Por que tal esforço para mudar o significado de um texto claro?

Primeira Timóteo 4:10 ("que é o Salvador de todos os homens') é outra escritura que afirma sem margem para dúvidas que Cristo morreu por todos. Mais uma vez White não tem coisa alguma a dizer sobre isso. MacArthur comenta: "a questão é que Ele é o único Salvador, a quem ninguém no mundo pode se voltar para o perdão e vida eterna — e, portanto, todos são convidados a abraçar Jesus Cristo como Salvador [...]. Estabelecendo o Seu próprio Filho como Salvador do mundo, Deus mostra o mesmo tipo de amor a todo o mundo que se manifestou no Antigo Testamento para os israelitas rebeldes. É um amor sincero, de bom coração, compassivo que oferece misericórdia e perdão"[42].

MacArthur está falando sério? Isso é típico do "calvinista moderado", a fala dúbia, em contraste com a franqueza daqueles a quem eles chamam de "hipercalvinistas" por não tentarem esconder a verdade sobre o calvinismo. *Amor Sincero, de bom coração, compassivo que oferece misericórdia e perdão* àqueles pelos quais ambos os "moderados" e "hiper" concordam que Cristo não morreu, e que, como todos os calvinistas afirmam, não podem responder à oferta sem ser soberanamente regenerados (um privilégio que "moderados" concordam é apenas para os eleitos), e que (mais uma vez os "moderados" estão de acordo) foram predestinados ao tormento eterno, um fato que nada pode mudar?! A quem os "moderados" acham que eles estão enganando? Certamente ninguém, senão a si mesmos.

---

41 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 25.

42 John MacArthur, Jr., *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996), p. 116.

CAPÍTULO 21

MAIS ESCRITURAS ESSENCIAIS

O que se segue é um pouco mais das Escrituras que os calvinistas tentam escapar. Hebreus 2:9 ("para que ele, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem") é dada a interpretação calvinista familiar. White cita o versículo 17: "feito semelhante aos Seus irmãos [...], um misericordioso e fiel sumo sacerdote [...], para fazer propiciação pelos pecados do povo". Ele passa a "explicar":

> Qual "povo" está em vista aqui? São os "muitos filhos" de 2:10, aqueles que Ele "santifica" (2:11), "Meus irmãos" (2:12), "os filhos que Deus Me deu" (2:13) [...]. À luz dessa passagem, entendemos a declaração de Hebreus 2:9, "para que, peia graça de Deus, provasse a morte por todos". Outra passagem frequentemente citada fora do contexto por arminianos; no entanto, definida tão claramente no texto.[1]

Vamos considerar o contexto. Mesmo quando o escritor usa "nós", ele nem sempre se refere apenas aos crentes: "como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação [...]?" (Hebreus 2:3). Certamente essa passagem é dirigida a toda a humanidade e não apenas aos eleitos; a menos que o calvinista esteja disposto a admitir que os eleitos podem negligenciar a sua salvação e, assim, se perderem. Essa admoestação solene introduz toda essa seção de Hebreus 2, a qual continua na mesma veia nos capítulos 3 e 4. Aos leitores são dadas várias advertências e exortações, para se agarrar à fé e não a endurecer o coração, para que não se pereçam como os filhos de Israel pereceram no deserto, por causa da incredulidade.

Que essa seção contém referências aos dados a Cristo por Deus, através de Seu sacrifício, não dá garantias para se interpretar "provar a morte por cada homem", como significando que Ele provou a morte, apenas pelos eleitos. Sem dúvida, toda a epístola é dirigida aos crentes, como são todas as epístolas e toda a Bíblia — porém muito também é dito para e sobre os perdidos.

---

1 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free - A Liberdade do Oleiro: Uma Defesa da Reforma e uma Refutação à* Eleitos, Mas Livre *de Norman Geisler* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), 246- 247.

Todos de Israel não foram salvos e muitos morreram, por isso Israel dificilmente poderia significar os calvinistas eleitos. Todo o contexto em torno de Hebreus 2:9, contém alguns dos versos mais fortes e que os arminianos citam em apoio à crença de que, a salvação pode ser perdida, incluindo os seguintes:

- Hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações [...]. (Hebreus 3:7–8)

- Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel para se apartar do Deus vivo. (Hebreus 3:12)

- Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até o fim [...]. (Hebreus 3:14)

- Temamos, portanto, que, esquecida a promessa de entrarmos no Seu descanso, pareça que algum de vós fique para trás. (Hebreus 4:1)

- [...] aqueles a quem [o evangelho] foi primeiro pregado, não entraram, por causa da incredulidade. (Hebreus 4:6)

Curiosamente, em seu livro escrito para refutar o arminianismo e defender o calvinismo, White evita completamente esses versos, que compõem todo o contexto de Hebreus 2:9. E ele faz isso, com a intenção de repreender os arminianos por evitarem o *contexto*!

E Quanto a 2 Pedro 2:1?

Outra passagem importante entre as referidas brevemente no último capítulo é a de 2 Pedro 2:1 ("haverá falsos mestres [...] que negarão o Senhor que os resgatou"). É evidente que esses falsos mestres estão perdidos — ainda que tenham sido "comprados" com o sangue de Cristo. Essa é uma clara negação da Expiação Limitada. Embo-

ra, aparentemente, aceitos como "professores" dentro da igreja, eles nunca foram salvos, como é o caso daqueles a quem Judas se refere, que "se introduziram furtivamente [...], homens ímpios [...], ordenados para essa condenação" (Judas 4). Esta passagem, também, é, completamente, negligenciada, por White e a maioria dos outros apologistas calvinistas.

Muitos poucos calvinistas têm tentado lidar com escrituras como Hebreus 10:29 e 2 Pedro 2:1, que falam da destruição daqueles que desprezam o "sangue da aliança com o qual [foram] santificados" e "desprezaram o Senhor que os resgatou [...]". A Bíblia de Estudo de Genebra editada por Sproul tenta escapar, simplesmente ignorando as contradições óbvias do calvinismo. Vance cita a maioria, daqueles que fizeram tais tentativas.[2]

> Charles Bronson insiste que "se aproxima de blasfêmia dizer que Cristo derramou Seu sangue precioso por alguns e, em seguida, depois de tudo, que eles pereceram no inferno"[3]. Então o que é que esses versículos dizem? Dabney descarta ambos os versos porque: "a linguagem de Pedro e a de Hebreus[...] pode receber uma solução inteiramente adequada, sem ensinar que Cristo realmente 'comprou' ou 'santificou' qualquer apóstata, dizendo que os apóstolos falam ali '*ad hominem*'".[4]

"*Ad hominem*"? O que *isso* significa, nesse contexto?! "*Pode*" haver uma solução que esclareça tal linguagem clara? Se houver, os calvinistas ainda não conseguiram chegar a um acordo sobre ela.

A respeito daqueles que Hebreus 10:29 diz que foram santificados, Beck afirma que eles foram "santificados, mas não foram

---

2 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), pp. 455–456.

3 Charles W. Bronson, *The Extent of the Atonement* (Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1992), p. 45.

4 Robert L. Dabney, *Systematic Theology*, 2. ed. (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1985), p. 525.

salvos"[5]. Mas, como pode um calvinista admitir que alguém, a não ser um eleito, foi santificado, como MacArthur afirma claramente em sua *Bíblia de Estudo*? Que aqueles descritos, em ambas as passagens, estão eternamente perdidos não pode ser questionado. Assim, ficamos com apenas duas opções: 1) eles uma vez foram salvos e perderam a sua salvação; ou 2) eles nunca foram salvos, no entanto, foram comprados e santificados pelo sangue de Cristo. Nenhuma escolha cabe no calvinismo! Não é de se admirar, então, que os calvinistas geralmente evitem essas duas passagens.

Gill sustenta que o próprio Cristo aqui, "é dito, ser santificado"[6] — o que, absolutamente, não se encaixa no contexto. Owen torna-os meros "professores da fé do Evangelho"[7], com o que estamos de acordo — porém, isso não explica como esses "meros professores", não eleitos, poderiam ser "santificados" com o sangue de Cristo. Além de alguns comentários isolados, a maioria dos calvinistas permanece estranhamente silenciosa a respeito dessas duas passagens. Até mesmo, em seu comentário de Hebreus, Pink evita Hebreus 10:29.

Certamente que a Expiação Limitada deve ser renunciada. João 3:16 significa o que diz. O sangue de Cristo foi derramado pelos pecados de todo o mundo e, nesse sentido, todos são "santificados". Como Paulo escreve em 1 Timóteo 4:10, Cristo "é o salvador de *todos os homens*", na medida em que a salvação foi comprada para todos, até mesmo para aqueles que O rejeitam; e Ele é o salvador, "especialmente dos que creem", porque eles deram crédito ao Evangelho, receberam a Cristo e estão, portanto, salvos eternamente.

---

5 Frank B. Beck, *The Five Points of Calvinism*, 2. ed. (Lithgow, Australia: Covenanter Press, 1986), p. 53.

6 John A. Gill, *The Cause of God and Truth* (Paris, AR: The Baptist Standard Bearer, 1992), p. 58.

7 John Owen, *The Works of John Owen*. William H. Goold, ed. (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 3. impressão de 1978), vol. X, pp. 365–366.

Entendendo 2 Pedro 2:9

No que diz respeito a 2 Pedro 3:9, White remete novamente à refutação supostamente incrível de John Gill, mas não reveladora[8]. Por duas vezes ele sugere que a "visão reformada" dessa passagem pode ser "uma interpretação mais consistente" do que a que Geisler oferece, mas ele falha em revelá-la[9]. Em seguida, ele promete que "uma interpretação exegética da passagem" está a caminho[10]. Então, somos informados de que, Geisler falha em fazer "uma discussão tão significativa e pormenorizada" da passagem quanto "a exegese reformada" — no entanto, nem Geisler nem a "exegese reformada" são explicados.[11]

Finalmente, nos é dada a interpretação calvinista de que "o Senhor não retarda [...], mas é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento". White declara que, "a passagem não está falando sobre a salvação como seu tema". Com base nisso, ele, sumariamente, exclui a possibilidade de que Pedro queira dizer o que afirma com tanta clareza.

Na verdade, a passagem fala de uma série de coisas: os últimos dias; zombadores que, surgiriam ridicularizando a ideia de que, Cristo voltaria para juízo; um lembrete do dilúvio que destruiu o mundo daqueles dias e que o mundo atual será destruído pelo fogo; que o Dia do Senhor virá como um ladrão; que o universo inteiro será dissolvido; que nós, portanto, devemos viver uma vida religiosa; que as pessoas instáveis e iletradas torcem o significado das epístolas de Paulo; e, finalmente, há uma exortação para manter-se longe do erro e para "crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo."

---

8 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 25.

9 Ibid., pp. 135–136.

10 Ibid., p. 137.

11 Ibid., p. 143.

Visto que Pedro lida com tanta coisa nesse capítulo final da sua epístola, não há razão para a salvação não poder ser incluída. Certamente, ele pode se dirigir a salvos e não salvos, nesse verso. Se não, temos uma séria contradição. A frase "longânimo para convosco" não pode ser dirigida a, *apenas*, os eleitos. Ele deve incluir toda a humanidade. Se não, a frase que se segue ("não querendo que ninguém pereça") deve aplicar-se somente os eleitos. Mas essa última frase *somente* pode significar toda a humanidade, uma vez que ela, se refere a um perecimento que, certamente, não coloca em perigo os eleitos.

Há apenas duas possibilidades: a referência é a 1) perecem sob a penalidade do pecado ou escapar dessa penalidade pelo arrependimento; ou 2) perecer no fogo que irá destruir o mundo ou escapar dele. Certamente, perecer no fogo destruidor do mundo, pelo juízo de Deus, não é mais aplicável aos eleitos do que perecer sob a penalidade do pecado. John Owen argumentou: "veja, então, de quem o apóstolo está falando aqui [...]. Dos tais que tinham recebido 'grandes e preciosas promessas'[...] a quem ele os chama de 'amados' [...]. O texto é claro que são todos e somente os eleitos os que para ele não haveriam de perecer"[12]. Da mesma forma, John Gill escreve: "não é verdade que Deus não quer que qualquer um indivíduo da raça humana se perca, já que ele tem feito e nomeado os ímpios para o dia do mal [...]. Também não é a Sua vontade que todos os homens [...] cheguem ao arrependimento, já que Ele retém de muitos tanto os meios quanto a graça do arrependimento [...]"[13].

Gill não está diretamente contradizendo o que Deus de forma tão clara e repetidamente expressa a respeito do Seu desejo de que todos sejam salvos? Por exemplo, o se que segue é tão inequívoco que, diante disso, a contradição de Gill nos parece nada menos do que uma blasfêmia: "por minha vida, diz o Senhor DEUS, que não tenho prazer na morte do ímpio; mas que o ímpio se converta do seu caminho e viva: convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus

---

12 John Owen, *The Works of John Owen*. William H. Goold, ed. (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 3. impressão de 1978), vol. 10, pp. 348–349.

13 John A. Gill, *The Cause of God and Truth* (Paris, AR: The Baptist Standard Bearer, 1980), pp. 62–63.

caminhos; porque morrereis, ó casa de Israel?" (Ezequiel 33: 11). Não há qualquer maneira de definir "os maus" e "casa de Israel" como eleitos!

Apesar de ser um calvinista, John Murray, ex-professor do Seminário de Westminster a quem Cornelius Van Til chamou de "um grande exegeta da Palavra de Deus"[14], declarou: "Deus não quer que homem algum pereça. Seu desejo é, sim, que todos devam entrar na vida eterna, vindo em arrependimento. A linguagem nessa parte do verso é tão absoluta, que é altamente antinatural imaginar Pedro querendo dizer meramente que Deus não deseja que quaisquer crentes pereçam [...]"[15]. Escrevendo no século II, Justino Mártir sugere que Deus está atrasando o Juízo Final, porque "em Sua presciência Ele vê que alguns serão salvos pelo arrependimento, alguns esses que talvez ainda não existem"[16].

Será Que os Eleitos Estão em Perigo de Perecer?

Vamos supor que White está certo e que o assunto não é a salvação. "Perecer", portanto, deve referir-se a perecer no fogo do juízo de Deus que, no Dia do Senhor, destruirá o universo. Isso, certamente, é uma possibilidade válida para os incrédulos, mas White afirma que "qualquer" e "todos" se refere aos eleitos. Agora temos um novo problema: como poderia haver qualquer perigo de que os eleitos possam perecer no fogo final do julgamento de Deus — e como Sua longanimidade lhes preveniria de tal fim?

White argumenta que, visto a epístola é dirigida aos crentes, ela só pode referir-se aos crentes, em toda parte. Uma das muitas cartas que recebi sobre esse assunto afirma: "como em todas as epístolas, 2 Pedro é endereçada aos *eleitos* [...]. Pedro não está falando com a hu-

14 Citado em Iain H. Murray, *The Life of John Murray* (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1984), p. 93.

15 John Murray, *The Free Offer of the Gospel* (sem editora, sem data), p. 24.

16 Justino Mártir, capítulo 28 de *The First and Second Apologies, Ancient Christian Writers*, n. 56 (Nova Iorque: Paulist Press, 1997).

manidade em geral aqui [...]"[17]. Temos demonstrado, lógica e biblicamente, que esse argumento, usado com frequência pelos calvinistas em outras instâncias também, não tem fundamento. O fato de que os crentes estejam sendo abordados não é razão para que Pedro não possa fazer uma declaração a respeito do desejo de Deus pelo mundo inteiro, inclusive do destino dos infiéis.

Embora Pedro não esteja falando à humanidade em geral, porém somente aos eleitos, ele certamente não está falando apenas *a respeito dos* eleitos. São os eleitos que serão os escarnecedores dos últimos dias? Foram os eleitos que pereceram no dilúvio? É o eleito que irá perecer no fogo vindouro, que irá destruir o mundo e todo o universo? Certamente não. Nem poderiam aqueles a quem Deus é longânimo, para que não pereçam no futuro julgamento, serem os eleitos.

Além disso, a salvação é, sem dúvida, o tema de pelo menos esse versículo, uma vez que ele se refere ao arrependimento, o qual Deus deseja para todos; e, certamente, o arrependimento para a salvação é o único meio de libertação da ira vindoura. Porém os eleitos, sendo já salvos, não precisam de arrependimento para a salvação, pois como poderia "*ninguém* pereça [...] *todos* cheguem ao arrependimento" referir-se a eles?

Além disso, a doutrina da Graça Irresistível afirma que Deus pode fazer com que *qualquer um* se arrependa e creia no Evangelho, a *qualquer* tempo — assim, por que a longanimidade seria mencionada, se a referência é aos eleitos? Se o assunto é a salvação ou não, o calvinismo está em apuros. Apesar das contradições que acabamos de apontar, a única saída é insistir que o verso não se refere a toda a humanidade, mas, somente, aos eleitos. Agora estamos diante de mais uma redundância: será que Deus não está desejando que qualquer daqueles que Ele soberanamente elegeu para não perecer não pereça? E Ele é longânimo para atingir esse objetivo? Tais argumentos são insustentáveis.

A única compreensão coerente deste verso é que o "para conosco" na frase "longânimo para convosco" é como um editorial "nós", que inclui a todos. É verdade que no único outro lugar em que essa

17 Da Inglaterra para Dave Hunt, datada de 8 de setembro de 2000. Em arquivo.

expressão é encontrada, no Novo Testamento ela se refere claramente ao salvo. Porém, um uso não constitui uma regra. "Para conosco" introduz as declarações a respeito da "longanimidade" e do "perecer", o que só poderia aplicar-se ao mundo em geral.

Pedro está se referindo à destruição do universo, do qual os eleitos foram libertos. Os ímpios são aqueles que irão perecer. A única compreensão coerente do versículo é que Deus não quer que *ninguém* se perca, e, como Ele fez com Israel, é longânimo ao instar com eles, aguardando que se arrependam e sejam salvos — conforme declara, toda a Escritura.

E Quanto a 1 Timóteo 4:10?

Deve ser dada alguma atenção adicional à declaração de Paulo de que Cristo "é o Salvador de todos os homens, especialmente, dos que creem". Certamente, "aqueles que creem" devem ser os eleitos para quem Cristo é o Salvador, de uma maneira *especial;* porém não é verdade que O seja de "todos os homens", em geral. Assim, "todos os homens" não pode, possivelmente, significar os eleitos. White omite referências a essa passagem, assim como muitos outros calvinistas.

Há, é claro, contrastes semelhantes, feitos em outros lugares, na Escritura. Paulo exorta à oração "por todos os homens [...], para que tenhamos uma vida tranquila e sossegada [...]" (1 Timóteo 2:1–2). Certamente, o "nós" que estão a orar devem ser os cristãos, e os "todos os homens" devem ser todos os outros. Mais uma vez, Paulo escreve: "façamos o bem a todos os homens, especialmente aos [...] da família da fé" (Gálatas 6:10). Os verdadeiros crentes deve ser a família da fé, mais uma vez, definida, em contraste com "todos os homens".

Não só White e MacArthur, como vimos, mas outros calvinistas adotam um raciocinio surpreendente, a fim de escapar do ensino básico das Escrituras. Gary North explica que "Cristo é, verdadeiramente, o Salvador de todos os povos, antes do dia do juízo"[18]. "Salvador"

18 Gary North, *Dominion and Common Grace* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1987), p. 44.

em que sentido? North não explica, nem pode. Calvino não é menos irracional em sua afirmação de que Salvador significa, simplesmente, que Cristo mostra a "bondade" a todos os homens[19]. Onde será que "Salvador" é usado para significar "bondade"? E que bondade abençoaria nesta vida e predestinaria ao tormento por toda a eternidade, como o calvinismo ensina?

Calvino acrescenta que, por "Salvador", a passagem, apenas, significa (para os não eleitos) que Cristo os "guarda e os preserva"[20]. Pink e Beck declaram algo, como Calvino, que "Salvador de todos os homens" significa, simplesmente, que Cristo é o "preservador" de todos os homens. *Temporariamente*? Preservar de que ou para quê?

De que forma Deus "preserva" aqueles a quem Ele predestinou para a condenação eterna? E o que se quer dizer por "bondade" de Deus para aqueles a quem predestinou, antes de seu nascimento, ao Lago de Fogo, e de quem Ele retém a salvação, a qual Ele *poderia* dar-lhes, se assim o desejasse? Estamos consternados com esses esforços ultrajantes de escapar do ensino básico das Escrituras — e estamos ofendidos, por nosso Deus, em tal ousadia de perverter a Sua Palavra e Seu caráter!

Sproul explica: "**Salvador de todos os homens.** A chamada geral ao Êarrependimento e à salvação é estendida a todas as pessoas" (ênfase no original).[21] "Como pode a salvação" ser estendida "àqueles por quem Cristo não morreu? E como pode essa suposta "chamada [...] à salvação" fazer de Cristo o Salvador daqueles que são, totalmente depravados e incapazes de responder a esse apelo e que já foram predestinados à condenação eterna? O calvinismo parece perverter, não somente a Bíblia, mas a mente dos homens, de modo a que eles sejam capazes de fingir que essas contradições óbvias fazem sentido.

MacArthur vai mais fundo, na tentativa de remover a contradição:

---

19 João Calvino, *Commentary on the Gospel of John, The Comprehensive João Calvino Collection* (Ages Digital Library, 1998) obra citada, vol. 3, p. 245.

20 Ibid.

21 R. C. Sproul, Editor Geral, *New Geneva Study Bible* (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1995), p. 1913.

> No entanto, a palavra grega traduzida "especialmente" deve significar que todos os homens desfrutam da salvação de Deus, de alguma forma, como aqueles que creem desfrutam da Sua salvação. A explicação mais simples é que Deus é o Salvador de todos os homens apenas em um sentido temporal, enquanto dos crentes em um sentido eterno [...]; todos os homens experimentam alguns benefícios terrenos da bondade de Deus. Esses benefícios são: 1) a graça comum [...], a bondade de Deus mostrada a toda humanidade, universalmente [...], cobrindo-a de bênçãos temporais[...]; 2) a compaixão, o amor de um coração partido, pela piedade de Deus, adverte a indignos, pecadores não regenerados [...]; 3) admoestação [...], Deus, constantemente, adverte os pecadores quanto ao seu destino, o que demonstra o coração de um Criador compassivo, que não tem prazer na morte do ímpio (Ezequiel 18:30–32; 33:11); 4) o convite do Evangelho, a salvação em Cristo é indiscriminadamente oferecida a todos [...] [22]

Longe de remover a escandalosa contradição, MacArthur só a enfatiza, ao apontar com precisão o que a Bíblia ensina. Que Deus tem o "amor de um coração partido pela piedade" e "constantemente adverte os pecadores quanto ao seu destino" e que "a salvação em Cristo é indiscriminadamente oferecida todos" é o ensino claro da Escritura. Porém essa é a própria antítese do calvinismo, o qual ensina que Cristo morreu apenas pelos eleitos, e a salvação é somente para eles.

O próprio MacArthur declara que "Deus escolheu deste mundo somente os eleitos"[23] e que assim como "um cadáver não poderia sair de um túmulo e caminhar"[24], os não eleitos não poderiam até mesmo ouvir as advertências e as ofertas de salvação; muito menos

---

22 John MacArthur, *The MacArthur Study Bible* (Nashville, TN: Word Publishing, 1997), p. 1867.

23 Ibid., p. 1867.

24 John MacArthur Jr., *Saved Without A Doubt* (Colorado Springs: Chariot Victor Books, 1992), p. 58.

responder em fé. Assim, como poderia a salvação sinceramente ser "oferecida" aos não eleitos? Quão profundos são os buracos que os calvinistas cavam para si, na tentativa de conciliar a sua teoria com a Escritura!

É um insulto para o Deus, que é amor, dizer que, ao dar bênçãos temporais nesta terra àqueles a quem Ele predestinou ao tormento eterno, no Lago de Fogo, antes que eles tivessem nascido, seja a "salvação de Deus, de alguma maneira [...]"! E é uma zombaria cruel, dizer àqueles por quem Cristo nem sequer morreu, que Deus é o Seu Salvador! Sproul e MacArthur sabem muito bem, o que Paulo quer dizer por salvação — não é algo temporário, para esta vida somente!

Agarrando-se às Palhas

O verso final listado anteriormente entre aqueles refutando a Expiação Limitada (embora pudéssemos citar muitos outros), é 1 João 4:14: "o Pai, enviou Seu Filho, para ser o Salvador do mundo". Esta é mais uma escritura que White evita (como faz MacArthur, em sua Bíblia de estudo). Ao invés disso, White concentra atenção, sobre as passagens que se referem claramente às bênçãos que Deus tem planejado aos Seus eleitos.

É esperado apenas que Paulo e outros escritores inspirados das Escrituras recordem aos remidos que Cristo morreu por eles e que o Pai entregou Cristo à cruz por causa deles. Tais passagens, no entanto, como vimos, não implicam de modo algum, e muito menos declaram, que a morte de Cristo foi *apenas* por eles e não também pelos pecados do mundo inteiro. Se assim fosse, essas passagens entrariam em contradição, com as muitas outras que declaram, na sua linguagem mais clara que Cristo, de fato, morreu por todos. Contudo, esses são os únicos lugares aos quais o calvinista pode se voltar em busca de um apoio positivo ao seu argumento. Assim, White nos diz:

> O Pai não poupou ou reteve o Seu próprio Filho, antes, O entregou *por todos nós* [Romanos 8:32]. A palavra "entregou" refere-se à doação do Filho em sacrifício. A [mesma]

> palavra grega é usada nesse contexto por Paulo como em Efésios 5:2 (em que Cristo dá a Si mesmo *por nós*) e 5:25 (onde Cristo dá a Si mesmo, *pela Igreja*). Ela, também, é usada em Mateus 27:26, na entrega de Jesus para ser crucificado. O Pai entregou o Filho para morrer na cruz, *por nós* [...]. O Pai deu o Filho *em nosso lugar;* no lugar de Seu *povo eleito*.
>
> À luz do enorme preço pago por nossa redenção em Cristo, Paulo, então, pergunta: "como Ele (o Pai) não nos dará também com Ele (Cristo) todas as coisas?" A quem Paulo está falando? Aos eleitos de Deus. Certamente, esaas palavras não podiam ser ditas a respeito de cada ser humano, por duas razões: Cristo não é "dado" na eternidade à pessoa que resiste à ira de Deus e, Deus, obviamente, não dará "todas as coisas" àqueles que passarão a eternidade no inferno [...]; esta é uma passagem vazia [se ela] diz que Deus *oferece* todas as coisas; porém, muito poucos, realmente, *vão obtê-las*. Não, ela é clara: Deus dá "todas as coisas" àqueles por quem Ele deu o Seu Filho como sacrifício. Esse sacrifício foi *por eles*; foi feito em seu lugar.[25] (ênfase no original)

É Claro. No entanto, passagens como essas nada têm a ver com a oferta de salvação ao mundo e, portanto, não contradizem o claro ensino bíblico, em muitos outros lugares, de que Cristo morreu por todos e que a salvação é oferecida a todos. Que o eleito deve louvar a Deus por dar a Cristo para morrer por eles (e que a Bíblia, especificamente, lembra aos eleitos do que Cristo fez por eles) não significa de modo algum que Cristo morreu *somente* por eles.

Que os calvinistas devem agarrar-se a essas palhas apenas expõe a falência de sua teoria. Se o fato de que os remidos são gratos a Cristo por morrer por seus pecados provar que Ele morreu *somente*

---

25 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 236–238.

por eles, então, o mesmo raciocínio estabeleceria que Cristo amou *somente* a Paulo e morreu *somente* por ele. Afinal, Paulo, cheio de gratidão, declara: "*estou* crucificado com Cristo [...], o Filho de Deus, que *me* amou e Se entregou *por mim*" (Gálatas 2:20).

Escondendo a Verdade

MacArthur cita um sermão inteiro que foi pregado na Escócia, em 7 de junho de 1724, pelo pastor calvinista Thomas Boston, sobre o texto de 1 João 4:1. O trecho a seguir é suficiente para revelar o pensamento torcido que é exigido para justificar o calvinismo, diante das Escrituras, às quais declaram claramente o Seu desejo amoroso de salvar toda a humanidade:

> É A GRANDE VERDADE E O TESTEMUNHO *do evangelho que o Pai enviou o seu Filho, Jesus Cristo no caráter de Salvador do mundo* [...]. Não há coisa alguma de bom no mundo, porém o que existe é um remédio que é encontrado em Cristo para [ele] [...]. O Salvador do mundo é, certamente, capaz de salvar o mundo; uma vez que ele foi enviado de Deus nesse caráter [...]. [*Caráter*, mas não real[...] *capaz* de salvar, mas não para salvar?]
>
> Nosso Senhor Jesus é o *real* Salvador dos eleitos apenas, em cujo lugar e proveito Ele morreu na cruz [...]. Nosso Senhor Jesus Cristo é o Salvador *oficial*, não apenas dos eleitos, mas do mundo da humanidade indefinidamente [...]. Deus, olhando o mundo em ruínas da humanidade, constituiu e nomeou Jesus Cristo, Seu Filho, o Salvador do mundo. Cristo tem a patente do Céu, para esse ofício e, onde quer que o evangelho chegue, Ele é apresentado como Salvador, por ofício [...]. Dessa forma, o problema jaz aqui: neste sentido oficial, Cristo é o Salvador do mundo inteiro [...], qualquer dos pecadores dentre a humanidade pode *lançar mão* dessa salvação [...] [[...] *Ofício*[...] *sentido oficial*[...] todos os pe-

> cadores podem lançar mão daquilo que é *real* apenas aos eleitos? Que conversa duplamente perversa!]
>
> Se não fosse pelo fato de que, Cristo é o Salvador do mundo, Ele não poderia, de forma segura, ser oferecido com Sua salvação ao mundo indefinidamente; mas apenas aos eleitos. Se Ele não fosse comissionado ao ofício de Salvador de todos os homens, o ato de chamar todos os homens a confiarem Nele como Salvador de qualquer um deles não seria tão apropriado quanto o Seu oferecimento, legalmente, aos anjos caídos [...].
>
> Como você pode recebê-Lo e lançar mão Dele? Somente pela fé. Somente crendo Nele; sendo convencido de seu pecado e estado sem esperança; e, desejando ser salvo de ambos. Creia que Cristo é o *seu* Salvador, pela designação de Seu Pai; e, assim, de forma completa, confie Nele, como um Salvador crucificado e em Sua completa salvação, fundamentando-se na fidelidade de Deus, em Sua Palavra. [Os não eleitos, supostamente, *creem* [...], *lançam mão de* e, *recebem* o que Deus reservou apenas aos eleitos? Que zombaria!"[26] (ênfase no original)

Aqui vemos, claramente, a esquizofrenia, na qual o calvinista "moderado" cai inevitavelmente em seu esforço para se distanciar daqueles, a quem ele chama de "hipercalvinistas". O último admite francamente que o calvinismo ensina que Deus não ama a todos, nunca pretendeu que todos fossem salvos e que predestinou a todos, menos os eleitos, ao tormento eterno. Sob a capa, de muito palavreado "moderado", Thomas Boston tenta negar esse fato — como faz MacArthur, que o cita como apoio. Contudo, Boston admite que, Cristo é o "Salvador *real* apenas dos eleitos [e] morreu apenas por eles". Porém, para esconder a negação do calvinismo de que Ele é o

26 John MacArthur, Jr., *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996), pp. 199-214.

"Salvador de todos os homens", bem como a sua clara contradição a respeito do amor de Deus, como a Bíblia apresenta, Boston perversamente declara que Cristo tem "o *caráter* de Salvador do mundo", tem esse *ofício* e é, portanto, o "Salvador *oficial* de toda a humanidade".

Como Cristo poderia ser o Salvador *oficial* de todos e, no entanto, morrer, apenas, pelos eleitos, e que nunca ter intencionado salvar qualquer outra pessoa não é explicado. De alguma forma, atribuir a Cristo o *caráter* de Salvador do mundo e dar a Ele o título de Salvador *oficial* da humanidade não Lhe permite, absolutamente, prover salvação a todos — e, no entanto, permite ao calvinista, fingir que tal limitação não se aplica.

Isso é uma loucura! E, no entanto, essa é a base sobre a qual o calvinista "moderado" solenemente jura que ele acredita que Deus ama o mundo inteiro; que deseja que o mundo inteiro seja salvo e que deu a Cristo para salvar toda a humanidade. E devemos acreditar que os "moderados" querem dizer o que a Bíblia quer dizer e, também, devemos acreditar no que os não calvinistas querem dizer com as mesmas palavras!

Muitos não calvinistas são enganados por esse subterfúgio que os move para mais perto de se tornarem, eventualmente, pseudocalvinistas. E o Evangelho? É claro, Boston, cinicamente, insta a todos a receberem a Cristo pela fé e diz que, se eles, não o fizerem, eles são os próprios culpados. Ele não quer colocar um obstáculo no caminho da fé deles ao admitir que, de acordo com o calvinismo, a fé é um dom de Deus, dado somente aos eleitos depois de terem sido, soberanamente, regenerados por Deus. Porém a sua relutância em admitir isso não muda o fato de que esse é o ensino do calvinismo. E tragicamente ao aprender essa doutrina, segue-se o fato, que têm sido a ruína de muitos, quando começam a examinar a si mesmos, de determinar se eles estão, na verdade, entre os eleitos.

O Infinito Amor de Deus, Expressado Através de Paulo

A Expiação Limitada não pode ser apoiada a partir da Bíblia, sem evitar muitas passagens e adotar interpretações especiais, para mui-

tas outras. Os argumentos calvinistas, a respeito do sangue de Cristo sendo desperdiçado, se derramado por muitos, os quais, não dariam crédito, são enganosos. Assim, Deus desperdiçou o Seu tempo e o tempo e esforço, dos seus profetas, que chamaram, sem sucesso, milhões de Judeus, durante séculos, a se arrependerem. Da cruz, Cristo clamou: "Pai, perdoa-lhes," a respeito daqueles que, foram crucificados e zombavam Dele. Será que Ele estava desperdiçando o Seu fôlego, uma vez que muitos, se não a maioria, daqueles que O insultavam e O crucificavam, nunca se arrependeriam e, portanto, não seriam perdoados? E, como Ele poderia rogar ao Pai, para perdoar-lhes, exceto, sob a base do Seu sangue derramado por seus pecados? Porém, se esse foi derramado, somente, pelos eleitos, como poderia Cristo, sinceramente, pedir perdão, por qualquer um dos nãoeleitos?

Paulo declara, em evidente agonia da alma: "Digo a verdade, em Cristo[...], tenho grande tristeza e incessante dor no meu coração[...] para com os meus irmãos, meus parentes, segundo a carne" (Romanos 9:1–3). Ele, até mesmo, deseja ser amaldiçoado por Deus, se, isso, pudesse salvar os Judeus. Certamente, este é o amor de Deus, para com o perdido, que era a motivação de Paulo.

Contudo, o calvinismo insiste em que Deus, que é *amor*, predestinou bilhões ao inferno, enquanto Paulo, que, com certeza, está em contato com Deus, agoniza pela salvação deles! Será que Paulo é mais amoroso do que Deus? De onde vem esse amor? Não seria blasfêmia para Paulo, desejar a salvação daqueles, a quem, Deus não deseja salvar? Pelo contrário, temos dito que, Deus deseja "que todos os homens sejam salvos[...]"! Rob Zins escreveu este autor:

> Finalmente, você levanta alguns problemas filosóficos com a *demanda* de Deus de que todos os homens em todos os lugares devem se arrepender e crer, com a correspondente *vontade* de Deus, a qual determinou que apenas a alguns será dada a capacidade de fazê-lo. Essa é uma questão difícil de enfrentar. Porém ela não é mais difícil de enfrentar do que o fato de que todos os homens sejam condenados pelo pecado de um só homem, Adão. Ela não é mais difícil de enfrentar do que o fato de que o pecado, a corrupção, o

> mal e todas as outras formas de pecado, foram *permitidos* que continuassem, quando Deus poderia acabar com todos elas.[27]

Pelo contrário, há uma enorme diferença entre *permitir* aos homens pecar e *levá-los* a pecar. Há uma grande distinção entre sentenciar justamente ao tormento eterno aqueles que continuam a desafiar a Deus (rejeitando a salvação que Ele graciosa e amorosamente providenciou para eles) e os predestinar ao Lago de Fogo, sem dar-lhes ou oferecer-lhes esperança alguma, qualquer que seja.

Como já foi observado, tendo dado ao homem o poder de escolha, Deus poderia acabar com todo o mal, apenas, ao destruir todos os homens. Até mesmo "pecadores salvos", por vezes, pecam (1 João 1:9). Contudo, Deus é amoroso e longânimo, convida os homens ao arrependimento, a se voltarem a Ele e receberem a salvação, que Ele oferece. Apesar de todo o pecado e de serem, justamente, condenados, Deus providenciou salvação e a tornou disponível, a todos os que creem. Ele não a pode forçar sobre ninguém, entretanto, sem destruir o homem como um agente moral, capaz de amar e ser amado. No entanto, o calvinismo de forma antibíblica afirma que Deus *poderia* salvar a todos, porém Se recusa a fazer isso, porque essa é Sua "boa vontade", condenar multidões.

Continuamente, nas Escrituras, Cristo e os homens de Deus, desde Moisés até Paulo, expressaram um desejo ardente pela salvação dos pecadores. Obviamente, nem todos crerão, no entanto, o desejo sinceramente expresso é de que o possam fazer. Os calvinistas alteram a linguagem simples das Escrituras, até mesmo, negando que Deus ama a *todos*, apesar das inúmeras declarações claras que Ele fez a respeito — ao propor um amor fingido que oferece "graça" temporária, àqueles que, predestinou à condenação eterna.

Sim, Cristo em Sua oração ao Pai, por Si mesmo, diz: "Eu não oro pelo mundo" (João 17: 9). Isso não significa, entretanto, anular o amor do Pai e de Cristo pelo mundo, nem anular o fato de que Ele morreu pelos pecados de todo o mundo. Esta não é uma oração de

27 Robert M. Zins a Dave Hunt, 24 de agosto de 2000. Em arquivo.

salvação para o perdido, a quem, Cristo convidou várias vezes que se chegasse a Ele, mas uma oração especial, apenas pelos crentes.

Inquestionavelmente, há versos difíceis que lidam com todo o assunto de nossa salvação. Eles devem ser interpretados no contexto de toda a Escritura. Em última análise, o que acreditamos a respeito do próprio Deus irá determinar a nossa compreensão da Santa Palavra de Deus.

O Deus da Bíblia é *amor*, as Suas misericórdias são sobre todas as Suas obras, Ele não quer que ninguém se perca e, Ele amou o mundo de tal maneira, que deu Cristo, para pagar a penalidade do pecado por todo homem. Portanto, a graça não pode ser irresistível ou todos seriam salvos — o quarto ponto do calvinismo, ao qual chegamos agora.

CAPÍTULO 22

A GRAÇA IRRESISTÍVEL

Na doutrina da Graça Irresistível, encontramos mais uma vez a influência persuasiva de Agostinho. Boettner nos informa: "essa verdade fundamental do cristianismo [a Graça Irresistível] foi pela primeira vez claramente enxergada por Agostinho"[1]. Warfield diz que Agostinho "[a] recuperou para a Igreja"[2]. Da mesma forma, alguns batistas concordam que "Agostinho pode ser considerado como o pai do sistema soteriológico [chamado] de 'calvinismo'"[3]. Até mesmo Sproul diz, "o agostinianismo é, atualmente, chamado de calvinismo ou teologia reformada"[4]. Shedd declara:

> Agostinho explica o fato de que alguns homens são renovados e alguns não são pelo decreto incondicional (*decretum absolutum*), segundo o qual Deus determina, dentre a massa da humanidade caída (*massa perditionis*), cuja totalidade está igualmente culpada e sob condenação, selecionar uma porção sobre a qual Ele concede a graça renovadora; e deixa o restante à sua própria autovontade e à operação da lei e da justiça."[5]

Tendo uma vez ensinado o livre-arbítrio e que Deus deseja salvar toda a humanidade[6], Agostinho, mais tarde, mudou seu ponto de vista. A fé se tornou algo que Deus concedeu irresistivelmente

---

1 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 365.

2 Benjamin B. Warfield, *Calvin and Augustine*. Samuel G. Craig, ed. (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1956), p. 321.

3 Kenneth H. Good, *Are Baptists Calvinists* (Rochester, NY: Backus Book Publishers, 1988), p. 49.

4 R. C. Sproul, *The Holiness of God*(Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1993), p. 273.

5 William G. T. Shedd, *A History of Christian Doctrine*, 3. ed. (Nova Iorque: Charles Scribner and Co., 1865), p. 70.

6 Agostinho, *On the Spirit and the Letter*. Em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 57.

aos eleitos sem que eles tenham crido em alguma coisa, sem que tenham tomado qualquer decisão ou, até mesmo sem que tenham tido conhecimento de que eles estavam sendo regenerados[7]. Por esse raciocínio, o homem (estando, por natureza, morto em pecado) não pode sequer *ouvir* o evangelho — e, muito menos, responder aos apelos de Cristo. A Graça Irresistível decorre dessa premissa antibíblica, à qual se apegam os calvinistas apesar do fato de que o nosso Senhor chama a *todos*: "vinde a Mim *todos* os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei [...]; se alguém tem sede, venha a Mim e beba" (Mateus 11:28; João 7:37), etc. Aparentemente, *todos*, até mesmo os espiritualmente mortos, podem ouvir, vir e beber, conforme outras passagens deixam muito claro. Dave Breese escreve: "se a graça fosse irresistível, falhar-se-ia, até mesmo, em entender a razão para a pregação do Evangelho [...]"[8]. Certamente, seria um absurdo para Deus apelar aos homens que se arrependessem e cressem se eles *não pudessem* a menos que Ele, irresistivelmente, levasse-os a fazê-lo.

As Sérias Consequências da Soberania Mal Aplicada

Vamos recapitular o calvinismo até este ponto: por causa da Depravação Total, aqueles a quem Deus escolheu incondicionalmente e predestinou à vida eterna e por quem unicamente Cristo morreu são, primeira e soberanamente, regenerados sem fé, sem entendimento ou até mesmo sem consciência do que está acontecendo com eles. Daí em diante (alguns diriam, simultaneamente), a graça de crer em Cristo como Salvador e Senhor é imposta, irresistivelmente, aos recém-eleitos e regenerados, aos quais Deus desde a eternidade passada predeterminou salvar, e a eles é dada a fé para crer em Cristo. Piper diz que o homem deve primeiro

7 Agostinho, *On the Predestination of the Saints*, obra citada, pp. 7, 8, 16.

8 Dave Breese, "The Five Points of Calvinism " (artigo de publicação do autor, sem data), p. 3.

> [...] nascer de Deus. Então, com a nova natureza de Deus, ele imediatamente recebe a Cristo. Os dois atos (a regeneração e a fé) estão tão estreitamente ligados, que na experiência não podemos distingui-los [...]; o novo nascimento é o efeito da graça irresistível [...]; um ato soberano de criação [...].[9]

A Graça Irresistível é essencial à teoria calvinista da salvação. Ninguém pode resistir à graça salvadora de Deus, que é imposta irresistivelmente àqueles a quem Ele predestinou à vida eterna. Como Piper diz: "não pode haver salvação, sem a realidade da graça irresistível. Se estamos mortos em nossos pecados, totalmente incapazes de nos submeter a Deus, então nunca creremos em Cristo a menos que Deus vença a nossa rebelião"[10].

Infelizmente, essa doutrina também — assim como toda a TULIP — conduz a uma negação do amor, da misericórdia e da graça de Deus, conforme revelados nas Escrituras. Piper declara: "Deus é soberano e pode superar toda resistência quando quiser [...]; a graça irresistível se refere à obra soberana de Deus para superar a rebelião de nossos corações e nos conduzir à fé em Cristo, para que possamos ser salvos"[11]. Se isso fosse verdade, Deus poderia ter imposto, irresistivelmente, a graça sobre Adão e Eva e poupado a humanidade do sofrimento e do mal que resultaram da sua rebelião. Por que não o fez? *Que amor é esse?*

Será que Deus, realmente, não ama e não tem compaixão do mundo (conforme diz a Bíblia), mas unicamente de uns poucos eleitos (conforme insistem os calvinistas)? Piper diz que Deus escolheu salvar, unicamente, os eleitos, impondo irresistivelmente a Sua graça sobre eles e que Ele predestinou o restante da humanidade ao tormento eterno. Esse não é um cenário horrível a toda consciência? E

---

9 John Piper e a Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff" (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 12.

10 Ibid., p. 9

11 Ibid.

não é maligno ao Deus da Bíblia cujas "misericórdias são sobre todas as Suas obras" (Salmos 145: 9) e que "deseja que todos os homens sejam salvos" (1 Timóteo 2:4)?

Se, como diz a Bíblia, Deus ama verdadeiramente a todos e deu a todos o poder de escolha, então os perdidos são responsáveis pela sua própria desgraça, através da deliberada rejeição da salvação, a qual Deus amorosa e livremente oferece em Cristo. No entanto, Hodge declara: "de acordo com o esquema agostiniano, os não eleitos têm todas as vantagens e oportunidades de assegurar a sua salvação [...]"[12]. Que vantagens e oportunidades de salvação têm aqueles por quem Cristo não morreu, os quais Ele predestinou à condenação eterna antes de nascerem e de quem Deus retém a regeneração e a graça irresistível, sem as quais os calvinistas dizem que ninguém pode crer para a salvação? Isso é uma zombaria! No entanto, Sproul, Piper, MacArthur, e outros líderes calvinistas "moderados" de hoje persistem nessa contradição óbvia!

Além disso, como podem essas pessoas serem justamente responsabilizadas? Se um paraplégico é culpado por não se tornar um ginasta de classe mundial ou um homem ser culpado por não ter filhos ou sua esposa por não poder amamentar os filhos? Absurdo! No entanto, somos informados de que a perfeita justiça de Deus opera dessa forma. Tragicamente, a deturpação de Deus pelo calvinismo tem levado muitos a se afastarem de Deus como se de um monstro.

Alegadamente, Deus criou todos os homens incapazes de escolherem buscá-Lo e de crer no Evangelho. A única esperança está no próprio Deus soberanamente regenerar o pecador — porém Ele só faz isso a uns poucos eleitos e condena o restante, a fim de provar a Sua soberania e Sua justiça. Essa é a mensagem da TULIP. Considerando-se um dos eleitos, Piper encontra grande alegria na TULIP e não expressa qualquer pesar pelo destino predestinado daqueles a quem essa doutrina só poderia causar angústia eterna:

12 Charles Hodge, *Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1986), vol. 2, p. 643.

> Precisamos repensar nossa doutrina reformada da salvação, para que cada membro e cada ramo na árvore estejam em sintonia com a seiva do prazer agostiniano. Precisamos deixar claro que a *depravação total* não é só maldade, mas a cegueira [...]; que a *eleição incondicional* significa que a integridade da nossa alegria em Jesus foi planejada para nós, antes mesmo de existirmos [não importa que a desgraça eterna também tenha sido planejada para os outros]; e que a *expiação limitada* é a garantia de que a indestrutível alegria em Deus é infalivelmente garantida a nós [os eleitos por quem unicamente Cristo morreu] pelo sangue da aliança; e a *graça irresistível* é o compromisso e o poder do amor de Deus [...]; a *perseverança dos santos* é a onipotente obra de Deus para nos manter [...].[13] (ênfase no original)

Que Amor, Compaixão e Graça São Estes?

Unicamente os eleitos unicamente desfrutam do "deleite agostiniano" de terem sido escolhidos à salvação. Qual prazer há para aqueles que, antes de virem à existência, já estavam predestinados ao tormento eterno? Nem pode o calvinista ter a menor simpatia por aqueles a quem Deus já, por Sua boa vontade, condenou eternamente.

Em contraste, considere a garantia que a Bíblia, repetidamente assegura de que o amor e a graça de Deus por toda a humanidade são ilimitados e eternos. Aqui estão apenas algumas escrituras, entre as muitas, nesse sentido:

- Pois o Senhor vosso Deus, é gracioso e compassivo e não desviará o Seu rosto de vós, se voltarem para Ele. (2 Crônicas 30:9)

- Tu és um Deus pronto para perdoar, gracioso e misericordioso, longânimo e grande em benignidade [...]; porque és um Deus clemente e misericordioso. (Neemias 9:17, 31)

---

13 John Piper, *The Legacy of Sovereign Joy: God's Triumphant Grace in the Lives of Augustine, Luther; and Calvin* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2000), p. 73.

- Mas Tu, Senhor, és um Deus cheio de compaixão, gracioso, longânimo e grande em misericórdia e em verdade. (Salmos 86:15)
- O Senhor é gracioso e cheio de compaixão. (Salmos 111:4; 112:4; 145:8, etc.)
- E rasgai o vosso coração e não as vossas vestes; e convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque Ele é misericordioso e gracioso [...]. (Joel 2:13)
- Porque eu sabia que és um Deus gracioso e misericordioso [...], de grande benignidade. (Jonas 4:2)

Como centenas de outras, cada uma dessas escrituras é dirigida a todos em Israel, a maioria do qual rejeitou a graça de Deus. Nunca há qualquer indício de que a misericordiosa compaixão de Deus se estenda a menos que a todos. "Nós O amamos, porque Ele nos amou primeiro" (1 João 4:19), declara que o nosso amor é em resposta ao amor de Deus. Em nenhum lugar, as Escrituras indicam que amamos a Deus, conforme Piper exulta, porque estamos entre um seleto grupo a quem Ele predestinou para a salvação e soberanamente regenerou.

E quanto àqueles alegadamente não escolhidos para a salvação, a quem Deus nunca teve a intenção de salvar, por quem Cristo não morreu e para os quais não há esperança? Não é sádico *ordenar-lhes* a amar a Deus? No entanto, esse primeiro dos Dez Mandamentos, como todos os outros, é um mandamento a todos. Como poderiam os não eleitos amar a Deus, quando Deus não os ama? Tal ensino desonra a Deus e só pode causar ressentimento em relação a Ele.

Infelizmente, na leitura de dezenas de livros calvinistas, encontra-se muita exaltação à soberania de Deus, mas quase nada ao Seu amor. Packer admite, "nos dias da Reforma, desde então, os tratamentos do amor de Deus na eleição, eram frequentemente [...] preteridos por disputas de uma espécie abstrata sobre a soberania de Deus na reprovação"[14]. O que mais o calvinismo, tem a oferecer!?

---

14 J. I. Packer, "The Love of God: Universal and Particular", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 281.

Como Piper declara: "a doutrina da graça irresistível significa que Deus é soberano e pode superar toda resistência, quando Ele quiser"[15].

O cristão deve amar os outros com o amor de Deus, conforme a sua força e seu exemplo, pois "o amor é de Deus" (1 João 4:7), "[...] o amor de Deus é derramado, em nossos corações, pelo Espírito Santo, que nos foi dado" (Romanos 5:5), "vós mesmos sois instruídos, por Deus, a amar uns aos outros" (1 Tessalonicenses 4:9).

O amor de Deus, que flui através do crente, tem um efeito prático: "mas aquele que tiver bens no mundo e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar o seu coração, em compaixão para com ele, como pode permanecer nele o amor de Deus?" (1 João 3:17). Somos ordenados a amar os nossos inimigos e fazer o bem a todos, mesmo àqueles que nos odeiam (Mateus 5:44; Lucas 6:35, etc.). Quão estranho é que o amor de Deus, que habita em nós, atenderia infalivelmente através de nós as necessidades dos outros — no entanto, o próprio Deus vê bilhões nas piores necessidades e Se recusa a ajudá-los — e mais, condena aqueles a quem Ele poderia salvar. Certamente, esse não é o Deus retratado na Bíblia!

Um Deus Longânimo

A soberania no calvinismo, como vimos, é tal que Deus está por traz de todas as emoções e ações de cada indivíduo, causando cada pecado e cada impulso de "amor". Supostamente, o coração do homem é "tornado disposto", a fim de amar a Deus. Mas "tornar disposto" é um paradoxo. Alguém pode ser persuadido ou convencido, mas não *tornado* disposto, porque a vontade deve ser própria e disposta.

Mais uma vez somos obrigados a perguntar: "que amor é esse?" Se, do Deus de Calvino, se pode dizer que Ele ama, seja de que modo for , é com um amor que supostamente pode ser imposto a *qualquer*

15 John Piper e a Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the " (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 9.

um e com uma resposta do homem que é dada pela mesma imposição. Mas essa não é a natureza do amor.

Em contrapartida, na Bíblia, os infinitos amor, graça e misericórdia de Deus são poderosamente demonstrados em Seu trato com Israel. Além disso, a rejeição e o ódio contra Ele pelo desobediente Israel levam o verdadeiro amor de Deus a iluminar ainda mais a todos. Embora ele próprio um calvinista, D. A. Carson expressa claramente a contradição do calvinismo:

> Toda a profecia de Oseias é um retrato surpreendente do amor de Deus. Deus, o Todo-poderoso, é comparado a um marido traído e enganado. Porém a intensidade da paixão de Deus para com a nação da aliança chega a um clímax em Oseias 11. "Quando Israel era menino", Deus declara: "Eu o amei, e do Egito chamei o Meu filho: (11:1) [...]". Mas, quanto mais Deus amava Israel, mais eles se afastavam. Deus foi quem cuidou deles [...], Aquele que "conduziu-os com cordas de amor e bondade humana" (11:4). No entanto, eles [...] "sacrificaram a Baal e amaram a idolatria". Então Deus promete julgamento. Eles retornarão ao "Egito" e à Assíria, ou seja, ao cativeiro e escravidão, "porque eles se recusam a arrepender-se" (11:5). Suas cidades serão destruídas (11:6) [...]. Assim, isso soa como se implacável julgamento fora pronunciado. Mas, então, é quase como se Deus não suportasse a ideia. Em uma agonia de intensidade emocional, Deus chora:
>
> "Como posso desistir de ti, ó Efraim?
> Como posso te entregar, Israel?
> Meu coração está mudado dentro de Mim;
> toda Minha compaixão está despertada.
> Eu não vou realizar Minha ira [...].
> Porque Eu sou Deus, e não o homem [...].
> Eu não virei em ira [...].
> Eu os farei habitar em suas casas",diz o Senhor.[16]

---

16 D. A. Carson, *The Difficult Doctrine of the Love of God* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2000), pp. 46–47.

No entanto, se o calvinismo é verdade, essas súplicas são uma farsa. Os eleitos não precisam delas e os não eleitos não podem responder a elas. Os totalmente depravados que são eleitos à salvação devem ser regenerados e infundidos com a Graça Irresistível, enquanto o resto da humanidade é condenado, sem remédio. Por que fingir esse amor e preocupação, quando o homem não tem escolha e quando Deus pode, irresistivelmente, levar qualquer um a fazer o que quer que Ele deseje?

Para provar a soberania e a justiça de Deus, salvar unicamente uns seletos eleitos e condenar o restante foi, supostamente, necessário e será eternamente a Sua maior glória. Obviamente, no entanto, Deus não precisa condenar ninguém, a fim de provar a Sua soberania ou a Sua justiça. Se não é uma ameaça à soberania de Deus salvar os eleitos, não seria ameaça para Ele salvar mais um milhão ou mais cem milhões — ou, sendo ainda mais amoroso, salvar toda a humanidade.

Dezenas de passagens da Bíblia não deixam dúvida de que Deus ama e deseja abençoar, não apenas um eleito que será resgatado de Israel, mas a todos em Israel (e, portanto, toda a humanidade também), incluindo aqueles que recusam Seu amor e a graciosa oferta de bênção. O próprio caráter de Deus é refletido nos mandamentos que Ele deu a Seu povo escolhido. Eles foram dados para restaurar até mesmo a um inimigo, o seu boi ou jumento que tinha se desgarrado (Êxodo 23:4). No entanto, não daria o próprio Deus à humanidade errante a bondade que Ele ordena ao homem que dê aos animais? Tal ensino não soa verdadeiro à Escritura ou à consciência que Deus colocou dentro de cada pessoa (Romanos 2:14-15).

Uma Fundamental Incompreensão

Como é que essa grave calúnia a respeito do caráter santo de Deus surgiu entre os verdadeiros cristãos? Principalmente através de uma ênfase excessiva na soberania de Deus, à exclusão dos demais atributos. Imagina-se que, se o homem pode fazer uma escolha — se, até mesmo, com a persuasão e atração do Espírito Santo, ele pode, de

boa vontade e de coração, responder ao amor de Deus no evangelho — a soberania de Deus foi anulada. Pink insiste que se o homem pudesse por um ato de sua vontade crer em Cristo e recebê-Lo, "então o cristão teria motivo de orgulho e autoglorificação em relação à *sua* cooperação com o Espírito [...]"[17]. Até mesmo Carson, em um livro que tem tanta verdade equilibrada a oferecer, cai nesse erro:

> Se Cristo morreu por todas as pessoas com exatamente a mesma intenção [...], então, certamente, é impossível evitar a conclusão de que a marca distintiva última entre aqueles que são salvos e aqueles que não são é a sua própria decisão, a sua própria vontade. Isso é, certamente, base para jactância.[18]

Somente um calvinista poderia deixar de ver a falácia desse argumento. A salvação é "o dom de Deus" (Romanos 6:23). Como poderia um presente ser recebido sem a capacidade de escolher? A capacidade de dizer não — que é tudo o que o calvinismo concede ao totalmente depravado — não tem sentido sem a capacidade acompanhante de dizer sim.

Além disso, como poderia a aceitação de um presente fornecer uma base para a jactância? Se o presente é oferecido a todos livremente para usufruto, aqueles que recebem o presente não têm base alguma para dar qualquer crédito a si mesmos. Tudo foi fornecido em Cristo, é Sua obra, a Ele é toda a glória e é absurdo sugerir que o pecador desesperado, que foi resgatado sem mérito ou esforço de sua parte, porém simplesmente por receber a graça de Deus, poderia, assim, gabar-se de alguma coisa.

O calvinista é tão terrível que qualquer resposta da parte do homem desafiaria a soberania de Deus, assim ele inventa cada vez mais argumentos insustentáveis. Charles Hodge insiste que "se a graça efi-

---

17 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão. 1986), p. 128.

18 D. A. Carson, *The Difficult Doctrine of the Love of God* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2000), pp. 78-79.

caz é o exercício do poder onipotente, ela é irresistível"[19]. Seguindo o mesmo raciocínio, C. D. Cole escreve: "o poder da graça é o poder de Deus. Assim, torna-se adequado falar de graça irresistível. Certamente, podemos falar de um Deus irresistível!"[20]

A falha em tal raciocínio é elementar. Poder onipotente não tem coisa alguma a ver com a graça, o amor ou a outorga de um presente. Na verdade, assim como o próprio Deus não pode forçar pessoa alguma a amá-Lo (a resposta coercitiva é o oposto do amor), da mesma forma seria o oposto da graça forçar qualquer presente ou benefício de "graça" a qualquer pessoa que não queira recebê-lo. Para ser um presente, ele deve ser recebido de bom grado. *Poder* não tem a ver com o dom gracioso e amoroso de Deus.

Beck, assim como muitos calvinistas, ecoa o mesmo argumento infundado: "eu repito, o Evangelho de Cristo é o poder de Deus, para a salvação! *Nada* pode pará-lo [...]; se a graça de Deus pode ser resistida *com sucesso*, então *Deus* pode ser superado!".[21] Tais argumentos são um embaraço à razão sadia. O poder de Deus na salvação se refere à Sua capacidade de pagar a penalidade do pecado, para que Ele possa ser justo e, ao mesmo tempo, justificar pecadores; ele não se refere à imposição da Sua salvação àqueles que, de outra forma, O rejeitariam. Em nenhum lugar na Bíblia há tal conceito. Sempre o conceito é: "todo aquele que *quiser* pode vir" — nunca a imposição da graça de Deus, a qualquer pessoa indisposta. Aqui nós temos que concordar com Armínio, que disse: "a graça não é um ato onipotente de Deus, o qual não pode ser resistido pelo livre-arbítrio dos homens"[22]. Não pode ser ou não seria graça, pela própria definição.

---

19 Charles Hodge, *Systematic Theology* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1986), vol. 2, p. 687.

20 C. D. Cole, *Definitions of Doctrines* (Swengle, PA: Bible Truth Depot, sem data), p. 84.

21 Frank B. Beck, *The Five Points of Calvinism*, 2. ed. (Lithgow, Australia: Covenanter Press, 1986), p. 40.

22 Jacó Armínio, *The Works of James Arminius*. James e William Nichols, trad. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), vol. 1, p. 525.

Iavé enviou Seus profetas, geração após geração, para suplicar pelo arrependimento de um povo que, firmemente, recusou a oferta de Sua graça. Por que a graça não foi "irresistível"? Se o poder onipotente de Deus pode levar quem Ele quiser, a receber o dom da Sua graça, então o "dom" não é mais dom, a "graça" já não é mais graça e o homem não é um ser moralmente responsável.

Em todas as súplicas de Deus a Israel por seu arrependimento, e em todas as Suas promessas de abençoá-lo caso viesse ao arrependimento, nunca há qualquer sugestão de que Ele poderia ou iria impor a Sua graça sobre Israel de forma irresistível. Nenhum calvinista jamais deu uma explicação bíblica para a Graça Irresistível.

Conforme apenas um dos muitos exemplos, Deus chora, "oh! Que o Meu povo Me tivesse ouvido! [...] Em breve, Eu abateria os seus inimigos, [e] também os teria alimentado com o mais fino trigo" (Salmos 81:8–16). Em vez disso, o juízo de Deus caiu sobre Israel. Será que foi o julgamento que Ele sempre intencionou; e será que as Suas súplicas não eram sinceras? Somos levados, pelo calvinismo, a essa conclusão — o que compromete toda a Escritura. Tais apelos a Israel e a toda a humanidade são transformados em um fingimento vergonhoso.

Mais Contradições

Esse elementar, porém sincero, equívoco a respeito da onipotência é fundamental ao calvinismo. Tom Ross argumenta: "se cada homem possui o livre-arbítrio, o qual é poderoso o bastante para resistir à vontade de Deus na salvação, o que impediria o mesmo homem de escolher resistir à vontade de Deus no julgamento do grande Trono Branco, para condenação?"[23] Ross está confuso. Aqueles reunidos diante do grande Trono Branco lá estão porque eles têm, repetidamente, endurecido o seu coração contra o amor de Deus e a graciosa oferta de salvação. Agora, eles enfrentam o Seu julgamento. A Graça é *oferecida* em amor; o julgamento é *imposto* pela justiça e à força.

23 Tom Ross, *Abandoned Truth: The Doctrines of Grace* (Providence Baptist Church, 1991), p. 56.

Será que Ross não consegue enxergar qualquer diferença entre a salvação oferecida pela graça de Deus e o julgamento imposto por Sua justiça? Será que Ele fala sério ao sugerir, que uma vez que a salvação poderia ser rejeitada, da mesma forma o julgamento o poderia ser? Nem todos os calvinistas concordam. Assim, Carson escreve que "a soberania incondicional de Deus e a responsabilidade dos seres humanos são mutuamente compatíveis"[24].

Não minimizamos a soberania de Deus — mas dizemos que ela deve estar em equilíbrio com Seus outros atributos. Carson declara: "Eu não acho que o que a Bíblia diz sobre o amor de Deus pode sobreviver, por muito tempo, na vanguarda do nosso pensamento, se ele for captado a partir da soberania de Deus, da santidade de Deus, da ira de Deus, da providência de Deus ou da pessoa de Deus — para mencionar apenas alguns elementos inegociáveis do cristianismo básico"[25].

A soberania absoluta de Deus não impediu a rebelião por Satanás e de Adão, a desobediência contínua do homem aos Dez Mandamentos e sua permanência, como uma ovelha perdida, rejeitando a vontade de Deus. Tampouco a soberania significa Deus está por trás de tudo isso, causando todo o pecado, conforme exige o calvinismo. Esse erro deu origem à crença de que a graça deve ser irresistível.

Toda consciência testemunha a declaração anticalvinista de Carson de que, "as Escrituras não zombam de nós quando elas dizem, 'como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor, Se compadece daqueles que O temem'"[26]. No entanto, Carson permanece um calvinista, enquanto contradiz em muitos aspectos o que a maioria de seus colegas acredita.

Alguns calvinistas tentam escapar das consequências terríveis de sua doutrina, sugerindo que a predestinação para a condenação, bem como o convite de Deus para que todos creiam sejam verdadeiros, não obstante eles se contradizerem. Supostamente, nós simplesmen-

---

24 D. A. Carson, *The Difficult Doctrine of the Love of God* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2000), p. 52.

25 Ibid., p. 11.

26 Ibid., p. 29.

te não sabemos como conciliar esse conflito aparente e não devemos tentar, pois tudo será revelado na eternidade.

A verdade é que o próprio calvinismo criou esse "mistério" particular. Embora haja muito que os seres finitos não consigam entender, nos foi dada uma consciência, com um grande senso do certo e do errado, da justiça e da injustiça. Deus nos chama a argumentarmos com Ele sobre essas coisas. Ele vai longe e explica a Sua justiça e Seu amor; e tem outorgado, até mesmo ao homem não regenerado, a capacidade de compreender o Evangelho, bem como de crer em Cristo ou de rejeitá-Lo. O calvinismo, conforme repetidamente temos visto, é repugnante à consciência dada por Deus.

A Graça Irresistível e o Evangelho

A maioria dos calvinistas tenta honrar o mandamento de Cristo de "pregar o Evangelho a toda criatura". No entanto, é difícil defender a importância do Evangelho quando os não regenerados são incapazes de crer nele, enquanto os eleitos são regenerados sem o Evangelho e recebendo a fé para crer nele de forma soberana e sobrenatural. Aparentemente, sem saber que está contradizendo a "teologia reformada", da qual ele é um grande defensor, R. C. Sproul, Jr. honestamente exorta os leitores: "se cremos no poder do Evangelho para efetuar a nossa salvação, devemos crer na força do Evangelho que é pregado para trazer seus eleitos"[27]. Todavia, os eleitos do calvinismo foram predestinados desde a eternidade passada e esse é um ato de regeneração soberano de Deus, no qual é o único que pode "trazer os Seus eleitos", *não o evangelho*.

Dada a TULIP, como pode o Evangelho efetuar a salvação de alguém? Os não regenerados, eleitos ou não eleitos, não podem crer nem responder a ele. Nem ele beneficiaria os não eleitos a entenderem, porque eles foram predestinados à condenação eterna, desde o início.

---

27 R. C. Sproul, Jr., "The Authentic Message", *Tabletalk*, Ligonier Ministries, Inc., jun. 2001, p. 7.

Os eleitos são regenerados sem o Evangelho e, assim, somente eles podem crer. Porém uma vez regenerados, eles já foram salvos, a menos que alguém possa ser soberanamente regenerado (isto é, nascido de novo do Espírito) e ainda não ser salvo. Tendo sido regenerados sem o Evangelho, subsequentemente, ouvir e crer no Evangelho não pode salvá-los, uma vez que já foram salvos quando da sua regeneração.

Sproul está sendo fiel à Palavra de Deus, a qual ensina claramente que o Evangelho "é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê" nele (Romanos 1:16). Ao ser verdadeiro à Bíblia, no entanto, ele deve ignorar o ensino do calvinismo de que não se pode crer no Evangelho, a menos que se tenha sido regenerado. Assim, ele fala como se o Evangelho, como diz a Bíblia, deva ser crido para a salvação — mas ele não crê verdadeiramente nisso, ou teria que abandonar o calvinismo.

Sproul gasta exatamente um livro inteiro para refutar os signatários de *Evangélicos e Católicos Juntos: A Missão Cristã do Terceiro Milênio*. Ele argumenta, corretamente, que "a justificação pela fé somente é essencial ao Evangelho. O Evangelho é essencial ao cristianismo e à salvação"[28]. Ele termina o livro com esta citação, anticalvinista, de João Calvino: "deixemos, portanto, permanecer estabelecido [...] que somos justificados pela fé somente"[29].

Mas Sproul acredita que não existe fé até a regeneração, de modo que o novo nascimento na família de Deus, como um filho de Deus, deixa o eleito ainda injustificado! Além disso, uma vez que a fé em Cristo, por meio do Evangelho, é essencial à salvação, temos os eleitos nascidos de novo como filhos de Deus, antes de serem salvos.

Quando se lida com o evangelho, o calvinismo se torna muito confuso. Como pode o Evangelho pregado "trazer os Seus eleitos", como Sproul declara? Mesmo que os eleitos não possam crer nele até a regeneração — e o calvinismo está seguro de que a regeneração é

---

28 R. C. Sproul, *Faith Alone: The Evangelical Doctrine of Justification* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1995), p. 19 e, ao longo do livro.

29 Ibid., p. 192; citando Calvino, *The Epistles of Paul the Apostle* (um comentário em Gálatas 2: 16), p. 39.

o meio para Deus "trazer os Seus eleitos". Não foi o ato soberano de regeneração que trouxe os eleitos ao rebanho? Então, o Evangelho não estava envolvido e Sproul está oferecendo uma falsa motivação para pregá-Lo.

O calvinista, aparentemente, tem a sua mente dividida: em um lado, ele sustenta os dogmas do calvinismo fielmente; e no outro, ele se agarra ao ensino da Escritura. Isso não deve ser fácil, nem confortável, à consciência. O fato de que a fé em Cristo, por meio do Evangelho, precede o novo nascimento ou a salvação (em contradição à doutrina da regeneração que precede a fé) é inegavelmente ensinado em dezenas de passagens, como as seguintes:

- O diabo [...] arranca a palavra dos seus corações, para que não creiam e sejam salvos. (Lucas 8:12)

- Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo [...]. (Atos 16:31)

- Que, se tu [...] creres em teu coração [...] serás salvo. (Romanos 10:9)

- Em quem [Cristo], também, vós confiastes *depois* que ouvistes a palavra da verdade, o *Evangelho* da vossa *salvação* e *tendo Nele, também, crido*, fostes selados com o Espírito Santo da promessa [...]. (Efésios 1:13; grifo do autor)

Um Clássico Paradoxo

Por sua própria particularidade, a frase "Graça Irresistível" apresenta outra contradição irreconciliável. Na medida em que a graça está em pauta, há dois possíveis significados para a palavra "irresistível": irresistível em seu apelo a toda humanidade; ou irresistível em sua imposição, unicamente, aos eleitos. O primeiro significado é, naturalmente, negado vigorosamente pelo calvinismo. Esse sistema se baseia na crença de que a graça e o Evangelho não têm apelo algum a todos os totalmente depravados, filhos e filhas de Adão espiritualmente mortos.

A graça também não dispõe de qualquer apelo, até mesmo, aos eleitos, até que eles tenham sido regenerados soberanamente.

Apenas uma possibilidade permanece: que a graça é, irresistivelmente, imposta aos eleitos e escolhidos — e esse é o ensinamento do calvinismo. Todavia, impor alguma coisa a qualquer um é a própria antítese da graça. Até mesmo forçar o presente mais valioso e desejável sobre alguém que não deseja recebê-lo seria indelicado ao extremo. Assim, a frase "Graça Irresistível" é outro paradoxo. No entanto, esse é um elemento integral, sem o qual os outros quatro pontos da TULIP entram em colapso.

Além disso, esse quarto ponto da TULIP, assim como os três primeiros, nos confronta com mais uma frase desconhecida à Escritura — assim, como é possível ser bíblico? A palavra "irresistível" não aparece na Bíblia. A maravilhosa graça de Deus, no entanto, é uma das verdades mais preciosas apresentadas em Sua Palavra. A palavra "graça" ocorre 170 vezes em 159 versos. E *nunca*, em *qualquer* menção dela, há uma sugestão de que a graça é imposta irresistivelmente. Sempre a inferência é que a graça de Deus é dada livremente e recebida de bom grado.

Considere alguns exemplos:

- Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor. (Gênesis 6:8)
- O Senhor dará graça e glória [...]. (Salmos 84:11)
- Por intermédio de quem recebemos a graça e o apostolado. (Romanos 1:5)
- Tendo, então, diferentes dons, segundo a graça, que nos é dada [...]. (Romanos 12:6)
- Agradeço ao meu Deus [...] pela graça de Deus que vos foi concedida em Jesus Cristo [...]. (1 Coríntios 1:4)
- A mim, que sou menos do que o menor de todos os santos, foi dada esta graça [...]. (Efésios 3:8)

- Mas a cada um de nós foi dada a graça, conforme a medida do dom de Cristo. (Efésios 4:7)

- Igualmente vós, maridos [...] dando honra à mulher [...] como sendo co-herdeiros da graça da vida [...]. (1 Pedro 3:7)

E, quanto a outras escrituras como "e derramarei à casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém, o espírito de graça e de súplicas [...]" (Zacarias 12:10); "com grande poder davam os apóstolos testemunho [...] e grande graça havia sobre eles" (Atos 4:33); "e Deus é poderoso para tornar abundante em vós toda graça [...]" (2 Coríntios 9:8), etc.? Embora pareça mais forte a impressão de que Deus está concedendo graça soberanamente, não há qualquer indicação de que a graça de Deus é imposta irresistivelmente a pessoa alguma. Cada um deve, de bom grado, optar por recebê-la.

A Teoria Revisada das "Duas Vontades Conflitantes"

Muitos calvinistas, na defesa desse sistema, fazem declarações surpreendentes, tais como esta: "porque a vontade de Deus é sempre realizada, a vontade de cada criatura deve estar de acordo com a vontade soberana de Deus"[30]. Logicamente, então, *cada pensamento, palavra e ação* do homem (incluindo a maldade mais hedionda) foi desejada por Deus. Vance comenta "que a fornicação e a ingratidão são, na verdade, parte da 'vontade secreta' de Deus, que deve acontecer sem nenhuma surpresa à luz do [...] conceito calvinista de que o decreto de Deus abrange tudo"[31]. Mas será que a consciência, dada por Deus a todos, não se encolhe, horrorizada, diante dessa doutrina, segundo a qual todo o mal está de acordo

30 Steven R. Houck, *The Bondage of the Will*(Lansing, IL: Peace Protestant Reformed Church, sem data), p. 3.

31 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 481.

com a vontade de Deus? Pink até mesmo rejeita a distinção que por vezes é feita entre a "perfeita vontade" de Deus e a Sua "vontade permissiva", porque "Deus só permite o que está de acordo com Sua vontade"[32]. Assim, ele contradiz a visão de MacArthur a respeito de 1 Timóteo 2:4, de que Deus tem duas vontades conflitantes — uma visão com a qual Sproul, Piper, e outros líderes calvinistas estão de pleno acordo.

Os calvinistas lutam para conciliar uma soberania que causa cada pecaminoso pensamento, palavra e ação, bem como condena bilhões com a repetida garantia bíblica a respeito da bondade, da compaixão e do amor de Deus por todos. Muito parecido com MacArthur, John Piper propõe uma antibíblica e irracional solução — a ideia de que Deus tem *duas vontades*, as quais se contradizem, no entanto, não estão em conflito:

Portanto, eu afirmo, de acordo com João 3:16 e 1 Timóteo 2:4, que Deus ama o mundo, com uma profunda compaixão e que deseja a salvação de todos os homens. No entanto, eu também afirmo que Deus escolheu, desde antes da fundação do mundo, a quem vai salvar do pecado. Uma vez que nem todas as pessoas são salvas, devemos escolher se queremos acreditar (conforme os arminianos) que a vontade de Deus de salvar todas as pessoas está contida pelo Seu compromisso com a autodeterminação humana ou se queremos acreditar (conforme os calvinistas) que a vontade de Deus em salvar todas as pessoas está contida pelo Seu compromisso com a glorificação de Sua graça soberana (Efésios 1:6, 12, 14; Romanos 9:22-23) [...]. Este livro pretende mostrar que,a soberania da graça de Deus na salvação é ensinada nas Escrituras. Minha contribuição foi simplesmente mostrar que a vontade de Deus para que todos os homens sejam salvos não está em desacordo com a soberania da graça de Deus na eleição. Ou seja, a minha resposta à pergunta sobre o que restringe a vontade de Deus de salvar todas as pessoas é o Seu compromisso supremo em defender e expor a extensão completa de Sua glória, através da demonstração soberana da Sua

32 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão. 1986), p. 243.

ira e da Sua misericórdia, para o gozo dos Seus eleitos e dos crentes de toda tribo, língua e nação.[33]

Mais uma vez, temos uma descarada contradição de Piper. Em Seu grande amor e compaixão, Deus "deseja a salvação de todos os homens". No entanto, para "expor a completa extensão da Sua glória", Ele não salva a todos — e isso apesar da insistência de que Ele poderia salvar a todos, se Ele assim o desejasse. Vamos ver se entendi: o Deus de Piper deseja a salvação de todos os homens; em Sua imposição soberana da graça irresistível, Ele poderia salvar a todos, mas não o faz, a fim de demonstrar a Sua ira.

Aqui, nós temos a mais clara contradição possível. Como pode o calvinista, escapar dela? Ah, Piper encontrou uma forma engenhosa de afirmar que Deus ama e, realmente, quer salvar até mesmo aqueles a quem Ele predestinou à condenação desde a eternidade passada: Deus tem *duas vontades* que, embora elas se contradigam entre si, estão realmente em acordo secretamente. Estamos sendo levados à loucura, na medida em que as palavras perderam o seu significado?

Somos convidados a crer que não há contradição, pois Deus não se contradiz ao promover a "demonstração soberana da Sua ira e da Sua misericórdia"! O raciocínio de Piper falha, mais uma vez. Condenar bilhões certamente demonstra a ira de Deus, mas como isso O glorificaria em Sua misericórdia? E, mesmo que esse fosse o caso, não há meio algum de conciliar a reprovação com as claras expressões do amor de Deus e do Seu desejo de salvar a todos — expressões que Piper, de forma anticalvinista, afirma aceitar, pelo valor conforme apresentado.

Piper ainda tem outro problema. Deus não Se contradiz. Portanto, Piper deve conciliar o que ele chama de "duas vontades" de Deus, ao mostrar que elas estão de acordo, mesmo que elas diretamente não concordem e invalidem uma à outra. E isso ele falha em fazer, porque é impossível. A contradição é uma contradição e, não há qual-

33 John Piper, "Are There Two Wills In God?", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), pp. 130–131.

quer maneira honesta onde duas proposições contraditórias possam ser manipuladas a um acordo.

Piper está seguindo Calvino, que caiu no mesmo equívoco. Ele disse: "este é o Seu maravilhoso amor para com a raça humana, que Ele deseja que todos os homens sejam salvos e ainda está determinado a trazer o que perece à segurança [...]. Deus está determinado a receber todos os homens, em arrependimento, de modo que nenhum pereça"[34]. Isso poderia ser o mesmo que João Calvino declarou tantas vezes e tão claramente que desde a eternidade passada Deus predestinou bilhões à condenação? Será que o Deus de Calvino é esquizofrênico?

Muito parecido com as "duas vontades" de Piper, Calvino recuou a respeito de uma "vontade secreta": "nenhuma menção é feita aqui de um decreto secreto de Deus, pelo qual os ímpios são condenados à sua própria ruína"[35]. Sproul tenta jogar a mesma corda quebrada. Bryson responde razoavel e sucintamente:

> Assim, os calvinistas estão em uma posição estranha, ao afirmar que fazem uma oferta válida de salvação (ao não eleito) [...], enquanto negam [que] a única provisão de salvação (ou seja, a morte de Cristo) seja para o não eleito [...] [e, ao dizerem] que o não eleito não pode, possivelmente, crer no [Evangelho] [...]. Para adicionar insulto à injúria, eles afirmam que essa é, exatamente, a maneira que Deus (desde toda a eternidade) desejou que fosse.[36]

Os calvinistas afirmam que, a vontade e as ações do homem não podem estar em conflito com a vontade de Deus, pois isso, tornaria o homem maior que Deus. Essa posição antibíblica, a respeito da soberania de Deus leva-os a propor que as duas vontades em conflito não

34 João Calvino, *Calvin's New Testament Commentaries* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1994), pp. 12, 364.

35 Ibid.

36 George L. Bryson, *The Five Points of Calvinism: "Weighed and Found Wanting"* (Costa Mesa, CA: The Word For Today, 1996), p. 56.

são a vontade de Deus e a vontade do homem, mas as duas vontades do designo de Deus. Em outras palavras, eles afirmam que a batalha não é entre Deus e o homem, como diz a Bíblia, mas, antes, Deus contra Si mesmo, conforme insiste o calvinismo. Deus está sendo deturpado.

CAPÍTULO 23

O PROBLEMA INSOLÚVEL DO CALVINISTA

Até mesmo, os cristãos, às vezes, desobedecem a Deus. Considere o seguinte: "porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação [...]" (1 Tessalonicenses 4:3); "em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus [...]" (1 Tessalonicenses 5:18). Qual cristão cumpre a vontade de Deus, vivendo sempre uma vida perfeitamente santificada e dando graças a Deus "em tudo"?

A vontade de Deus é, continuamente, violada por descrentes que desobedecem à lei e por crentes que deixam de viver como deveriam. "Estas coisas vos escrevo, para que não pequeis" (1 João 2:1), expressa a vontade de Deus para todos os cristãos. No entanto, João também declara que nenhum cristão vive plenamente para satisfazer a Deus: "se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos [...]. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-Lo mentiroso e a Sua verdade não está em nós" (1 João 1:8, 10).

Até mesmo a graça de Deus exige fé e obediência. Muitas escrituras deixam claro que, embora a graça seja imerecida, temos de aceitá-la e responder a ela. Paulo declara: "eu trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo" (1 Coríntios 15:10); "nós [...] também vos exortamos, a que não recebam a graça de Deus, em vão" (2 Coríntios 6:1); "meu filho, fortifica-te na graça, que há em Cristo Jesus" (2 Timóteo 2:1); "cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia [...]" (Hebreus 4:16). Claramente, Paulo está declarando que a graça de Deus *não* é irresistível, mas deve estar casada à vontade e ao esforço humano.

Numerosas escrituras ensinam que a recepção da graça de Deus não é através da imposição irresistível por uma soberania onipotente, esmagadora, excluindo a vontade da parte do homem. Pode-se, até mesmo, deixar de aceitar (ou aceitá-la em parte e não cooperar plenamente com ela) a graça de Deus. Deus sinceramente desejou abençoar Israel. No entanto, ele recusou a Sua graça e, como alternativa, colocou-se sob Seu julgamento, por sua rebelião e idolatria.

O desejo de Deus para Israel, assim como a todos os homens, era bom: "porque Eu sei os planos que estou projetando para vós, diz o SENHOR, pensamentos de paz e não de mal [...]" (Jeremias 29:11). No entanto, muito mal sucedeu a Israel. Por quê? Porque as bênçãos

de Sua graça dependiam da fé e da obediência de Israel. Por sua desobediência, ele colheu a ira de Deus.

Já dissemos que eles "limitaram o Santo de Israel" (Salmos 78:41). Pense nisso — limitar o onipotente e soberano Deus, o que os calvinistas dizem que é impossível! De fato, os rabinos "rejeitaram o conselho de Deus, contra si mesmos" (Lucas 7:30) — mas, não há indício algum de que eles, ao fazerem isso, anularam a soberania de Deus ou assumiram o controle sobre Deus.

A vida cristã e a vitória não são apenas através do poder soberano, contudo a fé e a obediência dos crentes como "cooperadores de Deus" (1 Coríntios 3:9) são essenciais: "para isso também trabalho, lutando segundo a Sua eficácia, que opera em mim, poderosamente" (Colossenses 1:29); "operai a vossa salvação com temor e tremor, porque Deus é o que opera em vós tanto o querer quanto o efetuar, segundo a Sua boa vontade" (Filipenses 2:12-13).

Deus, verdadeira e poderosamente, trabalha dentro do crente e não podemos fazer coisa alguma a não ser através da liderança e do poder do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, entretanto, devemos nos dedicar de bom grado à obra de Deus através de nós. A maioria dos calvinistas admite esse esforço cooperativo quando se trata de viver a vida cristã, porém insistem em que não pode haver tal vontade para crer no Evangelho e para aceitar a Cristo.

Mais uma vez, ressaltamos essa irracionalidade — que, se Ele assim desejar, Deus poderia levar soberanamente cada pecador totalmente depravado a se voltar para Ele; no entanto, Sua soberania, parece perder o Seu poder calvinista, quando se trata de levar os cristãos a viverem em vitória, santidade e uma vida frutífera. É muito claro que uma vez que Deus regenerou os eleitos, nem todos eles vivem para a Sua glória, de forma tão plena quanto poderiam e conforme deseja a Sua vontade perfeita para eles e expressa na Escritura.

Certamente, o desejo de Deus para os cristãos vai muito além de sua experiência. Senão teríamos que admitir que as vidas infrutuosas e rasas de tantos crentes genuínos são exatamente o que Deus deseja para eles. Perguntamos novamente, qual é o significado das recompensas e do Tribunal de Cristo, se cada pensamento, palavra e ação dos cristãos são exatamente o que Deus deseja? E, se esse é o caso,

por que os cristãos não são perfeitos? Certamente, a desobediência contínua, tanto dos descrentes quanto dos crentes, é prova de que a graça de Deus não é "irresistível". Nem a desobediência do homem, em nada, diminui a soberania de Deus. Obviamente, a própria liberdade de escolha faz parte do plano de Deus.

No entanto, a ideia de graça irresistível se baseia na crença de que a capacidade humana de aceitar ou rejeitar o evangelho negaria a soberania de Deus. Já mostramos que o raciocínio é falacioso e que o próprio conceito é antibíblico e irracional.

Apesar de sua doutrina da graça "irresistível", o calvinismo nega que a graça seja "imposta" por Deus aos eleitos. Neste ponto, os calvinistas começam a se contradizer ainda mais. Sproul, por exemplo, admite que a graça irresistível pode ser resistida, mas ao mesmo tempo declara que "é invencível"[1]. Ficamos imaginado, como algo invencível, pode ser resistido. A maioria dos calvinistas concorda que a Graça Irresistível produz um "chamado eficaz" que é, "em última análise, "irresistível". Vance cita uma série de calvinistas nesse sentido e explica que esse conceito é "derivado do Capítulo X, da Confissão de Fé de Westminster"[2].

Sproul diz que, para os eleitos, Deus remove tudo que os levou a resistir a Ele em sua depravação total. O grande problema é como levar um homem totalmente depravado a ser salvo — um homem que, não pode, sequer, ouvir o Evangelho e muito menos, entendê-lo e crer nele. Lembre, o Sínodo de Dort descreve esse processo não como removendo do homem a "vontade e suas propriedades", mas "com doçura e poderosamente, inclina[ndo]-o [...]"[3]. Mas, "inclinar" a vontade do totalmente depravado (ao invés de destruí-la e criar uma nova) significa que a vontade original deve se render a Deus. Além disso, o que significa a "inclinar" a vontade e como isso é feito

1 R. C. Sproul, *Grace Unknown* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997), p. 189.

2 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 478.

3 Cânones de Dort (Dordreeht, Holland, 1619); reproduzido em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications 1999), pp. 607–626.

"docemente" e, ao mesmo tempo, "poderosamente"? E se a vontade humana não é destruída e outra coisa não assume o seu lugar, então não pode ser negado que a vontade humana, afinal, decide e escolhe a ser inclinada.

Esse é um problema sério! Depois de declarar que a vontade totalmente depravada do homem e suas propriedades de autodeterminação não são removidas, Dort expõe a sua queixa contra os arminianos: "a verdadeira doutrina tendo sido explicada, o Sínodo *rejeita* os erros daqueles: 1. Que ensinam [...]; 2. Que ensinam [...]"; e assim por diante, através de nove parágrafos numerados. Muito do que está listado como sendo rejeitado, não era crido pelos arminianos, nem é crido, até hoje, pela maioria dos não calvinistas.

O Parágrafo 8 enfrentou o difícil problema criado pelo próprio calvinismo: como pode ser permitido à vontade do homem qualquer participação ao receber a Cristo, quando ela é totalmente depravada, e o homem está, espiritualmente, morto, e a soberania de Deus deve causar tudo, inclusive o pecado e a salvação, através da fé em Cristo? Aqui está, o suposto erro não calvinista denunciado por esse parágrafo:

> 8. Quem ensina: Que Deus, na regeneração do homem, não usa tais poderes de Sua onipotência como a potente e infalível inclinação da vontade do homem à fé e à conversão; mas ensina que, apesar de todas as obras de graça terem sido realizadas, as quais Deus emprega para converter o homem, ainda assim, o homem pode resistir a Deus e ao Espírito Santo quando Deus intenciona a regeneração do homem e deseja regenerá-lo, ensina, na verdade, que o homem, muitas vezes, ao resistir, [o homem] impede totalmente a sua regeneração, e que, portanto, permanece no poder do homem ser regenerado ou não.[4]

4 Cânones de Dort (Dordreeht, Holland, 1619), III, IV, "Of the Corruptions of Man, His Conversion to God, and the Manner Thereof, 17/8.

É claro que não está no poder do homem ser regenerado, nem o mais liberal arminiano sugere isso. A regeneração é inteiramente obra de Deus — mas também é um *dom* que o recebedor tem que de bom grado *receber*: "o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Romanos 6:23). O fato de o homem aceitar ou rejeitar a salvação oferecida, no entanto, não significa que está em seu poder ser regenerado.

Mas Ben Rose insiste que "Deus não traz, ninguém, para o reino contra a sua vontade"[5]. No entanto, essa declaração está em clara contradição com a frase "graça irresistível". Se, sob a convicção do Espírito Santo, o homem pudesse fazer uma escolha genuína de crer e receber, não haveria necessidade da graça ser "irresistível". A Confissão de Fé de Westminster continua a conversa dúbia:

> Todos aqueles a quem Deus predestinou à vida, e aqueles que, unicamente, Lhe agradou [...] chamá-los, eficazmente [...] à graça e à salvação, por Jesus Cristo; iluminando, espiritual e salvadoramente as suas mentes a entender as coisas de Deus [...], renovando as suas vontades, e, por Sua onipotência [...], atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo: ainda assim, de tal maneira que eles vêm mui livremente, sendo para isso dispostos pela Sua graça.[6]

Nenhuma Explicação Contrária

Não há como escapar à mente e à vontade. Até mesmo a regeneração soberana do calvinismo (supostamente sem fé ou consentimento) não cria um novo homem a partir do nada — antes, ela o *regenera*. Por conseguinte, Westminster deve usar frases como "iluminando suas mentes". Lembre que esse homem era, supostamente, um pecador totalmente depravado que só poderia escolher o mal. No

5 Ben Laey Rose, *T U. L. I. P: The Five Disputed Points of Calvinism* (Franklin, TN: Providenee House Publishers, 1996), p. 37.

6 Confissão de Fé de Westminster (Londres: editora, 1643), X, I.

entanto, sua mente deve ter a capacidade inerente de compreender a verdade, ou, como poderia ser "iluminado"?

E o que dizer de "renovando suas vontades"? Isso poderia significar restaurar alguma capacidade uma vez possuída, porém perdida? Não, se o homem é totalmente depravado. Quando foi a vontade alguma vez aquilo que é agora, já *renovada* (ou seja, restaurada) por essa regeneração e iluminação? A "renovação" não cabe no calvinismo. Como podem aqueles nascidos espiritualmente mortos ser renovados àquilo que eles nunca foram? A própria linguagem contradiz as crenças fundamentais do calvinismo — mas não existem outras palavras disponíveis.

É claro que precisamos ser iluminados. Como isso acontece é que é o problema. Para o calvinista, a iluminação é irresistivelmente imposta a um pecador totalmente depravado, que não tem capacidade de ser iluminado e nunca experimentou qualquer estado de espírito ou vontade ao qual ele pudesse ser renovado. Portanto, o processo não pode ser descrito como "iluminação" ou "renovação" — ainda que Westminster não possa encontrar outra expressão, nem nas Escrituras ou na própria linguagem, para "explicar" essa falsa crença.

Os homens são indesculpáveis, pois todos entendem a lei de Deus escrita em cada consciência e temem as consequências da desobediência. Dessa forma, o homem é moralmente responsável diante de Deus. Biblicamente, o problema não é que o homem *não pode compreender* o Evangelho ou que ele *não pode se submeter* a Deus, mas que *ele não quer*: "E *não quereis* vir a Mim, para terdes vida" (João 5:40); "porque [...] tendo conhecido a Deus, não O glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; mas, tornaram-se vãos em suas imaginações, e o seu coração, insensato, se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se tolos [...]" (Romanos 1:21-22).

Por causa dessa voluntária teimosia em mudar, o Espírito Santo deve, é claro, trabalhar no coração e na mente. Porém essa não é uma obra *irresistível* às criaturas irremediavelmente cegas e mortas, mas a persuasão com a verdade àqueles que sabem o que estão fazendo e que poderiam crer em Cristo, se estivessem dispostos. Dezenas de escrituras deixam claro que aqueles que são "dispostos e obedientes" (Isaías 1:19), recebem a salvação de Deus; que "todo aquele que

quiser [pode] tomar da água da vida" (Apocalipse 22:17). Todos são amados por Deus, buscados e persuadidos por Deus e todos têm a escolha entre aceitar ou rejeitar a salvação que Ele oferece. Esse fato é o que torna justo — e tão trágico — o julgamento eterno.

O Que Cristo Ensina?

Respondendo às objeções dos fariseus de que Ele recebia pecadores e comia com eles, Cristo entregou as ilustrações da ovelha perdida, da drácma perdida e do filho pródigo, para mostrar que os seres humanos procuram e têm grande alegria em encontrar o que se perde, sejam ovelhas, moedas ou um filho rebelde (Lucas 15:1–32). Parece igualmente claro que essas ilustrações são destinadas também a nos falarem do amor e da alegria de Deus em buscar e encontrar os perdidos. As ilustrações dadas por Cristo não parecem representar verdadeiros filhos de Deus que se desviaram e estão sendo trazidos de volta por Deus, antes, porém, representam exemplos da humanidade perdida.

Ao contar a história do filho pródigo, Cristo usa uma linguagem que contradiz o calvinismo. O filho pródigo, "totalmente depravado", percebe sua situação, chega a uma decisão, faz uma escolha e age em relação a ela por sua vontade: "e, quando ele veio a si, disse [...] levantar-me-ei e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, eu pequei contra o céu e diante de ti [...]". Cristo não diz que o filho pródigo, sendo totalmente incapaz de entender sua situação ou de se arrepender e voltar ao pai, foi atraído irresistivelmente pelo pai.

Embora o filho pródigo "estivesse morto" e estivesse "perdido" (Lucas 15:24), isso não o impediu de se mover em sua consciência e escolher retornar, por sua própria vontade, ao pai. Se o filho pródigo não representa o não regenerado e o perdido pecador morto no pecado, a quem Deus acolhe em amor, então o calvinista deve admitir que a salvação pode ser perdida — o que nenhum dos lados, acredita.

Cristo declarou que todos os homens devem agir para com todos os que precisam assim como o bom samaritano (Lucas 10:30–37); devemos amar até mesmo os nossos inimigos e fazer o bem aos que

nos odeiam (Mateus 5:44). Se esse é o padrão que Deus estabelece para a humanidade, Ele não Se comportaria ainda mais benevolente para com todos? Se Paulo não queria que um único judeu fosse para o inferno e estava em contínua agonia de alma pela salvação deles, disposto, até mesmo, a ser maldito de Deus se isso pudesse salvar os seus "parentes, segundo a carne" (Romanos 9:1–3), será que Deus, que deve ter colocado esse amor altruísta no coração de Paulo, seria *menos* amoroso e preocupado com a humanidade perdida, em seu caminho ao inferno? Certamente, não o Deus da Bíblia!

E Quanto ao Amor de Deus?

É, simplesmente, impossível sustentar que um Deus que condena aqueles a quem Ele poderia salvar (muito menos que tenha prazer em fazê-lo!) seja misericordioso e cheio de amor. Como pode, então, o calvinista escapar da acusação de que ele deturpa o Deus da Bíblia? A soberania não pode desculpar ou justificar o insensível descaso da parte de Deus em resgatar aqueles a quem Ele poderia salvar. Que Deus tem o direito de condenar a todos não O torna amoroso e misericordioso.

Nosso desacordo com o calvinismo não é sobre a soberania de Deus, a qual é bíblica. A questão é: saber se Deus ama a todos sem parcialidade e deseja que todos sejam salvos. Inquestionavelmente, o calvinismo nega tal amor, não importando como os calvinistas "moderados" tentam explicar, afinal, esse fato. No entanto, a Bíblia declara repetidamente o amor de Deus a todos e Seu desejo de que todos sejam salvos e de que ninguém se perca.

O Deus da Bíblia é, sem dúvida, ainda mais amoroso do que assim espera que os cristãos sejam. Podemos estar certos, como Spurgeon disse, de que assim como nós desejamos a salvação de todos, do mesmo modo esse é o desejo de Deus — conforme as Escrituras tantas vezes e tão claramente declaram. Dizer que o Deus que não deseja que ninguém pereça, fornece salvação a unicamente um número limitado de eleitos faz violência às Escrituras e calunia o caráter de Deus.

Se a graça é irresistível, por que Deus, que é amor e cheio de compaixão, não a forçaria a todos? Porém a graça *não pode* ser irresistível. Deus não pode *forçar* pessoa alguma a crer em Cristo, muito menos a amá-Lo. Todos que estarão na presença de Deus por toda a eternidade devem amá-lo com sinceridade e o amor, o que exige uma escolha genuína.

A Bíblia declara que multidões vão passar a eternidade no Lago de Fogo. Por quê? Existem apenas duas razões possíveis: ou Deus leva multidões de homens ao inferno, porque Ele não as ama, nem tem desejo algum de salvá-las — ou, elas, voluntariamente, rejeitam a salvação que Ele oferece. Também não pode ser as duas coisas, senão a vontade de Deus coincidiria com a dos rebeldes.

Será Que Paulo Estava Errado em Sua Preocupação Passional?

Parece razoável que Paulo, que foi inspirado pelo Espírito Santo a proporcionar o ensino definitivo em relação a presciência, eleição e predestinação, soberania e salvação pela graça, mediante a fé, conhecia esses assuntos muito melhor que Calvino. Paulo poderia estar errado em sua agonia contínua pela salvação de Israel (e, na verdade, por todos os homens)? No entanto, se o próprio Deus, como Calvino sinceramente, acreditava, não estava preocupado com o perdido (e, como Ele poderia estar, se os predestinou ao tormento eterno?), então devemos concluir que Paulo, infelizmente, estava fora de sintonia com o Espírito Santo, ao estar em contínua e piedosa angústia pela salvação dos judeus. Paulo não compreendeu as Escrituras, as quais ele foi inspirado a escrever; contudo, Calvino as interpretou corretamente?!

Paulo confessa: "irmãos, o desejo do meu coração e a minha oração a Deus, por Israel, é para que eles possam ser salvos" (Romanos 10:1). Certamente, ele não pode estar orando pelos eleitos de Calvino, pois a salvação deles já fora predestinada, desde a eternidade passada. A Graça Irresistível tornará certo que eles serão salvos, assim não há necessidade de orar por eles. E como poderia Paulo se atrever a expressar profunda preocupação por aqueles a quem

Deus, em Sua soberania, desejou condenar e por quem Deus não tem qualquer preocupação e nem Cristo morreu por eles — se esse fosse, realmente, o caso?

É preocupante não ouvirmos qualquer preocupação dos calvinistas a respeito dos muitos que passarão a eternidade no inferno. Essa atitude, no entanto, é perfeitamente consistente com suas crenças. Por que se decepcionar com isso; afinal, não é a soberana boa vontade de Deus? E não seria rebelião se preocupar com a salvação daqueles a quem Deus Se recusa salvar?

Que Deus É Este?

O Deus do calvinismo não deseja salvar toda a humanidade, nem o Cristo do calvinismo teve qualquer intenção de morrer na cruz pelos pecados de todos. Neste ponto, chegamos a nossa objeção final a esse sistema de religião, o qual o jovem Calvino aprendeu com Agostinho, desenvolveu-o e o repassou a milhões de pessoas que, até hoje, o seguem. Essa doutrina é repugnante até mesmo aos incrédulos, pois contradiz a consciência, o senso de obrigação e de equidade que Deus implantou em cada um de nós. No entanto, um pastor calvinista insiste que "sugerir que Cristo veio, *na verdade*, para salvar todos os homens é 'universalismo' [...]; uma heresia abertamente promovida pelas igrejas ecumênicas"[7]. Pelo contrário, o universalismo ensina que todos os homens, no final, serão salvos, não ensina que a salvação seja *oferecida* a todos.

Um editor calvinista na Inglaterra, sinceramente, me escreveu: "a verdade é que Deus *não* deseja salvar todos os homens. Se Ele desejou isso, então Ele vai salvá-los [...] [por que os "moderados" não admitem isso?]. Se Deus quisesse salvar a todos os homens, por que Ele impediu Paulo de pregar o Evangelho em determinadas áreas?"[8] Tal raciocínio só faz sentido a um calvinista, para quem a salvação

---

7 Pastor na Austrália para Dave Hunt, 8 de setembro de 2000. Em arquivo.

8 Editor da publicação Britânica *Christian*, Inglaterra, para Dave Hunt, 8 de setembro de 2000. Em arquivo.

não é algo que o homem recebe pela fé em seu coração, mas é imposta a ele contrariamente à sua vontade natural e não pode ser resistida. Daí a necessidade da Graça Irresistível.

Mas, o que isso tem a ver com Deus impedindo Paulo de pregar em certos lugares? Poderia ter havido muitas razões para redirecionar Paulo. Certamente, ele não poderia pregar em todos os lugares. Mais uma vez, os calvinistas estão se agarrando às palhas.

Pedro perguntou a Cristo, "Senhor, quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete vezes?" O Senhor respondeu que ele deveria perdoar "setenta vezes sete". Cristo, em seguida, contou a história do servo que, por não perdoar o seu conservo, foi "entregue [...] aos carrascos". Na aplicação, Ele disse: "da mesma forma, deve Meu Pai celestial fazer a vós também, se, de coração, não perdoardes cada um a seu irmão as suas ofensas" (Mateus 18:21–35).

Certamente, se o nosso Pai celestial espera que perdoemos aqueles que pecam contra nós, muito mais nós podemos ter a certeza de que Ele está pronto para perdoar a todos os que pecam contra Ele. Esse é o Deus conforme O retrata a Bíblia — infinito em amor, graça e misericórdia, pronto a perdoar a todos os que O invocam. O calvinismo O deturpa como unicamente amando e perdoando, um número limitado de pecadores.

O Lado Obscuro do Calvinismo

Consideramos a TULIP como uma calúnia contra o nosso amoroso e misericordioso Deus, conforme Ele Se revela tanto em Sua Palavra quanto à consciência humana. Por causa da misericórdia do Senhor à casa rebelde de Israel, Neemias O louva: "[...] Tu és um Deus, clemente e misericordioso" (Neemias 9:31). Ao chamar o Seu povo rebelde para Si mesmo, Deus diz ao desobediente Israel, através do profeta Jeremias: "Eu sou misericordioso" (Jeremias 3:12). No espírito de todos os profetas, Joel implora a Israel que se arrependa: "tornai ao Senhor vosso Deus; porque Ele é misericordioso e compassivo, tardio em irar-se e grande em benignidade [...]" (Joel 2:13).

Não há maneira alguma de conciliar a falta de preocupação, por parte do Deus do calvinismo, com *todos* os perdidos, tanto com a consciência quanto com a Escritura. R. C. Sproul escreveu: "a forma como entendemos a pessoa e o caráter de Deus, o Pai, afeta todos os aspectos de nossas vidas"[9]. Ele está certo, e que efeito deve ter sobre aqueles que creem, em um Deus que limita o Seu amor, Sua graça e Sua misericórdia a um grupo seleto, que tem prazer em condenar o resto da humanidade, e que ainda nos diz para sermos misericordiosos como Ele é misericordioso!

Davi, que certamente conhecia a Deus pelo menos tão bem quanto Calvino, declarou: "com o misericordioso, Te mostras misericordioso [...]" (2 Samuel 22:26). Nenhuma palavra a respeito de ser misericordioso unicamente com os eleitos. O Deus da Bíblia é misericordioso para com aqueles que têm demonstrado misericórdia para com os outros. Não é isso que Jesus também disse no Sermão do Monte: "bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia" (Mateus 5:7)? Porém, devemos crer que aqueles que mostram misericórdia não receberiam qualquer misericórdia de Deus, a menos que eles estivessem entre os eleitos. No entanto, tanto Cristo quanto Davi fazem soar como se até mesmo sem o benefício da Graça Irresistível alguns dos "totalmente depravados" pudessem demonstrar misericórdia para com os seus companheiros, e por causa disso a misericórdia de Deus será concedida a eles. Aparentemente, mostrar misericórdia revela um coração disposto a receber (e ser agradecido pelas) as misericórdias de Deus.

Será Que Isto é Eleição?

Calvino parecia acreditar que quase todo mundo em Genebra era parte dos eleitos e tratou-os em conformidade. Por quê? Primeiro de tudo, Calvino acreditava que o batismo transformava uma criança em um dos eleitos. Na verdade, ter sido batizado em qualquer idade,

9 R. C. Sproul, *The Holiness of God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1993), p. 20.

até mesmo, pelo mais perverso e incrédulo padre católico romano, era a entrada no reino de Deus se, posteriormente, se acreditasse na eficácia desse sacramento:

> Deus, no batismo, promete a remissão dos pecados, e, sem dúvida, realiza o que prometeu a todos os crentes. Que a promessa nos foi oferecida no batismo leva-nos, portanto, a abraçá-la pela fé.[10]

Essa é uma afirmação notável. De acordo com Calvino, o Evangelho não é certa maneira de trazer as pessoas a Cristo, mas sim o batismo. O batismo dá certeza quanto à entrada no reino de Deus! Além disso, Calvino ensinou que os filhos dos crentes, até mesmo os não batizados, estão automaticamente entre os eleitos:

> Às crianças que se sucede partir desta vida antes de uma oportunidade de imersão em água, elas não estão excluídas do reino dos céus [...]. Disso se segue que os filhos de crentes não são batizados a fim de que, embora anteriormente separados da Igreja, eles possam então pela primeira vez se tornarem filhos de Deus; pelo contrário, eles são recebidos na Igreja por um sinal formal, pois, em virtude da promessa, eles *previamente* já *pertenciam* ao corpo de Cristo.[11] (grifo nosso)

Aparentemente, partindo da crença de Calvino de que todos em Genebra, tendo sido batizados, faziam parte dos eleitos (embora ele pudesse queimar, decapitar, açoitar, torturar, ou banir alguns deles por heresia), a participação nos cultos da igreja foi exigida de todos. Foi, talvez, essa regra que levou Serveto a se arriscar e atrair atenção para si mesmo ao assistir aos cultos, onde foi reconhecido. Além

---

10 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 4, xxv.17.

11 Ibid., vol. 4, xxv.22.

disso, também se tornou obrigatória a todos (com poucas exceções) a participação no pão e no vinho, na celebração da Ceia do Senhor.

Considerando a clara advertência de Paulo, de que "o que come e bebe indevidamente, come e bebe, para sua própria condenação" (1 Coríntios 11:29), o que pode ser dito em defesa de Calvino ao forçar a Eucaristia aos relutantes? Será que ele acreditava sinceramente que todos os cidadãos na sua santa "Cidade de Deus" pertenciam a Cristo? Não era isso uma espécie pior de "universalismo" do que aquela que os calvinistas atribuem àqueles como nós, que creem que Cristo morreu por todos?

Houve, pelo menos, uma exceção a esse universalismo que, no entanto, dificilmente, muda o quadro. Um libertino notório, chamado Berthelier, tinha sido proibido pelo Conselho da Igreja de participar da Ceia do Senhor. Em 1553, juntamente com outros de sua persuasão, ele tentou participar e foi repelido por Calvino[12]. Isso acendeu o último levante contra Calvino (duramente reprimido pela força, com execuções), a que já nos referimos anteriormente.

Somos Deixados com Questões Não Resolvidas

Os eleitos do calvinismo, escolhidos por Deus para a salvação, devem, de alguma forma, sofrer uma *mudança* para crer no Evangelho, apesar da sua falta de vontade natural e da sua suposta incapacidade. O Evangelho da graça de Deus, o qual aparentemente é oferecido a quem quiser crer, deve ser imposto — mas essa "graça" é unicamente para aqueles a quem Deus elegeu. Conforme White explica, é por isso que a Graça Irresistível é uma necessidade absoluta:

> O homem não regenerado é plenamente capaz de entender os fatos do evangelho: ele é simplesmente incapaz, por

12 John Piper, *The Legacy of Sovereign Joy: God's Triumphant Grace in the Lives of Augustine, Luther; and Calvin* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2000), pp. 135–147; citando Henry F. Henderson, *Calvin in His Letters* (Londres: J. M. Dent and Co., 1909), pp. 77–79.

> causa da sua corrupção e inimizade, de submeter-se a esse Evangelho [...].[13]

Esse é um ataque terrível ao Evangelho, tornando impotente aquilo que Paulo declara ser "o poder de Deus para a salvação" (Romanos 1:16)! Sem um apoio claro da Bíblia, a "posição reformada" deve ser deduzida do fato de que o homem está "morto em pecado"[14] — erroneamente atribuindo (como já vimos) os sintomas da morte física a espiritualmente mortos.

Uma vez soberanamente regenerada, a pessoa é presumivelmente capaz, sob a influência da Graça Irresistível, de crer no evangelho e posteriormente servir a Cristo de coração. No entanto, a graça evidentemente deixa de ser imposta irresistivelmente aos eleitos, uma vez que eles já são regenerados e visto que eles nem sempre se comportam como deveriam, muito menos em perfeição. Porém, a Escritura descreve, em termos muito claros, a vida semelhante à Cristo que os crentes devem viver:

> Portanto, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. Cristo vive em mim [...] Pois somos feitura Dele, criados em Cristo Jesus, para boas obras, as quais, Deus, antes ordenou que andássemos nelas. Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer quanto o efetuar, de Sua boa vontade [...]. Todo aquele que pratica a justiça é nascido Dele [...]. Todo aquele que permanece Nele não vive pecando [...]; maior é O que está em vós do que aquele que está no mundo [...]" (2 Coríntios 5:17; Gálatas 2:20; Efésios 2:10; Filipenses 2:13; 1 João 2:29; 3:6; 4:4).

O calvinista não pode apontar qualquer passagem da Bíblia que diga claramente que a graça é irresistível ou que Deus a impõe aos

13 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 101.

14 Ibid.

eleitos, os quais, de outra forma, não poderiam crer no Evangelho. No entanto, muitas passagens assim como as citadas acima afirmam, claramente, que Deus deseja a semelhança de Cristo àqueles que são regenerados. Então, por que cristãos não desenvolvem perfeitamente as "boas-obras, às quais Deus preparou de antemão" para eles (Efésios 2:10)?

Se Deus, irresistivelmente, impõe Sua graça aos "totalmente depravados" para regenerá-los, por que Ele não impõe aos regenerados a perfeição na vida cristã? Não há uma resposta bíblica a essa pergunta se negarmos o livre-arbítrio e aceitarmos a teoria da Graça Irresistível.

Paulo até mesmo dá o exemplo de um verdadeiro cristão, certamente um dos eleitos, que não tem sequer *uma boa obra* como evidência de que ele pertence a Cristo. No entanto, "ele mesmo será salvo" (1 Coríntios 3:12–15). Como poderia a soberania de Deus substituir completamente a escolha e a responsabilidade moral humana, como insiste o calvinista, na medida em que o homem não tem escolha quando se trata de salvação — e, no entanto, os eleitos são capazes de resistir à graça de Deus e à Sua vontade e, dessa forma, muitas vezes, não conseguem realizar as boas obras que Deus preparou para eles?

Se o eleito, tendo sido transformado em espiritualmente vivo pela soberana regeneração, ainda assim não consegue obedecer perfeitamente a Deus, por que a incredulidade e a rebelião são equiparadas, pelo calvinismo, à depravação total e à morte espiritual?

Se a soberania de Deus não anula aos eleitos a responsabilidade moral de fazer escolhas, por que Sua soberania não permite uma verdadeira escolha, permitindo o aceitar ou o rejeitar o evangelho por parte dos perdidos? Se a desobediência à vontade de Deus pelos eleitos não representa uma ameaça à soberania de Deus, por que uma rejeição do evangelho por alguns dos perdidos representa uma ameaça tão grande?

E, por fim, será que uma imposição irresistível da graça não a desqualifica enquanto graça? Algumas dessas questões serão consideradas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 24

QUANDO A GRAÇA NÃO É GRAÇA

O que Calvino praticou, ao impor a sua doutrina agostiniana àqueles que discordaram, estava, em muitos casos, muito longe do cristianismo e da graça de Deus. Estava, no entanto, de acordo com seu ponto de vista a respeito da Graça *Irresistível* e de um Deus que soberanamente impõe essa graça aos eleitos.

Se o calvinismo fosse verdadeiro, como poderia Deus dar certeza de que o sangue de Cristo, derramado na cruz pelo pecado, traria, realmente, salvação aos eleitos? Como pode um pecador "totalmente depravado", ser levado a crer a não ser de forma irresistível? Em sua disputa com a Roma, Calvino insistiu que "a graça divina [age], de forma irresistível [...]"[1].

White argumenta que, só porque a Bíblia diz que *Cristo salva* os pecadores, não podemos levá-la a dizer que ele "salva em sinergia, com a assistência, do próprio pecador"[2]. Simplesmente, *crer* no evangelho e *receber* o seu dom gratuito da salvação, todavia, dificilmente seria qualificado como "assistência" a Deus. No entanto, Pink argumenta da mesma forma:

> Que impressão fica nas mentes daqueles homens do mundo de que, de vez em quando, frequentam um culto evangélico [...]? Não é que é um Deus *desapontado*, Aquele em quem os cristãos creem? Pelo que se ouviu da média dos evangelistas de hoje, qualquer ouvinte sério não é *obrigado* a concluir que ele professa representar um Deus que está cheio de intenções benevolentes, no entanto, é incapaz de realizá-las; que Ele está sinceramente desejoso de abençoar os homens, mas que eles não querem deixá-Lo abençoar?[3]

---

1 João Calvino, *Acts of the Council of Trent: With the Antidote*. Henry Beveridge, trad. e ed. (1851); em *Selected Works of João Calvino: Tracts and Letters*, 7 volumes. Henry Beveridge e Jules Bonnet, trad. e ed. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1983), vol. 3, p. 111.

2 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 247.

3 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986), p. 12.

Pink esquece que grande parte do Antigo Testamento foi escrita por profetas que, lamentando, expressaram o desapontamento e a tristeza de Deus em relação à rejeição de Israel de Seu amor, Sua graça e Sua misericórdia? No entanto, para o calvinista, se a salvação é, simplesmente, uma oferta, que o homem pode recusar, então, isso coloca o homem e não Deus, no comando. Este argumento é uma tolice. O recebedor de um presente simplesmente aceita ou rejeita o que é oferecido. Impor, soberanamente, um presente ou o amor destruiria a ambos. O homem *não* está no comando. Se ele não voltar a Deus, de boa vontade, com todo o seu coração, ele estará eternamente condenado.

A crença equivocada de Calvino de que a soberania de Deus seria destruída pelo livre-arbítrio exigiu um Deus que elegeu alguns para a salvação e predestinou o resto da humanidade, ao inferno eterno. Nenhum ser humano poderia ter qualquer escolha, em relação a isso. Essa doutrina abominável contradiz diretamente as centenas de Escrituras nas quais Deus chama todos os homens ao arrependimento, a crerem e a receberem a vida eterna como um dom de Sua graça. O calvinismo cega os seus seguidores a tais Escrituras. Assim, Pink lamenta:

> É triste, na verdade, encontrar alguém como o falecido Dr. [A. T.] Pierson — cujos escritos são geralmente tão escriturísticos e úteis — dizendo: "é um pensamento medonho que até mesmo o próprio Deus não possa [...] me impedir de desafiá-Lo ou negá-Lo e que não exerceria o Seu poder em tal direção se Ele pudesse; e não conseguiria se Ele quisesse" (*Uma Clínica Espiritual*). É ainda mais triste descobrir que muitos outros irmãos, respeitados e amados, estão dando expressão aos mesmos sentimentos. É triste, porque diretamente estão em desacordo com as Sagradas Escrituras.[4]

Na verdade, é o calvinismo que está "em desacordo com as Sagradas Escrituras".

---

4 ibid., p. 144.

Deus, o Manipulador de Fantoches

A insistência na soberania que necessariamente não permite qualquer escolha ao homem se tornou o fundamento desse sistema de teologia conhecido hoje como calvinismo. A soberania de Deus e a incapacidade do homem para dizer, pensar ou fazer qualquer coisa que Deus não tenha predestinado tem sido a prioridade permanente, reduzindo o homem a um fantoche, com Deus manipulando as cordas.

Engelsma afirma: "o apóstolo Paulo era um confesso e ardente predestinacionista, sustentando a dupla-predestinação, a eleição e a reprovação"[5]. O que Engelsma atribui a Paulo, Jewett afirma que era a crença comum de cada teólogo na história, vale a pena mencionar: "cada teólogo de primeira linha, de Agostinho a Barth, afirmou [...] que a eleição de Deus é uma justa e santa decisão que Ele toma de acordo com a Sua boa vontade, em resgatar os objetos de sua amorosa eleição"[6]. O homem não pode nem mesmo crer no evangelho sem Deus *levá-lo* a fazer. E que Ele leva tão poucos a crer e predestina tantos para o tormento eterno está "de acordo com Sua própria boa vontade"! Esse é realmente o "Deus e Pai, de nosso Senhor Jesus Cristo" (Efésios 1:3)?

Piper escreve um livro inteiro "para defender a afirmação de que Deus não é injusto, ao predestinar, incondicionalmente, alguns israelitas à salvação e outros à condenação"[7].

O que devemos fazer com as súplicas de Deus a todo o Israel para que se arrependesse? E o que dizer do fato de que *todo* o Israel matou o cordeiro, aspergiu o sangue, foi liberto do Egito, comeu o maná e "beberam, todos, de uma mesma bebida espiritual [...], a pedra espiritual que os seguia: e a pedra era Cristo" (1 Coríntios 10:4)? No entanto, Deus predestinou muitos, se não a maioria deles,

---

5 David J. Engelsma, *Hyper–Calvinism and the Call of the Gospel* (Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1980), p. 53.

6 Paul K. Jewett, *Election and Predestination* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1985), pp. 3–4.

7 John Piper, *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans* 9:1–23 (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 179.

à condenação eterna? Pelo contrário, está claro que Deus desejava a salvação eterna de *todo* o Israel.

Não temos desacordo algum com o calvinismo a respeito da perfeição de Deus ou da Sua justiça — a questão é o Seu amor. Será que Ele ama o mundo inteiro e deseja que todos os homens sejam salvos ou será que Ele não ama e não deseja? O calvinismo limita o infinito amor de Deus a um grupo seleto; a Bíblia declara Seu amor por todos — e permite ao homem a escolha que o amor exige.

Packer explica a posição calvinista: "Deus ama a todos em alguns aspectos (todos aqueles que Ele criou [...], recebem muitas e imerecidas dádivas [...]). Ele ama alguns em todos os aspectos (que é [...] Ele os traz à fé, à nova vida e à glória, de acordo com o Seu propósito em predestinar)"[8]. Mas seria realmente amor "em alguns aspectos" para Deus dar "imerecidas dádivas", terrenas e temporariamente, àqueles a quem Ele predestinou ao tormento eterno? Amor "em alguns aspectos"? Absolutamente, não! O amor não pode deixar de dar tudo o que possivelmente ele poderia dar àqueles que são amados.

Que amor é este que proporciona *bênçãos temporais* àqueles a quem predestina à *condenação eterna*?" Cristo disse que era um mau negócio para um homem "ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma" (Mateus 16:26). Assim, não poderia ser amor, *de qualquer tipo*, para Deus dar até mesmo "o mundo inteiro" àquele a quem Ele predestinara a "perder a sua alma"! No entanto, Packer chama de um dom do "amor" o que o calvinismo atribui a Deus. Palmer declara:

> Pelo decreto de Deus, para a manifestação da Sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna; e outros, preordenados à morte eterna [...]. Deus destinou os eleitos à glória. O resto da humanidade, agradou a Deus, de acordo com o inescrutável conselho da Sua própria vontade [...] ,para a glória do Seu poder soberano sobre suas criatu-

---

8 J. I. Packer, "The Love of God: Universal and Particular", em *Still Sovereign*. Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), pp. 283–284.

ras [...], ordená-lo à desonra e à ira pelo seu pecado, para o louvor da Sua gloriosa justiça.[9]

Como podemos deixar de denunciar tal deturpação horripilante de Deus? O calvinismo é levado a essa crença que desonra a Deus, através da sua má compreensão da soberania. E a solução é muito simples: reconhecer que Deus, soberanamente, deu ao homem um verdadeiro poder de escolha e que assim Deus é absolvido e honrado.

Uma Ênfase Unilateral

A ênfase contínua do calvinismo é sobre a soberania, a glória, a justiça e a ira de Deus. Pesquisando sua literatura, encontra-se muito pouco, senão nada, a respeito da misericórdia, da graça, da compaixão e do amor de Deus para com todos, a não ser aos eleitos.

A Graça Irresistível é uma invenção humana imposta à Bíblia. White escreve: "a 'Graça Irresistível' é uma referência à regeneração soberana de Deus dos Seus eleitos; qualquer outra utilização dessa frase é um erro"[10]. Ele insiste em regras precisas para a manipulação de uma frase que nem sequer é encontrada na Bíblia — um conceito sobre o qual Paulo e os outros apóstolos, obviamente, não conheciam coisa alguma.

Quando Moisés pediu uma revelação da glória de Deus, a resposta foi: "Eu farei passar toda Minha bondade diante de ti [...], [e] o Senhor passou, perante Moisés, e proclamou: O SENHOR, O SENHOR Deus, misericordioso e piedoso, longânimo e grande em bondade e verdade, que guarda a beneficência em milhares, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, e que não deseja, de nenhuma maneira, inocentar [isto é, perdoar sem a pena ser paga] o culpado [...] (Êxodo 33:19; 34:6–7).

9 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), pp. 95, 124–125.

10 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 137.

O calvinismo coloca grande ênfase na declaração de Deus: "[Eu] terei misericórdia de quem Eu tiver misericórdia e Me compadecerei de quem Eu Me compadecer" (Êxodo 33:19) — mas sempre do ponto de vista negativo, como se Deus estivesse pronunciando limitações em Sua graça e Sua misericórdia, quando, na verdade, Ele está declarando sua extensão ilimitada. Piper escreve: "ao dispensar misericórdia e graça, Deus não é dependente de coisa alguma a não ser da Sua própria, livre e soberana escolha"[11].

Isso é verdadeiro, porém Deus declara, repetidamente que Sua graça e Sua misericórdia são para todos. O calvinista, entretanto, vê na declaração de Deus a Moisés uma limitação de graça e de misericórdia aos eleitos, ao passo que todo o teor das Escrituras nos fala que Sua misericórdia e Sua graça são ilimitadas. O contexto inteiro dessa passagem requer a compreensão de que Deus está revelando a extensão infinita de Sua misericórdia e Sua graça, e não as suas limitações — ao mesmo tempo deixando claro que a graça não compromete a justiça: "e que não tem o culpado, por inocente" (Êxodo 34:7).

Um Contínuo Acobertamento

É possível que a influência tirânica de Calvino sobre Genebra, a qual foi muitas vezes tão contrária àquela semelhante a Cristo, tenha sido um resultado direto de sua visão de Deus como um severo soberano, mais pronto a condenar do que salvar? Tragicamente, esse ponto de vista de Deus persiste hoje entre muitos calvinistas.

Os calvinistas têm evitado a verdade sobre o homem João Calvino. O livreto posto publicado por John Piper e sua equipe pastoral, na Igreja Batista Belém, em Minneapolis, abre com "Informações Históricas". Ele começa, "João Calvino, o famoso teólogo e pastor de Genebra [...]"[12] — o que é isso de "informação histórica"? Não há uma só pala-

11 John Piper, *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1-23* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), pp. 82-83.

12 John Piper e a Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff " (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 3.

vra a respeito do comportamento opressivo desse "papa protestante", o que já temos documentado no capítulo 5. É, realmente, justo para os leitores elogiar Calvino sem dizer a verdade? Isso não dá uma falsa impressão? Não é a conduta de Calvino tão importante quanto a sua teologia? Não estão as duas, em última análise, relacionadas?

Em um livro mais recente, Piper parece dizer a verdade fielmente sobre Agostinho, Lutero e Calvino, a quem ele os chama de "três famosos e falhos pais na igreja cristã [...]" e, desse modo, mostra como "a fidelidade de Deus triunfa sobre as falhas dos homens"[13]. Piper declara que seu objetivo, nesse livro, "é que o glorioso evangelho da total-satisfação e da graça onipotente de Deus seja saboreado e estudo, e se espalhe para alegria de todos os povos — em um legado inesgotável da Soberana Alegria"[14]. *Todos os povos* — incluindo as multidões predestinados à destruição? Ele pode estar falando sério? E a Soberana Alegria? O que é isso?

O Evangelho da "graça onipotente" do calvinismo "será saboreado, estudado e espalhado para a alegria" dos não eleitos, os quais foram preordenados à condenação eterna e que nasceram, neste mundo, sem qualquer esperança de mudar o seu destino? Que escárnio! No entanto, o calvinista parece cego para o que sua teoria tem feito a Deus, que é *amor*, e de como ela destrói qualquer senso de urgência e responsabilidade em pregar o Evangelho.

Piper nos lembra que "o texto padrão sobre a teologia de onde Calvino e Lutero beberam foi as *Sentenças* de Pedro Lombardo. Noventa por cento desse livro é composto de citações de Agostinho [...]. Lutero era um monge agostiniano e Calvino imergiu nos seus escritos, como podemos ver, a partir do uso crescente dos escritos de Agostinho, a cada nova edição das *Institutas* [...]; paradoxalmente, um dos mais estimados pais da Igreja Católica Romana 'nos deu a Reforma'"[15]. Piper considera muito bom esse paradoxo; nós não e pelas muitas razões que já demos — entre elas, as heresias romanas

13 John Piper, *The Legacy of Sovereign Joy: God s Triumphant Grace in the Lives of Augustine, Luther; and Calvin* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2000), p. 18.

14 Ibid., p. 38.

15 Ibid., pp. 24–25.

que foram transportados para a Reforma por Lutero e Calvino. Por que fui tão duramente criticado por apontar a verdadeira "conexão católica" que Piper reconhece?

Sua suposta denúncia das "falhas" de Calvino é quase uma farsa. Piper admite que "quinze mulheres foram queimadas na fogueira" e que havia algumas crueldades. A verdade completa, como já vimos, é muito pior. No entanto, todas elas são, em grande parte, absolvidas, como uma "acomodação aos tempos brutais de Calvino" (como se os cristãos não tivessem um padrão mais elevado do que o costume atual) e como tendo sido feitas "em homenagem e defesa dos mártires protestantes na França"[16]. Piper escreve:

> O pior foi sua adesão à condenação do herege Miguel Serveto, a ser queimado na fogueira, em Genebra [...]. Calvino argumentou o caso contra ele. Ele foi condenado à morte. Calvino pediu por uma execução rápida, em vez de queimar, mas ele foi queimado na fogueira em 27 outubro de 1553.
>
> Isso manchou o nome Calvino tão severamente que muitos não podem compartilhar o seu ensino a uma audiência. Mas não está claro que a maioria de nós, uma vez naquele meio social, não teria agido da mesma forma e sob as mesmas circunstâncias [...]; os tempos eram difíceis, imorais e bárbaros e tinham um efeito contaminante em todos [...]. Houve, na vida e no ministério de João Calvino, uma grande centralidade em Deus, fidelidade à Bíblia e uma constância de ferro.
>
> Sob a bandeira da misericórdia de Deus para com os pecadores miseráveis, faríamos bem em ouvir e aprender [...] a convicção por trás deste livro é que a glória de Deus, embora de forma tênue, se reflete nas vidas falhas de seus servos fiéis.[17]

---

16 Ibid., pp. 32–35.

17 Ibid., pp. 34–38.

Com essas palavras doces, Piper realmente quer dizer que "sob a bandeira da misericórdia de Deus a *alguns* pecadores miseráveis", os favorecidos eleitos podem "ouvir e aprender". Porém os não eleitos não podem ouvir e aprender; eles são totalmente depravados e sem entendimento ou esperança, porque o "Deus" de Piper os mantém em cegueira! E, mesmo que eles pudessem entender a mensagem e desejassem crer, isso não seria possível, porque eles foram condenados desde a eternidade passada, através de um decreto imutável do Todo-poderoso. É, realmente, justo aos leitores dar uma falsa impressão da "soberana" alegria a "todos os povos?

E, será que foi, realmente, "uma grande centralidade em Deus, uma fidelidade à Bíblia e uma constância de ferro" que produziu a tirania ímpia e antibíblica de Calvino em Genebra? Reveja o capítulo 5 e perceba o quanto Calvino é protegido por Piper. Houve *dezenas* de outras pessoas que foram queimadas na fogueira, não apenas Serveto, e houve muitos cristãos que não praticaram a tortura ou queimaram na fogueira nos dias de Calvino, provando assim que ninguém precisava se "adaptar aos tempos brutais". Será que Paulo, João ou Cristo teriam se adaptado? Por que Calvino precisou?

Será que a visão de Calvino de Deus (como tendo prazer em condenar bilhões a quem Ele *poderia* salvar) combina, perfeitamente, com a "dureza dos tempos"? Era necessário dar a doutrina de Calvino sem "acomodação aos tempos brutais".

E por que Piper não explica que a razão que levou Calvino a propor a decapitação foi porque esse tipo de execução era para crimes civis e por que a responsabilidade não estaria sobre ele? Porém as acusações levantadas por Calvino contra Serveto no tribunal eram teológicas e exigiam as chamas. Calvino estava, simplesmente, tentando burlar a lei. Será que devemos elogiá-lo por isso? Oito anos depois, Calvino ainda aconselhava outros governantes a exterminar os hereges "como eu exterminei Miguel Serveto [...]"! Será que Calvino foi uma vítima dos seus tempos? Não, ele foi vítima de sua teologia!

Antibíblica e Irracional

Como já vimos, a teoria da Graça Irresistível (assim como o resto do Calvinismo) entra em conflito com a Bíblia e com a razão. Um dos requisitos mais surpreendentes da TULIP é que a "regeneração precede a fé". Sproul explica: "a teologia reformada vê a regeneração como a obra sobrenatural, imediata, do Espírito Santo, que efetua a mudança na disposição da alma [...]. A fé é um fruto da regeneração"[18].

Depois de já ter dado alguma atenção a essa estranha teoria, precisamos examiná-la com mais profundidade. Que esse dogma não é produzido pela exegese bíblica, mas é necessário em virtude dos outros pontos em TULIP, está claro. Em nenhum lugar a Bíblia declara que a regeneração (ou seja, o novo nascimento, nascer de novo, ter a vida eterna, salvação) *precede* a fé, mas existem dezenas de escrituras que nos dizem que a *necessidade* da *fé* vem em primeiro lugar:

- Quem crer e for batizado será salvo [...]. (Marcos 16:16)
- Deu-lhes o poder de se tornarem [através do novo nascimento] os filhos de Deus, a saber, aos que creem no Seu nome. (João 1:12)
- Aquele que crê em Mim tem a vida eterna. (João 6:47)
- Aquele que crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá [...]. (João 11:25)
- [...] para que, crendo, tenhais vida em Seu nome. (João 20:31)
- Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo[...] (Atos 16:31)

---

18 R. C. Sproul, *Faith Alone: The Evangelical Doctrine of Justification* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1995), p. 26.

- E muitos dos coríntios, ouvindo, criam e eram batizados. (Atos 18:8)
- O evangelho de Cristo [...] é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê [...]. (Romanos 1:16)
- Que, se tu [...] creres em teu coração [...] serás salvo. (Romanos 10:9)
- Aprouve a Deus [...] salvar os que creem. (1 Coríntios 1:21)
- [...] daqueles que creem para a conservação da alma. (Hebreus 10:39)

Indiscutivelmente, as Escrituras acima e muitas outras declaram que somente após crer em Cristo, e como resultado dessa fé, alguém é "salvo". Mas se a fé somente segue a regeneração, alguém se torna um cristão "nascido de novo" *antes* de crer para a salvação — um conceito diretamente contrário às Escrituras. Sproul reconhece que, se alguém é cristão, é regenerado; e se alguém é regenerado, é um cristão[19]. Mas como poderia alguém tornar-se um cristão através da "regeneração", sem crer em Cristo através do Evangelho?

Robert Morey afirma que há um versículo na Bíblia que ensina que a regeneração precede a fé: João 3:3. Ele declara: "Cristo coloca a regeneração, pelo Espírito, como um requisito antes que se possa 'ver', ou seja, crer ou ter fé no Reino de Deus [...]; um pecador que é nascido da carne não pode crer nas boas novas do Reino até que ele seja nascido através do Espírito"[20].

Tal pensamento vago e ilusório não é típico de Morey. "Ver" o reino significa "*crer* ou ter fé no Reino [...]"? Não existe tal conceito como "fé no Reino". Em toda a Escritura, a fé é em Deus e em Cristo. E Cristo explica "ver" quando Ele reitera: "aquele que não nascer da água e do

19 Ibid., p. 23.

20 Robert A. Morey, *Studies in the Atonement* (Southbridge, MA: Crowne Publications, 1989), `. 82.

Espírito não pode *entrar no* reino de Deus" (João 3:5). É preciso *estar* no reino de Deus, para vê-lo. Percebendo que é absurdo falar de "fé no Reino", Morey reformula a expressão para "crer nas boas-novas do Reino", o que está igualmente longe de daquilo que Cristo diz.

Como Seus discípulos, Cristo nos ordenou a ir ao mundo todo e pregar o Evangelho a toda pessoa que encontramos e que nos ouça. O apóstolo Paulo tinha uma paixão em compartilhar o Evangelho a todos que pudesse alcançar. Ele passou sua vida convencendo judeus e gentios a crerem em Cristo, disputando nas sinagogas e locais públicos. Mas (como temos enfatizado) se o calvinismo é verdadeiro, Paulo perdeu seu tempo — e, da mesma forma, nós também. Os eleitos não precisam de persuasão, sendo soberanamente regenerados sem crer em Cristo. Ademais, os não eleitos são totalmente depravados, até mesmo "mortos" e incapazes de crerem para a salvação, não importando o quão persuasivamente preguemos o Evangelho.

Degradando a Grande Comissão

Como pode a graça de Deus, que traz a regeneração, alcançar o pecador "totalmente depravado" do calvinismo, o qual é incapaz de crer no Evangelho? Somente mudando a graça para Graça Irresistível — um conceito desconhecido nas Escrituras. Visto que o homem é supostamente incapaz de crer em Cristo, a salvação deve ser imposta a ele, sem que primeiro creia no Evangelho. Se a Depravação Total significa que nenhum homem pode crer no Evangelho para a salvação, então se segue não somente a teoria da Graça Irresistível, mas também que o homem deve ser regenerado e vivificado, antes que ele possa crer e ser salvo.

No entanto, uma visão bíblica continua escorregando, traída por admissões não calvinistas. Por exemplo, o que segue, vem de Sproul: "uma vez que Lutero compreendeu o ensinamento de Paulo em Romanos, ele renasceu"[21]. Esse lapso de escrita, contradiz a afirmação

21 R. C. Sproul, *The Holiness of God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1993), p. 144.

de que é preciso primeiro ser regenerado e só então o evangelho pode ser entendido e crido. Qual é a alternativa? Somos renascidos/ regenerados antes que possamos crer no evangelho ou por meio da fé no evangelho? Ou somos renascidos duas vezes, uma por um ato soberano de Deus, antes de crermos e em seguida, novamente, depois de sermos regenerados e tendo recebido a fé para crer?

Em contraste, a Bíblia declara repetidamente na linguagem mais clara (e em várias passagens) que nenhum homem pode ser transformado de pecador impenitente para filho de Deus sem crer, de coração, no Evangelho, e, como resultado de crer, ser nascido do Espírito de Deus. Porém se ninguém pode crer no Evangelho sem primeiro ser regenerado pelo Espírito de Deus, como o calvinismo declara, então não só a condenação de bilhões, mas também a continuação do mal deve ser a vontade de Deus, na medida em que Ele escolhe regenerar tão poucos e Se mover sobre tão poucos corações com a Graça Irresistível. A Bíblia, a razão e a consciência estão todas indignadas. Dick Sanford colocou muito bem:

> O ensinamento de que [por causa da soberania de Deus] um homem que é salvo não poderia ter feito coisa alguma além de ser salvo, e um homem que está perdido não poderia ter feito coisa alguma além de se perder, destrói o conceito de graça. Ele transforma a graça em simples programação. O amor não é necessário [...]. O homem não está respondendo a uma amorosa graça de Deus, ele está simplesmente fazendo o que foi programado para fazer.[22]

Construindo Sobre Uma Fundação "Morta"

Foi uma grave má compreensão a respeito da expressão "mortos em pecados" que deu à luz a Graça Irresistível. Enquanto essa questão era tratada no capítulo 9, uma discussão mais aprofundada foi

---

22 Dick Sanford, *Predestination and Election*. John R. Cross, ed. (monografia de publicação do autor, sem data), p. 3.

prometida sob esse título. Na medida em que White é reconhecido como uma autoridade no calvinismo, deixemos ele elaborar mais a respeito das suas afirmações, no que diz respeito ao "I" na TULIP:

> Autores reformados frequentemente apontam para o ensino bíblico de que o homem está "morto em pecado", como comprovação de sua crença de que Deus *deve* ser absolutamente soberano, e que a salvação deve ser completamente da graça e *não* de uma cooperação sinérgica entre Deus e o homem, visto que o homem não é *capaz* de cooperar mais do que um cadáver"[23]. Afinal, se os homens estão mortos em pecado [isto é, pela própria definição peculiar do calvinismo], segue-se que eles devem ter a vida espiritual restaurada antes que possam fazer coisas boas [...]; homens espiritualmente mortos creem em todos os tipos de coisas: simplesmente não creem nas coisas que agradam a Deus.[24]

Onde a Bíblia faz essa distinção de que os mortos espiritualmente podem "crer em todos os tipos de coisas", mas não creem "naquelas coisas que agradam a Deus"? E, o que isso tem a ver com a salvação, uma vez que a salvação não depende de ser "agradável a Deus"? Ademais, se a morte espiritual é semelhante à morte física, então os mortos espiritualmente não devem ser capazes, até mesmo, de pensar ou acreditar em *qualquer coisa*. Porém se a analogia falha completamente a esse respeito, como pode ela ser válida em relação ao Evangelho?

White não oferece ensino direto da Bíblia. Não há um sequer. A doutrina da Graça Irresistível foi deduzida a partir da afirmação bíblica de que os homens estão espiritualmente mortos. A única maneira de adaptá-la à TULIP era equiparar "morte espiritual" com "morte física". Esse erro se tornou um dos principais pilares do calvinismo.

---

23 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 100.

24 ibid., p. 105.

Uma Sutil Rendição ao Materialismo

Dabney argumentou: "o cadáver não restaura a vida a si mesmo; após a vida ser restaurada, ele torna-se um agente vivo"[25]. O que é que isso tem a ver com a salvação? Quem imagina que o pecador restaura a vida a si mesmo? Tudo o que o pecador deve fazer é crer no evangelho; é Deus quem, em resposta à fé, cria a vida espiritual, através do novo nascimento.

Os calvinistas aparentemente esquecem da alma e do espírito, dos quais o corpo é apenas a casa terrestre temporária. O corpo físico de uma pessoa viva não sabe que está vivo. A alma e o espírito constituem a pessoa real, que pensa e deseja. Assim, ao comparar a morte espiritual a um cadáver, perde-se o ponto e leva-se à confusão. O erro nessa analogia torna-se ainda mais claro quando se lembra que a regeneração para a vida espiritual deixa a pessoa fisicamente inalterada.

Apesar da morte física do corpo, o espirito do homem continua a pensar e a desejar. Cristo fala do homem rico que, após sua morte, "no inferno" podia pensar, falar e expressar desejos (Lucas 16:22–31). Os tecidos de um organismo vivo, incluindo até mesmo o cérebro, não sabem coisa alguma sobre as "questões da vida" (Provérbios 4:23), contudo, o calvinista fundamenta a sua teoria sobre o fato materialista de que um cadáver não pode fazer coisa alguma. Piper abraça o mesmo erro: "Deus é o único que soberanamente decide a quem será mostrada tal misericórdia [receber, espiritualmente, a vida] [...]"[26].

Da mesma forma, Westblade chama a morte espiritual de "aquela morte moral, que não nos impede fisicamente, mas obscurece olhos do coração [...]; cadáveres morais que somos, a única esperança que temos, por uma vontade que muda sua paixão em direção a Deus, reside no chamado de Deus [que] 'nos deu vida juntamente

---

25 Robert L. Dabney, *The Five Points of Calvinism* (Harrisburg, VA: Sprinkle Publications, 1992), p. 35.

26 John Piper, *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1–23* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 178, n. 31.

com Cristo'"[27]. Aqui o erro vai um pouco mais fundo. Ora, os hábitos morais estão conectados ao corpo físico e assim um cadáver não pode fazer escolhas morais (é claro, nem poderia o corpo físico fazê--las quando estava vivo) — o homem natural, estando espiritualmente morto, imagina-se, portanto, estar moralmente morto.

Onde a Bíblia ensina isso? Os Dez Mandamentos não foram dados à humanidade espiritualmente morta, bem como os espiritualmente mortos não compreendem as questões morais e, muitas vezes, não guardam alguns dos mandamentos? Paulo diz que até mesmo os gentios, espiritualmente mortos, "mostram a obra da lei, escrita em seus corações; a sua consciência também dá testemunho, bem como os seus pensamentos, quer acusando-os, quer desculpando- os [...]" (Romanos 2:14-15). Será que Deus não apela à consciência de todo homem?

Abraão lembra ao homem rico no inferno das falhas morais do seu passado. Embora seu corpo fosse um cadáver na sepultura, o homem rico conhecia o seu pecado – pois é tarde demais para ele — e ele manifesta a sua honesta preocupação moral de que seus irmãos, que estão vivos, sejam advertidos, para que não se juntem a ele no inferno. O calvinista criou uma falsa analogia, demasiadamente distante tanto da Bíblia quanto do senso comum.

A Bíblia não oferece justificativa alguma, do Gênesis ao Apocalipse, para a conclusão de que o homem é moralmente um cadáver. Propenso ao mal, sim; mas incapaz de entender que ele é um pecador e que Cristo morreu pelos seus pecados? Incapaz de reconhecer o seu pecado e incapaz de crer no evangelho? Não. A Bíblia ensina que os mortos espiritualmente podem entender o evangelho e crer no Senhor Jesus Cristo para a salvação (João 5: 24-25, etc.).

Aumentando a Confusão

J. I. Packer afirma esse mesmo erro básico: "'morto'" significa,

27 Donald J. Westblade, "Divine Election in the Pauline Literature", em *Still Sovereign*. Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), pp. 72–73.

evidentemente, total ausência de resposta a Deus, total inconsciência de Seu amor e total ausência de vida que Ele dá: nenhuma metáfora para a incapacidade espiritual e destituição poderia ser mais forte"[28].

Evidentemente? O que isso significa? "Total ausência de resposta a Deus" e "total inconsciência" do amor de Deus, até mesmo na consciência dada por Deus? Por que as Escrituras não declaram claramente a posição calvinista, se ela é bíblica?

Packer não oferece apoio bíblico algum à sua afirmação. Não há um seque. Aqui calvinistas se tornam confusos e se contradizem uns aos outros. Considere este reconhecimento de Schreiner:

> Não estamos dizendo que eles [os totalmente depravados e mortos espiritualmente] são tão maus quanto eles possivelmente possam ser. Jesus diz: "[...] vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos" (Lucas 11:13). Se as pessoas fossem tão más quanto elas possivelmente pudessem ser, elas não desejariam dar boas coisas aos seus filhos, [mas] Jesus ainda diz que elas são más. As pessoas más ainda assim dão boas dádivas [...] e fazem coisas boas [...].[29]

Se os totalmente depravados e espiritualmente mortos são "cadáveres morais", como eles podem fazer escolhas morais e fazer o bem? E que eles podem fazer é inegável. No entanto, a pessoa espiritualmente "morta", não obstante seja capaz de fazer *algo* de bom, não seria capaz de buscar a Deus ou de crer no Evangelho? Essa distinção não é feita nas Escrituras.

White já foi citado no sentido de que, embora o homem espiritualmente morto possa crer em outras coisas, ele não pode crer nas

---

28 J. I. Packer, "The Love of God: Universal and Particular", em *Still Sovereign*. Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 283.

29 Thomas R. Schreiner, "Does Scripture Teach Prevenient Grace in the Wesleyan Sense?", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 231.

coisas certas e, certamente, não pode crer no Evangelho, embora ele possa entendê-lo e rejeitá-lo[30]. O calvinismo, dessa forma, se inclina a uma definição peculiar da palavra "morto". Aqueles que estão "mortos em pecado" podem fazer *isso*, mas eles não podem fazer *aquilo* — no entanto, essas regras não são encontradas em parte alguma das Escrituras.

O Evangelho deve ser pregado a "toda criatura" (Marcos 16:15). Seria irracional, para Deus, enviar Seus servos para sofrer e morrer na pregação do evangelho àqueles que eram incapazes de compreendê-lo ou de crer nele. No entanto, Palmer justifica, "só quando o Espírito Santo regenera o homem e faz com que ele viva espiritualmente, o homem pode ter fé em Cristo e ser salvo"[31]. Em todos os escritos calvinistas que temos estudado, nem um versículo da Escritura é citado afirmando claramente essa doutrina. Ela nunca teria sido inventada, se não fosse exigida pela TULIP.

A Graça Irresistível e a Morte Espiritual

A palavra "morto" é usada de várias maneiras nas Escrituras. Até mesmo dos salvos que estão fisicamente e espiritualmente vivos é dito que eles estão "mortos para o pecado" (Romanos 6:2, 7, 11). No entanto, todo o cristão sabe que "mortos para o pecado" não é uma afirmação absoluta, mas deve ser experimentada pela fé. Dos cristãos também é dito que estão mortos de outras maneiras: "morremos com Cristo" (Romanos 6:8; Colossenses 2:20); "mortos para a lei" (Gálatas 2:19); "porque vós morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo, em Deus" (Colossenses 3:3); "porque, se já morremos com Ele [...]" (2 Timóteo 2:11), etc. No entanto, nenhuma dessas analogias bíblicas se encaixa perfeitamente com estar fisicamente morto.

30 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 101.

31 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Ccalvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 27.

Quanto aos pecadores, a Bíblia ensina que, sem dúvida, eles estão mortos espiritualmente para Deus. Mas o que isso significa? Adão morreu espiritualmente a partir do momento em que pecou, porém ele ouviu quando Deus falou com ele e lhe disse das consequências de seu pecado. Ele entendeu a razão pela qual Deus fez uma vestimenta de peles de animais e lhe disse para oferecer um cordeiro do rebanho, antecipando o Cordeiro de Deus, que um dia pagaria a penalidade do pecado. Adão foi regenerado? Obviamente que não. Tal conceito só é introduzido no Novo Testamento. No entanto, muitos antes da época do Novo Testamento, conheciam a Deus e aguardavam com expectativa pelo Messias.Por que a morte espiritual para Deus deveria ser tomada em sentido absoluto, enquanto a morte dos cristãos para o pecado não é? Não há qualquer razão bíblica para fazê-lo. Efésios 5:14 ordena: "desperta, tu que dormes, levanta dentre os mortos e Cristo te iluminará". Aqueles que estão *fisicamente* vivos, porém espiritualmente mortos, são abordados aqui. Ademais, esse fato apresenta problemas ao calvinista, pois afirma que os mortos espiritualmente não podem ouvir o evangelho nem responder a ele — no entanto, eles são ordenados a se levantarem dentre os mortos.

Paulo parece estar parafraseando Isaías 60:1–2, que foi dirigido ao incrédulo e rebelde Israel. Aparentemente, os que estão mortos em pecados podem responder a Cristo e ser iluminados.Alguém poderia pensar que os calvinistas gostariam de responder a Efésios 5:14, porém entre os muitos que eu li, nenhum deles fez isso. White passa longe desse versículo, assim como Piper. Nenhum dos treze autores calvinistas dos ensaios que compõem o *Still Sovereign* sequer o mencionam. Nem todo autor pode cobrir todas as Escrituras — mas por que nenhum deles toca nela? Isso não é estranho? Até mesmo em sua enorme e detalhada exposição das questões que envolvem ambos os lados, Vance é incapaz de citar qualquer calvinista a respeito dessa escritura.

A Bíblia contém muitas passagens difíceis. Cada passagem tem de ser interpretada no contexto do conjunto. Por exemplo, as Testemunhas de Jeová citam "o Pai é maior do que Eu" para "provar" que Cristo não é Deus. Parece lógico, a partir de um único verso. Mas quando tomamos toda a Escritura, percebemos que Cristo, o qual

disse, "Eu e o Pai somos um [...], antes que Abraão existisse, EU SOU, etc.", é Deus, desde a eternidade passada, coigual e coexistente com o Pai e com o Espírito Santo.

Da mesma forma, devemos comparar Escritura com a Escritura (a Bíblia é sua própria intérprete), assim como estamos fazendo para entender passagens a respeito da Eleição; dos vasos de ira, endurecidos por Deus, como Faraó; Seu ódio por Esaú e o Seu amor por Jacó; nossos seres mortos em pecados e assim por diante. No mais, assemelhar morte espiritual com a morte física não se encaixa na Bíblia como um todo.

Buscando um Entendimento

Passagens difíceis se tornam simples à luz daquelas que são muito claras. E não pode haver dúvida de que Jesus claramente ensinou mais de uma vez que ouvir a Sua voz e, como resultado, crer no Evangelho, e receber o dom da vida eterna, é possível àqueles espiritualmente mortos. Por exemplo, Jesus disse: "vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem, viverão" (João 5:25).

Inquestionavelmente, a frase-chave "agora é" se refere aos mortos espiritualmente, sendo vivificados ao ouvirem e crendo no Evangelho, nos dias de Cristo e ao longo do tempo. Esse fato está claro por Sua referência, separada e específica, a uma posterior ressurreição *física*.

Depois de declarar que os mortos espiritualmente podiam ouvir Sua voz e viver, Cristo Se refere a um dia futuro, o da ressurreição física e a frase "agora é" não está incluída: "a hora está chegando, em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz, e sairão [...]". Sepulturas não foram mencionadas em sua primeira declaração, quando os mortos espiritualmente ouvem a Sua voz e vivem. Cristo Se refere a uma futura ("a hora está chegando") ressurreição dos mortos fisicamente, saindo das suas sepulturas, alguns "para a ressurreição da vida" e alguns "para a ressurreição da condenação" (João 5:28–29).

O processo, ao qual Cristo Se refere, em primeiro lugar, quando aos mortos espiritualmente é dada a vida, só pode ser realizado através da pregação e de crer no evangelho. Certamente, essa recepção inicial da vida pelos mortos espiritualmente vem como resultado da fé em Cristo, exatamente como Ele disse:

> Em verdade, em verdade, Eu vos digo que, quem ouve a minha palavra e crê Naquele que Me enviou tem a vida eterna, não entrará em condenação; mas passou da morte para a vida. (João 5:24)

Toda a Escritura dá testemunho do que Cristo, a Palavra Viva, está dizendo aqui: "a fé vem pelo ouvir [...] a palavra de Deus" (Romanos 10:17) e, através dessa fé, aos "mortos em nossos delitos e pecados" espiritualmente (Efésios 2:1) é dada a vida espiritual, a vida eterna. Repetidamente nos é dito que àquele que "crê" é dada a "vida eterna", através de sua fé, e, como resultado dela, passa "da morte para a vida". Ele não é regenerado soberanamente por Deus, como o calvinismo afirma, quando se torna espiritualmente vivo, sem crer no Evangelho, e só então recebe a fé para crer em Cristo. Não, ele é regenerado como resultado de depositar sua fé em Cristo.

Um amigo calvinista, a quem uma cópia preliminar do manuscrito deste livro foi enviada para avaliação, escreveu na margem, "regeneração e salvação são, distintamente, diferentes [...]". No entanto, em nenhum lugar da Escritura é feita essa distinção. Os calvinistas nos acusam de confundir regeneração e salvação. Não há confusão — elas são uma e a mesma coisa.

Nós já vimos que Spurgeon, assim como MacArthur, equiparou a regeneração com a salvação. Como alguém poderia ser regenerado pelo Espírito de Deus, tornando-se um filho de Deus, no entanto ainda precisar de salvação? Certamente, a regeneração soberana pelo Espírito de Deus deve ser aquela que Cristo descreveu a Nicodemos como sendo o "novo nascimento". No entanto, pode-se crer no evangelho somente *após* a "regeneração"? Pelo contrário, todos os salvos são nascidos de novo e todos nascidos de novo são salvos — o que só acontece pela fé. A salvação e a regeneração são a mesma obra de Deus.

De acordo com o calvinismo, os "eleitos" são regenerados sem crerem em Cristo. Regeneração só pode significar "nascer de novo", pelo Espírito de Deus, na família de Deus. Que outra "regeneração" haveria? Uma vez que nós somos salvos pela fé — "pela graça sois salvos, mediante a fé [...]; crê [...] e serás salvo" (Efésios 2: 8, Atos 16:31) — e o calvinismo diz que não podemos ter fé até que tenhamos sido regenerados, devemos (de acordo com esta doutrina estranha) ser nascidos de novo, antes de sermos salvos! Apesar de ser um calvinista convicto, Dillow percebe essa loucura e escreve: "além do mais, o estado de salvação ocorre simultaneamente ao exercício desta fé e não ocorre antes dela"[32].

Os "Espiritualmente Mortos" Ouvem e Creem

Que os incrédulos, mortos em delitos e em pecados, podem ser chamados à razão com o Evangelho, podem compreendê-lo e podem crer nele para a salvação está claro de muitas passagens, como a seguinte: "conhecendo [...] o temor do Senhor, persuadimos aos homens [não salvos]" (2 Coríntios 5:11); "e ele disputava na sinagoga [com homens não regenerados] [...] e persuadiu os [não regenerados] judeus e gregos [para crer]" (Atos 18:4); "ele poderosamente convenceu os judeus [não regenerados] [...], mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo" (Atos 18:28); e assim por diante.

Não só essas escrituras, mas muitas outras semelhantes a elas, ensinam claramente que devemos de usar a razão e as Escrituras a fim de convencer os espiritualmente perdidos de que eles precisam de um Salvador. O Espírito Santo usa a persuasão da Palavra de Deus, que é "viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes" (Hebreus 4:12), para convencer os perdidos e trazê-los a Cristo. Para ser chamada à razão, persuadida e convencida, a pessoa deve compreender os argumentos e crer na verdade que os

---

32 Joseph C. Dillow, *The Reign of the Servant Kings: A Study of Eternal Security and the Final Significance of Man*, 2. ed. (Haysville, NC: Schoettle Publishing Co., 1993), p. 287.

argumentos transmitem. Claramente, então, o não regenerado *pode* crer em Cristo antes da sua regeneração — ou, então, persuadi-los seria um esforço infrutífero.

Deus falou aos descrentes e rebeldes filhos de Israel, a maioria dos quais se recusou a responder: "vinde então, e argui-Me [...]; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão tão brancos quanto a neve" (Isaías 1:18). Se o calvinismo fosse verdadeiro, Deus estaria desperdiçando Seu tempo e Seu esforço ao chamar os Israelitas espiritualmente mortos à razão, os quais não poderiam responder à verdade tanto quanto um cadáver não se poderia entregar a uma transfusão de sangue. E se a única maneira pela qual eles poderiam se arrepender e crer para a vida eterna seria efetuando a regeneração deles soberanamente, pela Graça Irresistível, por que Ele apelaria a eles e os advertiria, enquanto retinha o único meio pelo qual os que eram abordados por Ele poderiam responder?

De acordo com o calvinismo, Deus deveria, em primeiro lugar, efetuar a regeneração dos "eleitos" dentre Israel e, só então, Ele poderia chamá-los à razão, para qualquer benefício espiritual. Mas a Bíblia nos diz o contrário.

A partir dessas poucas escrituras que já temos considerado, bem como de muitas passagens similares na Bíblia, *nunca* se poderia concluir que Deus, em primeiro lugar, subjuga os pecadores eleitos com a Graça Irresistível ao regenerá-los e, em seguida, dá a eles a fé para que possam crer. Pelo contrário, Ele os convida ao arrependimento e envia os Seus profetas, para alertá-los e persuadi-los.

O próprio fato de que Paulo, Apolo e os outros evangelistas primitivos despendiam-se em persuadir os homens a crerem no evangelho é completamente contrário ao conceito de Depravação Total, da Graça Irresistível e da Regeneração que precede a fé. Obviamente, Paulo não estava ciente dos princípios que Calvino extrairia de suas epistolas, 1500 anos mais tarde. Nem Jesus aparentemente estava ciente, pois Ele Se mantinha exortando o não regenerado a vir a Ele; e, da cruz, rogou ao Pai que perdoasse os próprios rebeldes que O crucificaram e escarneceram Dele.

A Graça Irresistível é "Limitada"?

Mesmo se assumirmos, em nome do debate, que a graça *poderia* ser irresistível, a graça do calvinista dificilmente poderia ser chamada de *graça* por outra razão: ela é somente para os eleitos. Sim, sendo soberano, Deus pode fazer o que quiser. Ele poderia condenar a todos e ninguém poderia reclamar, pois isso é o que merecemos. Ele não é obrigado a salvar pessoa alguma.

Mas a soberania não é uma descrição total de Deus. Numerosas passagens já foram citadas descrevendo Deus como infinito em amor, misericórdia e graça para com todos, e não querendo que pessoa alguma pereça. O calvinismo, no entanto, limita a graça e a misericórdia de Deus. Cristo foi perguntado se poucos seriam salvos e Ele afirmou que, de fato, haveria poucos (Mateus 7:13–14; Lucas 13:23–28), não porque Deus limita a Sua graça, mas porque tão poucos estão dispostos a se arrepender e crer no evangelho; na verdade, Cristo exortou continuamente os homens a entrar no caminho da vida eterna.

Alguém poderia pensar que essas passagens, onde Cristo diz que poucos serão salvos seriam favoritas para aos calvinistas, especialmente Mateus 7:14 e Lucas 13:23. No entanto, na busca de muitos livros de calvinistas, não fui incapaz de encontrar sequer uma referência a esses versos. Por quê? Porque contradizem calvinismo. O próprio Cristo coloca muito claramente sobre o não regenerado a responsabilidade de entrar no reino. "Entrai pela porta estreita [...]; estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem" (Mateus 7:14).

Entrar? Encontrar? Esses são termos muito anticalvinistas! Por que Cristo dá essa advertência, se alguém somente poderia vir ao reino através da predestinação à salvação e da soberania, ao regenerá-lo, sem qualquer compreensão, arrependimento ou fé? A. T. Pierson disse muito bem:

> Na medida em que qualquer ser humano peca por si mesmo, ele deve crer por si mesmo [...]; a jactância é excluída. Eu só tenho que crer [...], receber Jesus como Salvador

> [...], aceitar o manto branco da Sua perfeita justiça, a qual é "para todos e sobre todos os que creem" (Romanos 3:22).[33]

Por que mais não são salvos? A Bíblia diz que é porque muito poucos estão dispostos, como pecadores arrependidos, a vir e a entrar pela porta estreita da fé em Cristo somente. Recusando-se a permitir ao homem o livre-arbítrio, o calvinismo insiste que muito poucos são salvos porque Deus só ama, cuida e guarda alguns, embora Ele pudesse salvar a todos — na verdade, a salvação de tão poucos é para a maior glória de Deus. Calvin foi anteriormente citado:

> Nunca poderemos estar claramente convencidos, tanto quanto deveríamos, de que a nossa salvação flui da fonte da livre misericórdia de Deus, até que cheguemos a conhecer a Sua eterna eleição, a qual ilumina a graça de Deus através deste contraste: que Ele [...] dá a alguns o que Ele nega a outros.[34]

Aqui vamos obter mais conhecimentos sobre o pensamento estranho de Calvino: Deus ilumina Sua graça por não estendê-la às multidões! De alguma forma, *ao limitar* a Sua graça, Deus amplia a nossa apreciação da fonte da qual flui a Sua misericórdia! E nós devemos louvá-Lo ainda mais, porque Ele dá a alguns somente o que Ele poderia estender a todos? Esse é o calvinismo. Boettner nos lembra que "se é para haver salvos, Deus deve escolher aqueles que devem ser o objeto da Sua graça"[35].

Imagine um homem em uma barca, rodeado por milhares de pessoas desesperadas, que não têm coletes salva-vidas e que só se

---

33 Arthur T. Pierson, *The Believer's Life: Its Past, Present, and Future Tenses* (Londres: Morgan and Scott, 1905), pp. 20, 33.

34 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxi.1.

35 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 95.

podem manter flutuando na água gelada por apenas mais alguns minutos. Esse homem tem o meio de salvar cada um deles de um túmulo na água, bem como tem provisões completas e espaço mais do que suficiente na barca para todos eles. Ele resgata da morte certa apenas 150 pessoas, deixando o restante afogar-se, porque lhe agradou fazê-lo.

No dia seguinte, os jornais teriam manchetes elogiando esse homem por ser tão gentil, graciosos e misericordioso, pois ele resgatou 150 pessoas e deixou, 850 pessoas morrerem — ou mesmo se ele resgatou 850 pessoas e deixou à sua sorte apenas 150 pessoas, a quem ele poderia salvar? Dificilmente. Pela consciência que Deus deu, até mesmo aos "totalmente depravados" e espiritualmente mortos filhos de Adão, todos condenariam tal comportamento desprezível. Ninguém com qualquer senso de hábitos morais, os quais Deus imprimiu em cada consciência, poderia elogiar um homem por deixar *qualquer pessoa* a quem ele poderia salvar afogar-se.

No entanto, devemos acreditar que Deus Se abstém de resgatar milhões de pessoas e, talvez, bilhões a quem Ele muito bem poderia salvar? E nós devemos louvá-Lo ainda mais, por ter limitado Seu amor, Sua misericórdia e Sua graça? Tal é o ensinamento do calvinismo!

A Calúnia Contra Deus Claramente Declarada

W. J. Seaton diz, sem qualquer sentido aparente de ironia ou vergonha, "se somente Deus pode salvar e se nem todos são salvos, então a conclusão deve ser que Deus não escolheu salvar a todos"[36]. Pink argumenta que a alegação de que o propósito da morte de Cristo era fornecer salvação para todos "é minar as próprias bases da nossa fé"[37].

---

36 W. J. Seaton, *The Five Points of Calvinism* (Carlisle, Pa: The Banner of Truth Trust, 1970), p. 12.

37 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986), p. 260.

Que "fé" é essa? Como Agostinho e Calvino ousam difamar dessa forma o Pai celestial, que a Bíblia nos garante que é infinitamente mais amoroso, misericordioso, bondoso e gentil do que qualquer humano poderia ser? O calvinismo reduziu o amor e a compaixão de Deus a um padrão mais baixo do que até mesmo um ímpio estabelece para outro.

Piper termina um de seus livros mais importantes, no qual ele tenta justificar a reprovação do Deus no calvinismo, com esta exortação aos leitores eleitos: "vamos nos confiar à misericórdia somente. Na esperança da glória, vamos estender essa misericórdia a outros, para que vejam as nossas boas obras e glorifiquem ao nosso Pai, que está no céu"[38]. Por que as boas ações dos eleitos levam aqueles que foram predestinados à condenação eterna a glorificar ao Deus do calvinismo, que fechou a porta da salvação para eles? A consciência dada por Deus é ofendida com o regozijo dos calvinistas em sua eleição sem qualquer palavra de simpatia a quem vai passar a eternidade em angústia extrema, e para quem, desde o início, nunca houve qualquer esperança. Ademais, como eles poderiam estar preocupados com aqueles com quem Deus, não tem preocupação?

Quanto à misericórdia, somente se alguém está absolutamente certo de que está entre os eleitos (e como pode qualquer calvinista ter certeza?), ousaria ele absolutamente confiar a si mesmo à "misericórdia" desse Deus impiedoso. Para os não eleitos, não há misericórdia real, pois quaisquer bênçãos nesta vida são anuladas por uma eternidade em tormento. Nem precisa o calvinista ser misericordioso, com exceção (como seu Deus) àqueles a quem lhe "agrada" ser misericordioso.

John MacArthur escreve um livro inteiro[39] tentando provar que Deus é amoroso e misericordioso com aqueles a quem Ele predestinou ao tormento eterno, pois Ele dá a eles a luz do sol, a chuva e as bênçãos temporais nesta breve vida. Apenas um calvinista poderia possivelmente pensar nesses termos! Deveríamos recomendar a gra-

38 John Piper, *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1–23* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 220.

39 John MacArthur, Jr., *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996).

ça e o amor de um assassino em massa, que sempre dá uma refeição saudável a suas vítimas, pouco antes de torturá-las e matá-las? Ah mas Deus é soberano e o barro não se pode queixar a respeito do que o oleiro estabeleceu para ele.

Pelo contrário, não somos meros pedaços de barro, mas criaturas feitas à imagem de Deus e a quem Ele amorosamente prometeu salvação, se nós, antes, crermos. O Deus do calvinismo ofende a consciência que o Deus da Bíblia colocou dentro de toda a humanidade, e pisoteia a própria compaixão com a qual Aquele que é amor tem imbuído até mesmo os ímpios, e manifesta um padrão inferior de comportamento em relação às multidões àquele que Ele requer de nós em relação aos nossos inimigos. Algo não está certo!

A verdadeira questão não é a soberania de Deus, com a qual todos concordam. A questão é a misericórdia e a graça de Deus, motivadas pelo amor. A "graça" *irresistível* e *limitada* do calvinismo absolutamente não é graça.

CAPÍTULO 25

A GRAÇA E A RESPONSABILIDADE HUMANA

Em adição às escrituras já discutidas, os calvinistas têm uma série de outras favoritas, que eles citam em apoio à TULIP e, especialmente, à Graça Irresistível. Um número suficiente dessas escrituras será aqui apresentado para permitir que líderes calvinistas levem adiante os seus melhores argumentos.

A passagem usada, com mais frequência e com a maior confiança é João 6:37, 44: "todo aquele que o Pai Me dá virá a Mim [...]. Ninguém pode vir a Mim, se o Pai não O atrair". Perceba o entusiasmo com o qual White "prova" a sua tese a partir dessa porção da Palavra de Deus:

> Se crer que o homem está "tão morto" no pecado que ele seja incapaz de vir a Cristo por si mesmo é "calvinismo extremado", então o Senhor Jesus venceu Calvino com um soco, por 1.500 anos, com Sua pregação na sinagoga registrada em João 6. Aqui, nós temos o Senhor ensinando quase tudo que Norman Geisler identifica como "calvinismo extremado". Jesus ensina que Deus é soberano e age de forma independente das "escolhas livres" dos homens. Ele, do mesmo modo, ensina que o homem é incapaz da fé salvadora à parte da habilitação do Pai. Ele, então, limita essa atração aos mesmos indivíduos dados pelo Pai ao Filho. Ele, então, ensina a graça irresistível *aos eleitos* (e não à "disposição"), quando Ele afirma que *todos* aqueles que são dados a Ele virão a Ele. João 6:37–45 é a exposição muito clara na Bíblia do que [Geisler] chama de "calvinismo extremado".
>
> Há uma boa razão para que [Geisler] tropece nesse ponto: não há exegese não reformada disponível e significativa da passagem [...].
>
> Ouçamos Jesus ensinar o "calvinismo extremado", quase 1500 anos antes de Calvino nascer [...]. "Todo aquele que o Pai Me dá virá a Mim [...]". A ação de dar pelo Pai *vem antes* da ação de vir a Cristo pelo indivíduo. Ademais, uma vez que todos os que são, assim, dados *infalivelmente* vêm,

> temos aqui tanto a eleição incondicional quanto a graça irresistível [...] no espaço de nove palavras!
>
> Uma vez que a ação de vir é dependente da ação de dar, podemos ver que simplesmente não é exegeticamente possível [negar que] a doação de Deus resulta na vinda do homem. A salvação é do Senhor [...].[1]

"A eleição incondicional e a graça irresistível" são encontradas nesta passagem? Yarbrough[2], Piper[3], D. A. Carson[4] e J. I. Packer[5] (entre outros) também pensam assim. No entanto, as palavras "incondicional", "irresistível" e "graça" não estão lá — nem podem ser encontradas em qualquer lugar na Bíblia. E será que Deus "limita essa atração àqueles dados pelo Pai ao Filho"? Não é isso o que Cristo diz. Seja o que for que Cristo quer dizer, deve estar de acordo com a mensagem de toda Palavra de Deus — e tanto a eleição incondicional quanto a graça irresistível contradizem todo o teor das Escrituras.

É claro que a "capacitação" de Deus é essencial, não apenas para vir a Cristo, mas para *qualquer coisa* que um homem salvo ou até

---

1 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 155–156.

2 Robert W. Yarbrough, "Divine Election in the Gospel of John", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*, Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), pp. 50–51.

3 John Piper, "Are There Two Wills In God?", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*, Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 107.

4 D. A. Carson, "Reflections on Assurance", *Westminster Theological Journal*, vol. 54.

5 J. I. Packer, "The Love of God: Universal and Particular", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*, Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 283.

mesmo não salvo faça — até mesmo, respirar. *Capacitação*, no entanto, está longe de *levar* à *execução irresistível* a ação do homem. No entanto, Yarbrough afirma, "quem vem ao Filho o faz como resultado da forçosa atração do Pai"[6]. Forçosa? Onde se encontra tal ensino nessa passagem?

Sproul insiste que um "ponto crucial da disputa entre Roma e da Reforma [por Reforma, ele quer dizer, calvinismo] [...] foi a eficácia da graça divina. Será que a graça é irresistível e eficaz por si só ou é ela é resistível e dependente da cooperação humana?" Afirmando que ela é irresistível, ele cita Tomás de Aquino em apoio. Mas Aquino é ambivalente: "ajuda divina [...]; a ajuda de Deus [...]; a ajuda da graça, etc"[7]. Ajudar alguém não é forçá-lo irresistivelmente. Ajudamos as pessoas a fazer o que desejam fazer; sem que esse desejo, essa "ajuda" de sua parte seja coerção!

Uma Tendência Problemática

Atenção já foi chamada, a uma aparente e preocupante falta de simpatia pelos perdidos entre os calvinistas. E como poderia ser de outra forma? Eles não se atrevem a ter simpatia por aqueles a quem Deus Se agradou de predestinar à condenação eterna.

Tal teoria, logicamente, leva a apatia para evangelismo, embora muitos calvinistas não sucumbam às consequências práticas das suas crenças. Custance justifica, "se a Eleição garante a salvação de todos os que estão predestinados a ser salvos, por que deveríamos estar incomodados com o evangelismo [...]? Que possível diferença isso pode fazer, se falamos ou não aos homens?[8] Ele está certo.

---

6 Robert W. Yarbrough, "Divine Election", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*. Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 50.

7 R. C. Sproul, *Faith Alone: The Evangelical Doctrine of Justification* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1995), pp. 137–138.

8 Arthur C. Custance, *The Sovereignty of Grace* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1979), p. 277.

Só seria razoável para um calvinista pensar isto: "eu sou um dos eleitos. Que aqueles a quem Deus condenou sejam condenados; não há coisa alguma que eu possa fazer por eles. Estar preocupado equivaleria a se queixar contra Deus por predestiná-los ao seu justo destino". Porém, a consciência que Deus colocou dentro, até mesmo, do ímpio, condena tal atitude.

Contudo, o próprio Deus não ama os perdidos o suficiente para salvar todos eles? Ele não tem suficiente misericórdia para com os perdidos, para dar-lhes a fé para crer para a salvação — e é, até mesmo, glorificado em soberanamente condenar tantos e salvar tão poucos? É esse o Deus da Bíblia?

Morey escreve com aprovação, "Calvino ensinou que Deus amou os eleitos e planejou sua santidade e salvação, enquanto que [...] Ele odiou os réprobos e planejou seu pecado e perdição"[9]. "Planejou", até mesmo, o seu pecado? Sim, até mesmo "o erro de um datilógrafo" — esse é o calvinismo! Se esse é o Deus da Bíblia, o calvinismo é verdadeiro. Se não, o calvinismo deve ser condenado pela sua deturpação de Deus.

O Testemunho Esmagador da Escritura

Literalmente, centenas de escrituras expressam a preocupação genuína de Deus com o rebelde Israel. Ele envia Seus profetas para pleitear com eles ao arrependimento, para que Ele não tenha que puni-los. Certamente, Paulo reflete o coração de Deus no seu desejo de sofrer, até mesmo, a condenação eterna se isso pudesse resgatar seus irmãos, os judeus, do inferno. Ele tem uma paixão igual pela salvação dos gentios — uma paixão altruísta, a qual só poderia vir da habitação do Espírito Santo. O Senhor Jesus Cristo chorou sobre Jerusalém, identificando-Se com Aquele que chorou por Seus filhos rebeldes (Isaías 1:1-9), durante séculos.

Ouvimos a chamada de Jesus, a *quem quer que* esteja cansado, sobrecarregado ou sedento, "vinde a Mim". Ouvimos nosso Senhor

---

9 Robert A. Morey, *Studies in the Atonement* (Southbridge, MA: Crowne Publications, 1989), p. 296.

repetidamente declarar a *quem quer que* Nele creia que esse seria salvo. E nós temos visto muitas escrituras que oferecem a salvação ao mundo inteiro e declaram que Deus quer que todos os homens sejam salvos, que deu o Seu Filho, para a salvação de todo o mundo, que Ele não quer que pessoa alguma se perca, e que Cristo morreu pelos pecados de todos.

Para anular esse ensino claro das Escrituras, o calvinista muda "mundo" para "eleitos" em vinte passagens. Ele muda "quem quer que" e "todos" para "eleitos", pelo menos, dezesseis vezes, cada termo. Além disso, ele transforma a frase "todos os homens" para "eleitos" seis vezes, e "todo mundo" em "eleitos" três vezes. Em nenhum caso, não há coisa alguma no texto para justificar a substituição por "eleitos". A alteração foi feita por uma única razão: apoiar o calvinismo! Assim, quando Cristo diz que atrairia a "todos os homens" a Si mesmo (João 12:32), os calvinistas dizem "o 'todos' se refere claramente a todos os *eleitos* de Deus"[10]. *Claramente*? Só se alguém for um calvinista.

Alguém poderia pensar que o testemunho esmagador da Escritura, de que Deus é *amor*, que Ele é, até mesmo, misericordioso para com todos e quer que todos cheguem ao pleno conhecimento da verdade, seria aceito com gratidão e alegria por todos os verdadeiros seguidores de Cristo, e que essa boa-nova seria proclamada ao mundo, conforme Cristo ordenou. Em vez disso, vimos que nos lugares onde o desejo de Deus pela salvação de toda a humanidade está claramente declarado, os calvinistas ainda assim insistem que Deus escolheu salvar somente um número seleto. Grande esforço é feito a fim de negar o que é tão claramente afirmado a respeito do amor, imerecido e ilimitado, de Deus por todos.

Deve-se interpretar passagens como "todo aquele que o Pai Me dá virá a Mim" (João 6:37) e "ninguém pode vir a Mim, se o Pai não o trouxer" (João 6:44) em harmonia com a mensagem geral do amor de Deus por todos. No entanto, Piper vai longe para "mostrar, a partir da Escritura, que a existência simultânea da vontade de Deus para

---

10 Arthur W. Pink, *Exposition of the Gospel of John* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1975), p. 682.

que 'todas as pessoas sejam salvas' (1 Timóteo 2:4) e a Sua vontade de eleger incondicionalmente aqueles que realmente, serão salvos [João 6:37 está entre versos referenciados] não é um sinal de esquizofrenia divina ou confusão exegética"[11]. Na verdade, isso é uma desesperada contradição, a menos que se reconheça o poder de escolha dado por Deus ao homem.

Considere as palavras de Cristo, "todo aquele que o Pai Me dá virá a Mim"; elas não dizem que "todo aquele que o Pai atrai virá a Mim". Nem "ninguém pode vir a Mim, se o Pai não o atrair" diz que todo aquele que o Pai atrai vem a Cristo. Ademais, certamente "Eu o ressuscitarei no último dia" (João 6:40, 44, 54) se refere àqueles que realmente vêm a Cristo, e não a todos os que são atraídos — com certeza não aqueles que são atraídos e, em seguida, se "retiram para a perdição" (Hebreus 10:39). Vamos aceitar o que Cristo realmente diz.

O Melhor de Um Calvinista

Ao defender a honra e o caráter do nosso Deus, um grande cuidado está sendo tomado para entender, com precisão, o calvinismo. Por isso, vamos considerar cuidadosamente os argumentos de White, conforme ele os desenvolve, em João 6:37-45; uma escritura que ele define como "a exposição mais clara daquilo que os [críticos] chamam de "calvinismo extremado". White escreve:

> Literalmente, Jesus diz: "ninguém é capaz de vir a Mim". Essas são palavras de *incapacidade* e elas são colocadas em um contexto universal. Todos os homens [...] não têm a capacidade de vir a Cristo por si mesmos [...]. Esses são de "mortos em pecado" (Efésios 2:1) de Paulo e "incapaz de agradar a Deus" (Romanos 8:8). É a doutrina reformada da depravação total: a incapacidade do homem [aqui sendo]

11 Piper, "Are There Two Wills In God?", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace.* Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 107.

> ensinada pelo Senhor, que conhece os corações de todos os homens [...].
>
> Todos os homens seriam deixados na desesperada posição de "incapazes de vir", *a menos que* Deus agisse, e Ele o faz, atraindo [alguns, mas não todos] os homens para Cristo [...]. Nenhum homem pode "desejar" vir a Cristo à parte dessa atração [...]; estudiosos reformados afirmam que aqueles que são atraídos são aqueles que são dados pelo Pai ao Filho: isto é, os eleitos [...].
>
> Não se pode afirmar que [...] o Pai está atraindo *cada ser humano, simples e individualmente*, [ou] o universalismo [todo mundo é salvo] seria o resultado, pois *todos* os que são atraídos também são *ressuscitados* no último dia.[12]

Quando, nessa passagem, Jesus menciona a "depravação total", "mortos em pecado", "*incapacidade*", "incapazes de agradar a Deus" ou qualquer coisa a respeito dos "eleitos"? Nenhuma dessas teorias calvinistas está lá — nem está qualquer parte da TULIP, até mesmo, implícita. Jesus não diz que a atração deve estar limitada aos eleitos ou que então o universalismo seria o resultado. Nem Ele diz que a "atração" é *irresistível* ou *incondicional*. No entanto, Sproul diz que "atrair" significa "compelir"[13] e Pink insiste que significa "impelir"[14]. Yarbrough escreve: "é difícil imaginar uma descrição mais explícita da atividade de atração eficaz e seletiva, do Senhor"[15].

---

12 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler*'s *Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 158–160.

13 R. C. Sproul, *Chosen by God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1986), p. 69.

14 Arthur W. Pink, *Exposition of the Gospel of John* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1975), p. 338.

15 Robert W. Yarbrough, "Divine Election", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*. Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 51.

Pelo contrário, essas ideias são impostas ao texto, porque calvinismo lhes exige. Elas não são declaradas por Cristo.

Cristo *não* diz que todo aquele que é atraído realmente virá a Ele e será salvo. No entanto, White é acompanhado por uma série de outros que consideram essa como um das principais "passagens sobre a predestinação"[16], e um texto-prova da Graça Irresistível. Vance cita nada menos que treze autores de mesma convicção[17]. Schreiner e Ware também afirmam que "aquele que é atraído também é ressuscitado no último dia"[18]. No entanto, Cristo, claramente, diz que são aqueles que realmente vêm a Ele a quem Ele ressuscitará no último dia. Os calvinistas leem nas palavras de Cristo, aquilo que não está nelas. Ele realmente disse:

1. Todo aquele que o Pai Me dá [não todo o que Ele atrai] virá a Mim;
2. E aquele que vem a Mim [não todo mundo que o Pai atrai], de maneira nenhuma, o lançarei fora;
3. E esta é a vontade do Pai [...] que de todos aqueles que Ele Me dá [não todos a quem Ele atrai] nenhum se perca, mas que Eu o ressuscite no último dia.
4. Todo aquele que vê o Filho e crê Nele [não todos os que são atraídos], tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei [...].
5. Ninguém pode vir a Mim se o Pai, que Me enviou, não o atrair [todos aqueles que vêm foram atraídos — nem todos os que são atraídos veem]: e Eu o ressuscitarei no último dia [todos os que serão ressuscitados foram atraídos, mas nem todos os que foram atraidos serão ressuscitados].

---

16 D. A. Carson, *Divine Sovereignty and Human Responsibility* (Atlanta, GA: John Knox Press, 1981), p. 174.

17 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 508.

18 Schreiner e Ware, introdução a *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*. Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 15.

Leia todo o texto novamente, com cuidado (João 6:35-65). Cristo não diz que todos aqueles que o Pai *atrai* virá a Ele, antes, Ele fala que todos aqueles que Ele *dá* ao Filho virão a Ele e Ele a nenhum perderá, daqueles que o Pai Lhe deu; todos eles serão ressuscitados no último dia. De quem está Cristo falando? Vimos que a Bíblia ensina que, na presciência de Deus, Ele sabia quem creria e quem rejeitaria o Evangelho. Os primeiros são aqueles a quem o Pai deu ao Filho. Não há coisa alguma aqui sobre levar um grupo seleto a crer para a salvação e escolher não salvar o resto da humanidade.

Cristo diz que ninguém pode vir a Ele, se o Pai não o atrair. Mas Ele não dizer que todos a quem o Pai atrai realmente vem ao Filho e é salvo. Toda a Escritura testemunha de um desejo genuíno da parte de Deus de que todos possam ser salvos. A salvação foi obtida por Cristo e é, genuinamente, oferecida a quem quiser crer — mas nem todo mundo crê. O desejo sincero de Deus de que todos sejam salvos é afirmado tantas vezes e tão claramente pelos profetas, por Cristo e Seus apóstolos, que não nos atrevemos a ver uma interpretação contrária nessa passagem.

O elemento do Pai "atrair" é mencionado por Cristo somente nessa passagem. Por outro lado, a promessa encontrada repetidamente em todo o Evangelho de João é "que todo aquele que crê Nele, não pereça [...]; aquele que crê no Filho tem a vida eterna [...]; aquele que não crê no Filho não verá a vida [...]; se alguém tem sede, venha a Mim e beba", etc. (João 3:16-17, 36; 7:37).

Na declaração de Cristo, está claro que nem todo mundo que é *atraído* tem a vida eterna, mas que "todo que *vê* o Filho e *crê* Nele tem a vida eterna [...]" (João 6:40). Nessa passagem, não encontramos a Eleição Incondicional ou Graça Irresistível, mas a responsabilidade humana.

O Ônus da Prova

Sem dúvida, a Escritura apresenta repetidamente a preocupação, a compaixão e o amor de Deus a todo o Israel e a todo o mundo, para que sejam salvos. Nem há qualquer dúvida de que Ele oferece

a salvação a todos, na linguagem mais clara possível. Em contraste, nem uma escritura pode ser produzida onde qualquer um dos dogmas do calvinismo seja claramente declarado. O ônus da prova está sobre o calvinista, para mostrar onde a Bíblia ensina claramente sua doutrina. No entanto, até mesmo nessa passagem, a qual White chama de "a mais clara exposição do calvinismo", a teoria não é claramente afirmada, mas deve ser lida nela.

Indiscutivelmente, as frases representadas pelas quatro primeiras letras do acrônimo da TULIP, nunca aparecem na Bíblia. Esse fato fala alto. Nunca que a Bíblia diz que os homens são por natureza incapazes de crer no Evangelho ou incapazes de buscar a Deus. Nunca se pode dizer que um seleto grupo é escolhido de forma incondicional para a salvação, ou dizer que a graça seja irresistível, ou dizer que Cristo morreu unicamente pelos eleitos. Nunca é a soberana regeneração ensinada como precedendo a fé em Cristo. *O calvinista não pode produzir, para qualquer letra da TULIP, uma declaração clara e inequívoca a partir de qualquer parte da Escritura!* Todavia, podemos mostrar centenas de passagens que refutam a TULIP.

Nunca a Escritura declara que Deus deseja que bilhões pereçam, e que é a sua boa vontade (e, até mesmo, para a Sua glória) reter deles a salvação. Nunca o amor de Deus está limitado unicamente a um grupo seleto, a quem Ele deseja salvar. Em contraste com alguns versos que os calvinistas devem se esforçar para que deem apoio à TULIP, centenas de versos proclamam, abertamente, o amor de Deus e o Seu desejo pela a salvação de todos.

O ônus da prova recai, sobre o calvinista, para mostrar claramente a partir da Bíblia que sua doutrina é verdadeira — e isso ele não pode fazer.

Aqueles Que Se "Retiram Para a Perdição"

Até mesmo nessa passagem a respeito da atração do Pai, não há coisa alguma indicando que unicamente certas pessoas são atraídas, nem que a atração é irresistível, ou sem a disposição da vontade daquele que está sendo atraído. Além disso, "atrair" alguém, no sentido

comum da palavra, não significa que eles necessariamente percorrerão todo o caminho, nem há qualquer coisa, tanto no grego quanto no contexto, sugerindo, muito menos exigindo, essa conclusão.

Centenas de vezes, ao longo do Antigo Testamento, Deus chama, através dos seus profetas, a Israel, ao faminto e ao sedento, a todos ao arrependimento, a se voltar para Ele, a buscá-Lo e a "provar e ver que o Senhor é bom" (Salmos 34:8). Certamente, Ele está procurando "atraí-los" a Si mesmo. *Nem uma única vez,* há qualquer sugestão de que Deus vai fazer com que qualquer um deles venha a Ele irresistivelmente, e, muito menos, que Ele faria isso a menos pessoas do que a todas. Ademais, é assim em todo o Novo Testamento. A chamada é dada a "quem quer que queira", uma vez e outra vez. O convite é aberto a todos os que estão dispostos. Para o calvinista, tentar tornar João 6 uma exceção para apoiar a TULIP, é perverter a clara mensagem da totalidade das Escrituras.

Contrariamente à *eisegese* forçada sobre esse texto a fim de produzir uma atração irresistível a Cristo (a qual Ele nunca ensinou), muitas almas são atraídas parcialmente a Cristo pelo Pai, e, em seguida, voltam atrás: "se ele recuar, a Minha alma não tem prazer nele, mas nós não somos daqueles que se retiram para a perdição [grego, *apoleia*], mas daqueles que creem para a conservação da alma" (Hebreus 10:38-39).

A mesma palavra grega *apoleia* se encontra oito vezes no Novo Testamento. Ela, muitas vezes, é traduzida como "perdição", e, em cada caso, significa a condenação eterna. Piper reconhece que "a maioria dos comentaristas concorda que [...] [*apoleia*] indica, claramente, a perdição eterna [...]"[19]. Considere o seguinte: "juízo e perdição dos homens ímpios" (2 Pedro 3:7); "e a besta [...] vai à perdição" (Apocalipse 17:11). Claramente, aqueles que se "retiram para a perdição" não podem estar entre os eleitos do calvinismo, uma vez que os eleitos não podem perder a sua salvação e serem condenados. No entanto, aqueles que se "retiram" devem ter sido *atraídos* até certo ponto. Caso contrário, "retirar-se" não teria sentido.

19 John Piper, *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1–23* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 201.

White evita Hebreus 10:38-39. Da mesma forma, Pink, Sproul, Piper e uma série de outros calvinistas, pelo menos em seus livros que temos sido capazes de examinar. Em seu tratamento exaustivo, Vance é incapaz de citar um único comentador calvinista dessa passagem.

Uma das muitas cartas, semelhante às que recebi, declarou: "você toma a Deus por um covarde celeste que, com certeza, gostaria de salvar pessoas, mas Ele não pode fazê-lo, a menos que elas cooperem. Porém o Deus da Bíblia é poderoso para salvar e Ele o faz, apesar da vontade hipócrita, teimosa e orgulhosa, dos pecadores caídos!"

Assim, Deus poderia *fazer com que* qualquer um, bem como *todo mundo*, cresse no evangelho e irresistivelmente, atraí-los-ia ao céu — mas Ele só faz isso a um número seleto? Esse é o calvinismo — tanto o "moderado" quanto o "extremado"! Foi imposto à Bíblia, em violação a todo o teor das Escrituras, do Gênesis ao Apocalipse. Ele é uma calúnia sobre o caráter de Deus, uma negação da natureza do amor e uma ofensa à consciência que Deus colocou no coração de cada homem.

Inquestionavelmente, a salvação é um dom do amor de Deus. Nem um dom, nem o amor, conforme Deus os planejou e conforme a Bíblia os apresenta, podem ser forçados ao relutante, nem mesmo por Deus. Isso não indica qualquer fraqueza em Deus, muito menos faz Dele um "covarde", porém simplesmente reflete a natureza do amor e de um presente, como já foi amplamente demonstrado.

Que o homem pode se rebelar contra Deus, desobedecer às Suas leis e recusar a oferta do dom da Sua graça, em nada rebaixa a soberania de Deus. Na verdade, em Sua soberania, Ele ordenou que o amor e um dom exigissem uma escolha, e Ele torna isso bem claro em Sua Palavra. Outra carta argumentou de forma semelhante:

> Você diz que Deus ama todas as pessoas no mundo, e é a Sua vontade que cada uma seja salva [...]; até mesmo pensar que Deus, soberanamente, permite ao homem frustrar Sua vontade divina é herético, humilhante para a grandeza de Deus, e uma fabulosa invenção da mente para acomodar o seu preconceito. Deus controla cada animal, cada pessoa

> e de todos os eventos [...]. Os seus pontos de vista, querido irmão, tornam a vontade de Deus subordinada à vontade do homem e representam o plano da salvação de Deus como uma falha, pois nem todos os homens são salvos [...].[20]

Aqueles que mantêm essa posição dificilmente pensariam sobre isso com muito cuidado. Notamos o óbvio: se Deus controla todas as pessoas e os eventos, então estupro, assassinato, todos os crimes, guerras e sofrimento devem ser Sua realização, segundo a Sua vontade — claramente, não é esse o caso. No *conselho* da Sua vontade, Ele *permite* aquilo que não é a Sua perfeita vontade, a fim de dar ao homem o poder de escolha. O mal certamente é o contrário da vontade de Deus. Portanto, podemos ter a certeza de que não é a vontade de Deus que o mal reine sobre a terra, que Satanás seja o deus deste mundo e que "o mundo inteiro permaneça no Maligno [isto é, em Satanás]" (1 João 5:19). Deus permite esse estado de coisas só por um tempo.

Sem o poder de escolha, não poderíamos amar a Deus ou ao próximo. Ao homem tem sido dada a enorme responsabilidade de escolher por si mesmo. Infelizmente, a maioria escolhe o mal ao bem, ou a si mesmo ao invés de escolher a Deus. Ele não força a salvação a qualquer homem mais do que Ele obriga qualquer um à obediência aos Dez Mandamentos.

Será Que Tudo Isso é uma Farsa?

O calvinista afirma que Deus, em Sua soberania (se Ele assim, o desejar), *poderia* acabar com todo o pecado, e poderia perfeitamente levar todo mundo a guardar os Dez Mandamentos. Isso só seria possível se o homem não tivesse o livre-arbítrio. Se isso fosse verdade, no entanto, qual seria o objetivo em guardar a lei? Deus poderia ter controlado os pensamentos, as palavras e as ações humanas, de modo que, até mesmo sem conhecer a Lei, todo mundo fizesse exatamente o que a lei exige.

---

20 A Dave Hunt, sem data, recebida em 10 de setembro de 2000. Em arquivo.

De forma surpreendente, o calvinismo ensina que Deus deu os Dez Mandamentos, levou o homem a transgredi-los, e em seguida os condenou por transgredi-los. Bíblia se transforma, então, em uma farsa, o homem em um fantoche, e Deus Se transforma em um monstro, a quem o ateu corretamente rejeita.

Não pode haver dúvida, porém, de que o homem, e não Deus, é a causa do mal sobre a terra, ao escolher de forma egoísta e tola fazer oposição à vontade de Deus. Também não se pode duvidar de que o Espírito de Deus escreveu Suas leis em toda consciência, e procura atrair todos os homens a Cristo. No entanto, infelizmente, até mesmo aqueles a quem Deus tem Se revelado em grande poder e milagres, muitas vezes têm se rebelado e vão para o inferno.

Deus disse a Israel: "o Senhor teu Deus te escolheu para ser um povo especial para Ele, porque o Senhor vos amou [...]" (Deuteronômio 7:6-8). Declarações semelhantes são feitas em todo o Antigo Testamento, onde até mesmo Deus chama Israel de Sua esposa. Mais uma vez: "quando Israel era menino, Eu o amei [...]. Eu os atraí com [...] laços de amor [...]; Meu povo é inclinado a desviar-se de Mim [...]" (Oseias 11:1-8). Todos em Israel foram atraídos — muitos voltaram atrás.

Israel é chamado de eleito de Deus, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento (Isaías 45:4; 65:9, 22; Mateus 24:31, etc.). Não há dúvida de que Deus escolheu Israel, o chamou e o atraiu para Si com "laços de amor" (Oseias 11: 4). No entanto, a maioria dos israelitas se voltaram para a idolatria; recusando-se ao arrependimento, e certamente não estavam entre os resgatados. Deus tinha de dizer repetidamente, "o Meu povo se esqueceu de Mim, por inumeráveis dias" (Jeremias 2:32); "eles queimaram incenso à vaidade" (Jeremias 18:15).

Muitos dos que são atraídos ao Senhor se recusaram a crer Nele para a salvação. Cristo disse: "porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos" (Mateus 20:16; 22:14). E até mesmo alguns que são escolhidos não estão dispostos a cumprir o Seu chamado, mas em trair Aquele que afirmou que era o seu Senhor. Jesus disse: "Eu não vos escolhi a vós, os doze? No entanto, um de vós é um diabo. Ele falou de Judas Iscariotes [...]" (João 6:70-71).

Jesus chamou Judas, o atraiu e o escolheu para ser um discípulo. Judas seguiu a Jesus com os outros discípulos, chamou Jesus de "Senhor" e saiu com os outros discípulos a "pregar o reino de Deus e a curar os doentes" (Lucas 9:2). Porém Judas era semelhante àqueles que vão dizer: "Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu nome? [...] não expulsamos demônios? [...] Não fizemos muitas maravilhas?", e, no entanto, Jesus vai dizer-lhes: "nunca vos conheci: afastai-vos de Mim" (Mateus 7:22-23). Esses não *perderam* a sua salvação, uma vez que nunca foram salvos. "*Nunca* vos conheci: afastai-vos de Mim!",será o pronunciamento de Cristo àqueles que foram atraídos a Ele, porém nunca vieram, percorrendo todo o caminho, a conhecê-Lo como Salvador e Senhor.

Se o Pai Não o Trouxer: O Que Isso Quer Dizer?

Ninguém naturalmente busca ao Senhor; todos nós buscamos nossos próprios desejos egoístas, e ninguém pode vir a Cristo se o Pai não o trouxer. Porém o Espírito Santo está no mundo para convencer a todos dos seus pecados e necessidade (João 16:8-11), o Evangelho está sendo pregado e o Pai está atraindo a todos (mesmo que através do testemunho da criação e da consciência). Infelizmente, muitos, assim como Judas, vêm parcialmente, até se parecem com discípulos, e, em seguida, retrocedem para a perdição.

Jesus não ensinou e não poderia ensinar uma atração irresistível nessa passagem ou em qualquer lugar, porque isso iria contradizer o restante das Escrituras. Ao longo da sua história conturbada de Israel, Deus procurou atraí-lo através dos profetas e do Seu lamento. Às vezes, ele atendeu, porém a próxima geração "se retirava para a perdição". Suas relações com Israel fornecem prova do desejo de Deus pela salvação de toda a humanidade, a qual Ele atrai — embora poucos respondam.

Sim, Cristo disse claramente: "ninguém pode vir a Mim, se o Pai não o trouxer". White alega que essa afirmação indica uma incapacidade total, por parte do homem, em vir a Cristo — que o homem não pode cooperar, de forma alguma, mas deve ser atraído, de forma

irresistível, sem fé ou consentimento. Isso não é uma atração, mas uma impulsão contra a própria vontade.

A Ilusão Eisegética

Para apoiar suas afirmações, White cita Calvino, a quem ele se refere com grande admiração. Aparentemente, o governo tirânico de Calvino em Genebra, onde ele até mesmo recorreu à tortura daqueles que não concordavam com ele, não fornece a ele qualquer razão para suspeitar do entendimento e da fidelidade de Calvino à Escritura.

Na verdade, tal comportamento de modo completamente contrário ao Espírito de Cristo e da Palavra de Deus, é uma forte indicação de que falhava a compreensão de Calvino a respeito da soberania, da misericórdia e do amor de Deus. Como o apóstolo João escreve: "aquele que diz que permanece Nele, esse também deve andar [conduzir-se] como Ele [Cristo] andou" (1 João 2:6). Esse padrão se aplica a todos os cristãos em todos os lugares em todos os tempos na história — e, às vezes, Calvino agiu muito longe disso, de modo que nenhuma desculpa poderia justificar o seu comportamento.

No entanto, aparentemente alheio aos fatos históricos e refletindo uma admiração comum entre os calvinistas, White escreve:

> João Calvino é reconhecido até mesmo por seus adversários por ter sido um tremendo exegeta das Escrituras. Equilibrados e perspicazes, os comentários de Calvino continuam até hoje a ter grande utilidade e benefício ao estudante da Escritura. Aqui estão, seus comentários a respeito de João 6:44:
>
> "Ao usar, metaforicamente, vir a Cristo para crer, o evangelista, a fim de apresentar a metáfora numa condição apropriada, diz que aquelas pessoas que são atraídas, cujo entendimento Deus ilumina, e cujo coração Ele inclina e forma a obediência de Cristo [...], deste modo, segue-se que, nem todos são atraidos, mas que Deus concede essa graça àqueles a quem Ele elegeu."

> "É verdadeiro, entretanto, conforme o tipo de atração, que ela não é violenta, de modo a obrigar os homens pela força externa [como o próprio Calvino a usou!]; Mas, antes ,ela é um impulso poderoso do Espírito Santo, que torna os homens dispostos, os quais anteriormente estavam indispostos e relutantes. É uma afirmação falsa e profana, portanto, dizer que nenhum deles é atraído, mas aqueles que estão dispostos a ser atraídos, como se o homem fizesse a si mesmo obediente a Deus por seus próprios esforços [...]."[21]

Calvino estava certo de que Cristo usa "vir a Ele" significando "crer Nele". Schreiner e Ware escrevem, "o 'vir' de João 6:37 é sinônimo de 'crer'. Que as palavras *vir* e *crer* são diferentes maneiras de descrever a mesma realidade é confirmado pelo que Jesus diz em João 6:35: 'Eu sou o pão da vida: aquele que vem a Mim não terá fome, e aquele que crê em Mim nunca terá sede'"[22].

Mais uma vez, vemos que a fé em Cristo, por meio do evangelho, precede e é a condição do novo nascimento e da salvação (1 Coríntios 4:15). A fé não é concedida após a regeneração de alguém. O fato de *vir* ser o mesmo que *crer* também contradiz a Eleição Incondicional e a Graça Irresistível, para as quais o "vir" deve acontecer sem fé, como se um homem morto estivesse sendo trazido. Sim, o Pai atrai os homens a Cristo — porém, a menos que eles verdadeiramente creiam Nele, eles não vão "percorrer" toda a caminha, mas retrocederão para a perdição.

---

21 João Calvino, *Commentary on the Gospel of John, The Comprehensive João Calvino Collection* (Ages Digital Library, 1998); citado em White, obra citada, p. 161.

22 Schreiner e Ware, em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*. Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 14.

CAPÍTULO 26

OS ERROS DE CALVINO SÃO SÉRIOS

João Calvino acreditava e praticava uma série de coisas que muitos daqueles que se dizem calvinistas hoje considerariam seriamente errado, se não heresia. Por exemplo (como já vimos), ele afirmou dogmaticamente a eficácia do batismo infantil para efetuar o perdão dos pecados e a entrada no Reino. E, apesar de sua disputa com a Roma, ele ensinou que ser batizado por um padre católico romano (como Calvino quando criança) era eficaz para a eternidade. O sacerdote poderia mesmo ser um incrédulo de alta categoria.

Se ele não tivesse mantido essa falsa doutrina católica romana, Calvino teria de aw submeter ao novo batismo, o que era repugnante para ele. Ele ridicularizou os anabatistas por se oporem o batismo infantil. A validade e a razão bíblica dos anabatistas — que uma criança não creu em Cristo — foi desprezada por Calvino, e sua ira e dos outros reformadores veio sobre os anabatistas. Esses verdadeiros evangélicos foram perseguidos e martirizados por católicos e protestantes por serem batizados por imersão depois que eles foram salvos somente pela graça, somente através da fé e somente em Cristo.

A rejeição do batismo infantil era uma das duas acusações pelas quais Servetus (processado por Calvino, o acusado) foi queimado na fogueira. Calvino escreveu: "não se deve contentar-se apenas em matar essas pessoas, mas deve-se queimá-las com crueldade"[1]. (Veja o Capítulo 5 sob o subtítulo "A Tortura e Queima de Servetus" para o contexto adicional.)

Calvino promove o erro da regeneração batismal, da salvação por "algum método secreto [...] de regenerar" sem "a pregação da fé [do evangelho]", que as crianças dos eleitos são automaticamente filhos de Deus, e de igualar a circuncisão com batismo: "a promessa [...] é, em ambos [circuncisão e batismo], [...] perdão dos pecados e a vida eterna [...], ou seja, a regeneração [...]. Daí podemos concluir que [...] a circuncisão foi sunstituida pelo batismo, e realiza o mesmo ofício"[2].

---

1 Roland Bainton, *Michel Servet: hérétique et martyr* (Genebra: Droz, 1953), pp. 152–153; carta de 26 de fevereiro de 1533, agora perdida.

2 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 4, xvi.4.

Batismo Infantil e Circuncisão

Nada mais do que essa seção de suas *Institutas* é necessário para desqualificar Calvino como um professor fundamentado na Escritura, e pôr em questão todo o seu conceito de salvação. Seu sacramentalismo imita o catolicismo romano:

> Temos [...] uma promessa espiritual dada aos pais na circuncisão, semelhante à que é dada a nós no batismo [...], o perdão dos pecados e a mortificação da carne [...]; o batismo representa para nós a mesma coisa que a circuncisão significava para os judeus [...].
>
> Nós confessamos, de fato, que a palavra do Senhor é a única semente da regeneração espiritual; mas negamos [...] que, portanto, o poder de Deus não pode regenerar crianças [...]. Mas a *fé*, dizem, *vem pelo ouvir*, cuja utilização os bebês ainda não obtiveram [...].
>
> Deixe Deus, então, ser demandado por que Ele ordenou que a circuncisão fosse realizada nos corpos das crianças [...]; pelo batismo somos enxertados no corpo de Cristo (1 Coríntios 12:13). [Portanto], crianças [...] devem ser batizadas [...].
>
> Veja o ataque violento que eles fazem [...] sobre os baluartes da nossa fé [...]. Pois [...] os filhos [...] [d]os cristãos, como eles são, imediatamente, em seu nascimento, recebidos por Deus como herdeiros do pacto, também devem ser admitidos no batismo.[3]

Essa mesma regeneração batismal, o desprezo pelo batismo dos crentes, e a cegueira relativa à diferença entre circuncisão e batismo permanecem entre muitos calvinistas hoje. Sob o título "Batismo Infantil", em sua Bíblia de Estudo de Genebra, R. C. Sproul ecoa Calvino:

---

3 Ibid., xv.22; xvi.3, 4, 8, 10, 17–32.

> A Teologia Reformada Histórica [calvinista] contesta a visão de que apenas adultos, o batismo dos crentes, é verdadeiro batismo, e rejeita a exclusão dos filhos dos crentes da comunidade visível da fé [...]. Pelo contrário, o caso bíblico para batizar os bebês dos crentes repousa sobre o paralelo entre a circuncisão do Antigo Testamento e do batismo do Novo Testamento, como sinais e selos do pacto da graça.[4]

Pelo contrário, o batismo pertence à nova aliança e é somente sobre a confissão da fé em Cristo (Atos 8:37); a circuncisão estava sob a antiga aliança e sem fé — e nenhum salva a alma. Além disso, não só a circuncisão *não* efetuou a regeneração, o perdão dos pecados, ou a salvação, ela não poderia nem mesmo ser um símbolo dos mesmos, conforme T. A. McMahon lembra, sendo apenas para os homens[5]. Como as mulheres poderiam ser salvas? E foi para *todos* os descendentes masculinos de Abraão. Mesmo Ismael, um grande incrédulo, foi circuncidado — como foram milhões de judeus.

Se, como Calvino ensinou, a circuncisão efetua "perdão dos pecados e a vida eterna [...], ou seja, a regeneração"[6], como poderiam os judeus que foram circuncidados ser perdidos; e por que Paulo clamou a Deus "por Israel [...] que eles pudessem ser salvos" (Romanos 10:1)? Por que ele estava tão preocupado com a salvação dos judeus circuncidados, que ele disse, "eu poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; que são israelitas [...]" (Romanos 9:1-4)? Claramente, a circuncisão não fornecia "perdão dos pecados e a vida eterna" — nem o batismo!

---

4 *New Geneva Study Bible*. R. C. Sproul, ed. (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1995), p. 38.

5 T. A. McMahon, em uma entrevista não gravada.

6 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 4, xvi.4.

Calvino Foi Realmente o Grande Exegeta?

Os argumentos de Calvino refletem um viés em favor do sacramentalismo que ele aprendeu de Agostinho como católico romano, que ele incrementou e, posteriormente, foi obrigado a defender. Sua lógica muitas vezes revela uma imaturidade espiritual. Incrivelmente, Calvino argumentou:

> Tais nos dias de hoje são os nossos catabatistas, que negam que estamos devidamente batizados, porque fomos batizados no papado por homens ímpios e idólatras [...]. Contra esses absurdos, seremos suficientemente fortificados se refletirmos que pelo batismo fomos iniciados [...], em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; e, portanto, esse batismo não é do homem, mas de Deus, independentemente por quem ele possa ter sido administrado [contanto que pelo clero].
>
> Quer sejam aqueles que nos batizaram mais ignorantes de Deus e de toda a piedade, ou foram desprezadores, ainda assim eles não nos batizaram em [...] sua ignorância ou sacrilégio, mas na fé de Jesus Cristo, porque o nome que eles invocaram não foi o deles, mas o de Deus [...].
>
> Mas se o batismo era de Deus, Ele certamente incluiu nele a promessa de perdão dos pecados, de mortificação da carne, de vivificação do Espírito, e de comunhão com Cristo.[7]

No calvinismo, o ato físico do batismo tem poder espiritual e confere regeneração. Ser batizado por padres católicos que não eram nem mesmo cristãos, mas que promoveram um falso evangelho, era aceitável a Calvino, porque eles usaram o nome de Deus quando administraram o batismo! Mesmo ser batizado por *desprezadores* de Cristo e de Deus traria a "promessa do perdão dos pecados [...]", desde que eles fossem "parte do ofício ministerial".

7 Ibid., xv.16–17.

Por incrível que pareça, apesar de ser uma figura importante na Reforma Protestante, Calvino honrou sacerdotes corruptos e não salvos de Roma como ministros de Deus! No entanto, ele condenou e perseguiu aqueles que saíram daquele sistema do Anticristo por meio da fé em Cristo, para serem posteriormente batizados como crentes segundo a santa Palavra de Deus.

Calvino ensinou que somente o clero, seja católico romano ou protestante, poderia batizar ou administrar a Ceia do Senhor:

> [...] é impróprio para os indivíduos particulares tomarem sobre si a administração do batismo; pois ele, bem como a dispensa da Ceia, é parte do ofício ministerial. Porque Cristo não comandou qualquer homem ou qualquer mulher a batizar, mas somente aqueles a quem Ele designou apóstolos.[8]

Assim, Calvino também aceitou a alegação de Roma de que seus bispos eram os sucessores dos Doze Apóstolos, e deles os seus sacerdotes receberam autoridade divina. E ele era um líder da Reforma? Ao contrário do que Calvino ensinou sobre um "ofício ministerial" exclusivo, nosso Senhor Jesus Cristo ordenou claramente os discípulos originais a fazerem discípulos e a ensinarem cada discípulo que eles ganhavam para Ele através do evangelho a "observarem todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mateus 28:20).

Tolerando os Erros de Calvino

Obviamente, "todas as coisas" significava que cada novo discípulo feito pelos discípulos originais deveria fazer discípulos, os batizar, e ensiná-los a fazer o mesmo. Todo verdadeiro cristão hoje é um discípulo de um discípulo de um discípulo, todo o caminho de volta aos discípulos originais — cada um tendo ensinado os novos discípulos que eles, também, devem observar *todas as coisas* que Cristo ordenou

8 Ibid., 20.

aos Doze originais. Os Doze foram ordenados a batizar e ministrar a Ceia do Senhor? Então, assim todo cristão verdadeiro é como um sucessor dos Apóstolos!

Aqui temos prova suficiente de que todos os crentes em Cristo são qualificados para fazer o que os discípulos originais fizeram, inclusive ministrando o batismo e a Ceia do Senhor. As próprias palavras de Cristo destroem efetivamente a ficção de uma classe clerical especial dominando sobre os leigos. Alguém pensaria que esse "grande exegeta" podia ver esse fato da Grande Comissão claramente, mas ele não viu. Esse erro elementar foi a base do poder papal de Calvino exercido para oprimir os cidadãos de Genebra.

Pior ainda, como poderiam os sacerdotes e bispos da Igreja Católica Romana, que nem sequer foram salvos, mas acreditavam e ensinavam uma salvação falsa através das obras e de rituais, ser qualificados como os sucessores dos Apóstolos? E como poderiam os ministros calvinistas, que discordavam de forma tão marcante com Roma sobre o evangelho, no entanto, ser cossucessores, compartilhando com clero católico romano esse direito exclusivo de batizar e administrar a Eucaristia? A "brilhante exegese" de Calvino o levou a graves erros e contradições tão evidentes que se quer saber como os calvinistas de hoje podem ignorar ou tolerá-los.

Além disso, Calvino também ensinou que não houve diferença entre o batismo praticado por João Batista e o batismo que Cristo ordenou aos Seus discípulos realizarem: "eu admito que o batismo de João era um batismo verdadeiro, e um único e o mesmo com o batismo de Cristo [...]; o ministério de João foi o mesmo que o que mais tarde foi delegado aos apóstolos[9]. Isso está tão claramente errado que não precisamos discutir o assunto. O batismo de João "para arrependimento" (Mateus 3:11) não tinha coisa alguma a ver com a identificação do crente com Cristo em Sua morte, Seu sepultamento e Sua ressurreição, como é o caso com o batismo que Cristo disse aos Seus discípulos praticarem.

O fato de que Paulo considerou o batismo de João diferente e inadequado para os crentes em Cristo (Atos 19:1-6) é explicado por

9 Ibid., 18.

Calvino com a fantástica ideia de que esses não tinham recebido o batismo de João[10], mesmo embora, em resposta à pergunta de Paulo, "em que fostes batizados então?", eles responderam: "no batismo de João."

Parece que os calvinistas estão dispostos a tolerar uma grande quantidade de erros ensinados por João Calvino e ainda o considerar um dos maiores exegetas da história. A partir de um estudo cuidadoso do que Calvino ensinou em suas *Institutas*, no entanto, temos uma opinião muito diferente.

Que Calvino estava errado em tantos outros pontos deve aliviar a dor de ter que admitir que talvez ele também estava errado na TULIP. No entanto, a alta conta em que Calvino é mantido aparentemente impede essa simples admissão de erro grave de sua parte.

Encontrando a Exegese "Não Disponível"

Não há dúvida de que a interpretação calvinista de João 6:37–45 é contrária a todo o teor das Escrituras. Vamos examiná-la, também, em seu contexto específico. Em João 6:65, Jesus usa uma linguagem um pouco diferente para dizer a mesma coisa: "ninguém pode vir a Mim, se por Meu Pai não lhe for *concedido* [do grego, *didomi*]". Note que não é o pecador dado ao Filho, mas uma doação ao pecador (concedido a *ele*), tornando possivel a ele vir a Cristo.

Certamente, é justificável tomar o que ele diz no versículo 65 como, pelo menos, uma *possível* indicação do que Cristo quis dizer com o Pai trazendo: ou seja, que o Pai *dá* a oportunidade de vir. Na verdade, temos uma abundância de escrituras que indicam que essa oportunidade é dada ao mundo todo por meio do evangelho. Esse entendimento simples refuta adequadamente a alegação de White que "não há qualquer exegese não reformada e significativa da passagem que esteja disponível". Certamente essa é, pelo menos, uma possível.

Na verdade, descobrimos que a mesma palavra grega (*didomi*) é usada para "concedido" várias vezes no Novo Testamento, de uma forma que

10 Ibid.

permite uma interpretação distintamente não calvinista das palavras de Cristo aqui, e que também é consistente com a ênfase bíblica global sobre o amor e a misericórdia de Deus. Por exemplo, Paulo usa *didomi* quando diz que Deus "dá a todos a vida, a respiração, e todas as coisas" (Atos 17:25). Alguns dos muitos outros lugares onde *didomi* é usado para indicar algo dado por Deus, e que os homens podem receber ou rejeitar, obedecer ou desobedecer, e que implica a cooperação deles são as seguintes:

- A lei foi dada por Moisés [...] (João 1:17). *Ninguém é forçado a obedecer, embora haja sérias consequências pela desobediência.*

- [Eu] te daria água viva (João 4:10). *A água não seria forçada sobre ela contra sua vontade. Ela teria que querer e de bom grado beber.*

- Dei-lhes a Tua palavra [...] (João 17:14). *Os discípulos tinham que receber de bom grado a Palavra e a obediência a ela era pela sua escolha — ela não foi forçada sobre deles.*

- Não beberei Eu o cálice que o Pai Me deu? (João 18:11). *Jesus rogou ao Pai se a salvação poderia vir para a humanidade de alguma outra maneira a poupá-Lo desse cálice. No entanto, Ele bebeu por obediência ao Pai e amor por* nós.

- Pela graça que me é dada [...] (Romanos 12:3; 15:15; Gálatas 2:9, etc.). *Paulo usa essa expressão com essa mesma palavra grega um número de vezes. Isso não é a graça irresistível mítica do calvinismo. A graça de Deus não foi imposta a ele para que ele não pudesse desobedecer ou deixar de cumprir toda a vontade de Deus, ou que não tinha necessidade de cooperar na realização dos mesmos.*

Certamente, todos esses usos (e outros como eles) nos dão ampla razão a favor de uma exegese não reformada que White diz que não está "disponível". O Pai traz o perdido a Cristo, dando-lhe (*didomi*) a oportundade de crer. Dar os que creem ao Filho é de outra natureza. E aqueles que são trazidos pelo Pai devem, em resposta ao trazer do Pai, "vê-Lo" com os olhos da fé e crer Nele para ser salvos.

Dar o redimido pelo Pai ao Filho é outra coisa — uma benção especial àqueles que creem.

Cristo está dizendo que nós não podemos exigir a salvação — ela deve ser dada a nós por Deus. A salvação envolve um novo nascimento e nenhum homem consegue se regenerar na família de Deus; esse privilégio só pode ser dado por Deus e somente Deus tem o poder de efetuar pelo Seu Espírito Santo. No entanto, em tudo isso, não há base bíblica ou racional alguma para acreditar que Deus garante isso a um grupo seleto e o retém do resto da humanidade, ou que Ele força o chamado irresistivelmente sobre alguém.

Cristo não diz que o Pai forçosamente empurra ou arrasta ou compele irresistivelmente alguém a vir a Ele. De fato, Cristo dá toda indicação que existe uma responsabilidade definida da parte daqueles que estão sendo trazidos para crer Nele: "quem crer em Mim nunca terá sede [...]; vós Me vistes e ainda não credes" (João 6:35–36); "e não quereis vir a Mim para terdes vida" (João 5:40). Não "você *não pode* porque Meu Pai não o trará", mas "você *não quer*".

Em vez disso, a visão calvinista de "o trazer" torna "vir a Mim" sem sentido, livrando o pecador de qualquer responsabilidade de vir, se arrepender ou crer. Ninguém pode ser responsável pelo que ele não pode fazer. Como temos mais do que amplamente documentado, o calvinismo ensina que o pecador está morto e *não pode* responder a menos que Deus, primeiro de tudo, o regenere por meio da Graça Irresistível e então o faça crer. Em lugar algum tal ensino pode ser encontrado na Escritura — e certamente não nessa passagem.

Jesus disse: "Meu Pai vos deu o verdadeiro pão do Céu" (João 6:32). Não há indicação alguma de alimentação forçada. De fato, Cristo diz "Eu sou o pão da vida: aquele que vir a Mim nunca mais terá fome; e aquele que crer em Mim nunca mais terá sede [...]. Esta é a vontade Daquele que Me enviou: todo aquele que vê o Filho e crê Nele tenha a vida eterna [...]; aquele que crê em Mim tem a vida eterna" (João 6:35, 40, 47). Ele chega a dizer "Eu sou o pão vivo que desceu do céu: se alguém comer deste pão, viverá para sempre [...]" (verso 51).

A metafóra que Cristo escolheu de comer e beber contradita o calvinismo. Está claro em toda a passagem que comer e beber o cor-

po e sangue de Cristo é uma metafóra para crer Nele, como Schreiner e Ware admitem: "vir a Jesus é satisfazer a fome e crer Nele é extinguir a sede"[11]. Embora o calvinista tente dizer que a fé para crer é dada por Deus a fim de *causar* o eleito a crer, essa ideia dificilmente cabe na analogia de comer e beber. Certamente é responsabilidade daquele a quem o Pai dá o "Pão da Vida" comê-Lo de bom grado. Não há sugestão alguma de que o Pão da Vida é forçado ao eleito por meio da Graça Irresistível.

Responsabilidade Humana

As palavras de Cristo, "nenhum homem pode vir a Mim a menos que o Pai o atraia", não são as mesmas da interpretação de White "nenhum homem é *capaz* de vir a Mim". Cristo não está negando nem a necessidade nem a capacidade da parte do homem de fé e consentimento ativo. Apenas o Pai pode *atrair*, mas os homens devem *vir* a Cristo, como essa graça é *dada* a eles do Pai. E centenas de passagens nos falam que o dar (*didomi*) é um presente do amor de Deus e, como o presente do Filho morrer por nossos pecados, é por todo o mundo. Tal entendimento é consistente com convites repetidos das Escrituras para vir — convites que seriam sem sentido sem a responsabilidade definida da parte do homem *e a habilidade* para "vir", quando ele é "trazido". O homem tem uma escolha a fazer: vir ou não vir, comer e beber de Cristo ou das coisas deste mundo e de Satã.

Sim, a Bíblia diz que "não há ninguém que busque a Deus" (Romanos 3:11). Mas esse é apenas um lado, e a Bíblia deixa claro que essa afirmação *não* significa, como o calvinismo insiste, que nenhum homem é *capaz* de buscar. Não é que o homem careça de habilidade para buscar a Deus ou que Deus retém a graça essencial para que ele venha. O problema é que o homem, nele e de si mesmo, carece de desejo de buscar a Deus. Cegado pelo pecado e obcecado com o ego, o homem

11 Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, ed., em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 14.

busca tudo, exceto a Deus (incluindo os falsos deuses que ele acha mais atraente), até que, pelo Espírito Santo, convencido do pecado e convencido de sua necessidade de um Salvador, ele é atraído a Cristo.

Em amor infinito e graça sem limites, Deus encoraja o homem continuamente a buscá-Lo. Embora muitos, talvez a vasta maioria (largo é o caminho para a destruição), rejeitam o cortejo do Espírito Santo e o chamado de Cristo para virem a Ele, muitos respondem a essa chamada em arrependimento a Deus e fé em nosso Senhor Jesus Cristo, como na mensagem que Paulo pregou (Atos 20:21). Isso é o porque Paulo se gastou — pregando o evangelho na tentativa de *persuadir* os homens (2 Corintios 5:11) para virem a Cristo — e devemos fazer o mesmo.

Os homens são responsáveis por responder à consciência, ao evangelho e ao esforço do Espírito Santo em suas vidas (Genesis 6:3). Nem nós podemos, como crentes, evitar a nossa responsabilidade de obedecer aos comandos de Cristo para pregar o evangelho e fazê-lo no poder do Espírito Santo e com persuasão e convicção sincera. Paulo e Barnabé "falaram de tal modo, que creu uma grande multidão, não só de judeus, mas também de gregos" (Atos 14:1). Então devemos ser "como os oráculos de Deus" (1 Pedro 4:11).

A Sede Universal Que Somente Deus Pode Saciar

Davi disse: "quando Tu disseste: Buscai o Meu rosto; o meu coração disse a Ti: O Teu rosto, Senhor, buscarei" (Salmos 27: 8). Os filhos de Corá cantaram: "como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por Ti, ó Deus" (Salmos 42:1). Outros textos podem ser citados na mesma linha. Não apenas um eleito, mas todos os homens em todos os tempos e lugares (e isso inclui até mesmo o impio e injusto, o que todos nós somos por natureza) são exortados assim:

> Buscai ao Senhor enquanto se pode achar, invocai-O enquanto está perto: Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos e se converta ao Senhor, que Se compadecerá dele; porque grandioso é em perdoar (Isaías 55:6–7). O Deus que fez o mundo [...] de

> um só sangue fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra [...] que buscassem ao Senhor, se porventura, tateando O pudessem achar [...] ainda que não está longe de cada um de nós [...] (Atos 17:24–27).

A interpretação calvinista de João 6, em sua tentativa de provar a Expiação Limitada e a Graça Irresistível, faz escrituras como as acima ficarem sem sentido. Não há maneira alguma de os "ímpios [...], injustos [...], todas as nações dos homens" poderem ser transformados em "eleitos"! Inquestionavelmente, a Bíblia ensina a responsabilidade humana para crer e buscar o Senhor. Não ensina que apenas um grupo de eleitos são irresistivelmente feitos para chegar a Deus e a Cristo, sem qualquer vontade ou desejo de sua parte. O convite de Cristo, "vinde a Mim", certamente significa que, embora o homem não viria de sua própria vontade, sem o Pai o atraie, no entanto, quando o Pai através do Espírito Santo atrai os homens a Cristo, eles são capazes como agentes morais de obter e vir por um ato de fé e vontade genuína — ou de resistir e não vir.

Por que Deus impulsionaria a buscá-Lo, e Cristo convida a vir a Ele, os homens que, se o calvinismo é verdade, são totalmente depravados e mortos no pecado, na medida em que eles não podem sequer ouvir a Sua voz ou fazer um movimento em direção a Ele? De fato, se o calvinismo fosse verdade, por que Cristo mesmo diria "venha a Mim e beba" para *alguém*? Esse convite não seria apropriado para os eleitos, já que Sua vinda é só pelo Pai os trazendo irresistivelmente. Também não seria apropriado para os não eleitos, porque não há maneira alguma em que eles poderiam vir, mesmo se tivessem o desejo.

A visão extrema que interpreta a depravação humana e o estar morto em pecados como significando que o homem natural não pode buscar e encontrar Deus é repudiada literalmente por centenas de versículos bíblicos. Os poucos lugares onde se diz que o homem não busca a Deus são compensados pelo número de passagens que incentivam a buscar a Deus. Aqui estão apenas algumas:

- Buscai ao Senhor [...], buscai a Sua face continuamente. (1 Crônicas 16:11)

- Se O buscardes, achá-Lo-eis [...]. (2 Crônicas 15:2)
- Tu, Senhor, não abandonas aqueles que Te buscam. (Salmos 9:10)
- Louvarão ao Senhor os que O buscam [...]. (Salmos 22:26)
- Mas àqueles que buscam ao Senhor bem nenhum faltará. (Salmos 34:10)
- Folguem e alegrem-se em Ti os que Te buscam [...]. (Salmos 40: 16)
- Não sejam confundidos os que Te buscam [...]. (Salmos 69:6)
- Os que buscam ao Senhor entendem tudo [...]. (Provérbios 28:5)
- Porque é tempo de buscar ao Senhor [...]. (Oseias 10:12)
- Buscai ao Senhor, todos vós mansos da terra [...]. (Sofonias 2:3)

Se os homens não só não buscam, mas *não podem* buscar a Deus a menos que Ele faça com que eles busquem, através da Graça Irresistível, o que todas essas passagens, e outras mais como elas, querem dizer? Que o homem não regenerado pode ser motivado a buscar e até mesmo a encontrar Deus está claro a partir de muitas escrituras. Deus exorta o descrente e rebelde Israel, "E buscar-Me-eis e Me achareis, quando Me buscardes com todo o vosso coração" (Jeremias 29:13). Atraído *irresistivelmente* sem qualquer entendimento? Não — "porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que O buscam Deus" (Hebreus 11:6).

Mais Contradições

O próprio Calvino, por vezes, contradisse suas próprias teorias. Ele ensinou que todos os homens "nascem e vivem com o propósito expresso de aprender a conhecer a Deus" e, portanto, "é claro que todos aqueles que não dirigem os pensamentos e ações de toda a sua vida para esse fim deixam de cumprir a lei de seu ser"[12]. Nesse exemplo, Calvino estava concordando com o que a Bíblia diz, mas ele estava contradizendo calvinismo. Como poderia a própria "lei do seu ser" compelir toda a humanidade a buscar a Deus, quando eles são incapazes de fazê-lo? Faria sentido aos homens estarem *indispostos* a cumprir a "lei" de seu ser, mas serem *incapazes* de fazê-lo indiciaria o Criador.

Tendo reconhecido o fato de que Deus fez o homem para buscar, encontrar, e conhecê-Lo, como poderia Calvino acreditar em Depravação Total? Será que Deus fez todos os homens com o propósito de O buscar e O conhecer, como Paulo disse claramente no Areópago (Atos 17:26–28), e ao mesmo tempo deixar de fornecer a graça de que necessitam para esse procurar e conhecer? E por que Deus predestinaria à condenação, antes de seu nascimento, multidões daqueles que Ele traria ao mundo "para o propósito expresso de aprender a conhecer" a Ele?

Calvino contradisse mais a si mesmo e à Escritura com o argumento adicional de que tudo quanto os homens "pensam de Deus é contra a Sua vontade; nunca se aproximam Dele sem serem arrastados à Sua presença, e, quando pensam, em vez do medo voluntário fluindo da reverência da majestade divina, sentindo apenas esse medo forçado e servil que o julgamento divino extorque [...] que, enquanto eles temem, eles, ao mesmo tempo, também odeiam"[13]. Essa imagem horrível e antibíblica gerou a ideia de Graça Irresistível.

E sobre os eleitos? Eles não eram uma vez totalmente depravados, mas foram atraídos para Deus? E o que dizer das muitas escritu-

---

12 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), volume 1, iii.3.

13 Ibid., volume 1, iv.4.

ras (algumas das quais citamos) testificando muitos que tinham prazer em buscar a Deus? Onde é que a escritura diz que Enoque (que andou com Deus) ou Abraão (o amigo de Deus) ou Moisés (que falou com Deus face a face) ou Davi (cujos salmos dão testemunho de uma busca perpétua após Deus e de sede de Deus) ou Daniel (para quem o tempo com Deus na oração era tão precioso que a ameaça de ser jogado na cova dos leões não poderia levá-lo a desistir), etc., foram atraídos irresistivelmente por Deus, que mudou as suas vontades sem cooperação voluntária de sua parte? É nos dito que "Daniel propôs no seu coração" (Daniel 1:8) — não que ele foi regenerado e, em seguida, lhe foram dados a fé e o desejo de buscar a Deus.

A Bíblia contém testemunho abundante do fato de que os homens podem ser atraídos para Deus e, de fato, vêm ansiosamente, se prostram e O adoram. Mas mesmo que a imagem da humanidade totalmente depravada que Calvino pintou fosse verdade, essa não seria mais uma razão para um Deus que é amor estender a Sua graça a toda a humanidade, a fim de cumprir o propósito para o qual mesmo Calvino admite que Ele os criou? A interpretação calvinista de João 6 prejudica centenas de outras escrituras.

Os calvinistas parecem muito ansiosos em abraçar alguns versos que dizem que o homem *não* busca o Senhor, e muito relutantes em aceitar o número muito maior de versos que exortam o homem a buscar a Deus e que falam de muitos que O acharam e amaram. Infelizmente, o Deus do calvinismo é muito seletivo com amor e graça e tem prazer em condenar bilhões. Em defesa do verdadeiro caráter de Deus, insistimos mais uma vez que o tal *não* é o Deus da Bíblia.

CAPÍTULO 27

PERSUASÃO, O EVANGELHO E DEUS

Um exame completo da passagem em João 6, que é exaltada como a apresentação mais clara do calvinismo na Escritura, não consegue descobrir qualquer apoio para TULIP. Mas se o calvinismo fosse realmente verdade, então Jesus teria realmente "insultado e zombado"[1] dos judeus exatamente como Lutero acreditou, com aprovação, que Ele fez. Segundo Lutero e Calvino, Cristo disse algo assim aos judeus:

> Vocês tem que acreditar em Mim como o Pão de Deus que desceu do céu para dar a vida ao mundo. Mas vocês não têm a capacidade de crer para a salvação, e Meu Pai só vai dar essa capacidade a alguns de vocês.
>
> Por "mundo", é claro, Eu realmente quero dizer "eleitos". Embora ninguém reconheça isso ainda, um dia ele vai ser revelado através de um sistema chamado calvinismo.
>
> Vocês devem, pela fé, comer a Minha carne e beber o Meu sangue [isto é, crer que Eu, como Deus, Me tornei um homem real de carne e sangue para morrer pelos seus pecados, cumprindo os sacrifícios levíticos que os sacerdotes comeram]. Se vocês não crerem em Mim, vocês vão morrer em seus pecados. É claro que vocês não podem crer em Mim, a menos que Meu Pai faça vocês crerem, e Ele dá essa graça a apenas um número seleto.
>
> Vocês ingenuamente acham que o evangelho é uma verdadeira oferta de salvação, mas, na verdade, ele se destina melhor a condenar vocês. Vocês não podem crer em Mim, mesmo se vocês tentarem.
>
> Venham, desgraçados, venham. Esses são os termos. Mas vocês estão todos tão totalmente depravados que vocês não po-

1 Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*. J. I. Packer e O. R. Johnston, trad. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1999), p. 153.

> dem vir a Mim exceto se o Meu Pai os regenerar e lhes der a fé para crer. E Ele já decidiu na eternidade passada (por razões ocultas em Sua vontade e para a Sua glória) que Ele só fará isso por alguns, mas não por todos. Mas, de qualquer maneira, todos vocês serão responsabilizados. Sim, Ele poderia fazer todos vocês crerem em Mim, mas é a Sua boa vontade salvar apenas alguns do inferno. E não pense que Eu vou morrer desnecessariamente por aqueles de vocês que o Meu Pai predestinou a eterna destruição — isso seria um desperdício do Meu sangue. Eu morrerei só pelos pecados dos eleitos.

Que amor é esse? Alguns calvinistas admitem de bom grado que a verdadeira questão é "se [...] Deus *deseja* a salvação de todos os homens"[2]. A maioria dos calvinistas insiste que Deus não tem esse desejo. Incrivelmente, MacArthur diz que Deus *deseja* a salvação de todos, mas *decretou* a salvação somente de alguns[3] — embora Ele possa fazer tudo que Ele decreta. Outros dizem que Deus tem duas vontades, uma para salvar a todos e outra para condenar multidões — e esta última, de alguma forma, supera a anterior. Defendendo zelosamente a soberania de Deus, o calvinismo reprova Seu caráter.

Se Deus poderia, por Seu poder, curvar o coração de todos e de qualquer um "à obediência de Cristo", sem qualquer desejo da parte deles, por que Ele não o faz por todos? E por que Ele não fez isso por Adão e Eva no próprio início, e, posteriormente, por todos os seus descendentes? Por que criar o pecado desnecessariamente e preordenar o homem para ser seu escravo, trazendo o horror do mal e sofrimento que afligiria bilhões — e, em seguida, salvar apenas *alguns* quando *todos* poderiam ser salvos? Por que Deus *causaria* o pecado de Adão e Eva e de toda a humanidade, e depois os puniria por fazer o que Ele os fez fazer? Isso *não* é o que a Bíblia ensina (e a consciência se levanta contra isso), mas isso é o calvinismo.

---

2 John Murray e Ned B. Stonehouse, *The Free Offer of the Gospel* (sem editora, sem data), p. 3.

3 John MacArthur, *The MacArthur Study Bible* (Nashville, TN: Word Publishing, 1997), p. 1862.

Em apoio a essa doutrina abominável, Calvino cita Agostinho: "portanto, não se pode duvidar que a vontade de Deus (que tem feito tudo o que a Ele agradou no céu e na terra [...]) não pode ser resistida pela vontade humana [...]"[4]. Então, quebrando os Dez Mandamentos, os homens não estão resistindo a vontade de Deus, mas a cumprindo! Essa crença não bíblica criou o dogma terrível de que tudo o que acontece na Terra, incluindo toda impiedade — mesmo de natureza grosseira — é desejada por Deus. Como poderia ser o contrário, se o homem não pode fazer coisa alguma contrária à vontade de Deus? Assim, o calvinismo leva ao fatalismo, de onde vem tanto a predestinação para a condenação quanto a Graça Irresistível. Isso torna sem sentido a oração "seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu" (Mateus 6:10), se Deus é a causa de tudo, como os calvinistas insistem.

Calvinismo e Evangelismo

Se a graça é verdadeiramente irresistível, se apenas os eleitos por Deus para a salvação podem ser salvos, se ninguém pode crer no evangelho até ser regenerado por Deus e consequentemente ser dada a fé para crer, não seria vã a tentativa de persuadir alguém a abraçar o evangelho — ou aqueles que ouvem para voluntariamente crer em Cristo? Visto que não há coisa alguma que se possa fazer para mudar o destino eterno de alguém (se entre os eleitos, nada pode mantê-los fora de céu; se não eleito, nada pode ser feito para escapar do inferno) não deve se deixar apenas o inevitável tomar o seu curso? Embora muitos calvinistas se oporiam a essa visão, inevitavelmente, essa é a conclusão prática a que esse dogma fatalista leva. Afinal de contas (eles dizem), a regeneração ocorre soberanamente sem qualquer fé por parte do destinatário — ou mesmo conhecimento da sua ocorrência.

4 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxiii.14.

No entanto, calvinistas como Spurgeon muitas vezes se contradizem com uma preocupação sincera pelas almas, que conflita com a TULIP. Às vezes, D. James Kennedy, fundador da *Evangelism Explosion*, faz parecer como se a salvação está disponível a todos, e mesmo que a fé preceda a regeneração: "coloque sua confiança em [Cristo], peça a Ele para entrar e nascer em você hoje"[5]. Da mesma forma, ao contrário do seu calvinismo professo, Spurgeon ensinou que "ganhar almas é o assunto principal do cristão [...]"[6]. Mas ganhador de almas é um paradoxo se o calvinismo é verdadeiro. O destino eterno de cada pessoa já foi predeterminado, então *ganhar* é impossível. No entanto, Kennedy treina outros para evangelizar — e, no processo, contradiz ainda mais calvinismo: "pois se é verdade que temos de ser nascidos de novo, então também é verdade que *podemos* nascer de novo [...]. Isso, meus amigos, são as *boas-novas*"[7]. Ele quer dizer seriamente que a salvação apenas para os eleitos são *boas-novas* para *todos*? Tal linguagem não zomba dos não eleitos?

Na tentativa de mostrar que o evangelismo tem algum lugar no calvinismo, Boettner declarou que cada pregador deveria "orar por eles [a quem se apresenta o evangelho] para que eles possam, cada um, estar entre os eleitos"[8]. Mas uma vez que o número e a identidade dos eleitos já está determinada, tal oração não é vã? Na verdade, qual é o ponto de orar ou pregar, se não é o evangelho, mas a regeneração soberana, que leva os homens a Cristo, e o destino de cada um foi predestinado a partir de uma eternidade passada?

Quanto às "boas" novas de Kennedy, é esperado daqueles que foram predestinados ao tormento eterno se alegrar que seu destino está selado e não há coisa alguma que se possa fazer para mudar isso? Ele e outros calvinistas evangelisticamente inclinados podem

---

5 D. James Kennedy, *Why I Believe* (Dallas, TX: Word Publishing, 1980), p. 140.

6 Carlos Haddon Spurgeon, *The Soul Winner* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1963), p. 15.

7 D. James Kennedy, *Why I Believe* (Dallas, TX: Word Publishing, 1980), p. 138.

8 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 285.

pensar seriamente que suas práticas correspondem a sua crença?

Em desacordo com Hoeksema, outro calvinista assinala acertadamente que "somente para eles [os eleitos] o evangelho é uma boa-nova"[9]. Muitos calvinistas estão convencidos, e logicamente que sim, "que as doutrinas da graça são contrárias ao ganhar almas"[10]. Engelsma declara cruelmente que o chamado do evangelho "não expressa o amor de Deus por eles [os não eleitos]", nem tem "um propósito de salvar. Pelo contrário, o seu propósito é de torná-los indesculpáveis e os endurecer"[11]. Não é de se admirar que, pela sua própria admissão, tantos calvinistas carecem do zelo do apóstolo Paulo para ganhar os perdidos. Vance cita um líder da *Sovereign Grace Baptist* que admite que:

> Nossos pregadores não são ganhadores das almas dos homens. Não temos membros ganhadores de almas [...]; nós quase nunca damos quaisquer instruções de por que e como ganhar almas. Nós realmente não trabalhamos em ganhar almas em nossas igrejas.[12]

Mas isso é o calvinismo. Por que "trabalhar em ganhar almas"? Não há pessoa alguma *ganhando* aqueles cujo destino eterno já foi decidido. Sproul insiste: "aqueles a quem [o Pai] regenera vêm a Cristo. Sem regeneração ninguém jamais virá a Cristo. Com regeneração ninguém jamais o rejeitará"[13]. O evangelismo, então, tem pouco significado. James E. Adams declara: "o arrependimento e a fé são os atos dos homens *rege-*

---

9 James Daane, *The Freedom of God* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1973), p. 24.

10 Joseph M. Wilson, "Soul Winning", *The Baptist Examiner*, 15 fev. 1992, p. 1.

11 David J. Engelsma, *Hyper-Calvinism and the Call of the Gospel* (Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1980), pp. 17–18.

12 Joseph M. Wilson, "Soul Winning", *The Baptist Examiner*, 15 fev. 1992, pp. 1–2; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, edição revisada de 1999), p. 542.

13 R. C. Sproul, *Chosen by God* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1986), p. 125.

nerados, não de homens *mortos em pecados*"[14]. Contrariando sua citação acima, Boettner diz: "somente aqueles que forem vivificados (feitos espiritualmente vivos) pelo Espírito Santo sempre têm essa vontade [de vir a Cristo]"[15].Nós já perguntamos: se Deus é capaz de regenerar totalmente os pecadores depravados, por que Ele não poderia fazer com que o eleito viva uma vida perfeita, depois que Ele os regenerou? Por que a Graça Irresistível de Deus, que é tão poderosa para com os pecadores, não cria uma obediência perfeita depois de serem salvos? Por que é que a graça irresistível para os pecadores perdidos curva suas vontades à Dele, mas não para os pecadores salvos que tantas vezes não conseguem fazer a Sua vontade? Algo está errado com essa teoria!

Outro Verso Favorito

João 1:13 é citado pelos calvinistas como prova de que o homem não pode ter parte alguma em sua salvação, nem mesmo em crer no evangelho (daí a necessidade da Graça Iresistível): "os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus". Van Baren escreve: "é somente pela graça irresistível de Deus que se é nascido de novo"[16]. Apesar de dizer que a vontade desempenha um papel importante na salvação, Spurgeon declarou: "é totalmente impossível que a linguagem humana pudesse ter dado uma negativa mais forte sobre as reivindicações vaidosas da vontade humana do que essa passagem [...]"[17].Uma vez que um bebê não tem coisa alguma

---

14 James E. Adams, *Decisional Regeneration* (McDonough, GA: Free Grace Publications, 1972), p; 12.

15 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 11.

16 Gise J. Van Baren, "Irresistible Grace", em Herman Hanko, Homer C. Hoeksema, e Gise J. Van Baren, *The Five Points of Calvinism* (Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1976), p. 77.

17 Carlos Haddon Spurgeon, "God's Will and Man's Will", n. 442 (Newington: Metropolitan Tabernacle; sermão proferido no domingo pela manhã, 30 mar. 1862).

a ver com o seu nascimento, os calvinistas raciocinam que nem o pecador pode ter coisa alguma a ver com o ser regenerado. Esse nascimento espiritual não é parecido com o nascimento físico, no entanto, é um ponto importante dessa passagem: "nem do sangue [...], carne [...], vontade do homem". Palmer mesmo raciocina que, porque o feto por nascer não existe, tampouco uma pessoa não salva: "um não ser não existe e, portanto, não pode ter qualquer desejo de ir a Cristo"[18]. Também não pode pecar ou rejeitar a Cristo ou tem menos necessidade de ser regenerado, se "não existe". Mas como se pode dizer que aqueles que ainda não são "nascidos de novo" nem sequer existem?!

Calvino disse que "as crianças [...] são salvas [...], regeneradas pelo Senhor"[19], embora muito jovem para entender o evangelho[20]. Garrett declara:"João Batista nasceu de novo ainda no ventre de sua mãe"[21]. Na verdade, o novo nascimento não foi experimentado pelos santos do Antigo Testamento. Além disso, a regeneração vem somente por crer "na palavra de Deus [...] que pelo evangelho é pregada" (1 Pedro 1:23–25) — dificilmente possível para crianças, muito menos para fetos.

Palmer continua seu raciocínio não bíblico: "um bebê nunca deseja ou decide [...] [ou] contribui nem um pouco em direção ao seu próprio nascimento [...]. De forma semelhante, o incrédulo não pode dar um passo em direção a seu renascimento"[22]. Mesmo o calvinista firme como Pink aponta a falácia: "a regeneração não é a criação de uma pessoa que até então não tinha existência, mas a renovação e restauração de uma

---

18 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 17.

19 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 4, xvi.16–19.

20 Ibid.

21 Eddie K. Garrett, "The Purpose of the Gospel" (*The Hardshell Baptist*, dez. 1990, p. 4); citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 525.

22 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 17.

pessoa a quem o pecado incapacitou para a comunhão com Deus [...]"[23]. Vance explica as contradições óbvias inerentes a essa teoria:

> Um bebê é responsável por qualquer de suas ações antes de nascer? Se não, então [por esse raciocínio] nem seria um homem não salvo responsável por qualquer das suas [então ele dificilmente poderia ser um pecador].[24]

A Simplicidade do Que João Diz

João 1:11–13 simplesmente afirma que carne e sangue não têm relacionamento algum com o novo nascimento, que é espiritual e completamente alheio ao nascimento físico. Tratar os dois como análogos foi o próprio erro que Nicodemos fez: "como pode um homem nascer sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?" (João 3:4)? Cristo faz uma distinção clara: "o que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é espírito" (João 3:6). Esses são dois nascimentos diferentes, e quaisquer semelhanças aparentes são apenas superficiais e não podem se tornar a base de conclusões sólidas.

João também explica que o novo nascimento — que Cristo diz a Nicodemos é essencial para entrar no Reino de Deus (João 3:3, 5) — não vem pela vontade do homem, mas pela vontade de Deus. O homem não concebe o novo nascimento nem pode efetivá-lo por seus esforços. Nem o não calvinista acredita que ele pode. No entanto, somos acusados disso. Bishop imagina que está refutando o não calvinista quando declara que o pecador "não pode renovar a sua própria vontade, mudar seu próprio coração, nem regenerar sua natureza má"[25]. Claro que ele não pode.

---

23 Arthur W. Pink, *The Doctrine of Salvation* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1975), pp. 26–27.

24 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, edição revisada de 1999), p. 522.

25 George S. Bishop, *The Doctrines of Grace* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1977), p. 146.

Como é que mantendo que devemos crer no evangelho para sermos nascidos de novo sugere que podemos regenerar a nós mesmos? Não sugere.

É claro, só Deus pode regenerar um pecador. Mas o versículo 12 declara que Deus regenera somente aqueles que recebem a Cristo e creem no seu Nome. No entanto, esse versículo é comumente ignorado ou até mesmo evitado pela maioria dos calvinistas, que raciocinam somente do versículo 13 sem se importar com o contexto.

O novo nascimento é imposto ao homem por uma graça irresistível soberana de Deus? Certamente que não! Ela vem pela fé em Cristo. Além disso, dezenas de passagens declaram que a vida eterna é um dom que Deus para ser recebido por "todo aquele que crê". Mesmo Calvino disse: "agora pode ser questionado sobre como os homens recebem a salvação oferecida a eles pela mão de Deus? Eu respondo, pela fé"[26]. No entanto, os não calvinistas são criticados por dizerem o mesmo.

Deduções Assombrosas

Comentando sobre João 1:12–13, Calvino liga esse texto bastante biblicamente e logicamente com Tiago 1:18 ("segundo a Sua vontade, Ele nos gerou pela palavra da verdade [...]"). Tiago, como João, está claramente dizendo que a regeneração foi idéia de Deus "de sua vontade", e que Ele efetua ("Ele nos gerou"). Tiago do mesmo modo, confirma a declaração de Pedro de que nascemos de novo "pela palavra da verdade", ou seja, por crer no evangelho de Jesus Cristo — impossível para as crianças, e algo que o batismo não pode efetuar, mesmo em adultos. O próprio Calvino reconhece que a fé na "palavra da verdade" é essencial para a salvação — então contradiz si mesmo:

> Confessamos, de fato, que a palavra do Senhor é a única semente da regeneração espiritual; mas negamos a inferên-

---

26 Joao Calvino, *Calvin's New Testament Commentaries* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1994), vol. 11, p. 144.

> cia de que, portanto, o poder de Deus não pode regenerar crianças [...]. Mas a *fé*, eles dizem, *vem pelo ouvir*, o uso dos quais crianças ainda não obtiveram [...]. Mas eles não observam que onde o apóstolo faz do ouvir o início da fé, ele não está [...] estabelecendo uma regra invariável [...].[27]

Não há coisa alguma sobre *início* da fé ou "regra invariável". A "palavra da verdade" pela qual nascemos de novo é invariável. Além disso, se ouvir a "palavra do Senhor" é o começo da fé, então um bebê, batizado ou não, nem sequer começou a possuir o que Calvino admite que é "a única semente da regeneração espiritual".

Calvino manteve durante toda a sua vida a visão antibíblica do batismo, que, enquanto católico romano devoto, ele aprendeu de Agostinho. Como resultado desse erro, o batismo se tornou um substituto para a fé em Cristo por meio do evangelho que Cristo e Seus apostolos afirmam tão claramente que é essencial para a salvação ou o novo nascimento. Seu próprio batismo como criança foi a única experiência de "nascer de novo" de Calvino, que sabemos.

As ideias antibíblicas de Calvino o levaram a outra heresia surpreendente: filhos de crentes estão automaticamente entre os eleitos e, portanto, já regenerados desde o ventre. Essa falsa garantia provavelmente levou multidões a se perderem! Milhões de pessoas são batizadas, confirmadas, casadas, e enterradas por igrejas estatais em toda a Europa — e isso é tudo o que eles sabem de Deus e Cristo. Ouça Calvino:

> Daqui se segue, que os filhos de crentes não são batizados, a fim de que [...] então eles possam, pela primeira vez, se tornar filhos de Deus, mas são recebidos na Igreja por um sinal formal, porque, em virtude da promessa, eles pertenciam previamente ao corpo de Cristo.[28]

---

27 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 4, xvi.18.

28 Calvino, *Institutes*, vol. 4, xvi.18–21; vol. 4, xv.22.

Seguindo Calvino, a Contrarremonstrância declarou que "os filhos de crentes, enquanto eles não se manifestem contrariamente, estão a ser contados entre os eleitos de Deus"[29]. Então um bem-comportado bebê, criança, ou jovem criança de pais crentes é automaticamente um filho regenerado de Deus sem entender ou crer no evangelho! Comportamento em vez de fé em Cristo se torna a garantia da salvação calvinista — outro erro mortal, considerando a capacidade inegável de muitos incrédulos em viver aparentemente boas vidas.

O que pode significar "manifestar o contrário"? E o que quer que isso signifique, suponha que essa manifestação contrária não se mostrou por muitos anos? Antes desse tempo, a pessoa teria sido um dos eleitos, mas depois de um comportamento errado já não seria? Poderia um dos "eleitos" se perder? E como poderia o comportamento confirmar ou anular a eleição de Deus desde a eternidade passada? Assim, vemos mais uma vez por que o quinto ponto é chamado de "Perseverança dos *Santos*", e não "O Poder Mantenedor de *Deus*" — e por que esse último dos cinco pontos do calvinismo, contrário do que se espera, gera incerteza, em vez da segurança eterna, um fato que vai se tornar ainda mais claro no capítulo 30.

Se um filho de um dos "eleitos" está, somente por esse fato, também entre os eleitos, então os seus filhos também estariam entre os eleitos — e netos, bisnetos, trinetos, e assim por diante, indefinidamente. Não é essa a conclusão lógica a que os ensinamentos de Calvino levam inevitavelmente? Por que os líderes calvinistas de hoje, em vez de elogiar extremamente as *Institutas* de Calvino, não alertam sobre os seus erros?

Embora a crença de que os filhos dos eleitos são, eles próprios, eleitos, pode ser comparada com a crença de que as crianças que morrem antes de chegar a um entendimento do evangelho são cobertas pelo sangue de Cristo e levadas ao céu, há uma grave diferença entre os dois conceitos. O primeiro, em última análise envolve aqueles que, ao invés de terem sido levados para o céu na infância,

---

29 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), pp. 151–152.

continuam a viver na idade adulta. Por que o jovem calvinista, quando chega a idade, deve ser desafiado a crer no evangelho, na medida em que tanto por nascimento e batismo infantil ele foi declarado ser um dos eleitos?

Mais tarde, a confirmação apenas reforça a confiança no que o batismo infantil — ou ser nascido em uma família calvinista — já alegadamente completou. De fato, qual é a necessidade de pregar o evangelho a *alguém*, uma vez que os eleitos são regenerados sem a pregação e os não eleitos não podem crer nela? Para defender os seus dogmas, Calvino conseguiu racionalizar uma interpretação de João 1:13 e Tiago 1:18 que realmente contradiz ambos:

> Daí segue-se, em primeiro lugar, que a fé [...] é o fruto da regeneração espiritual; para o evangelista afirmar que nenhum homem pode crer, a menos que ele seja nascido de Deus; e, portanto, a fé é um dom celestial. Segue-se, em segundo lugar, que a fé não é conhecimento vazio ou frio, uma vez que nenhum homem pode crer que não foi renovado [renascido] pelo Espírito de Deus.[30]

Ao contrário, o versículo 12 diz claramente que aqueles que *recebem* a Cristo e *creem no Seu nome* foi-lhes dada autoridade, como resultado, de se *tornarem* filhos de Deus. A fé em Cristo precede claramente e é essencial ao novo nascimento. Longe de ensinar que "nenhum homem pode crer, a menos que ele seja gerado de Deus", ambos, Tiago e João ensinaram o oposto: é por meio da fé "na palavra da verdade" que se é regenerado. Não poderia ser dito de forma mais clara que receber a Cristo e crer em Seu nome são requeridos por Deus para Ele regenerar o pecador.

Calvino se contradisse sobre esse assunto assim como sobre os outros: "diz-se que os crentes, ao abraçarem a Cristo, são 'nascidos, não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de

---

30 João Calvino, *Commentary on the Gospel According to John* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1984), p. 43; citado em James R. White, *The Potter's Freedom* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 183.

Deus' (João 1:13) [...]"[31]. Aqui ele admite claramente a ordem bíblica: se abraça (isto é, crer em) Cristo e, como resultado dessa fé, é nascido de Deus, ou seja, regenerado. Nessa mesma seção de suas *Institutas*, no entanto, ele novamente se refere a regeneração como "precedendo a fé."

Contradizendo Diretamente a Escritura

Como os calvinistas podem afirmar que esses versículos ensinam que se deve ser nascido de novo *antes* de poder crer e receber a Cristo? Elas ensinam o oposto! A partir dessa torção antibíblica da Escritura, flui a doutrina da Graça Iresistível: Deus deve regenerar irresistivelmente os eleitos antes mesmo de eles crerem em Cristo.

Os calvinistas fazem algumas deduções surpreendentes de João 1:13, como a de que "o homem não tem livre-arbítrio, quando se trata da questão da salvação"[32]. Pink insiste, "em e de si mesmo, o homem natural tem poder para rejeitar a Cristo, mas [...] não o poder de receber a Cristo"[33]. Palmer afirma: "só quando o Espírito Santo regenera o homem e faz com que ele viva espiritualmente o homem pode ter fé em Cristo e ser salvo"[34]. Custance declara: "o que poderia ser uma indicação mais clara do que esse fato de que a salvação é conferida a um número seleto que é concebido pelo Espírito Santo e nascido de novo somente pela vontade de Deus?"[35] No entanto, cada

31 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 2, ii.19.

32 Manford E. Kober, *Divine Election or Human Effort?* (sem editora, sem data), p. 31; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 216.

33 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986), p. 128.

34 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 27.

35 Arthur C. Custance, *The Sovereignty of Grace* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1979), p. 188.

uma dessas afirmações contradiz a passagem que diz claramente que aqueles que O "receberam [...] [e] creem no Seu nome [...] se tornaram filhos de Deus, [sendo] [...] nascido [...] de Deus" (1:12–13).

Vance provê citações surpreendentes de calvinistas que contradizem João 1:11–13:

- Uma pessoa é regenerada, antes que ela creia.[36]
- Um homem não é salvo porque ele crê em Cristo; ele crê em Cristo, porque ele é salvo.[37]
- Um homem não é regenerado, porque ele primeiro creu em Cristo, mas ele crê em Cristo, porque ele foi regenerado.[38]
- Nós não cremos a fim de sermos nascidos de novo; somos nascidos de novo a fim de que possamos crer.[39]
- Vivificado e renovado pelo Espírito Santo, [o homem] fica habilitado [...] para abraçar a graça oferecida e comunicada a ele.[40]

Leia João 1:11–13 e Tiago 1:18. Medite nessas passagens e ore sobre elas. Tais declarações como as de cima, que são partes integrantes do calvinismo, contradizem a Palavra de Deus. Elas não são derivadas, mas são impostas sobre a Escritura. Bob Thompson desafia qualquer calvinista "a apontar um exemplo na Bíblia onde Deus implantou o Seu Espírito Santo em [...] um indivíduo *antes* que ele ou ela tomasse Deus em Sua Palavra e fosse salvo [...]"[41].Não é por acaso

---

36 W. E. Best, *Simple Faith: A Misnomer* (Houston, TX: W. E. Best Book Missionary Trust, 1993), p. 34.

37 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 101.

38 Arthur W. Pink, *The Holy Spirit* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1978), p. 55.

39 Grover E. Gunn, *The Doctrines of Grace* (Memphis, TN: Footstool Publications, 1987), p. 8.

40 Confissão de Fé de Westminster (Londres: sem paginação, 1643), Capítulo X.

41 Bob Thompson, "The 5 Points of Calvin's Doctrine of Predestination " (monografia de publicação do autor, 4056 Skyline Rd., Carlsbad, CA, 92008, sem data), p. 6.

que a maioria dos calvinistas evitam João 1:12. Não é feita qualquer referência a ele nas 600 páginas dos *Selected Writings of John Knox*[42], e Pink evita esse texto em *The Sovereignty of God*. Piper faz duas referências oblíquas a ele em *The Justification of God*, mas sem comentário substancial[43]. Nenhum dos treze autores de *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge and Grace* o confronta. Para seu crédito, White dá quatro páginas e meia[44], porque Norman Geisler a menciona em seu livro *Eleitos, mas Livres* (Bethany House, 1999), e o livro de White foi escrito especificamente como uma refutação a Geisler.

White tenta uma resposta à declaração de Geisler de que "o versículo 12 [João 1:12] deixa claro que o meio pelo qual esse novo nascimento é obtido é por [sic] "todos os que O recebem [Cristo]"[45]. Geisler quer dizer que o versículo 12 dá a qualificação ("a todos quantos O receberam [...], que creem no Seu nome") para receber o novo nascimento mencionado no versículo 13, e que o novo nascimento é totalmente "de Deus". Isso é o que o versículo 12 diz claramente.

Confundindo a Fé dos Homens Com a Obra de Deus

O problema na resposta de White é simples e dupla: 1) ele introduz (sem qualquer suporte bíblico) o argumento favorito sobre a fé sendo impossível sem o novo nascimento. Essa afirmação não só é contrária a essa passagem, mas também às inúmeras passa-

42 John Knox, *Selected Writings of John Knox*(Dallas, TX: Presbyterian Heritage Publications, 1995).

43 John Piper, *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1–23* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 31, n. 154.

44 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 182–186.

45 Citado em James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), sem nota de rodapé como referência.

gens que fizeram apelo ao não regenerado para crer e oferecendo salvação mediante a fé; e 2) ele não consegue distinguir entre a fé do homem e a regeneração de Deus. Nem Geisler, nem ninguém mais, críticos da interpretação calvinista de João 1:13, imagina que a fé daquele homem *causa* a regeneração. Assim, o calvinista está argumentando contra algo que seus críticos nem sequer defendem.

Jesus diz a Nicodemos que ele deve ser nascido do Espírito de Deus. Ele deixa igualmente claro que o homem deve crer a fim de ser salvo: "para que todo aquele que crê não pereça, mas tenha a vida eterna [...]. Aquele que crê [...] não é condenado; mas quem não crê, já está condenado [...]" (João 3:16,18). E, como vimos, a salvação e o novo nascimento são uma e a mesma coisa. Ainda White prossegue para demolir o mesmo velho espantalho:

> Nada é dito no texto de que o novo nascimento é "recebido" por um "ato do livre-arbítrio". Na verdade, *o exato oposto é claramente afirmado*, "os nascidos ***não*** da vontade do homem [...]". É um incrível exemplo de como noções preconcebidas podem ser lidas em um texto que o CBF [De Geisler, *Eleitos, Mas Livres*] pode dizer que o texto faz com que o novo nascimento dependa de um ato do "livre-arbítrio" quando o texto diz o oposto.
>
> [Além disso], se uma pessoa pode ter a fé salvadora sem o novo nascimento, então o que é que o novo nascimento realiza? Evidentemente, não é necessário o novo nascimento para obedecer aos mandamentos de Deus ou ter fé salvadora.[46]

White confunde o que o homem deve fazer (crer) com o que Deus faz (regenerar). Que o novo nascimento "não é da vontade do homem, mas de Deus" não nega que o homem deva crer para Deus efetuar essa obra nele. A fé do homem em Cristo não causa mais o

46 Ibid., p. 185.

novo nascimento do que a fé causa o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus. O perdão dos pecados, o novo nascimento na familia de Deus, e as muitas outras bênçãos que temos em Cristo são todas obra de Deus — mas elas só são concedidas sobre aqueles que creem. Crer não *criou* essas bênçãos; mas simplesmente cumpriu a condição de Deus para recebê-las. Sim, a regeneração não é pela vontade carnal do homem, mas é toda de Deus; no entanto, Deus regenera somente aqueles que receberam e creram em Cristo, como a passagem afirma claramente.

Inquestionavelmente, não só Tiago 1:18 ("Ele nos gerou pela palavra da verdade"), mas há muitas outras passagens que ensinam que crer "na palavra da verdade" é essencial para o novo nascimento e e deve precedê-lo. O evangelho é a específica "palavra da verdade" que deve ser crida para o novo nascimento ocorrer: "crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo" (Atos 16:31). Pedro coloca de forma suscinta: "sendo de novo gerados [...] pela palavra de Deus [...]. E essa é a palavra que entre vós foi evangelizada" (1 Pedro 1:23, 25). Crendo que o evangelho é o meio que Deus usa para realizar o novo nascimento — assim, a fé não pode ser concedida por Deus *após* a regeneração, como o calvinismo insiste.

Em resposta à pergunta de Nicodemos sobre como um homem pode ser nascido de novo no reino de Deus, Cristo explica que ele vai ser "levantado" pelos pecados na cruz como a serpente de bronze no deserto, "para que todo aquele que crê Nele não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:15–16). A salvação não é por obras, mas pela fé: "mas, àquele que não pratica, mas crê Naquele que justifica o ímpio, sua fé lhe é imputada como justiça" (Romanos 4:5). Como Paulo diz repetidamente, o pecador é "justificado pela fé" (Romanos 5:1).

O pecador deve ouvir e crer no evangelho *antes* da regeneração, não após. É por isso que devemos pregar o evangelho e buscar, como Paulo, persuadir os homens. Calvino inverteu a ordem bíblica, como fazem seus seguidores hoje, declarando que ninguém pode crer no evangelho até que ele primeiro seja regenerado. Como Spurgeon disse, no entanto, aquele que foi regenerado não tem necessidade alguma do evangelho, sendo já salvo.

O Dom de Deus É a Fé ou a Salvação?

Mais de uma das cartas críticas que recebi me acusou de ignorância sobre essa questão: "você não parece entender que a própria fé é um presente dado por Deus". Que a fé é um dom é o maior fundamento principal do calvinismo. A passagem favorita oferecida como prova é Efésios 2:8–10. Mathison diz: "a fé salvadora é um dom de Deus, um resultado da obra regeneradora do Espírito Santo"[47]. Storms reivindica, "inúmeros textos afirmam que tal fé [salvadora] é o próprio dom gracioso de Deus (veja especialmente Efésios 2:8–9 [...])"[48]. Clark declara:

> Um homem morto não pode [...] exercer fé em Jesus Cristo. A fé é uma atividade da vida espiritual, e sem a vida não pode haver atividade. Além disso, a fé [...] não vem por qualquer decisão independente. A Escritura é explícita, clara e inconfundível: "pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus" (Efésios 2:8). Olhe para as palavras mais uma vez, "é o dom de Deus". Se Deus não dá fé a um homem, quantidade alguma de força de vontade e decisão pode fabricar a fé para ele.[49]

Pelo contrário, o assunto dos últimos sete versos é a *salvação*, não a fé. O versículo 8, em seguida, declara a respeito da salvação, "pela graça sois salvos [...] ela [obviamente a salvação] é dom de Deus". Não é a fé salvadora, mas ser salvo que é dom de Deus. É-nos dito constantemente que a vida eterna é "o dom de Deus" (Romanos 6:23; ver também João

---

47 Keith A. Mathison, *Dispensationalism: Rightly Dividing the People of God?* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1995), p. 99.

48 C. Samuel Storms, "Prayer and Evangelism under God's Sovereignty"; em Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds., *The Grace of God, The Bondage of the Will* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1995), p. 221.

49 Gordon H. Clark, *Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1987), p. 102; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), pp. 515–516.

4:10; Romanos 5:18; Hebreus 6:4, etc.). Não menos definitiva, como Calvino admitiu e, em seguida, tentou negar, é a afirmação de que "a fé vem pelo ouvir, e ouvir a Palavra de Deus". Não há base bíblica para sugerir que Deus dá a fé salvadora a um grupo seleto e nega a outros.

Além disso, a construção do grego em Efésios 2:8–10 torna impossível para a fé ser o dom. Tal é o veredicto de muitas autoridades em grego, incluindo Alford[50], F. F. Bruce, A. T. Robertson[51], W. E. Vine, Scofield, e outros[52]. Vance observa que "uma testemunha da verdade das Escrituras contra a interpretação calvinista da 'fé-dom' pode ser encontrada nos gramáticos gregos". Ele lista W. Robertson Nicoll[53], Kenneth S. Wuest[54], Marvin R. Vincent[55], e outros[56].Entre as razões que os especialistas citam está o fato de que a palavra *fé* é um substantivo feminino, enquanto o pronome demonstrativo *isto* ("e isto não vem de vós, é dom") é neutro e, portanto, não poderia se referir à fé. Nem a gramática, como W. G. MacDonald diz, "consente 'fé' ser o antecedente de 'isto'"[57]. É claro, "é" não está no grego, mas foi adicionado para maior clareza pelos tradutores da Bíblia *King James*

---

50 Henry Alford, *The New Testament for English Readers* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1983), vol. 3, p. 216.

51 Archibald Thomas Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nova Iorque: Harper and Bros., 1930), vol. 4, p. 525.

52 Citado em Samuel Fisk, *Divine Sovereignty and Human Freedom* (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1973), pp. 32–36.

53 W. Robertson Nicoll, ed., *The Expositor's Greek Testament* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., sem data), vol. 3, p. 289.

54 Kenneth S. West, *Ephesians and Colossians in the Greek New Testament* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 69.

55 Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1924), vol. 3, p. 376.

56 Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, F1: Vance Publications, 1999), p. 517.

57 MacDonald, W. G., *Grace Unlimited*. Clark H. Pinnock, ed. (Bloomington, MD: Bethany Fellowship, Inc., 1976), p. 87; citado em Samuel Fisk, *Calvinistic Paths Retraced* (Raleigh, NC: Biblical Evangelism Press, 1985), p. 22.

e, portanto, está em itálico. Também não se exige um conhecimento do grego, mas simplesmente prestar atenção a todo o contexto da Efésios 2:8–10, para perceber que a salvação, não a fé, é "o dom de Deus" — como toda a Escritura testifica.

Um número de outras autoridades em grego poderiam ser citadas para esse efeito. Apesar de ser um calvinista, F. F. Bruce, explica: "o fato de que o pronome demonstrativo 'isto' é neutro no grego (*touto*), ao passo que 'fé' é um substantivo feminino (*pistis*), combina com outras considerações a sugerir que é todo o conceito de salvação pela graça mediante a fé que é descrito como um dom de Deus. Essa, aliás, foi a interpretação de Calvino"[58]. O próprio Calvino reconheceu, "mas eles geralmente interpretam mal esse texto, e restringem a palavra "dom" somente a fé. Mas Paulo [...] não quer dizer que a fé é o dom de Deus, mas que a salvação é dada a nós por Deus [...]"[59]. Assim, White e outros calvinistas zelosos que insistem hoje que a fé é o dom estão contradizendo não apenas a construção grega, mas o próprio João Calvino.

Devemos Crer — Deus Não Crê por Nós

Além disso, mesmo se a fé salvadora fosse o dom (o que não poderia ser), não há coisa alguma em Efésios 2 (ou em qualquer outro lugar) que indique que a fé é implantada irresistivelmente por Deus somente após Ele ter regenerado soberanamente o pecador totalmente depravado. De fato, aquela mesma passagem diz que somos "salvos, mediante a fé"; ou seja, a fé é o *meio* da nossa salvação/regeneração — não algo que se segue da salvação.

Essa fé salvadora não é somente pela capacitação de Deus, mas que é algo que o homem é responsável, fica claro a partir de muitas escrituras. Quando nos dizem: "crê no Senhor Jesus Cristo" (Atos 16:31) ou "tende fé em Deus" (Marcos 11:22), não há sugestão de que

58 F. F. Bruce, *The Epistles to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1984), pp. 220–221.

59 João Calvino, *Calvin's New Testament Commentaries* (Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1994), vol. 11, p. 145.

Deus vai regenerar o não regenerado e, em seguida, dar-lhe essa fé; antes, crer é algo que é esperado o homem fazer. Quando Jesus disse: "homens de pouca fé" (Mateus 6:30; 8:26; 16:8; Lucas 12:28), Ele não colocou a culpa sobre Seu Pai por dar aos discípulos tão pouca fé, mas colocu a culpa neles por não crerem.

Quando Ele disse: "nem mesmo em Israel [...] encontrei tanta fé" (Mateus 8:10; Lucas 7:9), ele estava creditando o centurião com essa fé como sendo deste, não como um dom que Deus.

Pedro falar da "prova da *vossa fé*" (1 Pedro 1:7) não teria sentido se a fé fosse um dom de Deus. O propósito do evangelho é trazer os homens para "a fé" (Judas 3), tornando-se a fé deles próprios. Crer no evangelho e na Palavra de Deus é algo que devemos fazer — Deus não crê por nós.

As epistolas usam a frase "*a tua fé*" 22 vezes. Paulo escreve: "em todo o mundo é *anunciada a vossa fé*" (Romanos 1:8); "*crescendo a vossa* fé" (2 Coríntios 10:15); "ouvindo eu também *a fé que entre vós há* no Senhor Jesus" (Efésios 1:15); "porquanto ouvimos da *vossa fé* em Cristo Jesus" (Colossenses 1:4), e assim por diante. Na história do homem "paralítico" trazido a Jesus por amigos, Jesus "*vendo-lhes* a fé", perdoou seus pecados e curou-o (Mateus 9:2; Marcos 2:5; Lucas 5:20). Não há indicação alguma de que aqueles homens tinham sido regenerados e que a fé foi lhes dada como um dom que Deus. Somos informados de que "o justo viverá da fé" (Habacuque 2:4). Da pessoa que "não pratica, mas crê" nos é dito que "sua fé lhe é imputada como justiça" (Romanos 4:5).

Que crer em Deus por meio de Sua Palavra é responsabilidade do homem ou é ensinado diretamente ou está claramente implícito na inúmeras passagens de Gênesis a Apocalipse. Os calvinistas rejeitam toda a mensagem da Biblia quando tentam interpretar um versículo aqui ou ali para ler que a fé é responsabilidade de Deus a ser dada como um dom ao homem.

A Ordem Biblica: Fé Traz Salvação

Na verdade, João 1:12 é apenas um dos muitos versos que deixam claro que Deus efetua o novo nascimento/regeneração apenas

naqueles que creem em Cristo. Ao lado dos versos já citados provando que a salvação é pela fé em Cristo, há muitos outros.

Por exemplo, Gálatas 3:14 declara que "pela fé nós recebebamos a promessa do Espírito", e o versículo 26 diz, "todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus". Da mesma forma, Paulo diz aos crentes de Éfeso, "em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, *tendo Nele também crido*, fostes selados com o Espírito Santo da promessa; o qual é o penhor da nossa herança [...]" (Efésios 1:13–14). Não poderia ser indicado mais claramente que uma relação permanente com o Espírito Santo só começa *após crer no evangelho*. Não me admira que White e outros calvinistas evitam essa escritura também.

Considere as próprias palavras de Cristo, "que todo aquele que vê o Filho, e crê Nele, tenha a vida eterna" (João 6:40). É evidente que ver o Filho e crer Nele precede receber a vida eterna. Calvino inverteu essa ordem para dizer que todo aquele que é eleito e a quem soberanamente foi dada a vida eterna pela Graça Irresistível, então vê o Filho e crê Nele. Inúmeros versos refutam a inversão da ordem bíblica de Calvino.

Jesus disse: "quem ouve a Minha palavra, e crê Naquele que Me enviou, tem a vida eterna" (João 5:24). Mais uma vez, ouvir e crer precedem o receber a vida eterna, que vem através do novo nascimento. Certamente ninguém poderia ser regenerado pelo Espirito Santo sem receber simultaneamente o dom da vida eterna — assim, como poderia a regeneração vir antes da fé? Gálatas 3:22 apresenta a mesma verdade: "mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos que creem". O novo nascimento e a vida eterna prometidos são dados "pela fé [...] aos que creem". Claramente, a fé precede o novo nascimento.

Indiscutivelmente, a salvação vem pela fé. Mas se a regeneração soberanamente vem sem e antes da fé, então os eleitos, como já mostramos, são regenerados sem ser salvos. Para manter essa teoria não bíblica, o calvinista argumenta que a salvação e a regeneração são dois eventos distintos, regeneração vindo primeiro por um ato soberano de Deus, sem qualquer fé, então o dom da fé é dado para que a pessoa possa crer no evangelho para a salvação. Já vimos que

tal idéia foi rejeitada por Spurgeon: "um homem que é regenerado [...] já está salvo [...], é [...] ridículo [...] pregar Cristo a ele"[60].Mas isso levanta outro problema: como alguém poderia ser soberanamente regenerado por Deus sem nascer de novo do Espírito? Certamente regeneração deve ser sinônimo do novo nascimento. Mas se o calvinismo é verdade, deve haver *dois* novos nascimentos, um que *precede* a fé e outro que vem pela fé no evangelho para o novo nascimento (e salvação) que Jesus explicou a Nicodemos.

A Quem a Salvação É Oferecida?

Já notamos que o Antigo Testamento estabelece os fundamentos para o Novo. Especificamente, as provisões de Deus para Israel olhar adiante para Cristo e para a salvação que Ele adquiriria para o mundo dos pecadores. Por exemplo: "porque Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós" (1 Coríntios 5:7). Inquestionavelmente, a provisão da Páscoa foi para todas as pessoas em Israel, sem exceção: "cada homem tomará para si um cordeiro [...], todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde [...], e os filhos de Israel fizeram isso; como o Senhor ordenara a Moisés" (Êxodo 12:3, 6, 28).

O maná, também, foi para *todo* israelita. E que também foi uma figura de Cristo, "o verdadeiro pão do céu [...], o pão da vida" (João 6:32, 48, etc.). Do maná, é-nos dito: "colhei disso cada um [...], tomai cada homem [...], e eles reuniram cada um segundo o que se podia comer" (Êxodo 16:16–18). Todo israelita juntou e comeu, e durante 40 anos viveram do maná que Deus proveu — mas a maioria deles acabaram perdidos. Então o fato de que Deus providenciou para todos não garante a salvação a todos. A fé individual foi requerida. Deus não recolheu o maná, e muito menos o comeu por cada um deles. Novamente, vemos a responsabilidade humana, que retrata a fé individual.

---

60 Carlos Haddon Spurgeon, "The Warrant of Faith " (Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1978), 3. [Livreto com um único sermão, de um conjunto de 63 volumes].

Todos os israelitas foram "batizados em Moisés, na nuvem e no mar; e *todos* comeram o mesmo alimento espiritual [maná]; e *todos* beberam da mesma bebida espiritual: porque bebiam da pedra espiritual que os seguia: e essa Rocha era Cristo". No entanto, "muitos deles [...] ficaram prostrados no deserto" (1 Coríntios 10:2–5). *Batizados* e *comeram* e *beberam de Cristo* — e ainda perdidos? Não há como escapar do fato de que a salvação de Deus foi graciosamente provida por *todo* israelita. Israel como um todo é chamado de "Israel meu eleito" (Isaías 45:4) — e ainda a maioria deles pereceram eternamente.

O calvinista tem apenas duas escolhas. Ou ele deve aceitar a possibilidade de verdadeiros crentes apostatarem da fé, ou ele deve admitir que a salvação é oferecida a todos e que é eficaz apenas para aqueles que creem. Em nenhum lugar em qualquer dos tipos do Antigo Testamento há uma sugestão de um seleto grupo entre os israelitas que foi eleito para a salvação, soberanamente regenerados, e, em seguida, foi-lhes dado fé para crer. Não me admira que os apologistas calvinistas passam longe desses tipos de Cristo do Antigo Testamento.

O sábado capturou o eterno "repouso para o povo de Deus" (Hebreus 4:9), encontrado somente em Cristo. Nenhum israelita estava isento de qualquer um dos Dez Mandamentos, que incluíam "lembre-se do dia de sábado, para o santificar" (Êxodo 20:8), "cada um fique no seu lugar" (16:29). Nem a rejeição de Cristo e a salvação Nele dilui a soberania de Deus ou Seu sacrifício por todos na cruz, não mais do que a recusa universal da humanidade para guardar os Dez Mandamentos.

A Serpente e Cristo

Nenhuma figura da cruz na vida de Israel no Antigo Testamento é mais perspicaz do que o incidente das "serpentes abrasadoras" que morderam o povo no julgamento do seu pecado, e da provisão que Deus fez para curar a todos que creriam e olhariam: "E o Senhor disse a Moisés: Faze uma serpente de bronze [abrasadora], e põe-na so-

bre uma haste; e será que todo mordido que a mirar viverá. E Moisés fez uma serpente de bronze, e a pôs sobre uma haste; sendo alguém mordido por alguma serpente, se olhava para a de bronze, sarava" (Números 21:8–9).

As serpentes eram um retrato da mordida mortal do pecado em toda a raça humana, sem exceção. Assim como a cura foi por "cada um [...] mordido" pela serpente abrasadora, só podemos concluir que a cura é para todos os mordidos pela "serpente" do pecado. E como ninguém está isento do pecado, nenhum foi deixado sem o remédio que Deus proveu em Cristo.

O próprio Cristo apontou para esse incidente como uma imagem do Seu ser levantado na cruz. O levantamento da serpente de bronze predisse um dos aspectos mais surpreendentes da cruz — e mais difícil de compreender. Cristo seria a mesma coisa que tinha "mordido" a raça humana: "porque Deus O fez pecado por nós, [Ele] que não conheceu pecado, para que pudéssemos ser feitos justiça de Deus Nele" (2 Corintios 5:21).

Os calvinistas evitam todos esses exemplos que apontavam para Cristo, porque eles eram tão claramente para todo o *Israel*, mostrando que o sacrifício de Cristo é por *todo o mundo*. Tão certo como todas as provisões foram por todos e cada israelita, por isso certamente sabemos que muitos, se não a maioria dos israelitas, se perderam eternamente — a despeito da provisão de Deus por eles, de muitas maneiras.

Procurar-se-á nos livros dos calvinistas, longe e difícil de encontrar qualquer referência a essas passagens. White as evita em seu livro *The Potter's Freedom*. E no meu debate com ele em forma de livro, *Debating Calvinism: Five Points, Two Views*, ele se recusou a responder a qualquer uma dessas poderosas imagens que eu apontei do Antigo Testamento — até mesmo ousando declarar que elas eram "irrelevante". E isso incluía a serpente abrasadora[61].

João diz de Jesus," Nele estava a vida; e a vida era a luz dos homens [...]; a luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem ao

61 Dave Hunt e James White, *Debating Calvinism: Five points, Two views* (Sisters, Oregon: Multnomah Publishers, 2004), p. 277.

mundo "(João 1:4, 9). Mais uma vez, as palavras "todo homem" nos dizem claramente que ao não regenerado pode ser dada a luz do evangelho. "Eu sou a luz do *mundo*", disse Jesus. "Quem Me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida" (João 8:12). White não tem qualquer comentário sobre esses versos em seu livro, nem em outras passagens semelhantes, como João 16:8, onde Jesus disse que quando o Espirito Santo vier, ele iria "convencer o *mundo* do pecado, da justiça e do juízo". Muitos outros versículos poderiam ser citados no mesmo sentido, que os calvinistas também evitam.

CAPÍTULO 28

QUANDO É QUE O "AMOR" NÃO AMA?

Em uma discussão no rádio com James White, me referi ao lamento de Cristo sobre Jerusalém. Eu destaquei a Sua expressão de desejo ("quantas vezes Eu") e Seu lamento sobre a resposta do coração endurecido de Jerusalém ("e vós não") como prova de Sua oferta sincera da graça, e do direito do homem e da capacidade para receber ou rejeitar a salvação:

> Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados, quantas vezes Eu quis ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! (Mateus 23:37)

White contrapôs que Cristo não estava lamentando sobre Jerusalém e que aqueles que Ele quis reunir eram as crianças de Jerusalém, e não os líderes religiosos que o rejeitaram. "Vós não quisestes", insistiu ele, expressa a atitude dos rabinos, não das "crianças" de Jerusalém a quem Ele queria reunir sob Seus cuidados.

Esse argumento, no entanto, não é de qualquer ajuda para White ou outros calvinistas que o utilizam. Muito poucas, se qualquer uma, das "crianças" de Jerusalém, mais do que seus líderes, jamais creram em Cristo. Portanto, mesmo que Cristo quisesse dizer apenas as crianças, Ele estava expressando um desejo para a salvação de muitos que nunca foram salvos.

Cristo Realmente Lamentou Sobre Jerusalém?

Aqui está mais um exemplo da maneira pela qual os calvinistas devem distorcer as Escrituras em defesa de sua doutrina estranha. Na verdade, a expressão "filhos de Jerusalém" ou "filhos de Israel", etc., é usada por toda a Escritura para indicar "o povo" de uma cidade, país ou raça — *nunca* seus habitantes não adultos. Quando somente as crianças pequenas são mencionadas, o contexto sempre deixa claro esde fato, como "também as mulheres e as crianças se alegraram [...]" (Neemias 12:43).

A expressão "filhos de Israel" é encontrada 644 vezes, "filhos de Amom" 89 vezes, "filhos de Benjamim" 36 vezes, "filhos de Deus"

10 vezes, e nenhuma vez nos 779 casos a referência é para os não adultos! A frase específica "os filhos de Jerusalém", é usada em Joel 3:6 para os "habitantes de Jerusalém" — exatamente o que Cristo quis dizer em Seu lamento. Entre as muitas referências semelhantes aos "filhos" e à "Jerusalém" (*nenhuma* das quais significa seus não adultos exclusivamente), encontramos:

> Porém alguns dos filhos de Judá, e dos filhos de Benjamim, e dos filhos de Efraim e Manassés, habitaram em Jerusalém [...] (1 Crônicas 9:3); os filhos de Judá e Jerusalém (2 Crônicas 28:10); e os filhos de Israel que se achavam em Jerusalém (2 Crônicas 30:21); todos os que vieram do cativeiro, para que se ajuntassem em Jerusalém (Esdras 10:7); filhos da província [...] que [...] voltaram para Jerusalém (Neemias 7:6); Jerusalém [...] os teus filhos Me deixaram [...] em casa de meretrizes se ajuntaram em bandos [...], rinchando cada um a mulher do seu próximo [...]. Ou não se vingaria a Minha alma de uma nação como esta? (Jeremias 5:1–9); etc.

Existem inúmeras outras referências similares, todas que se referem claramente aos *habitantes* de Jerusalém ou a alguma outra cidade ou país, e *nenhuma* das quais se refere exclusivamente aos não adultos. Em Seu grande amor, Cristo está claramente pleiteando com Israel — como Ele fez através de Seus profetas, durante séculos, e como Ele ainda pleiteia com o mundo pelo qual Ele morreu.

Discordância nas Fileiras

Não só é o argumento de White (que é usado por muitos calvinistas), tanto irracional quanto antibíblico, mas até mesmo alguns líderes calvinistas discordam dele. John MacArthur, Jr., reconhece que Cristo está expressando o mesmo desejo pela salvação de todos os habitantes de Jerusalém que Ele manifestou durante os séculos como

o Deus de Israel através de Seus profetas[1]. Ele declara que "Jesus chora sobre a cidade de Jerusalém [...] não podemos deixar de concluir que a benevolência e o amor misericordioso de Deus é ilimitado em extensão [...]. Lucas 19:41–44 dá um quadro ainda mais detalhado da tristeza de Cristo sobre o cidade [...]"[2]. E MacArthur ainda sugere que "a cidade de Jerusalém [representa] a nação israelita"[3].

Lutero também afirmou: "em Cristo, Deus vem buscando a salvação de todos os homens, Ele Se oferece a todos, Ele chora sobre Jerusalém, porque Jerusalém O rejeita [...]. Aqui o Deus encarnado diz: 'Eu quis, e vós não quisestes'. O Deus encarnado [...] foi enviado para esse propósito, querer, por exemplo, fazer, sofrer e oferecer a todos os homens tudo o que é necessário para a salvação, embora Ele ofenda a muitos que foram abandonados ou endurecidos pela vontade majestosa secreta de Deus [...] não recebê-Lo [...]"[4]. Numa outra contradição da sua afirmação em outras épocas da Expiação Limitada, Spurgeon também aplicou as palavras de Cristo, tanto para toda a Jerusalém quanto todos os pecadores:

> Em nome de Cristo, eu chorei por ti como o Salvador chorou, e usei Suas palavras em Seu nome, "Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes quis Eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes [...]". Oh! Deus pleiteia com [...] cada um de vós, "arrependei-vos e convertei-vos para a remissão de seus pecados". E com o amor divino ele corteja a ti [...] chorando: "vinde a Mim".

---

1 John MacArthur, *The MacArthur Study Bible* (Nashville, TN: Word Publishing, 1997), pp.1437–1438.

2 John MacArthur, *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996), pp. 111–112, 121.

3 Ibid., p. 134.

4 Citado por J. I. Packer e O. R. Johnston, em sua "Historical and Theological Introduction" a Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*. J. I. Packer e O. R. Johnston, trad. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999), p. 56.

> "Não", diz uma forte doutrina do homem, "Deus nunca convida todos os homens a Si mesmo [...]". "Pare, senhor [...]. Já leste [...] "meus bois e meus animais cevados estão mortos, e todas as coisas estão prontas; vinde às bodas. E os que foram convidados *não viriam* [...]". Agora, se o convite é feito [...] [apenas] para o homem que vai aceitá-lo, como pode essa parábola ser verdade? O fato é [...] o convite é livre [...]. "Quem quiser, venha [...]".
>
> Agora [...] alguns de vós [podem] dizer que eu era [...] arminiano no final. Eu não me importo. Eu te imploro para [...] convertei-vos ao Senhor com todo o vosso coração.[5]

Uma excelente questão de Spurgeon. Cristo compara o reino de Deus a um jantar para o qual os homens são convidados (Lucas 14:15–24). Na parábola, não há dúvida de que o convite genuíno foi estendido, mesmo que muitos, se não a maioria dos que sinceramente convidou, recusaram e até mesmo desprezaram o convite, sofreram a ira do Senhor: "pois eu vos digo que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia" (v. 24).

O problema para o calvinista é explicar como Deus pode sinceramente convidar para o Seu reino aqueles por quem Cristo não morreu, a quem Ele não elegeu para a salvação, a quem Ele tem, desde a eternidade passada, predestinado ao tormento eterno e que não podem aceitar, porque Ele retém deles a graça de que necessitam — e então puni-los por não responderem ao Seu "convite". Como, de fato! E por que Ele envia os Seus servos para "compelir" aqueles "nos caminhos e atalhos [...] a entrar, para que a minha casa se encha" (v. 23), se a regeneração é um ato soberano de Deus sem resposta humana? E se a fé é um dom e a graça é irresistível, como poderiam os eleitos recusar o convite sincero? Spurgeon deixa essas perguntas sem resposta, sabendo que ele será acusado de ser "arminiano no final".

---

5 Extraído de *The New Park Street Pulpit*, "Sovereign Grace and Man's Responsibility", um sermão de C. H. Spurgeon, proferido em 01 de agosto de 1858, na the Music Hall, Royal Surrey Gardens.

Também não encontramos qualquer calvinista que tente responder a Spurgeon. A única resposta razoável e bíblica é abandonar o calvinismo, o que Spurgeon não faria, embora continuasse a contradizê-lo em sua pregação. E apontando essas contradições, sou criticado por supostamente tirar do contexto e deturpar Spurgeon.

Contradições, Contradições...

Os calvinistas se esforçam bastante, a fim de evitar a acusação válida de que o calvinismo nega o amor de Deus por toda a humanidade. Aqueles que tentam se separar do que eles chamam de "calvinismo extremo", ou "hipercalvinismo" não medem esforços para fazer parecer que o Deus do calvinismo realmente ama a todos. Como já referimos, John MacArthur gasta um livro inteiro nessa tentativa vã[6]. Não há como escapar do fato de que seu livro se propõe a mostrar que Deus ama a todos, basicamente diz o oposto.

MacArthur deixa claro que embora Deus supostamente ame a todos, Ele nunca teve a intenção de salvar a todos, afirmando que se Ele fizesse isso, todos seriam salvos. Em lugar nenhum é permitido a qualquer um aceitar ou rejeitar uma oferta genuína do evangelho por sua própria escolha. Ele cai, assim, em contradições inevitáveis. Por exemplo, MacArthur condena aqueles que "negam que Deus ama a todos"[7], mas o que ele chama de "amor" de Deus pelos não eleitos não é amor de forma alguma! Ele confessa que "abandonar a lógica é se tornar irracional e o verdadeiro cristianismo não é irracional[8]. No entanto, ele argumenta irracionalmente que amar "os eleitos de uma maneira especial reservada apenas para eles [...] não faz o Seu amor pelo resto da humanidade menos real"[9].Ele apenas afirmou que

6 John MacArthur, *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996).

7 Ibid., p. 101.

8 Ibid., p. 102.

9 Ibid., p. 16.

"Deus escolheu [...] para a salvação [...] certos indivíduos e ignorou os outros, e Ele fez essa escolha na eternidade passada, [...] sem levar em conta coisa alguma que Ele previu nos eleitos; simplesmente segundo o beneplácito de Sua vontade e para o louvor da glória de Sua graça [...] (Efésios 1:5–6)". No fôlego seguinte, no entanto, ele admite, "parece razoável supor que, se Deus amou a todos, Ele teria escolhido a todos para salvação [...]. É loucura pensar que Deus ama a todos da mesma forma, ou que Ele é compelido por alguma regra de justiça a amar a todos igualmente"[10].Pelo contrário, "graus de amor" não podem explicar a diferença entre predestinar um grupo seleto para o céu e o resto para o inferno, embora todos pudessem ser recebidos no céu! *Não é amor de forma alguma* predestinar ao inferno *qualquer um* que poderia ter sido salvo! Então, MacArthur tenta mais uma "explicação":

> O amor de Deus pelo réprobo não é um amor de valor; é o amor de pena [...], um amor de compaixão [...], de tristeza [...], de simpatia [...], o mesmo sentimento profundo de compaixão e pena que temos quando vemos um desamparado cheio de sarna deitado na sarjeta [...], um amor genuíno, bem intencionado, compassivo, simpático [...].[11]

Aqui vemos as profundezas da irracionalidade completa em que o calvinista cai na tentativa de equilibrar na corda bamba que "Deus ama a todos, mas não da mesma maneira"!

Tipos ou *Aspectos* do Amor?

Fica-se horrorizado com tais afirmações surpreendentes. Deus tem um "amor compassivo, solidário", verdadeiro por aqueles que Ele predestinou ao tormento eterno, a quem Ele podia salvar, mas que nunca pretendeu, e por quem Cristo não morreu? As palavras

10 Ibid., pp. 12–13.

11 Ibid., p. 120.

parecem ter um significado diferente para o calvinista do que para as pessoas comuns que entendem amor e simpatia pela consciência dada por Deus, de que o calvinista parece desprovido!

Compaixão genuína por um desamparado não o deixaria lá, mas faria tudo o que pudesse ser feito para resgatá-lo. Caso contrário, essa não é a compaixão do bom samaritano que cuidou do abandonado (Lucas 10:33–35), mas a hipocrisia do sacerdote e do levita que "passou pelo outro lado" (Lucas 10:31–32) e deixou a vitima assaltada e ferida morrendo — e pior, predestinado a essa condição. O "amor" que MacArthur atribui a Deus é como o daqueles condenados por Tiago que dizem ao nu e faminto, "ide em paz, aquentai-vos, e fartai-vos", mas não dá coisa alguma (Tiago 2:15–16).

Deus, através do Apóstolo, Tiago condena tal discurso dúbio, mas o próprio Deus é culpado de tal hipocrisia? MacArthur tenta escapar da consciência, ao sugerir que "em certo sentido, Deus ama os Seus inimigos"[12], e se escondendo atrás da ideia de "dois aspectos do amor de Deus — Seu amor universal por toda a humanidade e Seu amor especial pelos eleitos [que] não devem ser confundidos"[13]. Mas um "aspecto" do amor, seja lá o que isso possa significar, ainda deve ser *amor* — e não é amor de qualquer tipo, nem qualquer dos seus aspectos, predestinar à condenação qualquer um que poderia apenas ser salvo também!

Lutero tenta defender a mesma contradição. Depois de ter declarado que Cristo veio "oferecer a todos os homens tudo o que é necessário para a salvação", ele acrescenta que "a vontade da Majestade propositalmente deixa e reprova alguns para perecer. Também não é para perguntarmos por que [...]"[14]. *Por quê?* Não há uma resposta a essa flagrante contradição — e se esconder atrás do mistério é irresponsável!

---

12 Ibid., p. 103.

13 Ibid., p. 95.

14 Citado por J. I. Packer e O. R. Johnston, em sua "Historical and Theological Introduction" a Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*. J. I. Packer e O. R. Johnston, trad. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999), p. 56.

Tudo o que é necessário? Então, todos seriam salvos! Que afirmação não calvinista, mesmo assim Spurgeon concordou com ela. Como alguém poderia discordar, visto que isso é o que o próprio Deus declarou: "Que mais se podia fazer à Minha vinha [Israel], que Eu não lhe tenha feito? Por que, esperando Eu que desse uvas boas, veio a dar uvas bravas (Isaías 5:3–4)?

Aqui está a mensagem de toda a Bíblia: o próprio Deus diz que Ele fez tudo que Ele poderia para providenciar a salvação, que Ele oferece livremente em Seu amor e graça a toda humanidade — mas isso não pode ser forçado a pessoa alguma; deve ser recebido pela fé em Sua promessa. Deus está genuinamente de luto sobre Israel!

O que mais Deus poderia ter feito? Essa pergunta é escárnio se o calvinismo for verdade! Ele poderia tê-los predestinado para a salvação, estendido a Graça Irresistível, os regenerado soberanamente, e dado fé a eles para crerem no evangelho — se isso é imposto pela vontade soberana, sem escolha requerida pelo homem.

A única maneira que Deus poderia ter feito tudo que podia, e ainda os homens continuarem não salvos, é se o homem pode optar por aceitar ou rejeitar a salvação que Ele oferece. Essa conclusão é inevitável — mas essa lógica bíblica não pode ser reconhecida, pois destruiria o calvinismo.

Essa passagem em Isaías 5 geralmente é evitada pelos apologistas calvinistas. White a evita. MacArthur tenta apoiar sua deturpação do amor de Deus com uma afirmação igualmente equivocada do pastor e escritor calvinista do século XVII Andrew Fuller: "da mesma forma que Deus não deu qualquer graça eficaz àqueles que são acusados de produzir uvas bravas em vez de uvas; mas *Ele olhou* e perguntou o que Ele poderia ter feito a mais por Sua vinha que Ele não tinha feito (Isaías 5:4)"[15]. Bem, Ele poderia ter dado a "graça eficaz"! Só que esse termo não é bíblico, mas é uma invenção dos calvinistas para apoiar a sua teoria.

Como pode ser racionalmente dito que Deus "oferece tudo o que é necessário para a salvação" para aqueles que Ele "proposita-

15 John MacArthur, *The Love of God* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996), p. 196.

damente deixa e reprova [...] a perecer"? O conflito seria resolvido, a contradição desapareceria, a deturpação de Deus seria apagada, e o amor de Deus seria justificado pela simples admissão que o homem tem um poder de escolha genuína dada por Deus. Mas o calvinista não pode admitir esse fato — nem poderia Lutero, depois de escrever um livro inteiro contra o livre-arbítrio.

Cristo Está Falando Como o Deus de Israel

Como podemos entender o lamento de Cristo sobre Jerusalém? A partir da comparação dos relatos nos evangelhos, sabemos que Jesus tinha acabado de fazer a Sua entrada triunfal em Jerusalém e foi no templo quando Ele fez a declaração em Mateus 23. Lucas declara especificamente que, quando Ele entrou na cidade no potro de uma jumenta, Ele chorou ao contemplar Jerusalém a partir de um ponto de vista:

> E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isso está encoberto aos teus olhos. Porque [...] os teus inimigos te [...] e te derrubarão a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem [...] porque tu não conheceste o tempo da tua visitação. (Lucas 19:41–44)

Não há dúvida de que Cristo chorou sobre a cidade de Jerusalém quando Ele olhou para ela. Também não pode haver qualquer dúvida de que quando, no templo, Ele lamentou: "Jerusalém, Jerusalém," Ele estava se referindo à cidade e todos os seus habitantes ao longo da história, e não a determinado segmento da população. "Os teus filhos" só poderia significar os habitantes de Jerusalém, não os bebês e jovens. Sugerir, como White afirmou em uma carta, que "aqueles que estavam 'indispostos' não foram aqueles que Jesus procurava ajuntar" faz violência ao que Jesus diz: "quantas vezes Eu quis [...] mas vós não o quisestes". Ele está especificamente dizendo que Ele quis

os reunir, mas eles não estavam dispostos. Como ele fez tantas vezes como Jeová no passado e agora como Seu Messias veio em carne, Ele está Se dirigindo aos habitantes de Jerusalém como os filhos daquela cidade: "voltai, ó filhos rebeldes [...]" (Jeremias 3:22). Apenas não adultos foram abordados? Dificilmente.

Além disso, as próprias palavras de Cristo, "quantas vezes Eu quis", foram uma reivindicação direta da deidade, uma alegação que White, em seu afã de defender o calvinismo, perde completamente. Cristo está reivindicando vários atos anteriores sobre Jerusalém, mas nenhum desses casos são registrados nos relatos dos evangelhos durante Sua encarnação. Inquestionavelmente, Cristo está Se apresentando como o Deus de Israel que enviou Seus profetas, geração após geração, para avisar aos habitantes de Jerusalém, muitas vezes chamado de "os filhos de Israel [...] os filhos de Judá", que, se eles não se arrependessem, Sua ira seria derramada sobre eles.

Muitas passagens poderiam ser citadas, cada uma das quais, por si só, poderia explicar a afirmação de Cristo. Aqui estão apenas alguns exemplos de tais lamentações e avisos de Deus na boca de apenas um dos seus profetas, Jeremias. Somente nesse contexto, e como o Deus de Israel, há justificativa para Cristo usar as palavras "quantas vezes Eu quis [...] mas vós não o quisestes".

> Vai e clama aos ouvidos de Jerusalém [...]. Assim diz o SENHOR; Lembro-me de ti, da bondade da tua mocidade, e do amor do teu noivado, quando Me seguias no deserto [...]. Israel era santidade para o Senhor [...]. [mas] o Meu povo [...] Me abandonou [...]; entranhas [...], Minhas entranhas! Estou com dores no Meu coração [...]; ó Minha alma, o som [...] de guerra. Destruição sobre destruição [...]. Deveras o Meu povo é louco, já não Me conhece; são filhos néscios [...]. Eu vos falei, madrugando e falando, e não ouvistes; e chamei-vos, e não respondestes [...], enviei-vos todos os Meus servos, os profetas, todos os dias madrugando e enviando-os; mas não Me deram ouvidos [...]; ai de ti, Jerusalém! Até quando ainda

> não te purificarás? [...] Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel: Eis que trarei mal sobre este lugar [...] porque Me deixaram [...] e queimaram incenso a outros deuses [...] [...] e encheram este lugar de sangue de inocentes; edificaram os altos de Baal, para queimarem seus filhos no fogo em holocaustos a Baal [...]; Eu farei esta cidade objeto de espanto [...], como também todas as casas sobre cujos terraços queimaram incenso a todo o exército dos céus, e ofereceram libações a deuses estranhos. Porque para a Minha ira e para o Meu furor Me tem sido esta cidade, desde o dia que a edificaram e até ao dia de hoje [...]; por causa de toda a maldade dos filhos de Israel e dos filhos de Judá [...]; eles e os seus reis, os seus príncipes, os seus sacerdotes e os seus profetas, e os homens de Judá, e os moradores de Jerusalém [...]; ainda que Eu os ensinava, madrugando e ensinando-os, contudo eles não deram ouvidos, para receberem o ensino. (Jeremias 2:2–3,13; 4:19–22; 7:13, 25–26; 13:27; 19:3–13; 32:31–33; etc.)

Se essas e centenas de declarações similares dos profetas, ecoadas por Cristo, não expressam uma preocupação genuína de amor da parte de Deus para Israel se arrepender, então essa Sua ira não precisa ser derramada sobre ela, então as palavras não têm significado. Tal preocupação sincera em face da recusa de Israel de arrepender-se refuta a TULIP completamente. Caso contrário, os pedidos e os avisos de Deus são uma farsa.

Se os homens são totalmente depravados (como pela definição calvinista), então não faz sentido os pedidos de Deus a eles. Se apenas alguns estão entre os eleitos e Deus não está oferecendo sinceramente a salvação, mas retém a Graça Irresistível sem a qual eles não podem se arrepender, então, centenas de páginas da Bíblia são uma farsa, as súplicas fingidas do Deus calvinista que não tem amor real, excepto para os eleitos, e intenção alguma de ajudar aqueles sobre os quais Ele supostamente chora. Para apoiar a TULIP da Bíblia, o calvinista deve fazer violência às Escrituras.

Existe Uma Verdadeira Batalha Pelas Almas?

Paulo nos diz que Satanás, "o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo [...]" (2 Coríntios 4:4). Por que seria necessário para Satanás cegar o totalmente depravado que são tão cegos espiritualmente quanto poderiam ser? Na verdade, eles estão *mortos* e mortos não podem ver. O calvinismo faz dessa passagem (e muitas outras) algo sem sentido.

Quanto aos eleitos, se, como o calvinismo declara, eles são regenerados soberamente e pela Graça Irresistível é dada a fé para crer, e nada pode os impedir de ouvir e crer no evangelho, seria impossível a Satanás os cegar e, portanto, não teria sentido algum sequer tentar. E uma vez que os não eleitos já estão condenados, não haveria verdadeira batalha entre Deus e Satanás pelas almas, conflito real algum dentro do coração humano, a coisa toda já foi decidida por Deus com nada que Satanás ou o homem pudessem fazer para mudar esse fato. Paulo estaria desperdiçando seu tempo disputando e persuadindo — e o mesmo seria verdade da nossa busca para ganhar para Cristo aqueles que Deus predestinou para o inferno.

Se o calvinismo fosse verdade, seria uma piada da Bíblia as advertências sobre Satanás. A retenção da Graça Irresistível de Deus faz um trabalho melhor, condenando as almas que Satanás jamais poderia. Esse inimigo das almas poderia sair em umas longas férias. Contudo, a Bíblia declara: "porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar" (1 Pedro 5:8); "o grande dragão [...] a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás [...] que engana todo o mundo" (Apocalipse 12:9).

"A todos quantos O receberam [...]" soa como se o ato volitivo de recebimento é necessário por parte do pecador condenado. A vida eterna é um dom gratuito. Um presente não pode ser merecido, alcançado, ou pago de qualquer maneira, mas *deve* ser recebido. Certamente, para "receber" requer algum consentimento por parte do destinatário. Algo imposto a alguém por uma graça que é "irresistível" não é um dom recebido.

Na verdade, como pode a graça ser irresistível? O próprio termo "graça irresistível" é contraditório. Como é que pode ser um ato de "graça" dar a alguém algo que a pessoa nem crê, nem deseja? "Deus não força pessoal alguma", diz o calvinista. Então, o que "irresistível" significa? "Deus apenas remove a sua resistência" é a resposta. Removendo *Irresistivelmente*? Se não é contra a sua vontade, por que deve ser irresistível?

Será que isso não encheria o céu com aqueles que haviam se recusado a crer em Cristo, amar a Deus, ou até mesmo estar lá, mas que foram *feitos* dispostos irresistivelmente? "Não é assim", contrapõe o calvinista, em defesa de sua teoria. "Deus, por meio da Graça Irresistível, operou uma transformação regenerativa de modo que aqueles assim abençoados realmente amam a Deus de seus corações".

Mas se isso poderia ser feito pelos eleitos, poderia ser feito por toda a humanidade. Como poderia o amor infinito de Deus deixar alguém de fora? Isso nos traz de volta à uma questão obrigatória: que amor é este que ama tão poucos? E por que o Deus de amor e da verdade pleitearia com aqueles que Ele já havia predestinado a condenação a se arrepender e crer no evangelho? O calvinismo transforma a maior parte da Bíblia em um pretexto, uma mera farsa.

A Surpreendente "Resposta" de Lutero

Em seu debate com Lutero, Erasmo argumentou que as súplicas de Deus com o homem para arrependimento, que não podiam fazê-lo, seria como pedir a alguém, cujas mãos foram amarradas, para usá-las. Lutero respondeu que Deus, chamando-nos a fazer o que não podemos fazer, está "nos tentando, que por Sua lei Ele pode nos levar a um conhecimento da nossa impotência, se somos Seus amigos [...] [e] provocando merecidamente e zombando de nós, se somos Seus inimigos orgulhosos"[16]. Ele argumentou que Erasmo poderia muito bem concluir "'Se queres guardar os mandamentos,

16 Martinho Lutero, *The Bondage of the Will*. J. I. Packer e O. R. Johnston, trad. (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999), p. 153.

eles te guardarão' [...] portanto, o homem é capaz de guardar os mandamentos"[17].

Lutero parecia ter esquecido que mesmo os homens perdidos guardam, pelo menos a maior parte da Lei a maior parte do tempo. Até o próprio Calvino admitiu que "totalmente depravado" não significa necessariamente que o homem é tão mau quanto ele poderia ser. Ambos, Escritura e experiência provam que todos os homens fazem algo de bom; e alguns homens "totalmente depravados" às vezes excedem em bondade o comportamento de alguns cristãos aparentemente genuínos.

Além disso, mostrar ao homem a sua impotência em guardar a Lei é provocá-lo, a menos que haja um remédio disponível. Esse remédio é o evangelho, que exige que eu venha a Cristo em fé, crendo Nele como Aquele que pagou o preço pelos meus pecados. Nem o fato de que eu não posso perfeitamente guardar a Lei prova, no mínimo, que eu não posso ir a Cristo e crer Nele e receber pela fé o benefício de Seu pagamento pelo meu afastamento da Lei. Aqui está a clássica distinção entre obras e fé. E se a minha única esperança é a regeneração soberana por Deus, e Ele, de Sua boa vontade, não vai me conceder, qual é o sentido de me mostrar o meu desespero?

Paulo declara que "a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo" (Gálatas 3:24). Para o calvinista, "nos" refere-se aos eleitos. No entanto, mesmo que eles eram não regenerados antes de vir a Cristo. Se estar "mortos em nossos delitos e pecados" significa que o homem é moralmente um cadáver, como poderia a Lei trazer *alguém* para Cristo? Esse não é o Pai irresistivelmente arrastando os eleitos a Cristo e soberanamente os regenerando e, em seguida, dando a fé a eles para crer. Essa é a lei trabalhando sobre a consciência como um "professor". Como a Lei poderia afetar a consciência de "cadáveres morais"?

Se os homens não poderiam guardar até mesmo um mandamento por um momento, então a lei não seria apenas uma paródia, mas sem propósitoa algum. Mas se o homem não regenerado (como é o caso) não entende a Lei, a guarda pelo menos de uma parte do tempo, e tem a consciência culpada por quebrá-la, então como ele pode ser

17 Ibid., p. 154.

moralmente um cadáver? E se o homem não regenerado pode optar por obedecer ou desobedecer a Lei, por que não pode escolher crer no evangelho — e onde a Bíblia diz que ele não pode? Ela não diz.

Essa Vontade Inescapável de Novo!

É interessante ver como os Cânones de Dort lidam com este problema. O fato de que o homem tem uma vontade com a qual ele poderia fazer escolhas morais é admitido, mas se tornou depravada pela queda. Como consequência, o homem é supostamente impotente para responder ao evangelho. O Espírito Santo deve, portanto, soberanamente regenerá-lo, a fim de "curar" essa deficiência:

> Mas como o homem, pela queda, não deixa de ser uma criatura, dotado de entendimento e vontade, nem o pecado que permeou toda a raça da humanidade, o privou da natureza humana, mas trouxe sobre ele depravação e morte espiritual; assim também a graça da regeneração não trata os homens como existências sem sentido e blocos, nem tira a sua vontade e suas propriedades, nem faz violência às mesmas; mas espiritualmente acelera, cura, corrige e ao mesmo tempo doce e poderosa termina; que onde a rebelião carnal e resistência anteriormente prevaleceu, uma obediência espiritual pronta e sincera começa a reinar; em que a verdade e a restauração espiritual e de liberdade de nossa vontade consistirá.[18]

Dort oferece uma solução estranha: "a graça de regeneração [...] espiritualmente acelera, cura, corrige, e ao mesmo tempo é doce e poderosa termina [a vontade] [...]". Que "cura" estranha que põe *fim* ao que ela "cura"! Por que essa "obediência espiritual pronta e sincera" não foi implantada em Adão e Eva? E agora que os eleitos têm essa nova vontade através da regeneração, por que eles nem sempre

18 Cânones de Dort (Dordrecht, Holanda, 1619), seção III/IV, parágrafo 16; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, Fl: Vance Publications, 1999), p. 619.

obedecem perfeitamente a Deus?

A razão só pode ser que uma "vontade" não é vontade, a menos que a pessoa cuja vontade é vontade com ele. A vontade pode ser usada para o bem ou para o mal. A vontade não pode ser negada ou rejeitada. Calvino e Lutero tentaram explicá-la, mas isso não é possível. A vontade é um dos temas mais frequentemente referidos na Bíblia. Os homens não regenerados são repetidamente chamados a exercer a vontade na escolha de obedecer a Deus.

Mesmo o regenerado tem uma vontade carnal, apesar de que Dort, aparentemente não terminou no novo nascimento: "por que a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro [...]" (Gálatas 5:17).

Como vimos, as palavras "vontade", "disposto", "livre-arbítrio", "livre vontade", junto com outros termos relacionados, tais como "voluntário", "escolha", etc., são encontradas cerca de 4.000 vezes nas Escrituras. A exigência de obediência voluntária é um tema que atravessa toda a Bíblia: "se quiserdes, e obedecerdes [...]" (Isaías 1:19), "se crês de todo o teu coração" (Atos 8:37), etc .

Deus não impõe a Si mesmo sobre nós. Ele quer os nossos corações, e o próprio conceito de "coração" usado por toda a Escritura não tem sentido sem o livre-arbítrio.

"Logo, Onde Está a Jactância?"

O calvinista responde que se o homem pudesse escolher se quer ou não crer no evangelho, ele podia se orgulhar de que contribuiu para a sua salvação. E afirma-se que a vontade do homem não é livre para agir dessa forma. Ao declarar isso "da grande massa da humanidade alguns devem ser predestinados para a salvação, e outros para destruição"[19], Calvino argumenta que "não há outro meio de humilhar-nos como deveríamos, ou fazer-nos sentir o quanto es-

19 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxi.1.

tamos ligados a Ele [Cristo] [...]. É evidente quão grande ignorância desse princípio diminui a glória de Deus, e prejudica a verdadeira humildade"[20].

Pelo contrário, Paulo diz que uma vez que tudo o que podemos fazer é *crer*, não há coisa alguma de se vangloriar. "Onde está logo a jactância?" pergunta Paulo. "É excluída", declara ele em definitivo, "por [...] fé" (Romanos 3:27). Assim, ao invés da fé dar motivo de orgulho, ela é a própria razão pela qual não pode haver nenhuma jactância. Mais uma vez, Calvino é visto estar em oposição direto às Escrituras. No entanto, Palmer insiste que "Calvino simplesmente expôs a Bíblia [...], [ele] descobriu verdades que estavam na Bíblia todo o tempo"[21].

Um autor calvinista declara: "se Deus só salva as pessoas que de seu próprio suposto livre-arbítrio aceitarão a Jesus, então eles merecem a salvação. Eles *merecem* ser salvos [...]. A noção de livre-arbítrio exalta o homem, porque o homem elege Deus e Deus só ratifica a escolha do homem"[22]. Mais uma vez, a necessidade de defender o calvinismo impulsiona seus defensores a irracionalidade. Aceitar a salvação pela fé não significa que a pessoa que aceita mereceu o dom da graça de Deus mais do que a aceitação de uma refeição grátis e uma noite de hospedagem por uma pessoa destituída significa que ele ou ela, mereceu essa caridade. "*Merecer para ser salvo*"? A mera aceitação de uma oferta não significa que a pessoa *merece*. "Deus só ratifica a escolha do homem"? Não, Deus é quem define os termos da salvação, que o homem deve aceitar para ser salvo — e se ele não faz, ele está perdido eternamente. E *isso* traz mérito para o homem e base para se vangloriar? Dificilmente.

Há uma grande confusão sobre esse assunto da vontade, porque não há como escapar do fato de que, como Spurgeon admitiu: "a

---

20 Ibid.

21 Palmer, prefácio a *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 2.

22 Wm. Oosterman, "Take a Long Look at the Doctrine of Election" (Ottawa, Canada: The Lord's Library Publications, sem data), 3. Disponível na Igreja Batista Westboro, em Ottawa.

vontade do homem tem seu lugar próprio na questão da salvação [...]. Quando um homem recebe a Graça Divina de Cristo, ele não a recebe contra a sua vontade [...]. Nem mais uma vez, note bem, é a vontade tirada. Deus não vem e converte um agente livre inteligente em uma máquina"[23].

No mesmo sermão, no entanto, Spurgeon denuncia a ideia de que o homem pode escolher se quer crer em Cristo ou não, fazendo "o propósito de Deus no grande plano de salvação inteiramente contingente [sobre a vontade do homem]". Sua objeção é a do homem "chegar a Deus [sendo] o resultado de sua natureza sem assistência"[24]. Não, *sem assistência* da graça de Deus e da convicção do Espírito Santo, é claro. Mas a vontade do homem ainda deve fazer sua própria escolha, ou Deus não ganhou o coração.

Quem diria que o homem pode vir a Deus "sem assistência" pelo Espírito Santo? Nem mesmo o arminiano mais rígido! Mas o aalvinismo faz essa falsa acusação contra aqueles que não concordam com o seu extremismo. Na verdade, insistir que o homem descrente deve primeiro ser regenerado e irresistivelmente *trazido* leva a "graça" muito além do homem ser assistido [i.e. atraído por Deus através da convicção e poder do Espírito Santo e da Palavra]. Essa palavra "irresistível" associada à graça cria o problema, porque não permite qualquer vontade ou fé da parte do homem. E que calunia Deus, como nós afirmamos repetidamente. Se o homem é totalmente incapaz de crer e deve ser irresistivelmente arrastado para Cristo, então certamente ela nega o amor de Deus por declarar que Ele não vai fazer isso por *toda a humanidade*.

O Homem É Sem Sentido Sem a Vontade

Não há como escapar do fato de que a vontade é essencial em

23 Carlos Haddon Spurgeon, "God's Will and Man's Will", n. 442 (Newington: Metropolitan Tabernacle; sermão proferido no domingo pela manhã, 30 mar. 1862).

24 Ibid.

qualquer relacionamento significativo entre homem e homem, ou entre o homem e Deus. Depois de denunciar o "livre-arbítrio", Spurgeon se contradiz novamente, terminando aquele sermão, citando, "quem quiser, venha e tome da água da vida"[25]. A menos que se possa dizer sim ou não para a oferta de salvação, não poderia ser um dom do amor de Deus. Nem Deus ratifica a escolha do homem; ou o homem aceita os termos de Deus, o dom gratuito da salvação — ou não. Assim, todos que passarão a eternidade no lago de fogo, estarão lá por sua própria escolha. Eles não podem dizer, como o calvinismo diz, que foi Deus quem os enviou para lá.

Não é bobagem sugerir que receber um presente significa que nós *merecemos*? O calvinismo nega a própria distinção que a Bíblia faz: "porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna através de Jesus Cristo, nosso Senhor" (Romanos 6:23). Os salários são ganhos, mas um presente não pode ser ganho ou merecido; assim, receber um presente não fornece motivo algum de vanglória.

Somos ordenados a vir ao Senhor Jesus Cristo, crer Nele como nosso Salvador, mas isso não significa que qualquer um é forçado a fazê-lo. E, sim, o Pai nos atrai. Mas sem a nossa vontade, para que Ele irresistivelmente nos leve a crer e recebê-Lo não seria um dom recebido, nem seria estabelecida uma relação de amor entre nós e Deus, quer por seu lado ou do nosso.

Um homem se afogando que se permite ser resgatado não tem coisa alguma de se vangloriar, nem pode receber crédito algum por seu resgate. Então, é como o pecador perdido que permite que Cristo o resgate: ele não tem de que se vangloriar, porque ele não contribuiu em coisa alguma com sua salvação.

O calvinismo, como vimos, não faz sentido dessas escrituras como "quem ganha almas é sábio [...] os que a muitos ensinam a justiça [...] procuramos persuadir os homens" (Provérbios 11:30; Daniel 12:3; 2 Coríntios 5:11). Conquistar alguém a crer em Cristo requer persuasão. Esse é o trabalho do Espírito Santo por meio do Evangelho, e Ele graciosamente usa instrumentos humanos para apresentar

---

25 Ibid.

o evangelho. Nossos corações são ganhos quando o Pai nos atrai e quando o amor de Cristo desperta uma resposta de amor dentro de nós: "nós amamos porque Ele nos amou primeiro" (1 João 4:19) — não porque Ele nos *levou* a fazer assim mudando nossas vontades.

Comissionados por Deus Para Persuadir os Homens

O calvinismo nega que haja qualquer ganho ou qualquer persuasão — a salvação vem pela regeneração soberana e Graça Irresistível imposta. Se alguém deve ser regenerado e depois levado a crer, o evangelho não teria parte alguma no novo nascimento, pregar seria inútil, não haveria nenhuma persuasão ao pecador não regenerado, e seria um desperdício de tempo tentar fazê-lo. No entanto, Paulo se gastou para Cristo fazendo exatamente isso: disputando e persuadindo, tentando ganhar as pessoas para Cristo.

Assim que ele se converteu, Paulo "confundiu os judeus [...]em Damasco, provando que Jesus era o Cristo [...]" (Atos 9:22). Onde quer que fosse, Paulo "disputava [...] na sinagoga [...] e no mercado diariamente [...]" (Atos 17:17). O último capítulo de Atos nos fala que mesmo sob prisão domiciliar em Roma, Paulo ainda pregava: "[...] muitos foram ter com ele [...] aos quais declarava [...] persuadi-los à fé em Jesus [...]" (Atos 28:23).

Paulo disse: "fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns" (1 Coríntios 9:22). Por meio de sua poderosa pregação do evangelho, ele ganhou muitos para Cristo onde quer que fosse. Não há uma palavra sobre Graça Irresistível regenerando os pecadores a quem Paulo pregou e Deus, em seguida, dando fé a eles. *Nunca* existe mesmo uma sugestão desse processo! O tom consistente da Escritura é claro. O calvinista deve procurar diligentemente para encontrar uma passagem aqui e ali que ele possa "interpretar" a aparentemente apoiar a TULIP.

Paulo escreveu aos crentes tessalonicenses: "porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo e em plena convicção, como bem sabeis quais fomos entre vós, por amor de vós" (1 Tessalonicenses 1:5). O

Espirito Santo trouxe convicção e segurança *por meio do evangelho pregado*, e as vidas que Paulo e seus companheiros viveram diante deles faziam parte dessa convicção. Por que toda essa explicação, se Deus regenera soberanamente e concede então a "fé" irresistivelmente? O calvinismo simplesmente não se encaixa na pregação diligente e frutífera do evangelho pelos apóstolos aos pecadores de cidade em cidade — nem na ordem de Cristo para nós fazermos o mesmo.

Através da Palavra de Deus pregada por Paulo e Barnabé, judeus e gregos foram *persuadidos* a crer, e como resultado dessa crença em Cristo, foram regenerados. Paulo disse aos de Corinto, que tinha ganho para Cristo "porque eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo" (1 Coríntios 4:15). Claramente, a aceitação deles do evangelho que Paulo pregou trouxe sobre eles a regeneração. A TULIP nega esse padrão bíblico claro.

Palmer raciocina, "só quando o Espirito Santo regenera o homem e o faz vivo espiritualmente o homem pode ter fé em Cristo e ser salvo"[26].

A Fervorosa Pregação e Exemplo de Paulo

Fortalecidos pelo Espírito Santo, Paulo diligentemente convenceu multidões pela pregação do evangelho. Para isso, ele dedicou a sua vida: "assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens à fé" (2 Coríntios 5:11). De onde Paulo pegou essa noção, tão contrária ao calvinismo, de que os homens tinham de ser persuadidos a crer no evangelho? Ele recebeu esse entendimento claro do próprio Cristo. Quando Cristo apareceu a Paulo no caminho de Damasco, Ele o enviou aos judeus e gentios,

> [...] para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres para à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que re-

26 Edwin H. Palmer, *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 20. impressão, 1999), p. 27.

> cebam a remissão de pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em Mim [...]. (Atos 26:18)

Qual seria a necessidade de Paulo abrir os olhos dos homens e convertê-los das trevas para a luz através da pregação do evangelho capacitada pelo Espírito se tudo acontece por meio da regeneração soberana, com a Graça Irresistível e a fé imposta como resultado? O calvinismo é refutado pela própria comissão que Cristo conferiu a Paulo e a outros Apóstolos. Ao relatar esse encontro com Cristo ao rei Agripa, Paulo declarou:

> Eu não fui desobediente [...], antes anunciei primeiramente aos que estão em Damasco e em Jerusalém, e por toda a terra da Judéia, e aos gentios, que se emendassem e se convertessem a Deus [...]. ainda até o dia de hoje permaneço dando testemunho tanto a pequenos como a grandes, não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram [...]. (Atos 26 :19–23)

Apesar de seu apoio incondicional ao calvinismo às vezes, o que Spurgeon disse outras vezes, prejudicou o calvinismo. Embora ele rejeitou a Graça Irresistível e confirmou o livre-arbítrio, assim como ele rejeitou a regeneração sem fé e antes da salvação, Spurgeon argumentou:

> Agora, irmãos, como é que o vosso coração e meu coração mudou em qualquer assunto? Por que, o instrumento geralmente é a *persuasão*. Um amigo coloca diante de nós uma verdade que não sabíamos antes. Ele pleiteia conosco. Coloca sob uma nova luz e então dizemos: "agora, eu vejo isso", e nossos corações são alterados em direção a coisa [...]. O Espírito faz uma revelação da Verdade de Deus para a alma, pelo que vê as coisas de uma luz diferente que nunca fez antes. E então a vontade alegremente curva o pescoço que já estava duro como ferro e usa o jugo que uma vez que ele desprezava [...].

> No entanto, selada, a vontade não se foi [...]. Se estiverdes *dispostos*, podeis confiar que Deus está disposto. Alma, se estás ansiosa por Cristo, Ele está mais ansioso por ti [...]. Deixa tua vontade de vir a Cristo ser um sinal de esperança e evidência.

Como já observamos, ele terminou o sermão com, "não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus que usa de misericórdia. No entanto, "quem quiser, venha e tome da água da vida livremente'"[27].

O Ponto de Partida

Em uma carta pessoal acompanhado por alguns de seus escritos, o autor e apologista Rob Zins afirma: "a Palavra de Deus ensina que todos os homens são responsáveis diante de Deus e *com responsabilidades*. Que todos os homens são igualmente 'incapazes' de agradar a Deus, também é inegável. Mas, inabilidade não diminui a responsabilidade". O *amor* de Deus parece ser esquecido. Zins continua a argumentar:

> Dizer que Deus "permite", mas não "deseja", mas permite que ocorra, o coloca em posição melhor do que o calvinista que diz que Deus *poderia* dar a graça irresistível de todos, mas não quer fazer. Como é que se pode sentir melhor sobre Deus *permitindo* a corrupção, aborto, assassinato e luxúria, quando Ele os poderia parar [...]?[28]

Já abrangemos isso. Sim, Deus *poderia* parar todo mal imediatamente (exterminando a humanidade), mas Deus deu ao homem o

27 Carlos Haddon Spurgeon, "God's Will and Man's Will", n. 442 (Newington: Metropolitan Tabernacle; sermão proferido no domingo pela manhã, 30 mar. 1862).

28 Robert M. Zins a Dave Hunt, 23 de agosto de 2000. Em arquivo.

verdadeiro poder de escolha para que ele pudesse receber o amor de Deus e amá-lo. A cessação do pecado só poderia vir pela destruição da raça humana, como Ele fez uma vez pelo dilúvio. No entanto, em Sua graça e Seu amor Ele permitiu que Noé e sua família sobrevivessem. Infelizmente, através deles o pecado sobreviveu e cresceu em horror como vemos ocorrendo diariamente. O Deus da Bíblia, no entanto, tem uma solução amorosa para o pecado para todos os que crerão no evangelho e receberão o Senhor Jesus Cristo como Salvador.

O calvinismo, por outro lado, afirma que Deus *poderia* resgatar todos do inferno, impondo Sua vontade sobre eles — o que Ele faz somente nos eleitos. Ele *poderia* livar a todos, de todo o sofrimento, doença e morte — mas preordenou a maldade galopante de hoje. Ele *poderia* ter deixado este mundo um paraíso sem que o pecado nunca invadisse, porque o homem não tem escolha sob o calvinismo, e portanto, o próprio Deus é o autor do mal.

Há uma enorme diferença entre a visão de Deus, pecado e salvação — e o que apresentamos aqui como o ensino bíblico. A diferença é "o amor do calvinismo", que não é amor de forma alguma.

Esse ensinamento, que "Deus", sendo a causa até mesmo do erro do datilógrafo, poderia ter um mundo sem nenhum pecado, sofrimento ou morte, mas por Seu bom prazer, escolheu o mundo de mal galopante e sofrimento como é hoje, é uma calúnia sobre o caráter de Deus. Na raiz dessa calúnia está a negação do amor sincero de Deus pelo homem.

A questão que tratamos é muito simples: que Deus é o bíblico — o Deus do calvinismo, ou o Deus de amor que não quer que ninguém pereça, mas que os deu o direito de escolha? Não há dúvida que Deus soa verdadeiro a consciência que é dada mesmo aos não crentes. E esse é o Deus da Bíblia.

O homem é um ser criado. Como tal, ele é necessariamente menor do que o seu Criador. Sendo esse o caso, o homem pode fazer apenas escolhas menos perfeitas. O montante e o grau de mal nesta terra será limitado apenas pela imaginação do homem e na medida em que a autoridade constituida controlar o comportamento humano. Como Paulo predisse, por isso tem acontecido: "mas os homens maus e enganadores irão de mal a pior, enganando e sendo engana-

dos" (2 Timóteo 3:13). Nem é essa condição que Deus deseja para o homem, mas contrário a Sua vontade, embora Ele permita.

Deus Contrastado com Falsos Deuses

O sofrimento e o mal galopante são falhas das escolhas deliberadas do homem, que corromperam tudo que ele toca. O pecado, o sofrimento e a morte não são obra ou desejo de Deus, nem qualquer coisa que Deus poderia parar sem destruir o mundo — que Ele fará um dia: "os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão [...]. Nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e uma nova terra, em que habita a justiça" (2 Pedro 3:10–13).

Até então, Deus "é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam" (2 Pedro 3:9). Deus veio como homem para pagar a pena infinita exigida pela Sua infinita justiça pelos pecados de todo a mundo (1 João 2:2). Ele oferece perdão a todos e envia o evangelho da salvação para "todo aquele que crê".

Os homens são responsáveis pelos seus pecados e pelo seu destino eterno, porque a salvação é oferecida a todos como um dom gratuito e todos têm a capacidade ou de recebê-la ou rejeitá-la. O calvinismo insiste que o homem não tem essa capacidade, no entanto, ele é responsável de qualquer maneira. Manter alguém responsável por deixar de fazer o que ele não pode fazer seria como dizer que um bebê é responsável por correr os 100 metros com obstáculos em tempo de recorde mundial.

Como pode um Deus justo manter responsáveis os pecadores por se arrependerem e crer em Cristo, quando Ele retém deles a habilidade essencial para o fazer? O próprio senso de justiça que o próprio Deus tem incutido na consciência humana clama contra essa farsa! E aqui confrotamos mais uma vez a questão real: a santidade do Deus justo e misericordioso e de caráter amoroso é caluniado pela deturpação do calvinismo.

Zins cita R. L. Dabney para dar sentido "que a ausência de vontade em Deus para salvar a todos não implica uma falta de amor. Deus

tem um amor verdadeiro, que é limitado por razões consistentes e santas conhecidas somente por Ele"[29].

Tais racionalizações falham porque o amor verdadeiro nunca falha. Não há "razões santas" por que Deus não poderia fazer pelos réprobos o que Ele faz pelos eleitos! Não há como branquear o Deus do calvinismo de Sua incapacidade de resgatar aqueles que Ele poderia resgatar. Nem pode essa evidente falta de amor e compaixão ser dispensada devido a "razões conhecidas apenas por Si mesmo". O assim chamado hipercalvinista admite francamente esses fatos simples; os autoproclamados "moderados" os negam.

A Bíblia contrasta a verdade, pureza, amor e misericórdia do Deus verdadeiro com a destrutividade caprichosa dos deuses pagãos. No processo, os profetas apelam para a nossa razão e à consciência que Deus nos deu. Baal é exposto como um deus falso que não é digno de culto por causa de sua exigência de que as crianças sejam sacrificadas no fogo sagrado em seus altares. Baal pode ser desculpado por "razões conhecidas apenas para si mesmo"? Será que o Deus verdadeiro, por razões conhecidas apenas por si mesmo, faz com que bilhões queimem eternamente no Lago de Fogo, a quem Ele *poderia* livrar como Ele livrou os eleitos? Nunca!

É legítimo apelar à consciência e a razão em expor falsos deuses. Certamente nenhum padrão menor deve ser aplicado ao verdadeiro Deus. Portanto, qualquer suposta divindade que é menos graciosa, menos amorosa, menos amável, e menos misericordiosa do que a consciência do homem diz que ele não deve ser o verdadeiro Deus. Atribuir-lhe *qualquer* falta de amor e misericórdia é certamente deturpar o Deus revelado na Bíblia.

29 Ibid.

CAPÍTULO 29

A PERSEVERANÇA DOS SANTOS

Antes de iniciar o que se transformou em um estudo urgente e profundo do calvinismo, eu pensava que eu era, pelo menos, um calvinista de um ponto. Certamente a minha crença na segurança eterna — a segurança de viver eternamente na presença de Deus por ser redimido por Cristo e mantido em segurança Nele — deve ser o mesmo que a Perseverança dos Santos do calvinismo. Isso acabou, no entanto, não sendo o caso, e eu fiquei surpreso ao descobrir o porquê.

A segurança bíblica da salvação não depende do seu desempenho, mas sobre a verdade do evangelho que Cristo morreu pelos pecados do mundo, e sobre a promessa de que quem crê Nele recebe o dom gratuito e incondicional da vida eterna.

Em contraste, a segurança do calvinista está em Deus tê-lo predestinado a vida eterna como um dos eleitos. Coppes insiste que "a resposta de Deus a dúvida [...] a única fonte adequada de segurança da salvação [...] de ir ao céu (glorificação) é a doutrina da predestinação"[1]. Essa visão tem sérios problemas, como veremos. Como é que o calvinista sabe que ele é um dos eleitos que foram predestinados? Sua atuação desempenha um grande papel em ajudá-lo a saber se ele está ou não entre esse grupo seleto.

Em contraste, a minha fé, esperança, confiança, e segurança está no meu Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que pagou na cruz toda a penalidade pelos meus pecados. Portanto, segundo a Sua promessa, que eu cri, os meus pecados estão perdoados. Eu nasci de novo na família de Deus como seu querido filho. O céu é o meu lar eterno. Minha esperança está só em Cristo.

Cristo chama: "vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). Cheio de pecado, eu vim a Ele e, como Ele prometeu, encontrei o descanso eterno somente Nele. Cristo assegura "aquele que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora" (João 6:37). Eu vim a Ele pela fé em Sua Palavra e Ele nunca vai me expulsar — ou seja, eu nunca poderei ser perdido. Minha segurança está em Sua promessa e no poder mantenedor, não em meus esforços ou performance.

---

1 Leonard J. Coppes, *Are Five Points Enough? The Ten Points of Calvinism* (Denver, CO: publicação do autor, 1980), pp. 25, 27.

Ele disse: "Eu lhes dou [minhas ovelhas] vida eterna, e jamais perecerão" (João 10:28). Seria estranho "vida eterna", na verdade, se fosse minha hoje pelo Seu dom gracioso e tomada por Seu julgamento amanhã.

No entanto, muitos cristãos professos (incluindo muitos calvinistas de cinco pontos que acreditam na Perseverança dos Santos) estão preocupados com dúvidas sobre a sua salvação. Dúvidas assaltam até mesmo líderes calvinistas.

Zane C. Hodges ressalta que "o resultado dessa teologia é desastrosa. Uma vez que, segundo a crença puritana, a genuinidade da fé de um homem só pode ser determinada pela vida que segue, a certeza da salvação torna-se impossível, no momento da conversão"[2]. E, pode-se acrescentar, em qualquer ocasião posterior também, se a vida já não cumpre o padrão bíblico.

Piper e sua equipe escreveram, "devemos também confessar até o fato de que nossa salvação final é feita contingente sobre a obediência subsequente que vem da fé"[3]. Um pequeno conforto ou garantia na *minha* capacidade de obedecer! Na verdade, o quinto ponto é chamado perseverança *dos santos*, colocando o ônus sobre mim. Não é de se admirar, então, como R. T. Kendall comentou, que "quase todos os 'teólogos' puritanos passaram por uma grande dúvida e desespero em seus leitos de morte quando perceberam que suas vidas não deram uma prova perfeita de que eles eram eleitos"[4].

Armínio, por outro lado, ao contrário do rótulo falso ligado a ele por seus inimigos, teve perfeita segurança. Ele declarou confiantemente que o crente pode "sair desta vida [...] para comparecer perante o Trono da Graça, sem qualquer medo ansioso [...]"[5].

---

2 Zane C. Hodges, autor do prefácio de *The Gospel Under Siege*, 2. ed. (Dallas, TX: Kerugma, Inc., 1992), p. vi.

3 John Piper e a Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff " (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 25.

4 R. T. Kendall, *Calvin and English Calvinism to 1649* (Oxford: Oxford University Press, 1979), p. 2; citado sem número de página por Bob Wilkin, "Ligonier National Conference" *(The Grace Report*, jul. 2000).

5 Jacó Armínio, *The Works of James Arminius*. James e William Nichols, trads.

Uma Incerteza Endêmica da Salvação

Estranhamente, a razão para tal incerteza entre os calvinistas é encontrado onde se esperaria segurança — no "P" da TULIP: Perseverança dos *Santos*. Claramente, a ênfase está sobre a fidelidade do *crente* em perseverar — não sobre o poder mantenedor de Deus.

Estranhamente, a certeza da salvação e da confiança no destino eterno não foram encontrados no quinto ponto do calvinismo, onde seria de esperar. Também não podem ser encontrados nos outros quatro pontos. Embora muitos calvinistas negariam, a incerteza quanto à própria salvação final é, na verdade, construída na própria estrutura do próprio calvinismo.

Congdon escreve: "*a segurança absoluta da salvação é impossível no calvinismo clássico* [...] [grifo dele]. Entenda o porquê: visto que as obras são um resultado *inevitável* da 'verdadeira' salvação, só se pode saber que se é salvo pela presença de boas obras. Mas já que ninguém é perfeito [...] qualquer garantia é na melhor das hipóteses imperfeita também. Portanto, você pode *pensar* que creu em Jesus Cristo, pode *pensar* que teve fé salvadora, mas estar redondamente enganado [...], e por que não dizer 'não salvo', estar totalmente cego ao fato de que você é um não são salvos [...]! R.C. Sproul [...] em um artigo intitulado 'Certeza da Salvação', escreve: 'Há pessoas neste mundo que não são salvas, mas que estão convencidas de que são' [...]"."Quando a nossa certeza de salvação está baseada, *afinal*, em nossas obras, nunca podemos ter certeza absoluta [...]! Mas a Escritura desencoraja dando garantia objetiva da salvação? Dificilmente! Pelo contrário, o Senhor Jesus (João 5:24), Paulo (Romanos 8:38–39), e João (1 João 5:11–13) não têm escrúpulos em oferecer garantia absoluta, objetiva da salvação. Além disso, as obras *nunca* são incluídas como um requisito para a segurança"[6].

(Grand Rapids, Mi: Baker Book House, 1986), vol. 1, p. 667; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 591.

6 Philip F. Congdon, "Soteriological Implications of Five-point Calvinism", *Journal of the Grace Evangelical Society*, outono de 1995, vol. 8, pp. 15, 55–68.

Bob Wilkin da *Grace Evangelical Society* relata o que ouviu na Conferência Nacional Ligonier de Sproul (com cerca de 5.000 presentes), de 15 a 17 de junho de 2000, em Orlando, Florida:

> John Piper [...] descreveu a si mesmo como "um calvinista de sete pontos" [...] [e disse] que nenhum cristão pode ter certeza que ele é um verdadeiro crente; consequentemente, há uma necessidade constante de ser dedicado ao Senhor e negar a nós mesmos, para que possamos ter certeza. Devemos perseverar até o fim na fé, se quisermos ser salvos[7].
>
> Isso me pareceu estranho, uma vez que não havia tanta ênfase na soberania de Deus nesta conferência. No entanto, quando esse assunto vem diretamente, dentro de uma perspectiva reformada Deus usa o medo do inferno para motivar os cristãos a viver para Ele.
>
> Meu coração está pesado, enquanto escrevo isso de Orlando. Eu me sinto um fardo para as pessoas aqui. Por quê? Devido a sua teologia faz a segurança impossível. Essa [falta de segurança] permeou toda a conferência.[8]

Que comentário, que a falta de certeza de salvação permeou a Conferência Nacional Ligonier com grandes oradores calvinistas! Por que deveria ser? Porque o calvinista não pode contar com a promessa de Cristo da vida eterna no evangelho (visto que a promessa é somente ao eleito), sua segurança está em ser um dos eleitos — mas como ele pode estar certo de que ele é? Piper escreve: "nós acreditamos em segurança eterna [...], a segurança

---

7 John Piper e a Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff " (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 23.

8 Bob Wilkin, "Ligonier National Conference" *(The Grace Report*, jul. 2000), pp. 1–2.

eterna dos eleitos"[9]. E lá enfrenta um problema sério: como pode qualquer calvinista ter certeza de que ele está entre a companhia seleta dos predestinados para o céu? Ele não pode. Não há um versículo na Bíblia dizendo a pessoa alguma como ter certeza de que ele está entre os eleitos.

Ainda que Cristo ordenou que o evangelho seja pregado a todas as pessoas que vivem em todo o mundo, o calvinista diz que o evangelho é eficaz apenas para os eleitos. Outros podem *imaginar* que creem no evangelho, mas não tendo sido soberanamente regenerado, sua fé não é de Deus e não vai salvar. Como Sproul e seus colegas editores declaram: "o fruto da regeneração é a fé. A regeneração precede a fé"[10].

Na verdade, o evangelho oferece uma falsa esperança para os não eleitos e, de fato, os condena. Assim, crendo que o evangelho é de nenhum valor a menos que se tenha primeiro sido soberanamente regenerado por Deus sem a fé, tendo sido predestinado para a salvação. No entanto, a predestinação foi determinada por Deus na eternidade passada e, como Packer escreve: "decretado por seu conselho secreto para nós"[11] — então, como é que esso doutrina pode dar segurança a ninguém hoje em dia? Quem pode saber que está entre os eleitos predestinados secretamente?

Não é de se admirar, então, que muitos calvinistas são atormentados por dúvidas concernente sua salvação. Ao se deparar com tais dúvidas, Van Overloop dá o conselho animador a "esperar fervorosamente por uma temporada de graça mais rica"[12]. Otis, por outro lado,

---

9 John Piper e a Equipe Pastoral, "TULIP: What We Believe about the Five Points of Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff " (Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997), p. 24.

10 *New Geneva Study Bible*. R. C. Sproul, ed. "Regeneration: The New Birth " (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1995), p. 1664.

11 J. I. Packer, "The Love of God: Universal and Particular", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge and Grace*. Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 281.

12 Ronald Van Overloop, "Calvinism and Missions: Pt. 2, Unconditional Election " (Grandville, MI: Standard Bearer, 15 jan. 1993), p. 185; citado em Lau-

sugere que "uma das provas de que somos genuinamente salvos é que a nossa fé perseverará até o fim de nossas vidas"[13]. Mas, e se dúvidas surgem, como as enfrentadas por "quase todos os 'teólogos' puritanos"?

Desacordo Sobre Um Ponto Vital

É verdade, não há um acordo geral sobre esse ponto. Muitos calvinistas afirmam que crer no evangelho traz a segurança. Em um simpósio calvinista, o ensaio sobre segurança por D. A. Carson, que tenta dar uma visão bíblica equilibrada, não oferece quaisquer argumentos calvinistas típicos a favor da Perseverança dos Santos e vem sem qualquer conclusão definitiva[14]. Como vimos, Calvino ensinou que ser nascido em uma família calvinista automaticamente faz a criança um dos eleitos, assim como o batismo infantil, desde que se creia em sua eficácia. Assim, embora crendo que o evangelho não é uma maneira segura de ser salvo, crer no batismo infantil é.

Sproul declara: "os bebês podem ser nascidos de novo, embora a fé que eles exercem não pode ser tão visível quanto a dos adultos"[15]. Recém-nascidos têm *fé* em Cristo — ela é apenas menos visível? Será que Sproul ou qualquer outro calvinista acredita realmente nisso?

Para o calvinista, além disso, buscar a garantia de que a fé é genuína levanta mais dificuldades, porque a fé é um dom de Deus e não tem nada a ver com a vontade do homem. Mas como se pode

---

rence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 403.

13 John M. Otis, *Who is the Genuine Christian?* (sem editora, sem data), p. 39; citado em Laurence M. Vance, *The Other Side of Calvinism*, ed. rev. (Pensacola, FL: Vance Publications, 1999), p. 595.

14 D. A. Carson, "Reflections on Assurance", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge and Grace*. Thomas R. Schreiner e Bruce A. Ware, eds. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), pp. 247–248.

15 *New Geneva Study Bible*. R. C. Sproul, ed. (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1995), p. 1664.

saber se a fé é um dom de Deus, ou se origina em sua própria mente e vontade?

Dillow cita Dabney que cada um deve examinar sua fé, porque é possível ter uma falsa fé. Isso só levanta mais perguntas. Será que Deus dá uma falsa fé? Calvino disse que Ele faria e faz. Então, se Deus dá a verdadeira fé a alguns e a falsa fé a outros, como se poderia saber se a fé que ele acha que ele tem é genuína? Quem poderia resistir a uma ilusão de Deus? E como as crianças examinariam a sua "fé"?

No entanto, Boettner defende longamente sobre a fé sendo a garantia de que se está entre os eleitos, e ele argumenta que, visto que a fé "não é dada a qualquer um, mas somente ao eleito, a pessoa que sabe que ele tem essa fé pode ter certeza que ele está entre os eleitos"[16]. Mas o que acontece com a falsa fé e a certeza que Calvino diz que Deus dá aos não eleitos, a melhor para condená-los? A *Bíblia de Estudo de Genebra* não faz menção desse problema e até mesmo sugere que João escreveu sua primeira epístola "para assegurar aqueles que creram que eles realmente possuem o dom inestimável [da vida eterna]"[17]. Como podem os líderes calvinistas ser tão ignorantes sobre o que João Calvino ensinou?

Tentando fortalecer seu argumento de um ângulo diferente, Boettner escreve: "toda pessoa que ama a Deus e tem um verdadeiro desejo de salvação em Cristo está entre os eleitos, porque os não eleitos nunca têm esse amor ou esse desejo"[18]. Por esse critério, no entanto, os cristãos na igreja em Éfeso teriam duvidado da sua salvação, porque eles não tinham mais o amor ardente (Apocalipse 2:4–5) — ainda assim não há sugestão alguma de que eles não eram verdadeiros cristãos.

Os puritanos lutaram com essa mesma questão. Dillow acusa Dabney de tentar em vão defender uma "questão que dominou 300

16 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 308.

17 *New Geneva Study Bible*. R. C. Sproul, ed. (Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1995), n. [1 João 5:13], p. 1993.

18 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 309.

anos de debate Puritano Inglês"[19] — dissensão considerável, de fato, e em um ponto-chave. Armínio, no entanto, declarou: "minha opinião é que é possível para aquele que crê em Jesus Cristo ter certeza [...] de que ele é um filho de Deus, e que permanece na graça de Jesus Cristo"[20].

Dillow, embora um calvinista convicto, discorda que a fé deve ser examinada. Ele argumenta: "a Bíblia nunca levanta essa questão [...]. Será que um homem luta para saber se ele ama o seu filho [...]? Nós sabemos que nós temos crido corretamente se crermos de acordo com a verdade bíblica [...]. A questão não é um exame racional da nossa fé [...], [mas] um exame racional do objeto da fé, Jesus Cristo, e a oferta do evangelho"[21]. Ele continua a acusar os companheiros calvinistas de ser pegos preservando um dogma:

> Finalmente, a Bíblia afirma de forma explícita e implicitamente que a segurança é parte da fé salvadora [...]. "A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam" (Hebreus 11: 1). Mas, além disso, o número de passagens que nos falam que "todo aquele que crê tem a vida eterna" implica seguramente que uma pessoa que crê tem a vida eterna [...]. Crença e segurança são tão obviamente inseparáveis que apenas o interesse de preservar a doutrina Experimental Predestinista da perseverança pode justificar sua divisão.[22]

---

19 Joseph C. Dillow, *The Reign of the Servant Kings: A Study of Eternal Security and the Final Significance of Man*, 2. ed. (Haysville, NC: Schoettle Publishing Co., 1993), pp. 192–193.

20 Jacó Armínio, *The Works of James Arminius*. James e William Nichols, trads. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986), vol. 1, p. 667.

21 Joseph C. Dillow, *The Reign of the Servant Kings: A Study of Eternal Security and the Final Significance of Man*, 2. ed. (Haysville, NC: Schoettle Publishing Co., 1993), p. 193

22 Ibid., p. 291.

Desconfortável com Jesus?

Seguindo os ensinamentos de Calvino, no entanto, como as Testemunhas de Jeová e os mórmons, muitos calvinistas acreditam que a única maneira de tornar a "vocação e eleição" (2 Pedro 1:10), não é por meio da fé, mas através de boas obras. Curiosamente, embora os quatro primeiros pontos do calvinismo insistem que o homem não pode fazer nada, o quinto depende, na opinião de muitos, dos esforços humanos. Boettner cita Warfield: "é ocioso procurar a segurança da eleição fora da santidade de vida"[23]. Da mesma forma, Charles Hodge declara: "A única evidência de nossa eleição [...] [e] perseverança, é uma perseverança contínua em fazer o bem"[24].

Mas encontrar segurança nas obras sempre deixa questões sem respostas, tendo em vista o fato inegável, o que temos comentado anteriormente, que as aparentes boas obras dos não salvos, por vezes, colocam os cristãos professos em vergonha. Além disso, desempenho poderia ser excelente a maior parte da vida de alguém, mas, se a falha vem em algum ponto, se perdeu a segurança baseada no desempenho. RC Sproul expressou essa mesma precupação com sua própria salvação:

> Um tempo atrás eu tive um daqueles momentos de autoconsciência aguda [...] e de repente a pergunta me atingiu: "R. C., e se você não for um dos redimidos? E se o seu destino não for o céu, afinal de contas, mas o inferno?" Deixe-me dizer-lhe que eu estava com o meu corpo inundado com um frio que passou da cabeça para o fundo da minha espinha. Eu estava apavorado.
>
> Tentei me segurar. Eu pensei, "bem, é um bom sinal que eu estou preocupado com isso. Só os verdadeiros cristãos

---

23 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), p. 309.

24 Charles Hodge, *A Commentary on Romans* (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1972), p. 292.

> realmente se preocupam com a salvação". Mas então eu comecei a fazer um balanço da a minha vida, e eu olhei para o meu desempenho. Meus pecados vieram em minha mente, e quanto mais eu olhei para mim, eu me senti pior. Eu pensei: "talvez seja verdade. Talvez eu não sou salvo, afinal."
>
> Eu fui para o meu quarto e comecei a ler a Bíblia. De joelhos, eu disse: "bem, aqui estou. Eu não posso apontar para minha obediência. Não há nada que eu possa oferecer [...]. Eu sabia que algumas pessoas só fogem para o Cruz para escapar do inferno [...]. Eu não podia ter certeza sobre o meu próprio coração e motivação. Então me lembrei de João 6:68 [...]. Pedro também estava desconfortável, mas ele percebeu que estar desconfortável com Jesus era melhor do que qualquer outra opção![25]

Desconfortável com Jesus?! Onde está o conforto, e segurança em quê? Não poderia um mulçumano obter a segurança semelhante por estar *desconfortável* com Maomé e o Alcorão, ou um mórmon por estar *desconfortável* com Joseph Smith? Por que é melhor estar desconfortável com Jesus do que com Buda? Onde a Bíblia sugere, muito menos recomenda estar *desconfortável* com Jesus? Nem isso é ensinado nessa passagem. Essa ideia parece tanto mais lamentável, vindo de um líder cristão e teólogo como sua segurança de que ele é um dos eleitos!

Não há como fugir da necessidade de provas, e fé sólida baseada nela, o que a Bíblia e o Espírito Santo fornece em abundância para o crente. Pedro não conseguia entender o que Cristo quis dizer sobre comer Seu corpo e beber o Seu sangue. Mas isso não muda o fato de que ele sabia que Jesus era o Messias. A importante declaração de Pedro foi "Tu tens as palavras da vida eterna e nós cremos e temos a certeza que Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (João 6: 68–69).

---

25 R. C. Sproul, "Assurance of Salvation", *Tabletalk*, Ligonier Ministries, Inc., nov. 1989, p. 20.

Essa fé, no entanto, não é suficiente para dar a segurança calvinista. Ela ainda iria deixá-lo desconfortável, porque os não eleitos muitas vezes pensam que creem em Cristo. De acordo com Calvino, Deus ainda os ajuda com essa ilusão. Onde é que isso está na Bíblia?

Nós temos todos os motivos para estar muito confortáveis com Jesus — e isso é uma das grandes bênçãos e parte da alegria da nossa salvação. Temos prova absoluta de que a Bíblia é a Palavra de Deus, que Jesus é o Cristo, que o evangelho é verdadeiro, e nós temos o testemunho do Espírito Santo dentro de nós. A Bíblia nos dá segurança absoluta: "estas coisas vos escrevi a vós que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna [...]" (1 João 5:13). Essa segurança, de acordo com esta escritura e muitas outras, é para todos aqueles que simplesmente creem em Cristo. Não há outra base para a garantia do perdão dos pecados e da vida eterna.

Porque Sproul não confia em tais promessas? Porque, para um calvinista, a questão não é se alguém crer no evangelho, mas se a pessoa, desde a eternidade passada, estava predestinada por Deus para estar entre os eleitos — e isso é uma questão ilusória, como muitos, um calvinista descobriu seu desânimo.

O Evangelho: O Poder de Deus Para a Salvação

Nas páginas a seguir, a questão da segurança será ilustrada (composta como ouvimos o tema relacionado por um número de pessoas) por meio de um casal fictício a quem chamaremos de Al e Jan. Eles estão casados há quase 10 anos e têm dois filhos. Um católico devoto toda a sua vida, com dois irmãos que são padres e uma irmã que é freira, Al se tornou cristão, alguns meses depois de seu casamento. Após seis semanas de luta para resolver as contradições óbvias entre o catolicismo que tinha conhecido toda a sua vida e sua compreensão crescente do que a Bíblia ensina, Al deixou aquela Igreja, foi batizado como um crente, e foi condenado ao ostracismo por sua família devotamente católica desde então.

Jan, por outro lado, era uma típica adepta do *New Age* que tinha rejeitado absolutamente os absolutos e era aberta a qualquer coisa

— exceto, é claro, ao cristianismo bíblico, que não gostava por ser "muito estreita". Parecia um milagre glorioso para ambos quando Al foi capaz de conduzir Jan a Cristo cerca de seis meses depois de sua própria conversão.

Por quase oito anos Al estava feliz na fé, testemunhando aos amigos e à família e vendo alguns vindo a Cristo. Ele era muito claro sobre o evangelho e a base da sua salvação. Não havia dúvida alguma em sua mente que ele foi convencido do pecado, da justiça e do juízo vindouro pelo Espírito Santo (assim como Al, também o mundo o é, de acordo com João 16:7-11). Tendo crido no evangelho que Cristo morreu pelos seus pecados e que "todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna", Al havia colocado sua fé no Senhor Jesus Cristo como seu Salvador.

Pelo menos ele tinha certeza de que no momento em que creu no Senhor Jesus Cristo exatamente como Paulo exortou o carcereiro de Filipos: "crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo" (Atos 16:30-31). Como resultado (ou pelo menos assim parecia a ele), sua vida mudou, e este era o testemunho que ele tinha, com entusiasmo, compartilhado publicamente na igreja e no testemunho a indivíduos.

Desde o início de sua nova vida em Cristo, Al tinha uma fome pela Palavra de Deus como seu alimento espiritual. Ele havia lido a Bíblia regularmente com grande interesse e prazer. Ele e Jan havia se tornado parte de uma irmandade aparentemente vibrante de cristãos bíblicos e haviam se alegrado juntos em sua nova vida em Cristo. Então algo aconteceu — um conto triste que eu tenho ouvido por um número surpreendente de pessoas, que chegamos agora através Al e Jan.

CAPÍTULO 30

UMA DÚVIDA HONESTA DE UM CALVINISTA

Al não poderia estar mais feliz. Ele e Jan estavam mais apaixonados do que nunca, um pelo outro e pelo Senhor. Seus filhos estavam crescendo em Cristo, como uma família que estudava a Palavra de Deus e que oravam juntos, em suas devoções diárias e no exuberante companheirismo, de outras crianças, em sua igreja dinâmica. A única sombra negra era a contínua rejeição das tentativas de Al de testemunhar de seu Senhor para sua família católica romana e a tensão continuou, nesse mal estar, nos encontros familiares. Então, uma outra influência perturbadora invadiu suas vidas, dessa vez, de uma fonte completamente inesperada.

Quase despercebido, o calvinismo foi introduzido no pequeno grupo de homens do estudo da Bíblia que Al participava. Seguidas discussões animadas, o que ele achava intrigante e intelectualmente desafiador. Mais ou menos ao mesmo tempo, as doutrinas calvinistas penetraram nos sermões do pastor com o aumento da frequência e fervor. Embora o pastor não insistia (como alguns pastores calvinistas fazem) que cada membro da igreja seja um calvinista, algumas famílias deixaram a igreja em protesto contra a nova ênfase. Eles sentiram que não estavam mais recebendo a exegese bíblica bem equilibrada que os havia atraído em primeiro lugar. Em vez disso, o pastor parecia trazer uma ênfase desproporcional sobre a soberania de Deus em tudo o que ele ensinava — embora, é claro, ele não pensasse assim. Afinal de contas, ele estava apenas apresentando o que a Bíblia diz, embora com um entendimento diferente que seus sermões refletiram em anos anteriores. Provou-se ser verdade, mais uma vez, como William MacDonald, autor de mais de 80 livros em 100 idiomas, afirmou:

> É a prática de muitos calvinistas pressionar seus pontos de vista implacavelmente sobre os outros, mesmo se isso levar à divisão da igreja [...]. Essa "rede" ou sistema teológico se torna o principal destaque em suas conversas, pregações, orações públicas e ministério. Outros assuntos parecem sem importância em comparação. O *sistema*

> em si é a única dedução que eles fazem de certos versos e que não é diretamente ensinado nas Escrituras.[1]

Al ficou intrigado e foi atraído pelos novos insights do pastor. Esse foi o homem que o levou a Cristo e o discipulou, e agora Al estava ansioso para segui-lo, ao que parecia ser, uma compreensão mais profunda da verdade bíblica. Jan, no entanto, não estava feliz com a implicação de que Deus não amava a todos e que tinha predestinado multidões ao sofrimento eterno, e que Cristo não tivesse morrido por toda a humanidade. Ela considerou que tal ensino estava diretamente em conflito tanto com a sua consciência quanto com o que a Bíblia claramente ensinava. Ela sabia, no entanto, que a Al estava feliz e parecia estar estudando a sua Bíblia com mais diligência do que nunca, então ela manteve suas dúvidas para si mesma.

Entra Uma Incerteza Problemática

Vendo seu interesse, o pastor emprestou a Al alguns livros e fitas de John MacArthur, John Piper, R.C. Sproul, e outros. Al começou a ouvir os ensinos calvinistas diariamente de Sproul no rádio e comprou um exemplar da *Bíblia de Estudo de Genebra*. Suas anotações o convenceu de que o Calvinismo era a fé da Reforma e o verdadeiro evangelho. Aos poucos, a nova "verdade" começou a fazer mais sentido, e Al se tornou convencido de que o que estava aprendendo seguia logicamente da soberania de Deus, um ensinamento que, agora podia ver, era negligenciado entre a maioria dos cristãos.

Al se tornou obcecado com a soberania absoluta de Deus e foi muito influenciado por um livro de Bruce Milne, no qual o seu autor disse que a vontade de Deus "é a causa final de todas as coisas [...] e até mesmo os menores detalhes da vida. Deus reina em Seu universo [...]"[2]. Só mais tarde ele saberia que essas palavras eram um eco de

---

1 William MacDonald a Dave Hunt (nota na margem da cópia de avaliação). Em arquivo.

2 Bruce Milne, *Know the Truth - Conecer a Verdade* (Downer's Grove, IL: InterVarsity, n. d.), 66.

João Calvino em suas *Institutas*. É claro que o escritor principal sobre soberania era A. W. Pink, e não demorou muito antes que Al estivesse imerso no livro *A Soberania de Deus* de Pink por recomendação dos amigos.

Incomodou Al, a princípio, pensar que Deus havia ordenado soberanamente tudo, mesmo tendo "decretado desde toda a eternidade que Judas traísse o Senhor Jesus"[3]. Pink explicou que "Deus não *produz* as disposições pecaminosas de qualquer de Suas criaturas [...]. Ele nem é o autor nem o aprovador do pecado."[4] Al ponderou esta ideia afinal. Ele estava preocupado com o ensinamento de que a soberania de Deus significava que Ele controlava e literalmente *causou* tudo, e ainda assim que o homem era o culpado pelo pecado, que Deus o levou a cometer. O pastor explicou que algumas coisas "não podiam ser reconciliadas".

Quanto mais Al lia, mais toda a questão da vontade do homem se tornou um enigma. Ele ficou especialmente intrigado com afirmações aparentemente contraditórias sobre o assunto por inúmeros autores Calvinistas. Pink, por exemplo, rejeitou a ideia de livre-arbítrio[5], um conceito que ele denunciou repetidamente. No entanto, a fim de incentivar o estudo das "coisas mais profundas de Deus [isto é, o calvinismo]", declarou ele, "ainda assim é verdade que 'onde há uma vontade, há um jeito' [...]"[6]. Se Deus teve que fazer o eleito desejar ser salvo, porque eles não tinham vontade, por que a vontade deles não teve qualquer papel a desempenhar? Tais questões incomodaram Al apenas brevemente e logo foram esquecidas na emoção de descobrir muito sobre a Reforma e os credos que produziu, que ele nunca tinha conhecido.

---

3 Arthur W. Pink, *The Sovereignty of God - A Soberania de Deus* (Grand Rapids,-MI: Baker Book House, 4ª edição, 2ª impressão, 1986), 155.

4 Idem, 156.

5 Idem, 1.

6 Arthur W. Pink, prefácio à 1ª edição de 1918. *The Sovereignty of God - A Soberania de Deus* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1ª edição, 1918).

Confusão Crescente

A fim de compartilhar sua nova "fé" com Jan e trazê-la junto nesse caminho inspirador de aprender com ele, Al mergulhou em um estudo detalhado de cada um dos cinco pontos da TULIP. E isso acabou por ser o início de uma tendência de queda em sua fé. Começando com uma compreensão mais profunda da doutrina da Depravação Total, dúvidas começaram a perturbar a segurança que Al havia conhecido em Cristo. Como ele poderia estar certo de que ele era verdadeiramente salvo? Afinal de contas, como uma pessoa totalmente depravada ele não poderia possivelmente ter crido em Cristo com fé salvadora, a menos se Deus não tivesse primeiro soberanamente regenerado ele. Olhando para trás em sua conversão, Al tentou assegurar-se de que isso era o que tinha realmente acontecido, mesmo que ele não se lembrasse desse jeito.

Bem, é claro, ele deve ter sido soberanamente regenerado. Essa foi a única maneira que ele poderia ter crido no evangelho. Todos os calvinistas foram muito firmes sobre esse ponto. Mas como ele poderia ter certeza? Afinal de tudo, a regeneração tinha que acontecer sem o seu conhecimento, e antes que ele cresse no evangelho, foi salvo. Como ele poderia estar certo de que algo que ele nem mesmo estava ciente de quando aconteceu tinha realmente ocorrido?

Se a promessa de Cristo em João 3:16 "que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" foi uma verdadeira oferta por todo o mundo (como ele pensava antes, mas não acreditava mais), então ele poderia ter certeza simplesmente crendo. Mas se "todo aquele" realmente significa "o eleito" e se a salvação era restrita a eles, sua única garantia estaria em saber que ele estava entre os eleitos. Ele estava ou não estava? Essa questão começou a incomodá-lo dia e noite. Ele não podia escapar do medo dessa incerteza despertada.

1 João 5:10–13 ("estas coisas vos escrevi a vós, os que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna [...]") já havia lhe dado grande conforto. Ele havia usado frequentemente a passagem para levar os outros a garantia confiante em Cristo. Agora, porém, com o seu novo entendimento, Al estava con-

vencido de que João estava escrevendo aos eleitos; e se ele não era realmente um dos eleitos, então, sua crença seria vã.

No entanto, ao longo dessa carta repetidamente estava a expressão "crer e ter a vida eterna" — e nada sobre ser um dos eleitos. Al levou esse problema ao pastor, que explicou que João estava escrevendo *aos* eleitos, então ele não necessitava os ficar lembrando de quem eles eram. Claro.

Al não poderia, no entanto, escapar de uma série de questões que permaneciam voltando para assombrá-lo. A Bíblia diz claramente que a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus, e certamente não se podia ouvir a Palavra sem fé para crer. Mas o totalmente depravado não podia ter fé, até que foram regenerados e lhes dado essa fé de Deus. No entanto, a pessoa tinha que ter fé para crer no evangelho, a fim de ser salvo. Então, como pode um ser regenerado antes de crer e ser salvo? Era um enigma impossível.

Que "Regeneração" Foi Essa?

Houve uma breve e acirrada disputa entre seus amigos calvinistas no grupo de estudo bíblico dos homens quando Al levantou esta questão preocupante. Vários autores calvinistas foram consultados, juntamente com a *Bíblia de Estudo de Genebra*, que todos liam diariamente, devorando as notas. Não havia dúvida: não era apenas um consenso entre as autoridades calvinistas, mas uma unanimidade, que a regeneração tinha que preceder a fé. Antes da noite acabar, Al foi acusado de ter tendências arminianas, o que ele negou, claro, mas permaneceu incerto.

Al se tornou convencido de que suas dúvidas tinha que ser um ataque de Satanás. Poderia ser isso o que Paulo escreveu em Efésios 6? Al se voltou para o texto e só ficou mais perplexo quando ele chegou a estas palavras: "tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno" (Efésios 6:16) *Tomando* o escudo da fé?

Por que *tomar* seria necessário se a fé era um dom de Deus, soberanamente concedido?

Não houve unanimidade no grupo de discussão quando essa pergunta foi levantada alguns dias mais tarde. Al pensou que *tomar* o escudo da fé indicava que a fé deve envolver vontade da parte do homem. Alguns argumentaram que isso foi escrito aos crentes, e que, é claro, esses tinham a responsabilidade de crer depois que foram regenerados.

"Mas não é só *depois* de termos sido soberanamente regenerados que Deus nos dá a fé para crer?" perguntou Al. "Por que é que a fé inicial, é sem *vontade*, mas depois é diferente? Não seria uma fé dada soberanamente por Deus melhor do que a fé pela qual somos responsáveis?"

A longa discussão naquela noite terminou sem um consenso ou outras acusações sobre "uma tendência arminiana". Agora Al não era o único a ter dúvidas.

Uma Vítima de Uma Decepção Sutil?

Al repassou alguns dos autores calvinistas que ele já havia achado muito útil. Agora suas palavras só aumentaram sua confusão e dúvidas sobre a sua própria salvação. Alguns enfatizaram Depravação Total, a tal ponto que os incrédulos eram incapazes de sequer entender o evangelho. Outros, no entanto, como James White, dissem que os não eleitos podiam entender, mas não crer para a salvação sem a fé que Deus dá. A maioria concordou que o não regenerado não podia crer para a salvação. White deixou isso tão claro quanto possível:

> *Não* é a posição Reformada que a morte espiritual signifique "a eliminação de toda habilidade humana de compreender ou responder a Deus". O homem não regenerado é [...] simplesmente incapaz [de] se submeter ao evangelho.[7]

7 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free - A Liberdade do Oleiro: Uma Defesa da Reforma e uma Refutação à* Eleitos, Mas Livre *de Norman Geisler* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), 100-101.

Ler essas palavras realmente incomodaram Al. Se enquanto alma perdida, espiritualmente morta, ele *poderia* ter entendido o evangelho, então o que ele pensou era que a fé poderia ter sido um consentimento puramente humanista sem salvação! Como ele saberia a diferença? Ele tinha certeza que tinha entendido o evangelho e que tinha crido. Mas se ele só tinha entendido como um pecador morto espiritualmente e totalmente depravado, e não como alguém que tinha sido regenerado e recebido a fé de Deus, ele ainda estaria perdido!

Uma vez feliz e frutífero no Senhor, agora Al já não podia estar certo do seu arrependimento e o que ele pensava ser a fé em Cristo para a salvação não tinha sido puramente emoções humanas. Na verdade, esse tinha de ser o caso, a menos que Deus o havia regenerado primeiro, sem qualquer ato de fé de sua parte. Mas isso não era como ele se lembrava de como aconteceu, e ele não poderia falar a si mesmo, fingindo que ele tinha sido regenerado antes ao que ele sempre se referiu como sua conversão.

O Impacto da "Eleição Incondicional"

Al percebeu que se ele tivesse sido eleito para a salvação, só poderia ter sido incondicionalmente e, portanto, completamente à parte de qualquer "fé" que ele poderia ter colocado em Cristo. Essa fé tinha de ser dada a ele *depois* que ele foi salvo e não poderia ter envolvido qualquer crença volitiva de sua parte. Mas isso não se encaixava com o que ele se lembrava.

Olhando para trás sobre o que ele pensava ser uma lembrança clara de responder ao evangelho por simplesmente crer em Cristo, sua confusão apenas cresceu. Lembrou-se da noite em que ele foi salvo (ou achava que ele foi salvo). Foi como se uma luz tivesse sido acesa quando o pastor que o levou a Cristo citou Romanos 1:16: "por que eu não me envergonho do evangelho de Cristo: porque é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê". Uma vida inteira de sacramentos, confissão, penitência, orações a Maria, colocando medalhas e escapulários, de repente, foi revelada como inútil. O *evan-*

gelho era o meio de Deus salvar almas, e tudo o que ele tinha a fazer era crer. Ele tinha crido no evangelho, sabia que ele foi salvo, e nunca teve uma dúvida sobre a sua salvação por oito anos felizes.

Al mesmo tinha apresentado esse mesmo evangelho a outras pessoas, crendo que era o poder de Deus para a salvação, se desejassem crer. Agora ele sabia que ele tinha espalhado uma mentira arminiana, que o tinha enganado, imaginando que ele era salvo. E pensar que ele havia enganado os outros também! Claro, se eles estavam entre os eleitos, eles foram salvos — e se não, eles estavam condenados, não importa no que eles cressem.

Como ele tinha sido enganado ao imaginar que o evangelho era uma oferta para *ele*. Que *presunção* de sua parte no momento! Esse foi o trágico resultado de ouvir o evangelho de um não calvinista — e agora ele estava *pagando o preço*. Assim eram aqueles a quem ele havia passado esse mal-entendido na época em que ele estava sob a ilusão de que "*todo aquele* que crê não pereça" significava que a salvação era uma oferta a ser aceita por qualquer um que estivesse disposto sob a convicção do Santo Espírito.

Seu pastor tentou incentivar Al a crer que suas dúvidas eram boas — que elas o ajudaram a obedecer a admoestação de Pedro a "procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis [...]" (2 Pedro 1:10).

"Mas como posso fazer 'certa' uma eleição que eu não tenho, se eu não sou um dos eleitos?" Al perguntou em desespero.

"Eu vi as suas obras, Al," veio a resposta tranquilizadora. "Existem vários na nossa igreja que você levou a Cristo."

"*Levar a Cristo?* Isso não é uma ideia arminiana?" Al desabafou em desespero. "O que você quer dizer, *levar* a Cristo?! O eleito não precisa ser levado a Cristo, mas são soberanamente regenerados sem qualquer entendimento ou fé de sua parte — e os não eleitos *não podem* ser levados a Cristo. Como você poderia ter me oferecido o dom da salvação através do evangelho, sem saber que eu era um dos eleitos?"

"Eu não era um calvinista na ocasião", respondeu o pastor, sem jeito. "De qualquer forma, já que não sabemos quem os eleitos são, nós pregamos o evangelho a todos e deixamos com o Senhor."

"Se ninguém sabe quem são os eleitos", exigiu Al fervorosamente, "então como eu posso saber que sou um dos eleitos? Isso é o que está me incomodando! Pedro diz para tornar a nossa eleição mais firme, mas como eu posso fazer isso quando eu não posso ter certeza que eu sou eleito?"

"Você tem os frutos...", o pastor começou, mas Al olhou para o relógio, murmurou uma desculpa e se dirigiu a porta, balançando a cabeça em confusão.

A "Expiação Limitada" Aumenta Seu Desespero

O terceiro ponto do calvinismo, Expiação Limitada, minou ainda mais a fé simples que Al tinha tido em Cristo. No momento em que ele tinha pensado que ele foi salvo, ele tinha crido que Cristo morreu "por todos [...], pelo ímpio [...], pelos pecadores [...], por todo homem", e assim por *ele*. Ele pensou que o sacrifício de Cristo na cruz foi a propiciação "pelos pecados de todo o mundo" e, portanto, tinha pago a pena por seus pecados. Quão facilmente ele tinha sido enganado por uma ilusão arminiana!

Tinha finalmente tornado a "verdade" para Al que o sangue de Cristo foi derramado somente pelos eleitos; caso contrário, um pouco do sangue teria sido desperdiçado. Multidões já estavam no inferno antes de Cristo morrer. Certamente o seu sangue não foi derramado por *eles*! Como poderia ter sido?

Al se perguntou como ele poderia jamais ter ousado imaginar que Cristo morreu por *ele*! A própria ideia deve ter vindo de seu próprio orgulho. Honestamente forçou Al a admitir que ele nunca tinha tido qualquer prova que ele era um dos eleitos por quem Cristo morreu. Nem podia imaginar como ele poderia ter a esperança de encontrar essa prova.

Al tinha oferecido as "boas-novas" do evangelho aos amigos, parentes e conhecidos. Ele havia dito a muitos, com grande zelo e confiança, "Cristo morreu por *você*! Como você pode rejeitá-Lo quando você percebe que Ele ama tanto *você* que Ele desceu do céu para pagar a penalidade por *seus pecados*, para que Ele pudesse *salvá-lo*

do inferno? Se você fosse a única pessoa na terra, Cristo teria morrido por *você*!"

Agora Al tremeu ao pensar quantos ele tinha enganado. Mas o que ele poderia fazer a respeito? Ele não tinha nenhuma maneira de saber quais não faziam parte dos eleitos. E mesmo se soubesse, qual seria a vantagem em dizer-lhes que tinham uma fé falsa? Eles estavam predestinados ao tormento eterno se "crerem" em Cristo ou não.

Levar outros a Cristo havia dado a Al grande alegria e satisfação, sabendo que ele os encontraria no céu. Agora ele sabia que o evangelho que ele pregou foi uma mentira que levou muitos ao engano, imaginando que Cristo morreu por eles. Quantos ele havia enganado, ele não poderia saber, mas pelo menos eles não estavam em situação *pior* do que antes.

Al agora estava em grande desespero não somente por si, mas também por aqueles a quem ele certamente tinha desviado. Anteriormente, isso lhe trouxe grande alegria que ele tinha se tornado fecundo para Cristo na conquista de inúmeras pessoas para o seu Senhor. Agora ele sabe que não existe tal coisa como "ganhar pessoas para Cristo". É uma ilusão do orgulho humano pensar que alguém pode dizer "sim" ou "não" a Deus! Se alguém será salvo ou perdido tudo foi decidido por Deus na eternidade passada, e nada pode mudar esse fato. John Piper poliu tão entusiasmado com a soberania de Deus e o grande conforto e alegria que ela trouxe; Al tinha se alegrado com seus livros. Agora a soberania de Deus — pelo menos Sua predestinação, apenas os eleitos para o céu — trouxe apenas desespero a Al.

"Graça Irresistível" — o Golpe Final

O quarto ponto, Graça Irresistível, uma vez trouxe grande conforto. Aprender que até mesmo a fé para crer foi toda de Deus havia parecido à primeira vista tão humilde. Agora o perturbava profundamente. Olhando para trás em sua "conversão", como ele lembrava, Al poderia encontrar nada "irresistível" sobre a sua salvação.

Durante sua "conversão", ele tinha dolorosamente pesado a escolha entre mais alguns anos de apreciação pecadora, ou a felicidade eterna com Cristo. Na verdade, ele tinha procrastinado depois que ele conheceu o evangelho. Em seguida, um "acidente" de carro, que os médicos disseram que ele não deveria ter sobrevivido, tornou-se o que ele tinha muitas vezes referido posteriormente como seu "toque de despertar". No hospital, com o homem que agora era o seu pastor que havia apresentado o evangelho, Al havia "dado o seu coração ao Senhor", como ele tinha ouvido tantas vezes expressado. Ele tinha crido em Cristo e sabia que ele tinha passado da morte para a vida por causa da promessa de Cristo.

Isso foi naquele tempo — mas agora era diferente. Agora ele sabia que tudo tinha sido uma ilusão carnal ou mesmo satânica. Sim, ele tinha sido absolutamente convencido de que o evangelho era verdadeiro, e ele sabia que precisava de um Salvador. Ele tinha crido com todo o seu coração que só através de Cristo ter pago a pena por seus pecados ele poderia ser salvo do justo juízo de Deus. Mas agora ele sabia que mesmo aqueles que foram condenados por toda a eternidade poderiam chegar a tais conclusões racionais e achar que haviam crido em Cristo.

Não, ele não tinha prova alguma de que Cristo morreu por *ele* — de que ele era um dos eleitos. Muito menos que ele teve qualquer indicação de que ele havia sido atraído a Cristo pela "graça irresistível" do Pai. Mesmo agora, ele queria crer, queria ser salvo. Ele sentiu que ele amava a Cristo por ter morrido em seu lugar. Mas isso tinha que ser uma ilusão de uma mente totalmente depravada, porque ele não conseguiu identificar qualquer momento em que ele poderia ter sido soberanamente regenerado antes do que ele pensava ser sua conversão. Isso simplesmente não tinha acontecido — ele agora estava certo disso!

Voltando-se a Calvino Por Ajuda

Que ele tinha lido alguns, embora não todos, desses imponentes e intelectualmente desafiadores volumes, as *Institutas da Religião*

Cristã de Calvino, que certa vez tinha dado a Al orgulho considerável. Uma das coisas que o haviam atraído pela primeira vez ao calvinismo foi o fato de que muitos de seus adeptos pareciam ser mais inteligentes do que os cristãos comuns. Eles davam especialmente essa impressão quando eles falavam sobre a eleição. Ele gostava da companhia dos eleitos, e havia uma sensação emocionante de camaradagem em saber que outros não compreendiam a verdade descoberta por Agostinho e repassada a Calvino.

Agora, ele se voltou para as *Institutas* por conforto, na esperança de que Calvino ofereceria algo para acabar com suas dúvidas crescentes. Em vez disso, ele ficou horrorizado. As respostas que Calvino deu às suas perguntas parecia creditar a Deus com a obra de um engano quase diabólico sobre os reprovados, "esclarecendo alguns com um presente sentido da graça, que depois se revela evanescente"[8]. Al estava chocado que Deus enganaria intencionalmente os que o buscavam sinceros, e se perguntava por que ele não tinha notado essas declarações antes. (É claro que não havia "buscadores sinceros" — essa ideia era apenas mais uma ilusão satânica.)

O engano que Calvino atribuiu a Deus soou quase diabólico, deixando Al severamente abalado: "não há coisa alguma que impeça [de Deus] de dar a alguns um ligeiro conhecimento do Seu evangelho, e imbuindo outros minuciosamente [...]; a luz que brilha no réprobo é depois extinta [...]"[9].

Assim, o totalmente depravado, morto-em-ofensas-e-pecados, cadáveres morais não são completamente "mortos", mas capazes de ter "um ligeiro conhecimento" do evangelho, uma luz que Deus os dá que brilha e, em seguida, se apaga, enquanto incapazes de compreender o suficiente para ser salvo! Isso foi *diabólico*. No entanto, isso soa fiel à sua própria experiência. Como ele poderia explicar que ele teve tanta certeza da sua salvação, mas agora estava em desespero?

---

8 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion - Institutas da Religião Cristã, tradução* Henry Beveridge (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, edição de 1998), volume III: ii, 11.

9 Idem, III: ii, 12.

Al procurou desesperadamente na Bíblia, mas não conseguiu encontrar qualquer declaração sobre essa diferença entre os eleitos e não eleitos, especialmente que, a fim de enganá-los, uma falsa luz foi dada aqueles a quem Deus havia predestinado a condenação. Não foi Satanás quem enganou aqueles que não creram, para cegá-los à luz do evangelho? Ele leu João 1:9 novamente. Parecia dizer que Jesus Cristo era "a luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem ao mundo.". Ele procurou *A Soberania de Deus* de Pink, de White *The Potters Freedom*, de Piper *The Justification of God*, e as obras de outros autores calvinistas, mas nenhum deles abordou esse importante verso. Por que foi evitado? Por fim, ele descobriu onde Schreiner lidou com isso em detalhe. Al estava animado para ler, "essa iluminação [...] torna possível aos homens e mulheres escolher a salvação"[10]. Ao ler, no entanto, o entusiasmo se tornou desespero. Schreiner estava dando a visão de John Wesley e passou a desacreditá-lo. A luz de Cristo brilha sobre todos os homens apenas para revelar "o estado moral e espiritual" de cada coração, não para revelar Cristo para eles[11]. Isso certamente concordava com Calvino.

Parecia que Calvino estava dizendo que Deus não somente predestinou multidões a condenação eterna e não havia coisa alguma que eles pudessem fazer sobre isso, mas Ele deliberadamente enganou alguns deles a imaginar que eles eram verdadeiramente salvos quando não eram! Al não se lembrava de nada na Bíblia que apoiaria tal doutrina, e percebeu que Calvino não deu qualquer referência bíblica para amparar o que ele disse. Com horror, Al lê o que agora parecia ser o raciocínio sádico:

> A experiência mostra que os réprobos são as vezes afetados de forma semelhante aos eleitos, que mesmo em seu pró-

10 Thomas R. Schreiner, "Does Scripture Teach Prevenient Grace in the Wesleyan Sense – A Escritura Ensina a Graça Preveniente, no Sentido Wesleyano?" em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace - Ainda Soberano: Perspectivas Contemporâneas sobre a Eleição, Pré-conhecimento e a Graça* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), 237.

11 Idem, 240.

prio julgamento, não há diferença entre eles [...]. Não que eles realmente percebem o poder da graça espiritual e a luz de fé certa; mas o Senhor melhor os convence e os deixa sem desculpas, instila em suas mentes tal sentido da sua bondade, como pode ser sentida sem o Espírito de adoção.

Ainda assim, [...] o réprobo acredita que Deus seja propício a eles, na medida em que eles aceitam o dom da reconciliação, embora confusamente e sem o devido discernimento [...]. Nem eu mesmo nego que Deus ilumine suas mentes para essa medida, que reconheçam a Sua graça; mas essa convicção que ele distingue do testemunho peculiar que Ele dá aos Seus eleitos, a esse respeito, que os réprobos nunca obtém o resultado completo ou a concretização. Quando Ele Se mostra propício a eles, não é como se Ele tivesse realmente os resgatado da morte, e os tomado sob Sua proteção. Ele só os dá uma manifestação de Sua misericórdia presente. Apenas nos eleitos Ele implanta a raiz viva de fé, de modo que perseveram até o fim.[12]

Que "Deus" é Este?!

O que Calvino poderia, eventualmente, ter dito por "misericórdia presente"? Não importa quão "misericordioso" Deus era a essas pobres almas nesta vida, isso poderia ser chamado de "misericórdia" a todos se o seu fim último era a destruição? Não foi cínico chamar um favor temporário de "misericórdia" sobre aqueles predestinados a condenação eterna? Quem poderia crer em um Deus assim?! Al se viu lutando com pensamentos de ateísmo e somente com grande esforço suprimiu essa rebelião.

Lutero, também, em *A Escravidão da Vontade*, parecia apresentar um "Deus" que era apenas um sádico, "merecidamente insultando

12 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion - Institutas da Religião Cristã, tradução* Henry Beveridge (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, edição de 1998), volume III: ii, 11-12.

e zombando"[13] do perdido por os chamar a vir a Cristo quando eles não podiam, sem a ajuda que Ele Se recusou a lhes dar! Uma coisa é zombar daqueles que, tendo recebido uma escolha genuína, terem deliberadamente rejeitado a salvação e persistiram em sua tentativa de destronar Deus. Outra coisa é o Deus de Calvino e de Lutero ter criado o homem sem a possibilidade de se arrepender e crer no evangelho, e em seguida, zombar dele na desgraça a que ele foi predestinado.

Al não conseguiu igualar tal engano com o Deus gracioso, misericordioso e amoroso da Bíblia. Mas esse era o Deus de Agostinho, principal "santo" do catolicismo romano, a quem não só Calvino e Lutero olhavam como seu mentor, mas a quem tantos líderes evangélicos elogiam. Ele foi ainda mais abalado por esta declaração em um livro que ele estava lendo: "a Reforma foi essencialmente um reavivamento do agostinianismo e através dele o cristianismo evangélico obteve a sua independência novamente"[14]. Saber que Agostinho foi o fundador do calvinismo e do "cristianismo evangélico" o sacudiu, como um ex-católico, até a alma.

Qual era a verdade afinal?

Buscando segurança, Al encontrou onde Calvino explicou que o seu ensinamento de que alguns são predestinados para a salvação e outros para a destruição era "o único fundamento seguro de confiança [de que alguém era realmente salvo]", uma confiança que somente os eleitos possuem[15]. Al meditou e orou sobre isso, mas não podia ver como a crença de que Deus havia predestinado alguns para o céu e outros para o inferno poderia dar a alguém a confiança de

13 Martin Luther, *The Bondage of the Will - A Escravidão da Vontade*, tradução J. I. Packer e O. R. Johnston (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11ª impressão, 1999), 153.

14 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination - A Doutrina Reformada da Predestinação* (phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), 367.

15 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion - Institutas da Religião Cristã*, *tradução* Henry Beveridge (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, edição de 1998), volume III: xxi, 1.

que ele foi escolhido para o céu. Ele era cego, totalmente reprovado, e incapaz de ver a verdade?

Sua incapacidade de dar sentido a Calvino parecia ser a confirmação final de que ele estava perdido eternamente sem qualquer esperança. O único encorajamento que ele recebeu durante esses dias negros veio da Confissão de Westminster: "os verdadeiros crentes podem ter a certeza de sua salvação diversas vezes abalada, diminuída, e interrompida [...], por Deus retirar a luz do Seu rosto, permitindo que andem em trevas e não tenham luz mesmo os que temem [...]"[16]. Isso parecia trazer um vislumbre de esperança renovada, mas ele não conseguia encontrar a base bíblica dos verdadeiros crentes sentir falta da segurança que a Bíblia promete a fé simples.

Em seguida, um amigo lhe deu um livro que, segundo ele, resolveu todas as suas dúvidas. Era *The Reformed Doctrine of Predestination* de Loraine Boettner. A contracapa traseira afirmava ser "uma das declarações mais completas e convincentes sobre a predestinação jamais surgida em qualquer idioma [...] uma obra de autoridade nessa área"[17]. Al começou a lê-lo com grandes esperanças. Em vez disso, o livro o chocou ainda mais. A recomendação do *Christianity Today* que "o capítulo sobre o calvinismo na história revelará, iluminando a muitos"[18] o levou a ler essa parte primeiro.

Al ficou imediatamente incomodado com a admissão de Boettner de que os primeiros lideres cristãos teriam rejeitado a visão do calvinismo da predestinação e que "essa verdade cardeal do cristianismo foi primeiro claramente vista por Agostinho [...]"[19]. Ele sabia muito bem que Agostinho foi responsável pela maior parte das doutrinas e práticas do catolicismo. Um artigo de jornal recente disse que

---

16 Confissão de Fé de Westminster (London: n. p., 1643), XVIII: iv.

17 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination - A Doutrina Reformada da Predestinação* (phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), Contra-capa.

18 Idem.

19 Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination - A Doutrina Reformada da Predestinação* (phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932), 365.

o papa e a Igreja Católica Romana apenas mantiveram algum tipo de observância comemorativa na qual esse "Santo" foi saudado como o "Doutor da Igreja". Como poderia o calvinismo ser uma "verdade cardeal do cristianismo" se por séculos líderes cristãos creram no oposto, até que Agostinho, o maior católico romano, "descobriu" isso?

Não Há Maneira Alguma de Fugir?

Durante os quase vinte e cinco anos que ele tinha sido um católico, Al havia confiado na Igreja e nos seus sacramentos para seu destino eterno. É claro, sob esse sistema de obras, rituais, medalhas, escapulários, e intervenção dos "santos" ele nunca poderia ter certeza de que ele era salvo. O desejo de segurança foi um fator-chave para fazê-lo até mesmo considerar ouvir o que ele foi ensinado desde a infância que eram heresias protestantes.

E agora, em seu desespero, ele considerou voltar-se para Roma, mesmo sabendo que ele iria encontrar ainda menos segurança do que no calvinismo. Sua antiga Igreja lhe ensinou que não se pode ter certeza de ir para o céu; na verdade, era um pecado reivindicar tal confiança. Lembrou-se vagamente do anátema pronunciado pelo Concílio de Trento sobre aqueles que cometem o pecado da presunção dizendo que eles *sabem* que são salvos e nunca se perderão.

Agora Al entendeu finalmente por que o Cardeal O'Connor declarou:

> O ensinamento da Igreja é que eu não sei, a qualquer momento, qual será meu futuro eterno. Eu posso ter esperança, rezar, fazer o meu melhor — mas eu ainda não *sei*. O papa João Paulo II não *sabe* absolutamente se ele vai para o céu, nem a Madre Teresa de Calcutá, a menos que ambos tiveram uma revelação divina especial.[20]

---

20 Sam Howe Verhovek, "Cardinal Defends a Jailed Bishop Who Warned Cuomo on Abortion - Cardela Defende Bispo Encarcerado que Avisou Cuomo sobre Aborto", *The New York Times, 1 de fevereiro de* 1990, A1, B4.

Isso era o que ele precisava — uma revelação especial de Deus! De que outra forma se poderia ter certeza, quer como um católico ou como um calvinista, de ser predestinado a perseverar até o fim? Paulo tinha exortado os Coríntios, "examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos" (2 Coríntios 13:5). Al tinha pensado que era um chamado para examinar o seu coração para a certeza de que sua fé em Cristo era sincera e foi vivida em sua vida por meio da orientação e capacitação de Deus: "[...] operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade" (Filipenses 2:12–13).

Mas um autor calvinista a quem ele havia lido argumentou a partir dessa escritura que, "'é Deus quem efetua em vós tanto o querer e o realizar'. Se isso é verdade, após a conversão, quando eu sou feito livre em Cristo, isso deve ser ainda mais antes da conversão, quando eu sou um escravo do pecado"[21]. Nenhuma prova era mais necessária da eleição soberana. É Deus quem faz tudo. Então o que um bom alto exame faria? Isso nunca revelaria se alguém estava entre os eleitos. Ele precisava de uma revelação especial de Deus — mas por quanto tempo ele deve esperar para saber que nunca viria?

"Hipercalvinismo?" O Que É Isso?

Al levou sua confusão de volta ao seu pastor novamente. Eles tiveram uma longa conversa, que não parecia chegar a lugar algum. O pastor podia ver que Al estava perto do desespero. Colocando a mão no ombro de Al, ele sugeriu: "vamos dobrar os joelhos e orar sobre isso, Al."

Ambos oraram fervorosamente para que Deus pudesse limpar todas as dúvidas e confusão, por Sua graça soberana. Quando eles se levantaram da oração, o pastor foi até a estante, pegou um livro, e entregou a Al. Era uma cópia bem gasta do relativamente novo livro de John MacArthur Jr., *The Love of God*.

21 Wm. Oosterman, "Take a Long Look at the Doctrine of Election - Examinando com Cuidado a Doutrina da Eleição" (Ottawa, Canada: The Lord's Library Publications, sem data), 7. Disponível na Igreja Batista Westboro, em Ottawa.

"Não se apresse — me devolva quando você terminar", ele disse a Al. "Eu acho que você caiu no "hipercalvinismo. Isso vai ajudar."

"Hipercalvinismo? O que você quer dizer?"

"Ora, às vezes é difícil dizer a diferença. Eu acho que eu sou o culpado por levar você a ele. Eu tenho enfatizado a Eleição Incondicional e a Expiação Limitada — talvez um pouco demais — sem o amor de Deus suficiente pelo mundo..."

"*Amor de Deus pelo mundo*? O que você está falando? Você não pode dizer *todos*...!"

"Ora, essa é a diferença entre hipercalvinismo e a posição mais moderada que o dr. MacArthur defende neste livro. Deus ama a todos, e João 3:16 praticamente significa que todos nós costumamos pensar que isso significava..."

"Praticamente...?"

"Ora, Deus quer que todos sejam salvos..."

"O que você está dizendo?" Al interrompeu bruscamente. "Você soa como um arminiano! Você sabe que Cristo não morreu por todos! É isso que MacArthur diz?"

"Claro que não! Você sabe que ele afirma a Expiação Limitada. Ainda assim... Ele mostra conclusivamente que, ao contrário do hipercalvinismo, Deus tem um desejo sincero de que todos sejam salvos...!"

"Um desejo sincero de salvar aqueles que Ele predestinou para o Lago de fogo...? Isso não é o que você me ensinou e não faz sentido. Você está brincando comigo?"

"Por favor. MacArthur prova que Deus ama genuinamente mesmo o réprobo... Mas com um *tipo diferente* de amor do que o que Ele tem para os eleitos."

"*Tipo diferente de amor*? Não é o amor de qualquer tipo ainda amor?"

"Ora, existem diferentes *tipos* de amor... J.I. Packer diz o mesmo, e assim faz Piper... amor pela esposa, amigo, vizinho, e mesmo o inimigo... MacArthur admite francamente que 'é difícil conciliar o amor universal de Deus com a doutrina da eleição'"[22]

---

22 John MacArthur, *The Love of God - O Amor de Deus* (Dallas, TX: Word Publishing, 1996), li O.

"*Amor Universal*? Agora você *está* brincando comigo!"

"Olha, basta levar este livro e ler com cuidado. Ele responderá a sua perguntas..."

Onde Está a Diferença?

A próxima noite após a Ceia, em vez de ir para o estudo da Bíblia dos homens que, ultimamente não parecia chegar a lugar algum, Al ficou em casa e começou a ler o novo livro com grandes esperanças. Quanto mais lia, mais confuso ficava.

Primeiro de tudo, o que MacArthur — e agora aparentemente seu pastor — identificaram como hipercalvinismo o que soou para Al o próprio calvinismo que foi ensinado pelo pastor e que tinha aprendido nos livros que estava lendo dos autores calvinistas — e que incluía o próprio Calvino. Certamente tanto os moderados quanto os hipercalvinistas abraçaram todos os cinco pontos, incluindo a Expiação Limitada. Então, qual era a diferença?

Al finalmente concluiu que os "hiper" negaram que Deus ama a todos. Para eles, "porque Deus amou o mundo" não significa cada pessoa "sem exceção, mas sem distinção" (uma frase mistificadora que agora ele percebeu o quanto tinha sido orgulhoso de se interpor em discussões com não calvinistas) — todos os *tipos* de pessoas que compunham os eleitos, mas não cada indivíduo de cada tipo. Mas nesse livro, MacArthur afirmou que Deus amou *a todos* — mesmo os réprobos — e que isso era o que os calvinistas clássicos sempre creram: "o fato de que alguns pecadores não são eleitos para a salvação não é prova de que a atitude de Deus para com eles é totalmente desprovida de amor sincero [...]. Ele ama os eleitos de uma maneira especial reservada apenas para eles. Mas isso não faz Seu amor pelo resto da humanidade menos real."[23]

Então Deus tem (ou teve) um amor *real* por aqueles que Ele nunca teve a intenção de salvar? "Que absurdo!" Al murmurou, começando a sentir raiva. "Por que não admitir a verdade?"

---

23 Idem, 14-16.

Enquanto lia, Al destacou todos os lugares no livro onde lhe parecia que MacArthur se contradizia, a maioria dos quais o próprio pastor já havia destacado, embora aparentemente em aprovação. Al mostrou ao pastor as contradições na próxima vez que eles se reuniram para a sua sessão de discipulado semanal.

"Eu acho que MacArthur está jogando um jogo de semântica", queixou-se Al. "Ele acredita na mesma coisa que os chamados hipercalvinistas creem, mas ele não é tão honesto em admitir isso! Ele oculta isso com a conversa sobre Deus amar a todos, mas que o aprisiona em graves contradições!"

"Como você pode dizer isso, Al? Ele passa um livro inteiro mostrando na Escritura que Deus ama toda a humanidade..."

"Sim, e isso é o problema! *Ama a todos*? Mas isso é realmenlte amor? Olhe aqui: 'Ele ama os eleitos de uma forma especial, reservada apenas para eles, mas isso não faz de Seu amor pelo resto da humanidade menos real'..."[24]

"Sim, isso é o que eu acredito. Então...?"

"Será que é *amor verdadeiro* predestinar alguém para o tormento eterno, que poderia ter sido salva?"

"Bem, Deus não está sob obrigação alguma de amar a todos da mesma forma", protestou o pastor. "Ele deve ser tão livre como devemos amar as pessoas diferentes de formas diferentes!"

"Não é uma questão de *obrigação*", insistiu Al. "Eu não perguntei se Deus era *obrigado* a amar a todos. É claro que Ele não é — não por qualquer lei. Ele faz as leis. Mas não é o amor Sua própria essência? Ele *é* amor. Então, Sua própria natureza O compele a amar a todos ..."

"Mas não da mesma forma!" interrompeu o pastor. "Há diferentes tipos de amor. Meu amor por minha esposa e filhos é diferente do meu amor por meu vizinho..."

"Eu não estou tentando ser argumentativo. Deus sabe que eu gostaria de ter isso resolvido. Eu amo meu próximo como a mim mesmo. Mas, esquecendo-se esse alto padrão... Seria *qualquer tipo de amor* para mim tocar fogo na casa do meu vizinho?"

"É claro que não", veio a resposta imediata e firme.

24 Idem, 16.

Contradições... e Linguagem Dúbia

"Então, como isso pode ser amor, Deus predestinar multidões ao lago de fogo por toda a eternidade? Isso é linguagem dúbia!"

"Não, não é. Você esquece que esses são pecadores. Eles merecem isso. Eles odeiam a Deus, se rebelaram contra Ele... Iriam retirar Deus do Seu trono, se pudessem...! Deus tem que reivindicar Sua justiça."

"Mas não são todos os homens igualmente culpados e merecedores de punição eterna? Se a justiça de Deus O permitiu salvar os eleitos, como isso poderia impedi-Lo de salvar todo o resto da humanidade? Sua justiça foi satisfeita em Cristo — somente pelos eleitos, é claro. Mas Deus não podia muito bem ter escolhido eleger todos, para Cristo morrer por toda a humanidade, e soberanamente regenerar e prover todos com fé para crer?"

"Mas esse não foi o Seu plano..." o pastor protestou.

"Plano? Esse é o ponto. Ele *poderia ter* incluído a todos nesse plano. Então, como isso é o amor de Deus excluir *qualquer* que Ele pudesse salvar?"

"Isso é exatamente o que MacArthur explica. Deixe-me ver esse livro." O pastor folheou rapidamente como alguém que tinha lido várias vezes. "Olhe aqui", ele disse por fim: "'certamente Sua súplica com o perdido, Suas ofertas de misericórdia aos reprovados, e a chamada do evangelho a todos os que ouvem são todas expressões sinceras de coração de um Deus de amor [que] chama carinhosamente os pecadores a se converterem dos seus maus caminhos e viverem. Ele oferece a água da vida a todos (Isaías 55:1; Apocalipse 22:17) [...]. Teólogos reformados sempre afirmaram o amor de Deus por todos os pecadores [...], porque o Pai ama a raça humana, e deseja que eles não se percam'. Em seguida, MacArthur cita Calvino, que disse o mesmo de João 3:16, que Cristo 'empregou o termo universal *a todo aquele*, tanto para convidar a todos indiscriminadamente para participar da vida, como para cortar todas as desculpas dos incrédulos'."[25]

---

25 Ibid.,17-18.

Al deu para o seu pastor um olhar longo, duro de descrença. "Isso é mais linguagem dúbia... E isso convence *você*? Eu li o livro. Eu sei o que MacArthur diz. Vire a página... Aqui, deixe-me ver. Olhe o final desta citação. Calvino diz, 'mas os eleitos só são aqueles cujos olhos Deus abre...'"

"Claro. Se Deus realmente queria que todos fossem salvos, então todos eles seriam. Então...?"

"Você não vê a contradição? Deus convida *a todos* para a salvação — incluindo aqueles por quem Cristo não morreu e que Ele já determinou, desde a eternidade passada, não salvar e predestinou ao tormento eterno? Certamente MacArthur não pode estar falando sério! E você acha que isso faz sentido?"

"Somente porque parece uma contradição para nós...", o pastor começou sem muita convicção, mas Al o interrompeu.

"Você sabe muito bem", interrompeu Al impacientemente, "que você me disse várias vezes que o calvinismo ensina que Deus realmente não quer que todos sejam salvos. Ele só abre os olhos dos eleitos! Você acabou de dizer que se o fizesse, todos *seriam* salvos. Vamos, Pastor! Isso é como a emissão de um convite geral para todos em nossa igreja para virem à minha casa para jantar, mas apenas dizendo a um seleto grupo onde eu moro e mantendo o meu endereço em segredo do resto. Claro, meus amigos calvinistas me defendem e insistem que eu realmente quero que todos venham, mesmo que se eu tornar impossível para a maioria das pessoas me encontrar. Isso é linguagem dúbia! E é como tudo ao longo deste livro! Eu não sei em que acreditar mais. Eu quero acreditar na Bíblia — mas eu perdi a confiança nela porque tantos homens brilhantes como Sproul, Packer, Piper, e MacArthur têm a pretensão de encontrar justificação nisso para as contradições mais gritantes."

Essa não foi uma cena agradável. A discussão se tornou intensa, com o pastor defendendo MacArthur, e Al com ressentimento e impaciente insistindo que a contradição foi vergonhosamente óbvia e que formou a própria base do calvinismo. Finalmente ele pediu desculpas ao pastor por ficar irritado. Ele se arrependeu de ter iniciado a discussão e ele deixou a igreja e se dirigiu para o trabalho.

Sufocando Um Pensamento Mais Preocupante

Al teve um tempo difícil, o dia todo tentando manter sua mente em seu trabalho. Remoendo a conversa semântica sobre Deus amar a *todos*, a verdade era que qualquer *tipo* de amor que o calvinismo creditou a Deus para os não eleitos não era genuíno o suficiente para realmente desejar a salvação deles. E isso significava que não era amor de forma alguma, apesar de MacArthur e Piper escreverem livros inteiros para tentar provar que a "oferta" de salvação para aqueles a quem Deus excluiu especificamente da salvação é sincera e amorosa.

Isso deixou Al irritado cada vez que pensava da hipocrisia dos calvinistas "moderados", alegando que Deus sinceramente amava aqueles que havia predestinado ao tormento eterno quando Ele poderia ter os incluído entre os eleitos tão bem como os outros. Aqueles que eles criticaram como hipercalvinistas eram simplesmente honestos o suficiente para admitir a verdade. Mesmo se a "graça comum" de Deus deu todo o mundo para alguém que Ele *poderia* ter salvo, mas em vez o consignou às chamas eternas [...] não havia maneira alguma de chamar isse *amor*!

Bem, isso era uma falha geral no calvinismo que ele nunca tinha visto antes. Agora ficou claro. Que "Deus" era esse que os calvinistas de todos os tipos creram? Al não poderia mais crer em um Deus assim. Ele estava se tornando um ateu? Ele sabia que não podia estar certo — mas a tentação de rejeitar a Deus por completo se apoderou dele e era assustadora.

Após sua conversão Al se tornou um ferrenho defensor da necessidade de apologética. Criado em escolas católicas romanas, ele tinha sido ensinado que a evolução era verdadeira. Na universidade, um debate sobre a evolução entre um geneticista cristão e um professor no mesmo campo o iniciou pela primeira vez em uma investigação que finalmente teve um papel vital em sua conversão a Cristo. Ele ponderou cuidadosamente uma grande quantidade de evidências e descobriu que tudo apontava para a validade da Bíblia e do Cristianismo.

Como calvinista, no entanto, ele tinha perdido o seu interesse em apologética. Alguns de seus amigos calvinistas do grupo de estu-

do entraram pesadamente em apologética — mas baseados em quê? Os eleitos não precisavam de provas ou de persuasão, e isso não faria qualquer bem aos não eleitos. Por um tempo, ele sentiu um pouco confuso e até mesmo culpado por sua mudança de mente, mas isso se dissipou quando um companheiro calvinista (que era a mais tempo do que ele) apontou a partir das *Institutas* de Calvino, onde tal atitude era justificada.

A Fraqueza de Calvino Como Apologista

Seria, claro, cnosistente com o calvinismo ver provas e razão como sendo de pouco ou nenhum valor no estabelecimento da fé. Afinal de contas, a fé é um dom de Deus dado somente aos eleitos após a sua regeneração. Na verdade, por que deveria um calvinista estar preocupado (embora Al observou que muitos, de forma inconsistente, estavam) em oferecer evidências ao ímpio da existência de Deus, e que a Bíblia é verdadeira em cada palavra? O totalmente depravado não pode ser influenciado pela verdade, enquanto que os eleitos não precisam de tal persuasão — uma vez que são soberanamente, sem qualquer fé, regenerados, a fim de levá-los a crer — e evidência não tem coisa alguma a ver com esse fato. Não é de se admirar que Calvino fez tão pouco uso de evidências e provas:

> Os profetas e apóstolos [...] [não] se baseiam em razões; mas eles apelam para o sagrado nome de Deus, a fim de que o mundo inteiro possa ser compelido a submissão [...]. Se, então, nós [...] salvaria[mos a] nós mesmos da [...] incerteza, de hesitação, e até mesmo de ficar tropeçando [...], a nossa convicção da verdade das Escrituras deve ser derivada de uma fonte maior do que as conjecturas humanas, [...] a saber, o testemunho secreto do Espírito [...] é absurdo tentar, por discussão, levantar uma fé completa na Escritura [...].
>
> Homens profanos [...] insistem em ter provado pela razão que Moisés e os profetas foram divinamente inspirados.

> Mas eu respondo que o testemunho do Espírito é superior à razão. Porque, como só Deus pode corretamente testemunhar suas próprias palavras, de modo que essas palavras não vão obter crédito total nos ouvidos dos homens, até que sejam selados pelo testemunho interior do Espírito [...]. Deixe, portanto, ficar estabelecido que [...] a escritura carrega sua própria evidência com ela, se digne por não apresentar provas e argumentos, mas tenha a plena convicção de que devemos recebê-la com o testemunho do Espírito [...]. Nós não pedimos provas ou probabilidades [...].
>
> Essa, então, é uma convicção que pede as razões; tal conhecimento que está de acordo com a maior razão, a saber, o conhecimento em que a mente repousa mais firmemente e seguramente do que em quaisquer razões [...] a convicção que somente a revelação do céu pode produzir [...] a única fé verdadeira é aquela que o Espírito de Deus sela os nossos corações [...].
>
> Esse privilégio singular Deus concede apenas aos seus eleitos, a quem ele separa do resto da humanidade [...] se a qualquer momento, então, estamos preocupados com o pequeno número daqueles que creem, vamos [...] chamar a atenção para que ninguém compreende os mistérios de Deus salvar aqueles a quem isso é dado.[26]

Parecia bíblico e razoável a Al que o testemunho subjetivo do Espírito Santo foi apoiado pela prova objetiva. A Bíblia está cheia de provas. Os profetas, Apóstolos, e o próprio Cristo aplicaram tais provas para convencer os incrédulos a crer em Deus e para fortalecer a fé dos crentes. Certamente, provas sólidas devem ser usadas na apresentação do evangelho e no reforço da segurança dos crentes.

26 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion - Institutas da Religião Cristã, tradução* Henry Beveridge (Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans Publishing Company, edição de 1998), volume *71-73*

Mas qual era a questão, se apenas aos eleitos é dada a fé salvadora e isso sem qualquer prova, mas como resultado da regeneração soberana? Então por que Paulo e os apóstolos, seguindo o exemplo de Cristo, dedicaram-se a *provar* o evangelho (Atos 1:3; 9:22, 29; 10:43; 13:26–41; 17:2–3, 17–31; 18:9–11, 28, etc.)?

Al percebeu que os muçulmanos poderiam testemunhar a maior parte do que Calvino disse sobre o testemunho interior do Espírito. Eles não precisam de provas, porque eles têm uma convicção interior de que Allah inspirou Maomé. A evidência interna e externa, no entanto, revela que O Alcorão não é verdade e que Maomé era um falso profeta. Os mórmons também são capazes de se agarrar à sua "fé" apesar da total falta de provas para o Livro de Mórmon (Na verdade, muita evidência o refuta, tal como o vídeo *DNA vs. O Livro de Mórmon*), porque a sua validade foi supostamente verificada a eles por Deus por meio de um "ardor no peito." Essa é a "fé" secreta de cada membro convencido da seita.

Tendo menosprazado as provas, Calvino passou a oferecer algumas, mas elas eram, em geral, fracas e dificilmente seriam suficientes para convencer um cético inteligente. Elas envolviam a majestade da linguagem e sublimes verdades estabelecidas nas Escrituras mais do que evidências para a sua inspiração. Ele tocou brevemente em algumas profecias, mas elas eram do tipo que foram cumpridas em curto espaço de tempo, como a restauração dos filhos de Israel sob Ciro. As profecias mais poderosas cumpridas em Israel na história e na vinda do seu Messias foram quase completamente negligenciadas — o primeiro, sem dúvida, por causa da rejeição de Israel como povo de Deus, que Lutero e Calvino, herdaram do seu catolicismo.

Calvino gastou vários capítulos falando das evidências que Deus existe, que a Bíblia é a Palavra de Deus, e que Deus é o único Deus verdadeiro, em contraste com os falsos deuses dos pagãos. Mas por que fazer isso, se não é importante? Os eleitos certamente não precisam de prova alguma. Além disso, as provas que ele ofereceu eram fracas e superficiais e teriam pouco peso com qualquer cético inteligente. Então, muitos outros escreveram apologética que são muito superiores as de Calvino, que ele perdeu seu tempo.

Nós não minimizamos o testemunho do Espírito Santo dentro do crente. No entanto, a Bíblia oferece prova após prova como fizeram os apóstolos e profetas. Temos as profecias cumpridas, a evidência histórica, e as provas científicas e lógicas. Essas são importantes para estabelecer a Palavra de Deus e do evangelho que ela contém como a verdade de Deus. Paulo disse a Tito que o ancião deve "admosestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes" (Tito 1:9).

Al não tinha perdido totalmente o seu interesse em apologética, mas parecia de pouco valor à luz de sua nova compreensão. Além disso, ele não encontrou nesperança alguma de a apologética ser capaz de provar que ele era um dos eleitos. Na verdade, não havia qualquer maneira da apologética poder estabelecer a verdade da eleição — e muito menos determinar a identidade dos eleitos. Essa percepção o perturbava muito.

CAPÍTULO 31

DESCANSANDO NO AMOR DE DEUS

Quanto mais profundamente estudava o assunto da segurança, tanto mais confuso Al se tornava nas frequentes contradições entre os calvinistas. Ele leu onde John MacArthur disse que: "aqueles cuja fé é genuína provarão que a sua salvação é certa, perseverando até o fim no caminho da justiça"[1]. Contudo, Joseph Dillow, em um livro que tinha sido altamente recomendado a Al por seu pastor, à medida que dava a instrução mais clara sobre a segurança da salvação, criticava MacArthur e (com muitas citações de Calvino para apoiá-lo) declarava que "a fé salvadora, em Calvino e no novo Testamento, é uma coisa passiva, localizada na mente"[2]. Nesse caso, seria independente de quaisquer obras.

Calvino argumentou que "se estamos em comunhão com Cristo, temos prova suficientemente clara e forte de que estamos escritos no Livro da Vida"[3]. Porém considerando o engano de cada coração humano, como poderíamos ter certeza de que estamos em comunhão com Cristo — e quanto a todas as outras coisas que Calvino disse a respeito da falsa segurança, que contradizem essa afirmação? Al estava agora exatamente onde Calvino tinha dito que ele estaria: "todos aqueles que não sabem que são pessoas peculiares a Deus, devem ser miseráveis de perpétua trepidação"[4]. Assim, sua miséria era, afinal, infinita?

A confusão de Al só cresceu (porém, com ela, um vislumbre de esperança) quando ele leu o reconhecimento de Gerstner de que aqueles que pensam que têm plena segurança de que são salvos "fundamentam-se nas definições defeituosas da fé salvadora, às quais recebemos dos primeiros Reformadores. Eles [...] definiram a

---

1 John F. MacArthur, Jr., *The Gospel According to Jesus* (Academic Books, Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1988), p. 98.

2 Joseph C. Dillow, *The Reign of the Servant Kings: A Study of Eternal Security and the Final Significance of Man*, 2. ed. (Haysville, NC: Schoettle Publishing Co., 1993), p. 253.

3 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxiv.5.

4 Ibid., vol. 3, xxi.1.

fé salvadora como uma crença de que 'Cristo *me* salvou', tornando a garantia de esperança sua essência necessária. Agora, os reformadores posteriores [...] sujeitaram essa visão a buscar o escrutínio e a rejeitaram (como faz a Assembleia de Westminster), fundamentados nas escrituras"[5]. Isso só poderia significar que a antiga segurança da salvação do Al tinha estado, realmente, de acordo com os primeiros Reformadores e, eram os posteriores que se retiraram daquela posição! A quem ele deveria dar crédito — e, por que esse desacordo, entre os calvinistas?

Al questionava como ele tinha esquecido o fato de que tantos calvinistas pareciam insistir que a garantia era *impossível*. Kenneth Gentry escreveu, "a segurança é subjetiva [...]. Dabney justamente observa que [segurança absoluta] exige uma revelação além da Escritura, porque a Bíblia não fala, especificamente, ao indivíduo em questão. Em nenhum lugar da Bíblia aprendemos [...] que Ken Gentry está entre os eleitos"[6]. Al estava muito abalado. A partir de artigo do Gentry e de declarações semelhantes de outros líderes calvinistas, ele estava concluindo que o calvinismo, realmente, fez oposição à segurança que ele estava procurando. Isso parecia ser o que Walter Chantry estava dizendo:

> Poucos parecem apreciar as dúvidas dos cristãos professos que questionam se já nasceram de novo. Eles não têm nenhuma dúvida de que Deus cumprirá Suas promessas, porém eles se perguntam se eles cumpriram devidamente as condições para serem herdeiros dessas promessas [...]. Eles estão fazendo uma pergunta legítima: "cremos e nos arrependemos? Somos os recipientes da graça de Deus[...]?" Visto que lemos de hipócritas autoenganados, como Judas,

5 *Discussions by Robert L. Dabney*. C. R. Vaughn, ed. (Richmond, VA: Presbyterian Committee of Publication, 1890), vol. 1, 183.

6 Kenneth Gentry, "Assurance and Lordship Salvation: The Dispensational Concern" *(Dispensationalism in Transition*, set. 1993); citado em Robert N. Wilkin, "When Assurance Is Not Assurance", *Journal of the Grace Evangelical Society*, outono de 1997, vol. 10, pp. 19, 27–34.

> essa é uma questão imperativa. "O que eu devo fazer para ser salvo?" É uma questão completamente diferente de: "como eu sei que eu fiz isso?" Você pode responder à primeira pergunta confiantemente. Somente o Espírito pode responder à última com certeza.[7]

Al não estava somente confuso, mas também profundamente preocupado com a própria seletividade dos principais apologistas calvinistas, as quais ele começou a perceber e que temos documentado, em capitulos anteriores. Em seu zelo para negar que vontade tinha alguma coisa a ver com a fé e para mostrar que ela era inteiramente uma atitude mental produzida pelo Espírito Santo sem a vontade do homem, Dillow citou Efésios 6:23 ("paz seja com os irmãos e amor com fé, da parte de Deus, o Pai e do Senhor Jesus Cristo")[8], porém, negligenciou mencionar Efésios 6:16 ("acima de tudo, tomando o escudo da fé [...]"). Uma vez que "tomando" certamente era algo que devemos fazer, assim, crer deve ser a nossa responsabilidade também. Contudo, isso contradiz a própria soberania que Dillow estava declarando. Não é de se admirar, que ele não tenha mencionado esse verso!

Al encontrou pouco conforto nos seus amigos calvinistas. Eles tinham suas próprias dúvidas, as quais eles geralmente negavam, apenas admitindo-as em raros momentos de franqueza. Tudo se dava soberanamente, sem qualquer parte para o homem desempenhar, afinal — exceto que se tinha de perseverar até o fim e demonstrar a perseverança nas próprias vidas. E Al sabia que ele estava falhando nesse teste.

Um amigo tinha dado a Al, um artigo de R. C. Sproul, intitulado "Segurança da Salvação." Al o leu ansiosamente esperando encontrar ajuda, até se deparar com esta declaração preocupante: "há pessoas,

---

7 Walter D. Chantry, *Today's Gospel: Authentic or Synthetic* (Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1970), pp. 75–76.

8 Joseph C. Dillow, *The Reign of the Servant Kings: A Study of Eternal Security and the Final Significance of Man*, 2. ed. (Haysville, NC: Schoettle Publishing Co., 1993), p. 280.

neste mundo, que não são salvas, mas estão convencidas de que são [...]"[9].

Isso parece descrever a própria falsa segurança que ele já teve. Agora entendia melhor. Quanto mais pesquisou, mais convencido se tornou de que a segurança dos céus estava fora de seu alcance. E, para sua surpresa, Al descobriu que a incerteza da salvação era bastante comum entre os calvinistas. Uma declaração de I. Howard Marshall pareceu ir direto ao seu coração, porque era muito verdadeira de sua própria situação: "quem disse: 'o calvinista sabe que ele não pode perder a salvação; porém, não sabe se ele já a conseguiu', o resumiu muito bem"[10]. Será que o próprio calvinismo, então, era a raiz das suas dúvidas?

Quanto mais Al lia, mais confuso se tornava. Dillow continuou e continuou falando sobre a fé que traz segurança[11], até que ela se tornou tão complexa teologicamente para o carcereiro de Filipos discernir o que Paulo queria dizer, quando disse: "crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo" (Atos 16:31). Assim, poderia ela realmente ser mais simples que a simples afirmação de Paulo?

A Questão Central: O Amor de Deus

O semblante perturbado e o mau humor crescente de Al finalmente levaram Jan a quebrar o silêncio. "Deixe-me ver se entendi", ela começou. "O Deus no qual você agora acredita —"

"O que você quer dizer com 'o Deus, no qual eu agora acredito'?" Al exclamou irritado. "Ele é o mesmo Deus no qual sempre

9 Citado em Philip F. Congdon, "Soteriological Implications of Five-point Calvinism", *Journal of the Grace Evangelical Society*, outono de 1995, vol. 8, pp. 15, 55-68.

10 Howard Marshall; citado em D. A. Carson, "Reflection son Christian Assurance", *Westminster Theological Journal*, vol. 54, pp. 1, 24.

11 Joseph C. Dillow, *The Reign of the Servant Kings: A Study of Eternal Security and the Final Significance of Man*, 2. ed. (Haysville, NC: Schoettle Publishing Co., 1993), pp. 272-279.

acreditei e Aquele em que você também acredita!""Sério? Eu ouço, atentamente, o Pastor Jim... E eu não sou a única com as mesmas preocupações. O Deus da Bíblia, no qual acredito (e você costumava crer), ama o mundo inteiro e deseja que todos sejam salvos. Ele nos dá todo o direito de escolher — portanto, não é obra Sua se alguém vai para o inferno..."

"Essa é a sua interpretação", interrompeu Al. Ele não poderia deixar Jan saber das suas dúvidas.

"Deixe-me terminar, por favor[...]? Seu *novo* Deus não dá, a pessoa alguma uma escolha. Ele regenera certos eleitos contra a vontade deles, e —"

"Isso não é verdade!" Al atirou de volta, rapidamente. "Ele nos torna dispostos, mudando os nossos corações."

"Você *foi* disposto para ser regenerado?"

"Eu não sabia que estiva sendo regenerado". Essas palavras escaparam sem Al perceber. Ele tinha que continuar. "Isso tem que acontecer primeiro, antes que alguém possa crer no Evangelho. Fomos regenerados e, em seguida, nos foi dada a fé —"

"Exatamente o que eu disse. Sua vontade estava disposta contra Deus. Repentinamente, Ele regenerou você. Se isso não é contra a sua vontade..."

"Bem... preciso pensar a respeito."

"Você não teve escolha. Ele simplesmente elegeu você."

"A Graça tem que ser *irresistível*, pois ninguém a deseja. Você acha que um Deus soberano vai deixar o homem ter a última palavra? Assim Ele não é soberano! O Deus que eu creio não vai deixar o homem, insignificante, frustrar os Seus propósitos! Você não entende a soberania... Deus não compartilha o Seu Trono!"

"Soberania, presciência, livre-arbítrio... Os calvinistas tornam tudo tão complicado", contrapôs Jan. "Porém a Bíblia é simples o bastante para uma criança entender. A questão real é o amor — e que esclarece tudo. Você realmente crê que Deus é amor e que ama apenas alguns, predestinando o restante à condenação eterna? Que amor é esse?"

"Bem... A Bíblia ensina a eleição. Você admite que..."

"Esqueça eleição por um momento, pois complica muito. Existe algo mais simples — Deus é amor. Eu não acredito que o Deus

que eu conheço enviaria alguém para o inferno se Ele pudesse resgatá-lo!"

"Isso também não *me* deixa confortável. Porém, a Bíblia ensina que essa é a boa vontade de Deus."

"*Onde* a Bíblia diz isso? Minha Bíblia diz que Deus não tem prazer na destruição do ímpio, mas quer que todos sejam salvos. Al, eu amo você, mas não posso continuar com isso. Esse não é o Deus de amor que eu conheço e do qual já li na Bíblia. Eu penso que o calvinismo, você e o pastor estão deturpando a Deus. Mas eu não quero discutir isso — estamos apenas brigando."

"Não estamos brigando, Jan. Isso é importante. Eu tenho estudado isso por meses."

"Al, eu admiro o esforço que você coloca nisso. Mas ele não conduz a estudo algum que veja Deus ama o mundo de tal maneira, que enviou o Seu filho para morrer pelos pecados de todos, *para que "o mundo, através Dele, pudesse ser salvo*'. E esse é apenas um verso."

"*Mundo* não quer dizer todos os indivíduos, mas todos os *tipos* de pessoas que compõe a humanidade — os eleitos", Al contrapôs. "Você não está entendendo. Um pouco mais de estudo..."

"Você acha que eu não tenho estudado também? Eu conheço versos o bastante para me dizer que o calvinismo calunia o Deus do qual Paulo disse que deseja que 'todos os homens sejam salvos' (1 Timóteo 2:4) e Pedro disse: 'não querendo que nenhum pereça' (2 Pedro 3:9)."

"*Todos os homens* que dizer classes. Paulo diz: 'Reis... e todos que estão em autoridade...' em 1 Timóteo 2:2. Ele está dizendo que existem todas as classes entre os eleitos. Se você me deixar explicar —""Por favor, Al, não complique a Bíblia. Quando ela diz que Deus ama o mundo inteiro e não deseja que nenhum pereça, por que trabalhar duro para forçá-la a dizer *eleitos*?" Jan moveu seus ombros para cima, enquanto abaixou a cabeça, mostrando sua desaprovação e desencorajamento. "Vá em frente e estude o calvinismo. Ficarei com a minha fé simples e não vamos mais brigar sobre ele."

"Não estamos brigando — apenas discutindo."

"Porém, Jan se voltou para a pia da cozinha e se ocupou em lavar as louças do jantar, cantarolando: "Que segurança, sou de Jesus..."

Inferno: De Quem É a Escolha?

Era profundamente perturbador para Al (embora ele estivesse pronto a admiti-lo a Jan) que apesar de Bíblia apresentar, de Gênesis a Apocalipse, o amor, a graça e a misericórdia de Deus a todos, o calvinismo retrate a Deus como tendo prazer em condenar bilhões. Ao mesmo tempo em que essa visão parecia, a única maneira de sustentar a soberania de Deus, no entanto, agora ele se perguntava se a ênfase exagerada na soberania de Deus havia diminuído o amor de Deus. Ele leu onde White disse:

> Sabemos, naturalmente, que temos a glória de Deus como nosso mais alto objetivo, a nossa mais alta prioridade. Assim, não deve ser de todo surpreendente que a mais profunda resposta que a Escritura dá a essa questão sobre "qual é a razão de tudo isso" é que se trata da glória de Deus. *Tudo* da salvação resulta no louvor da glória da *Sua* graça.[12]

Essas foram palavras bonitas, com as quais, alguns meses antes, Al teria concordado sem pensar muito. Agora, ele se perguntava como predestinar multidões ao tormento eterno poderia resultar na glória da graça de Deus — e como a salvação dos eleitos, poderia glorificar a Deus, se Ele poderia ter feito o mesmo para com todos e não o fez.

As palavras de Jan, meses atrás, voltaram a assombrá-lo: "a Bíblia ensina que aqueles no inferno vão estar lá porque, embora Deus não quisesse que fossem pra lá e amorosamente tivesse fornecido e oferecido gratuitamente a completa salvação, eles a rejeitaram".

Dizer que a soberania de Deus seria negada se o homem tivesse uma escolha, já não parecia tão infalível como já antes. Deus não poderia tomar uma decisão soberana, de permitir ao homem o livre-arbítrio? Al começou, cautelosamente, a ler alguns criticos do calvi-

12 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), p. 178.

nismo e se deparou como texto a seguir, o que parecia fazer muito sentido:

> O que leva a um maior poder (onipotência): criar seres que não têm capacidade de escolher — que são meros peões no tabuleiro de xadrez cósmico de Deus — ou criar seres que têm a liberdade de aceitar ou rejeitar a salvação de Deus? Apresento a última alternativa [...]. Um Deus que ordenou a existência de seres imortais, sem fazer qualquer provisão para escaparem do tormento eterno seria um ser cruel? Que tipo de Deus, chamaria a humanidade para "crer e ser salva" quando Ele sabe que ela não poderia, [e] que tipo de relação existe entre Deus e as pessoas, que nunca poderiam escolhê-Lo — no entanto, são chamadas "irresistivelmente"[...]? Por essas e outras razões, eu questiono a ideia de que a eleição incondicional individual, bem como os cinco pontos do calvinismo, refletem melhor os atributos de Deus. Um Deus que soberanamente oferece a salvação a todos através do Seu Salvador eleito, reflete tanto poder quanto amor.[13]

Perseverança dos Santos?

Al continuava lutando com a questão da segurança. Até mesmo além da questão de saber se ele era um dos eleitos, ele ainda estava confuso sobre se a sua experiência de confiar em Cristo era bíblica. Lendo, novamente, *The Potter's Freedom* de James White, ele mais uma vez se deparou com a declaração a respeito da qual os calvinistas estavam em quase cem por cento de acordo: "alguma coisa deve acontecer *antes* que uma pessoa possa "ouvir" ou crer em Cristo: e essa é a obra de Deus na regeneração do homem natural, trazendo-o

13 Philip F. Congdon, "Soteriological Implications of Five-point Calvinism", *Journal of the Grace Evangelical Society*, outono de 1995, vol. 8, pp. 15, 56–57.

à vida espiritual"[14]. Essa, certamente, não tinha sido a sequência dos eventos, em sua vinda a Cristo, conforme ele lembrara. Ele pensava que ele havia sido regenerado (nascido de novo) em *sequência* à sua fé em Cristo e como um *resultado* de crer no evangelho.

Todavia, muito parecido com White, Jônatas Edwards também ensinou, que tinha que ser "o princípio da santidade que precede a fé [...], a alteração feita no coração do pecador antes que pudesse haver ação [isto é, a fé em Cristo]"[15]. Voltando em sua memória àquela noite decisiva, Al não enxergava como esse poderia ter sido o caso.

Al estava ouvindo a pregação de John Armstrong, um homem que ele muito admirava como um líder calvinista, e ficou chocado ao ouvi-lo dizer: "eu fui questionado a cerca de um ano atrás por um grupo de pastores na Pensilvânia [...], 'qual é a doutrina você acha que é mais destrutiva na vida da igreja [...] hoje? E eu disse: a doutrina da Segurança Eterna.'"[16]

Al não podia crer no que ouvia. Ele teve de rebobinar a fita e ouvi-la duas vezes mais. Com certeza, ele tinha ouvido certo da primeira vez. Dessa forma, a pior coisa possível era ter a certeza da salvação? Armstrong parecia explicar porque qualquer segurança aparente poderia simplesmente ser falsa: "Deus justifica, mas o homem deve ter fé e deve obedecer [...] (Romanos 2:13–14). Quando se diz que aquele que obedece à lei é justificado, significa exatamente isso. Esse não é um verso hipotético, senhoras e senhores, a forma como muitos protestantes o têm lido. E quando Tiago 2:13–14 diz: 'os que praticam a Lei hão de ser justificados', significa que os que praticam

14 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 112–113.

15 John Armstrong, "Reflections from Jonathan Edwards on the Current Debate over Justification by Faith Alone " (citado na pregação entregue em Annapolis 2000: A Passion for Truth conference, organizada pelo Instituto Jônatas Edwards, P.O. Box 2410, Princeton, NJ, 08543). Para mais informações sobre a visão de Jônatas Edwards a respeito da Justificação, contate a *Grace Evangelical Society*, +55 (972) 257–1160.

16 Ibid.

a Lei hão de ser justificados. Eis por que Paulo e Tiago não estão em conflito [...]. Deixe-me sugerir [...] [também] Efésios 2:8–10 [...]. Somos salvos para as boas obras. Elas são, necessariamente, consequências. Sem elas não existe salvação. Certo?"[17]

Não é de admirar que não pudesse haver qualquer segurança de salvação: ela dependia da guarda da lei! A Bíblia diz que ninguém tem guardado a lei, de modo que possa ser salvo. Al estava desolado. Armstrong estava certo ou era Dillow quem estava? No entanto, os dois não apenas contraditavam um ao outro, como a si mesmos também. Na mesma fita, Armstrong disse que o homem não tinha vontade e que *A Escravidão da Vontade* de Lutero era tudo sobre o que foi a Reforma e que, até mesmo, a fé para crer era dom de Deus. Assim, como poderiam ser responsabilidade do homem o crer e o guardar a lei? Al estava confuso. Também não ajudou quando Armstrong deu o seu antídoto: "perseverança é o atributo necessário à justificação e aqui está o ponto"[18].

Perseverança? Essa certeza coloca uma carga sobre ele. Será que ele apenas precisa *perseverar*? Que bem isso faria se ele não estivesse entre os eleitos?

Perseverança era tudo para alguns calvinistas, mas não para outros. Em quem Al deve crer? E como poderia, em primeiro lugar, um fracasso em perseverar provar, após o fracasso, que não se tinha sido salvo? Ora, isso significaria que *nunca* se poderia estar certo de que ele já tinha sido salvo até que ele morresse e, portanto, se soubesse que ele tinha, realmente, perseverado até o fim! Al certa vez tinha sido muito feliz com o quinto ponto do calvinismo, pois pensava que o mesmo significava que Deus faria a perseverança: "porque Deus é o que opera em vós tanto o querer quanto o realizar, segundo a Sua boa vontade" (Filipenses 2:13). Agora, ele descobriu que o perseverar nas boas obras e o guardar a lei cabiam a ele, e ele sabia que não poderia fazê-lo — certamente não, se ele não fosse um dos eleitos. Essa foi a questão que o torturou.

Por que ele não percebeu, no início, essa ênfase sobre *a própria*

---

17 Ibid.

18 Ibid.

perseverança? Al sabia que o seu "desempenho" se tinha deteriorado nos últimos tempos, e isso significava que a sua perseverança na fé estava longe de ser o que deveria ser. Que ele era atormentado por dúvidas era mais uma prova de que ele não era perseverante. E as dúvidas só cresciam, tanto mais estudasse os escritos de líderes calvinistas, antigos ou modernos. Poderia ser o calvinismo, em si, quem promoveu as dúvidas? Talvez Calvino estivesse admitindo isso quando escreveu:

> Pois não há, praticamente, uma mente em que o pensamento, por vezes, não se levante. Donde vem a sua salvação, que não da eleição de Deus? Mas que provas tens de tua eleição? Uma vez que esse pensamento toma posse de qualquer indivíduo, ele o mantém perpetuamente miserável, submete-o a um tormento terrível ou joga-o em um estado de completo entorpecimento [...]. Portanto, assim como tememos naufrágios, também devemos evitar essa pedra, a qual é fatal para todo aquele que golpeia sobre ela [...].[19]

Al estava desolado. Tentar ter certeza de que você é um dos eleitos seria fatal? Espere um minuto! Não foi a doutrina calvinista da eleição que tinha causado sua incerteza? Os não calvinistas não tinham tais dúvidas. Se ele abandonasse essa doutrina, encontraria paz?

Mais e Mais Questões Sem Resposta

Al começou, cautelosamente, a perguntar aos seus amigos cristãos como eles *sabiam* que eram salvos. Os calvinistas dizem que estão entre os eleitos e tinham as obras para provar, embora, às vezes, eles não estivessem especialmente confortáveis com os seus desempenhos. Os não calvinistas, simplesmente, respondiam que

19 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), vol. 3, xxiv.4

eles tinham crido no Evangelho. Cristo prometeu vida eterna a todos os que viessem a Ele em fé e que isso era bom o bastante para eles.

Quanto mais Al estudava, mais as questões problemáticas aumentavam. Se o homem é, por natureza, totalmente depravado, como ele pode desejar e até mesmo fazer boas ações? Mas ele faz. Se a Depravação Total não é total a esse respeito, então por que ela é total, quando precisa crer no Evangelho? Por que Deus apelaria repetidamente aos homens a se arrependerem, se eles não pudessem? Por que enviou os Seus profetas dia após dia, ano após ano, apelando com o Israel não regenerado, se eles estavam predestinados a se rebelarem e irem para o inferno? Se a Graça é irresistível, por que não é justo transmiti-la a todos? O amor não faria isso?

Todos? Sempre retorna à queixa principal de Jan — como poderia um Deus que é amor permitir perecer a *quem quer que fosse* que Ele pudesse salvar? Até mesmo pior, como poderia o Deus de toda a graça (1 Pedro 5:10) e de misericórdia, desejar a destruição de quem quer que fosse? Ele nunca admitiu isso a Jan, mas essa questão há muito o perturbava e agora estava começando a empurrar tudo o mais para o fundo. A pergunta séria de Jan o assombrava: *"Que amor é esse?"* De alguma forma, um pequeno livro de Spurgeon caiu nas mãos de Al e ele estava animado para ler que até mesmo o grande pregador e fiel calvinista admitiu que ele não teve percepção alguma, no momento de sua conversão, de que Deus soberanamente o tinha regenerado; nem ele poderia imaginar a que ponto isso poderia ter acontecido. Spurgeon confessou: "quando eu vim para Cristo, eu pensei que estava fazendo tudo sozinho — busquei ao Senhor, sinceramente[...]". Não foi até algum tempo mais tarde, que ele percebeu que "Deus era a base de tudo isso [...]. Ele foi o Autor da minha fé e assim toda a doutrina da graça se abriu para mim [...]"[20]. Ele concluiu seu sermão declarando que os cristãos que são mais piedosos, reverentes e dedicados ao Senhor, "creem que eles são salvos pela graça, sem as obras, por meio da fé e que isso

---

20 Carlos Haddon Spurgeon, "A Defense of Calvinism", livreto de um único sermao (Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, sem data), pp. 3–4.

não vem de vós, é dom de Deus"[21]. Isso soou como seus amigos não calvinistas e do jeito que ele tinha crido, antes de se tornar um calvinista!

A Deus Seja a Glória!

Al relembrou que, antes que tivesse se tornado calvinista, ele louvou a Deus por ser o Autor da salvação e o Salvador dos pecadores; que deu todo o crédito e glória a Ele e que entendeu muito claramente que nunca O teria procurado se Deus não o tivesse movido, pelo Seu Espírito, a fazê-lo. Todavia, ele também tinha certeza de que foi sua responsabilidade responder em fé, partindo do seu coração. Certamente, o homem responder a Deus recebendo gratuitamente o dom da salvação não anularia qualquer coisa que Spurgeon disse. E como desafiaria a soberania de Deus o homem receber gratuitamente o que Deus ofereceu, enquanto dá a Deus toda a glória?

Jan, de fato, algum tempo atrás, tinha sugerido: "me parece que o meu louvor e a minha gratidão ao Senhor são mais genuínos e glorificam mais a Deus do que os de qualquer calvinista."

"Como você pode dizer isso?" Protestou Al.

"Porque minha gratidão e meu louvor vêm do coração. Eu não fui programada para aceitar a Cristo —"

"*Programada*? Nenhum calvinista ensina isso."

"Você não diria dessa forma, mas você era totalmente oposto a Deus e, ao invés de seu coração,ser ganho para Cristo através de Seu amor, Sua graça e Sua misericórdia, você foi *feito* para crer —""Não fui *feito* para crer", interrompeu Al, impacientemente. *Quando será que ela vai entender?* "Nossas vontades são mudadas graciosamente!"

"Ok, você foi *levado* a crer. Al, você não pode contornar o fato de que Deus fez algo à sua vontade para que você acreditasse no que você antes não cria. E isso não aconteceu por qualquer convicção, entendimento ou fé da sua parte. Estive lendo alguns desses livros calvinistas, que você tem."

---

21 Ibid., p. 22.

Como qualquer outra discussão — sim, isso é o que elas se tornam — esta também terminou sem qualquer deles cedendo qualquer terreno. Todavia, Al estava cada vez mais abalado em sua confiança de que o calvinismo fosse a verdade de Deus. O mais preocupante foi a constatação de que sua incerteza parecia surgir do próprio calvinismo. Não é de se admirar que Calvino tenha expressado tantos avisos a respeito das dúvidas:

> Entre as tentações com as quais Satanás assalta os crentes, nenhuma é maior ou mais perigosa do que quando lhes inquieta com dúvidas quanto à sua eleição; ele, ao mesmo tempo, estimula-os com um desejo depravado de inquirir sobre ela, para além da medida adequada [...]. Quero dizer quando o homem, insignificante, se esforça para penetrar os recessos escondidos da sabedoria divina [...], a fim de que ele possa entender o que a determinação final Deus fez em relação a ele.[22]

Assim, não era adequado querer conhecer a "determinação final de Deus [...] em relação a ele"? Todavia não havia coisa alguma mais importante! Parecia que Calvino estava se contradizendo. Às vezes, ele até parecia dizer que devemos simplesmente confiar em Deus quanto à nossa eleição: "a nossa confiança não deve ir mais longe do que a palavra [...]"[23]. Al percebeu que, ao fazer isso, ele deixaria o calvinismo e voltaria à fé simples do Evangelho. Talvez, pensou Al em desespero, ele devesse voltar antes mesmo que tivesse pensado no que foi sua conversão e retornar à Igreja de sua formação.

Desespero — e Iluminação

Al começou a pensar mais seriamente em voltar ao catolicismo. Envergonhado e incerto, ele voltou à sua antiga paróquia e descobriu

22 João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*. Henry Beveridge, trad. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998), op. cit.

23 Ibid., vol. 3, xxiv.3.

que um novo padre que não o conhecia estava no comando. Isso tornou tudo mais fácil. No processo de contar ao novo padre que ele queria averiguar a possibilidade de retornar ao catolicismo romano, de alguma forma o nome de Calvino veio à tona. Nos próximos 15 minutos e para sua surpresa, Al descobriu que esse padre sabia ainda mais sobre o calvinismo do que o pastor Jim.

Uma cópia bem gasta (mostrando os sinais de intenso uso) das *Institutas da Religião Cristã* de Calvino foi puxada de uma prateleira, e o padre começou a ler uma seção que ele tinha certeza que resolveria qualquer dúvida na mente de Al quanto ao retorno à verdadeira Igreja. Al quase pulou e gritou: "Aleluia!", quando o que Calvino dissera sobre o batismo foi lido para ele. Ele mal podia acreditar no que ouvia, pois, de acordo com Calvino, seu batismo, quando bebê, na Igreja Católica Romana, o tornara um dos eleitos. Tudo que ele tinha a fazer era crer na promessa inerente ao seu batismo católico!

Al estava em êxtase. A Igreja Católica fizera mais por ele do que ele imaginara. Dessa forma, ele era um dos eleitos, afinal: o próprio Calvino dissera! Tudo o que Al precisava fazer era confiar em seu batismo.

Todavia, essa nova segurança durou apenas alguns dias. Sua fé estava depositada no seu batismo — realizado quando criança, jovem demais para entender alguma coisa — e nas mãos de um sacerdote católico, que ensinava a si mesmo e praticava uma falsa salvação? Era esse realmente o fundamento bíblico da salvação eterna? Bem, Calvino dissera isso.

E quanto ao verdadeiro Evangelho, em que havia crido, "o poder de Deus para a salvação", e que resultara em seu novo nascimento? Se o seu batismo enquanto bebê — quando ele nem sequer sabia o que estava acontecendo — o tornara um filho de Deus, conforme Calvino tinha insistido, não obstante a perseguição dos que discordavam, então qual era a razão para sua crença no evangelho? Não, ele não podia aceitar isso, mesmo se Calvino o tivesse declarado. Al finalmente estava diante de um monstro calvinista, com a boca bem aberta para o engolir.

Agora ele encarou novas dúvidas: se Calvino estivera tão errado quanto ao batismo infantil — e não havia dúvida de que, assim

como Lutero, ele estivera — talvez o resto do seu ensinamento fosse igualmente falso. Por que ele deveria crer na TULIP, afinal? Parecia impossível que Calvino jamais pudesse ter escrito essa heresia sobre o batismo — sim, heresia; não havia outro nome para isso — porém, o padre mostrara a ele, ali mesmo nas *Institutas*, e Al, por si mesmo, o examinara completamente quando chegou à sua casa.

Um Desafio Esquecido

Al se voltou para a sua coleção de escritores calvinistas e, mais uma vez, começou a rever os seus livros e ouvir as suas fitas, na esperança de encontrar a resposta evasiva que procurava. Escondida dentro de um dos livros, ele encontrou uma carta recebida de um amigo interessado de poucos meses, depois que se tornara um calvinista. O importante e esquecido papel que ela desempenhara ao contribuir para as suas dúvidas, agora, inundou a sua memória. Ele leu a carta, novamente, cuidadosa e ponderadamente:

> Quanto à doutrina da eleição humilhá-lo; você já considerou em como saber que é um dos eleitos? Calvino disse, literalmente, que, para melhor julgá-los, Deus faz com que alguns dos não eleitos imaginem que creram e que estão entre os eleitos. É esse o Deus no qual você acredita agora? Tem certeza de que não está apenas imaginando que você é um dos eleitos?
>
> O que o qualifica a ser um dos eleitos? Calvino disse que não havia razão alguma para que Deus o escolhesse; exceto que O agradou fazê-lo. Ele também diz que O agradou e O glorificou predestinar bilhões a queimar em um inferno eterno. Isso não o incomoda? Você aceita a graça *desse* "Deus"? Eu entendo que isso é uma difamação ao caráter de Deus!

Havia mais que isso na carta — uma série de versos (que, a essa altura, Al sabia muito bem) que declaravam que Deus não quer que

pessoa alguma pereça; que Ele quer que todos conheçam a verdade e que sejam livres; que Cristo veio buscar e salvar os pecadores e não *alguns* pecadores, etc. Al dobrou a carta de forma pensativa e, cuidadosamente, a colocou de volta no livro. A princípio, ela lhe fizera tanta raiva que ele não a respondera. Ele deve responder por fim — e de forma muito diferente daquela que ele antes teria respondido. Porém, ele não queria que Jan visse a carta ou a sua resposta — pelo menos não ainda.

O Ponto de Retorno

Pensando nessa carta e em como respondê-la, Al foi atingido com o fato convincente de que sua esposa a quem ele havia "conduzido ao Senhor" tinha a própria segurança da salvação que ele estava procurando. Desde o início, quando ele ficara intrigado com apelo intelectual do calvinismo, ela tentou evitar discutir o assunto sempre que ele o trazia à tona. Tudo que ela diria era que descansava no amor e na promessa de Cristo e que o Evangelho não poderia ser tão complicado quanto ter que mudar o significado óbvio das palavras em alguma outra coisa, para fazer de Deus menos amoroso do que a Bíblia dizia que Ele era.

O que a Bíblia dizia! Essas palavras, de repente, tomaram um novo significado e tornaram a sua libertação. Voltar à Bíblia era o ponto de retorno. Al parou de ouvir e ler especialistas calvinistas e não calvinistas e começou a estudar, seriamente, a própria Bíblia. Era como se um peso fosse tirado dos seus ombros; apenas ser capaz de tomar as palavras da Escritura como elas são, ao invés de ter que mudá-las para caber no calvinismo.

Entre as últimas questões com que lutou, estava a declaração de Cristo: "vós não Me escolhestes, mas Eu vos escolhi a vós" (João 15:16). Ao ponderar essas palavras, Al percebeu que estava complicando algo que era bastante simples. Cristo estava dizendo nada mais do que qualquer empregador poderia dizer para cada funcionário — que a escolha do empregador foi decisiva. O empregado não poderia forçar o empregador a contratá-lo; porém nem poderia o empregador

forçar alguém a trabalhar para ele. Embora o empregador estivesse completamente no controle, o empregado consentira em ser contratado.

Da mesma forma, não podemos forçar Cristo nos escolher. Ele não tem qualquer obrigação para conosco; a salvação é somente pela Sua graça, Sua misericórdia e Seu amor. Mas a nossa fé é essencial. A salvação é somente para aqueles que creem em Cristo e O recebem.

Al assumiu as suas dúvidas remanescentes com o seu pastor. Eles tiveram algumas discussões longas, mas apesar dos esforços do pastor para mantê-lo inflexível, a fé de Al no calvinismo tinha sido muito corroída; enquanto a sua confiança no Evangelho simples estava, lentamente, sendo restaurada. Por fim, apenas um problema permaneceu com o qual ele teve que lutar de joelhos: não havia dúvida de que a Bíblia declarava, claramente, que Deus cegou os olhos das pessoas para o Evangelho. Como isso seria reconciliado com o amor infinito que Al agora acreditava que Deus tinha para com todos, sem discriminação?

A Última Fortaleza do Calvinismo

Uma Escritura favorita dos calvinistas, e à qual White dá considerável atenção[24], é o comentário de João: "por isso não podiam crer, porque, como disse ainda Isaías: Cegou-lhes os olhos e endureceu o seu coração" (João12:39–40). White também cita João 8:34–48: "Por que não entendeis o que Eu estou dizendo? É porque não podeis ouvir a Minha palavra [...]". Ele, então, declara:

> Mais uma vez, a visão bíblica e reformada do homem é apresentada com força: Jesus ensina que os judeus *não podem* (há essa palavra de *incapacidade* novamente) ouvir a Sua palavra, *nem* entender o que Ele está dizendo [...].

24 James R. White, *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttal of Norman Geisler's Chosen But Free* (Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000), pp. 105–109.

Falta-lhes a capacidade espiritual para avaliar verdades espirituais.[25]

Longe de provar a Depravação Total, no entanto, e por conseguinte a necessidade da Graça Irresistível, Al agora podia ver que essas passagens provam o contrário. Se os judeus não regenerados estavam totalmente depravados e mortos em pecados, conforme o calvinismo define, e incapazes, nessa condição, de ver ou crer; com certeza, Deus não tivera a necessidade de cegar os seus olhos e endurecer o seu coração. O fato de que Deus acha necessário cegar e endurecer alguém parece ser a prova de que os homens não regenerados são capazes de, apesar de tudo, compreender e crer no Evangelho.

Mas por que um Deus amoroso deliberadamente cegaria os olhos dos perdidos, a quem ama, de modo a impedi-los de crer no evangelho? Isso parecia especialmente intrigante para Al, diante das continuas lamentações de Deus sobre a nação de Israel por sua recusa em obedecer e Suas repetidas expressões de desejo em perdoá-la e abençoá-la.

Visto que Israel já estava em rebelião contra Deus, por que Ele endureceria ainda mais os corações? Teria de haver uma boa razão para se fazer isso, uma razão que não diminuísse o amor e a misericórdia de Deus; uma razão que deve, igualmente, ser aplicada aos judeus nos dias de Isaías e ainda falar profeticamente aos judeus nos dias de Cristo. Qual razão poderia ser?

Inspirados por Deus, os profetas de Israel expulsaram o seu pecado, a rebelião e a teimosia. Por exemplo, Deus, através de Isaías, lamenta: "ouvi, ó céus e dá ouvido, ó terra: [...] Tenho nutrido e criado filhos; e eles se rebelaram contra Mim" (Isaías 1:2). Deus sabia dos seus corações duros e que não havia mais qualquer razão para argumentar com eles. Porém, Ele iria usá-los para cumprir Seus propósitos declarados pelos Seus profetas, assim como Ele usou Faraó.

Deus enviou o Seu Filho para revelar o Seu grande amor; para abrir os olhos aos cegos; curar os enfermos; ressuscitar os mortos;

25 Ibid., pp. 112–114.

alimentar os famintos; oferecer-Se a Israel como seu Messias; chorar sobre Jerusalém, aqui na terra, da mesma forma que chorou repetidamente dos céus, através dos Seus profetas, nas eras passadas; e para morrer pelos pecados de Israel e pelos do mundo. Ele não permitiria que esse propósito fosse frustrado por um sentimentalismo momentâneo dos judeus que pudesse levá-los, enquanto ainda O rejeitavam, a não insistir sobre a cruz.

Eles iriam clamar: "fora com Ele, crucifica-O!" Isso era o que os seus corações duros realmente desejavam. E para ter certeza de que eles não cederiam no último minuto, por piedade humanística, Deus lhes endureceu o coração e lhes cegou os olhos. Dessa forma, Pedro poderia dizer: "a Ele, que foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, vós O prendestes, e pelas mãos dos ímpios, O crucificaram e O mataram" (Atos 2:23).

Aí poderia ver um exemplo semelhante na cegueira que será dada àqueles deixados para trás no arrebatamento, os quais ouviram e rejeitaram o Evangelho. Paulo afirma, especificamente: "e, *por esta causa*, Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam na mentira: para que todos sejam condenados [...]" (2 Tessalonicenses 2:10-12). Por *qual* causa? Porque "eles não receberam o amor da verdade, para que eles pudessem ser salvos [...]; porque não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça". Deus iria ajudá-los a crer na mentira, na qual seus corações, já endurecidos, desejavam crer.

Aqui, não vemos um Deus que arbitrariamente cega as pessoas para que elas não possam ser salvas; mas vemos um Deus amoroso que é também perfeitamente justo em dar espaço ao desejo rebelde e impenitente dos seus corações; o que leva à sua condenação. Eles rejeitaram a verdade; assim, Deus os ajuda a persistir nessa rejeição. Nem Ele precisaria cegá-los se fossem totalmente depravados, como define o calvinismo.

Sim, "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus [...] e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente [isto é, reveladas somente pelo Espírito Santo]" (1 Coríntios 2:14). Porém, Paulo não está se referindo ao Evangelho, o qual deve ser pregado "a toda criatura" (Marcos 16:15). Ele está se dirigindo a crentes e se referindo "[à] sabedoria oculta [...], [às]

coisas profundas de Deus", as quais só são reveladas pelo Espirito de Deus àqueles que são habitados pelo Espírito Santo e andam em obediência a Ele.

Uma Última Questão

Pastor Jim, preocupado com enfraquecimento da confiança de Al no calvinismo, o desafiara: "se você estiver voltando a crer que você teve a capacidade de dizer sim a Deus quando creu no evangelho, como você pode ter certeza de que, em algum momento, não decidirá dizer não a Deus — até mesmo na eternidade no céu?" Zins expressa esse problema tão bem quanto possível:

> É irônico que muitos [...] que inflexivelmente argumentam que Deus não força pessoa alguma a vir a Ele não têm problema algum em crer que Deus força aqueles que vêm a Ele *a permanecerem com Ele*. Para a maioria dos evangélicos, o livre-arbítrio desaparece, misteriosamente, depois que alguém escolhe a salvação [...]. "Deus não fará você vir; porém Ele fará você permanecer", pode ser o seu sentimento teológico.[26]

Al perguntou Jan sobre isso, porém sua resposta foi tão simples quanto a própria Bíblia: "por que eu iria querer desistir do céu? Não haveria coisa alguma capaz de tentar me afastar para longe do nosso Senhor; Ele é tão maravilhoso que nada poderia!" "Como você pode ter tanta certeza?", insistiu Al. "Satanás foi o mais ser mais bonito, poderoso e inteligente jamais criado. Tudo o que conhecia era a presença de Deus — no entanto, ele se rebelou!"

Jan ficou pensativa por um momento. Finalmente, ela disse: "ah, sim, mas ele nunca foi redimido... Nunca foi comprado com o sangue de Cristo... Ele não tinha base alguma para amar a Deus; nenhuma gratidão a Cristo por morrer em seu lugar..."

---

26 Robert M. Zins, "A Believer's Guide to 2nd Peter 3:9" (monografia de publicação do autor, sem data), p. 3.

"Então, você acha que a gratidão vai manter uma pessoa longe de pecar?" espetou Al."Não haveria qualquer razão para pecar, nenhuma razão... Isso não faria sentido..."

Al não estava tentando argumentar para rebaixá-la. "Mas quem tentou Satanás? Qual foi a razão? Foi o orgulho. Não poderiam aqueles nos céus serem tentados ao orgulho, se eles tiverem livre-arbítrio?

"Al, você continua trazendo Satanás. Eu não sei coisa alguma sobre ele... E eu não acho que nós deveríamos especular sobre ele e seus demônios. Isso não tem coisa alguma a ver conosco. Somos seres completamente diferentes..."Ela parou de novo, pensativa, e depois continuou. "Em Romanos 7, Paulo diz: 'os desejos da carne lutam contra o Espírito, e o Espírito luta contra a carne... Os dois são contrários; assim, você não pode fazer o que gostaria'. Ele descreve esse conflito interior como a razão pela qual um cristão peca, se assim o faz, e, em seguida, ele grita: 'miserável homem que eu sou, quem me livrará do corpo desta morte?' — E acrescenta: 'graças a Deus, por meio de Jesus Cristo'. Ele deve estar dizendo que a ressurreição nos liberta desses corpos de pecado, sofrimento e morte — é o que vai resolver esse problema..."

Al ficou pensando em silêncio. "Esse é um bom argumento", ele admitiu, por fim. "Eu acho que o exemplo de Satanás não tem muito a ver com o que os cristãos vão experimentar no céu. Você está certa, ele nunca nasceu de novo; sem dúvidas, ele não é habitado pelo Espírito Santo."

Depois de um longo silêncio, pensativo, ele acrescentou: "olha, eu não estou apenas tentando brigar, o que eu admito era o caso com muita frequência no passado. Este é um problema real e eu estou procurando respostas honestas. Eu quero saber a verdade... Porém, se ainda temos o livre-arbítrio no céu, eu não vejo como..." As palavras dele sumiram em um silêncio frustrado.

Jan lhe concedeu um longo olhar, de compreensão e simpatia. "Você realmente quer saber a verdade? Jesus disse: 'a Tua palavra é a verdade... Eu sou a verdade... A ressurreição e a vida.' Ele prometeu aos crentes a vida eterna, a qual nunca perecerá. Eu creio Nele. Isso é tudo o que eu preciso saber... E é simples assim." Ela sorriu, amorosamente e voltou a engomar as camisas de Al.

Poucos dias depois, de repente, como se fosse atingido por uma luz celestial, Al percebeu que sua segurança eterna, como salvo pela graça, dependia inteiramente de Deus e não de si mesmo. Nem a salvação ou a sua garantia vêm pelas obras; nem as obras podem ser um sinal da realidade da salvação de alguém ou o meio de fornecer essa segurança. Até mesmo o trabalho aparente de milagres, expulsão de demônios e o profetizar, em nome de Cristo, não são prova de que se pertence a Ele, como o próprio Cristo declarou, solenemente:

> Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas aquele que faz a vontade do Meu Pai, que está nos céus. Muitos Me dirão, naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu nome? E em Teu nome não expulsamos demônios? E em Teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então, lhes direi, abertamente: Nunca vos conheci: afastai-vos de Mim, vós, que praticais a iniquidade. (Mateus 7:21–23)

Por outro lado, não poderia haver na vida de uma pessoa em particular qualquer boa obra que indicasse a realidade da salvação; contudo, essa pessoa poderia verdadeiramente ser salva e, portanto, uma eleita de Deus para as bênçãos que Ele planejara aos remidos de todas as épocas. Todas as obras dessa pessoa poderiam ser consumidas no fogo dos motivos e atos de Deus, ao testá-las; todavia, segundo Paulo, essa pessoa, não se perderia apesar de qualquer evidência exterior da salvação:

> A obra de cada homem será [...] revelada pelo fogo; e o fogo provará de que tipo é a obra de cada homem. Se a obra de alguém permanecer [...] ele receberá recompensa. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; porém, o tal será salvo, todavia, como que pelo fogo. (I Coríntios 3:11–15)

Paulo, é claro, estava falando daqueles que verdadeiramente são salvos por meio da fé em Cristo. Al podia ver agora claramente o seu

problema: nenhum versículo, na Bíblia diz como saber que alguém foi eleito. Se ser um dos eleitos é a base para a segurança da salvação, então não pode haver segurança alguma.

Contudo, o indivíduo tem de ter *certeza* sobre a eternidade! No entanto, os calvinistas não concordariam entre si sobre a resposta para o que era, obviamente, o problema mais crucial. Al decidiu, finalmente, acabar com essa teoria.

A Segurança da Eternidade

A segurança bíblica da vida eterna nos céus, com Cristo, repousa sobre Suas promessas, as promessas da Bíblia, sobre a presciência, a predestinação/eleição e sobre o poder mantenedor de Deus. Cristo disse: "venha Mim" e nós viemos. O Evangelho diz: "creiam no Senhor Jesus Cristo e serás salvo" e nós cremos. Cristo e Sua Palavra prometem o seguinte:

- Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo [...]. (1 Pedro 1:2)

- Como também nos elegeu Nele antes da fundação do mundo [...]. E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para Si mesmo, segundo o beneplácito de Sua vontade [...]. Em quem temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça [...]. (Efésios 1:4–7)

- Porque aos que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho [...]; aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou. (Romanos 8:29–30)

- Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no Seu nome; os

quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. (João 1:12–13)

- Pois Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por meio Dele. Quem Nele crê, não é condenado; mas aquele que não crê, já está condenado [...]. Aquele que crer no Filho, tem a vida eterna [...]. (João 3:17–18, 36)

- E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida, está em Seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi a vós, os que credes, no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna [...]. (1 João 5:11–13)

- Na verdade, na verdade, vos digo que quem ouve a Minha palavra, e crê Naquele que Me enviou tem a vida eterna, e não entrará em condenação; mas passou da morte para a vida. (João 5:24)

Cremos e fomos salvos, "segundo a promessa de vida, que está em Cristo Jesus" (2 Timóteo 1:1) e estamos, simplesmente, descansando em Suas abundantes promessas de que "todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). Pela fé simples na promessa de Deus (o Deus que não pode mentir), o crente sabe que já passou da morte para a vida e nunca perecerá — e lhe foi dado, internamente, o testemunho do Espírito Santo: "aquele que crê no Filho de Deus tem em si o testemunho [...]" (1 João 5:10). E "o próprio Espírito testifica com o nosso espírito de que somos filhos de Deus: [...] herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo [...]". (Romanos 8:16–17).

Tendo "ouvido a palavra da verdade, o evangelho da [nossa] salvação: e [nós] tendo Nele também crido, fomos selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão adquirida [...]". (Efésios 1:13–14). Aqueles

que creem em Cristo sabem que estão salvos e que nunca perecerão, porque Deus não pode mentir. Nossa confiança está Nele, agora e pela eternidade.

Paulo disse: "eu sei em quem tenho crido e estou bem certo de que Ele é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia" (2 Timóteo 1:12). Nós, também, temos crido e conhecido Aquele em quem nós estamos, eternamente, seguros. Nós, também, estamos plenamente convencidos de que "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo [...], segundo a Sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e que não se pode murchar, guardada nos céus, para [nós], que somos mantidos pelo poder de Deus, através da fé, para a salvação, preparada para revelar-se no último dia" (1 Pedro 1:3–5).

Temos as muitas provas incontestáveis da profecia cumprida em Israel (e ainda sendo cumprida diante de nossos olhos) e aquelas que prometiam, em detalhes, a vinda do Messias — profecias que têm, sem dúvida, sido cumpridas na vida, na morte e na ressurreição de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Temos as provas históricas, as provas arqueológicas, as provas científicas e as provas internas de que a Bíblia é a Palavra de Deus. A Bíblia oferece um verdadeiro e infalível testemunho da criação desta Terra, da queda de Adão e Eva, da redenção através do sangue de Cristo derramado na morte na cruz, de Seu breve retorno para a Sua noiva e de Sua Segunda Vinda, para resgatar Israel e para estabelecer o Seu reino milenar, quando Ele governará com mão de ferro as nações, no trono de David, Seu Pai, em Jerusalém — e os futuros novos céus e nova terra.

Nós simplesmente cremos em todas as coisas da Palavra de Deus e estamos, portanto, certos de que somos salvos e de que Ele está voltando para nos levar para a casa de Seu Pai, às muitas moradas, para cumprir Sua promessa de "que, onde Eu estiver, estejais vós também" (João 14:1–3). Como Paulo disse: "[...] e, assim, estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos, uns aos outros, com estas palavras" (1 Tessalonicenses 4:17–18).

ÍNDICE DE PASSAGENS BÍBLICAS

Velho Testamento

Por referência e página

Novo Testamento

Por referência e página

1 Coríntios

2 Coríntios

2 Timóteo

Tito

Filemom

Hebreus

Tiago

1ª Pedro

2 Pedro

1 João

Bibliografia

Acts, An Introduction and Commentary. Tyndale New Testament Commentaries. Downer's Grove, IL: InterVarsity Press, 1974.

Adams, James E. *Decisional Regeneration*. McDonough, GA: Free Grace Publications, 1972.

Adams, Jay E. *Competent to Counsel*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1970.

A Faith to Confess: The Baptist Confession of Faith of 1689. Reescrita em Inglês moderno. Carey Publications, 1986.

A Short Explanation of Dr. Martin Luther's: Small Catechism: A Handbook of Christian Doctrine. St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 1971.

Alford, Henry. *The New Testament for English Readers*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1983.

Allen, J. W. *History of Political Thought in the Sixteenth Century*. Londres, 1951.

Amédée, Roger. *L'Eglise et l'Etat a Geneve du temps de Calvin. Étude d'histoire politico-ecclésiastique*. Genebra: J. Jullien, 1867.

Anderson, Sir Robert. *The Bible or the Church?* Londres: Pickering and Inglis, 2. ed., sem data.

"Arminian/Calvinist Response", em *SBC Life*, agosto de 1995.

Armínio, Jacó. *The Works of James Arminius*. James e William Nichols, trads.. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986.

Armstrong, John. "Reflections from Jonathan Edwards on the Current Debate over Justification by Faith Alone". Citada na pregação realizada em Annapolis, 2000: A Passion for Truth conference. Patrocinada pelo Instituto Jonathan Edwards, P.O. Box 2410, Princeton, NJ 08543. Para mais informações sobre a visão de Jônatas Edwards a respeito da Justificação, contate a *Grace Evangelical Society*. + 55 (972) 257-1160.

Agostinho. *On the Gift of Perseverance*. Disponível em < http://whitefield.freeservices.com/augustine06.html >.

A Treatment on the Soul and its Origins. Sem editora, sem data.

The City of God. Mareus Dods, trad. Em *Great Books of the Western World*. Robert Maynard Hutehins e Mortimer J. Adler, eds. Encyclopaedia Brittanica, Inc., 1952.

The Confessions. Em *Great Books of the Western World*. Robert MaynardHutehins e Mortimer J. Adler, eds. Edward Bouverie Pusey, trad. Encyclopaedia Brittaniea, Inc., 1952.

Baimon, Roland. *Hunted Heretic: The Life of Michael Servetus*. Boston: The Beacon Press, 1953.

Michel Servet, hérétique et martyr. Genebra: Droz, 1953.

Baker, Alvin L. *Berkouwer's Doctrine of Election: Balance or Umbalance*. Phillipsburg, NJ: Presbyrerian and Reformed Publishing Co., 1981.

Baxter, Riehard. *Universal Redemption of Mankind*. Londres, 1694.

Bayne, Jennifer L.; Sarah E. Hinlieky. "Free to be Creatures Again: How predestination descended like a dove on two unsuspecting seminarians, and whythey are so grateful". Em *Christianity Today*, 23 de outubro de 2000.

Beard, Charles. *The Reformation of the Sixteenth Century in Relation to ModernThought and Knowledge*. Londres, 1885.

Beek, Frank B. *The Five Points of Calvinism*, 2. ed. Lithgow, Australia: Covenanter Press, 1986.

Berkhof, Louis. *The History of Christian Doctrines*. Grand Rapids, MI: BakerBook House, 1937.

Bertocci, Peter A. *Free Will, Responsibility, and Grace*. Nashville, TN: AbingdonPress,1957.

Best, W. E. *Free Grace Versus Free Will*. Houston, TX: W E. Best Books-Missionary Trust, 1977.

Simple Faith (A Misnomer). Houston, TX: W E. Best Books Missionary Trust, 1993.

Bettany, G. T. *A Popular History of the Reformation and Modern Protestantism*. Londres: Ward, Lock e Bowden, Ltd., 1895.

Billion, James F. *True Wisdom Has Two Sides: Calvinism — Is it Biblical?* Edinburgh: Grace Mount Publishers, sem data.

Bishop, George S. *The Doctrines of Grace*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1977.

Boettner, Loraine. *The Reformed Doctrine of Predestination*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1932.

The Reformed Faith. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1983.

Bouwsma, William J. *João Calvino: A Sixteenth Century Portrait*. Reino Unido: Oxford University Press, 1988.

Breese, Dave. "The Five Points of Calvinism". Edição do autor, sem data.

Broadbent, E. H. *The Pilgrim Church*. Port Colborne, ON: Gospel Folio Press, reimpressão, 1999.

Bronson, Charles W. *The Extent of the Atonement*. Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1992.

Broughton, Len G. *Salvation and the Old Theology*. Londres: Hodder e Stroughton, sem data.

Bruce, F. F. *The Books and the Parchments*. Londres: Pickering and Inglis, Ltd., 1950.

The English Bible: A History of Translations. Nova Iorque: Oxford University Press, 1961.

The Epistles to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1984.

Light in The West, livro 3 de *Spreading the Flame*. Grand Rapids, MI:Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956.

Bryson, George L. *The Five Points of Calvinism "Weighed and Found Wanting"*. Costa Mesa, CA: The Word For Today, 1996.

Buisson, Ferdinand. *Sebastien Castellion: Sa vie et son oeuvre*. Paris: Hachette, 1892.

Butterworth, Charles C. *The Literary Lineage of the King James Bible*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1941.

Cairns, Earle E. *Christianity Through the Centuries: A History of the Christian Church*, ed. rev. e aum. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing,1981.

Calvino, João. *Calvin's New Testament Commentaries*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1994.

Commentary on the Gospel of John. The Comprehensive João Calvino Collection. Ages Digital Library, 1998.

Institutes of the Christian Religion. Henry Beveridge, trad. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1998. Publicada primeiro em latim (Basileia, Switzerland, 1536); depois em francês.

Calvin's Calvinism. Henry Cole, trad. Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1987.

Letters of João Calvino. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1980.

Selected Works of João Calvino: Tracts and Letters. Henry Beveridge; Jules Bonnet, eds. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1983.

Cânones de Dort. Dordrecht, Holland, 1619.

Carson, D. A. *Divine Sovereignty and Human Responsibility*. Atlanta, GA: JohnKnox Press, 1981.

"Reflections on Christian Assurance". Em *Westminster Theological Journal*, vol 1, p. 54.

The Difficult Doctrine of the Love of God. Wheaton, IL: CrosswayBooks, 2000.

Carson, John L.; David W. Hall, eds. *To Glorify and Enjoy God: A Commemoration of the 350th Anniversary of the Westminster Assembly*. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1994.

Chafer, Lewis Sperry. *Systematic Theology*. Dallas, TX: Dallas Seminary Press, 1948.

Chantry, Walter D. *Today's Gospel: Authentic or Synthetic?* Carlisle, PA: The Banner ofTruth Trust, 1970.

Predestination. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1987.

Christian, John T. *A History of the Baptists*. Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, sem editora, 1922.

Clark, Gordon H. *The Biblical Doctrine of Man*. Jefferson, MD: The Trinity Foundation, 1984.

Clarke, Adam. *Adam Clarke's One-Volume Commentary*. Cook Publications, 1989, sem local.

Codex Theodosianus. Sem editora, 3 jul. 321 d.C.

Cole, C. D. *Definition of Doctrines*. Swengle, PA: Bible Truth Depot, sem data.

Cole, Steven J. *Total Depravity*. Flagsraff AZ, 1999.

Congdon, Philip F. "Soreriological Implications of Five-point Calvinism". Em Journal of the Grace Evangelical Society, out. 1995.

Cook, Frederic C., ed. *The Bible Commentary*. Nova Iorque: Charles Scribner Sons, 1895.

Coppes, Leonard J. *Are Five Points Enough? The Ten Points of Calvinism*. Denver CO: edição do autor, 1980.

Comer, Bernard. *Calvin: A Biography*. M. Wallace McDonald, trad. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000.

Cox, S. Raymond. "What Caused God To Choose His People?" Publicação do autor, 1980.

Cross, John R. *The Stranger on the Road to Emmaus*. Olds, AB: Good Seed International, 1997.

Cunningham, William. *Historical Theology*. Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, sem data.

The Reformers and the Theology of the Reformation. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1967.

Curtiss, George L. *Arminianism in History*. Nova Iorque: Cranston and Curts,1894.

Custance, Arthur C. *The Sovereignty of Grace*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1979.

Daane, James. *The Freedom of God*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1973.

Dabney, Robert L. *Discussions by Robert L. Dabney*. C. R. Vaughn, edição Richmond, VA: Presbyterian Committee of Publication, 1980.

Systematic Theology. 2. ed. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1985.

The Five Points of Calvinism. Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, 1992.

Davis, Jimmie B. em *The Berean Baptist Banner*, 5 fev. 1995.

Dagg, John L. *Manual of Theology and Church Order*. Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, 1982.

d'Aubigné, J. H. Merle. *History of the Reformations of the Sixteenth Century*. Londres: 1846; edição revisada por Hardand Institute, Rapidan, VA, sem data.

Dillow, Joseph C. *The Reign of the Servant Kings: A Study of Eternal Security and the Final Significance of Man*, 2. ed. Haysville, NC: Schoettle Publishing Co., 1993.

Douty, Norman F. *The Death of Christ*. Irving, TX: Williams and Watrous Publishing Company, sem data.

Duncan, Mark. *The Five Points of Christian Reconstruction from the Lips of Our Lord*. Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, 1990.

Durant, Will. *The Story of Civilization*. Nova Iorque: Simon and Schuster, 1950. Edinburgh Encyclopedia. Escócia: sem editora, sem data.

Edwards, Jônatas. *Freedom of the Will*. Paul Ramsey, ed. New Haven, CT: Yale University Press, 1957.

Ehler, Sidney Z.; John B. Morrall. *Church and State Through the Centuries: A Collection of Historic Documents and Commentaries*. Londres: 1954.

Engelsma, David J. *A Defense of Calvinism as the Gospel*. The Evangelism Committee, Protestant Reformed Church, sem editora, sem data.

Hyper-Calvinism and the Call of the Gospel. Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1980.

"The Death of Confessional Calvinism in Scottish Presbyterianism", em *The Standard Bearer*, 1° dez. 1992.

Eusébio Panfílio de Cesaréia, Conselheiro de Constantino. *The Life of Constantine*. Sem editora, cerca de 335 A.D.

Fairbairn, Andrew M. *The Philosophy of the Christian Religion*. Nova Iorque: The MacMillan Co., 1923.

Farrar, Frederic W. *A Manual of Christian Doctrine*. Nova Iorque: The Alliance Press, sem data.

History of Interpretation. Nova Iorque: E. P. Durton and Co., 1886.

Fisher, George Park. *History of the Christian Church*. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1902.

The Reformation. Nova Iorque: Scribner, Armstrong and Co., 1873.

Fisk, Samuel. *Calvinistic Paths Retraced*. Raleigh, NC: Biblical Evangelism Press, 1985.

Divine Sovereignty and Human Freedom. Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, 1973.

Election and Predestination. Inglaterra: Penfold Book and Bible House, 1997.

Foreman, Kenneth J. *God's Will and Ours*. Richmond, VA: Outlook Publishers, 1954.

Forster, Roger T.; V. Paul Marston. *God's Strategy in Human History*. Bloomington, MN: Bethany House Publishers, 1973.

Frend, W. H. C. *The Rise of Christianity*. Filadélfia, PA: Fortress Press, 1984.

Gay, David. *Battle for the Church: 1517–1644*. Lowestoft, UK: Brachus, 1997.

Geden, Alfred S. *Comparative Religion*. Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1917.

Geisler, Norman L. *What Augustine Says*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1982.

George, Timothy. *Theology of the Reformers*. Nashville, TN: Broadman Press, 1988.

Gerstner, John H. *A Primer on Free Will*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1982.

Wrongly Dividing the Word of Truth: A Critique of Dispensationalism. Brentwood, TN: Wolgemuth and Hyatt, Publishers, Inc., 1991.

Gibbon, Edward. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. Nova Iorque: Modern Library, sem data.

Gill, John A. *A Body of Doctrinal and Practical Divinity*. Paris, AR: The Baptist Standard Bearer, 1987.

The Cause of God and Truth. Paris, AR: The Baptist Standard Bearer, 1992.

Good, Kenneth H. *Are Baptists Calvinists?* Rochester, NY: Backus Book Publishers, 1988.

Goold, William H., ed. *The Works of John Owen*. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, reimpressão, 1978.

Grady, William P. *Final Authority: A Christian's Guide to the King James Bible*. Knoxville, TN: Grady Publications, 1993.

Gray, James M. *Bible Problems Explained*, 3. ed. Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1913.

Gunn, Graver E. *The Doctrines of Grace*. Memphis, TN: Footstool Publications, 1987.

Hanko, Herman. *God's Everlasting Covenant of Grace*. Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1988.

Hanko, Herman; Homer C. Hoeksema; Gise J. Van Baren. *The Five Points of Calvinism*. Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1976.

Harkness, Georgia. *João Calvino: The Man and His Ethics*. Nashville, TN: Abingdon Press, 1958.

Harrison, A. W. *Arminianism*. Londres: Duckworth, 1937.

Henderson, Henry F. *Calvin in His Letters*. Londres: J. M. Dent and Co., 1909.

Hobbs, Herschel H. *Fundamentals of our Faith*. Nashville: Braadman, 1960.

Hodge, A. A. *The Atonement*. Memphis, TN: Footstool Publishers, 1987.

Outlines of Theology. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1972.

Hodge, Charles. *A Commentary on Romans*. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1972.

Systematic Theology. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1986.

Hodges, Zane C. *The Gospel Under Siege*, 2. ed. Dallas, TX: Kerugma, Inc., 1992.

"The New Puritanism, Parts 2 and 3: Michael S. Horton: Holy Wars With Unholy Weapons", em *Journal of the Grace Evangelical Society*, primavera de 1994.

Hoeksema, Herman. *God's Eternal Good Pleasure*. Homer C. Hoeksema, ed. e rev.. Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1979.

Hoeksema, Homer. *Reformed Dogmatics*. Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1966.

The Voice of Our Fathers. Grandville, MI: Reformed Free Publishing Association, 1980.

Hoitenga, Dewey J. *João Calvino and the Will: A Critique and Corrective*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997.

Horne, C. Sylvester. *A Popular History of the Free Churches*. Cambridge, UK: James Clarke and Co., 1903.

Horsch, John. *History of Christianity*. Scottsdale, PA: John Horsch, 1903.

Horton, Michael Scott. *Putting Amazing Back Into Grace*. Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1991.

ed. *Christ the Lord: The Reformation and Lordship Salvation*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1992.

Houck, Steven R. "God's Sovereignty In Salvation". O Comitê de Evangelismo, Igreja Protestante Reformada, Sul da Holanda, IL, sem data.

The Bondage of the Will. Lansing, IL: Peace Protestant Reformed Church, sem data. Disponível em <http://www.idnet.org/pub/resources/text/wittenberg/wittenberg-luther.html>.

Hughes, Philip. *A History of the Church*. Londres, 1934.

Hughes, Paul L.; James F. Larkin, eds. *Tudor Royal Proclamations*. New Haven, CT: Yale University Press, 1964.

Hulme, Edward Maslin. *The Renaissance, the Protestant Reformation, and the Catholic Revolution*. Nova Iorque: The Century Company, 1920.

Hunt, Dave; James White. *Debating Calvinism: Five points, Two Views*. Sisters, OR: Multnomah Publishers, 2004.

Hutchins, Robert Maynard; Mortimer J. Adler, eds. *Great Books of the Western World*. Chicago: Encyclopaedia Brittanica, Inc., 1952.

IFCA International. *What We Believe*. Disponível em <http://www.ifca.org>.

Ironside, H. A. *Full Assurance*. Chicago: Moody Press, 1937.

In the Heavenlies, Addresses on Ephesians. Neptune, NJ: LoizeauxBrothers, 1937.

Lectures on the Epistle to the Romans. Neptune, NJ: Loizeaux Brothers,1926.

Timothy, Titus and Philemon. Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, Inc.,1990.

What's the Answer? Grand Rapids, MI: Zondervan, 1944.

Jewett, Paul K. *Election and Predestination*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985.

João Paulo II, Supremo Pontífice. *Augustineum Hyponensem*. Carta Apostólica, 29 ago. 1986. Disponível em <http://www.cin.org/jp2.ency/augustin.html>.

Johnson, Garrett P. "The Myth of Common Grace", em *The Trinity Review*, mar./abr. 1987.

Jones, R. Tudor. *The Great Reformation*. Downer's Grove, IL: Inter Varsity Press, sem data.

Jones, William. *The History of the Christian Church*. Church History Research and Archives, 5. ed. Sem editora, 1983.

Kane, Michael J., Ph.D. "Letters", em *Christianity Today*, 9 jul. 2001.

Kennedy, D. James. *Why I Believe*. Dallas, TX: Word Publishing, 1980.

Why I Am a Presbyterian. Ft. Lauderdale, FL: Coral Ridge Ministries, sem data.

Kennedy, John W. *The Torch of the Testimony*. Jacksonville, FL: Seed Sowers Christian Books Publishing House, 1963.

Keyser, Leander S. *Election and Conversion*. Burlington, IA: Lutheran Literary Board, 1914.

Knowling, R. J. *The Acts of the Apostles — The Expositor's Greek New Testament*. Nova Iorque: Dodd, Meade and Co., 1900.

Knox, John. *Selected Writings of John Knox*. Dallas, TX: Presbyterian Heritage Publications, 1995.

Leith, John H. *Introduction to the Reformed Tradition*, ed. rev. Atlanta, GA: John Knox Press, 1981.

Lockyer, Herberr. *All the Doctrines of the Bible*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1964.

Lutero, Martinho. *The Bondage of the Will*. J. I. Packer; O. R. Johnston, trads. Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1957, 11. impressão, 1999.

A Short Explanation of Dr. Martin Luther's Small Catechism: A Handbook of Christian Doctrine. St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 1971.

MacArthur, John, Jr. *Faith Works: The Gospel According to the Apostles*. Dallas, TX: Word Publishing, 1993.

Saved Without A Doubt — MacArthur Study Series. Colorado Springs, CO: Chariot Victor Publishing, 1992.

The Gospel According to Jesus. Academic Books, Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1988.

The Love of God. Dallas, TX: Word Publishing, 1996.

"The Love of God, Parte 5, Romans 9". Grace to You, 1995. Fita de áudio.

The MacArthur Study Bible. Dallas, TX: Word Publishing, 1997.

Maclaren, Alexander. *Expositions of Holy Scripture*. Londres: Hodder and Stoughton, sem data.

Mártir, São Justino. *The First and Second Apologies*. Ancient Christian Writers, n. 56. Nova Iorque: Paulist Press, 1997.

Mathison, Keith A. *Dispensationalism: Rightly Dividing the People of God?* Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1995.

McGarvey, J. W. *Commentary on Acts*. Lexington, KY: Transylvania Printing and Publishing Co., 1863.

McGrath, Alister E. *A Life of João Calvino*. Cambridge, MA: Blackwell Publishers, 1990.

McNeil, John T. *Makers of the Christian Tradition*. São Francisco: Harper and Row, 1964.

The History and Character of Calvinism. Oxford: Oxford University Press, 1966.

Milman, Henry H. *History of Christianity*. Nova Iorque: A. C. Armstrong and Son, 1886.

Milne, Bruce. *Know the Truth*. Downer's Grave, IL: Intervarsity Press, 1982.

Moo, Douglas. *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996.

Morey, Robert A. *Studies in the Atonement*. Southbridge, MA: Crowne Publications, 1989.

Morgan, G. Campbell. *The Westminster Pulpit*. Grand Rapids, MI: Fleming H.Revell,1954.

Morrison, James. *The Extent of the Atonement*. Londres: Hamilton, Adams and Co., 1882.

Mosheim, John Laurence. *An Ecclesiastical History, Ancient and Modern*. Archibald MacLaine, trad. Cincinnati: Applegate and Co., 1854.

Morton, Carl. Em *The Berea Baptist Banner*, 5 jan. 1995.

Muir, Edwin. *John Knox*. Londres, 1920.

Muller, Richard A. *Christ and the Decree*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988.

Mullins, Edgar Y. *Baptist Beliefs*, 4. ed. Valley Forge, PA: Judson, 1925.

Murray, Lain H. *The Life of John Murray*. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1984.

Spurgeon vs. Hyper-Calvinism. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1997.

Murray, John. *Redemption Accomplished and Applied*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1955.

The Free Offer of the Gospel. Sem editora, sem data.

Murray, John; Ned B. Stonehouse. *The Free Offer of the Gospel*. Sem editora, sem data.

New Geneva Study Bible. R. C. Sproul, ed. Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 1995.

Newman, Albert H. *A Manual of Church History*. Filadélfia, PA: American Baptist Publication Society, 1933.

Nicoll, W Robertson, ed. *The Expositor's Greek Testament*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., sem data.

Noll, Mark A., ed. *The Princeton Theology*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1983.

North, Gary. *Dominion and Common Grace*. Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1987.

Oosterman, Wm. "Take a Long Look at the Doctrine of Election". Ottawa, Canada: The Lord's Library Publications, sem data. Disponível na Igreja Batista de Westboro, Ottawa.

Ostling, Richard N. "The Second Founder of the Faith", em *Time*, 29 set. 1986.

Owen, John. *The Works of John Owen*. William H. Goold, ed. Carlisle, PA: The Banner of Truth, 3. impressão, 1978.

Packer, J. I. *Evangelism and the Sovereignty of God*. Downer's Grave, IL: InterVarsity Press, 1961.

"The Love of God: Universal and Particular", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000.

Page, T. E. *The Acts of the Apostles: Greek Text with Explanatory Notes*. Nova Iorque: Macmillan and Co., 1897.

Palmer, Edwin H. *The Five Points of Calvinism*, ed. aum. Grand Rapids, MI: Baker Books, edição aumentada, 20. impressão, 1999.

Pettingill, William L. *Bible Questions Answered*, 3. ed. Just A Word Inc., 1935.

Phelps, Fred. "The Five Points of Calvinism", em *The Berean Baptist Banner*, 5 fev. 1990.

Pierson, Arthur T. *The Believer's Life: Its Past, Present, and Future Tenses*. Londres: Morgan and Seott, 1905.

Pike, Henry R. *The Other Side of João Calvino*. Sem local: Head to Heart, sem data.

Pink, Arthur W. *Exposition of the Gospel of John*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1975.

Gleanings in Exodus. Chicago: Moody Press, 1981.

The Doctrine of Election and Justification. Grand Rapids, MI: BakerBook House, 1974.

The Doctrine of Salvation. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1975.

The Holy Spirit. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1978.

The Sovereignty of God. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2. impressão, 1986.

Pinnock, Clark H., ed. *Grace Unlimited*. Minneapolis, MN: Bethany Fellowship, Inc., 1976.

Piper, John. *The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1–23*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000.

TULIP: The Pursuit of God's Glory in Salvation. Minneapolis, MN: Bethlehem Baptist Church, 2000.

"Are There Two Wills in God", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000.

God's Passion For His Glory. Wheaton, IL: Crossway Books, 1998.

The Legacy of Sovereign Joy: God's Triumphant Grace in the Lives of Augustine, Luther and Calvin. Wheaton, IL: Crossway Books, 2000.

Piper, John; Equipe Pastoral. "TULIP: What We Believe about the Five Pointsof Calvinism: Position Paper of the Pastoral Staff". Minneapolis, MN: Desiring God Ministries, 1997.

Plass, Ewald. *What Luther Says*. St. Louis, MO: Concordia Publishing House,1987.

Pollard, Alfred W, ed. *Records of the English Bible*. Oxford: Oxford University Press, 1911.

Potter, G. R.; M. Greengrass. *João Calvino*. Nova Iorque: St. Martins Press,1983.

Pusey, Edward B. *What Is Of Faith As To Everlasting Punishment?* Inglaterra: James Parker and Co., 1881.

Rice, N. L. *God Sovereign and Man Free*. Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, 1985.

Robertson, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament*. Nova Iorque: Harper and Bros., 1930.

Robertson, J. M. *Short History of Free Thought*. Londres, 1914.

Robinson, H. Wheeler. *The Bible In Its Ancient and English Versions*. Oxford: Clarendon Press, 1940.

Rose, Ben Lacy. *T.U.L.I.P.: The Five Disputed Points of Calvinism*. Franklin, TN: Providence House Publishers, 1996.

Ross, Tom. *Abandoned Truth: The Doctrines of Grace*. Xenia, OH: Providence Baptist Church, 1991.

Rowley, H. H. *The Biblical Doctrine of Election*. Cambridge, UK: Lutterworth Press, 1952.

Ruckman, Peter S. *The History of the New Testament*. Pensacola: Bible Baptist Bookstore, 1982.

Rutherford, Samuel. *Letters of Samuel Rutherford*. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1996; 1. ed., 1664.

Ryle, John C. *Expository Thoughts on the Gospel of John*. Londres: Wm. Huntand Co., 1883.

Sanford, Dick. *Predestination and Election*. John R. Cross, ed. Monografia de publicação do autor, sem data.

Schaff, Philip. *History of the Christian Church*. Nova Iorque: Charles Scribner, 1910; Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., reimpressão, 1959.

The Creeds of Christendom. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1990.

Schreiner, Thomas R.; Bruce A. Ware, eds. *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge and Grace*. Grand Rapids, MI: BakerBooks, 2000.

The Grace of God, The Bondage of the Will. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1995.

Scofield, C. L. *Scofield Bible Correspondence Course*. Chicago, IL: Moody Bible Institute, 1907.

Scott, Otto. *The Great Christian Revolution*. Windsor, NY: The Reformer Library, 1994.

Seaton, W. J. *The Five Points of Calvinism*. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1970.

Sell, Alan P. F. *The Great Debate*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1982.

Sellers, C. Norman. *Election and Perseverance*. Haysville, NC: Schoettle Publishing Co., 1987.

Shedd, William G. T. *Calvinism: Pure and Mixed*. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1999.

A History of Christian Doctrine, 3. ed. Nova Iorque: Charles Scribner and Co., 1865.

Sheldon, Henry C. *History of Christian Doctrine*, 2. ed. Nova Iorque: Harper and Bros., 1895.

Singer, C. Gregg. *João Calvino: His Roots and Fruits*. Nashville, TN: Abingdon Press, 1989.

Smith, H. Maynard. *Pre-Reformation England*. Nova Iorque: Russell and Russell, 1963.

Smith, Preserved. *The Age of the Reformation*. Nova Iorque, 1920.

Souter, Alexander. *The Earliest Latin Commentaries on the Epistles of St. Paul*. Sem editora, 1927.

Spencer, Duane Edward. *TULIP: The Five Points of Calvinism in the Light of Scripture*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1979.

Sproul, R. C. "Assurance of Salvation". *Tabletalk*. Ligonier Ministries, Inc., nov. 1989.

Chosen by God. Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1986.

Faith Alone: The Evangelical Doctrine of Justification. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1995.

Grace Unknown. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997.

The Holiness of God. Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1993.

Sproul, R. C., Jr. *Almighty Over All*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1999.

"The Authentic Message". *Tabletalk*. Ligonier Ministries, Inc., jun. 2001.

Spurgeon, Carlos Haddon. "A Defense of Calvinism". Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, sem data. Livreto com um único sermão.

Autobiography of Charles H. Spurgeon. Philadelphia, PA: American Baptist Society, sem data.

Free Will: A Slave. McDonough, GA: Free Grace Publications, 1977.

"God's Will and Man's Will", n. 442. Newington: Metropolitan Tabernacle; sermão pregado no domingo pela manhã, 30 mar. 1862.

New Park Street Pulpit, vol. 6. Londres: Passmore and Alabaster.

Sermons of C. H Spurgeon. Pasadena, TX: Pilgrim Publications, sem data.

Spurgeon at His Best. Tom Carter, ed. Grand Rapids, MI: Baker BookHouse, 1988.

Spurgeon's Sermons, vols. 1 e 2. "The Peculiar Sleep of the Beloved". Grand Rapids, MI: 1999.

The Best Bread: Sermons Preached in 1887. Nova Iorque: Funk and Wagnalls, 1891.

The Soul Winner. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans PublishingCo., 1963.

The Treasury of the New Testament. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1950.

ed. *Exposition of the Doctrine of Grace*. Pasadena, CA: Pilgrim Publications, sem data.

Steele, David N.; Curtis C. Thomas. *The Five Points of Calvinism*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1963.

"Straight Talk Live". KPXQ, Phoenix, AZ, 11 ago. 2000. Fita de áudio AT073, disponível através de *The Berean Call*, P.O. Box 7019, Bend, OR, 97708.

Strong, Augustus H. *Systematic Theology*. Valley Forge, PA: Judson Press, 1907.

Storms, C. Samuel. *Chosen for Life*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1987.

Talbot, Kenneth G.; W. Gary Crampton. *Calvinism, Hyper-Calvinism and Arminianism*. Edmonton, AB: Still Waters Revival Books, 1990.

Telford, Andrew. *Subjects of Sovereignty*. Acworth, GA: Harvest Time Ministries, 1980.

The Opinions of the Remonstrants. Apresentadas ao Sínodo de Dort, Dordrecht, Holanda, 1619.

The Register of the Company of Pastors of Geneva in the Time of Calvin. Philip E. Hughes, trad. e ed. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1966.

Thomas, W. H. Griffith. *The Principles of Theology*. Londres: Longmans, Greenand Co., 1930.

Thompson, Bard. *Humanists and Reformers: A History of the Renaissance and Reformation*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996.

Thompson, Bob. "The 5 Points of Calvin's Doctrine of Predestination". Monografia de publicação do autor. 4056 Skyline Rd., Carlsbad, CA, 92008, sem data.

Torrey, Reuben A. *The Importance and Value of Proper Bible Study*. Chicago: Moody Press, 1921.

Tozer, A. W. "The Sovereignty of God". Camphill, PA: Christian Publications, 1997. Fita de áudio, *The Knowledge of the Holy*. São Francisco: Harper & Row, 1961.

Underwood, A. C. *A History of the English Baptists*. Sem local: The Baptist Union of Great Britian and Ireland, 1947.

Unger, Merrill F. *Unger's Bible Dictionary*. Chicago: Moody Press, 1969.

Vance, Laurence M. *The Other Side Of Calvinism*, ed. rev. Pensacola, FL: Vance Publications, 1999.

Verduin, Leonard. *The Reformers and Their Stepchildren*. Sarasota, FL: Christian Hymnary Publishers, 1991.

Verhovek, Sam Howe. "Cardinal Defends a Jailed Bishop Who Warned Cuomo on Abortion", em *The New York Times*, 1 fev. 1990.

Vincent, Marvin R. *Word Studies in the New Testament*. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1924.

Voltaire. *The Works of Voltaire*. Nova Iorque: E. R. Dumont, 1901.

Wallace, Ronald S. *Calvin, Geneva, and the Reformation*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1990.

Walker, Williston. *João Calvino: The Organizer of Reformed Protestantism*. Nova Iorque: Schocken Books, 1969.

Ware, Bruce A. "Effective Calling and Grace", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000.

Warfield, Benjamin B. *Calvin and Augustine*. Samuel G. Craig, ed. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1956.

"Five Common Questions on the Doctrine of Election Simply and Clearly Answered", em *The Baptist Examiner*, 20 nov. 1993.

Wendel, François. *Calvin: Origins and Development of His Religious Thought*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997.

Wesley, John. *Sermons on Several Occasions*. Nova Iorque: J. Emory e B. Waugh, para a Igreja Metodista Episcopal no Escritório da Conferência, 14 Crosby Street, 1831.

West, David S. *The Baptist Examiner*, 18 mar. 1989.

Westblade, Donald J. "Divine Election in the Pauline Structure", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000.

Confissão de Fé de Westminster. Londres, 1643.

White, James R. *The Potter's Freedom: A Defense of the Reformation and a Rebuttalof Norman Geisler's Chosen But Free*. Amityville, NY: Calvary Press Publishing, 2000.

White, W. R. *Baptist Distinctives*. Sem editora: Conselho de Escola Dominical, SBC, 1946.

Wilkin, Robert N. "Ligonier National Conference", em *The Grace Report*, jul. 2000.

"When Assurance Is Not Assurance", em *Journal of the Grace Evangelical Society*, out. 1997.

Wilmourh, David O. *The Baptist Examiner*, 16 set. 1989.

Wilson, Joseph M. "How is the Atonement Limited?", em *The Baptist Examiner*, 9 dez. 1989.

"Soul Winning", em *The Baptist Examiner*, 15 fev. 1992.

Wright, R. K. McGregor. No *Place for Sovereignty: What's Wrong with Freewill Theism*. Downer's Grave, IL: InterVarsity Press, 1996.

Wuest, Kenneth S. *Ephesians and Colossians in the Greek New Testament*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953.

Yarbrough, Robert W. "Divine Election in the Gospel of John", em *Still Sovereign: Contemporary Perspectives on Election, Foreknowledge, and Grace*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000.

Zanchius, Jerom. *The Doctrine of Absolute Predestination*. Augustus M. Toplady, trad. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1977.

Zeller, George. "For Whom Did Christ Die?" The Middletown Bible Church, 349 East St., Middletown, CT, 06457, 1999.

Zins, Robert M. "Believer's Guide to Second Peter 3:9". Monografia de publicação do autor, sem data.

Caro Leitor

Esperamos que com este livro tenhamos correspondido às suas expectativas.

E para continuar a atendê-lo melhor compartilhe conosco suas dúvidas e sugestões escrevendo para:

atendimento@editorareflexao.com.br

ou através do telefone: Tel.: (11) 4107-6068